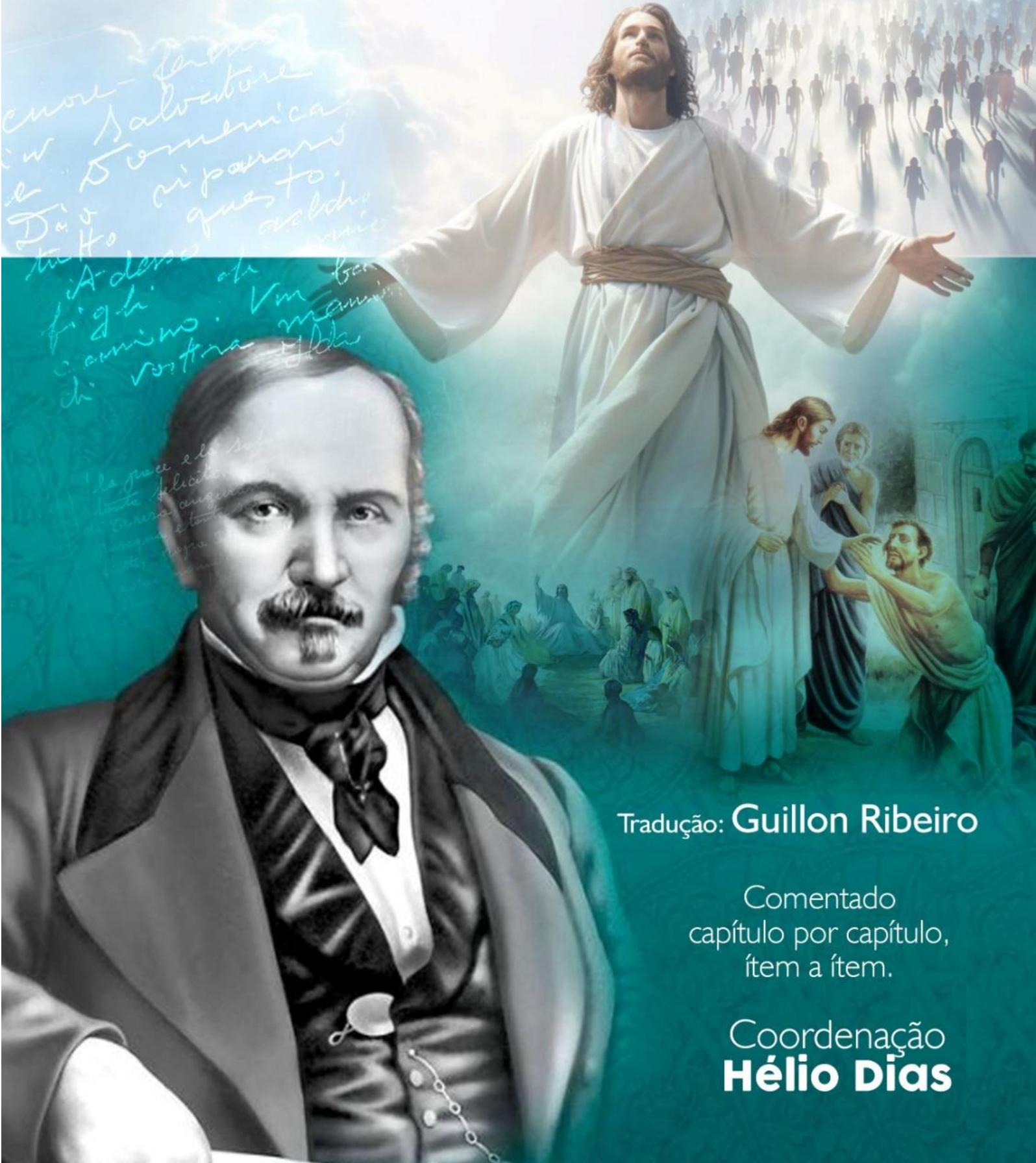


O EVANGELHO

SEGUNDO O ESPIRITISMO



*enou- sermo
w Salvatore
e Semencia
Dio ci parano
tutto questo.
Adesso asoldo
figli di mio
camino. Un ben
di vostra mano.*

*la pace e la sub
tanta felicità
e senza angustia
e tutto
e ogni cosa
e ogni cosa*

Tradução: **Guillon Ribeiro**

Comentado
capítulo por capítulo,
item a item.

Coordenação
Hélio Dias

O EVANGELHO

SEGUNDO O ESPIRITISMO

Tradução: **Guillon Ribeiro**

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Coordenação

Hélio Dias

O EVANGELHO

SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Coordenação: Hélio Dias

Data de publicação: 31 de julho de 2024

PUBLICAÇÃO:

EVOC – Editora Virtual O Consolador

Londrina - Paraná – Brasil

www.oconsolador.com

Dados internacionais de catalogação na publicação

K27ei Kardec, Allan.
O Evangelho segundo o Espiritismo - Comentado capítulo por capítulo, item a item
Coordenação e comentários: Hélio Dias; revisão: Vânia Abdulmassih; capa: Heine Ale-
magne - Londrina, PR - EVOC, 2024.
712 p.
1. Espiritismo-Estudo e ensino. 2. O Evangelho segundo o Espiritismo. 3. O Evange-
lho à luz do Espiritismo. I. Kardec, Allan, 1804-1869. II. Dias, Hélio. III. Abdulmassih,
Vânia. IV. Alemagne, Heine. V. Título.

CDD 133.9
19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Sumário

MINHAS PALAVRAS	11
ESCLARECIMENTO	13
PREFÁCIO	15
INTRODUÇÃO	17
I – OBJETIVO DESTA OBRA	17
II – AUTORIDADE DA DOCTRINA ESPÍRITA CONTROLE UNIVERSAL DO ENSINO DOS ESPÍRITOS	20
III – NOTÍCIAS HISTÓRICAS	28
IV – SÓCRATES E PLATÃO, PRECURSORES, DA IDEIA CRISTÃ E DO ESPIRITISMO	43
CAPÍTULO I - NÃO VIM DESTRUIR A LEI.....	67
AS TRÊS REVELAÇÕES: MOISÉS, CRISTO, ESPIRITISMO	67
ALIANÇA DA CIÊNCIA E DA RELIGIÃO.....	75
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS A NOVA ERA.....	77
CAPÍTULO II - MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO	85
A VIDA FUTURA.....	85
A REALZA DE JESUS.....	88
O PONTO DE VISTA.....	89
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS UMA REALZA TERRESTRE	94
CAPÍTULO III - HÁ MUITAS MORADAS NA CASA DE MEU PAI	97
DIFERENTES ESTADOS DA ALMA NA ERRATICIDADE	97
DIFERENTES CATEGORIAS DE MUNDOS HABITADOS.....	98
DESTINAÇÃO DA TERRA CAUSAS DAS MISÉRIAS HUMANAS	102
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: MUNDOS INFERIORES E MUNDOS SUPERIORES	104
MUNDOS DE EXPIAÇÕES E DE PROVAS	111
MUNDOS REGENERADORES	115
PROGRESSÃO DOS MUNDOS	118
CAPÍTULO IV - NINGUÉM PODERÁ VER O REINO DE DEUS SE NÃO NASCER DE NOVO	121
RESSURREIÇÃO E REENCARNAÇÃO	122
A REENCARNAÇÃO FORTALECE OS LAÇOS DE FAMÍLIA, AO PASSO QUE A UNICIDADE DA EXISTÊNCIA OS ROMPE	136
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: LIMITES DA ENCARNAÇÃO	143
NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO	144
CAPÍTULO V BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS	149
JUSTIÇA DAS AFLIÇÕES	150
CAUSAS ATUAIS DAS AFLIÇÕES	151
CAUSAS ANTERIORES DAS AFLIÇÕES	155
ESQUECIMENTO DO PASSADO.....	162
MOTIVOS DE RESIGNAÇÃO.....	164
O SUICÍDIO E A LOUCURA	167
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS BEM E MAL SOFRER	172
O MAL E O REMÉDIO	174
A FELICIDADE NÃO É DESTE MUNDO	176
PERDA DE PESSOAS AMADAS. MORTES PREMATURAS	178
SE FOSSE UM HOMEM DE BEM, TERIA MORRIDO	181

OS TORMENTOS VOLUNTÁRIOS	182
A DESGRAÇA REAL	184
A MELANCOLIA.....	186
PROVAS VOLUNTÁRIAS. O VERDADEIRO CILÍCIO	188
DEVER-SE-Á PÔR TERMO ÀS PROVAS DO PRÓXIMO?.....	190
SERÁ LÍCITO ABREVIAR A VIDA DE UM DOENTE QUE SOFRA SEM ESPERANÇA DE CURA?	192
SACRIFÍCIO DA PRÓPRIA VIDA	194
PROVEITO DOS SOFRIMENTOS PARA OUTREM	196
CAPÍTULO VI - O CRISTO CONSOLADOR	197
O JUGO LEVE	197
CONSOLADOR PROMETIDO	198
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: ADVENTO DO ESPÍRITO DE VERDADE.....	201
CAPÍTULO VII - BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO	208
O QUE SE DEVE ENTENDER POR POBRES DE ESPÍRITO	208
AQUELE QUE SE ELEVA SERÁ REBAIXADO	210
MISTÉRIOS OCULTOS AOS DOUTOS E AOS PRUDENTES.....	215
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: O ORGULHO E A HUMILDADE	219
MISSÃO DO HOMEM INTELIGENTE NA TERRA	226
CAPÍTULO VIII - BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM PURO O CORAÇÃO.....	229
SIMPLICIDADE E PUREZA DE CORAÇÃO.....	229
PECADO POR PENSAMENTOS. ADULTÉRIO	233
VERDADEIRA PUREZA. MÃOS NÃO LAVADAS	236
ESCÂNDALOS. SE A VOSSA MÃO É MOTIVO DE ESCÂNDALO, CORTAI-A	239
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: DEIXAI QUE VENHAM A MIM AS CRIANCINHAS	247
BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM FECHADOS OS OLHOS	250
CAPÍTULO IX - BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO BRANDOS E PACÍFICOS	255
INJÚRIAS E VIOLÊNCIAS	255
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: A AFABILIDADE E A DOÇURA	258
A PACIÊNCIA	261
OBEDIÊNCIA E RESIGNAÇÃO	262
A CÓLERA	264
CAPÍTULO X - BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO MISERICORDIOSOS	269
PERDOAI, PARA QUE DEUS VOS PERDOE	269
RECONCILIAÇÃO COM OS ADVERSÁRIOS.....	271
O SACRIFÍCIO MAIS AGRAVÁVEL A DEUS	273
O ARQUEIRO E A TRAVE NO OLHO	275
NÃO JULGUEIS, PARA NÃO SERDES JULGADOS. ATIRE A PRIMEIRA PEDRA AQUELE QUE ESTIVER SEM PECADO	277
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: PERDÃO DAS OFENSAS.....	280
A INDULGÊNCIA.....	284
É PERMITIDO REPREENDER OS OUTROS, NOTAR AS IMPERFEIÇÕES DE OUTREM, DIVULGAR O MAL DE OUTREM?	289
CAPÍTULO XI - AMAR O PRÓXIMO COMO A SI MESMO.....	293
O MANDAMENTO MAIOR. FAZERMOS AOS OUTROS O QUE QUEIRAMOS QUE OS OUTROS NOS FAÇAM. PARÁBOLA DOS CREDORES E DOS DEVEDORES	293
DAI A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR.....	297
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: A LEI DE AMOR	300
O EGOÍSMO.....	307
A FÉ E A CARIDADE.....	310
CARIDADE PARA COM OS CRIMINOSOS	311
DEVE-SE EXPOR A VIDA POR UM MALFEITOR?	314
CAPÍTULO XII - AMAI OS VOSSOS INIMIGOS	317

RETRIBUIR O MAL COM O BEM	317
OS INIMIGOS DESENCARNADOS	323
SE ALGUÉM VOS BATER NA FACE DIREITA, APRESENTAI-LHE TAMBÉM A OUTRA	326
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: A VINGANÇA	329
O ÓDIO	331
O DUELO	332
CAPÍTULO XIII - NÃO SABIA A VOSSA MÃO ESQUERDA O QUE DÊ A VOSSA MÃO DIREITA	343
FAZER O BEM SEM OSTENTAÇÃO	343
OS INFORTÚNIOS OCULTOS	346
O ÓBOLO DA VIÚVA	348
CONVIDAR OS POBRES E OS ESTROPIADOS. DAR SEM ESPERAR RETRIBUIÇÃO	351
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: A CARIDADE MATERIAL E A CARIDADE MORAL	353
A BENEFICÊNCIA	357
A PIEDADE	369
OS ÓRFÃOS	371
BENEFÍCIOS PAGOS COM A INGRATIDÃO	372
BENEFICÊNCIA EXCLUSIVA	374
CAPÍTULO XIV - HONRAI A VOSSO PAI E A VOSSA MÃE	377
PIEIDADE FILIAL	378
QUEM É MINHA MÃE E QUEM SÃO MEUS IRMÃOS?	382
A PARENTELA CORPORAL E A PARENTELA ESPIRITUAL	385
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: A INGRATIDÃO DOS FILHOS E OS LAÇOS DE FAMÍLIA	387
CAPÍTULO XV - FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO	393
O DE QUE PRECISA O ESPÍRITO PARA SER SALVO. PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO	393
O MANDAMENTO MAIOR	397
NECESSIDADE DA CARIDADE, SEGUNDO PAULO	399
FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO. FORA DA VERDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO	401
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO	404
CAPÍTULO XVI - NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON	406
SALVAÇÃO DOS RICOS	406
PRESERVAR-SE DA AVAREZA	407
JESUS EM CASA DE ZÁQUEU	409
PARÁBOLA DO MAU RICO	410
PARÁBOLA DOS TALENTOS	412
UTILIDADE PROVIDENCIAL DA RIQUEZA. PROVAS DA RIQUEZA E DA MISÉRIA	414
DESIGUALDADE DAS RIQUEZAS	416
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: A VERDADEIRA PROPRIEDADE	419
EMPREGO DA RIQUEZA	422
DESPRENDIMENTO DOS BENS TERRENOS	427
TRANSMISSÃO DA RIQUEZA	431
CAPÍTULO XVII - SEDE PERFEITOS	433
CARACTERES DA PERFEIÇÃO	433
O HOMEM DE BEM	435
OS BONS ESPÍRITAS	439
PARÁBOLA DO SEMEADOR	441
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: O DEVER	444
A VIRTUDE	446
OS SUPERIORES E OS INFERIORES	448
O HOMEM NO MUNDO	451
CUIDAR DO CORPO E DO ESPÍRITO	453
CAPÍTULO XVIII - MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS	455

PARÁBOLA DO FESTIM DAS BODAS.....	455
A PORTA ESTREITA.....	459
NEM TODOS OS QUE DIZEM: “SENHOR! SENHOR!” — ENTRARÃO NO REINO DOS CÉUS.....	462
MUITO SE PEDIRÁ ÀQUELE QUE MUITO RECEBEU	467
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: DAR-SE-Á ÀQUELE QUE TEM.....	470
PELAS SUAS OBRAS É QUE SE RECONHECE O CRISTÃO	472
CAPÍTULO XIX - A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS	475
PODER DA FÉ	475
A FÉ RELIGIOSA. CONDIÇÃO DA FÉ INABALÁVEL	478
PARÁBOLA DA FIGUEIRA QUE SECOU	481
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: A FÉ: MÃE DA ESPERANÇA E DA CARIDADE	485
A FÉ HUMANA E A DIVINA.....	486
CAPÍTULO XX - OS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA	489
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS	491
MISSÃO DOS ESPÍRITAS	494
OS OBREIROS DO SENHOR.....	497
CAPÍTULO XXI - HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS	499
CONHECE-SE A ÁRVORE PELO FRUTO.....	499
MISSÃO DOS PROFETAS.....	500
PRODÍGIOS DOS FALSOS PROFETAS	501
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: OS FALSOS PROFETAS	506
CARACTERES DO VERDADEIRO PROFETA	507
OS FALSOS PROFETAS DA ERRATICIDADE.....	510
JEREMIAS E OS FALSOS PROFETAS	513
CAPÍTULO XXII NÃO SEPREIS O QUE DEUS JUNTOU	517
INDISSOLUBILIDADE DO CASAMENTO	517
O DIVÓRCIO	523
CAPÍTULO XXIII - ESTRANHA MORAL	525
ODIAR OS PAIS	525
ABANDONAR PAI, MÃE E FILHOS	528
DEIXAR AOS MORTOS O CUIDADO DE ENTERRAR SEUS MORTOS	532
NÃO VIM TRAZER A PAZ, MAS A DIVISÃO	534
CAPÍTULO XXIV - NÃO PONHAIS A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE.....	547
CANDEIA SOB O ALQUEIRE. POR QUE FALA JESUS POR PARÁBOLAS.....	547
NÃO VADES TER COM OS GENTIOS.....	554
NÃO SÃO OS QUE GOZAM SAÚDE QUE PRECISAM DE MÉDICO	558
CORAGEM DA FÉ	560
CARREGAR SUA CRUZ. QUEM QUISER SALVAR A VIDA, PERDÊ-LA-Á	564
CAPÍTULO XXV - BUSCAI E ACHAREIS	567
AJUDA-TE A TI MESMO, QUE O CÉU TE AJUDARÁ	567
OBSERVAI OS PÁSSAROS DO CÉU	572
NÃO VOS AFADIGUEIS PELA POSSE DO OURO	575
CAPÍTULO XXVI - DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES	579
DOM DE CURAR	579
PRECES PAGAS	580
MERCADORES EXPULSOS DO TEMPLO	582
MEDIUNIDADE GRATUITA	582
CAPÍTULO XXVII - PEDI E OBTEREIS	587

QUALIDADES DA PRECE	587
EFICÁCIA DA PRECE	590
AÇÃO DA PRECE. TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO.....	595
PRECES INTELIGÍVEIS	604
DA PRECE PELOS MORTOS E PELOS ESPÍRITOS SOFREDORES.....	606
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: MANEIRA DE ORAR.....	611
FELICIDADE QUE A PRECE PROPORCIONA	613
CAPÍTULO XXVIII - COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS.....	617
PREÂMBULO.....	617
I – PRECES GERAIS ORAÇÃO DOMINICAL.....	619
<i>Reuniões espíritas</i>	627
<i>Para os médiuns</i>	632
II – PRECES POR AQUELE MESMO QUE ORA.....	637
<i>Aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores</i>	637
<i>Para afastar os maus Espíritos</i>	641
<i>Para pedir a corrigenda de um defeito</i>	643
<i>Para pedir a força de resistir a uma tentação</i>	645
<i>Ação de graças pela vitória alcançada sobre uma tentação</i>	647
<i>Para pedir um conselho</i>	648
<i>Nas aflições da vida</i>	649
<i>Ação de graças por um favor obtido</i>	651
<i>Ato de submissão e de resignação</i>	653
<i>Num perigo iminente</i>	657
<i>Ação de graças por haver escapado a um perigo</i>	659
<i>À hora de dormir</i>	660
<i>Preveno próxima a morte</i>	662
III – PRECES POR OUTREM.....	665
<i>Por alguém que esteja em aflição</i>	665
<i>Ação de graças por um benefício concedido a outrem</i>	668
<i>Pelos nossos inimigos e pelos que nos querem mal</i>	669
<i>Ação de graças pelo bem concedido aos nossos inimigos</i>	671
<i>Pelos inimigos do Espiritismo</i>	673
<i>Por uma criança que acaba de nascer</i>	676
<i>Por um agonizante</i>	680
IV – PRECES PELOS QUE JÁ NÃO SÃO DA TERRA.....	681
<i>Por alguém que acaba de morrer</i>	681
<i>Pelas pessoas a quem tivemos afeição</i>	686
<i>Pelas almas sofredoras que pedem preces</i>	688
<i>Por um inimigo que morreu</i>	691
<i>Por um criminoso</i>	692
<i>Pelos Espíritos penitentes</i>	696
<i>Pelos Espíritos endurecidos</i>	697
V – PRECES PELOS DOENTES E PELOS OBSIDIADOS	700
<i>Pelos doentes</i>	700
<i>Pelos obsidiados</i>	704

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

MINHAS PALAVRAS

Prezados irmãos em Cristo, desejo a todos muita paz!

É com grande satisfação e alegria que compartilho o estudo concluído dos 28 capítulos (na verdade 29, considerando o prefácio e a introdução) do "Evangelho Segundo o Espiritismo", comentado detalhadamente, item a item.

Este trabalho foi realizado com o auxílio da inteligência artificial e de abnegados companheiros, alguns encarnados e outros do mundo espiritual.

A internet tem sido uma fonte preciosa de recursos, permitindo-nos contar com a ajuda da inteligência artificial, na elaboração e produção dos textos que compõem os nossos comentários desta obra maravilhosa.

Além da revisão de textos pela IA, contamos também com o incentivo carinhoso da professora Vânia Abdulmassih, especialista em revisão de livros, cuja atuação nesta área já beneficiou inúmeros autores.

Agradeço, acima de tudo, a Deus, nosso Pai, pela oportunidade de concluir este trabalho, apesar das nossas deficiências espirituais e inúmeros defeitos.

Expresso meu reconhecimento a Jesus, nosso Divino Mestre, por me aceitar como trabalhador na seara da comunicação espírita.

Agradeço aos benfeitores amigos, em especial ao meu anjo da guarda, pelo carinho e assistência dispensados ao longo desses dias de estudo e trabalho.

Ao meu filho Jean Carlo, que me ensinou técnicas para utilizar determinadas ferramentas na internet, o meu muito obrigado! Seu apoio foi fundamental para a realização desse trabalho.

Agradeço de coração a minha filha Sayonara e ao meu genro Cláudio, pela tolerância e compreensão, aceitando minhas movimentações em horários destinados ao descanso e repouso.

Quero agradecer ao meu filho Heine Alemagne a colaboração na criação da capa deste livro digital. Sua participação foi muito importante na concretização deste projeto.

Expresso minha profunda gratidão aos filhos Urânia e Glaucus, que estiveram sempre presentes com suas palavras de apoio e incentivo.

Aos ouvintes em geral que acompanham nosso trabalho nas redes sociais, meu muito obrigado pelo apoio e acolhimento demonstrados às nossas produções, seja em textos, áudios ou vídeos.

Guardarei para sempre em minha alma o tesouro de sua audiência e da sua amizade.

Que Deus nos abençoe a todos.

Ave Cristo!



Hélio Dias

ESCLARECIMENTO

Para realizar esse trabalho, utilizamos "O Evangelho Segundo o Espiritismo", da 3ª edição publicada em 2019 pela Editora Nova Visão.

O conteúdo do livro publicado por Allan Kardec permanece inalterado, em seu texto original, de acordo com a publicação da editora brasileira.

Retiramos apenas dos nossos comentários as notas de rodapé, inclusive as do codificador, e eliminamos as explicações da editora que estão na página 579 do livro original.

Dessa forma, fazem parte dos nossos comentários somente o conteúdo doutrinário divulgado por Allan Kardec.

Esclarecemos ainda que os textos em fonte Segoe UI, tamanho 16, refletem as interpretações dos nossos comentários, enquanto as análises e comentários em fonte Segoe UI, tamanho 14, são diretamente atribuídos a Allan Kardec.

Já os trechos em fonte Segoe UI, tamanho 12 itálico correspondem às transcrições do Evangelho e da Doutrina de Sócrates.

Essa distinção visa oferecer uma visão abrangente e embasada em diversas fontes sobre a vida espiritual e suas nuances, convidando o leitor a refletir e aprofundar-se nesse tema tão fascinante.

Compartilho com vocês o estudo do Evangelho Segundo o Espiritismo, comentado capítulo por capítulo, item a item.

PREFÁCIO

Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos.

Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas hão de ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos anjos se lhes associam. Nós vos convidamos, a vós homens, para o divino concerto.

Tomai da lira, fazei uníssonas vossas vozes, e que, num hino sagrado, elas se estendam e repercutam de um extremo a outro do Universo. Homens, irmãos a quem amamos, aqui estamos junto de vós.

Amai-vos, também, uns aos outros e dizei do fundo do coração, fazendo as vontades do Pai, que está no Céu: Senhor! Senhor!... e podereis entrar no Reino dos Céus.

O Espírito de Verdade

Nota – A instrução acima, transmitida por via mediúnica, resume a um tempo o verdadeiro caráter do Espiritismo e a finalidade desta obra; por isso foi colocada aqui como prefácio.

NOSSO COMENTÁRIO

O Prefácio do Evangelho Segundo o Espiritismo, assinado pelo Espírito de Verdade, é profundamente significativo, pois sintetiza os princípios fundamentais da doutrina espírita.

A analogia dos Espíritos do Senhor com as virtudes celestiais, comparando-os a um imenso exército movido pela vontade divina,

sugere a ideia de uma ordem cósmica, onde essas entidades espirituais atuam como guias e mensageiros da verdade.

A imagem das estrelas cadentes iluminando os caminhos e abrindo os olhos dos cegos simboliza a chegada de uma nova era de esclarecimento espiritual, onde a verdadeira essência das coisas será revelada, dissipando as trevas da ignorância e confundindo o orgulho daqueles que se opõem à luz da verdade.

A referência aos tempos em que todas as coisas serão restabelecidas em seu verdadeiro sentido indica a necessidade de uma reforma íntima e moral da humanidade, para que sejam glorificados os justos e aqueles que buscam a verdadeira evolução espiritual.

A convocação para o "divino concerto", onde os homens são convidados a se unirem em harmonia, representa a ideia de fraternidade universal pregada pelo Espiritismo, onde o amor ao próximo e a prática das virtudes são fundamentais para a evolução espiritual.

A mensagem final, enfatizando a importância de se fazer a vontade do Pai para se entrar no Reino dos Céus, ressalta a necessidade de uma vida pautada nos ensinamentos de Jesus Cristo, que são a base do Evangelho Segundo o Espiritismo.

Assim, o Prefácio do Evangelho Segundo o Espiritismo é um convite à reflexão e à busca por uma vida mais justa, amorosa e em sintonia com as leis divinas, trazendo luz e esperança para aqueles que buscam a verdadeira felicidade espiritual.

INTRODUÇÃO

I – Objetivo desta obra

Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral. As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, nele teriam as seitas encontrado sua própria condenação, visto que, na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo. Para os homens, em particular, constitui aquele código uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. É, finalmente e acima de tudo, o roteiro infalível para a felicidade vindoura, o levantamento de uma ponta do véu que nos oculta a vida futura. Essa parte é a que será objeto exclusivo desta obra.

Toda a gente admira a moral evangélica; todos lhe proclamam a sublimidade e a necessidade; muitos, porém, assim se pronunciam por fé, confiados no que ouviram dizer, ou firmados em certas máximas que se tornaram proverbiais. Poucos, no entanto, a conhecem a fundo e menos ainda são os que a compreendem e lhe sabem deduzir as consequências. A razão está, por muito, na dificuldade que apresenta o entendimento do Evangelho que, para o maior número dos seus leitores, é ininteligível. A forma alegórica e o intencional misticismo da linguagem fazem que a maioria o leia por desencargo de consciência e por dever, como leem as preces, sem as entender, isto é, sem proveito. Passam-lhes despercebidos os preceitos morais, disseminados aqui e ali, intercalados na massa das narrativas. Impossível, então, apanhar-se lhes o conjunto e tomá-los para objeto de leitura e meditações especiais.

É certo que tratados já se têm escrito de moral evangélica; mas o arranjo em moderno estilo literário lhe tira a primitiva simplicidade que, ao mesmo tempo, lhe constitui o encanto e a autenticidade. Outro tanto cabe dizer-se das máximas destacadas e reduzidas à sua mais simples expressão proverbial. Desde logo, já não passam de aforismos, privados de uma parte do seu valor e interesse, pela ausência dos acessórios e das circunstâncias em que foram enunciadas.

Para obviar a esses inconvenientes, reunimos, nesta obra, os artigos que podem compor, a bem dizer, um código de moral universal, sem distinção de culto. Nas citações, conservamos o que é útil ao desenvolvimento da ideia, pondo de lado unicamente o que se não prende ao assunto. Além disso, respeitamos escrupulosamente a tradução de Sacy, assim como a divisão em versículos. Em vez, porém, de nos atermos a uma ordem cronológica impossível e sem vantagem real para o caso, grupamos e classificamos metodicamente as máximas, segundo as respectivas naturezas, de modo que decorram umas das outras, tanto quanto possível. A indicação dos números de ordem dos capítulos e dos versículos permite se recorra à classificação vulgar, quando oportuno.

Esse, entretanto, seria um trabalho material que, por si só, apenas teria secundária utilidade. O essencial era pô-lo ao alcance de todos, mediante a explicação das passagens obscuras e o desdobramento de todas as consequências, tendo em vista a aplicação dos ensinamentos a todas as condições da vida. Foi o que tentamos fazer, com a ajuda dos bons Espíritos que nos assistem.

Muitos pontos dos Evangelhos, da Bíblia e dos autores sacros em geral por si só são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da chave que faculte se lhes apreenda o verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo, como já o puderam reconhecer os que o têm estudado seriamente e como todos, mais tarde, ainda melhor o reconhecerão.

O Espiritismo se nos depara por toda a parte na Antiguidade e nas diferentes épocas da Humanidade. Por toda a parte se lhe descobrem os vestígios: nos escritos, nas crenças e nos monumentos. Essa a razão por que, ao mesmo tempo que rasga horizontes novos para o futuro, projeta luz não menos viva sobre os mistérios do passado.

Como complemento de cada preceito, acrescentamos algumas instruções escolhidas, dentre as que os Espíritos ditaram em vários países e por diferentes médiuns. Se elas fossem tiradas de uma fonte única, houveram talvez

sofrido uma influência pessoal ou a do meio, ao passo que a diversidade de origens prova que os Espíritos dão indistintamente seus ensinamentos e que ninguém a esse respeito goza de qualquer privilégio¹. Esta obra é para uso de todos. Dela podem todos haurir os meios de conformar com a moral do Cristo o respectivo proceder. Aos espíritas oferece aplicações que lhes concernem de modo especial. Graças às relações estabelecidas, doravante e permanentemente, entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, que os próprios Espíritos ensinaram a todas as nações, já não será letra morta, porque cada um a compreenderá e se verá incessantemente compelido a pô-la em prática, a conselho de seus guias espirituais. As instruções que promanam dos Espíritos são verdadeiramente as vozes do Céu que vêm esclarecer os homens e convidá-los à prática do Evangelho.

NOSSO COMENTÁRIO

A introdução do "Evangelho Segundo o Espiritismo" apresenta uma abordagem profunda e abrangente sobre a importância do ensinamento moral contido nos Evangelhos.

Allan Kardec destaca a distinção entre os diferentes aspectos dos Evangelhos, como os atos comuns da vida de Cristo, os milagres, as predições, as palavras que serviram de base para os dogmas da Igreja e o ensino moral, enfatizando que este último permanece inatacável e transcende as controvérsias das demais partes.

A obra ressalta que a moral evangélica é admirada e reconhecida como sublime e necessária, porém, muitos a seguem por fé ou tradição, sem compreender profundamente seus ensinamentos.

¹ Nota de Allan Kardec: Houvéramos, sem dúvida, podido apresentar, sobre cada assunto, maior número de comunicações obtidas numa porção de outras cidades e centros, além das que citamos. Tivemos, porém, de evitar a monotonia das repetições inúteis e limitar a nossa escolha às que, tanto pelo fundo quanto pela forma, se enquadravam melhor no plano desta obra, reservando para publicações ulteriores as que não puderam caber aqui. Quanto aos médiuns, abstivemo-nos de nomeá-los. Na maioria dos casos, não os designamos a pedido deles próprios e, assim sendo, não convinha fazer exceções. Ademais, os nomes dos médiuns nenhum valor teriam acrescentado à obra dos Espíritos. Mencioná-los mais não fora, então, do que satisfazer ao amor-próprio, coisa a que os médiuns verdadeiramente sérios nenhuma importância ligam. Compreendem eles que, por ser meramente passivo o papel que lhes toca, o valor das comunicações em nada lhes exalça o mérito pessoal; e que seria pueril envaidecerem-se de um trabalho de inteligência ao qual é apenas mecânico o concurso que prestam.

Kardec aponta a dificuldade de compreensão do Evangelho devido à linguagem alegórica e ao misticismo, que fazem com que a maioria das pessoas o leia superficialmente, sem captar a essência dos preceitos morais nele contidos.

Para facilitar a compreensão e aplicação da moral evangélica, a obra propõe uma seleção e organização dos ensinamentos de forma a constituir um código de moral universal, sem distinção de culto.

Além disso, destaca a importância do Espiritismo como chave para compreender os verdadeiros significados dos textos sagrados, revelando-se como uma doutrina que projeta luz sobre os mistérios do passado e do futuro.

A obra é apresentada como um instrumento para todos, permitindo que cada um possa conformar seu proceder com a moral do Cristo.

Para os espíritas, a obra oferece aplicações especiais, pois, graças às relações estabelecidas com o mundo espiritual, a lei evangélica deixa de ser apenas um conjunto de princípios abstratos e se torna uma orientação prática, influenciada pelos guias espirituais.

Em resumo, a introdução do "Evangelho Segundo o Espiritismo" ressalta a importância da moral evangélica como guia para a vida, destaca a dificuldade de compreensão dos ensinamentos evangélicos e apresenta o Espiritismo como um meio de elucidar esses ensinamentos, tornando-os acessíveis e aplicáveis a todos.

II – Autoridade da doutrina espírita Controle universal do ensino dos Espíritos

Se a Doutrina Espírita fosse de concepção puramente humana, não ofereceria por penhor senão as luzes daquele que a houvesse concebido. Ora, ninguém, neste mundo, poderia alimentar fundadamente a pretensão de possuir, com exclusividade, a verdade absoluta.

Se os Espíritos que a revelaram se houvessem manifestado a um só homem, nada lhe garantiria a origem, porquanto fora mister acreditar, sob

palavra, naquele que dissesse ter recebido deles o ensino. Admitida, de sua parte, sinceridade perfeita, quando muito poderia ele convencer as pessoas de suas relações; conseguiria sectários, mas nunca chegaria a congregar todo o mundo.

Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens por mais rápido caminho e mais autêntico. Incumbiu, pois, os Espíritos de levá-la de um polo a outro, manifestando-se por toda parte, sem conferir a ninguém o privilégio de lhes ouvir a palavra. Um homem pode ser ludibriado, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim, quando milhões de criaturas veem e ouvem a mesma coisa. Constitui isso uma garantia para cada um e para todos. Ademais, pode fazer-se que desapareça um homem; mas não se pode fazer que desapareçam as coletividades; podem queimar-se os livros, mas não se podem queimar os Espíritos. Ora, queimassem-se todos os livros e a fonte da doutrina não deixaria de conservar-se inexaurível, pela razão mesma de não estar na Terra, de surgir em todos os lugares e de poderem todos desceder-se nela. Faltem os homens para difundi-la: haverá sempre os Espíritos, cuja atuação a todos atinge e aos quais ninguém pode atingir.

São, pois, os próprios Espíritos que fazem a propagação, com o auxílio dos inúmeros médiuns que, também eles, os Espíritos, vão suscitando de todos os lados. Se tivesse havido unicamente um intérprete, por mais favorecido que fosse, o Espiritismo mal seria conhecido. Qualquer que fosse a classe a que pertencesse, tal intérprete houvera sido objeto das prevenções de muita gente e nem todas as nações o teriam aceitado, ao passo que os Espíritos se comunicam em todos os pontos da Terra, a todos os povos, a todas as seitas, a todos os partidos, e todos os aceitam. O Espiritismo não tem nacionalidade e não faz parte de nenhum culto existente; nenhuma classe social o impõe, visto que qualquer pessoa pode receber instruções de seus parentes e amigos de além-túmulo. Cumpre seja assim, para que ele possa conduzir todos os homens à fraternidade. Se não se mantivesse em terreno neutro, alimentaria as dissensões, em vez de apaziguá-las.

Nessa universalidade do ensino dos Espíritos reside a força do Espiritismo e, também, a causa de sua tão rápida propagação. Ao passo que a palavra de um só homem, mesmo com o concurso da imprensa, levaria séculos para chegar ao conhecimento de todos, milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os recantos do planeta, proclamando os mesmos princípios e transmitindo-os aos mais ignorantes, como aos mais doutos, a fim de que não

haja deserdados. É uma vantagem de que não gozara ainda nenhuma das doutrinas surgidas até hoje. Se o Espiritismo, portanto, é uma verdade, não teme o malquerer dos homens, nem as revoluções morais, nem as subversões físicas do globo, porque nada disso pode atingir os Espíritos.

Não é essa, porém, a única vantagem que lhe decorre da sua excepcional posição. Ela lhe faculta inatacável garantia contra todos os cismas que pudessem provir, seja da ambição de alguns, seja das contradições de certos Espíritos. Tais contradições, não há negar, são um escolho; mas que traz consigo o remédio, ao lado do mal.

Sabe-se que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente considerados, na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado penetrar certos mistérios; que o saber de cada um deles é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares mais não sabem do que muitos homens; que entre eles, como entre estes, há presunçosos e sofômanos, que julgam saber o que ignoram; sistemáticos, que tomam por verdades as suas ideias; enfim, que só os Espíritos da categoria mais elevada, os que já estão completamente desmaterializados, se encontram despidos das ideias e preconceitos terrenos; mas também é sabido que os Espíritos enganadores não escrupulizam em tomar nomes que lhes não pertencem, para impingirem suas utopias. Daí resulta que, com relação a tudo o que seja fora do âmbito do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um possa receber terão caráter individual, sem cunho de autenticidade; que devem ser consideradas opiniões pessoais de tal ou qual Espírito e que imprudente fora aceitá-las e propagá-las levemente como verdades absolutas.

O primeiro exame comprobativo é, pois, sem contradita, o da razão, ao qual cumpre se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. Toda teoria em manifesta contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. Incompleto, porém, ficará esse exame em muitos casos, por efeito da falta de luzes de certas pessoas e das tendências de não poucas a tomar as próprias opiniões como juízes únicos da verdade. Assim sendo, que hão de fazer aqueles que não depositam confiança absoluta em si mesmos? Buscar o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta. De tal modo é que se deve proceder em face do que digam os Espíritos, que são os primeiros a nos fornecer os meios de consegui-lo.

A concordância no que ensinam os Espíritos é, pois, a melhor comprovação. Importa, no entanto, que ela se dê em determinadas condições. A mais fraca de todas ocorre quando um médium, a sós, interroga muitos Espíritos acerca de um ponto duvidoso. É evidente que, se ele estiver sob o império de uma obsessão, ou lidando com um Espírito mistificador, este lhe pode dizer a mesma coisa sob diferentes nomes. Tampouco garantia alguma suficiente haverá na conformidade que apresente o que se possa obter por diversos médiuns, num mesmo Centro, porque podem estar todos sob a mesma influência.

Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.

Vê-se bem que não se trata aqui das comunicações referentes a interesses secundários, mas do que respeita aos princípios mesmos da doutrina. Prova a experiência que, quando um princípio novo tem de ser enunciado, isso se dá espontaneamente em diversos pontos ao mesmo tempo e de modo idêntico, senão quanto à forma, quanto ao fundo.

Se, portanto, aprouver a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado unicamente nas suas ideias e com exclusão da verdade, pode ter-se a certeza de que tal sistema conservar-se-á circunscrito e cairá, diante das instruções dadas de todas as partes, conforme os múltiplos exemplos que já se conhecem. Foi essa unanimidade que pôs por terra todos os sistemas parciais que surgiram na origem do Espiritismo, quando cada um explicava à sua maneira os fenômenos, e antes que se conhecessem as leis que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível.

Essa a base em que nos apoiamos, quando formulamos um princípio da doutrina. Não é porque esteja de acordo com as nossas ideias que o temos por verdadeiro. Não nos arvoramos, absolutamente, em árbitro supremo da verdade e a ninguém dizemos: "Crede em tal coisa, porque somos nós que vo-lo dizemos." A nossa opinião não passa, aos nossos próprios olhos, de uma opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa, visto não nos considerarmos mais infalível do que qualquer outro. Também não é porque um princípio nos foi ensinado que, para nós, ele exprime a verdade, mas porque recebeu a sanção da concordância.

Na posição em que nos encontramos, a receber comunicações de perto de mil centros espíritas sérios, disseminados pelos mais diversos pontos da

Terra, achamo-nos em condições de observar sobre que princípio se estabelece a concordância. Essa observação é que nos tem guiado até hoje e é a que nos guiará em novos campos que o Espiritismo terá de explorar. Porque, estudando atentamente as comunicações vindas tanto da França como do estrangeiro, reconhecemos, pela natureza toda especial das revelações, que ele tende a entrar por um novo caminho e que lhe chegou o momento de dar um passo para diante. Essas revelações, feitas muitas vezes com palavras veladas, não frequentemente passado despercebidas a muitos dos que as obtiveram. Outros julgaram-se os únicos a possuí-las. Tomadas insuladamente, elas, para nós, nenhum valor teriam; somente a coincidência lhes imprime gravidade. Depois, chegado o momento de serem entregues à publicidade, cada um se lembrará de haver obtido instruções no mesmo sentido. Esse movimento geral, que observamos e estudamos, com a assistência dos nossos guias espirituais, é que nos auxilia a julgar da oportunidade de fazermos ou não alguma coisa.

Essa verificação universal constitui uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. Aí é que, no porvir, se encontrará o critério da verdade. O que deu lugar ao êxito da doutrina exposta em *O livro dos espíritos* e em *O livro dos médiuns* foi que em toda a parte todos receberam diretamente dos Espíritos a confirmação do que esses livros contêm. Se de todos os lados tivessem vindo os Espíritos contradizê-la, já de há muito haveriam aquelas obras experimentado a sorte de todas as concepções fantásticas. Nem mesmo o apoio da imprensa as salvaria do naufrágio, ao passo que, privadas como se viram desse apoio, não deixaram elas de abrir caminho e de avançar celeremente. É que tiveram o apoio dos Espíritos, cuja boa vontade não só compensou, como também sobrepujou o malquerer dos homens. Assim sucederá a todas as ideias que, emanando quer dos Espíritos, quer dos homens, não possam suportar a prova desse confronto, cuja força a ninguém é lícito contestar.

Suponhamos praza a alguns Espíritos ditar, sob qualquer título, um livro em sentido contrário; suponhamos mesmo que, com intenção hostil, objetivando desacreditar a doutrina, a malevolência suscitasse comunicações apócrifas; que influência poderiam exercer tais escritos, desde que de todos os lados os desmentissem os Espíritos? É com a adesão destes que se deve garantir aquele que queira lançar, em seu nome, um sistema qualquer. Do sistema de um só ao de todos, medeia a distância que vai da unidade ao infinito. Que poderão conseguir os detratores, sobre a opinião das massas,

quando milhões de vozes amigas, provindas do Espaço, se façam ouvir em todos os recantos do Universo e no seio das famílias, a infirmá-los? A esse respeito já não foi a teoria confirmada pela experiência? Que é feito das inúmeras publicações que traziam a pretensão de arrasar o Espiritismo? Qual a que nem lhe retardou a marcha? Até agora, não se considera a questão desse ponto de vista, sem contestação um dos mais graves. Cada um contou consigo, sem contar com os Espíritos.

O princípio da concordância é também uma garantia contra as alterações que poderiam sujeitar o Espiritismo às seitas que se propusessem apoderar-se dele em proveito próprio e acomodá-lo à vontade. Quem quer que tentasse desviá-lo do seu providencial objetivo, malsucedido se veria, pela razão muito simples de que os Espíritos, em virtude da universalidade de seus ensinamentos, farão cair por terra qualquer modificação que se divorcie da verdade.

De tudo isso ressalta uma verdade capital: a de que aquele que quisesse opor-se à corrente de ideias estabelecida e sancionada poderia, é certo, causar uma pequena perturbação local e momentânea; nunca, porém, dominar o conjunto, mesmo no presente, nem, ainda menos, no futuro. Também ressalta que as instruções dadas pelos Espíritos sobre os pontos ainda não elucidados da Doutrina não constituirão lei, enquanto essas instruções permanecerem insuladas; que elas não devem, por conseguinte, ser aceitas senão sob todas as reservas e a título de esclarecimento. Daí a necessidade da maior prudência em dar-lhes publicidade; e, caso se julgue conveniente publicá-las, importa não as apresentar senão como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, porém, carecendo sempre de confirmação. Essa confirmação é que se precisa aguardar, antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, a menos se queira ser acusado de leviandade ou de credulidade irrefletida.

Com extrema sabedoria procedem os Espíritos superiores em suas revelações. Não atacam as grandes questões da Doutrina senão gradualmente, à medida que a inteligência se mostra apta a compreender verdade de ordem mais elevada e quando as circunstâncias se revelam propícias à emissão de uma ideia nova. Por isso é que logo de princípio não disseram tudo, e tudo ainda hoje não disseram, jamais cedendo à impaciência dos muito afoitos, que querem os frutos antes de estarem maduros. Fora, pois, supérfluo pretender adiantar-se ao tempo que a Providência assinou para cada coisa, porque, então, os Espíritos verdadeiramente sérios negariam o seu concurso. Os Espíritos

levianos, pouco se preocupando com a verdade, a tudo respondem; daí vem que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

Os princípios acima não resultam de uma teoria pessoal: são consequência forçada das condições em que os Espíritos se manifestam. É evidente que, se um Espírito diz uma coisa de um lado, enquanto milhões de outros dizem o contrário algures, a presunção de verdade não pode estar com aquele que é o único ou quase o único de tal parecer. Ora, pretender alguém ter razão contra todos seria tão ilógico da parte dos Espíritos, quanto da parte dos homens. Os Espíritos verdadeiramente ponderados, se não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, nunca a resolvem de modo absoluto; declaram que apenas a tratam do seu ponto de vista e aconselham que se aguarde a confirmação.

Por grande, bela e justa que seja uma ideia, impossível é que desde o primeiro momento congregue todas as opiniões. Os conflitos que daí decorrem são consequência inevitável do movimento que se opera; eles são mesmo necessários para maior realce da verdade e convém se produzam desde logo, para que as ideias falsas prontamente sejam postas de lado. Os espíritas que a esse respeito alimentassem qualquer temor podem ficar perfeitamente tranquilos: todas as pretensões insuladas cairão, pela força mesma das coisas, diante do enorme e poderoso critério da concordância universal.

Não será à opinião de um homem que se aliarão os outros, mas à voz unânime dos Espíritos; não será um homem, nem nós, nem qualquer outro que fundará a ortodoxia espírita; tampouco será um Espírito que se venha impor a quem quer que seja: será a universalidade dos Espíritos que se comunicam em toda a Terra, por ordem de Deus. Esse o caráter essencial da Doutrina Espírita; essa a sua força, a sua autoridade. Quis Deus que a sua lei assentasse em base inamovível e por isso não lhe deu por fundamento a cabeça frágil de um só.

Diante de tão poderoso areópago, onde não se conhecem corrilhos, nem rivalidades ciosas, nem seitas, nem nações, é que virão quebrar-se todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual; é que nos quebraríamos nós mesmos, se quiséssemos substituir os seus decretos soberanos pelas nossas próprias ideias. Só Ele decidirá todas as questões litigiosas, imporá silêncio às dissidências e dará razão a quem a tenha. Diante desse imponente acordo de todas as vozes do Céu, que pode a opinião de um

homem ou de um Espírito? menos do que a gota de água que se perde no oceano, menos do que a voz da criança que a tempestade abafa.

A opinião universal, eis o juiz supremo, o que se pronuncia em última instância. Formam-na todas as opiniões individuais. Se uma destas é verdadeira, apenas tem na balança o seu peso relativo. Se é falsa, não pode prevalecer sobre todas as demais. Nesse imenso concurso, as individualidades se apagam, o que constitui novo insucesso para o orgulho humano.

Já se desenha o harmonioso conjunto. Este século não passará sem que ele resplandeça em todo o seu brilho, de modo a dissipar todas as incertezas, porquanto daqui até lá potentes vozes terão recebido a missão de se fazer ouvir, para congregar os homens sob a mesma bandeira, uma vez que o campo se ache suficientemente lavrado. Enquanto isso se não dá, aquele que flutua entre dois sistemas opostos pode observar em que sentido se forma a opinião geral; essa será a indicação certa do sentido em que se pronuncia a maioria dos Espíritos, nos diversos pontos em que se comunicam, e um sinal não menos certo de qual dos dois sistemas prevalecerá.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec destaca a autoridade da Doutrina Espírita, baseando-se no controle universal do ensino dos Espíritos.

Isso significa que, segundo a visão espírita, os ensinamentos transmitidos pelos Espíritos superiores têm uma origem divina e são destinados a toda a humanidade, independentemente de credo, cultura ou época.

Essa autoridade é fundamental para entender a posição do Espiritismo como uma doutrina que busca promover a evolução espiritual e moral do ser humano.

Ao reconhecer que os ensinamentos provêm de uma fonte superior, a Doutrina Espírita se coloca como um guia seguro para aqueles que buscam compreender a vida, suas leis e seu propósito.

O controle universal do ensino dos Espíritos também enfatiza a importância da coerência e da consistência doutrinária, uma vez que

os ensinamentos não são fruto de opiniões individuais, mas de uma orientação espiritual que visa o bem comum.

Isso reforça a ideia de que a Doutrina Espírita não é apenas um conjunto de ideias filosóficas, mas sim um caminho seguro para o progresso espiritual e moral da humanidade.

Além disso, a universalidade desses ensinamentos sugere que a mensagem espírita não é exclusiva a um grupo específico, mas abrange toda a humanidade, convidando a todos para refletir sobre suas próprias ações e buscar a melhoria íntima, visando um mundo mais justo e fraterno.

Assim, o item II da introdução do "Evangelho Segundo o Espiritismo" nos convida a refletir sobre a importância de reconhecer a autoridade moral e espiritual dos ensinamentos espíritas, buscando compreendê-los e aplicá-los em nossa jornada de crescimento e evolução pessoal.

III – Notícias históricas

Para bem se compreenderem algumas passagens dos Evangelhos, necessário se faz conhecer o valor de muitas palavras nelas frequentemente empregadas e que caracterizam o estado dos costumes e da sociedade judia naquela época. Já não tendo para nós o mesmo sentido, essas palavras foram com frequência mal-interpretadas, causando isso uma espécie de incerteza. A inteligência da significação delas explica, ademais, o verdadeiro sentido de certas máximas que, à primeira vista, parecem singulares.

Samaritanos. – Após o cisma das dez tribos, Samaria se constituiu a capital do reino dissidente de Israel. Destruída e reconstruída várias vezes, tornou-se, sob os romanos, a cabeça da Samaria, uma das quatro divisões da Palestina. Herodes, chamado o Grande, a embelezou de suntuosos monumentos e, para lisonjear Augusto, lhe deu o nome de Augusta, em grego Sebaste.

Os samaritanos estiveram quase constantemente em guerra com os reis de Judá. Aversão profunda, datando da época da separação, perpetuou-se entre os dois povos, que evitavam todas as relações recíprocas. Aqueles, para tornarem maior a cisão e não terem de vir a Jerusalém pela celebração das

festas religiosas, construíram para si um templo particular e adotaram algumas reformas. Somente admitiam o Pentateuco, que continha a lei de Moisés, e rejeitavam todos os outros livros que a esse foram posteriormente anexados. Seus livros sagrados eram escritos em caracteres hebraicos da mais alta antiguidade. Para os judeus ortodoxos, eles eram heréticos e, portanto, desprezados, anatematizados e perseguidos. O antagonismo das duas nações tinha, pois, por fundamento único a divergência das opiniões religiosas; se bem fosse a mesma a origem das crenças de uma e outra. Eram os protestantes desse tempo.

Ainda hoje se encontram samaritanos em algumas regiões do Levante, particularmente em Nablus e em Jaffa. Observam a lei de Moisés com mais rigor que os outros judeus e só entre si contraem alianças.

NOSSO COMENTÁRIO

Esta passagem oferece informações importantes sobre os samaritanos, um grupo étnico-religioso que desempenhou um papel significativo na história da região da Palestina durante os períodos do Antigo e do Novo Testamentos.

Os samaritanos surgiram a partir do cisma das dez tribos de Israel, que se separaram do Reino de Judá após a morte do rei Salomão, formando o Reino de Israel do Norte, com Samaria como capital.

Esse cisma resultou em profunda aversão entre os dois povos, os samaritanos e os judeus, refletida em conflitos e no mútuo isolamento.

Um dos principais pontos de divergência entre judeus e samaritanos era o local de culto.

Enquanto os judeus adoravam em Jerusalém, os samaritanos tinham um templo próprio no monte Gerizim.

Além disso, os samaritanos aceitavam apenas o Pentateuco (os cinco primeiros livros da Bíblia) como Escritura Sagrada, rejeitando os demais livros que compõem a Bíblia judaica.

Essas diferenças levaram os judeus a considerarem os samaritanos como heréticos, resultando em desprezo, anátemas e perseguições ao longo da história.

Apesar disso, os samaritanos mantiveram sua identidade e práticas religiosas ao longo dos séculos, sendo encontrados até os dias atuais em algumas regiões do Levante, como Nablus e Jaffa.

Assim, o conhecimento sobre os samaritanos é fundamental para compreendermos melhor o contexto histórico e cultural em que se desenvolveram muitos dos eventos descritos nos Evangelhos e em outras partes da Bíblia.

Nazarenos. – Nome dado, na antiga lei, aos judeus que faziam voto, perpétuo ou temporário, de guardar perfeita pureza. Eles se comprometiam a observar a castidade, a abster-se de bebidas alcoólicas e a conservar a cabeleira. Sansão, Samuel e João Batista eram nazarenos.

Mais tarde, os judeus deram esse nome aos primeiros cristãos, por alusão a Jesus de Nazaré. Também foi essa a denominação de uma seita herética dos primeiros séculos da Era Cristã, a qual, do mesmo modo que os ebionitas, de quem adotava certos princípios, misturava as práticas do mosaísmo com os dogmas cristãos, seita essa que desapareceu no século quarto.

NOSSO COMENTÁRIO

Os nazarenos são um grupo de grande importância histórica e religiosa, abordados tanto na antiga lei judaica quanto nos primórdios do Cristianismo.

Inicialmente, na antiga lei, os judeus faziam um voto, que podia ser perpétuo ou temporário, de manter uma pureza rigorosa, comprometendo-se a observar a castidade, abster-se de bebidas alcoólicas e conservar a cabeleira.

Essa prática era exemplificada por figuras como Sansão, Samuel e João Batista.

Posteriormente, o termo "nazareno" foi utilizado para designar os primeiros cristãos, em alusão a Jesus de Nazaré.

Esse uso reflete a influência significativa que a cidade de Nazaré e a figura de Jesus exerciam sobre os seguidores cristãos da época.

Além disso, há menção de uma seita herética nos primeiros séculos da Era Cristã que também adotava o nome "nazarenos".

Essa seita, semelhante aos ebionitas em certos princípios, combinava práticas do mosaísmo com os dogmas cristãos.

No entanto, desapareceu no século IV, indicando a diversidade de interpretações e grupos que existiam nos primeiros tempos do Cristianismo.

Essas informações sobre os nazarenos são importantes para entendermos melhor as diferentes correntes religiosas e culturais que influenciaram e moldaram os primórdios do Cristianismo, evidenciando a complexidade e a diversidade de pensamento na época.

Publicanos. – Eram assim chamados, na antiga Roma, os cavaleiros arrendatários das taxas públicas, incumbidos da cobrança dos impostos e das rendas de toda espécie, quer em Roma mesma, quer nas outras partes do Império. Eram como os arrendatários gerais e arrematadores de taxas do antigo regímen na França e que ainda existem nalgumas regiões. Os riscos a que estavam sujeitos faziam que os olhos se fechassem para as riquezas que muitas vezes adquiriam e que, da parte de alguns, eram frutos de exações e de lucros escandalosos. O nome de publicano se estendeu mais tarde a todos os que superintendiam os dinheiros públicos e aos agentes subalternos. Hoje esse termo se emprega em sentido pejorativo, para designar os financistas e os agentes pouco escrupulosos de negócios. Diz-se por vezes: "Ávido como um publicano, rico como um publicano", com referência a riquezas de mau quilate.

De toda a dominação romana, o imposto foi o que os judeus mais dificilmente aceitaram e o que mais irritação causou entre eles. Daí nasceram várias revoltas, fazendo-se do caso uma questão religiosa, por ser considerada contrária à Lei. Constituiu-se, mesmo, um partido poderoso, a cuja frente se pôs um certo Judá, apelidado o Gaulonita, tendo por princípio o não pagamento

do imposto. Os judeus, pois, abominavam o imposto e, como consequência, todos os que eram encarregados de arrecadá-lo, donde a aversão que votavam aos publicanos de todas as categorias, entre os quais podiam encontrar-se pessoas muito estimáveis, mas que, em virtude das suas funções, eram desprezadas, assim como os que com elas mantinham relações, os quais se viam atingidos pela mesma reprovação. Os judeus de destaque consideravam um comprometimento ter com eles intimidade.

NOSSO COMENTÁRIO

Os publicanos desempenhavam um papel complexo na sociedade romana, especialmente no contexto em que foram mencionados nos Evangelhos e na introdução do Evangelho Segundo o Espiritismo.

Eles eram os arrendatários das taxas públicas, responsáveis pela cobrança de impostos e rendas em todo o Império Romano.

Essa função envolvia riscos e muitas vezes levava à acumulação de riquezas, algumas vezes por meio de práticas questionáveis.

O termo "publicano" foi posteriormente ampliado para incluir todos os que gerenciavam os fundos públicos e seus agentes subalternos.

Atualmente, o termo é usado de forma pejorativa para descrever financistas e agentes pouco escrupulosos nos negócios, com referência a riquezas adquiridas de maneira questionável.

Na época da dominação romana, o imposto era uma questão especialmente sensível para os judeus, causando irritação e até revoltas, pois era visto como contrário à Lei.

Isso levou à formação de um partido, liderado por Judá, o Gaulonita, que defendia o não pagamento do imposto.

Os judeus abominavam o imposto e, por consequência, também desprezavam os publicanos e todos aqueles envolvidos na sua

arrecadação, mesmo que entre eles pudessem existir pessoas respeitáveis.

Portanto, a aversão dos judeus aos publicanos era profunda e generalizada, afetando não apenas os publicanos em si, mas também aqueles que mantinham relações com eles.

Isso mostra como as questões econômicas e políticas se entrelaçavam com as questões religiosas e culturais na sociedade da época, influenciando as relações sociais e as percepções morais.

Portageiros. – Eram os arrecadadores de baixa categoria, incumbidos principalmente da cobrança dos direitos de entrada nas cidades. Suas funções correspondiam mais ou menos à dos empregados de alfândega e recebedores dos direitos de barreira. Compartilhavam da repulsa que pesava sobre os publicanos em geral. Essa a razão por que, no Evangelho, se depara frequentemente com a palavra publicano ao lado da expressão gente de má vida. Tal qualificação não implicava a de debochados ou vagabundos. Era um termo de desprezo, sinônimo de gente de má companhia, gente indigna de conviver com pessoas distintas.

NOSSO COMENTÁRIO

Os portageiros desempenhavam um papel semelhante aos empregados de alfândega e recebedores de direitos de barreira na antiga sociedade, sendo responsáveis principalmente pela cobrança dos direitos de entrada nas cidades.

Apesar de serem arrecadadores de baixa categoria, eles compartilhavam da repulsa geral que pesava sobre os publicanos.

No Evangelho, a palavra publicano é frequentemente associada à expressão "gente de má vida".

No entanto, é importante destacar que essa qualificação não implicava necessariamente que os portageiros fossem debochados ou vagabundos.

Era, na verdade, um termo de desprezo que os colocava na categoria de pessoas consideradas como más companhias, indignas de conviver com pessoas de destaque na sociedade.

Essa distinção é relevante para compreendermos melhor o contexto social e moral da época, onde certas profissões ou categorias de pessoas eram estigmatizadas e marginalizadas, muitas vezes de forma injusta.

A associação dos portageiros com os publicanos sugere que eles eram vistos como parte de um grupo socialmente rejeitado, mesmo que individualmente não fossem necessariamente "gente de má vida".

Fariseus (do hebreu *parush*, divisão, separação). – A tradição constituía parte importante da teologia dos judeus. Consistia numa compilação das interpretações sucessivamente dadas ao sentido das Escrituras e tornadas artigos de dogma. Constituía, entre os doutores, assunto de discussões intermináveis, as mais das vezes sobre simples questões de palavras ou de formas, no gênero das disputas teológicas e das sutilezas da escolástica da Idade Média. Daí nasceram diferentes seitas, cada uma das quais pretendia ter o monopólio da verdade, detestando-se umas às outras, como sói acontecer.

Entre essas seitas, a mais influente era a dos fariseus, que teve por chefe Hillel, doutor judeu nascido na Babilônia, fundador de uma escola célebre, onde se ensinava que só se devia depositar fé nas Escrituras. Sua origem remonta a 180 ou 200 anos antes de Jesus Cristo. Os fariseus, em diversas épocas, foram perseguidos, especialmente sob Hircano — soberano pontífice e rei dos judeus —, Aristóbulo e Alexandre, rei da Síria. Este último, porém, lhes deferiu honras e restituiu os bens, de sorte que eles readquiriram o antigo poderio e o conservaram até a ruína de Jerusalém, no ano 70 da Era Cristã, época em que se lhes apagou o nome, em consequência da dispersão dos judeus.

Tomavam parte ativa nas controvérsias religiosas. Servis cumpridores das práticas exteriores do culto e das cerimônias; cheios de um zelo ardente de proselitismo, inimigos dos inovadores, afetavam grande severidade de princípios; mas, sob as aparências de meticulosa devoção, ocultavam costumes dissolutos, muito orgulho e, acima de tudo, excessiva ânsia de dominação. Tinham a religião mais como meio de chegarem a seus fins, do que como objeto de fé

sincera. Da virtude nada possuíam, além das exterioridades e da ostentação; entretanto, por umas e outras, exerciam grande influência sobre o povo, a cujos olhos passavam por santas criaturas. Daí o serem muito poderosos em Jerusalém.

Acreditavam, ou, pelo menos, fingiam acreditar na Providência, na imortalidade da alma, na eternidade das penas e na ressurreição dos mortos. (Cap. IV, item 4.) Jesus, que prezava, sobretudo, a simplicidade e as qualidades da alma, que, na lei, preferia o espírito, que vivifica, à letra, que mata, se aplicou, durante toda a sua missão, a lhes desmascarar a hipocrisia, pelo que tinha neles encarniçados inimigos. Essa a razão por que se ligaram aos príncipes dos sacerdotes para amotinar contra Ele o povo e eliminá-lo.

NOSSO COMENTÁRIO

Os fariseus constituíram uma seita influente no judaísmo antigo, conhecida pela interpretação rigorosa da lei e pela prática externa de devoção religiosa.

Surgida cerca de 180 ou 200 anos antes de Jesus Cristo, a seita era liderada por Hillel, um doutor judeu nascido na Babilônia, cuja escola ensinava que a fé deveria ser depositada apenas nas Escrituras.

Esses líderes religiosos eram reconhecidos pela participação ativa em controvérsias religiosas e pela busca constante por prosélitos.

Apesar de praticarem cerimônias e ritos religiosos com zelo aparente, sua devoção muitas vezes escondia costumes moralmente questionáveis, como orgulho excessivo e uma ânsia desmedida por poder e dominação.

Embora fossem vistos como santos pelo povo, na verdade, estavam mais preocupados com as aparências do que com a verdadeira virtude.

Os fariseus professavam acreditar em conceitos fundamentais como a Providência, a imortalidade da alma, a eternidade das penas

e a ressurreição dos mortos, embora sua prática religiosa muitas vezes contradissesse essas crenças.

Jesus, por sua vez, criticava a hipocrisia dos fariseus, valorizando a simplicidade e as qualidades internas da alma sobre as práticas exteriores e a ostentação.

Essa postura de Jesus em relação aos fariseus acabou por torná-los seus inimigos, levando-os a se unirem aos príncipes dos sacerdotes para conspirar contra ele e buscar sua eliminação.

A história dos fariseus é um exemplo de como a religião pode ser mal utilizada como um instrumento de poder e controle, em vez de ser uma verdadeira expressão de fé e virtude.

Escribas. – Nome dado, a princípio, aos secretários dos reis de Judá e a certos intendentess dos exércitos judeus.

Mais tarde, foi aplicado especialmente aos doutores que ensinavam a lei de Moisés e a interpretavam para o povo.

Faziam causa comum com os fariseus, de cujos princípios partilhavam, bem como da antipatia que aqueles votavam aos inovadores.

Daí o envolvê-los Jesus na reprovação que lançava aos fariseus.

NOSSO COMENTÁRIO

Os escribas desempenharam um papel crucial na sociedade judaica, inicialmente como secretários dos reis de Judá e intendentess dos exércitos judeus.

Mais tarde, o termo foi aplicado especialmente aos doutores que ensinavam e interpretavam a lei de Moisés para o povo.

Responsáveis por preservar e transmitir a tradição religiosa e legal do povo judeu, os escribas tornaram-se figuras de autoridade no campo da interpretação das Escrituras.

Geralmente faziam causa comum com os fariseus, compartilhando dos mesmos princípios e da antipatia em relação aos inovadores, aqueles que desafiavam as interpretações tradicionais da lei.

Essa associação levou Jesus a incluí-los em suas repreensões aos fariseus, visto que ambos os grupos eram vistos como representantes da ortodoxia religiosa e eram criticados por sua hipocrisia e rigidez legalista.

A crítica de Jesus aos escribas e fariseus estava centrada na necessidade de uma verdadeira e sincera observância da lei, que não se limitasse às práticas externas, mas refletisse uma transformação interior e um verdadeiro amor a Deus e ao próximo.

Assim, a figura dos escribas representa não apenas a importância da preservação da lei e da tradição, mas também a necessidade de uma fé genuína e uma prática religiosa verdadeira, baseada no amor e na compaixão.

Sinagoga (do grego *synagogê*, assembleia, congregação). – Um único templo havia na Judeia, o de Salomão, em Jerusalém, onde se celebravam as grandes cerimônias do culto. Os judeus, todos os anos, lá iam em peregrinação para as festas principais, como as da Páscoa, da Dedicção e dos Tabernáculos. Por ocasião dessas festas é que Jesus também costumava ir lá. As outras cidades não possuíam templos, mas apenas sinagogas: edifícios onde os judeus se reuniam aos sábados, para fazer preces públicas, sob a chefia dos anciães, dos escribas, ou doutores da Lei. Nelas também se realizavam leituras dos livros sagrados, seguidas de explicações e comentários, atividades das quais qualquer pessoa podia participar. Por isso é que Jesus, sem ser sacerdote, ensinava aos sábados nas sinagogas.

Desde a ruína de Jerusalém e a dispersão dos judeus, as sinagogas, nas cidades por eles habitadas, servem-lhes de templos para a celebração do culto.

NOSSO COMENTÁRIO

As sinagogas desempenharam um papel fundamental na vida religiosa e comunitária dos judeus, especialmente fora de Jerusalém, onde não havia templos como o de Salomão.

Enquanto o templo em Jerusalém era o centro das principais cerimônias do culto e das peregrinações anuais, as sinagogas eram os locais onde os judeus se reuniam regularmente, principalmente aos sábados, para preces públicas e para ouvir a leitura e a explicação dos livros sagrados.

Nas sinagogas, a liderança era exercida pelos anciãos, escribas ou doutores da Lei, que guiavam as atividades religiosas e também ensinavam.

Diferentemente do templo, onde apenas os sacerdotes podiam realizar certos rituais, nas sinagogas qualquer pessoa podia participar das leituras e das discussões sobre os textos sagrados.

Isso possibilitou a Jesus ensinar e pregar, mesmo sem ser um sacerdote, pois as sinagogas eram locais abertos à participação de todos.

Após a ruína de Jerusalém e a dispersão dos judeus, as sinagogas assumiram um papel ainda mais central nas comunidades judaicas, servindo como locais de culto e estudo da Torá.

Elas se tornaram o centro da vida religiosa, social e cultural das comunidades judaicas em todo o mundo, simbolizando a continuidade e a preservação da fé e da identidade judaica ao longo dos séculos.

Saduceus. – Seita judia, que se formou por volta do ano 248 antes de Jesus Cristo e cujo nome lhe veio do de Sadoque, seu fundador. Não criam na imortalidade, nem na ressurreição, nem nos anjos bons e maus. Entretanto, criam em Deus; nada, porém, esperando após a morte, só o serviam tendo em vista recompensas temporais, ao que, segundo eles, se limitava a Providência divina. Assim pensando, tinham a satisfação dos sentidos físicos por objetivo

essencial da vida. Quanto às Escrituras, atinham-se ao texto da lei antiga. Não admitiam a tradição, nem interpretações quaisquer. Colocavam as boas obras e a observância pura e simples da Lei acima das práticas exteriores do culto. Eram, como se vê, os materialistas, os deístas e os sensualistas da época. Seita pouco numerosa, mas que contava em seu seio importantes personagens e se tornou um partido político oposto constantemente aos fariseus.

NOSSO COMENTÁRIO

Os saduceus foram uma seita judaica que surgiu por volta de 248 a.C., tendo como fundador Sadoque, de quem a seita recebeu o nome.

Distintos por suas crenças em relação a outros grupos religiosos da época, os saduceus se destacaram pela negação da imortalidade da alma, da ressurreição e da existência de anjos bons e maus.

Acreditavam em Deus, mas esperavam apenas recompensas temporais, não acreditando em recompensas ou punições após a morte, limitando assim a Providência divina apenas a esta vida terrena.

Essa visão materialista os levava a valorizar a satisfação dos sentidos físicos como objetivo central da vida, buscando recompensas imediatas e tangíveis.

Em relação às Escrituras, restringiam-se ao texto da lei antiga, não admitindo tradições ou interpretações adicionais.

Valorizavam mais as boas obras e a observância direta da Lei do que as práticas exteriores do culto.

Eram considerados os materialistas, deístas e sensualistas da época, destacando-se por suas crenças e práticas distintas em relação a outros grupos religiosos judaicos.

Apesar de serem uma seita relativamente pequena, os saduceus incluíam importantes personalidades e se tornaram um partido

político oposto aos fariseus, frequentemente se opondo em questões religiosas e políticas.

Sua influência e papel na sociedade judaica da época refletem a diversidade de crenças e interpretações dentro do judaísmo antigo, demonstrando como diferentes grupos interpretavam e praticavam sua fé de maneiras diversas.

Essênios ou esseus. – Também seita judaica fundada cerca do ano 150 antes de Jesus Cristo, ao tempo dos macabeus, e cujos membros, habitando uma espécie de mosteiros, formavam entre si uma associação moral e religiosa.

Distinguiam-se pelos costumes brandos e por austeras virtudes, ensinavam o amor a Deus e ao próximo, a imortalidade da alma e acreditavam na ressurreição.

Viviam em celibato, condenavam a escravidão e a guerra, punham em comunhão os seus bens e se entregavam à agricultura.

Contrários aos saduceus sensuais, que negavam a imortalidade; aos fariseus de rígidas práticas exteriores e de virtudes apenas aparentes, nunca os essênios tomaram parte nas querelas que tornaram antagonistas aquelas duas outras seitas.

Pelo gênero de vida que levavam, assemelhavam-se muito aos primeiros cristãos, e os princípios da moral que professavam induziram muitas pessoas a supor que Jesus, antes de dar começo à sua missão pública, lhes pertencera à comunidade.

É certo que ele há de tê-la conhecido, mas nada prova que se lhe houvesse filiado, sendo, pois, hipotético tudo quanto a esse respeito se escreveu.²

NOSSO COMENTÁRIO

Os essênios, ou esseus, foram uma seita judaica que surgiu por volta do ano 150 a.C., durante o período dos macabeus.

² Nota de Allan Kardec: A morte de Jesus, supostamente escrita por um essênio, é obra inteiramente apócrifa, cujo único fim foi servir de apoio a uma opinião. Ela traz em si mesma a prova da sua origem moderna.

Destacavam-se por viverem em comunidades semelhantes a mosteiros, onde formavam uma associação moral e religiosa.

Conhecidos por seus costumes brandos, suas virtudes austeras e seu ensinamento do amor a Deus e ao próximo, acreditavam na imortalidade da alma e na ressurreição, viviam em celibato, condenavam a escravidão e a guerra, e compartilhavam seus bens em comum, dedicando-se principalmente à agricultura.

Em contraste com os saduceus, que negavam a imortalidade, e os fariseus, que se destacavam por suas práticas exteriores rigorosas e virtudes apenas aparentes, os essênios mantinham-se afastados das controvérsias entre essas duas seitas.

Sua vida comunitária e os princípios morais que professavam os aproximavam dos primeiros cristãos, levando algumas pessoas a especular se Jesus teria pertencido à comunidade essênia antes de iniciar sua missão pública.

Embora não haja evidências concretas de que Jesus tenha sido essênio, é possível que ele tenha conhecido essa comunidade e se inspirado em alguns de seus princípios.

Os essênios representam, assim, mais uma faceta da diversidade de práticas e crenças dentro do judaísmo antigo, mostrando como diferentes grupos interpretavam e vivenciavam sua fé de maneiras variadas.

Terapeutas (do grego therapeutai, formado de therapeuein, servir, cuidar, isto é: servidores de Deus ou curadores). – Eram sectários judeus contemporâneos do Cristo, estabelecidos principalmente em Alexandria, no Egito. Tinham muita relação com os essênios, cujos princípios adotavam, aplicando-se, como esses últimos, à prática de todas as virtudes. Eram de extrema frugalidade na alimentação. Também celibatários, votados à contemplação e vivendo vida solitária, constituíam uma verdadeira ordem religiosa. Fílon, filósofo judeu platônico, de Alexandria, foi o primeiro a falar dos terapeutas, considerando-os uma seita do Judaísmo. Eusébio, São Jerônimo e outros Pais da Igreja pensam que eles eram cristãos. Fossem tais, ou fossem judeus, o que é evidente é que,

do mesmo modo que os essênios, eles representam o traço de união entre o Judaísmo e o Cristianismo.

NOSSO COMENTÁRIO

Os terapeutas eram sectários judeus contemporâneos de Cristo, estabelecidos principalmente em Alexandria, no Egito.

Eles eram bastante semelhantes aos essênios em muitos aspectos, adotando seus princípios e práticas, e dedicando-se à prática de todas as virtudes.

Conhecidos por sua extrema frugalidade na alimentação, celibato, vida solitária dedicada à contemplação e formação de uma verdadeira ordem religiosa.

O filósofo judeu platônico Fílon, de Alexandria, foi o primeiro a falar dos terapeutas, considerando-os uma seita do Judaísmo.

No entanto, alguns Padres da Igreja, como Eusébio e São Jerônimo, acreditavam que eles eram cristãos.

Independentemente de sua filiação religiosa específica, os terapeutas representam um traço de união entre o Judaísmo e o Cristianismo, assim como os essênios, por compartilharem princípios e práticas que se assemelhavam aos ensinamentos cristãos.

Essa proximidade entre os terapeutas e os essênios, bem como sua possível relação com o Cristianismo nascente, mostra como diferentes grupos religiosos e filosóficos da época compartilhavam ideias e influenciavam uns aos outros.

Os terapeutas, assim como os outros grupos mencionados, são parte da rica tapeçaria de crenças e práticas religiosas que caracterizavam o mundo do Mediterrâneo Oriental no período do Novo Testamento.

IV – Sócrates e Platão, precursores, da ideia cristã e do Espiritismo

Do fato de haver Jesus conhecido a seita dos essênios, fora errôneo concluir-se que a sua doutrina a hauriu ele dessa seita e que, se houvera vivido noutro meio, teria professado outros princípios. As grandes ideias jamais irrompem de súbito. As que assentam sobre a verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos. Depois, chegando o tempo, envia Deus um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuni-los em corpo de doutrina. Desse modo, não surgindo bruscamente, a ideia, ao aparecer, encontra espíritos dispostos a aceitá-la. Tal o que se deu com a ideia cristã, que foi pressentida muitos séculos antes de Jesus e dos essênios, tendo por principais precursores Sócrates e Platão.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem da introdução do "Evangelho Segundo o Espiritismo" destaca a ideia de que Jesus não teria adquirido sua doutrina dos essênios, mas que as grandes ideias, como a cristã, têm precursores que preparam seu caminho.

Sócrates e Platão são mencionados como precursores da ideia cristã e, por extensão, do Espiritismo, por terem contribuído com conceitos éticos e morais que ressoam com os ensinamentos posteriores de Jesus.

O texto enfatiza que as grandes ideias não surgem repentinamente, mas são desenvolvidas ao longo do tempo, até que chegue o momento de serem resumidas e coordenadas em uma doutrina mais completa.

Sócrates, como o Cristo, nada escreveu, ou, pelo menos, nenhum escrito deixou. Como o Cristo, teve a morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por haver atacado as crenças que encontrara e colocado a virtude real acima da hipocrisia e do simulacro das formas; por haver, numa palavra, combatido os preconceitos religiosos. Do mesmo modo que Jesus, a quem os fariseus acusavam de estar corrompendo o povo com os ensinamentos que lhe ministrava, também ele foi acusado, pelos fariseus do seu tempo, visto que sempre os

houve em todas as épocas, por proclamar o dogma da unidade de Deus, da imortalidade da alma e da vida futura. Assim como a doutrina de Jesus só a conhecemos pelo que escreveram seus discípulos, da de Sócrates só temos conhecimento pelos escritos de seu discípulo Platão. Julgamos conveniente resumir aqui os pontos de maior relevo, para mostrar a concordância deles com os princípios do Cristianismo.

Aos que considerarem esse paralelo uma profanação e pretendam que não pode haver paridade entre a doutrina de um pagão e a do Cristo, diremos que não era pagã a de Sócrates, pois que objetivava combater o paganismo; *que a de Jesus, mais completa e mais depurada do que aquela, nada tem que perder com a comparação; que a grandeza da missão divina do Cristo não pode ser diminuída; que, ademais, trata-se de um fato da História, que a ninguém será possível apagar. O homem há chegado a um ponto em que a luz emerge por si mesma de sob o alqueire. Ele se acha maduro bastante para encará-la; tanto pior para os que não ousem abrir os olhos. Chegou o tempo de se considerarem as coisas de modo amplo e elevado, não mais do ponto de vista mesquinho e acanhado dos interesses de seitas e de castas.*

Além disso, estas citações provarão que, se Sócrates e Platão pressentiram a ideia cristã, em seus escritos também se nos deparam os princípios fundamentais do Espiritismo.

NOSSO COMENTÁRIO

Esse trecho compara Sócrates a Jesus Cristo, ressaltando semelhanças em suas vidas e ensinamentos.

Ambos não deixaram registros escritos, tendo suas doutrinas transmitidas por meio de discípulos, como Platão no caso de Sócrates e os evangelistas no caso de Jesus.

Ambos foram perseguidos e condenados por desafiarem as crenças e tradições religiosas de seu tempo, defendendo princípios éticos e morais elevados.

A comparação entre Sócrates e Jesus é feita não para diminuir a grandeza da missão de Cristo, mas para mostrar que Sócrates

também foi um precursor de ideias que encontraram eco no Cristianismo, como a unidade de Deus, a imortalidade da alma e a vida futura.

O texto ressalta que a doutrina de Sócrates não era pagã, pois ele combatia o paganismo, e que a de Jesus, sendo mais completa e depurada, não perde em comparação.

O autor destaca que estamos em um momento em que a humanidade está pronta para enxergar a verdade de forma ampla e elevada, superando os interesses mesquinhos de seitas e castas.

As citações de Sócrates e Platão apresentadas no texto servem para demonstrar que esses filósofos já antecipavam alguns princípios fundamentais do Espiritismo, mostrando uma continuidade de ideias ao longo da história.

Resumo da doutrina de Sócrates e de Platão

I. O homem é uma alma encarnada. Antes da sua encarnação, existia unida aos tipos primordiais das ideias do verdadeiro, do bem e do belo; separa-se deles, encarnando, e, recordando o seu passado, é mais ou menos atormentada pelo desejo de voltar a ele.

Não se pode enunciar mais claramente a distinção e independência entre o princípio inteligente e o princípio material. É, além disso, a doutrina da preexistência da alma; da vaga intuição que ela guarda de um outro mundo, a que aspira; da sua sobrevivência ao corpo; da sua saída do mundo espiritual, para encarnar, e da sua volta a esse mesmo mundo, após a morte. É, finalmente, o gérmen da doutrina dos anjos decaídos.

NOSSO COMENTÁRIO

O resumo da doutrina de Sócrates e Platão destaca a crença na preexistência da alma, sua separação dos princípios primordiais do verdadeiro, do bem e do belo antes da encarnação, e sua aspiração a retornar a esse estado após a morte.

Isso reflete a distinção e independência entre o princípio inteligente (a alma) e o princípio material (o corpo), enfatizando a natureza espiritual e imortal da alma.

Allan Kardec enfatiza a clareza da doutrina socrática e platônica na distinção entre os princípios espiritual e material.

Essa compreensão ressalta a preexistência da alma, sua intuição de um mundo espiritual ao qual aspira, sua sobrevivência após a morte e a possibilidade de retorno a esse mundo espiritual.

Esses ensinamentos destacam a natureza transcendental da existência humana e a continuidade da jornada espiritual para além da vida terrena.

Ele também menciona que essa doutrina contém o germe da ideia dos 'anjos decaídos', sugerindo uma conexão entre os ensinamentos desses filósofos e conceitos espiritualistas mais complexos.

II. alma se transvia e perturba, quando se serve do corpo para considerar qualquer objeto; tem vertigem, como se estivesse ébria, porque se prende a coisas que estão, por sua natureza, sujeitas a mudanças; ao passo que, quando contempla a sua própria essência, dirige-se para o que é puro, eterno, imortal, e, sendo ela dessa natureza, permanece aí ligada, por tanto tempo quanto possa. Cessam então os seus transviamentos, pois que está unida ao que é imutável e a esse estado da alma é que se chama sabedoria.

Assim, ilude a si mesmo o homem que considera as coisas de modo terra a terra, do ponto de vista material. Para as apreciar com justeza, tem de as ver do alto, isto é, do ponto de vista espiritual. Aquele, pois, que está de posse da verdadeira sabedoria, tem de isolar do corpo a alma, para ver com os olhos do Espírito. É o que ensina o Espiritismo. (Cap. II, item 5.)

NOSSO COMENTÁRIO

O texto da doutrina de Sócrates destaca a ideia de que a alma se desvia e perturba quando se concentra nos objetos materiais, pois eles são sujeitos a mudanças.

Por outro lado, quando a alma contempla sua própria essência, ela se dirige para o que é puro, eterno e imortal, o que traz paz e sabedoria.

Allan Kardec comenta que essa passagem está em harmonia com os ensinamentos do Espiritismo, que também enfatiza a importância de elevar-se acima das preocupações materiais para alcançar a verdadeira compreensão espiritual.

Ele destaca que a verdadeira sabedoria é alcançada quando a alma se liberta das limitações do corpo e percebe a realidade espiritual com clareza, algo que o Espiritismo também ensina.

III. Enquanto tivermos o nosso corpo e a alma se achar mergulhada nessa corrupção, nunca possuiremos o objeto dos nossos desejos: a verdade. Com efeito, o corpo nos suscita mil obstáculos pela necessidade em que nos achamos de cuidar dele. Ademais, ele nos enche de desejos, de apetites, de temores, de mil quimeras e de mil tolices, de maneira que, com ele, impossível se nos torna ser ajuizados, nem por um instante. Todavia se não nos é possível conhecer puramente coisa alguma enquanto a alma nos está ligada ao corpo, de duas uma: ou jamais conheceremos a verdade, ou só a conheceremos após a morte. Libertos da loucura do corpo, conversaremos então, lícito é esperá-lo, com homens igualmente libertos e conheceremos, por nós mesmos, a essência das coisas. Essa a razão por que os verdadeiros filósofos se exercitam em morrer e a morte não se lhes afigura, de modo nenhum, temível.

Está aí o princípio das faculdades da alma obscurecidas por motivo dos órgãos corporais e o da expansão dessas faculdades depois da morte. Trata-se, porém, apenas de almas já depuradas; o mesmo não se dá com as almas impuras. (O céu e o inferno, 1a Parte, cap. II; 2a Parte, cap. I.)

NOSSO COMENTÁRIO

O ensinamento de Sócrates destaca a dificuldade de alcançar a verdade enquanto estamos ligados ao corpo, devido às necessidades físicas, aos desejos e aos temores que ele nos traz.

Somente após a morte, quando a alma estiver livre do corpo, será possível alcançar a verdade de forma pura.

Segundo Sócrates, os verdadeiros filósofos estão preparados para a morte, pois entendem que é somente após a separação da alma do corpo que se pode alcançar a verdade plenamente.

Allan Kardec comenta que esse ensinamento está em consonância com a visão espírita, que também ensina que a alma, enquanto ligada ao corpo físico, está sujeita a influências que a impedem de perceber a verdade claramente.

A libertação da alma do corpo após a morte é vista como um processo necessário para que as faculdades da alma se expandam e ela possa compreender a essência das coisas de forma mais completa.

Kardec ressalta, no entanto, que essa expansão das faculdades da alma após a morte é válida apenas para as almas que já estão purificadas, não se aplicando às almas impuras.

IV. A alma impura, nesse estado, se encontra oprimida e se vê de novo arrastada para o mundo visível, pelo horror do que é invisível e imaterial.

Erra, então, diz-se, em torno dos monumentos e dos túmulos, junto aos quais já se têm visto tenebrosos fantasmas, quais devem ser as imagens das almas que deixaram o corpo sem estarem ainda inteiramente puras, que ainda conservam alguma coisa da forma material, o que faz que a vista humana possa percebê-las.

Não são as almas dos bons; são, porém, as dos maus, que se veem forçadas a vagar por esses lugares, onde arrastam consigo a pena da primeira vida que tiveram e onde continuam a vagar até que os apetites inerentes à forma material de que se revestiram as reconduzam a um corpo.

Então, sem dúvida, retomam os mesmos costumes que durante a primeira vida constituíam objeto de suas predileções.

Não somente o princípio da reencarnação se acha aí claramente expresso, mas também o estado das almas que se mantêm sob o jugo da matéria é descrito qual o mostra o Espiritismo nas evocações. Mais ainda: no tópico acima se diz que a reencarnação num corpo material é consequência da impureza da alma, enquanto as almas purificadas se encontram isentas de reencarnar. Outra coisa não diz o Espiritismo, acrescentando apenas que a alma, que boas resoluções tomou na erraticidade e que possui conhecimentos adquiridos, traz, ao renascer, menos defeitos, mais virtudes e ideias intuitivas do que

tinha na sua existência precedente. Assim, cada existência lhe marca um progresso intelectual e moral. (O céu e o inferno, 2a Parte: Exemplos.)

NOSSO COMENTÁRIO

A doutrina de Sócrates aborda a condição da alma impura após a morte, descrevendo-a como oprimida e sendo arrastada de volta ao mundo visível pelo medo do invisível e do imaterial.

Essas almas impuras vagam em torno de monumentos e túmulos, sendo percebidas como fantasmas por ainda conservarem alguma forma material.

São descritas como almas más que vagam pelos lugares onde arrastam consigo as consequências de suas más ações da vida passada, até que sejam atraídas de volta a um corpo pela atração aos prazeres materiais.

Allan Kardec esclarece que esse ensinamento está em linha com a doutrina espírita, que também ensina sobre a reencarnação e descreve o estado das almas que permanecem ligadas à matéria após a morte.

Ele destaca que as almas impuras são as que precisam reencarnar em corpos materiais devido à impureza de suas ações passadas.

As almas purificadas, por outro lado, estão livres da necessidade de reencarnar e, ao renascerem, trazem consigo menos defeitos, mais virtudes e ideias intuitivas, o que representa um progresso intelectual e moral a cada existência.

Assim, a reencarnação é vista como um processo de aprendizado e purificação da alma, permitindo-lhe evoluir ao longo das diversas encarnações.

Esse trecho da doutrina de Sócrates aborda a condição da alma impura após a morte, descrevendo-a como oprimida e sendo arrastada de volta ao mundo visível pelo medo do invisível e do imaterial.

Essas almas impuras vagam em torno de monumentos e túmulos, sendo percebidas como fantasmas por ainda conservarem alguma forma material.

São descritas como almas más que vagam pelos lugares onde arrastam consigo as consequências de suas más ações da vida passada, até que sejam atraídas de volta a um corpo pela atração aos prazeres materiais.

Allan Kardec esclarece que esse ensinamento está em linha com a doutrina espírita, que também ensina sobre a reencarnação e descreve o estado das almas que permanecem ligadas à matéria após a morte.

Ele destaca que as almas impuras são as que precisam reencarnar em corpos materiais devido à impureza de suas ações passadas.

As almas purificadas, por outro lado, estão livres da necessidade de reencarnar e, ao renascerem, trazem consigo menos defeitos, mais virtudes e ideias intuitivas, o que representa um progresso intelectual e moral a cada existência.

Assim, a reencarnação é vista como um processo de aprendizado e purificação da alma, permitindo-lhe evoluir ao longo das diversas encarnações.

V. Após a nossa morte, o gênio (daïmon, demônio), que nos fora designado durante a vida, leva-nos a um lugar onde se reúnem todos os que têm de ser conduzidos ao Hades, para serem julgados. As almas, depois de haverem estado no Hades o tempo necessário, são reconduzidas a esta vida em múltiplos e longos períodos.

É a doutrina dos anjos guardiães, ou Espíritos protetores, e das reencarnações sucessivas, em seguida a intervalos mais ou menos longos de erraticidade.

NOSSO COMENTÁRIO

A doutrina de Sócrates fala sobre a crença de que, após a morte, somos conduzidos por um gênio ou demônio (daïmon) ao Hades, onde todas as almas são reunidas para serem julgadas.

Depois de um período necessário no Hades, as almas são reconduzidas à vida terrena em múltiplos e longos períodos.

Essa crença remete à ideia dos anjos guardiães ou Espíritos protetores, que acompanham e orientam os indivíduos ao longo de suas vidas, e à doutrina das reencarnações sucessivas, com intervalos de tempo mais ou menos longos de existência no mundo espiritual (erraticidade).

Allan Kardec entende que essa visão compartilhada por Sócrates apresenta semelhanças com o conceito espírita dos Espíritos protetores, que nos guiam e protegem durante nossa existência terrena, e com a doutrina das reencarnações sucessivas, que são parte do processo de evolução da alma.

Embora os termos e as concepções possam variar, a essência dessas ideias é reconhecida como uma forma de explicar a continuidade da vida espiritual e a progressão da alma ao longo de suas experiências.

VI. Os demônios ocupam o espaço que separa o céu da Terra; constituem o laço que une o Grande Todo a si mesmo. Não entrando nunca a divindade em comunicação direta com o homem, é por intermédio dos demônios que os deuses entram em comércio e se entretêm com ele, quer durante a vigília, quer durante o sono.

A palavra *daïmon*, da qual fizeram o termo demônio, não era, na Antiguidade, tomada à má parte, como nos tempos modernos. Não designava exclusivamente seres malfazejos, mas todos os Espíritos, em geral, dentre os quais se destacavam os Espíritos superiores, chamados deuses, e os menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que comunicavam diretamente com os homens. Também o Espiritismo diz que os Espíritos povoam o Espaço; que Deus só se comunica com os homens por intermédio dos Espíritos puros, que são os incumbidos de lhes transmitir as vontades; que os Espíritos se comunicam com eles durante a vigília e durante o sono. Ponde, em lugar da palavra demônio, a palavra Espírito e tereis a Doutrina Espírita; ponde a palavra anjo e tereis a doutrina cristã.

NOSSO COMENTÁRIO

A doutrina de Sócrates aborda a crença de que os demônios ocupam o espaço entre o céu e a Terra, sendo eles o meio pelo qual os deuses se comunicam e se relacionam com os humanos, tanto durante a vigília quanto durante o sono.

A palavra 'daïmon', que deu origem ao termo 'demônio', não era necessariamente negativa na Antiguidade, mas sim referia-se a todos os tipos de espíritos, inclusive os mais elevados (deuses) e os menos elevados (demônios), que se comunicavam diretamente com os humanos.

Allan Kardec, ao comentar esse trecho, destaca a semelhança com a doutrina espírita.

Ele ressalta que, segundo o Espiritismo, os espíritos povoam o espaço entre o céu e a Terra, e que Deus se comunica com os humanos por meio dos espíritos puros, que são os mensageiros das vontades divinas.

Durante a vigília e o sono, os espíritos podem se comunicar conosco.

Kardec esclarece que ao substituímos a palavra 'demônio' por 'espírito', temos a doutrina espírita, e ao substituímos por 'anjo', a doutrina cristã.

Isso destaca a similaridade entre esses conceitos e a continuidade dos ensinamentos ao longo da história

VII. A preocupação constante do filósofo (tal como o compreendiam Sócrates e Platão) é a de tomar o maior cuidado com a alma, menos pelo que respeita a esta vida, que não dura mais que um instante, do que tendo em vista a eternidade. Desde que a alma é imortal, não será prudente viver visando à eternidade?

O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa.

NOSSO COMENTÁRIO

Sócrates e Platão destacam a importância de cuidar da alma não apenas para esta vida passageira, mas também pensando na eternidade.

A imortalidade da alma sugere que viver com foco na eternidade é prudente.

Essa perspectiva filosófica se conecta com os ensinamentos do Cristianismo e do Espiritismo, que compartilham a ideia de que a atenção à alma e às questões eternas é fundamental.

Allan Kardec, ao comentar o texto, destaca a semelhança entre essa visão filosófica e os ensinamentos do Espiritismo.

Ele enfatiza que tanto o Cristianismo quanto o Espiritismo concordam com a importância de cuidar da alma e viver de acordo com princípios morais elevados, não apenas considerando a vida terrena, mas também visando à eternidade.

A preocupação com a imortalidade da alma e a busca pela evolução espiritual são pontos de convergência entre essas doutrinas.

VIII. Se a alma é imaterial, tem de passar, após essa vida, a um mundo igualmente invisível e imaterial, do mesmo modo que o corpo, decompondo-se, volta à matéria. Muito importa, no entanto, distinguir bem a alma pura, verdadeiramente imaterial, que se alimenta, como Deus, de ciência e pensamentos, da alma mais ou menos maculada de impurezas materiais, que a impedem de elevar-se para o divino e a retêm nos lugares da sua estada na Terra.

Sócrates e Platão, como se vê, compreendiam perfeitamente os diferentes graus de desmaterialização da alma. Insistem na diversidade de situação que resulta para elas da sua maior ou menor pureza. O que eles diziam, por intuição, o Espiritismo o prova com os inúmeros exemplos que nos põe sob as vistas. (O céu e o inferno, 2a Parte.)

NOSSO COMENTÁRIO

Sócrates, em sua doutrina, comenta a questão da imaterialidade da alma e sua transição para um mundo invisível e imaterial após a morte, da mesma forma que o corpo volta à matéria.

Ele destaca a importância de distinguir entre a alma pura, verdadeiramente imaterial, que se alimenta de conhecimento e pensamentos, e a alma mais ou menos maculada de impurezas materiais, que a impedem de elevar-se para o divino e a mantêm ligada aos lugares terrenos.

Allan Kardec coloca em destaque a concordância entre essas ideias filosóficas e os ensinamentos do Espiritismo.

Ressalta que o Espiritismo também reconhece a diversidade de situações das almas após a morte, com base em sua maior ou menor pureza espiritual.

Através de exemplos e casos observados nas comunicações mediúnicas, o Espiritismo demonstra a realidade dessas diferenças e a importância da evolução espiritual para alcançar estados mais elevados de desmaterialização e proximidade com o divino

IX. Se a morte fosse a dissolução completa do homem, muito ganhariam com a morte os maus, pois se veriam livres, ao mesmo tempo, do corpo, da alma e dos vícios. Aquele que guarnecer a alma, não de ornatos estranhos, mas com os que lhe são próprios, só esse poderá aguardar tranquilamente a hora da sua partida para o outro mundo.

Equivale isso a dizer que o materialismo, com o proclamar para depois da morte o nada, anula toda responsabilidade moral ulterior, sendo, consequentemente, um incentivo para o mal; que o mau tem tudo a ganhar do nada. Somente o homem que se despojou dos vícios e se enriqueceu de virtudes, pode esperar com tranquilidade o despertar na outra vida. Por meio de exemplos, que todos os dias nos apresenta, o Espiritismo mostra quão penoso é, para o mau, o passar desta à outra vida, a entrada na vida futura. (O céu e o inferno, 2a Parte, cap. I.)

NOSSO COMENTÁRIO

A doutrina de Sócrates destaca a visão de que se a morte fosse simplesmente o fim completo do homem, os maus se beneficiariam ao se verem livres do corpo, da alma e dos vícios.

Ele ressalta a importância de preparar a alma com virtudes, em vez de adornos externos, para enfrentar tranquilamente a transição para o outro mundo.

O texto argumenta contra o materialismo, que nega a existência de vida após a morte, sugerindo que essa visão anula a responsabilidade moral e serve como incentivo para o mal, já que o mau teria tudo a ganhar com o nada.

Apenas aqueles que se despojaram dos vícios e cultivaram virtudes podem aguardar com tranquilidade a passagem para a vida após a morte.

Allan Kardec também ressalta a consonância entre essa visão filosófica e os ensinamentos do Espiritismo.

O Espiritismo também ensina sobre a continuidade da vida após a morte e a importância da preparação moral para essa transição.

Por meio de exemplos e relatos, o Espiritismo demonstra como a passagem para a vida espiritual pode ser penosa para aqueles que não cultivaram virtudes e se deixaram dominar pelos vícios.

Kardec enfatiza a ideia de que a vida após a morte é consequência das escolhas e ações realizadas nesta vida, ressaltando a importância da responsabilidade moral e do desenvolvimento espiritual

X. O corpo conserva bem impressos os vestígios dos cuidados de que foi objeto e dos acidentes que sofreu. Dá-se o mesmo com a alma. Quando despida do corpo, ela guarda, evidentes, os traços do seu caráter, de suas afeições e as marcas que lhe deixaram todos os atos de sua vida. Assim, a maior desgraça que pode acontecer ao homem é ir para o outro mundo com a alma carregada de crimes. Vês, Cálicles, que nem tu, nem Pólux, nem Górgias podereis provar que devemos levar outra vida que nos seja útil quando estejamos do outro lado. De tantas opiniões diversas, a única que permanece inabalável é a de que mais vale

receber do que cometer uma injustiça e que, acima de tudo, devemos cuidar, não de parecer, mas de ser homem de bem. (Colóquios de Sócrates com seus discípulos, na prisão.)

Depara-se-nos aqui outro ponto capital, confirmado hoje pela experiência: o de que a alma não depurada conserva as ideias, as tendências, o caráter e as paixões que teve na Terra. Não é inteiramente cristã esta máxima: mais vale receber do que cometer uma injustiça? O mesmo pensamento exprimiu Jesus, usando desta figura: "Se alguém vos bater numa face, apresentai-lhe a outra." (Cap. XII, itens 7 e 8.)

NOSSO COMENTÁRIO

A doutrina de Sócrates destaca a crença de que, assim como o corpo conserva as marcas dos cuidados e acidentes que sofreu, a alma guarda os traços do seu caráter, afeições e as marcas deixadas pelos atos de sua vida.

Para Sócrates, a maior desgraça seria partir para o outro mundo com a alma carregada de crimes, enfatizando a importância de cultivar a virtude e a retidão de caráter.

Ele argumenta que é mais valioso receber uma injustiça do que cometer uma, sugerindo que a verdadeira nobreza está em ser uma pessoa de bem, independentemente das aparências.

Allan Kardec, comentando esse texto, põe em relevo a concordância entre essa visão filosófica e os ensinamentos do Espiritismo.

Enfatiza que a experiência espírita confirma a ideia de que a alma não depurada conserva suas ideias, tendências, caráter e paixões da vida terrena após a morte.

Ele também ressalta a semelhança entre a máxima de Sócrates e o ensinamento de Jesus sobre a importância de não retribuir o mal com o mal, exemplificado na passagem bíblica sobre oferecer a outra face quando alguém bater em uma.

Ambos os ensinamentos enfatizam a importância da virtude, da tolerância e da não retaliação como caminhos para a evolução espiritual.

XI. De duas uma: ou a morte é uma destruição absoluta, ou é passagem da alma para outro lugar. Se tudo tem de extinguir-se, a morte será como uma dessas raras noites que passamos sem sonho e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Todavia, se a morte é apenas uma mudança de morada, a passagem para o lugar onde os mortos se têm de reunir, que felicidade a de encontrarmos lá aqueles a quem conhecemos! O meu maior prazer seria examinar de perto os habitantes dessa outra morada e de distinguir lá, como aqui, os que são dignos dos que se julgam tais e não o são. No entanto, é tempo de nos separarmos, eu para morrer, vós para viverdes. (Sócrates aos seus juízes.)

Segundo Sócrates, os que viveram na Terra se encontram após a morte e se reconhecem. Mostra o Espiritismo que continuam as relações que entre eles se estabeleceram, de tal maneira que a morte não é nem uma interrupção, nem a cessação da vida, mas uma transformação, sem solução de continuidade.

Houvessem Sócrates e Platão conhecido os ensinamentos que o Cristo difundiu quinhentos anos mais tarde e os que agora o Espiritismo espalha, e não teriam falado de outro modo. Não há nisso, entretanto, o que surpreenda, se considerarmos que as grandes verdades são eternas e que os Espíritos adiantados hão de tê-las conhecido antes de virem à Terra, para onde as trouxeram; que Sócrates, Platão e os grandes filósofos daqueles tempos bem podem, depois, ter sido dos que secundaram o Cristo na sua missão divina, escolhidos para esse fim precisamente por se acharem, mais do que outros, em condições de lhe compreenderem as sublimes lições; que, finalmente, pode dar-se façam eles agora parte da plêiade dos Espíritos encarregados de ensinar aos homens as mesmas verdades.

NOSSO COMENTÁRIO

Na doutrina de Sócrates, é abordada a questão da morte como uma possível passagem da alma para outro lugar.

Sócrates expressa o desejo de encontrar aqueles que conheceu após a morte, sugerindo a continuidade das relações e o reconhecimento mútuo após a vida terrena.

Ele enfatiza a ideia de que a morte não é uma interrupção ou cessação da vida, mas sim uma transformação sem solução de continuidade.

Allan Kardec também ressalta a consonância entre essas ideias e os ensinamentos do Espiritismo.

Ele destaca que o Espiritismo também ensina sobre a continuidade da vida após a morte e a possibilidade de os espíritos se reconhecerem e manterem relações após a desencarnação.

Kardec é da opinião de que, se Sócrates e Platão tivessem conhecido os ensinamentos de Cristo e do Espiritismo, teriam expressado ideias semelhantes, pois as grandes verdades são eternas e os espíritos adiantados as conheciam antes de virem à Terra.

Ele afirma que os grandes filósofos do passado foram escolhidos para secundar a missão de Cristo por estarem mais aptos a compreender suas lições sublimes.

XII. Nunca se deve retribuir com outra uma injustiça, nem fazer mal a ninguém, seja qual for o dano que nos hajam causado. Poucos, no entanto, serão os que admitam esse princípio, e os que se desentenderem a tal respeito nada mais farão, sem dúvida, do que se votarem uns aos outros mútuos desprezo.

Não está aí o princípio de caridade, que prescreve não se retribua o mal com o mal e se perdoe aos inimigos?

NOSSO COMENTÁRIO

Esse trecho da doutrina de Sócrates ressalta a importância de não retribuir uma injustiça com outra injustiça e de não fazer mal a ninguém, independentemente do dano que tenham causado a nós.

Sócrates observa que poucos são aqueles que realmente adotam esse princípio, e aqueles que discordam provavelmente se afastarão mutuamente, resultando em um sentimento de desprezo mútuo.

Ele sugere que esse princípio reflete a ideia de caridade, que instrui a não retribuir o mal com o mal e a perdoar aos inimigos.

Allan Kardec destaca a concordância entre esse princípio de Sócrates e os ensinamentos cristãos, que também pregam a não violência, o perdão e o amor ao próximo.

Ele ressalta que a ideia de não retribuir o mal com o mal e perdoar aos inimigos é uma das bases da moral cristã e também encontra eco no Espiritismo.

Mostra a importância de cultivar a caridade e a compreensão em todas as nossas interações, como um caminho para a evolução espiritual e a harmonia social.

XIII. É pelos frutos que se conhece a árvore. Toda ação deve ser qualificada pelo que produz: qualificá-la de má, quando dela provenha mal; de boa, quando dê origem ao bem.

Esta máxima: "Pelos frutos é que se conhece a árvore", se encontra muitas vezes repetida textualmente no Evangelho.

NOSSO COMENTÁRIO

A doutrina de Sócrates põe em relevo a ideia de que as ações devem ser julgadas pelos resultados que produzem: uma ação é considerada má se dela resultar mal, e boa se dela resultar bem.

Ele compara essa ideia com a expressão bíblica 'Pelos frutos é que se conhece a árvore', que enfatiza a importância de avaliar as pessoas ou coisas pelos resultados que produzem, assim como se julga uma árvore pelos frutos que dá.

Allan Kardec põe em relevo a semelhança entre essa máxima de Sócrates e os ensinamentos do Evangelho.

Declara que tanto o Espiritismo quanto o Cristianismo valorizam a ideia de que as ações devem ser julgadas pelos resultados que produzem, e que os frutos de nossas ações são indicativos de nossa verdadeira natureza e intenções.

Também enfatiza a importância de agir com responsabilidade e consciência dos efeitos de nossas ações sobre nós mesmos e sobre os outros.

XIV. A riqueza é um grande perigo. Todo homem que ama a riqueza não ama a si mesmo, nem ao que é seu; ama a uma coisa que lhe é ainda mais estranha do que o que lhe pertence. (Cap. XVI.)

XV. As mais belas preces e os mais belos sacrifícios prazem menos à Divindade do que uma alma virtuosa que faz esforços por se lhe assemelhar.

Grave coisa fora que os deuses dispensassem mais atenção às nossas oferendas do que à nossa alma; se tal se desse, poderiam os mais culpados conseguir que eles se lhes tornassem propícios. Mas não: verdadeiramente justos e retos só o são os que, por suas palavras e atos, cumprem seus deveres para com os deuses e para com os homens. (Cap. X, itens 7 e 8.)

XVI. Chamo homem vicioso a esse amante vulgar, que mais ama o corpo do que a alma. O amor está por toda parte em a Natureza, que nos convida ao exercício da nossa inteligência; até no movimento dos astros o encontramos. É o amor que orna a Natureza de seus ricos tapetes; ele se enfeita e fixa morada onde se lhe deparem flores e perfumes. É ainda o amor que dá paz aos homens, calma ao mar, silêncio aos ventos e sono à dor.

O amor, que há de unir os homens por um laço fraternal, é uma consequência dessa teoria de Platão sobre o amor universal como Lei da Natureza. Tendo dito Sócrates que "o amor não é nem um deus, nem um mortal, mas um grande demônio", isto é, um grande Espírito que preside ao amor universal, essa proposição lhe foi imputada como crime.

NOSSO COMENTÁRIO

Esses itens da doutrina de Sócrates abordam diferentes aspectos da vida moral e espiritual, refletindo princípios que também são valorizados pelo Espiritismo:

XIV. A riqueza é um grande perigo. Sócrates adverte sobre os perigos da ambição desmedida pela riqueza, sugerindo que quem ama a riqueza mais do que a si mesmo ou ao que é seu está se dedicando a algo estranho e distante de sua própria essência.

Esse ensinamento ressalta a importância do desapego material e da valorização do que é verdadeiramente essencial para o ser humano, princípios que também são destacados no Espiritismo.

XV. As mais belas preces e os mais belos sacrifícios prazem menos à Divindade do que uma alma virtuosa que faz esforços por se lhe assemelhar.

Sócrates enfatiza que a verdadeira adoração não está nos rituais externos, mas na busca por uma vida virtuosa e em conformidade com os princípios divinos.

Ele sugere que os deuses valorizam mais as nossas ações e o nosso caráter do que os nossos atos de devoção formal.

Essa ideia ressoa com o princípio espírita de que o verdadeiro culto a Deus está na prática da caridade e no esforço contínuo de melhorar moralmente.

XVI. Chamo homem vicioso a esse amante vulgar, que mais ama o corpo do que a alma.

Sócrates valoriza o amor que transcende o físico e se estende à inteligência e à beleza moral.

Ele descreve o amor como uma força presente em toda a natureza, que harmoniza e dá significado à vida.

Esse conceito se alinha com a visão espírita de que o amor é a lei maior que rege o universo, e que o verdadeiro progresso humano está no desenvolvimento espiritual e na fraternidade entre os seres.

Allan Kardec, demonstra a harmonia entre os ensinamentos de Sócrates e os princípios fundamentais do Espiritismo, que valorizam o desapego material, a busca pela virtude, a importância da moralidade nas ações e a primazia do amor como força transformadora e unificadora.

XVII. A virtude não pode ser ensinada; vem por dom de Deus aos que a possuem.

É quase a doutrina cristã sobre a graça; mas se a virtude é um dom de Deus, é um favor e, então, pode perguntar-se por que não é concedida a todos. Por outro lado, se é um dom, carece de mérito para aquele que a possui. O Espiritismo é mais explícito, dizendo que aquele que possui a virtude a adquiriu por seus esforços, em existências sucessivas, despojando-se pouco a pouco de

suas imperfeições. A graça é a força que Deus faculta ao homem de boa vontade para se expungir do mal e praticar o bem.

NOSSO COMENTÁRIO

A doutrina de Sócrates aborda a natureza da virtude e sua relação com a divindade, levantando questões semelhantes às discutidas no Cristianismo e no Espiritismo:

Sócrates sugere que a virtude é um dom divino concedido àqueles que já a possuem, o que é semelhante à doutrina cristã da graça divina, que é vista como um presente de Deus para os fiéis.

No entanto, ele questiona por que esse dom não é concedido a todos e se aquele que a possui realmente tem mérito.

Essas reflexões são pertinentes, pois abordam a questão da justiça divina e do papel humano na busca da virtude.

Allan Kardec, revela a visão do Espiritismo sobre a virtude e a graça.

Explica que, no Espiritismo, a virtude é adquirida por meio dos esforços individuais ao longo de várias existências, conforme a alma se despoja de suas imperfeições gradualmente.

A graça, nesse contexto, seria a assistência divina concedida aos que estão dispostos a se libertar do mal e praticar o bem, representando uma oportunidade para o aprimoramento espiritual, mas que requer o mérito e a busca ativa da pessoa.

Kardec destaca a importância do livre-arbítrio e do esforço pessoal na jornada moral do ser humano, conceitos fundamentais no Espiritismo.

XVIII. É disposição natural em todos nós a de nos apercebermos muito menos dos nossos defeitos, do que dos de outrem.

Diz o Evangelho: "Vedes a palha que está no olho do vosso próximo e não vedes a trave que está no vosso." (Cap. X, itens 9 e 10.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esse ensinamento de Sócrates destaca a tendência natural das pessoas de perceberem mais facilmente os defeitos alheios do que os próprios.

Essa reflexão é semelhante ao ensinamento cristão citado, que adverte sobre a hipocrisia de julgar os outros sem antes reconhecer e corrigir os próprios defeitos.

Ambos os ensinamentos ressaltam a importância da autoconsciência e da humildade, incentivando a autorreflexão e a busca pela melhoria pessoal.

Reconhecer essa tendência humana pode nos ajudar a cultivar uma atitude mais compassiva e tolerante em relação aos outros, ao mesmo tempo em que nos motiva a trabalhar em nossas próprias imperfeições.

XIX. Se os médicos são malsucedidos, tratando da maior parte das moléstias, é que tratam do corpo, sem tratarem da alma. Ora, não se achando o todo em bom estado, impossível é que uma parte dele passe bem.

O Espiritismo fornece a chave das relações existentes entre a alma e o corpo e prova que um reage incessantemente sobre o outro. Abre, assim, nova senda para a Ciência. Com o lhe mostrar a verdadeira causa de certas afecções, faculta-lhe os meios de as combater. Quando a Ciência levar em conta a ação do elemento espiritual na economia, menos frequentes serão os seus maus êxitos.

NOSSO COMENTÁRIO

Os ensinamentos de Sócrates destacam a importância da relação entre corpo e alma na saúde humana, uma visão que também encontra paralelos no Espiritismo.

Sócrates sugere que os médicos muitas vezes falham em curar doenças porque tratam apenas o corpo, sem considerar a influência da alma.

Ele argumenta que, se o todo não está em bom estado, é impossível que uma parte esteja bem.

Essa ideia ressoa com a compreensão espírita de que corpo e alma estão interligados e influenciam-se mutuamente.

Allan Kardec comenta a contribuição do Espiritismo para a ciência médica, fornecendo uma nova perspectiva sobre a relação entre corpo e alma.

O Espiritismo, ao explicar essa interação, oferece uma chave para entender a verdadeira causa de certas afecções e, conseqüentemente, proporciona novos métodos para combatê-las.

Kardec enfatiza que, ao considerar a dimensão espiritual na saúde humana, a ciência pode obter melhores resultados em seus tratamentos, reduzindo assim os fracassos médicos.

Essa abordagem mais holística e integrativa, segundo o Espiritismo, poderia abrir novos caminhos para a medicina e contribuir para uma compreensão mais completa da saúde e da doença.

XX. Todos os homens, a partir da infância, muito mais fazem de mal do que de bem.

Essa sentença de Sócrates fere a grave questão da predominância do mal na Terra, questão insolúvel sem o conhecimento da pluralidade dos mundos e da destinação do planeta terreno, habitado apenas por uma fração mínima da Humanidade. Somente o Espiritismo resolve essa questão, que se encontra explanada aqui adiante, nos capítulos (II, III e IV).

NOSSO COMENTÁRIO

Sócrates, ao afirmar que os homens fazem mais mal do que bem desde a infância, destaca uma observação sobre a natureza humana e a prevalência das ações negativas em comparação com as positivas.

Ao comentar essa sentença, Kardec relaciona essa visão com a questão da predominância do mal na Terra, algo que, para ele, só será compreensível através do conhecimento espírita sobre a pluralidade dos mundos e a destinação do planeta terreno.

O Espiritismo, segundo Kardec, oferece uma solução para essa questão ao explicar que a Terra é habitada apenas por uma fração mínima da Humanidade, sendo um local de provas e expiações.

Para ele, a compreensão da pluralidade dos mundos e da destinação terrena ajudaria a entender por que o mal parece predominar no mundo, ao mesmo tempo em que ressalta a importância do livre-arbítrio e do progresso espiritual para superar essa condição.

XXI. Ajuizado serás, não supondo que sabes o que ignoras.

Isso vai com vistas aos que criticam aquilo de que desconhecem até mesmo os primeiros termos. Platão completa esse pensamento de Sócrates, dizendo: "Tentemos, primeiro, torná-los, se for possível, mais honestos nas palavras; se não o forem, não nos preocupemos com eles e não procuremos senão a verdade. Cuidemos de instruir-nos, mas não nos injuriemos." É assim que devem proceder os espíritas com relação aos seus contraditores de boa ou má-fé. Revivesse hoje Platão e acharia as coisas quase como no seu tempo e poderia usar da mesma linguagem. Também Sócrates toparia criaturas que zombariam da sua crença nos Espíritos e que o qualificariam de louco, assim como ao seu discípulo Platão.

Foi por haver professado esses princípios que Sócrates se viu ridiculizado, depois acusado de impiedade e condenado a beber cicuta. Tão certo é que, levantando contra si os interesses e os preconceitos que elas ferem, as grandes verdades novas não se podem firmar sem luta e sem fazer mártires.

NOSSO COMENTÁRIO

Este trecho reforça a importância da humildade intelectual e do respeito ao desconhecido, fundamentais para evitar críticas infundadas e manter-se receptivo à verdade.

Platão, ao complementar o pensamento de Sócrates, destaca a necessidade de ser honesto nas palavras e buscar a verdade, mesmo diante de críticas e oposições.

Allan Kardec afirma que os espíritas devem agir da mesma forma diante de seus críticos, buscando instruir-se, sem se deixar abalar por injúrias ou falta de honestidade alheia.

O comentário também salienta que, se Sócrates e Platão vivessem na era moderna, enfrentariam desafios semelhantes aos de sua época, incluindo a ridicularização e acusações de loucura por parte daqueles que não compreendem ou não aceitam suas ideias.

Isso ressalta a dificuldade de introduzir grandes verdades novas e a luta e sacrifício muitas vezes associados a essa tarefa.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo I - Não vim destruir a lei

- **As três revelações: Moisés, Cristo, Espiritismo**
- **Aliança da Ciência e da Religião**
- **Instruções dos Espíritos: A nova era**

As três revelações: Moisés, Cristo, Espiritismo

1. Não penseis que eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas; não os vim destruir, mas cumpri-los: porquanto em verdade vos digo que o céu e a Terra não passarão, sem que tudo o que se acha na lei esteja perfeitamente cumprido, enquanto reste um único iota e um único ponto. (Mateus, 5:17 e 18.)

Moisés

2. Na lei mosaica, há duas partes distintas: a Lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo. A Lei de Deus está formulada nos dez mandamentos seguintes:

I. Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito, da casa da servidão. Não tereis, diante de mim, outros deuses estrangeiros. Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma do que está em cima do céu, nem embaixo na Terra, nem do que quer que esteja nas águas sob a terra. Não os adorareis e não lhes prestareis culto soberano.

II. Não pronunciareis em vão o nome do Senhor, vosso Deus.

III. Lembrai-vos de santificar o dia do sábado.

IV. Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.

V. Não mateis.

VI. Não cometais adultério.

VII. Não roubeis.

VIII. Não presteis testemunho falso contra o vosso próximo.

IX. Não desejeis a mulher do vosso próximo.

X. Não cobiceis a casa do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu asno, nem qualquer das coisas que lhe pertençam.

É de todos os tempos e de todos os países essa lei e tem, por isso mesmo, caráter divino. Todas as outras são leis que Moisés decretou, obrigado que se via a conter, pelo temor, um povo de seu natural turbulento e indisciplinado, no qual tinha ele de combater arraigados abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravidão do Egito. Para imprimir autoridade às suas leis, houve de lhes atribuir origem divina, conforme o fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. A autoridade do homem precisava apoiar-se na autoridade de Deus; mas só a ideia de um Deus terrível podia impressionar criaturas ignorantes, nas quais ainda pouco desenvolvidos se encontravam o senso moral e o sentimento de uma justiça reta. É evidente que aquele que incluía, entre os seus mandamentos, este: "Não matareis; não causareis dano ao vosso próximo", não poderia contradizer-se, fazendo da exterminação um dever. As leis mosaicas, propriamente ditas, revestiam, pois, um caráter essencialmente transitório.

Esses textos truncados que aparecem na tradução da Igreja Anglicana, na Católica de Figueiredo, na Protestante de Almeida e outras, tornam monstruosa a Justiça divina, pois que filhos, netos, bisnetos, tetranetos inocentes teriam de ser castigados pelo pecado dos pais, avós, bisavós, tetravós. Foi uma infeliz tentativa de acomodação da Lei à vida única.

O texto certo que, por mercê de Deus, já está reproduzido pelas edições recentíssimas a que nos referimos — traduções Brasileira e de Zamenhof —, que conferem com São Jerônimo, mostra que a Lei ensina veladamente a reencarnação e as expiações e provas. Na primeira e na segunda gerações, como contemporâneos de seus filhos e netos, o Espírito culpado ainda não reencarnou, mas um pouco mais tarde — na terceira e quarta gerações — já ele voltou e recebe as consequências de suas faltas. Assim, o culpado mesmo, e não outrem, paga sua dívida.

Logo, tem-se de excluir a 1ª e 2ª gerações e expressar "na" 3ª e 4ª, como realmente é o original.

Achamos conveniente acrescentar aqui esta nota, para facilitar a compreensão do estudioso que confronte a sua tradução da Bíblia com a citação do Mestre.

NOSSO COMENTÁRIO

O capítulo I do Evangelho Segundo o Espiritismo apresenta um trecho fundamental em que Jesus declara não ter vindo para destruir a lei ou os profetas, mas para cumpri-los.

Isso é significativo porque demonstra a continuidade e a validade dos ensinamentos anteriores, especialmente os transmitidos por Moisés.

No comentário de Allan Kardec sobre o trecho, ele faz uma distinção entre a Lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar decretada por Moisés.

A Lei de Deus, representada pelos dez mandamentos, é considerada invariável, enquanto as leis civis ou disciplinares, apropriadas aos costumes e ao caráter do povo, se modificam com o tempo.

Kardec destaca que a Lei de Deus é atemporal e tem caráter divino, sendo válida para todos os tempos e lugares.

Já as leis de Moisés, criadas para conter um povo turbulento e indisciplinado, tinham caráter transitório e foram adaptadas à realidade da época.

Para garantir a autoridade dessas leis, Moisés as atribuiu a origem divina, o que era comum entre os legisladores dos povos antigos.

Essa análise ressalta a importância de compreendermos a contextualização dos ensinamentos religiosos e a evolução dos preceitos morais ao longo da história, sempre considerando o seu significado profundo e universal.

O Cristo

3. Jesus não veio destruir a lei, isto é, a Lei de Deus; veio cumpri-la, isto é, desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens. Por isso é que se nos depara, nessa lei, o princípio dos

deveres para com Deus e para com o próximo, base da sua doutrina. Quanto às leis de Moisés, propriamente ditas, Ele, ao contrário, as modificou profundamente, quer na substância, quer na forma. Combatendo constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, por mais radical reforma não podia fazê-las passar, do que as reduzindo a esta única prescrição: "Amar a Deus acima de todas as coisas e o próximo como a si mesmo", e acrescentando: aí estão a lei toda e os profetas.

Por estas palavras: "O céu e a Terra não passarão sem que tudo esteja cumprido até o último iota", quis dizer Jesus ser necessário que a Lei de Deus tivesse cumprimento integral, isto é, fosse praticada na Terra inteira, em toda a sua pureza, com todas as suas ampliações e conseqüências. Efetivamente, de que serviria haver sido promulgada aquela lei, se ela devesse constituir privilégio de alguns homens, ou, ao menos, de um único povo? Sendo filhos de Deus todos os homens, todos, sem distinção nenhuma, são objeto da mesma solícitude.

NOSSO COMENTÁRIO

No item 3, Allan Kardec aborda a relação de Jesus com a Lei de Deus e as leis de Moisés.

Ele destaca que Jesus não veio para destruir a Lei de Deus, mas para cumpri-la, o que significa desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens.

Isso demonstra a natureza progressiva dos ensinamentos divinos, que são ajustados de acordo com a evolução espiritual da humanidade.

Kardec ressalta que, enquanto Jesus modificou profundamente as leis de Moisés, tanto na substância quanto na forma, Ele as reduziu a uma única prescrição: amar a Deus acima de todas as coisas e o próximo como a si mesmo.

Essa simplificação destaca o princípio fundamental do amor como base da doutrina cristã, enfatizando a importância das atitudes e intenções internas sobre as práticas exteriores e as interpretações distorcidas das leis.

Ao afirmar que o céu e a Terra não passarão sem que tudo esteja cumprido até o último iota, Jesus indica a necessidade de que a Lei de Deus seja praticada integralmente em toda a Terra, sem privilegiar alguns homens ou um único povo.

Isso reforça a ideia de que todos os seres humanos são filhos de Deus e, portanto, merecem igual respeito e consideração, independentemente de suas origens ou crenças.

4. O papel de Jesus não foi o de um simples legislador moralista, tendo por exclusiva autoridade a sua palavra. Cabia-lhe dar cumprimento às profecias que lhe anunciaram o advento; a autoridade lhe vinha da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina. Ele viera ensinar aos homens que a verdadeira vida não é a que transcorre na Terra, e sim a que é vivida no Reino dos Céus; viera ensinar-lhes o caminho que a esse reino conduz, os meios de eles se reconciliarem com Deus e de pressentirem esses meios na marcha das coisas por vir, para a realização dos destinos humanos. Entretanto, não disse tudo, limitando-se, respeito a muitos pontos, a lançar o gérmen de verdades que, segundo Ele próprio o declarou, ainda não podiam ser compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos implícitos. Para ser apreendido o sentido oculto de algumas palavras suas, mister se fazia que novas ideias e novos conhecimentos lhes trouxessem a chave indispensável, ideias que, porém, não podiam surgir antes que o espírito humano houvesse alcançado um certo grau de maturidade. A Ciência tinha de contribuir poderosamente para a eclosão e o desenvolvimento de tais ideias. Importava, pois, dar à Ciência tempo para progredir.

NOSSO COMENTÁRIO

No item 4, Allan Kardec esclarece que o papel de Jesus não se resumiu a ser um simples legislador moralista, cuja autoridade derivasse apenas de suas palavras.

Pelo contrário, Jesus veio para cumprir as profecias que anunciaram a sua vinda, sua autoridade provinha da natureza excepcional de seu Espírito e de sua missão divina.

O objetivo de Jesus era ensinar aos homens que a verdadeira vida não se limita à existência terrena, mas à vida no Reino dos Céus.

Ele veio ensinar o caminho para esse reino, os meios de reconciliação com Deus e como perceber esses meios na evolução dos acontecimentos humanos.

No entanto, Jesus não revelou tudo de forma explícita, pois em muitos pontos ele apenas lançou sementes de verdades que não podiam ser compreendidas na época.

Kardec ressalta que, para compreender o sentido oculto das palavras de Jesus, era necessário que novas ideias e conhecimentos surgissem, o que só poderia acontecer quando o espírito humano alcançasse um certo grau de maturidade.

A ciência desempenha um papel fundamental nesse processo, contribuindo para o surgimento e desenvolvimento dessas ideias.

Por isso, era importante dar tempo para que a ciência pudesse progredir e abrir caminho para a compreensão mais profunda das verdades ensinadas por Jesus.

O Espiritismo

5. O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo.

Ele no-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso.

É a essas relações que o Cristo alude em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que Ele disse permaneceu ininteligível ou falsamente interpretado.

O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec nos apresenta o Espiritismo como uma ciência nova que revela aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, assim como suas relações com o mundo físico.

Ele destaca que o Espiritismo não considera o mundo espiritual como algo sobrenatural, mas sim como uma das forças vivas e constantemente atuantes da Natureza.

Kardec ressalta que muitos fenômenos até então considerados fantásticos ou maravilhosos podem ser explicados pelas relações entre o mundo espiritual e o mundo físico.

Ele menciona que o Cristo aludiu a essas relações em várias circunstâncias, o que explica por que muitos dos ensinamentos de Jesus permaneceram incompreendidos ou falsamente interpretados.

Para Kardec, o Espiritismo é a chave que facilita a compreensão de muitos ensinamentos de Jesus e dos fenômenos espirituais, oferecendo uma explicação fácil e coerente para muitos aspectos da vida e da natureza que antes eram considerados inexplicáveis.

6. A lei do Antigo Testamento teve em Moisés a sua personificação; a do Novo Testamento tem-na no Cristo.

O Espiritismo é a terceira revelação da Lei de Deus, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, sim pelos Espíritos, que são as vozes do Céu, em todos os pontos da Terra, com o concurso de uma multidão inumerável de intermediários.

É, de certa maneira, um ser coletivo, formado pelo conjunto dos seres do mundo espiritual, cada um dos quais traz o tributo de suas luzes aos homens, para lhes tornar conhecido esse mundo e a sorte que os espera.

NOSSO COMENTÁRIO

Aqui, o codificador do Espiritismo compara a personificação das leis divinas no Antigo e no Novo Testamento com a ausência de uma personificação no Espiritismo.

Ele afirma que a lei do Antigo Testamento teve em Moisés sua personificação, enquanto a do Novo Testamento teve em Cristo.

No entanto, o Espiritismo, sendo a terceira revelação da Lei de Deus, não tem uma individualidade para personificá-la.

Kardec explica que o Espiritismo é fruto do ensino dado pelos Espíritos, que são as vozes do Céu, em todos os pontos da Terra, com o auxílio de inúmeros intermediários.

Ele descreve o Espiritismo como um ser coletivo, formado pelo conjunto dos seres do mundo espiritual, cada um contribuindo com suas luzes para tornar conhecido esse mundo e a sorte que aguarda os homens.

Essa visão mostra o Espiritismo como uma doutrina que se baseia na comunicação e na colaboração entre os espíritos e os homens, sem depender de uma única figura para representá-la.

O Espiritismo é apresentado como uma revelação contínua, em que os espíritos são os mensageiros que trazem os ensinamentos e as informações sobre o mundo espiritual, contribuindo para o entendimento da vida e do destino humano.

7. Assim como o Cristo disse: "Não vim destruir a lei, porém cumpri-la", também o Espiritismo diz: "Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe execução."

Nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo; mas desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica.

Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras.

Ele é, pois, obra do Cristo, que preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o Reino de Deus na Terra.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec estabelece um paralelo entre o papel do Espiritismo e a declaração de Jesus de que não veio destruir a lei, mas cumpri-la.

Ele afirma que o Espiritismo não vem para destruir a lei cristã, mas para dar-lhe execução. Isso significa que o Espiritismo não contradiz os ensinamentos de Jesus, mas os desenvolve, completa e explica de forma clara e acessível a todos, o que antes era ensinado de forma mais simbólica.

Kardec sugere que o Espiritismo vem cumprir, nos tempos preditos, o que Jesus anunciou e preparar a realização das coisas futuras.

Ele enfatiza que o Espiritismo é uma obra do Cristo, que está presidindo, conforme anunciado, a regeneração que está ocorrendo e preparando o Reino de Deus na Terra.

Essa visão mostra o Espiritismo como uma continuação e ampliação dos ensinamentos de Jesus, uma revelação que esclarece e complementa o que foi ensinado anteriormente.

O Espiritismo é apresentado como uma manifestação do amor e da sabedoria de Jesus, que busca orientar a humanidade no caminho da evolução espiritual e na construção de um mundo mais justo e fraterno.

Aliança da Ciência e da Religião

8. A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral. Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se. Se fossem a negação uma da outra, uma necessariamente estaria em erro e a outra com a verdade, porquanto Deus não pode pretender a destruição de sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens

de ideias provém apenas de uma observação defeituosa e de excesso de exclusivismo, de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância.

São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo têm de ser completados; em que o véu intencionalmente lançado sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual e em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, como duas forças que são, apoiando-se uma na outra e marchando combinadas, se prestarão mútuo concurso. Então, não mais desmentida pela Ciência, a Religião adquirirá inabalável poder, porque estará de acordo com a razão, já se lhe não podendo mais opor a irresistível lógica dos fatos.

A Ciência e a Religião não puderam, até hoje, entender-se, porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, reciprocamente se repeliam. Faltava com que encher o vazio que as separava, um traço de união que as aproximasse. Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o universo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez comprovadas pela experiência essas relações, nova luz se fez: a fé dirigiu-se à razão; esta nada encontrou de ilógico na fé: vencido foi o materialismo. Mas nisso, como em tudo, há pessoas que ficam atrás, até serem arrastadas pelo movimento geral, que as esmaga, se tentam resistir-lhe, em vez de o acompanharem. É toda uma revolução que neste momento se opera e trabalha os espíritos. Após uma elaboração que durou mais de dezoito séculos, chega ela à sua plena realização e vai marcar uma nova era na vida da Humanidade. Fáceis são de prever as consequências: acarretará para as relações sociais inevitáveis modificações, às quais ninguém terá força para se opor, porque elas estão nos desígnios de Deus e derivam da lei do progresso, que é Lei de Deus.

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta passagem, Allan Kardec aborda a relação entre Ciência e Religião, destacando que ambas são essenciais para o desenvolvimento da inteligência humana.

Ele afirma que a Ciência revela as leis do mundo material, enquanto a Religião revela as leis do mundo moral, sendo que essas leis têm o mesmo princípio, que é Deus, e, portanto, não podem contradizer-se.

Kardec argumenta que o conflito entre Ciência e Religião, que deu origem à incredulidade e à intolerância, decorre de uma observação defeituosa e de um excesso de exclusivismo de ambos os lados.

Ele defende que chegou o tempo em que os ensinamentos de Cristo devem ser completados, o véu sobre algumas partes desses ensinamentos deve ser levantado, e a Ciência deve considerar o elemento espiritual, enquanto a Religião deve levar em conta as leis orgânicas e imutáveis da matéria.

Kardec vislumbra um futuro em que Ciência e Religião, apoiando-se mutuamente e marchando combinadas, se prestarão mútuo concurso.

Nesse cenário, a Religião, não mais desmentida pela Ciência, adquirirá poder inabalável por estar de acordo com a razão e com a lógica dos fatos.

Ele conclui que a união entre Ciência e Religião está no conhecimento das leis que regem o universo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, e que essa união marcará uma nova era na vida da Humanidade, trazendo modificações inevitáveis para as relações sociais em conformidade com os desígnios de Deus e a lei do progresso.

Instruções dos Espíritos

A nova era

9. Deus é único e Moisés é o Espírito que Ele enviou em missão para torná-lo conhecido não só dos hebreus, como também dos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento de que se serviu Deus para se revelar por Moisés e pelos profetas, e as vicissitudes por que passou esse povo destinavam-se a

chamar a atenção geral e a fazer cair o véu que ocultava aos homens a divindade.

Os mandamentos de Deus, dados por intermédio de Moisés, contêm o gérmen da mais ampla moral cristã. Os comentários da Bíblia, porém, restringiam-lhe o sentido, porque, praticada em toda a sua pureza, não na teriam então compreendido. Mas nem por isso os dez mandamentos de Deus deixavam de ser um como frontispício brilhante, qual farol destinado a clarear a estrada que a Humanidade tinha de percorrer.

A moral que Moisés ensinou era apropriada ao estado de adiantamento em que se encontravam os povos que ela se propunha regenerar, e esses povos, semisselvagens quanto ao aperfeiçoamento da alma, não teriam compreendido que se pudesse adorar a Deus de outro modo que não por meio de holocaustos, nem que se devesse perdoar a um inimigo. Notável do ponto de vista da matéria e mesmo do das Artes e das Ciências, a inteligência deles muito atrasada se achava em moralidade e não se houvera convertido sob o império de uma religião inteiramente espiritual. Era-lhes necessária uma representação semimaterial, qual a que apresentava então a religião hebraica. Os holocaustos lhes falavam aos sentidos, do mesmo passo que a ideia de Deus lhes falava ao espírito.

O Cristo foi o iniciador da mais pura, da mais sublime moral, da moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações a caridade e o amor do próximo e estabelecer entre os humanos uma solidariedade comum; de uma perfeita moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, a que a Natureza está submetida, que se cumpre, e o Espiritismo é a alavanca de que Deus se utiliza para fazer que a Humanidade avance.

São chegados os tempos em que se hão de desenvolver as ideias, para que se realizem os progressos que estão nos desígnios de Deus. Têm elas de seguir a mesma rota que percorreram as ideias de liberdade, suas precursoras. Não se acredite, porém, que esse desenvolvimento se efetue sem lutas. Não; aquelas ideias precisam, para atingirem a maturidade, de abalos e discussões, a fim de que atraiam a atenção das massas. Uma vez isso conseguido, a beleza e a santidade da moral tocarão os espíritos, que então abraçarão uma ciência que lhes dá a chave da vida futura e descerra as portas da felicidade eterna.

Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá. – Um Espírito israelita. (Mulhouse, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem do Espírito israelita, recebida em 1861 e apresentada por Allan Kardec nas "Instruções dos Espíritos" no item 9 deste capítulo, destaca a figura de Moisés como um instrumento utilizado por Deus para revelar Sua existência não apenas aos hebreus, mas também aos povos pagãos.

O povo hebreu foi utilizado como veículo para a revelação divina, e as dificuldades enfrentadas por esse povo tinham o propósito de chamar a atenção e remover o véu que ocultava a divindade aos homens.

Os mandamentos dados por Deus através de Moisés são descritos como contendo o germe da mais ampla moral cristã, embora os comentários da época restrinjam seu verdadeiro sentido.

A moral ensinada por Moisés era adequada ao estado de adiantamento dos povos da época, que ainda estavam em um estágio semisselvagem em termos de desenvolvimento espiritual.

Era necessária uma representação semimaterial, como a religião hebraica, para que pudessem compreender e praticar essa moralidade.

Os holocaustos e outras práticas simbólicas falavam aos sentidos, enquanto a ideia de Deus falava ao espírito.

Jesus é apresentado como o iniciador da moral evangélico-cristã mais pura e sublime, que renovará o mundo e estabelecerá a caridade e o amor ao próximo como valores fundamentais.

O Espiritismo é apresentado como a conclusão desse processo, a alavanca utilizada por Deus para fazer a humanidade avançar conforme a lei do progresso.

A mensagem ressalta que o desenvolvimento dessas ideias não será sem lutas, mas uma vez compreendidas e aceitas, levarão os espíritos à busca da felicidade eterna.

10. Um dia, Deus, em sua inesgotável caridade, permitiu que o homem visse a verdade varar as trevas. Esse dia foi o do advento do Cristo. Depois da luz viva, voltaram as trevas. Após alternativas de verdade e obscuridade, o mundo novamente se perdia. Então, semelhantemente aos profetas do Antigo Testamento, os Espíritos se puseram a falar e a vos advertir. O mundo está abalado em seus fundamentos; reboará o trovão. Sede firmes!

O Espiritismo é de ordem divina, pois que se assenta nas próprias Leis da Natureza, e estai certos de que tudo o que é de ordem divina tem grande e útil objetivo. O vosso mundo se perdia; a Ciência, desenvolvida à custa do que é de ordem moral, mas conduzindo-vos ao bem-estar material, redundava em proveito do espírito das trevas. Como sabeis, cristãos, o coração e o amor têm de caminhar unidos à Ciência. O reino do Cristo, ah! passados que são dezoito séculos e apesar do sangue de tantos mártires, ainda não veio. Cristãos, voltai para o Mestre, que vos quer salvar. Tudo é fácil àquele que crê e ama; o amor o enche de inefável alegria. Sim, meus filhos, o mundo está abalado; os bons Espíritos vo-lo dizem sobejamente; dobrai-vos à rajada que anuncia a tempestade, a fim de não serdes derribados, isto é, preparai-vos e não imiteis as virgens loucas, que foram apanhadas desprevenidas à chegada do esposo.

A revolução que se apresta é antes moral do que material. Os grandes Espíritos, mensageiros divinos, sopram a fé, para que todos vós, obreiros esclarecidos e ardorosos, façais ouvir a vossa voz humilde, porquanto sois o grão de areia; mas sem grãos de areia não existiriam as montanhas. Assim, pois, que estas palavras — “Somos pequenos” — careçam para vós de significação. A cada um a sua missão, a cada um o seu trabalho. Não constrói a formiga o edifício de sua república e imperceptíveis animálculos não elevam continentes? Começou a nova cruzada. Apóstolos da paz universal, que não de uma guerra, modernos São Bernardos, olhai e marchai para frente; a lei dos mundos é a do progresso. – Fénelon. (Poitiers, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem de Fénelon compara a vinda de Jesus Cristo como um momento em que a verdade brilhou intensamente, mas depois as trevas retornaram.

A humanidade, perdida entre momentos de verdade e obscuridade, foi novamente alertada pelos Espíritos, de forma semelhante aos profetas do Antigo Testamento, para a necessidade de despertar espiritualmente.

O Espiritismo é apresentado como uma ordem divina, baseada nas leis da natureza, com um grande e útil objetivo.

A mensagem destaca a importância de unir o coração e o amor à ciência, enfatizando que o reino do Cristo ainda não se estabeleceu plenamente, apesar dos esforços ao longo dos séculos.

Há uma advertência sobre a iminência de uma revolução moral, mais do que material, e a necessidade de se preparar espiritualmente para não ser pego desprevenido.

Os bons Espíritos encorajam a fé e a ação dos trabalhadores esclarecidos, comparando sua importância à de pequenos grãos de areia que contribuem para a formação de montanhas.

A mensagem conclui chamando os apóstolos da paz universal, para que olhem e avancem, seguindo a lei do progresso.

Essa é apresentada como uma nova cruzada, uma missão de construir um mundo melhor, cada um contribuindo com seu trabalho e esforço, mesmo que pareça pequeno, pois é assim que grandes transformações acontecem.

11. Santo Agostinho é um dos maiores vulgarizadores do Espiritismo. Manifesta-se quase por toda parte. A razão disso encontramos-na na vida desse grande filósofo cristão. Pertence ele à vigorosa falange dos Pais da Igreja, aos quais deve a cristandade seus mais sólidos esteios. Como vários outros, foi arrancado ao paganismo, ou melhor, à impiedade mais profunda, pelo fulgor da

verdade. Quando, entregue aos maiores excessos, sentiu em sua alma aquela singular vibração que o fez voltar a si e compreender que a felicidade estava alhures, que não nos prazeres enervantes e fugitivos; quando, afinal, no seu caminho de Damasco, também lhe foi dado ouvir a santa voz a clamar-lhe: "Saulo, Saulo, por que me persegues?", exclamou: "Meu Deus! Meu Deus! perdoai-me, creio, sou cristão!" E desde então tornou-se um dos mais fortes sustentáculos do Evangelho. Podem ler-se, nas notáveis confissões que esse eminente Espírito deixou, as características e, ao mesmo tempo, proféticas palavras que proferiu, depois da morte de Santa Mônica: Estou convencido de que minha mãe me virá visitar e dar conselhos, revelando-me o que nos espera na vida futura. Que ensinamento nessas palavras e que retumbante previsão da doutrina porvindoura! Essa a razão por que hoje, vendo chegada a hora de divulgar-se a verdade que ele outrora pressentira, se constituiu seu ardoroso disseminador e, por assim dizer, se multiplica para responder a todos os que o chamam. – Erasto, discípulo de Paulo. (Paris, 1863.)

Nota – Dar-se-á venha Santo Agostinho demolir o que edificou? Certamente que não. Como tantos outros, ele vê com os olhos do espírito o que não via como homem. Liberta, sua alma entrevê claridades novas, compreende o que antes não compreendia. Novas ideias lhe revelaram o sentido verdadeiro de algumas sentenças. Na Terra, apreciava as coisas de acordo com os conhecimentos que possuía; desde que, porém, uma nova luz lhe brilhou, pôde apreciá-las mais judiciosamente. Assim é que teve de abandonar a crença que alimentara nos Espíritos íncubos e súcubos e o anátema que lançara contra a teoria dos antípodas. Agora que o Cristianismo se lhe mostra em toda a pureza, pode ele, sobre alguns pontos, pensar de modo diverso do que pensava quando vivo, sem deixar de ser um apóstolo cristão. Pode, sem renegar a sua fé, constituir-se disseminador do Espiritismo, porque vê cumprir-se o que fora predito. Proclamando-o, na atualidade, outra coisa não faz senão conduzir-nos a uma interpretação mais acertada e lógica dos textos. O mesmo ocorre com outros Espíritos que se encontram em posição análoga

NOSSO COMENTÁRIO

No item 11, a mensagem destaca Santo Agostinho como um dos maiores divulgadores do Espiritismo, manifestando-se de várias formas.

Isso é atribuído à vida desse filósofo cristão, que pertence à vigorosa falange dos Pais da Igreja, responsáveis pelos fundamentos sólidos do cristianismo.

Santo Agostinho, como muitos outros, foi levado do paganismo e da impiedade à luz da verdade.

Sua conversão foi marcada por um momento de epifania, quando percebeu que a verdadeira felicidade não estava nos prazeres fugazes, mas em outro lugar.

Sua experiência é comparada ao encontro de Saulo no caminho de Damasco, que o levou a se tornar um dos mais fortes defensores do Evangelho.

As confissões deixadas por Santo Agostinho revelam suas características proféticas, especialmente quando expressou sua convicção de que sua mãe viria visitá-lo e revelar-lhe o que os aguardava na vida futura.

Essas palavras são interpretadas como uma previsão da doutrina espírita que viria a se divulgar.

Portanto, Santo Agostinho é visto como um disseminador ardoroso do Espiritismo, que se multiplica para responder a todos os que o invocam.

Essa mensagem é atribuída a Erasto, discípulo de Paulo, em 1863, indicando a relevância e a atualidade dos ensinamentos de Santo Agostinho para a compreensão e disseminação da doutrina espírita.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo II -

Meu reino não é deste mundo

- A vida futura • A realeza de Jesus • O ponto de vista
- Instruções dos Espíritos: Uma realeza terrestre

1. Pilatos, tendo entrado de novo no palácio e feito vir Jesus à sua presença, perguntou-lhe: "És o rei dos judeus?" — Respondeu-lhe Jesus: "Meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, a minha gente houvera combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas o meu reino ainda não é aqui." Disse-lhe então Pilatos: "És, pois, rei?" — Jesus lhe respondeu: "Tu o dizes; sou rei; não nasci e não vim a este mundo senão para dar testemunho da verdade. Aquele que pertence à verdade escuta a minha voz." (João, 18:33, 36 e 37.)

A vida futura

2. Por essas palavras, Jesus claramente se refere à vida futura, que Ele apresenta, em todas as circunstâncias, como a meta que a Humanidade irá ter e como devendo constituir objeto das maiores preocupações do homem na Terra. Todas as suas máximas se reportam a esse grande princípio. Com efeito, sem a vida futura, nenhuma razão de ser teria a maior parte dos seus preceitos morais, donde vem que os que não creem na vida futura, imaginando que Ele apenas falava na vida presente, não os compreendem, ou os consideram pueris.

Esse dogma pode, portanto, ser tido como o eixo do ensino do Cristo, pelo que foi colocado num dos primeiros lugares à frente desta obra. É que ele tem de ser o ponto de mira de todos os homens; só ele justifica as anomalias da vida terrena e se mostra de acordo com a Justiça de Deus.

NOSSO COMENTÁRIO

Jesus, ao afirmar "Meu reino não é deste mundo", transcende o entendimento materialista de realeza e poder terrenos, apontando para uma dimensão espiritual e eterna.

Sua resposta a Pilatos reflete a natureza divina de seu reinado, desvinculado das estruturas e interesses terrenos, e ressalta a prioridade da verdade espiritual sobre as questões mundanas.

Essa passagem também destaca a importância da crença na vida futura, que Jesus apresenta como um princípio fundamental em seu ensinamento.

Ele ensina que a vida presente deve ser pautada pela perspectiva da vida futura, sendo esta última o verdadeiro objetivo e destino da humanidade.

A negação desse aspecto espiritual pode levar à incompreensão ou subestimação dos ensinamentos de Jesus, que têm como base a busca pela verdade e a justiça divina.

Assim, a vida futura se torna o eixo central do ensinamento de Jesus, conferindo sentido e propósito às ações humanas e justificando as aparentes injustiças e desigualdades da vida terrena à luz da Justiça Divina.

3. Apenas ideias muito imprecisas tinham os judeus acerca da vida futura. Acreditavam nos anjos, considerando-os seres privilegiados da Criação; não sabiam, porém, que os homens podem um dia tornar-se anjos e partilhar da felicidade destes. Segundo eles, a observância das Leis de Deus era recompensada com os bens terrenos, com a supremacia da nação a que pertenciam, com vitórias sobre os seus inimigos. As calamidades públicas e as derrotas eram o castigo da desobediência àquelas leis. Moisés não pudera dizer mais do que isso a um povo pastor e ignorante, que precisava ser tocado, antes de tudo, pelas coisas deste mundo. Mais tarde, Jesus lhe revelou que há outro mundo, onde a Justiça de Deus segue o seu curso. É esse o mundo que Ele promete aos que cumprem os mandamentos de Deus e onde os bons acharão sua recompensa. Aí o seu reino; lá é que Ele se encontra na sua glória e para onde voltaria quando deixasse a Terra.

Jesus, porém, conformando seu ensino com o estado dos homens de sua época, não julgou conveniente dar-lhes luz completa, percebendo que eles ficariam deslumbrados, visto que não a compreenderiam. Limitou-se a, de certo

modo, apresentar a vida futura apenas como um princípio, como uma Lei da Natureza a cuja ação ninguém pode fugir. Todo cristão, pois, necessariamente crê na vida futura; mas a ideia que muitos fazem dela é ainda vaga, incompleta e, por isso mesmo, falsa em diversos pontos. Para grande número de pessoas, não há, a tal respeito, mais do que uma crença, balda de certeza absoluta, donde as dúvidas e mesmo a incredulidade.

O Espiritismo veio completar, nesse ponto, como em vários outros, o ensino do Cristo, fazendo-o quando os homens já se mostram maduros bastante para apreender a verdade. Com o Espiritismo, a vida futura deixa de ser simples artigo de fé, mera hipótese; torna-se uma realidade material, que os fatos demonstram, porquanto são testemunhas oculares os que a descrevem nas suas fases todas e em todas as suas peripécias, e de tal sorte que, além de impossibilitarem qualquer dúvida a esse propósito, facultam à mais vulgar inteligência a possibilidade de imaginá-la sob seu verdadeiro aspecto, como toda gente imagina um país cuja pormenorizada descrição leia. Ora, a descrição da vida futura é tão circunstanciadamente feita, são tão racionais as condições, ditosas ou infortunadas, da existência dos que lá se encontram, quais eles próprios pintam, que cada um, aqui, a seu mau grado, reconhece e declara a si mesmo que não pode ser de outra forma, porquanto, assim sendo, patente fica a verdadeira Justiça de Deus.

NOSSO COMENTÁRIO

Este trecho aborda a evolução do entendimento humano sobre a vida futura, comparando a visão limitada dos judeus na época de Moisés com a compreensão mais completa trazida por Jesus e, posteriormente, pelo Espiritismo.

Os judeus acreditavam em anjos e recompensas terrenas pela observância das Leis de Deus, mas tinham uma compreensão limitada sobre a vida após a morte.

Moisés ensinou o povo de acordo com sua capacidade de compreensão, focando em recompensas e punições terrenas.

Jesus, percebendo a dificuldade das pessoas em compreender a vida futura, apresentou esse conceito de forma mais simples, como um princípio fundamental e inescapável da natureza.

Ele não aprofundou muito o tema, pois sabia que poderia causar deslumbramento e incompreensão.

O Espiritismo, surgindo em momento oportuno, complementa os ensinamentos de Jesus, trazendo uma compreensão mais clara e detalhada da vida após a morte.

Para muitos, a vida futura ainda é vista como uma crença vaga, sem certeza absoluta, o que gera dúvidas e incredulidade.

O Espiritismo, ao evidenciar a realidade da vida após a morte através de testemunhos e fenômenos mediúnicos, transforma essa crença em algo palpável e compreensível.

As descrições detalhadas da vida espiritual feitas pelos espíritos comunicantes tornam a Justiça Divina evidente e racional, possibilitando que até mesmo as mentes mais simples compreendam e aceitem essa realidade.

A realeza de Jesus

4. Que não é deste mundo o reino de Jesus todos compreendem, mas também na Terra não terá Ele uma realeza? Nem sempre o título de rei implica o exercício do poder temporal. Dá-se esse título, por unânime consenso, a todo aquele que, pelo seu gênio, ascende à primeira plana numa ordem de ideias quaisquer, a todo aquele que domina o seu século e influi sobre o progresso da Humanidade. É nesse sentido que se costuma dizer: o rei ou príncipe dos filósofos, dos artistas, dos poetas, dos escritores etc. Essa realeza, oriunda do mérito pessoal, consagrada pela posteridade, não revela, muitas vezes, preponderância bem maior do que a que cinge a coroa real? Imperecível é a primeira, enquanto esta outra é joguete das vicissitudes; as gerações que se sucedem à primeira sempre a bendizem, ao passo que, por vezes, amaldiçoam a outra. Esta, a terrestre, acaba com a vida; a realeza moral se prolonga e mantém o seu poder, governa, sobretudo, após a morte. Sob esse aspecto não é Jesus mais poderoso rei do que os potentados da Terra? Razão, pois, lhe assistia para dizer a Pilatos, conforme disse: "Sou rei, mas o meu reino não é deste mundo."

NOSSO COMENTÁRIO

Este trecho ressalta a realeza espiritual de Jesus, que transcende as noções terrenas de poder e realeza.

Embora seu reino não seja deste mundo, ele é um rei no sentido moral e espiritual, exercendo influência sobre a humanidade e guiando-a para o progresso espiritual.

A ideia apresentada sugere que a verdadeira realeza está no domínio das ideias e valores universais, onde Jesus se destaca como um soberano eterno.

Ao contrário dos poderes terrenos, que são efêmeros e sujeitos às vicissitudes, a realeza moral perdura além da vida, influenciando positivamente as gerações futuras.

Assim, Jesus é apresentado como um rei cujo reinado é baseado no mérito pessoal e na influência moral, em contraste com os reis terrenos cujo poder é limitado pela temporalidade.

Sua afirmação "Meu reino não é deste mundo" ganha ainda mais significado ao ser entendida nesse contexto, mostrando que seu reinado vai além das fronteiras terrenas e se estende à eternidade.

O ponto de vista

5. A ideia clara e precisa que se faça da vida futura proporciona inabalável fé no porvir, fé que acarreta enormes consequências sobre a moralização dos homens, porque muda completamente o ponto de vista sob o qual encaram eles a vida terrena. Para quem se coloca, pelo pensamento, na vida espiritual, que é indefinida, a vida corpórea se torna simples passagem, breve estada num país ingrato. As vicissitudes e tribulações dessa vida não passam de incidentes que ele suporta com paciência, por sabê-las de curta duração, devendo seguir-se lhes um estado mais ditoso. À morte nada mais restará de aterrador; deixa de ser a porta que se abre para o nada e torna-se a que dá para a libertação, pela qual entra o exilado numa mansão de bem-aventurança e de paz. Sabendo temporária e não definitiva a sua estada no lugar onde se encontra, menos

atenção presta às preocupações da vida, resultando-lhe daí uma calma de espírito que tira àquela muito do seu amargor.

Pelo simples fato de duvidar da vida futura, o homem dirige todos os seus pensamentos para a vida terrestre. Sem nenhuma certeza quanto ao porvir, dá tudo ao presente. Nenhum bem divisando mais precioso do que os da Terra, torna-se qual a criança que nada mais vê além de seus brinquedos. E não há o que não faça para conseguir os únicos bens que se lhe afiguram reais. A perda do menor deles lhe ocasiona causticante pesar; um engano, uma decepção, uma ambição insatisfeita, uma injustiça de que seja vítima, o orgulho ou a vaidade feridos são outros tantos tormentos, que lhe transformam a existência numa perene angústia, infligindo-se ele, desse modo, a si próprio, verdadeira tortura de todos os instantes. Colocando o ponto de vista, de onde considera a vida corpórea, no lugar mesmo em que ele aí se encontra, vastas proporções assumem tudo o que o rodeia. O mal que o atinja, como o bem que toque aos outros, grande importância adquire aos seus olhos. Àquele que se acha no interior de uma cidade, tudo lhe parece grande: assim os homens que ocupem as altas posições, como os monumentos. Suba ele, porém, a uma montanha, e logo bem pequenos lhe parecerão homens e coisas.

É o que sucede ao que encara a vida terrestre do ponto de vista da vida futura; a Humanidade, tanto quanto as estrelas do firmamento, perde-se na imensidade. Percebe então que grandes e pequenos estão confundidos, como formigas sobre um montículo de terra; que proletários e potentados são da mesma estatura, e lamenta que essas criaturas efêmeras a tantas canseiras se entreguem para conquistar um lugar que tão pouco as elevará e que por tão pouco tempo conservarão. Daí se segue que a importância dada aos bens terrenos está sempre em razão inversa da fé na vida futura.

NOSSO COMENTÁRIO

O texto de Allan Kardec destaca a importância de uma compreensão clara da vida futura para a fé e a moralidade humanas.

A crença firme no porvir transforma a visão que as pessoas têm da vida terrena, tornando-a uma passagem temporária e preparatória para a vida espiritual.

Com essa perspectiva, as dificuldades e tribulações terrenas são vistas como desafios passageiros, suportados com paciência e resignação, sabendo que serão seguidos por um estado mais feliz.

A morte deixa de ser um temor e passa a ser vista como libertação, abrindo a porta para uma existência de bem-aventurança e paz.

Essa visão da vida futura traz uma calma interior que ameniza as amarguras da vida terrena.

Por outro lado, a falta de crença na vida futura faz com que as pessoas se concentrem exclusivamente nos prazeres e bens materiais da vida presente, sem considerar as consequências espirituais.

A ausência de certeza quanto ao porvir leva o homem a dedicar todos os seus esforços para os bens terrenos, tornando-se escravo de suas ambições e vaidades.

As decepções e injustiças da vida terrena se tornam tormentos constantes, transformando a existência em uma angústia perene.

Aqueles que não consideram a vida futura como uma realidade acabam por dar uma importância excessiva aos bens materiais, enquanto a fé na vida após a morte diminui a relevância desses bens efêmeros.

Assim, a fé na vida futura não apenas traz consolação diante das adversidades terrenas, mas também influencia diretamente a forma como as pessoas valorizam e lidam com as questões materiais, afetando sua moralidade e visão de mundo.

6. Se toda a gente pensasse dessa maneira, dir-se-ia, tudo na Terra periclitaria, porquanto ninguém mais se ocuparia com as coisas terrenas. Não; o homem, instintivamente, procura o seu bem-estar e, embora certo de que só por pouco tempo permanecerá no lugar em que se encontra, cuida de estar aí o melhor ou o menos mal que lhe seja possível. Ninguém há que, dando com um espinho debaixo de sua mão, não a retire, para se não picar. Ora, o desejo do bem-estar força o homem a tudo melhorar, impelido que é pelo instinto do progresso e da conservação, que está nas Leis da Natureza. Ele, pois, trabalha

por necessidade, por gosto e por dever, obedecendo, desse modo, aos desígnios da Providência que, para tal fim, o pôs na Terra. Simplesmente, aquele que se preocupa com o futuro não liga ao presente mais do que relativa importância e facilmente se consola dos seus insucessos, pensando no destino que o aguarda.

Deus, conseqüentemente, não condena os gozos terrenos; condena, sim, o abuso desses gozos em detrimento das coisas da alma. Contra tais abusos é que se premunem os que a si próprios aplicam estas palavras de Jesus: Meu reino não é deste mundo. Aquele que se identifica com a vida futura assemelha-se ao rico que perde sem emoção uma pequena soma. Aquele cujos pensamentos se concentram na vida terrestre assemelha-se ao pobre que perde tudo o que possui e se desespera.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, o codificador da doutrina aborda a necessidade natural do ser humano de buscar o bem-estar e a melhoria de suas condições de vida, mesmo tendo a consciência de que sua permanência na Terra é temporária.

Essa busca pelo bem-estar é impulsionada pelo instinto de progresso e conservação, que faz parte das leis da natureza.

O texto destaca que não é condenável buscar o bem-estar terreno, mas sim o abuso desses prazeres em detrimento do crescimento espiritual.

Deus não condena os prazeres terrenos em si, mas sim o apego excessivo a eles, que pode prejudicar o desenvolvimento da alma.

Aqueles que têm a consciência da vida futura são comparados ao rico que perde uma pequena soma sem se abalar, pois sabem que têm um destino melhor aguardando-os.

Por outro lado, aqueles cujos pensamentos estão exclusivamente voltados para a vida terrena são comparados ao pobre que perde tudo e se desespera, demonstrando a importância de manter

o equilíbrio entre os prazeres terrenos e a busca pela evolução espiritual.

7. O Espiritismo dilata o pensamento e lhe rasga horizontes novos. Em vez dessa visão, acanhada e mesquinha, que o concentra na vida atual, que faz do instante que vivemos na Terra único e frágil eixo do porvir eterno, ele, o Espiritismo, mostra que essa vida não passa de um elo no harmonioso e magnífico conjunto da obra do Criador. Mostra a solidariedade que conjuga todas as existências de um mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos. Faculta assim uma base e uma razão de ser à fraternidade universal, enquanto a doutrina da criação da alma por ocasião do nascimento de cada corpo torna estranhos uns aos outros todos os seres. Essa solidariedade entre as partes de um mesmo todo explica o que inexplicável se apresenta, desde que se considere apenas um ponto. Esse conjunto, ao tempo do Cristo, os homens não o teriam podido compreender, motivo por que Ele reservou para outros tempos o fazê-lo conhecido.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec destaca a contribuição do Espiritismo ao pensamento humano, ampliando horizontes e proporcionando uma visão mais abrangente da existência.

Em contraste com uma perspectiva limitada que se concentra exclusivamente na vida terrena como o único e decisivo momento para o futuro eterno, o Espiritismo apresenta a vida terrena como apenas um elo em uma obra maior e mais complexa do Criador.

Revela a solidariedade que une todas as existências de um mesmo ser, assim como todos os seres de um mesmo mundo e de todos os mundos.

Essa compreensão solidária fundamenta a fraternidade universal, ao passo que a ideia de que a alma é criada a cada nascimento a torna estranhos uns aos outros.

A solidariedade entre as partes de um todo maior oferece uma explicação para muitos aspectos aparentemente inexplicáveis da vida, mostrando que tudo está interligado e tem um propósito maior.

Segundo o texto, essa compreensão mais ampla da existência não era acessível aos homens da época de Jesus, razão pela qual Ele deixou para tempos posteriores a revelação desse conhecimento mais profundo.

Assim, o Espiritismo é apresentado como uma doutrina que não apenas expande o entendimento humano, mas também oferece uma base sólida para a fraternidade e a compreensão do sentido da vida em sua totalidade.

Instruções dos Espíritos **Uma realeza terrestre**

8. Quem melhor do que eu pode compreender a verdade destas palavras de nosso Senhor: “O meu reino não é deste mundo”? O orgulho me perdeu na Terra. Quem, pois, compreenderia o nenhum valor dos reinos da Terra, se eu o não compreendia? Que trouxe eu comigo da minha realeza terrena? Nada, absolutamente nada. E, como que para tornar mais terrível a lição, ela nem sequer me acompanhou até o túmulo! Rainha entre os homens, como rainha julguei que penetrasse no Reino dos Céus! Que desilusão! Que humilhação, quando, em vez de ser recebida aqui qual soberana, vi acima de mim, mas muito acima, homens que eu julgava insignificantes e aos quais desprezava, por não terem sangue nobre! Oh! como então compreendi a esterilidade das honras e grandezas que com tanta avidez se requestam na Terra!

Para se granjear um lugar neste reino, são necessárias a abnegação, a humildade, a caridade em toda a sua celeste prática, a benevolência para com todos. Não se vos pergunta o que fostes, nem que posição ocupastes, mas que bem fizestes, quantas lágrimas enxugastes.

Ó Jesus, Tu o disseste, teu reino não é deste mundo, porque é preciso sofrer para chegar ao céu, de onde os degraus de um trono a ninguém aproximam. A ele só conduzem as veredas mais penosas da vida. Procurai-lhe, pois, o caminho, através das urzes e dos espinhos, não por entre as flores.

Correm os homens por alcançar os bens terrestres, como se os houvessem de guardar para sempre. Aqui, porém, todas as ilusões se somem. Cedo se apercebem eles de que apenas apanharam uma sombra e desprezaram os únicos bens reais e duradouros, os únicos que lhes aproveitam na morada celeste, os únicos que lhes podem facultar acesso a esta.

Compadecei-vos dos que não ganharam o Reino dos Céus; ajudai-os com as vossas preces, porquanto a prece aproxima do Altíssimo o homem; é o traço de união entre o céu e a Terra: não o esqueçais. – Uma Rainha de França. (Havre, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

Este relato, atribuído a uma rainha da França datada de 1863, reflete a profunda reflexão sobre a ilusão das grandezas terrenas e a verdadeira grandeza espiritual.

A narradora reconhece que sua queda do poder terreno a levou a compreender a futilidade das honras e grandezas mundanas.

Ela percebe que sua posição social e nobreza não lhe valeram nada no além-túmulo, onde foi confrontada com a realidade de que as verdadeiras riquezas são aquelas conquistadas pelo amor, abnegação, humildade e caridade.

A mensagem ressalta que o caminho para o reino espiritual não é pavimentado com honras terrenas, mas sim com as virtudes celestiais.

É um lembrete de que as riquezas materiais são efêmeras e que é através das provações e desafios da vida que se alcança a verdadeira grandeza espiritual.

A rainha lamenta não ter compreendido isso em vida e faz um apelo para que aqueles que ainda vivem busquem as verdadeiras riquezas, não as que perecem com o tempo, mas as que perduram na eternidade.

Ela conclui pedindo que as pessoas se compadeçam daqueles que não alcançaram o reino dos céus e os ajudem com suas preces, pois a prece é a ligação entre o céu e a Terra.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo III -

Há muitas moradas na casa de meu Pai

• Diferentes estados da alma na erraticidade • diferentes categorias de mundos habitados • Destinação da Terra. Causas das misérias humanas • Instruções dos Espíritos: Mundos inferiores e mundos superiores – Mundos de expiações e de provas – Mundos regeneradores – Progressão dos mundos

1. Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim. Há muitas moradas na casa de meu Pai; se assim não fosse, já Eu vo-lo teria dito, pois me vou para vos preparar o lugar. Depois que me tenha ido e que vos houver preparado o lugar, voltarei e vos retirarei para mim, a fim de que onde Eu estiver, também vós aí estejais. (João, 14:1 a 3.)

Diferentes estados da alma na erraticidade

2. A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no Espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos.

Independente da diversidade dos mundos, essas palavras de Jesus também podem referir-se ao estado venturoso ou desgraçado do Espírito na erraticidade. Conforme se ache este mais ou menos depurado e desprendido dos laços materiais, variarão ao infinito o meio em que ele se encontre, o aspecto das coisas, as sensações que experimente, as percepções que tenha. Enquanto uns não se podem afastar da esfera onde viveram, outros se elevam e percorrem o Espaço e os mundos; enquanto alguns Espíritos culpados erram nas trevas, os bem-aventurados gozam de resplendente claridade e do espetáculo sublime do Infinito; finalmente, enquanto o mau, atormentado de remorsos e pesares, muitas vezes insulado, sem consolação, separado dos que constituíam objeto de suas afeições, pena sob o guante dos sofrimentos morais, o justo, em convívio com aqueles a quem ama, frui as delícias de uma felicidade indizível. Também nisso, portanto, há muitas moradas, embora não circunscritas, nem localizadas.

NOSSO COMENTÁRIO

O capítulo III do Evangelho Segundo o Espiritismo aborda a passagem bíblica em que Jesus diz: "Há muitas moradas na casa de meu Pai".

Allan Kardec, ao comentar sobre esse ensinamento, explica que as diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito, oferecendo aos Espíritos que neles encarnam moradas correspondentes ao adiantamento desses Espíritos.

Kardec destaca que as palavras de Jesus podem referir-se não apenas aos diferentes mundos físicos, mas também aos diferentes estados do Espírito na erraticidade, ou seja, quando não está encarnado em um corpo físico.

Conforme o grau de depuração e desprendimento do Espírito dos laços materiais, variam infinitamente o meio em que ele se encontra, as sensações que experimenta e as percepções que tem.

Alguns Espíritos permanecem próximos à esfera terrestre, enquanto outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos.

Enquanto alguns Espíritos culpados sofrem em trevas e isolamento, os bem-aventurados desfrutam de uma felicidade indizível.

Assim, há moradas para todos os graus de adiantamento espiritual, desde as mais simples e inferiores até as mais elevadas e luminosas, refletindo a justiça e a bondade divinas na disposição do Universo.

Diferentes categorias de mundos habitados

3. Do ensino dado pelos Espíritos, resulta que muito diferentes umas das outras são as condições dos mundos, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes. Entre eles há os em que estes últimos são ainda inferiores aos da Terra, física e moralmente; outros, da mesma categoria que o nosso; e outros que lhe são mais ou menos superiores a todos os respeitos. Nos mundos inferiores, a existência é todo material, reinam soberanas

as paixões, sendo quase nula a vida moral. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual.

NOSSO COMENTÁRIO

O item 3 deste capítulo destaca que, de acordo com o ensinamento dos Espíritos, os mundos habitados apresentam uma grande diversidade de condições, tanto no que diz respeito ao grau de adiantamento quanto à inferioridade de seus habitantes.

Existem mundos em que os habitantes são ainda mais inferiores do que os da Terra, tanto do ponto de vista físico quanto moral.

Há também mundos que se encontram na mesma categoria que o nosso e outros que são mais ou menos superiores em todos os aspectos.

Nos mundos inferiores, a vida é predominantemente material, com as paixões reinando soberanas e a vida moral sendo quase nula.

À medida que a vida moral se desenvolve, a influência da matéria diminui, de modo que nos mundos mais adiantados, a vida é quase que totalmente espiritual.

Isso reflete a ideia de que a evolução espiritual dos habitantes de um mundo está intimamente ligada ao próprio estado evolutivo desse mundo, sugerindo uma progressão contínua em direção a estados mais elevados de consciência e espiritualidade.

4. Nos mundos intermédios, misturam-se o bem e o mal, predominando um ou outro, segundo o grau de adiantamento da maioria dos que os habitam. Embora se não possa fazer, dos diversos mundos, uma classificação absoluta, pode-se contudo, em virtude do estado em que se acham e da destinação que trazem, tomando por base os matizes mais salientes, dividi-los, de modo geral, como segue: mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; mundos de expiação e provas, onde domina o mal; mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; mundos ditosos, onde o bem sobrepuja o mal;

mundos celestes ou divinos, habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item do capítulo 3, é abordada a classificação dos mundos habitados com base no grau de adiantamento espiritual de seus habitantes.

Nos mundos intermediários, há uma mistura entre o bem e o mal, sendo que um ou outro predomina de acordo com o grau de evolução da maioria dos habitantes.

Embora não se possa fazer uma classificação absoluta dos mundos, é possível dividi-los, de maneira geral, em algumas categorias.

Os mundos primitivos são destinados às primeiras encarnações da alma humana, enquanto os mundos de expiação e provas são aqueles em que o mal predomina, sendo um local onde as almas têm a oportunidade de expiar suas faltas e progredir espiritualmente.

Existem também os mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm expiações a fazer encontram novas forças e repousam das lutas.

Além disso, há os mundos ditosos, onde o bem prevalece sobre o mal, e os mundos celestes ou divinos, habitados por Espíritos depurados, onde só o bem reina.

Segundo a doutrina espírita, a Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, o que explica a razão pela qual os seres humanos enfrentam tantas dificuldades e provações durante a vida terrena.

Essa classificação dos mundos evidencia a ideia de progresso espiritual contínuo, com cada mundo oferecendo condições adequadas para o desenvolvimento moral e intelectual de seus habitantes.

5. Os Espíritos que encarnam em um mundo não se acham a ele presos indefinidamente, nem nele atravessam todas as fases do progresso que lhes cumpre realizar, para atingir a perfeição. Quando, em um mundo, eles alcançam o grau de adiantamento que esse mundo comporta, passam para outro mais adiantado, e assim por diante, até que cheguem ao estado de puros Espíritos. São outras tantas estações, em cada uma das quais se lhes deparam elementos de progresso apropriados ao adiantamento que já conquistaram. É-lhes uma recompensa ascenderem a um mundo de ordem mais elevada, como é um castigo o prolongarem a sua permanência em um mundo desgraçado, ou serem relegados para outro ainda mais infeliz do que aquele a que se veem impedidos de voltar quando se obstinaram no mal.

NOSSO COMENTÁRIO

No item 5 do capítulo 3 do 'Evangelho Segundo o Espiritismo' traz esclarecimentos de Allan Kardec sobre a progressão dos Espíritos pelos diferentes mundos.

Os Espíritos não estão permanentemente ligados a um único mundo, nem passam por todas as fases necessárias para alcançar a perfeição em um único lugar.

À medida que atingem o máximo de adiantamento que um mundo específico permite, eles passam para um mundo mais adiantado, e assim sucessivamente, até alcançarem o estado de puros Espíritos.

Cada mundo representa uma estação no caminho evolutivo dos Espíritos, oferecendo elementos de progresso adequados ao estágio de desenvolvimento que já alcançaram.

Ascender a um mundo mais elevado é considerado uma recompensa, enquanto permanecer em um mundo desgraçado ou ser relegado a um mundo ainda mais infeliz é visto como um castigo.

Essa progressão através dos mundos evidencia a justiça e a harmonia do plano divino, proporcionando oportunidades contínuas de crescimento e evolução espiritual para os Espíritos.

Destinação da Terra

Causas das misérias humanas

6. Muitos se admiram de que na Terra haja tanta maldade e tantas paixões grosseiras, tantas misérias e enfermidades de toda natureza, e daí concluem que a espécie humana bem triste coisa é. Provém esse juízo do acanhado ponto de vista em que se colocam os que o emitem e que lhes dá uma falsa ideia do conjunto. Deve-se considerar que na Terra não está a Humanidade toda, mas apenas uma pequena fração da Humanidade. Com efeito, a espécie humana abrange todos os seres dotados de razão que povoam os inúmeros orbes do Universo. Ora, que é a população da Terra, em face da população total desses mundos? Muito menos que a de uma aldeia, em confronto com a de um grande império. A situação material e moral da Humanidade terrena nada tem que espante, desde que se leve em conta a destinação da Terra e a natureza dos que a habitam.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, O Evangelho Segundo o Espiritismo aborda a questão das misérias humanas e da maldade presente na Terra.

Muitas pessoas se surpreendem com a quantidade de maldade, paixões grosseiras, misérias e enfermidades existentes no planeta, levando-as a concluir que a espécie humana é uma triste realidade.

No entanto, Kardec aponta que essa visão é limitada, pois parte de um ponto de vista restrito, considerando apenas a população terrena.

Ele nos lembra que a espécie humana abrange todos os seres dotados de razão que habitam os inúmeros mundos do Universo.

Ao compararmos a população da Terra com a população total desses mundos, percebemos que somos apenas uma pequena fração, assemelhando-se à população de uma aldeia em relação a um grande império.

Dessa forma, Kardec sugere que a situação material e moral da Humanidade terrena não é surpreendente quando consideramos a

destinação específica da Terra e a natureza dos Espíritos que a habitam.

A Terra é um mundo de expiação e provas, onde Espíritos em diferentes estágios de evolução reencarnam para progredir moral e espiritualmente.

As dificuldades e desafios que enfrentamos fazem parte desse processo de aprendizado e aprimoramento, contribuindo para nossa evolução espiritual.

7. Faria dos habitantes de uma grande cidade falsíssima ideia quem os julgasse pela população dos seus quarteirões mais ínfimos e sórdidos. Num hospital, ninguém vê senão doentes e estropiados; numa penitenciária, veem-se reunidas todas as torpezas, todos os vícios; nas regiões insalubres, os habitantes, em sua maioria, são pálidos, franzinos e enfermiços. Pois bem: figure-se a Terra como um subúrbio, um hospital, uma penitenciária, um sítio malsão, e ela é simultaneamente tudo isso, e compreender-se-á por que as aflições sobrepõem aos gozos, porquanto não se mandam para o hospital os que se acham com saúde, nem para as casas de correção os que nenhum mal praticaram; nem os hospitais e as casas de correção se podem ter por lugares de deleite.

Ora, assim como, numa cidade, a população não se encontra toda nos hospitais ou nas prisões, também na Terra não está a Humanidade inteira. E, do mesmo modo que do hospital saem os que se curaram e da prisão os que cumpriram suas penas, o homem deixa a Terra quando está curado de suas enfermidades morais.

NOSSO COMENTÁRIO

No "Evangelho Segundo o Espiritismo", Allan Kardec utiliza analogias para explicar a condição terrena em relação às aflições e misérias humanas.

Ele compara a Terra a uma grande cidade, onde não se deve julgar os habitantes pelos moradores dos bairros mais pobres e sujos.

Da mesma forma, em um hospital, só se encontram doentes; em uma prisão, estão reunidos os que cometeram delitos; e em áreas insalubres, a maioria dos habitantes é doente e frágil.

Kardec sugere que a Terra é como um subúrbio, um hospital, uma penitenciária e uma região insalubre simultaneamente.

Isso significa que a Terra é um lugar onde as aflições e os sofrimentos são mais aparentes do que as alegrias, pois não são encaminhados para o hospital aqueles que estão saudáveis, nem para a prisão aqueles que não cometeram crimes.

Portanto, os hospitais e prisões não podem ser considerados lugares de prazer.

Da mesma forma, assim como nem toda a população de uma cidade está nos hospitais ou prisões, nem toda a Humanidade está na Terra.

Kardec sugere que, da mesma maneira que as pessoas deixam o hospital após se curarem e as prisões após cumprirem suas penas, os seres humanos deixam a Terra quando estão curados de suas enfermidades morais, ou seja, quando alcançam um nível de evolução espiritual que lhes permite avançar para mundos mais elevados.

Instruções dos Espíritos: Mundos inferiores e mundos superiores

8. A qualificação de mundos inferiores e mundos superiores nada tem de absoluta; é, antes, muito relativa. Tal mundo é inferior ou superior com referência aos que lhe estão acima ou abaixo, na escala progressiva.

Tomada a Terra pôr termo de comparação, pode-se fazer ideia do estado de um mundo inferior, supondo os seus habitantes na condição das raças selvagens ou das nações bárbaras que ainda entre nós se encontram, restos do estado primitivo do nosso orbe. Nos mais atrasados, são de certo modo rudimentares os seres que os habitam. Revestem a forma humana, mas sem nenhuma beleza. Seus instintos não têm a abrandá-los qualquer sentimento de delicadeza ou de benevolência, nem as noções do justo e do injusto. A força

bruta é, entre eles, a única lei. Carentes de indústrias e de invenções, passam a vida na conquista de alimentos. Deus, entretanto, a nenhuma de suas criaturas abandona; no fundo das trevas da inteligência jaz, latente, a vaga intuição, mais ou menos desenvolvida, de um Ente supremo. Esse instinto basta para torná-los superiores uns aos outros e para lhes preparar a ascensão a uma vida mais completa, porquanto eles não são seres degradados, mas crianças que estão a crescer.

Entre os degraus inferiores e os mais elevados, inúmeros outros há, e difícil é reconhecer-se nos Espíritos puros, desmaterializados e resplandecentes de glória, os que foram esses seres primitivos, do mesmo modo que no homem adulto se custa a reconhecer o embrião.

NOSSO COMENTÁRIO

Os Espíritos Superiores explicam que a qualificação de mundos como inferiores ou superiores é relativa, dependendo da posição na escala evolutiva.

Um mundo é considerado inferior ou superior em relação aos que estão acima ou abaixo dele nessa escala.

Para ilustrar a ideia de mundos inferiores, os Espíritos mencionam que podemos ter uma ideia desses mundos ao observar as raças selvagens ou nações bárbaras existentes na Terra, que representam resquícios do estado primitivo do planeta.

Nos mundos mais atrasados, os seres são descritos como rudimentares, com forma humana, mas sem beleza.

Seus instintos são dominados pela força bruta, sem sentimentos de delicadeza, benevolência ou noção do justo e injusto.

Eles vivem em busca constante de alimentos e possuem apenas uma intuição latente de um Ser supremo.

No entanto, os Espíritos enfatizam que mesmo nesses mundos mais atrasados, Deus não abandona suas criaturas, e os habitantes estão em processo de evolução.

Eles não são considerados seres degradados, mas sim crianças em desenvolvimento.

Assim, a ascensão a uma vida mais completa é possível para eles, à medida que desenvolvem suas faculdades espirituais.

Os Espíritos também mencionam que entre os mundos inferiores e os mais elevados, existem inúmeros outros mundos, e é difícil reconhecer nos Espíritos puros, desmaterializados e resplandecentes de glória, aqueles que um dia foram seres primitivos.

Essa comparação sugere a ideia de que a evolução espiritual é um processo gradual e contínuo, no qual os seres progredem em direção à perfeição.

9. Nos mundos que chegaram a um grau superior, as condições da vida moral e material são muitíssimas diversas das da vida na Terra. Como por toda parte, a forma corpórea aí é sempre a humana, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada. O corpo nada tem da materialidade terrestre e não está, conseqüentemente, sujeito às necessidades, nem às doenças ou deteriorações que a predominância da matéria provoca.

Mais apurados, os sentidos são aptos a percepções a que neste mundo a grosseria da matéria obsta. A leveza específica do corpo permite locomoção rápida e fácil: em vez de se arrastar penosamente pelo solo, desliza, a bem dizer, pela superfície, ou plana na atmosfera, sem qualquer outro esforço além do da vontade, conforme se representam os anjos, ou como os antigos imaginavam os manes nos Campos Elíseos. Os homens conservam, a seu grado, os traços de suas passadas migrações e se mostram a seus amigos tais quais estes os conheceram, porém, irradiando uma luz divina, transfigurados pelas impressões interiores, então sempre elevadas. Em lugar de semblantes descorados, abatidos pelos sofrimentos e paixões, a inteligência e a vida cintilam com o fulgor que os pintores hão figurado no nimbo ou auréola dos santos.

A pouca resistência que a matéria oferece a Espíritos já muito adiantados torna rápido o desenvolvimento dos corpos e curta ou quase nula a infância. Isenta de cuidados e angústias, a vida é proporcionalmente muito mais longa do que na Terra. Em princípio, a longevidade guarda proporção com o grau de adiantamento dos mundos. A morte de modo algum acarreta os horrores da

decomposição; longe de causar pavor, é considerada uma transformação feliz, por isso que lá não existe a dúvida sobre o porvir. Durante a vida, a alma, já não tendo a constringi-la a matéria compacta, expande-se e goza de uma lucidez que a coloca em estado quase permanente de emancipação e lhe consente a livre transmissão do pensamento.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste resumo do ensino dos Espíritos Superiores, é descrita a vida nos mundos mais evoluídos, onde as condições materiais e morais são muito diferentes das da Terra.

Nestes mundos, a forma corpórea humana é preservada, porém é embelezada, aperfeiçoada e, principalmente, purificada.

O corpo não está sujeito às necessidades, doenças ou deteriorações provocadas pela predominância da matéria, pois não possui a materialidade terrena.

Os sentidos são mais apurados e capazes de percepções que a grosseria da matéria terrestre impede.

A leveza específica do corpo permite uma locomoção rápida e fácil, deslizando pela superfície ou planando na atmosfera sem esforço, conforme descrito nas representações de anjos ou nos antigos manes nos Campos Elíseos.

Os habitantes desses mundos conservam os traços de suas experiências passadas, mas irradiam uma luz divina, transfigurados por suas elevadas impressões interiores.

Ao contrário dos semblantes abatidos pela dor e paixões terrenas, a inteligência e a vida brilham com um fulgor semelhante ao representado nos nimbos ou auréolas dos santos.

A resistência da matéria aos Espíritos muito adiantados é mínima, o que torna o desenvolvimento dos corpos rápido e a infância curta ou quase inexistente.

A vida é longa e isenta de preocupações e angústias, proporcionando uma existência proporcionalmente mais longa do que na Terra.

A morte não traz os horrores da decomposição e é considerada uma transformação feliz, pois não há dúvidas sobre o futuro.

Durante a vida, a alma, não mais limitada pela matéria densa, expande-se e desfruta de uma lucidez que a coloca quase permanentemente em estado de emancipação, permitindo a livre transmissão do pensamento.

10. Nesses mundos venturosos, as relações, sempre amistosas entre os povos, jamais são perturbadas pela ambição, da parte de qualquer deles, de escravizar o seu vizinho, nem pela guerra que daí decorre. Não há senhores, nem escravos, nem privilegiados pelo nascimento; só a superioridade moral e intelectual estabelece diferença entre as condições e dá a supremacia. A autoridade merece o respeito de todos, porque somente ao mérito é conferida e se exerce sempre com justiça. O homem não procura elevar-se acima do homem, mas acima de si mesmo, aperfeiçoando-se. Seu objetivo é galgar à categoria dos Espíritos puros, não lhe constituindo um tormento esse desejo, porém, uma ambição nobre, que o induz a estudar com ardor para igualar-se a eles. Lá, todos os sentimentos delicados e elevados da natureza humana se acham engrandecidos e purificados; desconhecem-se os ódios, os mesquinhos ciúmes, as baixas cobiças da inveja; um laço de amor e fraternidade prende uns aos outros todos os homens, ajudando os mais fortes aos mais fracos. Possuem bens, em maior ou menor quantidade, conforme os tenham adquirido, mais ou menos por meio da inteligência; ninguém, todavia, sofre, por lhe faltar o necessário, uma vez que ninguém se acha em expiação. Numa palavra: o mal, nesses mundos, não existe.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste resumo, os Espíritos Superiores falam do ambiente de harmonia e evolução dos mundos mais venturosos.

Nessas esferas, as relações entre os povos são sempre amistosas e não são perturbadas pela ambição de escravizar o próximo, nem pela guerra que dela decorre.

Não existem senhores, escravos ou privilegiados pelo nascimento; a superioridade moral e intelectual é o único critério que estabelece diferenças entre as condições e confere supremacia.

A autoridade é respeitada por todos, pois é conferida apenas ao mérito e é exercida sempre com justiça.

O objetivo dos habitantes desses mundos é elevar-se acima de si mesmos, aperfeiçoando-se e galgando a categoria dos Espíritos puros.

Esse desejo não é um tormento, mas uma nobre ambição que os incentiva a estudar com ardor para igualar-se aos Espíritos puros.

Todos os sentimentos delicados e elevados da natureza humana são engrandecidos e purificados nesses mundos.

Ódios, ciúmes mesquinhos e cobiças invejosas são desconhecidos, e um laço de amor e fraternidade une todos os habitantes, com os mais fortes ajudando os mais fracos.

Cada um possui bens conforme os tenha adquirido por meio da inteligência, mas ninguém sofre por falta do necessário, uma vez que ninguém está em expiação.

Em resumo, o mal não existe nesses mundos, onde a evolução espiritual e a harmonia são os pilares da existência.

11. No vosso, precisais do mal para sentirdes o bem; da noite, para admirardes a luz; da doença, para apreciardes a saúde. Naqueles outros não há necessidade desses contrastes. A eterna luz, a eterna beleza e a eterna serenidade da alma proporcionam uma alegria eterna, livre de ser perturbada pelas angústias da vida material, ou pelo contato dos maus, que lá não têm acesso. Isso o que o espírito humano maior dificuldade encontra para compreender. Ele foi bastante engenhoso para pintar os tormentos do inferno, mas nunca pôde imaginar as alegrias do céu. Por quê? Porque, sendo inferior, só há

experimentado dores e misérias, jamais entreviu as claridades celestes; não pode, pois, falar do que não conhece. À medida, porém, que se eleva e depura, o horizonte se lhe dilata e ele compreende o bem que está diante de si, como compreendeu o mal que lhe está atrás.

NOSSO COMENTÁRIO

O resumo dos Espíritos Superiores mostra a diferença fundamental entre os mundos inferiores, como o nosso, e os mundos mais elevados.

Nos mundos inferiores, como a Terra, muitas vezes é preciso experimentar o mal para apreciar o bem, a noite para admirar a luz e a doença para valorizar a saúde.

Esses contrastes são necessários para o desenvolvimento e a evolução espiritual dos seres humanos em estágios mais primitivos.

Por outro lado, nos mundos mais elevados, não há necessidade desses contrastes.

A eterna luz, beleza e serenidade da alma proporcionam uma alegria eterna, livre de ser perturbada pelas angústias da vida material ou pelo contato com o mal, que não tem acesso a esses mundos.

É explicado que o espírito humano tem dificuldade em compreender essas realidades superiores, pois está acostumado apenas às dores e misérias, nunca tendo experimentado as claridades celestes.

No entanto, à medida que o espírito se eleva e se purifica, seu horizonte se amplia, e ele passa a compreender tanto o bem que está diante de si quanto o mal que ficou para trás.

Essa compreensão se dá à medida que o espírito se liberta das limitações da matéria e se aproxima da pureza espiritual dos mundos superiores.

12. Entretanto, os mundos felizes não são orbes privilegiados, visto que Deus não é parcial para qualquer de seus filhos; a todos dá os mesmos direitos e as mesmas facilidades para chegarem a tais mundos. Fá-los partir todos do

mesmo ponto e a nenhum dota melhor do que aos outros; a todos são acessíveis as mais altas categorias: apenas lhes cumpre conquistá-las pelo seu trabalho, alcançá-las mais depressa, ou permanecer inativos por séculos de séculos no lodaçal da Humanidade. (Resumo do ensino de todos os Espíritos superiores.)

NOSSO COMENTÁRIO

No ensino dos Espíritos Superiores, é enfatizado que os mundos felizes não são privilegiados, pois Deus não é parcial com nenhum de seus filhos.

Todos têm os mesmos direitos e as mesmas oportunidades para alcançarem esses mundos.

Todos os seres espirituais partem do mesmo ponto de partida e não há nenhum que seja favorecido em relação aos outros; todos têm acesso às mais altas categorias espirituais.

A diferença está no esforço individual de cada ser em conquistar essas categorias. Alguns podem alcançá-las mais rapidamente, enquanto outros podem permanecer inativos por longos períodos, presos às imperfeições humanas.

O livre-arbítrio e o esforço pessoal são fundamentais nesse processo evolutivo, e cada ser é responsável por sua própria jornada espiritual.

Mundos de expiações e de provas

13. Que vos direi dos mundos de expiações que já não saibais, pois basta observeis o em que habitais? A superioridade da inteligência, em grande número dos seus habitantes, indica que a Terra não é um mundo primitivo, destinado à encarnação dos Espíritos que acabaram de sair das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles trazem consigo constituem a prova de que já viveram e realizaram certo progresso. Mas também os numerosos vícios a que se mostram propensos constituem o índice de grande imperfeição moral. Por isso

os colocou Deus num mundo ingrato, para expiarem aí suas faltas, mediante penoso trabalho e misérias da vida, até que haja merecido ascender a um planeta mais ditoso.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item 13, o Espírito Santo Agostinho explica que os mundos de expiações e provas são aqueles em que os Espíritos passam por experiências dolorosas e desafiadoras para expiar suas faltas e progredir espiritualmente.

Ele menciona que a Terra não é um mundo primitivo, destinado à encarnação dos Espíritos recém-criados por Deus, pois a superioridade da inteligência de muitos de seus habitantes indica que já viveram e progrediram em outras existências.

No entanto, os numerosos vícios aos quais os habitantes da Terra são propensos mostram que ainda possuem grande imperfeição moral a ser superada.

Deus coloca os Espíritos em um mundo ingrato, como a Terra, para expiarem suas faltas através do trabalho árduo e das adversidades da vida, até que mereçam ascender a um planeta mais feliz.

Esse ensinamento ressalta a ideia de que as dificuldades e desafios que enfrentamos na Terra têm um propósito maior, que é o de promover nosso crescimento espiritual e nossa evolução moral, preparando-nos para experiências mais felizes em mundos superiores.

14. Entretanto, nem todos os Espíritos que encarnam na Terra vão para aí em expiação. As raças a que chamais selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contato com Espíritos mais adiantados. Vêm depois as raças semicivilizadas, constituídas desses mesmos Espíritos em via de progresso. São elas, de certo modo, raças indígenas da Terra, que aí se elevaram pouco a pouco em longos períodos seculares, algumas das quais não podido chegar ao aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos.

Os Espíritos em expiação, se nos podemos exprimir dessa forma, são exóticos na Terra; já viveram noutros mundos, donde foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons. Tiveram de ser degradados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o gérmen dos conhecimentos que adquiriram. Daí vem que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes. Por isso mesmo, para essas raças é que de mais amargor se revestem os infortúnios da vida. É que há nelas mais sensibilidade, sendo, portanto, mais provadas pelas contrariedades e desgostos do que as raças primitivas, cujo senso moral se acha mais embotado.

NOSSO COMENTÁRIO

Santo Agostinho explica que nem todos os Espíritos que encarnam na Terra o fazem em expiação.

As raças que consideramos selvagens são formadas por Espíritos que estão em estágios iniciais de desenvolvimento, como se estivessem em uma fase de infância espiritual, e na Terra estão em processo de educação e crescimento, através do contato com Espíritos mais adiantados.

Em seguida, vêm as raças semicivilizadas, compostas pelos mesmos Espíritos em progresso, que gradualmente evoluíram ao longo de longos períodos de tempo e algumas alcançaram um desenvolvimento intelectual comparável aos povos mais esclarecidos.

Por outro lado, os Espíritos em expiação são "exóticos" na Terra, ou seja, são Espíritos que já viveram em outros mundos, mas foram excluídos de lá devido à sua obstinação no mal e por causarem perturbação para os bons.

Eles foram "degradados" para a Terra, inseridos entre Espíritos menos desenvolvidos, com a missão de ajudá-los a progredir, pois trazem consigo inteligências desenvolvidas e o conhecimento que adquiriram.

Isso explica por que os Espíritos em punição estão entre as raças mais inteligentes da Terra, e por isso as aflições da vida são mais amargas para essas raças.

A sensibilidade maior dessas raças faz com que sejam mais provadas pelas adversidades e desgostos do que as raças primitivas, cujo senso moral é menos desenvolvido.

15. A Terra, conseguintemente, oferece um dos tipos de mundos expiatórios, cuja variedade é infinita, mas revelando todos, como caráter comum, o servirem de lugar de exílio para Espíritos rebeldes à Lei de Deus. Esses Espíritos têm aí de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e com a inclemência da Natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolve as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, em sua bondade, faz que o próprio castigo redunde em proveito do progresso do Espírito. – Santo Agostinho. (Paris, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

Santo Agostinho esclarece que a Terra é um tipo de mundo expiatório, entre uma infinidade de variedades desse tipo de mundo.

Todos esses mundos têm em comum o fato de servirem como lugar de exílio para Espíritos que se rebelaram contra a Lei de Deus.

Ao encarnarem na Terra, esses Espíritos enfrentam o desafio de lidar tanto com a maldade dos homens quanto com as adversidades da natureza, contribuindo assim para o desenvolvimento das qualidades do coração e da inteligência em expiação.

Dessa forma, Deus, em Sua bondade, faz com que o próprio castigo seja benéfico para o progresso espiritual dos Espíritos, ressaltando a ideia de que mesmo os momentos difíceis e desafiadores da vida têm um propósito maior, que é o de promover o crescimento e a evolução espiritual, preparando os Espíritos para alcançarem níveis mais elevados de consciência e felicidade.

Mundos regeneradores

16. Entre as estrelas que cintilam na abóbada azul do firmamento, quantos mundos não haverá como o vosso, destinados pelo Senhor à expiação e à provação! Mas também os há mais miseráveis e melhores, como os há de transição, que se podem denominar de regeneradores. Cada turbilhão planetário, a deslocar-se no Espaço em torno de um centro comum, arrasta consigo seus mundos primitivos, de exílio, de provas, de regeneração e de felicidade. Já se vos há falado de mundos onde a alma recém-nascida é colocada, quando ainda ignorante do bem e do mal, mas com a possibilidade de caminhar para Deus, senhora de si mesma, na posse do livre-arbítrio. Já também se vos revelou de que amplas faculdades é dotada a alma para praticar o bem. Mas, ah! há as que sucumbem, e Deus, que não as quer aniquiladas, lhes permite irem para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, elas se depuram, regeneram e voltam dignas da glória que lhes fora destinada.

NOSSO COMENTÁRIO

Santo Agostinho descreve a diversidade de mundos existentes no universo, além da Terra.

Ele menciona que, entre as estrelas que brilham no firmamento, há muitos mundos destinados à expiação e à provação, semelhantes ao nosso.

No entanto, também existem mundos mais miseráveis, outros melhores e aqueles que podem ser chamados de mundos de transição, ou regeneradores.

Cada sistema planetário, em seu movimento pelo espaço ao redor de um centro comum, carrega consigo seus próprios mundos, que passam por diferentes fases evolutivas.

Alguns são primitivos, destinados ao exílio e à provação, enquanto outros são de regeneração e felicidade.

Ele menciona que já foi falado sobre mundos onde as almas recém-nascidas são colocadas, ainda ignorantes do bem e do mal, mas com o livre-arbítrio para escolherem seu caminho em direção a Deus.

Santo Agostinho também destaca que as almas têm amplas faculdades para praticar o bem, mas algumas acabam sucumbindo.

Deus, que não deseja a aniquilação dessas almas, permite que elas sigam para os mundos de regeneração, onde, ao longo de várias encarnações, se purificam, se regeneram e retornam dignas da glória que lhes foi destinada.

Esse ensinamento ressalta a ideia da misericórdia divina e do constante processo de evolução e aprendizado das almas, mesmo após eventuais quedas ou erros.

17. Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes. A alma penitente encontra neles a calma e o repouso e acaba por depurar-se. Sem dúvida, em tais mundos o homem ainda se acha sujeito às leis que regem a matéria; a Humanidade experimenta as vossas sensações e desejos, mas liberta das paixões desordenadas de que sois escravos, isenta do orgulho que impõe silêncio ao coração, da inveja que a tortura, do ódio que a sufoca. Em todas as frentes, vê-se escrita a palavra amor; perfeita equidade preside às relações sociais, todos reconhecem Deus e tentam caminhar para Ele, cumprindo-lhe as leis.

Nesses mundos, todavia, ainda não existe a felicidade perfeita, mas a aurora da felicidade. O homem lá é ainda de carne e, por isso, sujeito às vicissitudes de que libertos só se acham os seres completamente desmaterializados. Ainda tem de suportar provas, porém, sem as pungentes angústias da expiação. Comparados à Terra, esses mundos são bastante ditosos e muitos dentre vós se alegrariam de habitá-los, pois que eles representam a calma após a tempestade, a convalescença após a moléstia cruel. Contudo, menos absorvido pelas coisas materiais, o homem divisa, melhor do que vós, o futuro; compreende a existência de outros gozos prometidos pelo Senhor aos que deles se mostrem dignos, quando a morte lhes houver de novo ceifado os corpos, a fim de lhes outorgar a verdadeira vida. Então, liberta, a alma pairará acima de todos os horizontes. Não mais sentidos materiais e grosseiros; somente os sentidos de um perispírito puro e celeste, a aspirar as emanações do próprio Deus, nos aromas de amor e de caridade que do seu seio emanam.

NOSSO COMENTÁRIO

Santo Agostinho descreve os mundos regeneradores como lugares de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes.

Neles, as almas penitentes encontram calma e repouso, onde gradualmente se purificam.

Embora ainda estejam sujeitos às leis que regem a matéria, a Humanidade desses mundos experimenta sensações e desejos sem as paixões desordenadas que escravizam os habitantes terrenos.

Nesses mundos, a palavra amor está escrita em todas as frentes, e a equidade preside às relações sociais.

Todos reconhecem a Deus e buscam segui-Lo, cumprindo Suas leis.

Embora a felicidade perfeita ainda não exista, apenas sua aurora, esses mundos são muito mais ditosos do que a Terra.

São como a calma após a tempestade, a convalescença após uma doença cruel.

Apesar de ainda estarem sujeitos a provas, estas são suportadas sem as angústias pungentes da expiação.

Comparados à Terra, esses mundos são bastante felizes, e muitos se alegrariam em habitá-los.

Neles, o homem, menos absorvido pelas coisas materiais, vislumbra melhor o futuro e compreende a existência de outros gozos prometidos pelo Senhor aos dignos, após a morte, quando suas almas, libertas, pairarão acima de todos os horizontes, não mais sujeitas aos sentidos materiais e grosseiros, mas sim aos sentidos de um perispírito puro e celeste, aspirando as emanações do próprio Deus nos aromas de amor e caridade que d'Ele emanam.

18. Mas, ah! nesses mundos, ainda falível é o homem e o espírito do mal não há perdido completamente o seu império. Não avançar é recuar, e, se o

homem não se houver firmado bastante na senda do bem, pode recair nos mundos de expiação, onde, então, novas e mais terríveis provas o aguardam. Contemplai, pois, à noite, à hora do repouso e da prece, a abóbada azulada e, das inúmeras esferas que brilham sobre as vossas cabeças, indagai de vós mesmos quais as que conduzem a Deus e pedi-lhe que um mundo regenerador vos abra seu seio após a expiação na Terra. – Santo Agostinho. (Paris, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

Santo Agostinho alerta que nos mundos regeneradores, o homem ainda é falível e o espírito do mal não perdeu completamente seu império.

Ele enfatiza que não avançar na senda do bem é recuar, e se o homem não se firmar suficientemente nesse caminho, pode recair nos mundos de expiação, onde enfrentará novas e mais terríveis provas.

O conselho de Santo Agostinho é que, durante a noite, na hora do repouso e da prece, ao contemplar a abóbada azulada e as inúmeras esferas que brilham sobre as nossas cabeças, devemos refletir sobre quais caminhos nos conduzem a Deus.

Ele sugere que peçamos a Deus que um mundo regenerador nos acolha após passarmos pela expiação na Terra.

Esse ensinamento ressalta a importância da constância no progresso espiritual e da busca contínua pela evolução moral.

Progressão dos mundos

19. O progresso é Lei da Natureza. A essa lei todos os seres da Criação, animados e inanimados, foram submetidos pela bondade de Deus, que quer que tudo se engrandeça e prospere. A própria destruição, que aos homens parece o termo final de todas as coisas, é apenas um meio de se chegar, pela transformação, a um estado mais perfeito, visto que tudo morre para renascer e nada sofre o aniquilamento.

Ao mesmo tempo que todos os seres vivos progridem moralmente, progridem materialmente os mundos em que eles habitam. Quem pudesse

acompanhar um mundo em suas diferentes fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos destinados a constituir-lo, vê-lo-ia a percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas de degraus imperceptíveis para cada geração, e a oferecer aos seus habitantes uma morada cada vez mais agradável, à medida que eles próprios avançam na senda do progresso. Marcham assim, paralelamente, o progresso do homem, o dos animais, seus auxiliares, o dos vegetais e o da habitação, porquanto nada em a Natureza permanece estacionário. Quão grandiosa é essa ideia e digna da majestade do Criador! Quanto, ao contrário, é mesquinha e indigna do seu poder a que concentra a sua solicitude e a sua providência no imperceptível grão de areia, que é a Terra, e restringe a Humanidade aos poucos homens que a habitam!

Segundo aquela lei, este mundo esteve material e moralmente num estado inferior ao em que hoje se acha e se alçará sob esse duplo aspecto a um grau mais elevado. Ele há chegado a um dos seus períodos de transformação, em que, de orbe expiatório, mudar-se-á em planeta de regeneração, onde os homens serão ditosos, porque nele imperará a Lei de Deus. – Santo Agostinho. (Paris, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

O Espírito Santo Agostinho destaca a Lei do Progresso como fundamental na Natureza, submetendo todos os seres, animados e inanimados, à sua influência.

Ele explica que a destruição, que pode parecer o fim de todas as coisas, na verdade é apenas um meio de transformação para um estado mais perfeito, pois nada sofre aniquilamento, apenas renovação.

O progresso moral dos seres vivos ocorre em paralelo com o progresso material dos mundos que habitam.

Ele compara esse progresso a uma escada incessantemente progressiva, com degraus imperceptíveis para cada geração, proporcionando aos habitantes um ambiente cada vez mais agradável conforme avançam na senda do progresso.

Santo Agostinho enfatiza a grandiosidade dessa ideia, digna da majestade do Criador, e contrasta com a visão mesquinha que concentra a atenção apenas na Terra, considerando-a uma pequena parte da criação, e restringindo a Humanidade aos poucos homens que a habitam.

Segundo ele, a Terra já esteve em um estado inferior ao atual e continuará avançando para um estado mais elevado, passando de um mundo expiatório para um planeta de regeneração, onde a Lei de Deus reinará, trazendo felicidade aos habitantes.

Essa visão ressalta a constante evolução e aperfeiçoamento do universo, guiados pela bondade divina.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo IV - Ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo

• Ressurreição e reencarnação • A reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os rompe • Instruções dos Espíritos: Limites da encarnação – Necessidade da encarnação

1. *Jesus, tendo vindo às cercanias de Cesareia de Filipe, interrogou assim seus discípulos: "Que dizem os homens com relação ao Filho do Homem? Quem dizem que Eu sou?" — Eles lhe responderam: "Dizem uns que és João Batista; outros, que Elias; outros, que Jeremias, ou algum dos profetas." — Perguntou-lhes Jesus: "E vós, quem dizeis que Eu sou?" — Simão Pedro, tomando a palavra, respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." — Replicou-lhe Jesus: "Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue que isso te revelaram, mas meu Pai, que está nos céus." (Mateus, 16:13 a 17; Marcos, 8:27 a 30.)*

2. *Nesse ínterim, Herodes, o Tetrarca, ouvira falar de tudo o que fazia Jesus e seu espírito se achava em suspenso, porque uns diziam que João Batista ressuscitara dentre os mortos; outros que aparecera Elias; e outros que um dos antigos profetas ressuscitara. Disse então Herodes: "Mandei cortar a cabeça a João Batista; quem é então esse de quem ouço dizer tão grandes coisas?" — E ardia por vê-lo. (Marcos, 6:14 a 16; Lucas, 9:7 a 9.)*

3. *(Após a transfiguração.) Seus discípulos então o interrogaram desta forma: "Por que dizem os escribas ser preciso que antes volte Elias?" — Jesus lhes respondeu: "É verdade que Elias há de vir e restabelecer todas as coisas, mas Eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram e o trataram como lhes aprouve. É assim que farão sofrer o Filho do Homem." — Então, seus discípulos compreenderam que fora de João Batista que Ele falara. (Mateus, 17:10 a 13; Marcos, 9:11 a 13.)*

NOSSO COMENTÁRIO

O capítulo IV do "Evangelho Segundo o Espiritismo" aborda o tema da reencarnação, destacando sua importância na evolução espiritual.

Os itens 1, 2 e 3 trazem passagens que dialogam com essa ideia, mostrando como a reencarnação é um processo fundamental para a compreensão da missão de Jesus e para o entendimento de quem Ele verdadeiramente era.

No primeiro item, vemos Jesus questionando seus discípulos sobre quem as pessoas diziam que Ele era.

As respostas variam, comparando-o a figuras do passado, como João Batista, Elias ou Jeremias.

No entanto, quando Jesus pergunta aos discípulos quem eles achavam que Ele era, Pedro responde que Ele é o Cristo, o Filho do Deus vivo.

Essa resposta indica uma compreensão mais profunda da natureza de Jesus, não baseada em conhecimentos terrenos, mas revelada pelo Pai celestial.

No segundo item, Herodes ouve falar de Jesus e fica intrigado, pensando que Ele poderia ser João Batista ressuscitado, Elias ou algum dos antigos profetas.

Essa passagem mostra como a reencarnação era uma crença presente na época, pois as pessoas especulavam sobre a identidade de Jesus com base na possibilidade de reencarnação de figuras do passado.

Esses trechos evidenciam a ligação entre a reencarnação e a missão de Jesus, além de demonstrar como a compreensão dessa doutrina pode enriquecer a visão que temos sobre a vida e a evolução espiritual.

Ressurreição e reencarnação

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de ressurreição. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte,

não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama reencarnação. Com efeito, a ressurreição dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra ressurreição podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias reencarnado, porém, não ressuscitado.

NOSSO COMENTÁRIO

O item 4 aborda a distinção entre os conceitos de ressurreição e reencarnação, esclarecendo que, para os judeus, a reencarnação era conhecida como ressurreição.

A ressurreição, para eles, implicava a ideia de que um corpo morto pudesse voltar à vida, algo considerado materialmente impossível pela ciência, especialmente quando os elementos do corpo já se dispersaram.

Por outro lado, o Espiritismo, de forma mais precisa, chama esse processo de reencarnação.

Nesse contexto, a reencarnação é entendida como o retorno da alma ou espírito à vida corpórea, em um novo corpo formado especificamente para ele, que não tem relação com o corpo anterior.

A explicação ressalta que a palavra ressurreição poderia ser aplicada a casos como o de Lázaro, que voltou à vida com o mesmo

corpo, mas não poderia ser aplicada a figuras como Elias ou os profetas, pois a reencarnação implica em um novo corpo.

Assim, quando se diz que João Batista era Elias, isso não significava que o corpo de João era o mesmo de Elias, mas sim que João era a reencarnação de Elias, pois João foi visto como uma criança e tinha pais conhecidos, o que não seria possível se ele fosse a ressurreição de Elias.

5. Ora, entre os fariseus, havia um homem chamado Nicodemos, senador dos judeus — que veio à noite ter com Jesus e lhe disse: “Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, porquanto ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele.” Jesus lhe respondeu: “Em verdade, em verdade, digo-te: Ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo.” Disse-lhe Nicodemos: “Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez?” Retorquiu-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade, digo-te: Se um homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus. — O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. — Não te admires de que Eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. — O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem ele, nem para onde vai; o mesmo se dá com todo homem que é nascido do Espírito.”

Respondeu-lhe Nicodemos: “Como pode isso fazer-se?” — Jesus lhe observou: “Pois quem és mestre em Israel e ignoras estas coisas? Digo-te em verdade, em verdade, que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho, senão do que temos visto. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. Mas se não me credes quando vos falo das coisas da Terra, como me creereis quando vos fale das coisas do céu?” (João, 3:1 a 12.)

NOSSO COMENTÁRIO

No item 5 do capítulo 4, Jesus dialoga com Nicodemos, um fariseu que reconhece a autoridade de Jesus como mestre vindo da parte de Deus, devido aos milagres realizados por Ele.

Nicodemos busca compreender melhor a mensagem de Jesus, e Jesus aproveita a oportunidade para ensinar sobre a necessidade de nascer de novo para ver o Reino de Deus.

Jesus explica a Nicodemos que nascer de novo não se refere apenas a um novo nascimento físico, simbolizado pela água, mas também a um renascimento espiritual, representado pelo Espírito.

Essa renovação interior é essencial para entrar no Reino de Deus. Jesus destaca a dualidade entre o nascimento carnal e o nascimento espiritual, explicando que o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é Espírito.

Nicodemos, confuso, pergunta como pode ocorrer esse renascimento, demonstrando sua falta de compreensão sobre esses ensinamentos.

Jesus, então, o exorta a compreender melhor, considerando-o um mestre em Israel que deveria conhecer essas verdades espirituais básicas.

Essa passagem ressalta a importância da renovação espiritual, indicando que a compreensão e aceitação dos ensinamentos de Jesus são fundamentais para a vida espiritual e o entendimento das coisas celestiais.

6. A ideia de que João Batista era Elias e de que os profetas podiam reviver na Terra se nos depara em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas acima reproduzidas (itens 1, 2, 3). Se fosse errônea essa crença, Jesus não houvera deixado de a combater, como combateu tantas outras. Longe disso, Ele a sanciona com toda a sua autoridade e a põe por princípio e como condição necessária quando diz: "Ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo." E insiste, acrescentando: "Não te admires de que Eu te haja dito ser preciso nasças de novo."

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec analisa a crença da época de que João Batista era a reencarnação de Elias e que os profetas poderiam reviver na Terra.

Ele destaca que essa ideia é encontrada em várias passagens dos Evangelhos, inclusive nas mencionadas anteriormente.

Kardec argumenta que, se essa crença fosse errônea, Jesus a teria combatido, como fez com outras crenças equivocadas.

No entanto, Jesus não apenas não a combateu, como a sancionou com sua autoridade, colocando-a como princípio e condição necessária ao afirmar que ninguém pode ver o Reino de Deus sem nascer de novo.

Ele reforça essa ideia ao dizer a Nicodemos que não deveria se admirar dessa necessidade de renascimento físico e espiritual.

Essa análise de Kardec ressalta a importância que Jesus atribuiu à ideia da reencarnação como parte integrante de seus ensinamentos.

Ao invés de rejeitá-la, Ele a utilizou como um fundamento para compreender a vida espiritual e a evolução da alma.

Kardec destaca, assim, a coerência dos ensinamentos de Jesus com a doutrina da reencarnação.

7. Estas palavras: Se um homem não renasce da água e do Espírito foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo. O texto primitivo, porém, rezava simplesmente: não renasce da água e do Espírito, ao passo que nalgumas traduções as palavras — do Espírito — foram substituídas pelas seguintes: do Santo Espírito, o que já não corresponde ao mesmo pensamento. Esse ponto capital ressalta dos primeiros comentários a que os Evangelhos deram lugar, como se comprovará um dia, sem equívoco possível.³

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec discute a interpretação tradicional das palavras de Jesus sobre o renascimento da água e do Espírito.

³ Nota de Allan Kardec: A tradução de Osterwald está conforme o texto primitivo. Diz: "**Não renasce da água e do Espírito**"; a de Sacy diz: do Santo Espírito; a de Lamennais: **do Espírito Santo**. À nota de Allan Kardec, podemos hoje acrescentar que as modernas traduções já restituíram o texto primitivo, pois que só imprimem "Espírito", e não Espírito **Santo**. Examinamos a tradução brasileira, a inglesa, a em Esperanto, a de Ferreira de Almeida, e em todas elas está somente "Espírito". Além dessas modernas, encontramos a confirmação numa latina de Theodoro de Beza, de 1642, que diz: "**...genitus ex aqua et Spiritu...**" "**...et quod genitum est ex Spiritu, spiritus est.**" É fora de dúvida que a palavra "Santo" foi interpolada, como diz Kardec.

Ele aponta que essas palavras foram interpretadas como referência à regeneração pelo batismo com água.

No entanto, Kardec destaca que o texto originalmente dizia simplesmente "não renasce da água e do Espírito", sem mencionar o termo "Santo" antes de "Espírito".

Ele argumenta que algumas traduções posteriormente adicionaram o termo "Santo" antes de "Espírito", o que, segundo ele, não corresponde ao mesmo pensamento original.

Kardec considera esse ponto como sendo de extrema importância, indicando que os primeiros comentários sobre os Evangelhos corroboram essa interpretação, e que, em algum momento, essa questão será esclarecida de forma inequívoca.

Essa reflexão de Kardec destaca sua atenção aos detalhes dos textos originais e sua busca por uma compreensão precisa dos ensinamentos de Jesus.

Ele sugere que a interpretação tradicional sobre o batismo pode não captar completamente o verdadeiro significado das palavras de Jesus, e que um dia isso será esclarecido de maneira conclusiva.

8. Para se apanhar o verdadeiro sentido dessas palavras, cumpre também se atente na significação do termo água que ali não fora empregado na acepção que lhe é própria.

Muito imperfeitos eram os conhecimentos dos antigos sobre as ciências físicas. Eles acreditavam que a Terra saíra das águas e, por isso, consideravam a água como elemento gerador absoluto. Assim é que em Gênesis, capítulo 1, se lê: "O Espírito de Deus era levado sobre as águas; flutuava sobre as águas; Que o firmamento seja feito no meio das águas; Que as águas que estão debaixo do céu se reúnam em um só lugar e que apareça o elemento árido; Que as águas produzam animais vivos que nadem na água e pássaros que voem sobre a terra e sob o firmamento."

Segundo essa crença, a água se tornara o símbolo da natureza material, como o Espírito era o da natureza inteligente. Estas palavras: "Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito", significam pois: "Se

o homem não renasce com seu corpo e sua alma." É nesse sentido que a princípio as compreenderam.

Tal interpretação se justifica, aliás, por estas outras palavras: O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. Jesus estabelece aí uma distinção positiva entre o Espírito e o corpo. O que é nascido da carne é carne indica claramente que só o corpo procede do corpo e que o Espírito independe deste.

NOSSO COMENTÁRIO

No item 8, Allan Kardec explora o significado simbólico do termo "água" nas palavras de Jesus sobre o renascimento da água e do Espírito.

Ele aponta que, no contexto da época, a água era considerada um elemento gerador absoluto, devido à crença de que a Terra surgiu das águas.

Essa concepção levava a água a simbolizar a natureza material. Kardec argumenta que, nesse contexto, as palavras de Jesus sobre renascer da água e do Espírito significam, na verdade, renascer com o corpo e a alma.

Ele sugere que essa interpretação é corroborada pela distinção que Jesus estabelece entre o que é nascido da carne e o que é nascido do Espírito.

"O que é nascido da carne é carne" indica que o corpo vem do corpo, enquanto "o que é nascido do Espírito é Espírito" mostra a independência do Espírito em relação ao corpo.

Essa interpretação ressalta a dualidade entre o aspecto material e o aspecto espiritual do ser humano, enfatizando a importância do renascimento espiritual para transcender a natureza material e alcançar uma vida espiritual mais elevada.

Kardec mostra, assim, sua habilidade em contextualizar os ensinamentos de Jesus dentro do contexto cultural e filosófico de sua

época, buscando extrair o verdadeiro significado por trás das palavras.

9. O Espírito sopra onde quer; ouves-lhe a voz, mas não sabes nem donde ele vem, nem para onde vai: pode-se entender que se trata do Espírito de Deus, que dá vida a quem ele quer, ou da alma do homem. Nesta última acepção — “não sabes donde ele vem, nem para onde vai” — significa que ninguém sabe o que foi, nem o que será o Espírito. Se o Espírito, ou alma, fosse criado ao mesmo tempo que o corpo, saber-se-ia donde ele veio, pois que se lhe conheceria o começo. Como quer que seja, essa passagem consagra o princípio da preexistência da alma e, por conseguinte, o da pluralidade das existências.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec analisa a passagem em que Jesus diz: 'O Espírito sopra onde quer; ouves-lhe a voz, mas não sabes nem donde ele vem, nem para onde vai.' Kardec discute duas possíveis interpretações dessa passagem.

A primeira refere-se ao Espírito de Deus, que dá vida a quem Ele quer. A segunda interpretação refere-se à alma do homem.

Na segunda interpretação, Kardec destaca a frase 'não sabes donde ele vem, nem para onde vai' como significando que ninguém sabe a origem nem o destino da alma.

Ele argumenta que se a alma fosse criada ao mesmo tempo que o corpo, saberíamos de onde ela veio, pois conheceríamos seu início.

Portanto, essa passagem consagra o princípio da preexistência da alma e, conseqüentemente, o da pluralidade das existências.

Essa interpretação reforça a ideia da reencarnação, mostrando que a alma não é criada no momento do nascimento físico, mas existia antes e continua existindo após a morte do corpo.

Kardec destaca a profundidade dessas palavras de Jesus, que sugerem uma realidade espiritual mais ampla e complexa do que simplesmente a vida terrena.

10. *Ora, desde o tempo de João Batista até o presente, o Reino dos Céus é tomado pela violência e são os violentos que o arrebatam; pois que assim o profetizaram todos os profetas até João, e também a lei. Se quiserdes compreender o que vos digo, ele mesmo é o Elias que há de vir. Ouça-o aquele que tiver ouvidos de ouvir. (Mateus, 11:12 a 15.)*

11. Se o princípio da reencarnação, conforme se acha expresso em João, podia, a rigor, ser interpretado em sentido puramente místico, o mesmo já não acontece com esta passagem de Mateus, que não permite equívoco: ele mesmo é o Elias que há de vir. Não há aí figura, nem alegoria: é uma afirmação positiva. — “Desde o tempo de João Batista até o presente o Reino dos Céus é tomado pela violência.” Que significam essas palavras, uma vez que João Batista ainda vivia naquele momento? Jesus as explica, dizendo: “Se quiserdes compreender o que digo, ele mesmo é o Elias que há de vir.” Ora, sendo João o próprio Elias, Jesus alude à época em que João vivia com o nome de Elias. “Até o presente o Reino dos Céus é tomado pela violência”: outra alusão à violência da lei mosaica, que ordenava o extermínio dos infiéis, para que os demais ganhassem a Terra Prometida, Paraíso dos Hebreus, ao passo que, segundo a nova lei, o céu se ganha pela caridade e pela brandura.

E acrescentou: Ouça aquele que tiver ouvidos de ouvir. Essas palavras, que Jesus tanto repetiu, claramente dizem que nem todos estavam em condições de compreender certas verdades.

NOSSO COMENTÁRIO

Jesus faz uma declaração enigmática sobre o Reino dos Céus, dizendo que desde o tempo de João Batista (de Elias) até o presente, ele é tomado pela violência e são os violentos que o arrebatam.

Ele também afirma que João Batista é o Elias que há de vir.

Essas palavras sugerem uma conexão entre João Batista e o profeta Elias, além de indicar a natureza vigorosa e revolucionária do movimento iniciado por João e continuado por Jesus.

No item 11, Allan Kardec comenta sobre a clareza das palavras de Jesus nesse contexto.

Ele destaca que, enquanto o princípio da reencarnação poderia ser interpretado de forma mais mística, a afirmação de Jesus sobre

João Batista ser o próprio Elias que há de vir não deixa margem para dúvidas, sendo uma afirmação direta e positiva.

Kardec interpreta a declaração de Jesus sobre o Reino dos Céus ser tomado pela violência como uma crítica à interpretação da lei mosaica, que defendia a conquista pela violência física, em contraste com a nova lei de Jesus, baseada na caridade e na brandura.

Ao final, a frase "Ouça aquele que tiver ouvidos de ouvir" enfatiza a necessidade de compreensão espiritual para entender os ensinamentos de Jesus, sugerindo que nem todos estavam prontos para aceitar e compreender sua mensagem de amor e perdão.

12. Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada viverão de novo; aqueles que estavam mortos em meio a mim ressuscitarão. Despertai do vosso sono e entoai louvores a Deus, vós que habitais no pó; porque o orvalho que cai sobre vós é um orvalho de luz e porque arruinareis a Terra e o reino dos gigantes. (Isaías, 26:19.)

13. É também muito explícita esta passagem de Isaías: "Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada viverão de novo." Se o profeta houvera querido falar da vida espiritual, se houvera pretendido dizer que aqueles que tinham sido executados não estavam mortos em Espírito, teria dito: ainda vivem, e não: viverão de novo. No sentido espiritual, essas palavras seriam um contrassenso, pois que implicariam uma interrupção na vida da alma. No sentido de regeneração moral, seriam a negação das penas eternas, pois que estabelecem, em princípio, que todos os que estão mortos reviverão.

NOSSO COMENTÁRIO

O profeta Isaías fala sobre a ressurreição dos mortos, afirmando que aqueles do povo aos quais a morte foi dada viverão novamente.

Ele convoca as pessoas a despertarem do sono e a louvarem a Deus, indicando uma ideia de renovação e ressurreição espiritual.

No item 13, Allan Kardec comenta sobre a clareza dessa passagem de Isaías.

Ele argumenta que, se o profeta estivesse se referindo à vida espiritual, teria dito que aqueles que foram executados ainda vivem, em vez de afirmar que viverão de novo.

Kardec interpreta essa afirmação como uma referência à ressurreição física, o que implicaria na ideia de uma vida após a morte em um novo corpo, em consonância com a doutrina da reencarnação.

Ele destaca que, no sentido espiritual, a afirmação de Isaías seria contraditória, pois implicaria em uma interrupção na vida da alma.

Além disso, no contexto de regeneração moral, implicaria na negação das penas eternas, pois estabelece que todos os mortos reviverão, sugerindo um processo de evolução espiritual ao longo de várias existências.

14. Mas quando o homem há morrido uma vez, quando seu corpo, separado de seu espírito, foi consumido, que é feito dele? — Tendo morrido uma vez, poderia o homem reviver de novo? Nesta guerra em que me acho todos os dias da minha vida, espero que chegue a minha mutação. (Jó, 14:10 e 14. Tradução de Lemaistre de Sacy.) Quando o homem morre, perde toda a sua força, expira. Depois, onde está ele? — Se o homem morre, viverá de novo? Esperarei todos os dias de meu combate, até que venha alguma mutação? (Idem. Tradução protestante de Osterwald.) Quando o homem está morto, vive sempre; acabando os dias da minha existência terrestre, esperarei, porquanto a ela voltarei de novo. (Idem. Versão da Igreja grega.)

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec continua sua análise citando passagens do Livro de Jó que abordam a questão da morte e da possível ressurreição.

Ele destaca a pergunta feita por Jó: 'Quando o homem morre, viverá de novo?' Essa pergunta reflete a incerteza e a busca por compreensão sobre a vida após a morte.

Kardec ressalta a expressão de Jó sobre esperar pela sua mutação ou transformação, indicando uma esperança de renovação ou ressurreição.

Ele destaca que essa passagem mostra a crença na possibilidade de uma vida futura após a morte física, o que está em consonância com a ideia da reencarnação, em que o espírito retorna em um novo corpo.

Essa análise reforça a ideia de que a doutrina da reencarnação não é estranha à Bíblia, sendo encontrados indícios e referências a esse conceito em diversos textos sagrados, como no Livro de Jó.

15. Nessas três versões, o princípio da pluralidade das existências se acha claramente expresso. Ninguém poderá supor que Jó haja querido falar da regeneração pela água do batismo, que ele decerto não conhecia.

“Tendo o homem morrido uma vez, poderia reviver de novo?” A ideia de morrer uma vez, e de reviver implica a de morrer e reviver muitas vezes. A versão da Igreja grega ainda é mais explícita, se é que isso é possível: “Acabando os dias da minha existência terrena, esperarei, porquanto a ela voltarei”, ou, voltarei à existência terrestre. Isso é tão claro, como se alguém dissesse: “Saio de minha casa, mas a ela tornarei.”

“Nesta guerra em que me encontro todos os dias de minha vida, espero que se dê a minha mutação.” Jó, evidentemente, pretendeu referir-se à luta que sustentava contra as misérias da vida. Espera a sua mutação, isto é, resigna-se. Na versão grega, esperarei parece aplicar-se, preferentemente, a uma nova existência: “Quando a minha existência estiver acabada, esperarei, porquanto a ela voltarei.” Jó como que se coloca, após a morte, no intervalo que separa uma existência de outra e diz que lá aguardará o momento de voltar.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec destaca a clareza com que as passagens do Livro de Jó, em diferentes versões, expressam o princípio da pluralidade das existências, ou seja, a ideia da reencarnação.

Ele argumenta que Jó não poderia estar se referindo à regeneração pelo batismo, já que essa prática não era conhecida na época.

A expressão de Jó sobre morrer uma vez e reviver implica, segundo Kardec, a ideia de morrer e reviver muitas vezes, reforçando o conceito da reencarnação.

Ele aponta que a versão da Igreja grega é ainda mais clara ao dizer que, após o fim de sua existência terrena, Jó esperará para voltar a essa existência, comparando esse retorno à sua casa.

A frase de Jó sobre esperar sua mutação é interpretada por Kardec como uma referência à resignação diante das dificuldades da vida.

Na versão grega, a expressão "esperarei" parece indicar mais claramente uma espera por uma nova existência, sugerindo que Jó se coloca após a morte em um intervalo entre uma existência e outra, aguardando o momento de retornar.

16. Não há, pois, duvidar de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo. Um dia, porém, suas palavras, quando forem meditadas sem ideias preconcebidas, reconhecer-se-ão autorizadas quanto a esse ponto, bem como em relação a muitos outros.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec conclui que não há dúvida de que o princípio da reencarnação era uma das crenças fundamentais dos judeus, que era chamada de ressurreição.

Ele afirma que tanto Jesus quanto os profetas confirmaram explicitamente essa crença, o que significa que negar a reencarnação é negar as palavras de Cristo.

Kardec acredita que um dia, quando as palavras de Jesus forem meditadas sem ideias preconcebidas, será reconhecida a autoridade delas em relação à reencarnação, assim como em muitos outros pontos.

Ele sugere que a reencarnação era uma crença amplamente aceita e compreendida na época de Jesus, e que sua negação pode ser resultado de interpretações distorcidas ao longo do tempo.

17. A essa autoridade, do ponto de vista religioso, se adita, do ponto de vista filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos. Quando se trata de remontar dos efeitos às causas, a reencarnação surge como de necessidade absoluta, como condição inerente à Humanidade; numa palavra: como Lei da Natureza. Pelos seus resultados, ela se evidencia, de modo, por assim dizer, material, da mesma forma que o motor oculto se revela pelo movimento. Só ela pode dizer ao homem donde ele vem, para onde vai, por que está na Terra, e justificar todas as anomalias e todas as aparentes injustiças que a vida apresenta.⁴

Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, são ininteligíveis, em sua maioria, as máximas do Evangelho, razão por que hão dado lugar a tão contraditórias interpretações. Está nesse princípio a chave que lhes restituirá o sentido verdadeiro.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec acrescenta que, além da autoridade das palavras de Jesus do ponto de vista religioso, a reencarnação também se sustenta do ponto de vista filosófico pelas provas resultantes da observação dos fatos.

Ele argumenta que, ao se analisarem os efeitos e tentar encontrar suas causas, a reencarnação se apresenta como uma necessidade absoluta, uma condição inerente à Humanidade e uma Lei da Natureza.

Kardec enfatiza que a reencarnação se evidencia pelos seus resultados de forma concreta, assim como um motor oculto se revela pelo movimento que produz.

⁴ Nota de Allan Kardec: Veja-se, para os desenvolvimentos do dogma da reencarnação, O livro dos espíritos, caps. IV e V; O que é o espiritismo, cap. II, por Allan Kardec; Pluralidade das existências, por Pezzani Capítulo 4

Ele destaca que somente a reencarnação pode explicar ao homem sua origem, seu destino, a razão de sua existência na Terra, e justificar as aparentes injustiças e anomalias da vida.

Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, Kardec argumenta que muitas das máximas do Evangelho se tornam ininteligíveis e têm dado origem a interpretações contraditórias.

Ele acredita que esse princípio é a chave para restituir a essas máximas o sentido verdadeiro.

A reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os rompe

18. Os laços de família não sofrem destruição alguma com a reencarnação, como o pensam certas pessoas. Ao contrário, tornam-se mais fortalecidos e apertados. O princípio oposto, sim, os destrói. No Espaço, os Espíritos formam grupos ou famílias entrelaçados pela afeição, pela simpatia e pela semelhança das inclinações. Ditosos por se encontrarem juntos, esses Espíritos se buscam uns aos outros. A encarnação apenas momentaneamente os separa, porquanto, ao regressarem à erraticidade, novamente se reúnem como amigos que voltam de uma viagem. Muitas vezes, até uns seguem a outros na encarnação, vindo aqui reunir-se numa mesma família, ou num mesmo círculo, a fim de trabalharem juntos pelo seu mútuo adiantamento. Se uns encarnam e outros não, nem por isso deixam de estar unidos pelo pensamento. Os que se conservam livres velam pelos que se acham em cativeiro. Os mais adiantados se esforçam por fazer que os retardatários progridam. Após cada existência, todos têm avançado um passo na senda do aperfeiçoamento. Cada vez menos presos à matéria, mais viva se lhes torna a afeição recíproca, pela razão mesma de que, mais depurada, não tem a perturbá-la o egoísmo, nem as sombras das paixões. Podem, portanto, percorrer, assim, ilimitado número de existências corpóreas, sem que nenhum golpe receba a mútua estima que os liga. Está bem visto que aqui se trata de afeição real, de alma a alma, única que sobrevive à destruição do corpo, porquanto os seres que neste mundo se unem apenas pelos sentidos nenhum motivo têm para se procurarem no mundo dos Espíritos. Duráveis somente o são as afeições espirituais; as de natureza carnal se extinguem com a causa que lhes deu origem. Ora, semelhante causa não

subsiste no mundo dos Espíritos, enquanto a alma existe sempre. No que concerne às pessoas que se unem exclusivamente por motivo de interesse, essas nada realmente são umas para as outras: a morte as separa na Terra e no céu.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec aborda a ideia de que os laços familiares não sofrem destruição com a reencarnação, ao contrário do que pensam algumas pessoas.

Ele argumenta que esses laços se fortalecem e se tornam mais estreitos com a reencarnação.

Segundo Kardec, no espaço, os espíritos formam grupos ou famílias unidos pela afeição, simpatia e semelhança de inclinações.

Mesmo que a encarnação os separe momentaneamente, ao retornarem à erraticidade (estado espiritual entre as encarnações), eles se reúnem novamente, como amigos que voltam de uma viagem.

Muitas vezes, alguns espíritos seguem outros na encarnação, reunindo-se em uma mesma família ou círculo para trabalharem juntos em seu progresso espiritual.

Os espíritos mais adiantados se esforçam para ajudar os menos adiantados a progredir. Após cada existência, todos avançam um passo na senda do aperfeiçoamento.

A afeição entre eles se torna mais viva à medida que se purificam, sem ser perturbada pelo egoísmo ou pelas paixões.

Assim, eles podem percorrer um número ilimitado de existências corpóreas sem que a estima mútua que os une seja prejudicada.

As afeições espirituais são duradouras, ao contrário das de natureza carnal, que se extinguem com a causa que as originou.

19. A união e a afeição que existem entre pessoas parentes são um índice da simpatia anterior que as aproximou. Daí vem que, falando-se de alguém cujo caráter, gostos e pendores nenhuma semelhança apresentam com os dos seus parentes mais próximos, se costuma dizer que ela não é da família.

Dizendo-se isso, enuncia-se uma verdade mais profunda do que se supõe. Deus permite que, nas famílias, ocorram essas encarnações de Espíritos antipáticos ou estranhos, com o duplo objetivo de servir de prova para uns e, para outros, de meio de progresso. Assim, os maus se melhoram pouco a pouco, ao contato dos bons e por efeito dos cuidados que se lhes dispensam. O caráter deles se abranda, seus costumes se apuram, as antipatias se esvaem. É desse modo que se opera a fusão das diferentes categorias de Espíritos, como se dá na Terra com as raças e os povos.

NOSSO COMENTÁRIO.

Kardec acrescenta que a união e a afeição entre pessoas que são parentes na Terra são indicativas da simpatia anterior que as aproximou.

Ele sugere que, quando alguém tem um caráter, gostos e inclinações muito diferentes dos seus parentes mais próximos, isso pode indicar que essa pessoa não é da família espiritualmente falando.

Deus permite que, nas famílias, ocorram encarnações de espíritos antipáticos ou estranhos, com o objetivo de servir como prova para alguns e como meio de progresso para outros.

Os maus podem se melhorar ao contato dos bons e por meio dos cuidados que lhes são dispensados, resultando na fusão das diferentes categorias de espíritos, assim como ocorre na Terra com as raças e os povos.

20. O temor de que a parentela aumente indefinidamente, em consequência da reencarnação, é de fundo egoístico: prova, naquele que o sente, falta de amor bastante amplo para abranger grande número de pessoas. Um pai, que tem muitos filhos, ama-os menos do que amaria a um deles se fosse único? Mas tranquilizem-se os egoístas: não há fundamento para semelhante temor. Do fato de um homem ter tido dez encarnações, não se segue que vá encontrar, no mundo dos Espíritos, dez pais, dez mães, dez mulheres e um número proporcional de filhos e de parentes novos. Lá encontrará sempre os que foram objeto da sua afeição, os quais se lhe terão ligado na Terra, a títulos diversos, e, talvez, sob o mesmo título.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec aborda o temor egoísta de que a parentela aumente indefinidamente devido à reencarnação.

Ele argumenta que esse medo reflete uma falta de amor amplo o suficiente para abranger um grande número de pessoas.

Kardec questiona se um pai que tem muitos filhos os ama menos do que amaria se tivesse apenas um filho.

Ele sugere que não há motivo para esse temor, pois o fato de alguém ter tido várias encarnações não significa que encontrará no mundo dos espíritos um número multiplicado de pais, mães, cônjuges, filhos ou parentes.

Kardec explica que no mundo espiritual, uma pessoa encontrará aqueles que foram objetos de sua afeição na Terra, os quais se ligaram a ela de várias maneiras e talvez sob os mesmos títulos.

Ou seja, a relação de parentesco no mundo espiritual não é uma simples repetição das relações terrenas, mas sim uma continuação e ampliação das conexões afetivas e espirituais estabelecidas durante as encarnações.

21. Vejamos agora as consequências da doutrina antirreencarnacionista. Ela, necessariamente, anula a preexistência da alma. Sendo estas criadas ao mesmo tempo que os corpos, nenhum laço anterior há entre elas, que, nesse caso, serão completamente estranhas umas às outras. O pai é estranho a seu filho. A filiação das famílias fica assim reduzida à só filiação corporal, sem qualquer laço espiritual. Não há então motivo algum para quem quer que seja glorificar-se de haver tido por antepassados tais ou tais personagens ilustres. Com a reencarnação, ascendentes e descendentes podem já se terem conhecido, vivido juntos, amado, e podem reunir-se mais tarde, a fim de apertarem entre si os laços de simpatia.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec explora as consequências da doutrina antirreencarnacionista, que nega a reencarnação e, por extensão, a preexistência da alma.

Ele argumenta que, nesse cenário, as almas seriam criadas ao mesmo tempo que os corpos, o que eliminaria qualquer laço anterior entre eles.

Isso significaria que o pai seria estranho ao filho e que a filiação nas famílias seria apenas corporal, sem nenhum vínculo espiritual.

Kardec aponta que, sem a reencarnação, não haveria motivo para alguém se orgulhar de ter tido antepassados ilustres, pois não haveria conexão espiritual entre eles.

Ele contrasta essa visão com a ideia da reencarnação, onde ascendentes e descendentes podem ter se conhecido, vivido juntos, amado e podem se reunir novamente em novas encarnações para fortalecer os laços de simpatia entre eles.

Kardec destaca assim a importância dos laços espirituais que transcendem as relações puramente materiais e corporais.

22. Isso quanto ao passado. Quanto ao futuro, segundo um dos dogmas fundamentais que decorrem da não reencarnação, a sorte das almas se acha irrevogavelmente determinada, após uma só existência. A fixação definitiva da sorte implica a cessação de todo progresso, pois desde que haja qualquer progresso já não há sorte definitiva. Conforme tenham vivido bem ou mal, elas vão imediatamente para a mansão dos bem-aventurados ou para o inferno eterno. Ficam assim, imediatamente e para sempre, separadas e sem esperança de tornarem a juntar-se, de forma que pais, mães e filhos, maridos e mulheres, irmãs, irmãs e amigos jamais podem estar certos de se ver novamente; é a ruptura absoluta dos laços de família.

Com a reencarnação e progresso a que dá lugar, todos os que se amaram tornam a encontrar-se na Terra e no Espaço e juntos gravitam para Deus. Se alguns fraquejam no caminho, esses retardam o seu adiantamento e a sua felicidade, mas não há para eles perda de toda esperança. Ajudados, encorajados

e amparados pelos que os amam, um dia sairão do lodaçal em que se enterraram. Com a reencarnação, finalmente, há perpétua solidariedade entre os encarnados e os desencarnados, e, daí, estreitamento dos laços de afeição.

NOSSO COMENTÁRIO

Kardec contrasta as consequências da crença na reencarnação com as da não reencarnação.

Ele argumenta que, segundo a visão antirreencarnacionista, a sorte das almas é determinada após uma única existência, levando à fixação definitiva do destino de cada uma.

Isso implicaria na cessação de todo progresso espiritual, já que qualquer avanço significaria que o destino não está definitivamente fixado.

De acordo com essa crença, as almas que viveram bem vão para o céu imediatamente, enquanto as que viveram mal vão para o inferno eterno, resultando em uma separação absoluta e sem esperança de reunião para pais, mães, filhos, maridos, mulheres, irmãos, irmãs e amigos.

Por outro lado, Kardec destaca que, com a reencarnação e o progresso espiritual que ela possibilita, aqueles que se amaram têm a oportunidade de se encontrar novamente na Terra e no plano espiritual, e juntos evoluem em direção a Deus.

Mesmo aqueles que fraquejam no caminho têm a chance de se reerguer, pois não perdem toda a esperança.

Com a reencarnação, há uma perpétua solidariedade entre os encarnados e os desencarnados, o que fortalece os laços de afeto e permite a continuidade do apoio mútuo ao longo das existências.

23. Em resumo, quatro alternativas se apresentam ao homem para o seu futuro de além-túmulo: 1a, o nada, de acordo com a doutrina materialista; 2a, a absorção no todo universal, de acordo com a doutrina panteísta; 3a, a individualidade, com fixação definitiva da sorte, segundo a doutrina da Igreja; 4a, a

individualidade, com progressão indefinita, conforme a Doutrina Espírita. Segundo as duas primeiras, os laços de família se rompem por ocasião da morte e nenhuma esperança resta às almas de se encontrarem futuramente. Com a terceira, há para elas a possibilidade de se tornarem a ver, desde que sigam para a mesma região, que tanto pode ser o inferno como o paraíso. Com a pluralidade das existências, inseparável da progressão gradativa, há a certeza na continuidade das relações entre os que se amaram, e é isso o que constitui a verdadeira família.

NOSSO COMENTÁRIO

Kardec resume as quatro alternativas que se apresentam para o futuro do homem após a morte:

Nada: De acordo com o materialismo, não há vida após a morte, e tudo se reduz ao fim da existência física, sem continuidade da consciência.

Absorção no todo universal: Segundo o panteísmo, após a morte, a individualidade se dissolve e a alma se funde novamente com o universo, perdendo sua identidade pessoal.

Individualidade com fixação definitiva da sorte: De acordo com a doutrina da Igreja, as almas mantêm sua individualidade após a morte, mas sua sorte é fixada de forma definitiva, podendo estar separadas ou reunidas com aqueles que amavam, dependendo se vão para o céu ou para o inferno.

Individualidade com progressão indefinida: Segundo a Doutrina Espírita, as almas mantêm sua individualidade após a morte e têm a oportunidade de progredir continuamente, sem limites, por meio da reencarnação.

Nesse contexto, há a certeza da continuidade das relações entre aqueles que se amam, o que Kardec considera como a verdadeira família.

Instruções dos Espíritos: Limites da encarnação

24. Quais os limites da encarnação?

A bem dizer, a encarnação carece de limites precisamente traçados, se tivermos em vista apenas o envoltório que constitui o corpo do Espírito, dado que a materialidade desse envoltório diminui à proporção que o Espírito se purifica. Em certos mundos mais adiantados do que a Terra, já ele é menos compacto, menos pesado e menos grosseiro e, por conseguinte, menos sujeito a vicissitudes. Em grau mais elevado, é diáfano e quase fluídico. Vai desmaterializando-se de grau em grau e acaba por se confundir com o perispírito. Conforme o mundo em que é levado a viver, o Espírito reveste o invólucro apropriado à natureza desse mundo.

O próprio perispírito passa por transformações sucessivas. Torna-se cada vez mais etéreo, até a depuração completa, que é a condição dos puros Espíritos. Se mundos especiais são destinados a Espíritos de grande adiantamento, estes últimos não lhes ficam presos, como nos mundos inferiores. O estado de desprendimento em que se encontram lhes permite ir a toda parte onde os chamem as missões que lhes estejam confiadas.

Se se considerar do ponto de vista material a encarnação, tal como se verifica na Terra, poder-se-á dizer que ela se limita aos mundos inferiores. Depende, portanto, de o Espírito libertar-se dela mais ou menos rapidamente, trabalhando pela sua purificação.

Deve também considerar-se que no estado de desencarnado, isto é, no intervalo das existências corporais, a situação do Espírito guarda relação com a natureza do mundo a que o liga o grau do seu adiantamento. Assim, na erraticidade, é ele mais ou menos ditoso, livre e esclarecido, conforme está mais ou menos desmaterializado. – São Luís. (Paris, 1859.)

NOSSO COMENTÁRIO

Este trecho nos oferece uma visão abrangente sobre a encarnação e seus limites, conforme ensinado pelos Espíritos Superiores.

Destaca-se que a encarnação não possui limites precisos em relação ao envoltório corporal do Espírito, pois este envoltório vai se refinando à medida que o Espírito se purifica.

Em mundos mais evoluídos, o corpo espiritual é menos denso e mais fluídico, sujeito a menos vicissitudes.

Além disso, o perispírito, que é o corpo espiritual, passa por transformações sucessivas, tornando-se mais etéreo até alcançar a purificação completa.

Em mundos especiais destinados a Espíritos mais adiantados, estes não estão limitados à encarnação, pois seu estado de desprendimento lhes permite ir a qualquer lugar onde suas missões os levem.

É importante considerar também que, no intervalo entre as existências corporais, a situação do Espírito está relacionada com o grau de seu adiantamento, sendo mais ou menos ditoso, livre e esclarecido conforme está mais ou menos desmaterializado.

Esse ensinamento nos convida a refletir sobre a natureza transitória da encarnação e a importância do progresso espiritual na jornada evolutiva do ser.

Necessidade da encarnação

25. É um castigo a encarnação e somente os Espíritos culpados estão sujeitos a sofrê-la?

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência. Sendo soberanamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder. Qualquer privilégio seria uma preferência, e toda preferência, uma injustiça; mas a encarnação, para todos os Espíritos, é apenas um estado transitório. É uma tarefa que Deus lhes impõe, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre-arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõe rapidamente e menos penosamente os primeiros graus da iniciação e mais cedo gozam do fruto de seus labores. Os que, ao contrário, usam mal da liberdade que Deus lhes concede retardam a sua marcha e, tal seja a

obstinação que demonstrem, podem prolongar indefinidamente a necessidade da reencarnação e é quando se torna um castigo. – São Luís. (Paris, 1859.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste ensinamento, São Luís esclarece que a encarnação não é um castigo, mas uma necessidade para o desenvolvimento dos Espíritos.

Todos os Espíritos, mesmo os mais adiantados, passam pela encarnação para cumprir os desígnios de Deus e desenvolver suas inteligências através da ação material.

Deus é justo e distribui igualmente a todos seus filhos o ponto de partida, as aptidões, as obrigações e a liberdade de agir, sem privilégios ou injustiças.

A encarnação é uma tarefa imposta por Deus como a primeira experiência do uso do livre-arbítrio.

Aqueles que cumprem essa tarefa com zelo avançam rapidamente em sua evolução espiritual e desfrutam mais cedo dos frutos de seus esforços.

Por outro lado, aqueles que fazem mau uso da liberdade concedida por Deus retardam seu progresso e podem prolongar a necessidade de reencarnação indefinidamente, tornando-a um castigo.

Assim, a encarnação é vista como uma oportunidade de progresso e aprendizado para todos os Espíritos, sendo a forma pela qual Deus proporciona a cada um a chance de evoluir em direção à perfeição.

26. Nota. Uma comparação vulgar fará se compreenda melhor essa diferença. O escolar não chega aos estudos superiores da Ciência, senão depois de haver percorrido a série das classes que até lá o conduzirão. Essas classes, qualquer que seja o trabalho que exijam, são um meio de o estudante alcançar o fim, e não um castigo que se lhe inflige. Se ele é esforçado, abrevia o caminho, no qual, então, menos espinhos encontra. Outro tanto não sucede àquele a

quem a negligência e a preguiça obrigam a passar duplamente por certas classes. Não é o trabalho da classe que constitui a punição; esta se acha na obrigação de recomeçar o mesmo trabalho.

Assim acontece com o homem na Terra. Para o Espírito do selvagem, que está apenas no início da vida espiritual, a encarnação é um meio de ele desenvolver a sua inteligência; contudo, para o homem esclarecido, em quem o senso moral se acha largamente desenvolvido e que é obrigado a percorrer de novo as etapas de uma vida corpórea cheia de angústias, quando já poderia ter chegado ao fim, é um castigo, pela necessidade em que se vê de prolongar sua permanência em mundos inferiores e desgraçados. Aquele que, ao contrário, trabalha ativamente pelo seu progresso moral, além de abreviar o tempo da encarnação material, pode também transpor de uma só vez os degraus intermédios que o separam dos mundos superiores.

Não poderiam os Espíritos encarnar uma única vez em determinado globo e preencher em esferas diferentes suas diferentes existências? Semelhante modo de ver só seria admissível se, na Terra, todos os homens estivessem exatamente no mesmo nível intelectual e moral. As diferenças que há entre eles, desde o selvagem ao homem civilizado, mostram quais os degraus que têm de subir. A encarnação, aliás, precisa ter um fim útil. Ora, qual seria o das encarnações efêmeras das crianças que morrem em tenra idade? Teriam sofrido sem proveito para si, nem para outrem. Deus, cujas leis todas são soberanamente sábias, nada faz de inútil. Pela reencarnação no mesmo globo, quis Ele que os mesmos Espíritos, pondo-se novamente em contato, tivessem ensejo de reparar seus danos recíprocos. Por meio das suas relações anteriores, quis, além disso, estabelecer sobre base espiritual os laços de família e apoiar numa lei natural os princípios da solidariedade, da fraternidade e da igualdade.

NOSSO COMENTÁRIO

A nota de Allan Kardec nos ajuda a compreender melhor a encarnação sob uma perspectiva educativa e evolutiva.

Ele utiliza a analogia com o percurso escolar para ilustrar o propósito da encarnação.

Assim como um estudante progride por diferentes classes até alcançar os estudos superiores, o Espírito também passa por diferentes encarnações para evoluir espiritualmente.

Para o Espírito menos evoluído, a encarnação é um meio de desenvolver sua inteligência e senso moral.

Para o Espírito mais adiantado que ainda necessita passar por existências corpóreas em mundos inferiores, a encarnação pode ser percebida como um desafio ou uma prova, em vez de um castigo.

Isso ocorre porque, devido ao seu progresso espiritual, ele poderia ter alcançado estágios superiores e não precisar mais reencarnar em mundos de menor evolução.

Assim, a necessidade de retornar a esses mundos é uma oportunidade para ele aplicar e consolidar os aprendizados adquiridos, contribuindo para seu próprio avanço e para o auxílio aos que ainda estão em estágios menos desenvolvidos.

A ideia de que os Espíritos poderiam encarnar apenas uma vez em um globo e preencher suas diferentes existências em esferas diferentes é refutada, pois as diferenças entre os indivíduos, desde o selvagem até o homem civilizado, mostram os diferentes degraus a serem percorridos.

Além disso, a reencarnação no mesmo globo permite que os Espíritos, ao se encontrarem novamente, tenham a oportunidade de reparar seus danos passados e fortalecer laços de família e solidariedade, conforme estabelecido por Deus de forma sábia e útil para o progresso espiritual de todos.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

CAPÍTULO V

Bem-aventurados os aflitos

• Justiça das aflições • Causas atuais das aflições • Causas anteriores das aflições • Esquecimento do passado • Motivos de resignação • O suicídio e a loucura • Instruções dos Espíritos: Bem e mal sofrer – O mal e o remédio – A felicidade não é deste mundo – Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras – Se fosse um homem de bem, teria morrido – Os tormentos voluntários – A desgraça real – A melancolia – Provas voluntárias. O verdadeiro cilício – Dever-se-á pôr termo às provas do próximo? – Será lícito abreviar a vida de um doente que sofra sem esperança de cura? – Sacrifício da própria vida – Proveito dos sofrimentos para outrem

1. *Bem-aventurados os que choram, pois que serão consolados. Bem-aventurados os famintos e os sequiosos de justiça, pois que serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça, pois que é deles o Reino dos Céus. (Mateus, 5:4, 6 e 10.)*

2. *Bem-aventurados vós, que sois pobres, porque vosso é o Reino dos Céus. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados. Ditosos sois, vós que agora chorais, porque rireis. (Lucas, 6:20 e 21.) Mas ai de vós, ricos! que tendes no mundo a vossa consolação. Ai de vós que estais saciados, porque tereis fome. Ai de vós que agora rides, porque sereis constrangidos a gemer e a chorar. (Lucas, 6:24 e 25.)*

NOSSO COMENTÁRIO

Nos itens 1 e 2, o "Evangelho segundo o Espiritismo" aborda as bem-aventuranças ensinadas por Jesus.

Neles, Jesus apresenta uma visão contrária àquela comumente encontrada no mundo, valorizando virtudes como humildade, justiça e compaixão.

Ele indica que aqueles que enfrentam dificuldades terão consolo e recompensas espirituais.

Por outro lado, adverte sobre os perigos da riqueza material quando esta se torna um obstáculo ao desenvolvimento espiritual, levando à necessidade de aprender por meio do sofrimento.

Esses ensinamentos nos convidam a refletir sobre a verdadeira natureza da felicidade e da prosperidade, incentivando-nos a buscar valores mais elevados em nossas vidas.

Justiça das aflições

3. Somente na vida futura podem efetivar-se as compensações que Jesus promete aos aflitos da Terra. Sem a certeza do futuro, estas máximas seriam um contrassenso; mais ainda: seriam um engodo. Mesmo com essa certeza, dificilmente se compreende a conveniência de sofrer para ser feliz. É, dizem, para se ter maior mérito. Mas, então, pergunta-se: por que sofrem uns mais do que outros? Por que nascem uns na miséria e outros na opulência, sem coisa alguma haverem feito que justifique essas posições? Por que uns nada conseguem, ao passo que a outros tudo parece sorrir? Todavia, o que ainda menos se compreende é que os bens e os males sejam tão desigualmente repartidos entre o vício e a virtude; e que os homens virtuosos sofram, ao lado dos maus que prosperam. A fé no futuro pode consolar e infundir paciência, mas não explica essas anomalias, que parecem desmentir a Justiça de Deus. Entretanto, desde que admita a existência de Deus, ninguém o pode conceber sem o infinito das perfeições. Ele necessariamente tem todo o poder, toda a justiça, toda a bondade, sem o que não seria Deus. Se é soberanamente bom e justo, não pode agir caprichosamente, nem com parcialidade. Logo, as vicissitudes da vida derivam de uma causa e, pois que Deus é justo, justa há de ser essa causa. Isso o de que cada um deve bem compenetrar-se. Por meio dos ensinamentos de Jesus, Deus pôs os homens na direção dessa causa, e hoje, julgando-os suficientemente maduros para compreendê-la, lhes revela completamente a aludida causa, por meio do Espiritismo, isto é, pela palavra dos Espíritos.

NOSSO COMENTÁRIO

O Evangelho segundo o Espiritismo aborda a questão da justiça nas aflições, questionando por que existem tantas disparidades de

sofrimento e felicidade entre as pessoas, mesmo considerando a promessa de Jesus sobre as compensações futuras para os aflitos.

Levanta questões sobre a distribuição desigual de bens e males entre virtude e vício, sugerindo que a fé no futuro pode consolar, mas não explica totalmente essas disparidades, que parecem desafiar a justiça de Deus.

No entanto, o texto aponta que, ao considerar a existência de Deus, é necessário reconhecer que Ele é soberanamente bom e justo, agindo de acordo com a perfeição de Suas qualidades.

Portanto, as vicissitudes da vida devem derivar de uma causa justa, e é fundamental compreender essa causa.

Segundo o Espiritismo, os ensinamentos de Jesus colocaram os homens na direção dessa causa, e hoje, por meio do Espiritismo, essa causa está sendo completamente revelada pela palavra dos Espíritos.

Assim, a compreensão dessa causa pode ajudar a explicar as disparidades e injustiças aparentes, mostrando que há uma justiça maior em ação, além da visão limitada que temos da vida terrena.

Causas atuais das aflições

4. De duas espécies são as vicissitudes da vida, ou, se o preferirem, promanam de duas fontes bem diferentes, que importa distinguir. Umas têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida.

Remontando-se à origem dos males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são consequência natural do caráter e do proceder dos que os suportam.

Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição!

Quantos se arruínam por falta de ordem, de perseverança, pelo mau proceder, ou por não terem sabido limitar seus desejos!

Quantas uniões desgraçadas, porque resultaram de um cálculo de interesse ou de vaidade e nas quais o coração não tomou parte alguma!

Quantas dissensões e funestas disputas se teriam evitado com um pouco de moderação e menos suscetibilidade!

Quantas doenças e enfermidades decorrem da intemperança e dos excessos de todo gênero!

Quantos pais são infelizes com seus filhos, porque não lhes combateram desde o princípio as más tendências! Por fraqueza, ou indiferença, deixaram que neles se desenvolvessem os germens do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade, que produzem a secura do coração; depois, mais tarde, quando colhem o que semearam, admiram-se e se afligem da falta de deferência com que são tratados e da ingratidão deles.

Interroguem friamente suas consciências todos os que são feridos no coração pelas vicissitudes e decepções da vida; remontem passo a passo à origem dos males que os torturam e verifiquem se, as mais das vezes, não poderão dizer: Se eu houvesse feito, ou deixado de fazer tal coisa, não estaria em semelhante condição.

A quem, então, há de o homem responsabilizar por todas essas aflições, senão a si mesmo? O homem, pois, em grande número de casos, é o causador de seus próprios infortúnios; mas, em vez de reconhecê-lo, acha mais simples, menos humilhante para a sua vaidade acusar a sorte, a Providência, a má fortuna, a má estrela, ao passo que a má estrela é apenas a sua incúria.

Os males dessa natureza fornecem, indubitavelmente, um notável contingente ao cômputo das vicissitudes da vida. O homem as evitará quando trabalhar por se melhorar moralmente, tanto quanto intelectualmente.

NOSSO COMENTÁRIO

O Evangelho Segundo o Espiritismo aborda as causas atuais das aflições, destacando que muitos dos males que enfrentamos na vida são resultado direto de nossas próprias ações e escolhas.

Aponta que muitos homens sofrem devido a sua própria culpa, seja por falta de prudência, orgulho, ambição, falta de ordem, perseverança, mau proceder ou por não saberem limitar seus desejos.

O texto também menciona as consequências de uniões infelizes motivadas por interesses materiais ou vaidade, além de conflitos evitáveis por meio da moderação e da tolerância.

Doenças e enfermidades decorrentes de intemperança e excessos são citadas, assim como a infelicidade de pais com filhos que não foram corrigidos desde cedo em suas más tendências.

É ressaltado que muitas decepções e aflições poderiam ser evitadas se as pessoas refletissem sobre suas próprias ações e assumissem a responsabilidade por elas.

Em vez de culpar a sorte, a Providência ou a má fortuna, é importante reconhecer as próprias falhas e trabalhar para melhorar moral e intelectualmente, evitando assim muitos dos infortúnios da vida.

Esse ensinamento nos convida a refletir sobre a importância de nossas escolhas e ações, pois são elas que moldam nossos destinos e influenciam diretamente em nossa felicidade e bem-estar.

5. A lei humana atinge certas faltas e as pune. Pode, então, o condenado reconhecer que sofre a consequência do que fez. Mas a lei não atinge, nem pode atingir todas as faltas; incide especialmente sobre as que trazem prejuízo à sociedade e não sobre as que só prejudicam os que as cometem. Deus, porém, quer que todas as suas criaturas progridam e, portanto, não deixa impune qualquer desvio do caminho reto. Não há falta alguma, por mais leve que seja, nenhuma infração da sua lei, que não acarrete forçosas e inevitáveis consequências, mais ou menos deploráveis. Daí se segue que, nas pequenas coisas, como nas grandes, o homem é sempre punido por aquilo em que pecou. Os sofrimentos que decorrem do pecado são-lhe uma advertência de que procedeu mal. Dão-lhe experiência, fazem-lhe sentir a diferença existente entre o bem e o mal e a necessidade de se melhorar para, de futuro, evitar o que lhe originou uma fonte de amarguras; sem o que, motivo não haveria para que se emendasse. Confiante na impunidade, retardaria seu avanço e, conseqüentemente, a sua felicidade futura.

Entretanto, a experiência, algumas vezes, chega um pouco tarde: quando a vida já foi desperdiçada e turbada; quando as forças já estão gastas e sem remédio o mal. Põe-se então o homem a dizer: "Se no começo dos meus dias

eu soubera o que sei hoje, quantos passos em falso teria evitado! Se houvesse de recomeçar, conduzir-me-ia de outra maneira. No entanto, já não há mais tempo!" Como o obreiro preguiçoso, que diz: "Perdi o meu dia", também ele diz: "Perdi a minha vida." Contudo, assim como para o obreiro o sol se levanta no dia seguinte, permitindo-lhe neste reparar o tempo perdido, também para o homem, após a noite do túmulo, brilhará o sol de uma nova vida, em que lhe será possível aproveitar a experiência do passado e suas boas resoluções para o futuro.

NOSSO COMENTÁRIO

O Evangelho segundo o Espiritismo aborda as faltas cometidas pelo homem em relação à justiça divina, destacando que, embora a lei humana possa punir certos desvios que prejudicam a sociedade, muitas outras faltas não são alcançadas por essa lei, mas ainda assim têm consequências inevitáveis perante a lei divina.

Deus deseja o progresso de todas as suas criaturas e, portanto, não deixa impune qualquer desvio do caminho correto.

Assim, mesmo nas pequenas coisas, o homem é sempre punido pelo que pecou, pois os sofrimentos decorrentes do pecado são uma advertência de que procedeu mal.

Essas experiências fazem o homem perceber a diferença entre o bem e o mal, incentivando-o a melhorar e evitar futuros erros.

Por vezes, essa compreensão chega tarde demais, quando a vida já foi desperdiçada e as consequências já são irreversíveis.

No entanto, assim como o sol se levanta para um novo dia, após a noite do túmulo, o homem terá a oportunidade de uma nova vida, onde poderá aproveitar a experiência do passado e suas boas resoluções para o futuro.

Esse ensinamento nos lembra da importância de refletir sobre nossas ações e buscar o progresso espiritual, mesmo diante das dificuldades e aflições da vida terrena.

Causas anteriores das aflições

6. Mas se há males nesta vida cuja causa primária é o homem, outros há também aos quais, pelo menos na aparência, ele é completamente estranho e que parecem atingi-lo como por fatalidade. Tal, por exemplo, a perda de entes queridos e a dos que são o amparo da família. Tais, ainda, os acidentes que nenhuma previsão poderia impedir; os reveses da fortuna, que frustram todas as precauções aconselhadas pela prudência; os flagelos naturais, as enfermidades de nascença, sobretudo as que tiram a tantos infelizes os meios de ganhar a vida pelo trabalho: as deformidades, a idiotia, o cretinismo etc.

Os que nascem nessas condições, certamente nada hão feito na existência atual para merecer, sem compensação, tão triste sorte, que não podiam evitar, que são impotentes para mudar por si mesmos e que os põe à mercê da comiseração pública. Por que, pois, seres tão desgraçados, enquanto, ao lado deles, sob o mesmo teto, na mesma família, outros são favorecidos de todos os modos?

Que dizer, enfim, dessas crianças que morrem em tenra idade e da vida só conheceram sofrimentos? Problemas são esses que ainda nenhuma filosofia pôde resolver, anomalias que nenhuma religião pôde justificar e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, se se verificasse a hipótese de ser criada a alma ao mesmo tempo que o corpo e de estar a sua sorte irrevogavelmente determinada após a permanência de alguns instantes na Terra. Que fizeram essas almas, que acabam de sair das mãos do Criador, para que se vissem, neste mundo, a braços com tantas misérias e para merecerem no futuro uma recompensa ou uma punição qualquer, visto que não hão podido praticar nem o bem, nem o mal?

Todavia, por virtude do axioma segundo o qual todo efeito tem uma causa, tais misérias são efeitos que hão de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente. Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez, se somos punidos, é que fizemos o mal; se esse mal não o fizemos na presente vida, tê-lo-emos feito noutra. É uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que parte se acha a Justiça de Deus.

O homem, pois, nem sempre é punido, ou punido completamente, na sua existência atual; mas não escapa nunca às consequências de suas faltas. A prosperidade do mau é apenas momentânea; se ele não expiar hoje, expiará amanhã, ao passo que aquele que sofre está expiando o seu passado. O infortúnio que, à primeira vista, parece imerecido tem sua razão de ser, e aquele que se encontra em sofrimento pode sempre dizer: "Perdoa-me, Senhor, porque pequei."

NOSSO COMENTÁRIO

O Evangelho segundo o Espiritismo esclarece as causas anteriores das aflições, ou seja, aquelas que não têm relação direta com as ações realizadas na vida presente.

Ele menciona os infortúnios que parecem atingir as pessoas de forma aleatória, como a perda de entes queridos, acidentes imprevisíveis, reveses da fortuna, flagelos naturais, enfermidades de nascença e a morte prematura de crianças.

Esses casos levantam questões sobre a justiça divina, pois as pessoas que nascem nessas condições não fizeram nada na existência atual para merecer tamanha adversidade.

Se a alma fosse criada ao mesmo tempo que o corpo e sua sorte determinada após alguns instantes na Terra, isso seria contraditório com a bondade, a justiça e a providência de Deus.

No entanto, seguindo o princípio de que todo efeito tem uma causa, essas misérias devem ter uma causa que remonta a uma existência anterior.

Se Deus é justo, essa causa também deve ser justa. Assim, mesmo que a punição ou recompensa não ocorra nesta vida, ela será inevitável em alguma outra existência, já que Deus não pode punir alguém pelo bem que fez ou pelo mal que não fez.

Portanto, aqueles que parecem sofrer injustamente podem encontrar consolo na ideia de que estão expiando seu passado e que, através do sofrimento, têm a oportunidade de se redimir.

Esse ensinamento nos lembra da complexidade das leis divinas e da necessidade de confiar na justiça de Deus, mesmo quando não compreendemos completamente os motivos de nossas aflições.

7. Os sofrimentos devidos a causas anteriores à existência presente, como os que se originam de culpas atuais, são muitas vezes a consequência da falta cometida, isto é, o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, sofre o que fez sofrer aos outros. Se foi duro e desumano, poderá ser a seu turno tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilhante condição; se foi avaro, egoísta, ou se fez mau uso de suas riquezas, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos etc.

Assim se explicam pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra, como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a distribuição da ventura e da desventura entre os bons e os maus neste planeta. Semelhante anomalia, contudo, só existe na aparência, porque considerada tão só do ponto de vista da vida presente. Aquele que se elevar, pelo pensamento, de maneira a apreender toda uma série de existências, verá que a cada um é atribuída a parte que lhe compete, sem prejuízo da que lhe tocará no mundo dos Espíritos, e verá que a Justiça de Deus nunca se interrompe.

Jamais deve o homem olvidar que se acha num mundo inferior, ao qual somente as suas imperfeições o conservam preso. A cada vicissitude, cumpre-lhe lembrar-se de que, se pertencesse a um mundo mais adiantado, isso não se daria e que só de si depende não voltar a este, trabalhando por se melhorar.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, O Evangelho segundo o Espiritismo explica que os sofrimentos decorrentes de causas anteriores à existência presente são uma consequência da falta cometida, seguindo uma rigorosa justiça distributiva.

Assim, o homem sofre aquilo que fez sofrer aos outros em vidas passadas.

Se foi duro e desumano, pode ser tratado da mesma forma; se foi orgulhoso, pode nascer em humilde condição; se foi avarento, egoísta, ou fez mau uso de suas riquezas, pode se ver privado do necessário; se foi mau filho, pode sofrer pelas ações de seus filhos, e assim por diante.

Essas explicações encontram sentido na pluralidade das existências e na destinação da Terra como um mundo expiatório, onde as almas têm a oportunidade de expiar suas faltas passadas e progredir espiritualmente.

A distribuição da ventura e da desventura entre os bons e os maus neste planeta pode parecer uma anomalia quando vista apenas do ponto de vista da vida presente, mas, considerando-se toda a trajetória evolutiva das almas, percebe-se que cada um recebe a parte que lhe cabe de acordo com sua evolução espiritual.

Por isso, é importante que o homem se lembre de que está em um mundo inferior, do qual suas imperfeições o mantêm ligado.

A cada dificuldade, ele deve lembrar-se de que, se pertencesse a um mundo mais elevado, não enfrentaria esses problemas, e que cabe a ele trabalhar por sua melhora espiritual para não retornar a esse mundo após a morte física.

Esse ensinamento nos convida a refletir sobre a importância do progresso moral e espiritual como forma de transcender as aflições e buscar uma existência mais elevada após a vida terrena.

8. As tribulações podem ser impostas a Espíritos endurecidos, ou extremamente ignorantes, para levá-los a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Os Espíritos penitentes, porém, desejosos de reparar o mal que haja feito e de proceder melhor, esses as escolhem livremente. Tal o caso de um que, havendo desempenhado mal sua tarefa, pede lha deixem recomeçar, para não perder o fruto de seu trabalho. As tribulações, portanto, são, ao mesmo tempo,

expições do passado, que recebe nelas o merecido castigo, e provas com relação ao futuro, que elas preparam. Rendamos graças a Deus, que, em sua bondade, faculta ao homem reparar seus erros e não o condena irrevogavelmente por uma primeira falta.

NOSSO COMENTÁRIO

Aqui, o Evangelho segundo o Espiritismo fala das tribulações da vida como uma forma de expiação para os Espíritos endurecidos ou extremamente ignorantes, que precisam ser levados a fazer escolhas com conhecimento de causa.

Por outro lado, os Espíritos penitentes, que desejam reparar o mal que fizeram e agir de forma melhor, escolhem livremente essas tribulações como oportunidades de crescimento espiritual.

Assim, as tribulações servem como expiação do passado, onde o Espírito recebe o merecido castigo por suas faltas anteriores, mas também como provas em relação ao futuro, preparando-o para uma evolução espiritual mais elevada.

É destacado o aspecto positivo dessas proações, pois permitem ao homem reparar seus erros e não ser condenado irrevogavelmente por uma primeira falta, mostrando a bondade de Deus em conceder oportunidades de aprendizado e crescimento espiritual ao longo das diversas existências.

9. Não há crer, no entanto, que todo sofrimento suportado neste mundo denote a existência de uma determinada falta. Muitas vezes são simples provas buscadas pelo Espírito para concluir a sua depuração e ativar o seu progresso. Assim, a expiação serve sempre de prova, mas nem sempre a prova é uma expiação. Provas e expiações, todavia, são sempre sinais de relativa inferioridade, porquanto o que é perfeito não precisa ser provado. Pode, pois, um Espírito haver chegado a certo grau de elevação e, nada obstante, desejoso de adiantar-se mais, solicitar uma missão, uma tarefa a executar, pela qual tanto mais recompensado será, se sair vitorioso, quanto mais rude haja sido a luta. Tais são, especialmente, essas pessoas de instintos naturalmente bons, de alma elevada, de nobres sentimentos inatos, que parece nada de mau haverem trazido

de suas precedentes existências e que sofrem, com resignação toda cristã, as maiores dores, somente pedindo a Deus que as possam suportar sem murmurar. Pode-se, ao contrário, considerar como expiações as aflições que provocam queixas e impelem o homem à revolta contra Deus.

Sem dúvida, o sofrimento que não provoca queixumes pode ser uma expiação; mas é indício de que foi buscada voluntariamente, antes que imposta, e constitui prova de forte resolução, o que é sinal de progresso.

NOSSO COMENTÁRIO

O Evangelho segundo o Espiritismo esclarece que nem todo sofrimento suportado neste mundo é necessariamente resultado de uma falta cometida, mas muitas vezes são provas buscadas pelo Espírito para concluir sua depuração e acelerar seu progresso espiritual.

Assim, a expiação sempre serve como prova, mas nem toda prova é uma expiação.

Provas e expiações são sinais de relativa inferioridade espiritual, pois o que é perfeito não precisa ser provado.

Um Espírito pode ter alcançado um certo grau de elevação e, desejando avançar ainda mais, solicitar uma missão ou tarefa que, se cumprida com sucesso, resultará em uma recompensa maior quanto mais árdua foi a luta.

Isso é especialmente verdadeiro para pessoas com instintos naturalmente bons, de alma elevada, que parecem não ter trazido consigo nada de mau de suas existências anteriores e que enfrentam as maiores dores com resignação cristã, apenas pedindo a Deus forças para suportá-las sem queixas.

Por outro lado, as aflições que provocam queixas e levam o homem à revolta contra Deus podem ser consideradas expiações.

O sofrimento que não gera reclamações pode ser uma expiação voluntariamente buscada pelo Espírito antes de ser imposta, sendo

um indício de forte resolução e, portanto, sinal de progresso espiritual.

Esse ensinamento nos convida a refletir sobre a natureza das provações e expiações em nossas vidas, buscando enfrentá-las com resignação e aprendizado, para que possamos progredir espiritualmente.

10. Os Espíritos não podem aspirar à completa felicidade, até que não se tenham tornado puros: qualquer mácula lhes interdita a entrada nos mundos ditosos. São como os passageiros de um navio onde há pestosos, aos quais se veda o acesso à cidade a que aportem, até que se hajam expurgado. Mediante as diversas existências corpóreas é que os Espíritos se vão expungindo, pouco a pouco, de suas imperfeições. As provações da vida os fazem adiantar-se, quando bem suportadas. Como expiações, elas apagam as faltas e purificam. São o remédio que limpa as chagas e cura o doente. Quanto mais grave é o mal, tanto mais enérgico deve ser o remédio. Aquele, pois, que muito sofre deve reconhecer que muito tinha a expiar e deve regozijar-se à ideia da sua próxima cura. Dele depende, pela resignação, tornar proveitoso o seu sofrimento e não lhe estragar o fruto com as suas impaciências, visto que, do contrário, terá de recomeçar.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste trecho, o Evangelho segundo o Espiritismo compara os Espíritos impuros àqueles que estão em um navio com pestosos, que são impedidos de entrar na cidade a que chegam até que se purifiquem.

Da mesma forma, os Espíritos não podem aspirar à completa felicidade enquanto não se tornarem puros, pois qualquer mácula lhes impede o acesso aos mundos ditosos.

As diversas existências corpóreas são meios pelos quais os Espíritos vão se purificando gradualmente de suas imperfeições.

As provações da vida os fazem avançar quando são bem suportadas, pois, como expiações, apagam as faltas e purificam.

Assim, as aflições são comparadas a remédios que limpam as chagas e curam o doente.

Quanto mais grave é o mal espiritual, mais enérgico deve ser o remédio, ou seja, quanto mais alguém sofre, mais tem a expiar, mas também mais próximo está da cura de suas imperfeições.

Dessa forma, aquele que sofre muito deve reconhecer que tem muito a expiar e regozijar-se com a ideia de sua próxima cura espiritual.

Depende dele, pela resignação, tornar proveitoso seu sofrimento e não estragar o fruto com impaciências, pois, do contrário, terá que recomeçar o processo de expiação.

Esse ensinamento nos convida a enfrentar as aflições da vida com resignação e compreensão, buscando sempre aprender e evoluir espiritualmente com cada experiência.

Esquecimento do passado

11. Em vão se objeta que o esquecimento constitui obstáculo a que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores. Havendo Deus entendido de lançar um véu sobre o passado, é que há nisso vantagem. Com efeito, a lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou, então, exaltar-nos o orgulho e, assim, enterrar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais.

Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas as a quem odiara, quiçá o ódio se lhe despertaria outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem houvesse ofendido.

Para nos melhorarmos, outorgou-nos Deus, precisamente, o de que necessitamos e nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas. Privá-nos do que nos seria prejudicial.

Ao nascer, traz o homem consigo o que adquiriu, nasce qual se fez; em cada existência, tem um novo ponto de partida. Pouco lhe importa saber o que foi antes: se se vê punido, é que praticou o mal. Suas atuais tendências más indicam o que lhe resta a corrigir em si próprio e é nisso que deve concentrar-se toda a sua atenção, porquanto, daquilo de que se haja corrigido completamente, nenhum traço mais conservará. As boas resoluções que tomou são a voz da consciência, advertindo-o do que é bem e do que é mal e dando-lhe forças para resistir às tentações.

Aliás, o esquecimento ocorre apenas durante a vida corpórea. Voltando à vida espiritual, readquire o Espírito a lembrança do passado; nada mais há, portanto, do que uma interrupção temporária, semelhante à que se dá na vida terrestre durante o sono, a qual não obsta a que, no dia seguinte, nos recordemos do que tenhamos feito na véspera e nos dias precedentes.

E não é somente após a morte que o Espírito recobra a lembrança do passado. Pode dizer-se que jamais a perde, pois que, como a experiência o demonstra, mesmo encarnado, adormecido o corpo, ocasião em que goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre e que sofre com justiça. A lembrança unicamente se apaga no curso da vida exterior, da vida de relação, mas na falta de uma recordação exata, que lhe poderia ser penosa e prejudicá-lo nas suas relações sociais, forças novas haure ele nesses instantes de emancipação da alma, se os sabe aproveitar.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, O Evangelho Segundo o Espiritismo aborda o esquecimento do passado como algo positivo e necessário para o desenvolvimento espiritual. Argumenta-se que se Deus lançou um véu sobre o passado, há vantagens nisso.

Lembrar-se de vidas anteriores poderia trazer graves inconvenientes, como humilhação, exaltação do orgulho e perturbação nas relações sociais.

Além disso, o esquecimento do passado permite que o Espírito renasça em novas circunstâncias, com um novo ponto de partida, focando nas tendências atuais que precisam ser corrigidas.

Ao nascer, o homem traz consigo o que adquiriu em vidas passadas e tem um novo ponto de partida em cada existência.

O esquecimento do passado não é definitivo, pois o Espírito recobra a lembrança do passado após a morte, e mesmo durante a vida terrestre, em momentos de emancipação da alma, tem consciência de seus atos anteriores e sabe por que sofre, o que lhe permite aproveitar essas experiências para seu crescimento espiritual.

Portanto, o esquecimento do passado durante a vida terrena é uma interrupção temporária que permite ao Espírito concentrar-se no presente e nas correções necessárias, sem ser prejudicado por recordações que poderiam ser dolorosas ou perturbadoras.

Motivos de resignação

12. Por estas palavras: Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados, Jesus aponta a compensação que hão de ter os que sofrem e a resignação que leva o padecente a bendizer do sofrimento, como prelúdio da cura.

Também podem essas palavras ser traduzidas assim: Deveis considerar-vos felizes por sofrerdes, visto que as dores deste mundo são o pagamento da dívida que as vossas passadas faltas vos fizeram contrair; suportadas paciente-mente na Terra, essas dores vos poupam séculos de sofrimentos na vida futura. Deveis, pois, sentir-vos felizes por reduzir Deus a vossa dívida, permitindo que a saldeis agora, o que vos garantirá a tranquilidade no porvir.

O homem que sofre assemelha-se a um devedor de avultada soma, a quem o credor diz: "Se me pagares hoje mesmo a centésima parte do teu débito, quitar-te-ei do restante e ficarás livre; se o não fizeres, atormentar-te-ei, até que pagues a última parcela." Não se sentiria feliz o devedor por suportar toda espécie de privações para se libertar, pagando apenas a centésima parte do que deve? Em vez de se queixar do seu credor, não lhe ficará agradecido?

Tal o sentido das palavras: "Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados." São ditosos porque se quitam e porque, depois de se haverem quitado, estarão livres. Se, porém, o homem, ao quitar-se de um lado, endividasse de outro, jamais poderá alcançar a sua libertação. Ora, cada nova falta aumenta a dívida, porquanto nenhuma há, qualquer que ela seja, que não acarrete forçosa e inevitavelmente uma punição. Se não for hoje, será amanhã; se

não for na vida atual, será noutra. Entre essas faltas, cumpre se coloque na primeira fiada a carência de submissão à vontade de Deus. Logo, se murmurarmos nas aflições, se não as aceitarmos com resignação e como algo que devemos ter merecido, se acusarmos a Deus de ser injusto, nova dívida contraímos, que nos faz perder o fruto que devíamos colher do sofrimento. É por isso que teremos de recomeçar, absolutamente como se, a um credor que nos atormente, pagássemos uma cota e a tomássemos de novo por empréstimo.

Ao entrar no mundo dos Espíritos, o homem ainda está como o operário que comparece no dia do pagamento. A uns dirá o Senhor: "Aqui tens a paga dos teus dias de trabalho"; a outros, aos venturosos da Terra, aos que haja vivido na ociosidade, que tiverem feito consistir a sua felicidade nas satisfações do amor-próprio e nos gozos mundanos: "Nada vos toca, pois que recebestes na Terra o vosso salário. Ide e recomeçai a tarefa."

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta passagem, Jesus aponta a compensação e a resignação como motivos para considerar-se felizes os que sofrem.

Ele compara o sofrimento à quitação de uma dívida: ao suportar as dores na Terra com paciência, o indivíduo poupa-se de séculos de sofrimento na vida futura, como se estivesse pagando apenas uma pequena parte de uma grande dívida.

Assim, o sofrimento atual é visto como uma oportunidade de se livrar das dívidas espirituais, garantindo tranquilidade no futuro.

A analogia é feita com um devedor que, ao pagar uma pequena parte de sua dívida, fica livre do restante.

O sofrimento é visto como um meio de quitar a dívida espiritual, e aquele que o aceita com resignação e reconhecimento da justiça divina é considerado feliz por estar se libertando das amarras do passado.

Por outro lado, aquele que se queixa do sofrimento ou não o aceita como parte de sua evolução espiritual está aumentando sua dívida espiritual, o que o impedirá de alcançar a libertação.

Cada nova falta cometida aumenta essa dívida, mostrando a importância da submissão à vontade de Deus e da resignação diante das adversidades.

Aqueles que buscam apenas satisfações mundanas e não trabalham espiritualmente terão que recomeçar sua jornada, como se tivessem recebido seu salário na Terra e agora precisassem recomeçar do zero no mundo espiritual.

13. O homem pode suavizar ou aumentar o amargor de suas provas, conforme o modo por que encare a vida terrena. Tanto mais sofre ele, quanto mais longa se lhe afigura a duração do sofrimento. Ora, aquele que a encara pelo prisma da vida espiritual apanha, num golpe de vista, a vida corpórea. Ele a vê como um ponto no infinito, compreende-lhe a curteza e reconhece que esse penoso momento terá presto passado. A certeza de um próximo futuro mais ditoso o sustenta e anima e, longe de se queixar, agradece ao Céu as dores que o fazem avançar. Contrariamente, para aquele que apenas vê a vida corpórea, interminável lhe parece esta, e a dor o oprime com todo o seu peso. Daquela maneira de considerar a vida, resulta ser diminuída a importância das coisas deste mundo, e sentir-se compelido o homem a moderar seus desejos, a contentar-se com a sua posição, sem invejar a dos outros, a receber atenuada a impressão dos reveses e das decepções que experimente. Daí tira ele uma calma e uma resignação tão úteis à saúde do corpo quanto à da alma, ao passo que, com a inveja, o ciúme e a ambição, voluntariamente se condena à tortura e aumenta as misérias e as angústias da sua curta existência.

NOSSO COMENTÁRIO

Aqui, é destacada a forma como o homem encara a vida terrena e pode influenciar a intensidade de suas provas.

Aquele que percebe a vida terrena como apenas um momento passageiro em sua jornada espiritual consegue suavizar o amargor de suas provas.

Ele compreende que a vida corpórea é breve em comparação com a eternidade, o que lhe dá a certeza de um futuro mais feliz e o fortalece para enfrentar as dificuldades atuais.

Por outro lado, quem enxerga apenas a vida corpórea como algo interminável tende a sentir o peso das dores de forma mais intensa.

Essa perspectiva limitada amplifica a importância das coisas materiais, levando o indivíduo a desejar mais do que possui, a invejar os outros e a se sentir angustiado diante dos revezes e decepções da vida.

Assim, a visão espiritual da existência ajuda a reduzir a importância das coisas mundanas, levando o homem a moderar seus desejos, a aceitar sua situação sem invejar a dos outros e a enfrentar os revezes com calma e resignação.

Essa postura não só beneficia a saúde da alma, mas também a do corpo. Em contraste, sentimentos como inveja, ciúme e ambição apenas aumentam as misérias e angústias da breve existência terrena.

O suicídio e a loucura

14. A calma e a resignação hauridas da maneira de considerar a vida terrestre e da confiança no futuro dão ao espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra a loucura e o suicídio. Com efeito, é certo que a maioria dos casos de loucura se deve à comoção produzida pelas vicissitudes que o homem não tem a coragem de suportar. Ora, se encarando as coisas deste mundo da maneira por que o Espiritismo faz que ele as considere, o homem recebe com indiferença, mesmo com alegria, os reveses e as decepções que o houveram desesperado noutras circunstâncias, evidente se torna que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, lhe preserva de abalos a razão, os quais, se não fora isso, a conturbariam.

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta passagem, ressalta-se a importância da calma e da resignação ao considerar a vida terrena de forma mais ampla e espiritual, juntamente com a confiança no futuro.

Esses elementos são essenciais para preservar o espírito contra a loucura e o suicídio.

Muitos casos de loucura são atribuídos à comoção causada pelas dificuldades que o homem não consegue suportar.

Contudo, quando o homem encara as adversidades da vida de acordo com os princípios do Espiritismo, ele é capaz de receber os reveses e decepções com indiferença ou até mesmo com alegria, pois compreende que são parte de seu aprendizado espiritual.

Essa postura de aceitação e compreensão dos desafios da vida ajuda o homem a manter sua razão intacta diante das adversidades que, de outra forma, poderiam abalar sua estabilidade emocional.

Dessa forma, a serenidade adquirida ao entender a vida de forma mais profunda e espiritual serve como um escudo contra os abalos que poderiam levar à loucura ou ao suicídio.

15. O mesmo ocorre com o suicídio. Postos de lado os que se dão em estado de embriaguez e de loucura, aos quais se pode chamar de inconscientes, é incontestável que tem ele sempre por causa um descontentamento, quaisquer que sejam os motivos particulares que se lhe apontem. Ora, aquele que está certo de que só é desventurado por um dia e que melhores serão os dias que hão de vir, enche-se facilmente de paciência. Só se desespera quando nenhum termo divisa para os seus sofrimentos. E que é a vida humana, com relação à eternidade, senão bem menos que um dia? Mas para o que não crê na eternidade e julga que com a vida tudo se acaba, se os infortúnios e as aflições o acabrunham, unicamente na morte vê uma solução para as suas amarguras. Nada esperando, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar pelo suicídio as suas misérias.

NOSSO COMENTÁRIO

O item 15 aborda a relação entre o suicídio e a visão de vida do indivíduo.

Destaca-se que, salvo os casos de suicídio cometidos em estado de embriaguez ou loucura, que podem ser considerados inconscientes, o ato geralmente decorre de um profundo descontentamento, independentemente dos motivos específicos apontados.

A pessoa que está convencida de que sua infelicidade atual é passageira e que dias melhores virão consegue encontrar mais facilmente a paciência necessária para suportar suas dificuldades.

Por outro lado, quem não acredita na eternidade e pensa que a vida se encerra com a morte pode ver no suicídio uma solução para suas aflições.

Para quem não tem esperança em algo além da vida terrena, abreviar o sofrimento por meio do suicídio pode parecer não apenas natural, mas também lógico.

A compreensão da brevidade da vida humana em relação à eternidade pode oferecer uma perspectiva mais ampla e uma maior capacidade de suportar as dificuldades, enquanto a ausência dessa crença pode levar à desesperança e ao desejo de escapar das misérias da vida por meio do suicídio.

16. A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as ideias materialistas, numa palavra, são os maiores incitantes ao suicídio; ocasionam a covardia moral. Quando homens de ciência, apoiados na autoridade do seu saber, se esforçam por provar aos que os ouvem ou leem que estes nada têm a esperar depois da morte, não estão de fato levando-os a deduzir que, se são desgraçados, coisa melhor não lhes resta senão se matarem? Que lhes poderiam dizer para desviá-los dessa consequência? Que compensação lhes podem oferecer? Que esperança lhes podem dar? Nenhuma, a não ser o nada. Daí se deve concluir que, se o nada é o único remédio heroico, a única perspectiva, mais vale buscá-lo imediatamente e não mais tarde, para sofrer por menos tempo. A propagação das doutrinas materialistas é, pois, o veneno que inocula a ideia do suicídio na maioria dos que se suicidam, e os que se constituem apóstolos de semelhantes doutrinas assumem tremenda responsabilidade. Com o Espiritismo, tornada impossível a dúvida, muda o aspecto da vida. O crente sabe que a existência se prolonga indefinidamente para lá do túmulo, mas em condições muito diversas; donde a paciência e a resignação que o afastam muito naturalmente de pensar no suicídio; donde, em suma, a coragem moral.

NOSSO COMENTÁRIO

Aqui é discutida a relação entre a incredulidade, a visão materialista da vida e o suicídio.

O texto aponta que a falta de crença no futuro e as ideias materialistas são grandes incentivos ao suicídio, pois geram uma espécie de covardia moral.

Quando pessoas, especialmente aquelas com conhecimento científico, afirmam que após a morte não há nada, estão, na verdade, levando os ouvintes a concluir que, se estão desafortunados, não resta outra opção senão o suicídio para escapar do sofrimento.

Essa linha de pensamento sugere que se o nada é a única solução heroica, a única perspectiva, então é melhor buscá-lo imediatamente para sofrer por menos tempo.

A propagação de ideias materialistas é apontada como o veneno que alimenta a ideia do suicídio na maioria das pessoas que o cometem, e aqueles que promovem tais doutrinas assumem uma grande responsabilidade.

Por outro lado, o Espiritismo, ao eliminar a dúvida sobre a vida após a morte, muda a perspectiva da vida.

O crente sabe que a existência se prolonga indefinidamente além do túmulo, mas em condições muito diferentes.

Isso traz paciência e resignação, afastando naturalmente o pensamento do suicídio e promovendo a coragem moral.

17. O Espiritismo ainda produz, sob esse aspecto, outro resultado igualmente positivo e talvez mais decisivo. Apresenta-nos os próprios suicidas a informar-nos da situação desgraçada em que se encontram e a provar que ninguém viola impunemente a Lei de Deus, que proíbe ao homem encurtar a sua vida. Entre os suicidas, alguns há cujos sofrimentos, nem por serem temporários e não eternos, não são menos terríveis e de natureza a fazer refletir os que porventura pensam em daqui sair, antes que Deus o haja ordenado. O espírita

tem, assim, vários motivos a contrapor à ideia do suicídio: a certeza de uma vida futura, em que, sabe-o ele, será tanto mais ditoso, quanto mais inditoso e resignado haja sido na Terra; a certeza de que, abreviando seus dias, chega, precisamente, a resultado oposto ao que esperava; que se liberta de um mal, para incorrer num mal pior, mais longo e mais terrível; que se engana, imaginando que, com o matar-se, vai mais depressa para o céu; que o suicídio é um obstáculo a que no outro mundo ele se reúna aos que foram objeto de suas afeições e aos quais esperava encontrar; donde a consequência de que o suicídio, só lhe trazendo decepções, é contrário aos seus próprios interesses. Por isso mesmo, considerável já é o número dos que têm sido, pelo Espiritismo, obstados de suicidar-se, podendo daí concluir-se que, quando todos os homens forem espíritas, deixará de haver suicídios conscientes. Comparando-se, então, os resultados que as doutrinas materialistas produzem com os que decorrem da Doutrina Espírita, somente do ponto de vista do suicídio, forçoso será reconhecer que, enquanto a lógica das primeiras a ele conduz, a da outra o evita, fato que a experiência confirma.

NOSSO COMENTÁRIO

O texto destaca que o Espiritismo produz resultados positivos ao abordar o tema do suicídio.

Ele mostra que os próprios espíritos que cometeram suicídio informam sobre a situação desafortunada em que se encontram, demonstrando que ninguém viola a Lei de Deus, que proíbe o homem de abreviar sua vida, impunemente.

Para quem segue o Espiritismo, há vários motivos para não considerar o suicídio como uma opção.

Entre eles, está a certeza de uma vida futura, em que a felicidade será proporcional à inditiosidade e resignação na Terra.

O suicida, ao abreviar seus dias, acaba chegando ao resultado oposto ao que esperava, se libertando de um mal apenas para incorrer em um mal pior e mais longo.

Além disso, ele se engana ao pensar que, ao se matar, chegará mais rapidamente ao céu.

O ato também é visto como um obstáculo para se reunir no outro mundo às pessoas que amava e esperava encontrar.

O texto aponta que o Espiritismo tem conseguido evitar muitos suicídios conscientes e sugere que, quando todos os homens forem espíritas, esse tipo de ato deixará de existir.

Comparando os resultados das doutrinas materialistas com os do Espiritismo em relação ao suicídio, conclui-se que, enquanto as primeiras levam a ele, a segunda o evita, o que é confirmado pela experiência.

Instruções dos Espíritos Bem e mal sofrer

18. Quando o Cristo disse: "Bem-aventurados os aflitos, o Reino dos Céus lhes pertence", não se referia de modo geral aos que sofrem, visto que sofrem todos os que se encontram na Terra, quer ocupem tronos, quer jazam sobre a palha. Mas, ah! poucos sofrem bem; poucos compreendem que somente as provas bem suportadas podem conduzi-los ao Reino de Deus. O desânimo é uma falta. Deus vos recusa consolações, desde que vos falte coragem. A prece é um apoio para a alma; contudo, não basta: é preciso tenha por base uma fé viva na bondade de Deus. Ele já muitas vezes vos disse que não coloca fardos pesados em ombros fracos. O fardo é proporcionado às forças, como a recompensa o será à resignação e à coragem. Mais opulenta será a recompensa, do que penosa a aflição. Cumpre, porém, merecê-la, e é para isso que a vida se apresenta cheia de tribulações.

O militar que não é mandado para as linhas de fogo fica descontente, porque o repouso no campo nenhuma ascensão de posto lhe faculta. Sede, pois, como o militar e não desejeis um repouso em que o vosso corpo se enervaria e se entorpeceria a vossa alma. Alegrai-vos quando Deus vos enviar para a luta. Não consiste esta no fogo da batalha, mas nos amargores da vida, em que, às vezes, de mais coragem se há mister do que num combate sangrento, porquanto não é raro que aquele que se mantém firme em presença do inimigo fraqueje nas tenazes de uma pena moral. Nenhuma recompensa obtém o homem por essa espécie de coragem; mas Deus lhe reserva palmas de vitória e uma situação gloriosa. Quando vos advenha uma causa de sofrimento ou de

contrariedade, sobreponde-vos a ela, e, quando houverdes conseguido dominar os ímpetos da impaciência, da cólera, ou do desespero, dizei, de vós para convosco, cheio de justa satisfação: "Fui o mais forte."

Bem-aventurados os aflitos pode então traduzir-se assim: Bem-aventurados os que têm ocasião de provar sua fé, sua firmeza, sua perseverança e sua submissão à vontade de Deus, porque terão centuplicada a alegria que lhes falta na Terra, porque depois do labor virá o repouso. – Lacordaire. (Havre, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

Os Espíritos nos lembram da importância de como enfrentamos as aflições da vida.

A frase de Jesus, "Bem-aventurados os aflitos, o Reino dos Céus lhes pertence", não se refere apenas ao sofrimento em si, mas à maneira como lidamos com ele.

Todos sofremos de alguma forma, mas poucos compreendem que as provações bem suportadas nos conduzem à evolução espiritual.

É crucial não cair no desânimo, pois isso revela falta de coragem e confiança em Deus.

A prece é importante, mas deve ser acompanhada por uma fé viva na bondade divina. Deus não nos sobrecarrega com fardos além de nossas forças, e a recompensa será proporcional à nossa resignação e coragem.

A vida nos apresenta tribulações para que mereçamos essa recompensa.

Assim como um soldado que deseja ser promovido não evita o campo de batalha, devemos encarar os desafios da vida com a mesma determinação.

A verdadeira coragem não está apenas no enfrentamento físico, mas também nas dificuldades morais e emocionais.

Dominar a impaciência, a cólera e o desespero é uma vitória interior que nos fortalece.

Portanto, ao enfrentarmos as dificuldades, devemos lembrar que somos capazes de superá-las e que cada prova bem-sucedida nos aproxima do Reino de Deus.

O sofrimento na Terra será recompensado com a alegria e o descanso espiritual, desde que mantenhamos a fé, a firmeza e a submissão à vontade divina.

O mal e o remédio

19. Será a Terra um lugar de gozo, um paraíso de delícias? Já não ressoa mais aos vossos ouvidos a voz do profeta? Não proclamou Ele que haveria prantos e ranger de dentes para os que nascessem nesse vale de dores? Esperai, pois, todos vós que aí viveis, causticantes lágrimas e amargo sofrer e, por mais agudas e profundas sejam as vossas dores, volvei o olhar para o Céu e bendizei o Senhor por ter querido experimentar-vos... Ó homens! dar-se-á não reconheçais o poder do vosso Senhor, senão quando Ele vos haja curado as chagas do corpo e coroado de beatitude e ventura os vossos dias? Dar-se-á não reconheçais o seu amor, senão quando vos tenha adornado o corpo de todas as glórias e lhe haja restituído o brilho e a brancura? Imitai aquele que vos foi dado para exemplo. Tendo chegado ao último grau da abjeção e da miséria, deitado sobre uma estrumeira, disse ele [Jó] a Deus: "Senhor, conheci todos os deleites da opulência e me reduzistes à mais absoluta miséria; obrigado, obrigado, meu Deus, por haverdes querido experimentar o vosso servo!" Até quando os vossos olhares se deterão nos horizontes que a morte limita? Quando, afinal, vossa alma se decidirá a lançar-se para além dos limites de um túmulo? Houvésseis de chorar e sofrer a vida inteira, que seria isso, a par da eterna glória reservada ao que tenha sofrido a prova com fé, amor e resignação? Buscai consolações para os vossos males no porvir que Deus vos prepara e procurai-lhe a causa no passado. E vós, que mais sofreis, considerai-vos os afortunados da Terra.

Como desencarnados, quando pairáveis no Espaço, escolhestes as vossas provas, julgando-vos bastante fortes para as suportar. Por que agora murmurar? Vós, que pedistes a riqueza e a glória, querieis sustentar luta com a tentação e vencê-la. Vós, que pedistes para lutar de corpo e espírito contra o mal

moral e físico, sabíeis que quanto mais forte fosse a prova, tanto mais gloriosa a vitória e que, se triunfásseis, embora devesse o vosso corpo parar numa estremeira, dele, ao morrer, se desprenderia uma alma de rutilante alvura e purificada pelo batismo da expiação e do sofrimento.

Que remédio, então, prescrever aos atacados de obsessões cruéis e de cruciantes males? Só um é infalível: a fé, o apelo ao Céu. Se, na maior acerbidade dos vossos sofrimentos, entoardes hinos ao Senhor, o anjo, à vossa cabeceira, com a mão vos apontará o sinal da salvação e o lugar que um dia ocupareis... A fé é o remédio seguro do sofrimento; mostra sempre os horizontes do infinito diante dos quais se esvaem os poucos dias brumosos do presente. Não nos pergunteis, portanto, qual o remédio para curar tal úlcera ou tal chaga, para tal tentação ou tal prova. Lembrai-vos de que aquele que crê é forte pelo remédio da fé e que aquele que duvida um instante da sua eficácia é imediatamente punido, porque logo sente as pungitivas angústias da aflição.

O Senhor apôs o seu selo em todos os que nele creem. O Cristo vos disse que com a fé se transportam montanhas e eu vos digo que aquele que sofre e tem a fé por amparo ficará sob a sua égide e não mais sofrerá. Os momentos das mais fortes dores lhe serão as primeiras notas alegres da eternidade. Sua alma se desprenderá de tal maneira do corpo que, enquanto ele se estorcer em convulsões, ela planará nas regiões celestes, entoando, com os anjos, hinos de reconhecimento e de glória ao Senhor.

Ditosos os que sofrem e choram! Alegres estejam suas almas, porque Deus as cumulará de bem-aventuranças. – Santo Agostinho. (Paris, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

Santo Agostinho nos convida a refletir sobre o propósito do sofrimento na Terra.

Ele nos lembra das palavras do profeta sobre as tribulações que enfrentaremos neste mundo e nos encoraja a olhar para o Céu em meio às nossas dores, agradecendo a Deus por nos testar.

É um convite à reflexão sobre o sentido das aflições terrenas. Se nos encontramos em meio a sofrimentos agudos, devemos lembrar que são provações que escolhemos antes de nascer, como espíritos desencarnados.

Essas provações têm como objetivo nos fortalecer e nos purificar.

Para aqueles que sofrem de obsessões cruéis e de males intensos, o remédio infalível é a fé e a confiança em Deus.

Mesmo nos momentos mais difíceis, devemos entoar hinos ao Senhor, pois a fé nos mostra os horizontes do infinito, fazendo com que os dias de sofrimento terreno pareçam breves diante da eternidade.

A fé é um escudo poderoso contra o sofrimento, e aqueles que a possuem não apenas suportam as dores, mas também encontram alegria e consolação mesmo nas situações mais difíceis.

Para esses, os momentos de maior dor são os primeiros passos em direção à eternidade, onde suas almas serão cumuladas de bem-aventuranças.

Portanto, que possamos seguir o exemplo de fé e resignação de Santo Agostinho, confiando que, por mais agudas que sejam nossas dores, elas nos conduzirão a uma glória eterna, recompensa justa por termos suportado as provas terrenas com fé e amor.

A felicidade não é deste mundo

20. Não sou feliz! A felicidade não foi feita para mim! — exclama geralmente o homem em todas as posições sociais. Isso, meus caros filhos, prova, melhor do que todos os raciocínios possíveis, a verdade desta máxima do Eclesiastes: "A felicidade não é deste mundo." Com efeito, nem a riqueza, nem o poder, nem mesmo a florida juventude são condições essenciais à felicidade. Digo mais: nem mesmo reunidas essas três condições tão desejadas, porquanto incessantemente se ouvem, no seio das classes mais privilegiadas, pessoas de todas as idades se queixarem amargamente da situação em que se encontram. Diante de tal fato, é inconcebível que as classes laboriosas e militantes invejem com tanta ânsia a posição das que parecem favorecidas da fortuna. Neste mundo, por mais que faça, cada um tem a sua parte de labor e de miséria, sua cota de sofrimentos e de decepções, donde facilmente se chega à conclusão de que a Terra é lugar de provas e de expiações. Assim, pois, os que

pregam que ela é a única morada do homem e que somente nela e numa só existência é que lhe cumpre alcançar o mais alto grau das felicidades que a sua natureza comporta, iludem-se e enganam os que os escutam, visto que demonstrado está, por experiência arquissecular, que só excepcionalmente este globo apresenta as condições necessárias à completa felicidade do indivíduo. Em tese geral pode afirmar-se que a felicidade é uma utopia a cuja conquista as gerações se lançam sucessivamente, sem jamais lograrem alcançá-la. Se o homem ajuizado é uma raridade neste mundo, o homem absolutamente feliz jamais foi encontrado. O em que consiste a felicidade na Terra é coisa tão efêmera para aquele que não tem a guiá-lo a ponderação, que, por um ano, um mês, uma semana de satisfação completa, todo o resto da existência é uma série de amarguras e decepções. E notai, meus caros filhos, que falo dos venturosos da Terra, dos que são invejados pela multidão. Conseqüentemente, se à morada terrena são peculiares as provas e a expiação, forçoso é se admita que, algures, moradas há mais favorecidas, onde o Espírito, conquanto aprisionado ainda numa carne material, possui em toda a plenitude os gozos inerentes à vida humana. Tal a razão por que Deus semeou, no vosso turbilhão, esses belos planetas superiores para os quais os vossos esforços e as vossas tendências vos farão gravitar um dia, quando vos achardes suficientemente purificados e aperfeiçoados. Todavia, não deduzais das minhas palavras que a Terra esteja destinada para sempre a ser uma penitenciária. Não, certamente! Dos progressos já realizados, podeis facilmente deduzir os progressos futuros e, dos melhoramentos sociais conseguidos, novos e mais fecundos melhoramentos. Essa a tarefa imensa cuja execução cabe à nova doutrina que os Espíritos vos revelaram. Assim, pois, meus queridos filhos, que uma santa emulação vos anime e que cada um de vós se despoje do homem velho. Deveis todos consagrar-vos à propagação desse Espiritismo que já deu começo à vossa própria regeneração. Corre-vos o dever de fazer que os vossos irmãos participem dos raios da sagrada luz. Mãos, portanto, à obra, meus muito queridos filhos! Que nesta reunião solene todos os vossos corações aspirem a esse grandioso objetivo de preparar para as gerações porvindouras um mundo no qual já não seja vã a palavra felicidade. – François-Nicolas-Madeleine, cardeal Morlot. (Paris, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, é apresentada a mensagem do cardeal Morlot, que traz uma reflexão sobre a natureza da felicidade neste mundo.

Ele nos lembra que, de acordo com os ensinamentos de Jesus, a verdadeira felicidade não é encontrada nas coisas materiais e passageiras deste mundo, mas sim na busca da virtude, na prática do bem e na evolução espiritual.

O cardeal Morlot destaca que as riquezas, os prazeres mundanos e as honras terrenas não podem garantir a verdadeira felicidade, pois são efêmeros e ilusórios.

Ele nos convida a refletir sobre a brevidade da vida terrena e a buscar uma felicidade mais duradoura, que se encontra na paz interior, na consciência tranquila e na prática do amor ao próximo.

Essa mensagem nos lembra da importância de valorizarmos as coisas que realmente têm significado em nossa jornada espiritual, em vez de nos prendermos às ilusões e superficialidades do mundo material.

A verdadeira felicidade está em cultivar virtudes como a bondade, a compaixão e a generosidade, e em buscar uma conexão mais profunda com o divino e com o nosso eu interior.

Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras

21. Quando a morte ceifa nas vossas famílias, arrebatando, sem restrições, os mais moços antes dos velhos, costumais dizer: Deus não é justo, pois sacrifica um que está forte e tem grande futuro e conserva os que já viveram longos anos, cheios de decepções; pois leva os que são úteis e deixa os que para nada mais servem; pois despedaça o coração de uma mãe, privando-a da inocente criatura que era toda a sua alegria.

Humanos, é nesse ponto que precisais elevar-vos acima da terra a terra da vida, para compreenderdes que o bem, muitas vezes, está onde julgais ver o mal, a sábia providência onde pensais divisar a cega fatalidade do destino. Por que haveis de avaliar a Justiça divina pela vossa? Podeis supor que o Senhor

dos mundos se aplique, por mero capricho, a vos infligir penas cruéis? Nada se faz sem um fim inteligente e, seja o que for que aconteça, tudo tem a sua razão de ser. Se perscrutásseis melhor todas as dores que vos advêm, nelas encontraríeis sempre a razão divina, razão regeneradora, e os vossos miseráveis interesses se tornariam de tão secundária consideração, que os atiraríeis para o último plano.

Crede-me, a morte é preferível, numa encarnação de vinte anos, a esses vergonhosos desregramentos que pungem famílias respeitáveis, dilaceram corações de mães e fazem que antes do tempo embranqueçam os cabelos dos pais. Frequentemente, a morte prematura é um grande benefício que Deus concede àquele que se vai e que assim se preserva das misérias da vida, ou das seduções que talvez lhe acarretassem a perda. Não é vítima da fatalidade aquele que morre na flor dos anos; é que Deus julga não convir que ele permaneça por mais tempo na Terra.

É uma horrenda desgraça, dizeis, ver cortado o fio de uma vida tão preñhe de esperanças! De que esperanças falais? Das da Terra, onde o liberto houvera podido brilhar, abrir caminho e enriquecer? Sempre essa visão estreita, incapaz de elevar-se acima da matéria. Sabeis qual teria sido a sorte dessa vida, ao vosso parecer tão cheia de esperanças? Quem vos diz que ela não seria saturada de amarguras? Desdenhais então das esperanças da vida futura, ao ponto de lhe preferirdes as da vida efêmera que arrastais na Terra? Supondes então que mais vale uma posição elevada entre os homens, do que entre os Espíritos bem-aventurados?

Em vez de vos queixardes, regozijai-vos quando praz a Deus retirar deste vale de misérias um de seus filhos. Não será egoístico desejardes que ele aí continuasse para sofrer convosco? Ah! essa dor se concebe naquele que carece de fé e que vê na morte uma separação eterna. Vós, espíritas, porém, sabeis que a alma vive melhor quando desembaraçada do seu invólucro corpóreo. Mães, sabeis que vossos filhos bem-amados estão perto de vós; sim, estão muito perto; seus corpos fluídicos vos envolvem, seus pensamentos vos protegem, a lembrança que deles guardais os transporta de alegria, mas também as vossas dores desarrazoadas os afligem, porque denotam falta de fé e exprimem uma revolta contra a vontade de Deus.

Vós que compreendeis a vida espiritual, escutai as pulsações do vosso coração a chamar esses entes bem-amados e, se pedirdes a Deus que os

abençoe, em vós sentireis fortes consolações, dessas que secam as lágrimas; sentireis aspirações grandiosas que vos mostrarão o porvir que o soberano Senhor prometeu. – Sanson, ex-membro da Sociedade Espírita de Paris. (1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem do Espírito Sanson aborda a questão da perda de pessoas amadas e das mortes prematuras, convidando-nos a refletir sobre esses acontecimentos à luz da sabedoria espiritual.

Sanson nos lembra que, muitas vezes, ao perder alguém jovem e cheio de promessas, tendemos a questionar a justiça divina, pensando que Deus sacrifica os mais úteis e deixa os menos úteis.

No entanto, ele nos convida a elevar nosso entendimento para compreender que a morte, muitas vezes, é um benefício concedido pela sabedoria divina.

O Espírito Sanson nos lembra que a morte prematura pode ser um alívio para aquele que parte, poupando-o das misérias e tentações da vida terrena.

Ele nos convida a não nos apegarmos às esperanças terrenas, mas a valorizarmos as promessas da vida espiritual, onde o verdadeiro brilho e enriquecimento se encontram.

Para os que compreendem a vida espiritual, a morte não é uma separação eterna, mas sim uma libertação do invólucro corpóreo e uma aproximação dos Espíritos bem-aventurados.

Sanson nos lembra que nossos entes queridos que partiram estão sempre perto de nós, envolvendo-nos com seus corpos fluídicos e protegendo-nos com seus pensamentos.

Assim, em vez de nos lamentarmos pela perda, Sanson nos convida a regozijar-nos quando Deus chama um de seus filhos de volta, pois isso representa uma libertação das misérias terrenas e um reencontro com a verdadeira felicidade espiritual.

A mensagem nos lembra da importância da fé e da confiança na vontade divina, que sempre age com sabedoria e amor.

Se fosse um homem de bem, teria morrido

22. Falando de um homem mau, que escapa de um perigo, costumais dizer: "Se fosse um homem bom, teria morrido." Pois bem, assim falando, dizeis uma verdade, pois, com efeito, muito amiúde sucede dar Deus a um Espírito de progresso ainda incipiente prova mais longa, do que a um bom que, por prêmio do seu mérito, receberá a graça de ter tão curta quanto possível a sua provação. Por conseguinte, quando vos utilizais daquele axioma, não suspeitais de que proferis uma blasfêmia.

Se morre um homem de bem, cujo vizinho é mau homem, logo observais: "Antes fosse este." Enunciais uma enormidade, porquanto aquele que parte concluiu a sua tarefa e o que fica talvez não haja principiado a sua. Por que, então, haveríeis de querer que ao mau faltasse tempo para terminá-la e que o outro permanecesse preso à gleba terrestre? Que diríeis se um prisioneiro, que cumpriu a sentença contra ele pronunciada, fosse conservado no cárcere, ao mesmo tempo que restituíssem à liberdade um que a esta não tivesse direito? Ficai sabendo que a verdadeira liberdade, para o Espírito, consiste no rompimento dos laços que o prendem ao corpo e que, enquanto vos achardes na Terra, estareis em cativeiro.

Habituai-vos a não censurar o que não podeis compreender e crede que Deus é justo em todas as coisas. Muitas vezes, o que vos parece um mal é um bem. Tão limitadas, no entanto, são as vossas faculdades, que o conjunto do grande todo não o apreendem os vossos sentidos obtusos. Esforçai-vos por sair, pelo pensamento, da vossa acanhada esfera e, à medida que vos elevardes, diminuirá para vós a importância da vida material que, nesse caso, se vos apresentará como simples incidente, no curso infinito da vossa existência espiritual, única existência verdadeira. – Fénelon. (Sens, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

O Espírito Fénelon nos convida a refletir sobre a justiça divina e a relatividade das nossas percepções sobre o bem e o mal, a vida e a morte.

Fénelon aborda a tendência humana de julgar a partir de uma visão limitada, muitas vezes considerando injustas as escolhas divinas.

Ao comentar sobre a frase "Se fosse um homem bom, teria morrido", Fénelon nos lembra que cada Espírito tem seu próprio tempo de evolução e que as provas são proporcionais ao grau de progresso de cada um.

Assim, o fato de alguém mau escapar de um perigo não significa que ele seja favorecido, mas sim que sua prova é mais longa e necessária ao seu aprendizado.

Da mesma forma, quando um homem bom morre e um mau continua vivo, não devemos questionar a justiça divina, pois o primeiro pode ter concluído sua missão, enquanto o segundo ainda tem lições a aprender.

Fénelon nos lembra que a liberdade verdadeira para o Espírito é alcançada quando ele se liberta do corpo físico, e que enquanto estamos na Terra, estamos em um estado de limitação e aprendizado.

A mensagem nos convida, portanto, a não julgar o que não compreendemos e a confiar na justiça divina, que age de acordo com as leis superiores do Universo.

Ela nos encoraja a expandir nossas mentes além das limitações terrenas, para percebermos a vida material como apenas um aspecto passageiro de nossa existência espiritual infinita.

Os tormentos voluntários

23. Vive o homem incessantemente em busca da felicidade, que também incessantemente lhe foge, porque felicidade sem mescla não se encontra na Terra. Entretanto, malgrado as vicissitudes que formam o cortejo inevitável da vida terrena, poderia ele, pelo menos, gozar de relativa felicidade, se não a procurasse nas coisas perecíveis e sujeitas às mesmas vicissitudes, isto é, nos gozos materiais em vez de a procurar nos gozos da alma, que são um prelibar dos gozos celestes, imperecíveis; em vez de procurar a paz do coração, única

felicidade real neste mundo, ele se mostra ávido de tudo o que o agitará e turbará, e, coisa singular! o homem, como que de intento, cria para si tormentos que está nas suas mãos evitar.

Haverá maiores do que os que derivam da inveja e do ciúme? Para o invejoso e o ciumento, não há repouso; estão perpetuamente febricitantes. O que não têm e os outros possuem lhes causa insônias. Dão-lhes vertigem os êxitos de seus rivais; toda a emulação, para eles, se resume em eclipsar os que lhes estão próximos, toda a alegria em excitar, nos que se lhes assemelham pela insensatez, a raiva do ciúme que os devora. Pobres insensatos, com efeito, que não imaginam sequer que, amanhã talvez, terão de largar todas essas frioleiras cuja cobiça lhes envenena a vida! Não é a eles, decerto, que se aplicam estas palavras: “Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados”, visto que as suas preocupações não são aquelas que têm no céu as compensações merecidas.

Que de tormentos, ao contrário, se poupa aquele que sabe contentar-se com o que tem, que nota sem inveja o que não possui, que não procura parecer mais do que é. Esse é sempre rico, porquanto, se olha para baixo de si, e não para cima, vê sempre criaturas que têm menos do que ele. É calmo, porque não cria para si necessidades quiméricas. E não será uma felicidade a calma, em meio das tempestades da vida? – Fénelon. (Lyon, 1860.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem de Fénelon aborda a busca incessante do homem pela felicidade, que muitas vezes é procurada de forma equivocada, nas coisas materiais e passageiras, ao invés de ser buscada nos valores e experiências que enriquecem a alma.

Fénelon destaca que a verdadeira felicidade está na paz interior, na tranquilidade do coração, e não nos prazeres efêmeros que o mundo oferece.

O texto ressalta também os tormentos que o homem cria para si mesmo, especialmente através da inveja e do ciúme.

Esses sentimentos perturbam a mente e o coração daqueles que os alimentam, trazendo insatisfação e ansiedade constante.

Fénelon mostra que a inveja e o ciúme são contrários aos princípios da felicidade verdadeira, pois aqueles que se deixam dominar por esses sentimentos não encontram repouso nem contentamento, vivendo em constante competição e comparação com os outros.

Por outro lado, o texto ressalta a importância da moderação, da gratidão e da aceitação da própria condição.

Aqueles que são capazes de se contentar com o que têm, sem invejar o que os outros possuem, encontram uma riqueza interior que os torna verdadeiramente felizes.

A calma e a serenidade que acompanham essa atitude de aceitação são descritas como uma verdadeira felicidade, capaz de resistir às tempestades da vida.

Assim, a mensagem de Fénelon nos convida a refletir sobre as escolhas que fazemos em busca da felicidade e a buscar a verdadeira paz interior, que não depende das circunstâncias externas, mas sim da nossa atitude perante a vida.

A desgraça real

]24. Toda a gente fala da desgraça, toda a gente já a sentiu e julga conhecer-lhe o caráter múltiplo. Venho eu dizer-vos que quase toda a gente se engana e que a desgraça real não é, absolutamente, o que os homens, isto é, os desgraçados, o supõem. Eles a veem na miséria, no fogão sem lume, no credor que ameaça, no berço de que o anjo sorridente desapareceu, nas lágrimas, no féretro que se acompanha de cabeça descoberta e com o coração despedaçado, na angústia da traição, na desnudação do orgulho que desejava envolver-se em púrpura e mal oculta a sua nudez sob os andrajos da vaidade. A tudo isso e a muitas coisas mais se dá o nome de desgraça, na linguagem humana. Sim, é desgraça para os que só veem o presente; a verdadeira desgraça, porém, está nas consequências de um fato, mais do que no próprio fato. Dizei-me se um acontecimento, considerado ditoso na ocasião, mas que acarreta consequências funestas, não é, realmente, mais desgraçado do que outro que a princípio causa viva contrariedade e acaba produzindo o bem. Dizei-me se a tempestade que vos arranca as árvores, mas que saneia o ar, dissipando os

miasmas insalubres que causariam a morte, não é antes uma felicidade do que uma infelicidade.

Para julgarmos de qualquer coisa, precisamos ver-lhe as consequências. Assim, para bem apreciarmos o que, em realidade, é ditoso ou inditoso para o homem, precisamos transportar-nos para além desta vida, porque é lá que as consequências se fazem sentir. Ora, tudo o que se chama infelicidade, segundo as acanhadas vistas humanas, cessa com a vida corporal e encontra a sua compensação na vida futura.

Vou revelar-vos a infelicidade sob uma nova forma, sob a forma bela e florida que acolheis e desejais com todas as veras de vossas almas iludidas. A infelicidade é a alegria, é o prazer, é o tumulto, é a vã agitação, é a satisfação louca da vaidade, que fazem calar a consciência, que comprimem a ação do pensamento, que atordoam o homem com relação ao seu futuro. A infelicidade é o ópio do esquecimento que ardentemente procurais conseguir.

Esperai, vós que chorais! Tremei, vós que rides, pois que o vosso corpo está satisfeito! A Deus não se engana; não se foge ao destino; e as provações, credoras mais impiedosas do que a matilha que a miséria desencadeia, vos espreitam o repouso ilusório para vos imergir de súbito na agonia da verdadeira infelicidade, daquela que surpreende a alma amolentada pela indiferença e pelo egoísmo.

Que, pois, o Espiritismo vos esclareça e recolque, para vós, sob verdadeiros prismas, a verdade e o erro, tão singularmente deformados pela vossa cegueira! Agireis então como bravos soldados que, longe de fugirem ao perigo, preferem as lutas dos combates arriscados à paz que lhes não pode dar glória, nem promoção! Que importa ao soldado perder na refrega armas, bagagens e uniforme, desde que saia vencedor e com glória? Que importa ao que tem fé no futuro deixar no campo de batalha da vida a riqueza e o manto de carne, contanto que sua alma entre gloriosa no Reino celeste? – Delfina de Girardin. (Paris, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem de Delfina de Girardin aborda a percepção da desgraça na vida humana e convida à reflexão sobre o verdadeiro significado da infelicidade.

Ela argumenta que, muitas vezes, o que é considerado desgraça pelos homens não é necessariamente o que parece, pois as consequências de um evento são mais importantes do que o evento em si.

Ela questiona se um evento que é inicialmente considerado feliz, mas que resulta em consequências desastrosas, não é, na verdade, mais desgraçado do que outro que causa contrariedade inicial, mas resulta em algo bom no final.

Da mesma forma, ela compara a tempestade que arranca árvores, mas purifica o ar, com algo que pode ser uma felicidade disfarçada.

A verdadeira infelicidade, segundo Delfina, está na alegria superficial, no prazer fugaz, na agitação vã, na busca desenfreada pela satisfação dos sentidos, que distraem a consciência e impedem o pensamento sobre o futuro.

Ela alerta que a verdadeira infelicidade é o esquecimento da alma, buscado através do ópio do prazer e da indiferença espiritual.

Delfina conclui sua mensagem exortando à coragem diante das provações da vida, comparando os desafios enfrentados aos combates dos bravos soldados, que preferem a glória da batalha à paz sem mérito.

Ela encoraja a enfrentar as adversidades com fé no futuro, deixando para trás as riquezas e os prazeres terrenos em busca da verdadeira felicidade espiritual.

A Melancolia

25. Sabeis por que, às vezes, uma vaga tristeza se apodera dos vossos corações e vos leva a considerar amarga a vida? É que vosso Espírito, aspirando à felicidade e à liberdade, se esgota, jungido ao corpo que lhe serve de prisão, em vão esforços para sair dele. Reconhecendo inúteis esses esforços, cai no desânimo e, como o corpo lhe sofre a influência, toma-vos a lassidão, o abatimento, uma espécie de apatia, e vos julgais infelizes.

Crede-me, resisti com energia a essas impressões que vos enfraquecem a vontade. São inatas no espírito de todos os homens as aspirações por uma vida melhor; mas não as busqueis neste mundo e, agora, quando Deus vos envia os Espíritos que lhe pertencem, para vos instruírem acerca da felicidade que Ele vos reserva, aguardai pacientemente o anjo da libertação, para vos ajudar a romper os liames que vos mantêm cativo o Espírito. Lembrai-vos de que, durante o vosso degredo na Terra, tendes de desempenhar uma missão de que não suspeitais, quer dedicando-vos à vossa família, quer cumprindo as diversas obrigações que Deus vos confiou. Se, no curso desse degredo–provação, exonerando-vos dos vossos encargos, sobre vós desabarem os cuidados, as inquietações e tribulações, sede fortes e corajosos para os suportar. Afrontai-os resolutos. Duram pouco e vos conduzirão à companhia dos amigos por quem chorais e que, jubilosos por ver-vos de novo entre eles, vos estenderão os braços, a fim de guiar-vos a uma região inacessível às aflições da Terra. – François de Genève. (Bordeaux.)

NOSSO COMENTÁRIO

O Espírito François de Genève aborda a melancolia, explicando-a como um reflexo da alma que aspira à felicidade e à liberdade, mas se vê aprisionada ao corpo físico, o que gera um sentimento de desânimo e tristeza.

Ele destaca que essas aspirações são inatas no espírito humano, mas buscar apenas neste mundo pode levar à decepção e ao desânimo.

François de Genève aconselha a resistir com energia a essas impressões que enfraquecem a vontade, lembrando que durante a vida terrena, o espírito tem uma missão a cumprir, seja dedicando-se à família, seja cumprindo outras obrigações.

Ele enfatiza a importância de ser forte e corajoso diante das dificuldades, pois elas são passageiras e conduzirão o espírito à companhia daqueles que já partiram e aguardam com alegria o reencontro.

A mensagem, portanto, incentiva a paciência e a resignação diante das adversidades da vida terrena, lembrando que são temporárias e fazem parte do processo de evolução espiritual, que eventualmente levará à libertação do espírito das amarras do corpo físico.

Provas voluntárias. O verdadeiro cilício

26. Perguntais se é lícito ao homem abrandar suas próprias provas. Essa questão equivale a esta outra: É lícito, àquele que se afoga, cuidar de salvar-se? Àquele em quem um espinho entrou, retirá-lo? Ao que está doente, chamar o médico? As provas têm por fim exercitar a inteligência, tanto quanto a paciência e a resignação. Pode dar-se que um homem nasça em posição penosa e difícil, precisamente para se ver obrigado a procurar meios de vencer as dificuldades. O mérito consiste em sofrer, sem murmurar, as consequências dos males que lhe não seja possível evitar, em perseverar na luta, em se não desesperar, se não é bem-sucedido; nunca, porém, numa negligência que seria mais preguiça do que virtude.

Essa questão dá lugar naturalmente a outra. Pois, se Jesus disse: “Bem-aventurados os aflitos”, haverá mérito em procurar, alguém, aflições que lhe agravem as provas, por meio de sofrimentos voluntários? A isso responderei muito positivamente: sim, há grande mérito quando os sofrimentos e as privações objetivam o bem do próximo, porquanto é a caridade pelo sacrifício; não, quando os sofrimentos e as privações somente objetivam o bem daquele que a si mesmo as inflige, porque aí só há egoísmo por fanatismo.

Grande distinção cumpre aqui se faça: pelo que vos respeita pessoalmente, contentai-vos com as provas que Deus vos manda e não lhes aumenteis o volume, já de si por vezes tão pesado; aceitá-las sem queixumes e com fé, eis tudo o que de vós exige Ele. Não enfraqueçais o vosso corpo com privações inúteis e macerações sem objetivo, pois que necessitais de todas as vossas forças para cumprirdes a vossa missão de trabalhar na Terra. Torturar e martirizar voluntariamente o vosso corpo é contravir a Lei de Deus, que vos dá meios de o sustentar e fortalecer. Enfraquecê-lo sem necessidade é um verdadeiro suicídio. Usai, mas não abuseis, tal a lei. O abuso das melhores coisas tem a sua punição nas inevitáveis consequências que acarreta.

Muito diverso é o que ocorre, quando o homem impõe a si próprio sofrimentos para o alívio do seu próximo. Se suportardes o frio e a fome para

aquecer e alimentar alguém que precise ser aquecido e alimentado e se o vosso corpo disso se ressentir, fazeis um sacrifício que Deus abençoa. Vós que deixais os vossos aposentos perfumados para irdes à mansarda infecta levar a consolação; vós que sujais as mãos delicadas pensando chagas; vós que vos privais do sono para velar à cabeceira de um doente que apenas é vosso irmão em Deus; vós, enfim, que despendeis a vossa saúde na prática das boas obras, tendes em tudo isso o vosso cilício, verdadeiro e abençoado cilício, visto que os gozos do mundo não vos secaram o coração, que não adormecestes no seio das volúpias enervantes da riqueza, antes vos constituístes anjos consoladores dos pobres deserdados.

Vós, porém, que vos retirais do mundo, para lhe evitar as seduções e viver no insulamento, que utilidade tendes na Terra? Onde a vossa coragem nas provações, uma vez que fugis à luta e desertais do combate? Se quereis um cilício, aplicai-o às vossas almas, e não aos vossos corpos; mortificai o vosso Espírito, e não a vossa carne; fustigai o vosso orgulho, recebei sem murmurar as humilhações; flagicai o vosso amor-próprio; enrijai-vos contra a dor da injúria e da calúnia, mais pungente do que a dor física. Aí tendes o verdadeiro cilício cujas feridas vos serão contadas, porque atestarão a vossa coragem e a vossa submissão à vontade de Deus. – Um anjo guardião. (Paris, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

O Espírito que se apresenta como um anjo guardião aborda a questão das provas voluntárias e do verdadeiro cilício.

Ele começa explicando que as provas têm por objetivo exercitar a inteligência, a paciência e a resignação, e que é preciso suportá-las sem queixas, buscando sempre perseverar na luta e não se desesperar.

Sobre a ideia de buscar aflições que aumentem as provas, ele destaca que há mérito quando os sofrimentos e privações têm como objetivo o bem do próximo, pois é um ato de caridade pelo sacrifício.

No entanto, quando os sofrimentos são infligidos apenas para benefício pessoal, há egoísmo e fanatismo.

Este anjo guardião aconselha a aceitar as provas que Deus envia sem aumentar o seu volume, contentando-se com elas sem queixumes e com fé.

Ele alerta contra o enfraquecimento do corpo com privações inúteis e macerações sem objetivo, pois é necessário conservar as forças para cumprir a missão na Terra.

Torturar o corpo voluntariamente é contrário à Lei de Deus, que dá meios para sustentá-lo e fortalecê-lo.

Por outro lado, ele elogia aqueles que se sacrificam para ajudar o próximo, seja suportando frio e fome, seja dedicando-se a obras de caridade.

Para essas pessoas, seus sacrifícios são como um verdadeiro e abençoado cilício, pois demonstram uma renúncia aos prazeres do mundo em prol da ajuda ao próximo.

Em resumo, a mensagem destaca a importância de suportar as provas com resignação e fé, evitando o extremo de buscar sofrimentos desnecessários, mas também reconhecendo o mérito daqueles que se sacrificam pelo bem dos outros.

Dever-se-á pôr termo às provas do próximo?

27. Deve alguém pôr termo às provas do seu próximo quando o possa, ou deve, para respeitar os desígnios de Deus, deixar que sigam seu curso?

Já vos temos dito e repetido muitíssimas vezes que estais nessa Terra de expiação para concluirdes as vossas provas e que tudo que vos sucede é consequência das vossas existências anteriores, são os juros da dívida que tendes de pagar. Esse pensamento, porém, provoca em certas pessoas reflexões que devem ser combatidas, devido aos funestos efeitos que poderiam determinar.

Pensam alguns que, estando-se na Terra para expiar, cumpre que as provas sigam seu curso. Outros há, mesmo, que vão até o ponto de julgar que, não só nada devem fazer para as atenuar, mas que, ao contrário, devem contribuir para que elas sejam mais proveitosas, tornando-as mais vivas. Grande erro. É certo que as vossas provas têm de seguir o curso que lhes traçou Deus; dar-se-

á, porém, conheçais esse curso? Sabeis até onde têm elas de ir e se o vosso Pai misericordioso não terá dito ao sofrimento de tal ou tal dos vossos irmãos: “Não irás mais longe?” Sabeis se a Providência não vos escolheu, não como instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas como o bálsamo da consolação para fazer cicatrizar as chagas que a sua justiça abraza? Não digais, pois, quando virdes atingido um dos vossos irmãos: “É a Justiça de Deus, importa que siga o seu curso.” Dizei antes: “Vejam os meios que o Pai misericordioso me pôs ao alcance para suavizar o sofrimento do meu irmão. Vejam se as minhas consolações morais, o meu amparo material ou meus conselhos poderão ajudá-lo a vencer essa prova com mais energia, paciência e resignação. Vejam mesmo se Deus não me pôs nas mãos os meios de fazer que cesse esse sofrimento; se não deu a mim, também como prova, como expiação talvez, deter o mal e substituí-lo pela paz.”

Ajudai-vos, pois, sempre, mutuamente, nas vossas respectivas provações e nunca vos considereis instrumentos de tortura. Contra essa ideia deve revoltar-se todo homem de coração, principalmente todo espírita, porquanto este, melhor do que qualquer outro, deve compreender a extensão infinita da bondade de Deus. Deve o espírita estar compenetrado de que a sua vida toda tem de ser um ato de amor e de devotamento; que, faça ele o que fizer para se opor às decisões do Senhor, estas se cumprirão. Pode, portanto, sem receio, empregar todos os esforços por atenuar o amargor da expiação, certo, porém, de que só a Deus cabe detê-la ou prolongá-la, conforme julgar conveniente.

Não haveria imenso orgulho, da parte do homem, em se considerar no direito de, por assim dizer, revirar a arma dentro da ferida? De aumentar a dose do veneno nas vísceras daquele que está sofrendo, sob o pretexto de que tal é a sua expiação? Oh! considerai-vos sempre como instrumento para fazê-la cessar. Resumindo: todos estais na Terra para expiar; mas todos, sem exceção, deveis esforçar-vos por abrandar a expiação dos vossos semelhantes, de acordo com a lei de amor e caridade. – Bernardino, Espírito protetor. (Bordeaux, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem do Espírito protetor, Bernardino, aborda a questão de interferir nas provas do próximo.

Ele começa relembrando que estamos na Terra para concluir nossas provas, que são consequência de nossas existências anteriores.

Destaca-se que alguns pensam que as provas devem seguir seu curso natural e até acreditam que devem contribuir para torná-las mais intensas, mas ele considera isso um grande erro.

Bernardino questiona se conhecemos o curso das provas do próximo e se sabemos até onde elas devem ir.

Sugere-se que, ao invés de aceitar passivamente o sofrimento alheio como justiça divina, devemos buscar meios de suavizá-lo.

Ressalta-se que todos devemos ajudar-nos mutuamente nas provações, nunca nos considerando instrumentos de tortura.

Enfatiza-se que devemos compreender a bondade infinita de Deus e que nossa vida deve ser um ato de amor e devotamento.

Em resumo, a mensagem destaca que, embora as provas sigam o curso traçado por Deus, devemos empregar todos os esforços para atenuar o sofrimento alheio, sendo instrumentos para fazer cessar a expiação do próximo, sempre agindo conforme a lei de amor e caridade.

Será lícito abreviar a vida de um doente que sofra sem esperança de cura?

28. Um homem está agonizante, presa de cruéis sofrimentos. Sabe-se que seu estado é desesperador. Será lícito pouparem-se lhe alguns instantes de angústias, apressando-se lhe o fim?

Quem vos daria o direito de prejudicar os desígnios de Deus? Não pode Ele conduzir o homem até a borda do fosso, para daí o retirar, a fim de fazê-lo voltar a si e alimentar ideias diversas das que tinha? Ainda que haja chegado ao último extremo um moribundo, ninguém pode afirmar com segurança que lhe haja soado a hora derradeira. A Ciência não se terá enganado nunca em suas previsões?

Sei bem haver casos que se podem, com razão, considerar desesperadores; mas, se não há nenhuma esperança fundada de um regresso definitivo à vida e à saúde, existe a possibilidade, atestada por inúmeros exemplos, de o doente, no momento mesmo de exalar o último suspiro, reanimar-se e recobrar por alguns instantes as faculdades! Pois bem: essa hora de graça, que lhe é concedida, pode ser-lhe de grande importância. Desconheceis as reflexões que seu Espírito poderá fazer nas convulsões da agonia e quantos tormentos lhe pode poupar um relâmpago de arrependimento.

O materialista, que apenas vê o corpo e em nenhuma conta tem a alma, é inapto a compreender essas coisas; o espírita, porém, que já sabe o que se passa no além-túmulo, conhece o valor de um último pensamento. Minorai os derradeiros sofrimentos, quanto o puderdes; mas guardai-vos de abreviar a vida, ainda que de um minuto, porque esse minuto pode evitar muitas lágrimas no futuro. – São Luís. (Paris, 1860.)

NOSSO COMENTÁRIO

São Luís aborda a questão delicada de abreviar a vida de um doente em sofrimento, sem esperança de cura.

Ele questiona quem teria o direito de prejudicar os desígnios de Deus, destacando que mesmo em situações extremas, como a agonia de um moribundo, não podemos afirmar com certeza que chegou a hora final.

São Luís menciona a possibilidade, baseada em inúmeros exemplos, de o doente, no momento da agonia, recuperar momentaneamente as faculdades, o que pode ser significativo para seu espírito.

Ele ressalta que essa hora de graça, concedida ao doente, pode ser crucial, permitindo-lhe reflexões e arrependimentos que podem poupar-lhe tormentos futuros.

São Luís diferencia a visão materialista, que considera apenas o corpo, da visão espírita, que compreende o valor de um último pensamento.

Assim, ele aconselha a minorar os sofrimentos do doente o máximo possível, mas adverte contra a abreviação da vida, mesmo que

por um minuto, pois esse minuto pode evitar muitas lágrimas no futuro.

Sacrifício da própria vida

29. Aquele que se acha desgostoso da vida, mas que não quer extingui-la por suas próprias mãos, será culpado se procurar a morte num campo de batalha, com o propósito de tornar útil sua morte?

Que o homem se mate ele próprio, ou faça que outrem o mate, seu propósito é sempre cortar o fio da existência: há, por conseguinte, suicídio intencional, se não de fato. É ilusória a ideia de que sua morte servirá para alguma coisa; isso não passa de pretexto para colorir o ato e escusá-lo aos seus próprios olhos. Se ele desejasse seriamente servir ao seu país, cuidaria de viver para defendê-lo; não procuraria morrer, pois que, morto, de nada mais lhe serviria. O verdadeiro devotamento consiste em não temer a morte, quando se trate de ser útil, em afrontar o perigo, em fazer, de antemão e sem pesar, o sacrifício da vida, se for necessário; mas buscar a morte com premeditada intenção, expondo-se a um perigo, ainda que para prestar serviço, anula o mérito da ação. – São Luís. (Paris, 1860.)

NOSSO COMENTÁRIO

São Luís aborda a questão do sacrifício da própria vida em circunstâncias específicas, como buscar a morte em um campo de batalha para tornar útil sua morte.

Ele destaca que, independentemente da forma como alguém busca a morte, seja tirando a própria vida ou expondo-se a situações perigosas, o propósito é sempre interromper a existência, caracterizando-se como um suicídio intencional.

Argumenta que a ideia de que essa morte servirá para algo é ilusória e apenas um pretexto para justificar o ato aos próprios olhos.

Enfatiza que, se alguém deseja verdadeiramente servir ao seu país, deve cuidar de viver para defendê-lo, não procurar a morte, pois, uma vez morto, não poderá mais servir.

Ressalta que o verdadeiro devotamento envolve não temer a morte quando se trata de ser útil, enfrentar o perigo e estar disposto a sacrificar a vida, se necessário, mas buscar a morte com premeditação e intenção anula o mérito da ação.

30. Se um homem se expõe a um perigo iminente para salvar a vida a um de seus semelhantes, sabendo de antemão que sucumbirá, pode o seu ato ser considerado suicídio?

Desde que no ato não entre a intenção de buscar a morte, não há suicídio, e sim, apenas, devotamento e abnegação, embora também haja a certeza de que morrerá. Mas quem pode ter essa certeza? Quem poderá dizer que a Providência não reserva um inesperado meio de salvação para o momento mais crítico? Não poderia ela salvar mesmo aquele que se achasse diante da boca de um canhão? Pode muitas vezes dar-se que ela queira levar ao extremo limite a prova da resignação e, nesse caso, uma circunstância inopinada desvia o golpe fatal. – São Luís. (Paris, 1860.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, São Luís aborda a situação em que alguém se expõe a um perigo iminente para salvar a vida de outro, sabendo que provavelmente não sobreviverá.

Ele esclarece que, nesse contexto, não há intenção de buscar a própria morte, mas sim um ato de devotamento e abnegação.

Mesmo que haja a certeza de que a pessoa provavelmente morrerá, São Luís ressalta que ninguém pode ter essa certeza absoluta, pois a Providência pode reservar um meio inesperado de salvação até mesmo no momento mais crítico.

Ele sugere que a Providência pode querer levar a prova da resignação ao extremo e, nesse caso, uma circunstância imprevista pode desviar o golpe fatal.

Proveito dos sofrimentos para outrem

31. Os que aceitam resignados os sofrimentos, por submissão à vontade de Deus e tendo em vista a felicidade futura, não trabalham somente em seu próprio benefício? Poderão tornar seus sofrimentos proveitosos a outrem?

Podem esses sofrimentos ser de proveito para outrem, material e moralmente: materialmente se, pelo trabalho, pelas privações e pelos sacrifícios que tais criaturas se imponham, contribuem para o bem-estar material de seus semelhantes; moralmente, pelo exemplo que elas oferecem de sua submissão à vontade de Deus. Esse exemplo do poder da fé espírita pode induzir os desgraçados à resignação e salvá-los do desespero e de suas consequências funestas para o futuro. – São Luís. (Paris, 1860.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, São Luís discute o papel dos sofrimentos aceitos com resignação e submissão à vontade de Deus, questionando se esses sofrimentos beneficiam apenas a pessoa que os suporta ou se também podem ser proveitosos para os outros.

Ele explica que os sofrimentos podem beneficiar os outros de duas maneiras: materialmente, quando as pessoas, por meio de seu trabalho, privações e sacrifícios, contribuem para o bem-estar material de seus semelhantes; e moralmente, através do exemplo de submissão à vontade de Deus que oferecem.

São Luís enfatiza que esse exemplo de fé espírita pode inspirar os que sofrem a aceitarem sua situação com resignação, evitando o desespero e suas consequências prejudiciais para o futuro.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

CAPÍTULO VI - O Cristo Consolador

• O jugo leve • Consolador prometido • Instruções dos Espíritos: Advento do Espírito de Verdade

O jugo leve

1. *Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo. (Mateus, 11:28 a 30.)*

2. Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perda de seres amados, encontram consolação na fé no futuro, na confiança na Justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele que, ao contrário, nada espera após esta vida, ou que simplesmente dúvida, as aflições caem com todo o seu peso e nenhuma esperança lhe mitiga o amargor. Foi isso que levou Jesus a dizer: "Vinde a mim todos vós que estais fatigados, que Eu vos aliviarei."

Entretanto, faz depender de uma condição a sua assistência e a felicidade que promete aos aflitos. Essa condição está na lei por Ele ensinada. Seu jugo é a observância dessa lei; mas esse jugo é leve e a lei é suave, pois que apenas impõe, como dever, o amor e a caridade.

NOSSO COMENTÁRIO

Jesus convida aqueles que estão sofrendo e sobrecarregados a buscarem alívio nele.

Ele oferece seu jugo, que representa seu ensinamento e exemplo, destacando sua mansidão e humildade.

Ao aceitar esse jugo, encontramos repouso para nossas almas, pois suas instruções são suaves e seu fardo é leve.

Essas palavras demonstram a compaixão e a disposição de Jesus em ajudar aqueles que o buscam.

Já no item 2, está em destaque a consolação que a fé no futuro e a confiança na Justiça de Deus proporcionam diante dos sofrimentos terrenos.

A esperança em uma vida após a morte e a convicção na bondade divina tornam as aflições mais suportáveis.

A falta de fé, por outro lado, torna os sofrimentos mais pesados, pois a pessoa não encontra esperança além desta vida.

Jesus, ao convidar os fatigados a encontrarem alívio nele, aponta para a importância da fé e da confiança nas leis divinas como caminho para a paz interior, ressaltando a importância da confiança em Deus e na vida futura como fontes de consolação e esperança frente às dificuldades terrenas.

Consolador prometido

3. Se me amais, guardai os meus mandamentos; e Eu rogarei a meu Pai e Ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito. (João, 14:15 a 17 e 26.)

NOSSO COMENTÁRIO

Jesus estabelece uma importante relação entre o amor por Ele e a observância de seus mandamentos.

Ele promete aos seus seguidores que, se O amarem e guardarem seus ensinamentos, Ele rogará ao Pai para enviar outro Consolador, que é o Espírito de Verdade.

Este Consolador, identificado como o Espiritismo (o Santo Espírito da citação evangélica), será enviado em nome de Jesus e ensinará todas as coisas, fazendo-os lembrar de tudo o que Ele lhes ensinou.

Essa passagem destaca a importância do amor e da obediência aos ensinamentos de Jesus para receber o auxílio divino.

O Espírito de Verdade é apresentado como um guia espiritual presente e atuante na vida dos seguidores de Jesus, ajudando-os a compreender os ensinamentos do Cristo e a fortalecer sua fé.

As palavras de Jesus indicam a continuidade do seu apoio e orientação através do Espiritismo, demonstrando sua preocupação com o bem-estar espiritual daqueles que O seguem.

4. Jesus promete outro consolador: o Espírito de Verdade, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para o compreender, consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para lembrar o que o Cristo há dito. Se, portanto, o Espírito de Verdade tinha de vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não dissera tudo; se ele vem lembrar o que o Cristo disse, é que o que este disse foi esquecido ou mal compreendido.

O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que Jesus só disse por parábolas. Advertiu o Cristo: "Ouçam os que têm ouvidos para ouvir." O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porquanto fala sem figuras, nem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a consolação suprema aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.

Disse o Cristo: "Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados." Mas como há de alguém sentir-se ditoso por sofrer, se não sabe por que sofre? O Espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, onde o homem expia o seu passado. Mostra o objetivo dos sofrimentos, apontando-os como crises salutares que produzem a cura e como meio de depuração que garante a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu sofrer e acha justo o sofrimento. Sabe que este lhe auxilia o adiantamento e o aceita sem murmurar, como o obreiro aceita

o trabalho que lhe assegurará o salário. O Espiritismo lhe dá fé inabalável no futuro e a dúvida pungente não mais se lhe apossa da alma. Dando-lhe a ver do alto as coisas, a importância das vicissitudes terrenas some-se no vasto e esplêndido horizonte que ele o faz descortinar, e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até o termo do caminho.

Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da Lei de Deus e consola pela fé e pela esperança.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec explora a promessa de Jesus sobre o Espírito de Verdade, um consolador que o mundo ainda não conhece plenamente.

Ele destaca que, se este Espírito tinha que vir mais tarde ensinar todas as coisas e lembrar o que Cristo disse, então Jesus não disse tudo ou o que disse foi esquecido ou mal compreendido.

O Espiritismo, conforme Kardec, cumpre essa promessa de Jesus ao trazer o Espírito de Verdade na época predita, chamando os homens à observância da lei e ensinando todas as coisas de forma clara, sem parábolas.

Kardec argumenta que o Espiritismo vem revelar a causa e o objetivo dos sofrimentos humanos, mostrando que as dores terrenas têm uma causa justa e um fim útil, contribuindo para a depuração e o adiantamento espiritual do homem.

Ele destaca que o conhecimento das existências anteriores e da destinação terrena permite ao homem compreender a justiça do sofrimento e aceitá-lo sem murmuração, semelhante ao obreiro que aceita o trabalho que lhe garantirá o salário.

Essa passagem ressalta a importância do Espiritismo como um ensinamento consolador que traz conhecimento, fé inabalável no

futuro e compreensão das leis divinas, proporcionando paciência, resignação e coragem diante das vicissitudes terrenas.

O Espiritismo, segundo Kardec, realiza a promessa de Jesus ao proporcionar ao homem o conhecimento de sua origem, destino e razão de estar na Terra, além de atrair para os verdadeiros princípios da Lei de Deus e consolar pela fé e esperança.

Instruções dos Espíritos: Advento do Espírito de Verdade

5. Venho, como outrora aos transviados filhos de Israel, trazer-vos a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como o fez antigamente a minha palavra, tem de lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinem as plantas e se levantem as ondas. Revelei a doutrina divinal. Como um ceifeiro, reuni em feixes o bem esparso no seio da Humanidade e disse: "Vinde a mim, todos vós que sofreis."

Mas, ingratos, os homens afastaram-se do caminho reto e largo que conduz ao Reino de meu Pai e enveredaram pelas ásperas sendas da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a carne, porquanto não existe a morte, vos socorrais mutuamente, e que se faça ouvir não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a dos que já não vivem na Terra, a clamar: Orai e crede! pois que a morte é a ressurreição, sendo a vida a prova buscada e durante a qual as virtudes que houverdes cultivado crescerão e se desenvolverão como o cedro.

Homens fracos que compreendeis as trevas das vossas inteligências, não afasteis o facho que a clemência divina vos coloca nas mãos para vos clarear o caminho e reconduzir-vos, filhos perdidos, ao regaço de vosso Pai.

Sinto-me por demais tomado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa fraqueza imensa, para deixar de estender mão socorredora aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem nos abismos do erro. Crede, amai, meditai sobre as coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio com a boa semente, as utopias com as verdades.

Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. Eis que do além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: "Irmãos! nada perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade." – O Espírito de Verdade. (Paris, 1860.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, O Evangelho Segundo o Espiritismo apresenta uma mensagem profunda e inspiradora atribuída ao Espírito de Verdade.

Nessa mensagem, o Espírito de Verdade se compara à figura bíblica que veio aos "transviados filhos de Israel" para trazer a verdade e dissipar as trevas.

Ele destaca que, assim como fez antigamente com Sua palavra, o Espiritismo tem a missão de lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade de um Deus bom e grande, que é o criador e mantenedor de toda a vida na Terra.

O Espírito de Verdade lamenta a ingratidão dos homens que se afastaram do caminho reto e largo que conduz ao Reino do Pai, optando por seguir pelas ásperas sendas da impiedade.

Ele ressalta que o Pai não deseja aniquilar a raça humana, mas sim que todos se ajudem mutuamente, tanto os vivos quanto os que já partiram, pois não há morte verdadeira, apenas a transformação da vida.

A mensagem enfatiza a importância da crença na imortalidade da alma e na ressurreição após a morte, afirmando que a vida terrena é uma prova durante a qual as virtudes cultivadas crescerão e se desenvolverão.

O Espírito de Verdade expressa sua compaixão pelas misérias e fraquezas humanas, oferecendo uma mão socorredora aos que se desviaram do caminho certo.

Ele instrui os espíritas a amarem-se e instruírem-se, colocando o Cristianismo como fonte de todas as verdades, enquanto os erros estão enraizados na interpretação humana.

A mensagem encerra com a afirmação de que do além-túmulo, vozes clamam que nada perece e que Jesus Cristo é o vencedor do mal, convidando os espíritas a serem também vencedores da impiedade.

Essa mensagem ressalta a importância da fé, da amorosidade, da busca pela verdade e da prática dos ensinamentos cristãos como caminho para a iluminação espiritual e a redenção.

6. Venho instruir e consolar os pobres deserdados. Venho dizer-lhes que elevem a sua resignação ao nível de suas provas, que chorem, porquanto a dor foi sagrada no Jardim das Oliveiras; mas que esperem, pois que também a eles os anjos consoladores lhes virão enxugar as lágrimas.

Obreiros, traçai o vosso sulco; recomeçai no dia seguinte o afanoso labor da véspera; o trabalho das vossas mãos vos fornece aos corpos o pão terrestre; vossas almas, porém, não estão esquecidas; e Eu, o Jardineiro divino, as cultivo no silêncio dos vossos pensamentos. Quando soar a hora do repouso, e a trama da vida se vos escapar das mãos e vossos olhos se fecharem para a luz, sentireis que surge em vós e germina a minha preciosa semente. Nada fica perdido no Reino de nosso Pai e os vossos suores e misérias formam o tesouro que vos tornará ricos nas esferas superiores, onde a luz substitui as trevas e onde o mais desnudo dentre todos vós será talvez o mais resplandecente.

Em verdade vos digo: os que carregam seus fardos e assistem os seus irmãos são bem-amados meus. Instruí-vos na preciosa doutrina que dissipa o erro das revoltas e vos mostra o sublime objetivo da provação humana. Assim como o vento varre a poeira, que também o sopro dos Espíritos dissipe os vossos despeitos contra os ricos do mundo, que são, não raro, muito miseráveis, porquanto se acham sujeitos a provas mais perigosas do que as vossas. Estou convosco e meu apóstolo vos instrui. Bebei na fonte viva do amor e preparai-vos, cativos da vida, a lançar-vos um dia, livres e alegres, no seio daquele que vos criou fracos para vos tornar perfectíveis e que quer modeléis vós mesmos a vossa maleável argila, a fim de serdes os artífices da vossa imortalidade. – O Espírito de Verdade. (Paris, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, uma mensagem reconfortante e instrutiva atribuída ao Espírito de Verdade.

Nessa mensagem, o Espírito de Verdade se apresenta como aquele que instrui e consola os pobres deserdados, aqueles que enfrentam dificuldades e adversidades na vida.

Ele encoraja essas pessoas a elevarem sua resignação ao nível de suas provas, reconhecendo a dor como algo sagrado, assim como foi no Jardim das Oliveiras.

Ele também promete a vinda de anjos consoladores para enxugar suas lágrimas, mostrando que mesmo nas dificuldades há um propósito maior e um auxílio espiritual disponível.

O Espírito de Verdade exorta os trabalhadores a continuarem seu labor diário, lembrando que o trabalho das mãos fornece o sustento físico, mas que suas almas também são cuidadas por Ele, o Jardineiro divino, que cultiva seus pensamentos no silêncio.

Ele promete que nada fica perdido no Reino do Pai e que os esforços e misérias terrenas se tornarão um tesouro nas esferas superiores.

A mensagem destaca a importância de carregar os fardos e ajudar os irmãos, afirmando que aqueles que fazem isso são bem-amados pelo Espírito de Verdade.

Ele incentiva a busca pela instrução na preciosa doutrina que dissipa os erros das revoltas e mostra o sublime objetivo das provações humanas.

O Espírito de Verdade encoraja a superação dos despeitos contra os ricos do mundo, lembrando que eles também enfrentam provas difíceis.

Ele finaliza a mensagem garantindo que está com todos, instruindo através de seus apóstolos, e convida a beber na fonte viva do amor para se prepararem para a libertação da vida terrena, lançando-se livres e alegres no seio daquele que os criou fracos para se tornarem perfectíveis, sendo os artífices de sua própria imortalidade.

Essa mensagem transmite uma profunda mensagem de esperança, amor e autoaperfeiçoamento, mostrando que mesmo nas adversidades há um propósito e um caminho para a evolução espiritual.

7. Sou o grande médico das almas e venho trazer-vos o remédio que vos há de curar. Os fracos, os sofredores e os enfermos são os meus filhos prediletos. Venho salvá-los. Vinde, pois, a mim, vós que sofreis e vos achais oprimidos, e sereis aliviados e consolados. Não busqueis alhures a força e a consolação, pois que o mundo é impotente para dá-las. Deus dirige um supremo apelo aos vossos corações, por meio do Espiritismo. Escutai-o. Extirpados sejam de vossas almas doloridas a impiedade, a mentira, o erro, a incredulidade. São monstros que sugam o vosso mais puro sangue e que vos abrem chagas quase sempre mortais. Que, no futuro, humildes e submissos ao Criador, pratiqueis a sua Lei divina. Amai e orai; sede dóceis aos Espíritos do Senhor; invocai-o do fundo de vossos corações. Ele, então, vos enviará o seu Filho bem-amado, para vos instruir e dizer estas boas palavras: "Eis-me aqui; venho até vós, porque me chamastes." – O Espírito de Verdade. (Bordeaux, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem do Espírito de Verdade é profundamente reconfortante e instrutiva.

Ele se apresenta como aquele que guia e consola os deserdados da Terra, os que enfrentam dificuldades e provações em sua jornada terrena.

A mensagem destaca a importância de elevar a resignação diante das adversidades, reconhecendo a sacralidade da dor, como exemplificado no Jardim das Oliveiras.

O Espírito de Verdade promete a vinda de consoladores espirituais para enxugar as lágrimas dos que sofrem, evidenciando que, mesmo nos momentos mais difíceis, há assistência espiritual disponível.

Além disso, a mensagem enfatiza a necessidade de manter o trabalho diário, pois, enquanto as mãos trabalham para o sustento físico, as almas são cuidadas pelo Jardineiro divino, que cultiva pensamentos e sentimentos no silêncio.

O texto também ressalta a garantia de que nada se perde no Reino do Pai, indicando que os esforços e sofrimentos terrenos se transformam em tesouros nas esferas espirituais superiores.

O Espírito de Verdade encoraja a solidariedade e o auxílio mútuo entre os irmãos, destacando que aqueles que carregam os fardos alheios são bem-amados por ele.

Ele incentiva a busca pela instrução na doutrina espírita, que dissipa os erros e revela o sublime propósito das provações humanas.

A mensagem conclui com a certeza de que o Espírito de Verdade está sempre presente, orientando por meio de seus apóstolos, e convida todos a beberem na fonte do amor para se prepararem para a libertação da vida terrena, tornando-se artífices de sua própria imortalidade.

8. Deus consola os humildes e dá força aos aflitos que Lha pedem. Seu poder cobre a Terra e, por toda a parte, junto de cada lágrima colocou Ele um bálsamo que consola. A abnegação e o devotamento são uma prece contínua e encerram um ensinamento profundo. A sabedoria humana reside nessas duas palavras. Possam todos os Espíritos sofredores compreender essa verdade, em vez de clamarem contra suas dores, contra os sofrimentos morais que neste mundo vos cabem em partilha. Tomai, pois, por divisa estas duas palavras: devotamento e abnegação, e sereis fortes, porque elas resumem todos os deveres que a caridade e a humildade vos impõem. O sentimento do dever cumprido vos dará repouso ao espírito e resignação. O coração bate então melhor, a alma se asserena e o corpo se forra aos desfalecimentos, por isso que o corpo tanto

menos forte se sente, quanto mais profundamente golpeado é o espírito. – O Espírito de Verdade. (Havre, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem do Espírito de Verdade é uma profunda reflexão sobre a consolação divina aos humildes e aflitos.

Ele destaca que Deus consola os humildes e dá força aos aflitos que O pedem.

Essa imagem de um Deus consolador e fortalecedor é reconfortante e inspiradora, sugerindo que cada lágrima derramada na Terra é acompanhada por um bálsamo divino que traz consolo.

A mensagem ressalta a importância da abnegação e do devotamento como prece contínua e fonte de sabedoria humana.

Essas virtudes são apresentadas como a base para a compreensão da verdadeira natureza dos sofrimentos morais terrenos, em vez de clamar contra eles.

O Espírito de Verdade exorta os espíritos sofredores a adotarem o devotamento e a abnegação como divisa, pois essas virtudes resumem todos os deveres que a caridade e a humildade impõem.

Ao cumprir o dever com devotamento e abnegação, o espírito encontra repouso e resignação.

O coração se acalma, a alma se tranquiliza e o corpo se fortalece, mesmo diante das maiores adversidades.

Essa mensagem ressalta a importância do equilíbrio entre o espírito e o corpo, sugerindo que o fortalecimento espiritual pode aliviar os fardos físicos.

O Espírito de Verdade oferece, assim, uma visão reconfortante e edificante sobre como enfrentar os desafios da vida com resignação e serenidade, encontrando força na abnegação e no devotamento aos outros.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo VII -

Bem-aventurados os pobres de espírito

• O que se deve entender por pobres de espírito • Aquele que se eleva será rebaixado • Mistérios ocultos aos doutos e aos prudentes • Instruções dos Espíritos: O orgulho e a humildade – Missão do homem inteligente na Terra

O que se deve entender por pobres de espírito

1. *Bem-aventurados os pobres de espírito, pois que deles é o Reino dos Céus. (Mateus, 5:3.)*

2. A incredulidade zombou desta máxima: Bem-aventurados os pobres de espírito, como tem zombado de muitas outras coisas que não compreende. Por pobres de espírito Jesus não entende os baldos de inteligência, mas os humildes, tanto que diz ser para estes o Reino dos Céus, e não para os orgulhosos.

Os homens de saber e de espírito, no entender do mundo, formam geralmente tão alto conceito de si próprios e da sua superioridade, que consideram as coisas divinas como indignas de lhes merecer a atenção. Concentrando sobre si mesmos os seus olhares, eles não os podem elevar até Deus. Essa tendência, de se acreditarem superiores a tudo, muito amiúde os leva a negar aquilo que, estando-lhes acima, os depreciaria, a negar até mesmo a Divindade. Ou, se condescendem em admiti-la, contestam-lhe um dos mais belos atributos: a ação providencial sobre as coisas deste mundo, persuadidos de que eles são suficientes para bem governá-lo. Tomando a inteligência que possuem para medida da inteligência universal, e julgando-se aptos a tudo compreender, não podem crer na possibilidade do que não compreendem. Consideram sem apelação as sentenças que proferem.

Se se recusam a admitir o mundo invisível e uma potência extra-humana, não é que isso lhes esteja fora do alcance; é que o orgulho se lhes revolta à ideia de uma coisa acima da qual não possam colocar-se e que os faria descer

do pedestal onde se contemplam. Daí o só terem sorrisos de mofa para tudo o que não pertence ao mundo visível e tangível. Eles se atribuem espírito e saber em tão grande cópia, que não podem crer em coisas, segundo pensam, boas apenas para gente simples, tendo por pobres de espírito os que as tomam a sério.

Entretanto, digam o que disserem, forçoso lhes será entrar, como os outros, nesse mundo invisível de que escarnecem. É lá que os olhos se lhes abrirão e eles reconhecerão o erro em que caíram. Deus, porém, que é justo, não pode receber da mesma forma aquele que lhe desconheceu a majestade e outro que humildemente se lhe submeteu às leis, nem os aquinhoar em partes iguais.

Dizendo que o Reino dos Céus é dos simples, quis Jesus significar que a ninguém é concedida entrada nesse Reino, sem a simplicidade de coração e humildade de espírito; que o ignorante possuidor dessas qualidades será preferido ao sábio que mais crê em si do que em Deus. Em todas as circunstâncias, Jesus põe a humildade na categoria das virtudes que aproximam de Deus e o orgulho entre os vícios que dele afastam a criatura, e isso por uma razão muito natural: a de ser a humildade um ato de submissão a Deus, ao passo que o orgulho é a revolta contra Ele. Mais vale, pois, que o homem, para felicidade do seu futuro, seja pobre em espírito, conforme o entende o mundo, e rico em qualidades morais.

NOSSO COMENTÁRIO

O trecho aborda a interpretação do ensinamento de Jesus sobre os "pobres de espírito" no Sermão da Montanha.

Aqui, "pobres de espírito" não se refere à falta de inteligência, mas à humildade.

Jesus enfatiza que o Reino dos Céus pertence aos humildes, não aos orgulhosos.

Ele critica a atitude daqueles que, por sua erudição ou inteligência, se consideram superiores a tudo, incluindo as coisas divinas.

Essas pessoas muitas vezes negam o mundo espiritual e a ação de Deus sobre o mundo material, por acharem que são capazes de entender e governar tudo por si mesmas.

No entanto, Jesus ensina que a humildade é uma virtude fundamental para se aproximar de Deus.

Ele valoriza mais a simplicidade de coração e a humildade do espírito do que a sabedoria mundana.

Aqueles que reconhecem sua dependência de Deus e se submetem a Ele estão mais próximos do Reino dos Céus do que aqueles que confiam apenas em sua própria inteligência e capacidade.

Aquele que se eleva será rebaixado

3. Por essa ocasião, os discípulos se aproximaram de Jesus e lhe perguntaram: "Quem é o maior no Reino dos Céus?" — Jesus, chamando a si um menino, o colocou no meio deles e respondeu: "Digo-vos, em verdade, que, se não vos converterdes e tornardes quais crianças, não entrareis no Reino dos Céus. Aquele, portanto, que se humilhar e se tornar pequeno como esta criança será o maior no Reino dos Céus e aquele que recebe em meu nome a uma criança, tal como acabo de dizer, é a mim mesmo que recebe." (Mateus, 18:1 a 5.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta passagem, Jesus responde à pergunta dos discípulos sobre quem seria o maior no Reino dos Céus.

Ele usa a figura de uma criança para ilustrar sua resposta, enfatizando a importância da humildade e da pureza de coração para entrar no Reino dos Céus.

Ao colocar uma criança no meio deles, Jesus está destacando a simplicidade, a inocência e a humildade que caracterizam as crianças.

Ele diz que, a menos que os discípulos se convertam e se tornem como crianças, não entrarão no Reino dos Céus.

Isso significa que é necessário abandonar o orgulho, a vaidade e a arrogância, e adotar a humildade e a sinceridade de uma criança para receber as bênçãos do Reino dos Céus.

Jesus também ensina que aquele que se humilhar e se tornar pequeno como uma criança será o maior no Reino dos Céus.

Isso indica que, aos olhos de Deus, a grandeza não está na posição social, na riqueza ou na sabedoria mundana, mas na humildade e na pureza de coração.

Aquele que recebe uma criança em nome de Jesus está na verdade recebendo a Ele mesmo, mostrando a importância de cuidar dos mais vulneráveis e inocentes.

Em resumo, Jesus ensina que a humildade, a pureza de coração e a simplicidade são essenciais para entrar no Reino dos Céus, e que aqueles que se humilham serão exaltados por Deus.

4. Então, a mãe dos filhos de Zebedeu se aproximou dele com seus dois filhos e o adorou, dando a entender que lhe queria pedir alguma coisa. Disse-lhe Ele: "Que queres?" "Manda", disse ela, "que estes meus dois filhos tenham assento no teu Reino, um à tua direita e o outro à tua esquerda." — Mas Jesus lhe respondeu: "Não sabes o que pedes; podeis vós ambos beber o cálice que Eu vou beber?" — Eles responderam: "Podemos." — Jesus lhes replicou: "É certo que bebereis o cálice que Eu beber; mas, pelo que respeita a vos sentardes à minha direita ou à minha esquerda, não me cabe a mim vo-lo conceder; isso será para aqueles a quem meu Pai o tem preparado." — Ouvindo isso, os dez outros apóstolos se encheram de indignação contra os dois irmãos. Jesus, chamando-os para perto de si, lhes disse: "Sabeis que os príncipes das nações as dominam e que os grandes as tratam com império. Assim não deve ser entre vós; ao contrário, aquele que quiser tornar-se o maior, seja vosso servo; e aquele que quiser ser o primeiro entre vós seja vosso escravo; do mesmo modo que o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos." (Mateus, 20:20 a 28.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mãe dos filhos de Zebedeu se aproximou de Jesus com a intenção de pedir que seus dois filhos tivessem lugares de destaque no Reino dos Céus, um à direita e outro à esquerda de Jesus.

Essa atitude revela uma busca por prestígio e poder, algo que Jesus rapidamente corrige, mostrando a importância da humildade e do serviço.

Jesus questiona se eles estão dispostos a beber o cálice que Ele está prestes a beber, ou seja, a enfrentar os desafios e sacrifícios que Ele terá pela frente.

Os filhos de Zebedeu afirmam que estão prontos, sem compreender verdadeiramente o que isso significa. Jesus então explica que a decisão sobre quem se sentará à sua direita ou à sua esquerda não cabe a Ele, mas ao Pai.

Ao ouvirem isso, os outros discípulos ficam indignados com a tentativa de prestígio dos irmãos.

Jesus aproveita a oportunidade para ensinar uma lição crucial sobre liderança e serviço. Ele contrasta a mentalidade dos líderes do mundo, que buscam dominar e controlar, com a mentalidade que Seus discípulos devem ter.

Para ser grande no Reino dos Céus, é necessário ser servo de todos, seguindo o exemplo de Jesus, que veio para servir e dar a vida pela redenção de muitos.

Assim, Jesus ensina que a grandeza no Reino de Deus não está relacionada com posições de poder ou prestígio, mas com serviço e humildade.

Aqueles que desejam ser os maiores devem estar dispostos a servir os outros, seguindo o exemplo de Cristo.

5. Jesus entrou em dia de sábado na casa de um dos principais fariseus para aí fazer a sua refeição. Os que lá estavam o observaram. Então, notando que os convidados escolhiam os primeiros lugares, propôs-lhes uma parábola, dizendo: "Quando fordes convidados para bodas, não tomeis o primeiro lugar, para que não suceda que, havendo entre os convidados uma pessoa mais considerada do que vós, aquele que vos haja convidado venha a dizer-vos: dai o vosso lugar a este, e vos vejais constrangidos a ocupar, cheios de vergonha, o último lugar. Quando fordes convidados, ide colocar-vos no último lugar, a fim de que, quando aquele que vos convidou chegar, vos diga: meu amigo, venha mais para cima. Isso então será para vós um motivo de glória, diante de todos os que estiverem convosco à mesa; porquanto todo aquele que se eleva será rebaixado e todo aquele que se abaixa será elevado." (Lucas, 14:1 e 7 a 11.)

NOSSO COMENTÁRIO

Verificamos que nesta passagem evangélica, Jesus utiliza uma situação cotidiana, um jantar, para ensinar sobre humildade e modéstia.

Ele observa como os convidados escolhem os melhores lugares à mesa, buscando destaque e reconhecimento.

A partir disso, Jesus conta uma parábola, incentivando as pessoas a escolherem os últimos lugares, para que, se houver alguém mais importante presente, o anfitrião as convide a subir de posição, trazendo-lhes honra e glória.

Essa parábola reflete a importância da humildade e da modéstia. Jesus ensina que quem se exalta será humilhado, mas quem se humilha será exaltado.

Ele está mostrando que o verdadeiro valor não está na posição que ocupamos aos olhos dos outros, mas na nossa atitude de humildade e serviço.

Ao aplicarmos esse ensinamento em nossas vidas, aprendemos a não buscar constantemente destaque e reconhecimento, mas a agir com humildade, reconhecendo a importância de cada pessoa e servindo aos outros com amor e compaixão.

6. Estas máximas decorrem do princípio de humildade que Jesus não cessa de apresentar como condição essencial da felicidade prometida aos eleitos do Senhor e que Ele formulou assim: "Bem-aventurados os pobres de espírito, pois que o Reino dos Céus lhes pertence." Ele toma uma criança como tipo da simplicidade de coração e diz: "Será o maior no Reino dos Céus aquele que se humilhar e se fizer pequeno como uma criança, isto é, que nenhuma pretensão alimentar à superioridade ou à infalibilidade.

A mesma ideia fundamental se nos depara nesta outra máxima: Seja vosso servidor aquele que quiser tornar-se o maior, e nesta outra: Aquele que se humilhar será exalçado e aquele que se elevar será rebaixado.

O Espiritismo sanciona pelo exemplo a teoria, mostrando-nos na posição de grandes no mundo dos Espíritos os que eram pequenos na Terra; e bem pequenos, muitas vezes, os que na Terra eram os maiores e os mais poderosos. E que os primeiros, ao morrerem, levaram consigo aquilo que faz a verdadeira grandeza no céu e que não se perde nunca: as virtudes, ao passo que os outros tiveram de deixar aqui o que lhes constituía a grandeza terrena e que se não leva para a outra vida: a riqueza, os títulos, a glória, a nobreza do nascimento. Nada mais possuindo senão isso chegam ao outro mundo privados de tudo, como náufragos que tudo perderam, até as próprias roupas. Conservaram apenas o orgulho que mais humilhante lhes torna a nova posição, porquanto veem colocados acima de si e resplandecentes de glória os que eles na Terra espezi-
nharam.

O Espiritismo aponta-nos outra aplicação do mesmo princípio nas encarnações sucessivas, mediante as quais os que, numa existência, ocuparam as mais elevadas posições, descem, em existência seguinte, às mais ínfimas condições, desde que os tenham dominado o orgulho e a ambição. Não procureis, pois, na Terra, os primeiros lugares, nem vos colocar acima dos outros, se não quiserdes ser obrigados a descer. Buscai, ao contrário, o lugar mais humilde e mais modesto, porquanto Deus saberá dar-vos um mais elevado no céu, se o merecerdes.

NOSSO COMENTÁRIO

Este comentário de Allan Kardec sobre as máximas anteriores ressalta a importância da humildade como princípio fundamental para a felicidade prometida aos eleitos do Senhor.

Ele destaca como Jesus constantemente enfatiza a humildade como caminho para a verdadeira grandeza espiritual.

Kardec faz referência às palavras de Jesus sobre os pobres de espírito, aqueles que não alimentam pretensões de superioridade ou infalibilidade.

Ele também menciona a ideia de que o maior no Reino dos Céus é aquele que se humilha e se faz pequeno como uma criança, exemplificando a simplicidade de coração e a ausência de orgulho.

O Espiritismo, segundo Kardec, confirma essa teoria ao mostrar, através de exemplos do mundo espiritual, que aqueles que eram pequenos na Terra podem ser grandes no mundo dos Espíritos.

Ele destaca como as virtudes são o que realmente importa na vida espiritual, ao passo que riquezas, títulos e glórias terrenas não têm valor após a morte.

Kardec também menciona a ideia das encarnações sucessivas, explicando como os que ocuparam as mais elevadas posições em uma existência podem descer às mais ínfimas condições na seguinte, se dominados pelo orgulho e pela ambição.

Assim, o ensinamento de Kardec ressalta a importância de buscar a humildade e a modéstia, evitando a busca por prestígio e posição elevada na Terra, pois o verdadeiro reconhecimento e elevação espiritual serão dados por Deus, de acordo com o merecimento de cada um.

Mistérios ocultos aos doutos e aos prudentes

7. Disse, então, Jesus estas palavras: "Graças te rendo, meu Pai, Senhor do céu e da Terra, por haveres ocultado estas coisas aos doutos e aos prudentes e por as teres revelado aos simples e aos pequenos." (Mateus, 11:25.)

8. Pode parecer singular que Jesus renda graças a Deus, por haver revelado estas coisas aos simples e aos pequenos, que são os pobres de espírito, e por as ter ocultado aos doutos e aos prudentes, mais aptos, na aparência, a compreendê-las. É que cumpre se entenda que os primeiros são os humildes, são os que se humilham diante de Deus e não se consideram superiores a toda a gente. Os segundos são os orgulhosos, envaidecidos do seu saber mundano, os quais se julgam prudentes porque negam e tratam a Deus de igual para igual, quando não se recusam a admiti-lo, porquanto, na antiguidade, douto era sinônimo de sábio. Por isso é que Deus lhes deixa a pesquisa dos segredos da Terra e revela os do céu aos simples e aos humildes que diante dele se prosttram.

NOSSO COMENTÁRIO

Kardec analisa a passagem na qual Jesus agradece a Deus por revelar os mistérios aos simples e ocultá-los aos doutos e prudentes.

Ele destaca que os "simples e pequenos" são os humildes, aqueles que se curvam diante de Deus sem se considerarem superiores aos outros.

Já os "doutos e prudentes" são os orgulhosos, envaidecidos pelo conhecimento terreno, que muitas vezes negam a Deus ou o tratam como igual.

Essa aparente contradição, de Deus revelar aos simples e ocultar dos sábios, é explicada pela diferença de atitude diante de Deus.

Os humildes reconhecem sua dependência e limitação diante do divino, enquanto os orgulhosos se consideram capazes de compreender tudo por si mesmos.

Deus, então, permite que os orgulhosos busquem os segredos terrenos enquanto revela os celestiais aos humildes.

Essa análise de Kardec ressalta a importância da humildade e da simplicidade de coração para compreender os ensinamentos espirituais mais profundos.

Aqueles que se humilham diante de Deus são os verdadeiros sábios, pois reconhecem sua pequenez diante da grandeza divina.

9. O mesmo se dá hoje com as grandes verdades que o Espiritismo revelou. Alguns incrédulos se admiram de que os Espíritos tão poucos esforços façam para os convencer. A razão está em que estes últimos cuidam preferentemente dos que procuram, de boa-fé e com humildade, a luz, do que daqueles que se supõem na posse de toda a luz e imaginam, talvez, que Deus deveria dar-se por muito feliz em atraí-los a si, provando-lhes a sua existência.

O poder de Deus se manifesta nas mais pequeninas coisas, como nas maiores. Ele não põe a luz debaixo do alqueire, por isso que a derrama em ondas por toda parte, de tal sorte que só cegos não a veem. A esses não quer

Deus abrir à força os olhos, dado que lhes apraz tê-los fechados. A vez deles chegará, mas é preciso que, antes, sintam as angústias das trevas e reconheçam que é a Divindade e não o acaso quem lhes fere o orgulho. Para vencer a incredulidade, Deus emprega os meios mais convenientes, conforme os indivíduos. Não é à incredulidade que compete prescrever-lhe o que deva fazer, nem lhe cabe dizer: "Se me queres convencer, tens de proceder dessa ou daquela maneira, em tal ocasião e não em tal outra, porque essa ocasião é a que mais me convém."

Não se espantem, pois, os incrédulos de que nem Deus, nem os Espíritos, que são os executores da sua vontade, se lhes submetam às exigências. Inquiram de si mesmos o que diriam, se o último de seus servidores se lembrasse de lhes prescrever fosse o que fosse. Deus impõe condições e não aceita as que lhe queiram impor. Escuta, bondoso, os que a Ele se dirigem humildemente, e não os que se julgam mais do que Ele.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec relaciona os princípios da humildade e da busca sincera pela verdade com a compreensão das grandes verdades reveladas pelo Espiritismo.

Ele destaca que os Espíritos se dedicam mais àqueles que buscam a luz com humildade e sinceridade do que àqueles que se consideram donos de toda a sabedoria e esperam que Deus os convença da existência espiritual.

Kardec ressalta que o poder de Deus se manifesta em todas as coisas, grandes e pequenas, e que Ele não esconde a luz da verdade, mas a espalha por toda parte.

Aqueles que não veem a luz espiritual são comparados a cegos que preferem manter os olhos fechados.

Deus não força essas pessoas a enxergarem, mas espera que elas sintam as angústias das trevas e reconheçam a Sua existência quando estiverem prontas.

Ele também destaca que, para vencer a incredulidade, Deus usa os meios mais adequados para cada indivíduo e não está sujeito às exigências dos incrédulos.

Deus escuta aqueles que se dirigem a Ele com humildade e sinceridade, não os que se consideram superiores a Ele.

Essa passagem de Kardec enfatiza a importância da humildade, da sinceridade e da disposição para aprender como requisitos essenciais para compreender as verdades espirituais mais profundas.

Aqueles que se aproximam de Deus com humildade e sinceridade são os que estão mais aptos a receber a luz espiritual e compreender os ensinamentos do Espiritismo.

10. Perguntar-se-á: não poderia Deus tocá-los pessoalmente, por meio de manifestações retumbantes, diante das quais se inclinassem os mais obstinados incrédulos? É fora de toda dúvida que o poderia; mas, então, que mérito teriam eles e, ademais, de que serviria? Não se veem todos os dias criaturas que não cedem nem à evidência, chegando até a dizer: "Ainda que eu visse, não acreditaria, porque sei que é impossível?" Esses, se se negam assim a reconhecer a verdade, é que ainda não trazem maduro o espírito para compreendê-la, nem o coração para senti-la. O orgulho é a catarata que lhes tolda a visão. De que vale apresentar à luz a um cego? Necessário é que, antes, se lhe destrua a causa do mal. Daí vem que, médico hábil, Deus primeiramente corrige o orgulho. Ele não deixa ao abandono aqueles de seus filhos que se acham perdidos, porquanto sabe que cedo ou tarde os olhos se lhes abrirão. Quer, porém, que isso se dê de moto-próprio, quando, vencidos pelos tormentos da incredulidade, eles venham de si mesmos lançar-se lhe nos braços e pedir-lhe perdão, quais filhos pródigos.

NOSSO COMENTÁRIO

Ao comentar esse tema, Allan Kardec aborda a questão das manifestações divinas evidentes e retumbantes como meio de convencer os incrédulos.

Ele pondera que, embora Deus pudesse manifestar-se de forma incontestável, isso não teria mérito para os incrédulos e seria inútil para o seu desenvolvimento espiritual.

Kardec destaca que muitas pessoas, mesmo diante de evidências claras, permanecem incrédulas devido ao orgulho e à falta de maturidade espiritual.

Ele compara o orgulho a uma catarata que impede a visão espiritual, tornando inútil apresentar à luz a um cego.

Deus, como um médico habilidoso, corrige primeiro o orgulho das pessoas antes de revelar a verdade espiritual.

Ele não abandona seus filhos perdidos, mas espera que eles, vencidos pelos tormentos da incredulidade, busquem por si mesmos a verdade e se reconciliem com Ele, como os filhos pródigos que retornam ao lar.

Assim, Kardec ressalta a importância do livre-arbítrio e do amadurecimento espiritual na busca pela verdade.

Deus não impõe a Sua vontade, mas espera que cada indivíduo, ao reconhecer suas próprias limitações e erros, busque por si mesmo a luz da verdade e a reconciliação com o divino.

Instruções dos Espíritos: O orgulho e a humildade

11. Que a paz do Senhor seja convosco, meus queridos amigos! Aqui venho para encorajar-vos a seguir o bom caminho. Aos pobres Espíritos que habitaram outrora a Terra, conferiu Deus a missão de vos esclarecer. Bendito seja Ele, pela graça que nos concede: a de podermos auxiliar o vosso aperfeiçoamento. Que o Espírito Santo me ilumine e ajude a tornar compreensível a minha palavra, outorgando-me o favor de pô-la ao alcance de todos! Ó vós, encarnados, que vos achais em prova e buscais a luz, que a vontade de Deus venha em meu auxílio para fazê-la brilhar aos vossos olhos!

A humildade é virtude muito esquecida entre vós. Bem pouco seguidos são os exemplos que dela se vos têm dado. Entretanto, sem humildade, podeis

ser caridosos com o vosso próximo? Oh! não, pois que este sentimento nivela os homens, dizendo-lhes que todos são irmãos, que se devem auxiliar mutuamente, e os induz ao bem. Sem a humildade, apenas vos adornais de virtudes que não possuíis, como se trouxésseis um vestuário para ocultar as deformidades do vosso corpo. Lembrai-vos daquele que nos salvou; lembrai-vos da sua humildade, que tão grande o fez, colocando-o acima de todos os profetas.

O orgulho é o terrível adversário da humildade. Se o Cristo prometia o Reino dos Céus aos mais pobres, é porque os grandes da Terra imaginam que os títulos e as riquezas são recompensas deferidas aos seus méritos e se consideram de essência mais pura do que a do pobre. Julgam que os títulos e as riquezas lhes são devidos, pelo que, quando Deus lhes retira, o acusam de injustiça. Oh! irrisão e cegueira! Pois, então, Deus vos distingue pelos corpos? O envoltório do pobre não é o mesmo que o do rico? Terá o Criador feito duas espécies de homens? Tudo o que Deus faz é grande e sábio; não lhe atribuais nunca as ideias que os vossos cérebros orgulhosos engendram.

Ó rico! Enquanto dormes sob dourados tetos, ao abrigo do frio, ignoras que jazem sobre a palha milhares de irmãos teus, que valem tanto quanto tu? Não é teu igual o infeliz que passa fome? Ao ouvires isso, bem o sei, revolta-se o teu orgulho. Concordearás em dar-lhe uma esmola, mas em lhe apertar fraternalmente a mão, nunca. "Pois quê! dirás, eu, de sangue nobre, grande da Terra, igual a este miserável coberto de andrajos! Vã utopia de pseudofilósofos! Se fôssemos iguais, por que o teria Deus colocado tão baixo e a mim tão alto?" É exato que as vossas vestes não se assemelham; mas despi-vos ambos: que diferença haverá entre vós? A nobreza do sangue, dirás; a química, porém, ainda nenhuma diferença descobriu entre o sangue de um grão-senhor e o de um plebeu; entre o do senhor e o do escravo. Quem te garante que também tu já não tenhas sido miserável e desgraçado como ele? Que também não hajas pedido esmola? Que não a pedirás um dia a esse mesmo a quem hoje desprezas? São eternas as riquezas? Não desaparecem quando se extingue o corpo, envoltório perecível do teu Espírito? Ah! lança sobre ti um pouco de humildade! Põe os olhos, afinal, na realidade das coisas deste mundo, sobre o que dá lugar ao engrandecimento e ao rebaixamento no outro; lembra-te de que a morte não te poupará, como a nenhum homem; que os teus títulos não te preservarão do seu golpe; que ela te poderá ferir amanhã, hoje, a qualquer hora. Se te enterras no teu orgulho, oh! quanto então te lamento, pois bem digno de compaixão serás.

Orgulhosos! Que éreis antes de serdes nobres e poderosos? Talvez estivesseis abaixo do último dos vossos criados. Curvai, portanto, as vossas frentes altaneiras, que Deus pode fazer se abaixem, justo no momento em que mais as elevardes. Na balança divina, são iguais todos os homens; só as virtudes os distinguem aos olhos de Deus. São da mesma essência todos os Espíritos e formados de igual massa todos os corpos. Em nada os modificam os vossos títulos e os vossos nomes. Eles permanecerão no túmulo e de modo nenhum contribuirão para que gozeis da ventura dos eleitos. Estes, na caridade e na humildade é que têm seus títulos de nobreza.

Pobre criatura! és mãe, teus filhos sofrem; sentem frio; têm fome, e tu vais, curvada ao peso da tua cruz, humilhar-te, para lhes conseguires um pedaço de pão! Oh! inclino-me diante de ti. Quão nobremente santa és e quão grande aos meus olhos! Espera e ora; a felicidade ainda não é deste mundo. Aos pobres oprimidos que nele confiam, concede Deus o Reino dos Céus.

E tu, donzela, pobre criança lançada ao trabalho, às privações, por que esses tristes pensamentos? Por que choras? Dirige a Deus, piedoso e sereno, o teu olhar: Ele dá alimento aos passarinhos; tem-lhe confiança: Ele não te abandonará. O ruído das festas, dos prazeres do mundo, faz bater-te o coração; também desejaras adornar de flores os teus cabelos e misturar-te com os venturosos da Terra. Dizes de ti para contigo que, como essas mulheres que vês passar, despreocupadas e risonhas, também poderias ser rica. Oh! cala-te, criança! Se soubesses quantas lágrimas e dores inomináveis se ocultam sob esses vestidos recamados, quantos soluços são abafados pelos sons dessa orquestra rumorosa, preferirias o teu humilde retiro e a tua pobreza. Conserva-te pura aos olhos de Deus, se não queres que o teu anjo guardião para o seu seio volte, cobrindo o semblante com as suas brancas asas e deixando-te com os teus remorsos, sem guia, sem amparo, neste mundo, onde ficarias perdida, a aguardar a punição no outro.

Todos vós que dos homens sofreis injustiças, sede indulgentes para as faltas dos vossos irmãos, ponderando que também vós não vos achais isentos de culpas; é isso caridade, mas é igualmente humildade. Se sofreis pelas calúnias, abaixai a cabeça sob essa prova. Que vos importam as calúnias do mundo? Se é puro o vosso proceder, não pode Deus vo-las compensar? Suportar com coragem as humilhações dos homens é ser humilde e reconhecer que somente Deus é grande e poderoso.

Ó meu Deus, será preciso que o Cristo volte segunda vez à Terra para ensinar aos homens as tuas leis, que eles olvidam? Terá que de novo expulsar do templo os vendedores que conspurcam a tua casa, casa que é unicamente de oração? E, quem sabe? ó homens! se o não renegaríeis como outrora, caso Deus vos concedesse essa graça! Chamar-lhe-íeis blasfemador, porque abateria o orgulho dos modernos fariseus. É bem possível que o fizésseis perlustrar novamente o caminho do Gólgota.

Quando Moisés subiu ao monte Sinai para receber os mandamentos de Deus, o povo de Israel, entregue a si mesmo, abandonou o Deus verdadeiro. Homens e mulheres deram o ouro e as joias que possuíam, para que se construísse um ídolo que entraram a adorar. Vós outros, homens civilizados, os imitais. O Cristo vos legou a sua doutrina; deu-vos o exemplo de todas as virtudes e tudo abandonastes, exemplos e preceitos. Concorrendo para isso com as vossas paixões, fizestes um Deus a vosso jeito: segundo uns, terrível e sanguinário; segundo outros, alheado dos interesses do mundo. O Deus que fabricastes é ainda o bezerro de ouro que cada um adapta aos seus gostos e às suas ideias.

Despertai, meus irmãos, meus amigos. Que a voz dos Espíritos ecoe nos vossos corações. Sede generosos e caridosos, sem ostentação, isto é, fazei o bem com humildade. Que cada um proceda pouco a pouco à demolição dos altares que todos ergueram ao orgulho. Numa palavra: sede verdadeiros cristãos e tereis o Reino da Verdade. Não continueis a duvidar da bondade de Deus, quando dela vos dá Ele tantas provas. Vimos preparar os caminhos para que as profecias se cumpram. Quando o Senhor vos der uma manifestação mais retumbante da sua clemência, que o enviado celeste já vos encontre formando uma grande família; que os vossos corações, mansos e humildes, sejam dignos de ouvir a palavra divina que Ele vos vem trazer; que ao eleito somente se deparem em seu caminho as palmas que aí tendes deposto, volvendo ao bem, à caridade, à fraternidade. Então, o vosso mundo se tornará o paraíso terrestre. No entanto, se permanecerdes insensíveis à voz dos Espíritos enviados para depurar e renovar a vossa sociedade civilizada, rica de ciências, mas tão pobre de bons sentimentos, ah! então não nos restará senão chorar e gemer pela vossa sorte. Mas não, assim não será. Voltai para Deus, vosso Pai, e todos nós que houvermos contribuído para o cumprimento da sua vontade entoaremos o cântico de ação de graças, agradecendo-lhe a inesgotável bondade e glorificando-o por todos os séculos dos séculos. Assim seja. – Lacordaire. (Constantina, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

O Espírito Lacordaire, nesta mensagem, ressalta a importância da humildade como virtude fundamental, frequentemente esquecida entre as pessoas.

Ele destaca que a humildade é essencial para a prática da verdadeira caridade, pois ela nos leva a enxergar todos como irmãos, induzindo-nos ao bem.

Lacordaire aponta o orgulho como o grande adversário da humildade, levando os indivíduos a se considerarem superiores aos outros devido a títulos e riquezas.

Ele questiona a lógica dessas distinções sociais, lembrando que perante Deus todos os seres humanos são iguais e que as virtudes são as verdadeiras distinções aos olhos divinos.

Ao abordar a situação dos ricos e poderosos, o Espírito Lacordaire os chama à reflexão sobre a fragilidade das riquezas e a impermanência das distinções terrenas.

Ele convida os ricos a exercerem a caridade não apenas com esmolas, mas também com ações fraternas e humildes, reconhecendo a igualdade essencial de todos perante Deus.

Por fim, Lacordaire faz um apelo à transformação interior, à busca pela verdadeira nobreza de caráter e à reconstrução dos valores morais, visando a construção de um mundo mais justo e fraterno.

Ele ressalta que, ao seguir os ensinamentos do Cristo, os indivíduos encontrarão a verdadeira felicidade e alcançarão o Reino dos Céus.

12. Homens, por que vos queixais das calamidades que vós mesmos amontoastes sobre as vossas cabeças? Desprezastes a santa e divina moral do

Cristo; não vos espanteis, pois, de que a taça da iniquidade haja transbordado de todos os lados.

Generaliza-se o mal-estar. A quem inculpar, senão a vós que incessantemente procurais esmagar-vos uns aos outros? Não podeis ser felizes, sem mútua benevolência; mas como pode a benevolência coexistir com o orgulho? O orgulho, eis a fonte de todos os vossos males. Aplicai-vos, portanto, em destruí-lo, se não lhe quiserdes perpetuar as funestas consequências. Um único meio se vos oferece para isso, mas infalível: tomardes para regra invariável do vosso proceder a lei do Cristo, lei que tendes repellido ou falseado em sua interpretação.

Por que haveis de ter em maior estima o que brilha e encanta os olhos, do que o que toca o coração? Por que fazeis do vício na opulência objeto das vossas adulações, ao passo que desdenhais do verdadeiro mérito na obscuridade? Apresente-se em qualquer parte um rico debochado, perdido de corpo e alma, e todas as portas se lhe abrem, todas as atenções são para ele, enquanto ao homem de bem, que vive do seu trabalho, mal se dignam todos de saudá-lo com ar de proteção. Quando a consideração dispensada aos outros se mede pelo ouro que possuem ou pelo nome de que usam, que interesse podem eles ter em se corrigirem de seus defeitos? Dar-se-ia o inverso, se a opinião geral fustigasse o vício dourado, tanto quanto o vício em andrajos; mas o orgulho se mostra indulgente para com tudo o que o lisonjeia. Século de cupidez e de dinheiro, dizeis. Sem dúvida; mas por que deixastes que as necessidades materiais sobrepujassem o bom senso e a razão? Por que há de cada um querer elevar-se acima de seu irmão? Desse fato sofre hoje a sociedade as consequências.

Não esqueçais que tal estado de coisas é sempre sinal certo de decadência moral. Quando o orgulho chega ao extremo, tem-se um indício de queda próxima, porquanto Deus nunca deixa de castigar os soberbos. Se por vezes consente que eles subam, é para lhes dar tempo à reflexão e a que se emendem, sob os golpes que de quando em quando lhes desfere no orgulho para os advertir. Todavia, em lugar de se humilharem, eles se revoltam. Então, cheia a medida, Deus os abate completamente e tanto mais horrível lhes é a queda, quanto mais alto hajam subido.

Pobre raça humana, cujo egoísmo corrompeu todas as sendas, toma novamente coragem, apesar de tudo. Em sua misericórdia infinita, Deus te envia

poderoso remédio para os teus males, um inesperado socorro à tua miséria. Abre os olhos à luz: aqui estão as almas dos que já não vivem na Terra e que te vêm chamar ao cumprimento dos deveres reais. Eles te dirão, com a autoridade da experiência, quanto as vaidades e as grandezas da vossa passageira existência são mesquinhas a par da eternidade. Dir-te-ão que, lá, o maior é aquele que haja sido o mais humilde entre os pequenos deste mundo; que aquele que mais amou os seus irmãos será também o mais amado no céu; que os poderosos da Terra, se abusaram da sua autoridade, ver-se-ão reduzidos a obedecer aos seus servos; que, finalmente, a humildade e a caridade, irmãs que andam sempre de mãos dadas, são os meios mais eficazes de se obter graça diante do Eterno. – Adolfo, bispo de Argel. (Marmande, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem do Espírito Adolfo, bispo de Argel, é um chamado à reflexão sobre os males que assolam a humanidade, especialmente o orgulho e a falta de benevolência.

Ele critica a sociedade por valorizar mais a aparência e o status do que as virtudes do coração, como a humildade e a bondade.

Adolfo destaca que o orgulho é a fonte de muitos problemas, pois leva as pessoas a se considerarem superiores umas às outras, gerando desigualdade e injustiça.

Ele aponta que a verdadeira felicidade só pode ser alcançada através da mútua benevolência e da prática dos ensinamentos do Cristo, que foram negligenciados pela sociedade.

O bispo de Argel faz um apelo à mudança de mentalidade, sugerindo que a sociedade reavalie seus valores e passe a valorizar mais as virtudes do espírito do que as riquezas materiais.

Ele lembra que a verdadeira grandeza está na humildade e na caridade, e que é necessário abandonar o egoísmo e a busca desenfreada pelo poder e pelo dinheiro.

Por fim, Adolfo menciona a intervenção dos Espíritos para ajudar a humanidade a se elevar espiritualmente, convidando as pessoas a abrirem os olhos para a verdadeira realidade da vida além da matéria.

Ele enfatiza que a humildade e a caridade são os meios mais eficazes de se obter a graça divina e alcançar a verdadeira felicidade.

Missão do homem inteligente na Terra

13. Não vos ensoberbeis do que sabeis, porquanto esse saber tem limites muito estreitos no mundo em que habitais. Suponhamos sejais sumidades em inteligência neste planeta: nenhum direito tendes de envaidecer-vos. Se Deus, em seus desígnios, vos fez nascer num meio onde pudestes desenvolver a vossa inteligência, é que quer que a utilizeis para o bem de todos; é uma missão que vos dá, pondo-vos nas mãos o instrumento com que podeis desenvolver, por vossa vez, as inteligências retardatárias e conduzi-las a Ele. A natureza do instrumento não está a indicar a que utilização deve prestar-se? A enxada que o jardineiro entrega a seu ajudante não mostra a este último que lhe cumpre cavar a terra? Que diríeis, se esse ajudante, em vez de trabalhar, erguesse a enxada para ferir o seu patrão? Diríeis que é horrível e que ele merece expulso. Pois bem: não se dá o mesmo com aquele que se serve da sua inteligência para destruir a ideia de Deus e da Providência entre seus irmãos? Não levanta ele contra o seu senhor a enxada que lhe foi confiada para arrotear o terreno? Tem ele direito ao salário prometido? Não merece, ao contrário, ser expulso do jardim? Sê-lo-á, não duvideis, e atravessará existências miseráveis e cheias de humilhações, até que se curve diante daquele a quem tudo deve.

A inteligência é rica de méritos para o futuro, mas sob a condição de ser bem empregada. Se todos os homens que a possuem dela se servissem de conformidade com a vontade de Deus, fácil seria, para os Espíritos, a tarefa de fazer que a Humanidade avance. Infelizmente, muitos a tornam instrumento de orgulho e de perdição contra si mesmos. O homem abusa da inteligência como de todas as suas outras faculdades e, no entanto, não lhe faltam ensinamentos que o advirtam de que uma poderosa mão pode retirar o que lhe concedeu. – Ferdinando, Espírito protetor. (Bordeaux, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem final do capítulo 7 do Evangelho Segundo o Espiritismo, transmitida pelo Espírito Ferdinando, faz uma reflexão profunda sobre o uso da inteligência e o perigo do orgulho intelectual.

Ele adverte que o conhecimento humano tem limites e que, mesmo que alguém seja muito inteligente neste mundo, não deve se orgulhar disso.

Ferdinando compara a inteligência a uma ferramenta que Deus nos dá para utilizarmos em benefício de todos.

Assim como um jardineiro confia uma enxada a seu ajudante para arrotear a terra, Deus confia a inteligência ao homem para que ele a utilize de forma construtiva, ajudando a desenvolver as inteligências menos desenvolvidas e conduzindo-as a Deus.

No entanto, muitos indivíduos usam sua inteligência de maneira equivocada, para destruir a fé em Deus e na Providência entre seus semelhantes.

Esses indivíduos estão agindo como se estivessem levantando a enxada contra seu próprio Senhor, em vez de utilizá-la para o propósito correto.

Ferdinando ressalta que a inteligência é uma faculdade valiosa, mas que deve ser bem empregada, conforme a vontade de Deus.

Se todos usassem sua inteligência de acordo com a vontade divina, a evolução da Humanidade seria facilitada.

Infelizmente, muitos usam a inteligência para o orgulho e a perdição, esquecendo-se de que Deus pode retirar o que concedeu.

A mensagem destaca a importância de utilizar os dons intelectuais de forma humilde e construtiva, em prol do bem comum e da evolução espiritual.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo VIII -

Bem-aventurados os que têm puro o coração

- Simplicidade e pureza de coração • Pecado por pensamentos. Adulterio
- Verdadeira pureza. Mãos não lavadas • Escândalos. Se a vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a • Instruções dos Espíritos: Deixai que venham a mim as criancinhas – Bem-aventurados os que têm fechados os olhos

Simplicidade e pureza de coração

1. Bem-aventurados os que têm puro o coração, porquanto verão a Deus. (Mateus, 5:8.)

2. Apresentaram-lhe então algumas crianças, a fim de que Ele as tocasse, e, como seus discípulos afastassem com palavras ásperas os que lhas apresentavam, Jesus, vendo isso, zangou-se e lhes disse: "Deixai que venham a mim as criancinhas e não as impeçais, porquanto o Reino dos Céus é para os que se lhes assemelham. Digo-vos, em verdade, que aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, nele não entrará." — E, depois de as abraçar, abençoou-as, impondo-lhes as mãos. (Marcos, 10:13 a 16.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essas passagens evangélicas trazem ensinamentos profundos sobre a pureza de coração e a simplicidade na relação com o divino.

A primeira passagem, "Bem-aventurados os que têm puro o coração, porquanto verão a Deus" (Mateus, 5:8), ressalta a importância da pureza de intenções e sentimentos.

Aqueles que cultivam a sinceridade e a bondade em seus corações são capazes de perceber a presença e a ação de Deus em suas vidas, permitindo-lhes experimentar uma proximidade espiritual mais profunda.

Já a segunda passagem, sobre Jesus acolhendo as crianças, nos ensina sobre a humildade e a inocência necessárias para compreendermos e vivenciarmos o Reino dos Céus.

Ao afirmar que o Reino pertence aos que se assemelham às crianças, Jesus destaca a importância da simplicidade, da pureza de intenção e da confiança total em Deus.

As crianças são vistas como símbolos dessa pureza e simplicidade, e Jesus nos convida a nos aproximarmos dele com essa mesma disposição de coração.

Esses ensinamentos nos convidam a cultivar a pureza de coração e a simplicidade na nossa relação com Deus e com o próximo, buscando sempre manter nossas intenções e sentimentos sinceros e bondosos.

3. A pureza do coração é inseparável da simplicidade e da humildade. Exclui toda ideia de egoísmo e de orgulho. Por isso é que Jesus toma a infância como emblema dessa pureza, do mesmo modo que a tomou como o da humildade.

Poderia parecer menos justa essa comparação, considerando-se que o Espírito da criança pode ser muito antigo e que traz, renascendo para a vida corporal, as imperfeições de que se não tenha despojado em suas precedentes existências. Só um Espírito que houvesse chegado à perfeição nos poderia oferecer o tipo da verdadeira pureza. É exata a comparação, porém, do ponto de vista da vida presente, porquanto a criancinha, não havendo podido ainda manifestar nenhuma tendência perversa, nos apresenta a imagem da inocência e da candura. Daí o não dizer Jesus, de modo absoluto, que o Reino dos Céus é para elas, mas para os que se lhes assemelhem.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec faz considerações importantes sobre a pureza do coração, relacionando-a com a simplicidade e a humildade.

Ele destaca que a pureza do coração está diretamente ligada à ausência de egoísmo e orgulho, características que impedem a manifestação genuína dessa pureza.

Assim como Jesus utilizou a infância como símbolo da humildade, também a utiliza como emblema da pureza.

Kardec reconhece que a comparação com a infância pode parecer injusta, considerando que o espírito da criança pode ter vivido muitas existências e trazer consigo imperfeições não superadas.

No entanto, a criança, por não ter tido ainda a oportunidade de manifestar tendências perversas, nos apresenta a imagem da inocência e da candura, sendo um exemplo para nós.

É importante notar que Jesus não afirma de forma absoluta que o Reino dos Céus é das crianças, mas sim daqueles que se assemelham a elas, ou seja, daqueles que cultivam a pureza, a simplicidade e a humildade em seus corações, independentemente da idade ou do tempo de existência do espírito.

4. Pois que o Espírito da criança já viveu, por que não se mostra, desde o nascimento, tal qual é? Tudo é sábio nas obras de Deus. A criança necessita de cuidados especiais, que somente a ternura materna lhe pode dispensar, ternura que se acresce da fraqueza e da ingenuidade da criança. Para uma mãe, seu filho é sempre um anjo e assim era preciso que fosse, para lhe cativar a solicitude. Ela não houvera podido ter-lhe o mesmo devotamento, se, em vez da graça ingênua, deparasse nele, sob os traços infantis, um caráter viril e as ideias de um adulto e, ainda menos, se lhe viesse a conhecer o passado.

Aliás, faz-se necessário que a atividade do princípio inteligente seja proporcionada à fraqueza do corpo, que não poderia resistir a uma atividade muito grande do Espírito, como se verifica nos indivíduos grandemente precoces. Essa a razão por que, ao aproximar-se lhe a encarnação, o Espírito entra em perturbação e perde pouco a pouco a consciência de si mesmo, ficando, por certo tempo, numa espécie de sono, durante o qual todas as suas faculdades permanecem em estado latente. É necessário esse estado de transição para que o Espírito tenha um novo ponto de partida e para que esqueça, em sua nova existência, tudo aquilo que a possa enterrar. Sobre ele, no entanto, reage o passado. É assim que o Espírito renasce melhor, mais forte, moral e intelectualmente, sustentado e secundado pela intuição que conserva da experiência adquirida.

A partir do nascimento, suas ideias tomam gradualmente impulso, à medida que os órgãos se desenvolvem, pelo que se pode dizer que, no curso dos primeiros anos, o Espírito é verdadeiramente criança, por se acharem ainda

adormecidas as ideias que lhe formam o fundo do caráter. Durante o tempo em que seus instintos se conservam amodorrados, ele é mais maleável e, por isso mesmo, mais acessível às impressões capazes de lhe modificarem a natureza e de fazê-lo progredir, o que torna mais fácil a tarefa que incumbe aos pais.

O Espírito, pois, enverga temporariamente a túnica da inocência e, assim, Jesus está com a verdade, quando, sem embargo da anterioridade da alma, toma a criança por símbolo da pureza e da simplicidade.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec discorre sobre o motivo pelo qual o espírito da criança não se mostra desde o nascimento tal qual é, ou seja, por que não demonstra desde cedo as características e experiências de suas existências anteriores.

Ele explica que a criança, mesmo sendo um espírito já vivido, necessita de cuidados especiais e da ternura materna, fundamentais para seu desenvolvimento físico e emocional.

A imagem de pureza e ingenuidade que a criança transmite é essencial para cativar o cuidado e a atenção dos pais, especialmente da mãe, que a enxerga como um anjo.

Se desde o nascimento a criança demonstrasse características de um espírito mais maduro, seria mais difícil para os pais dedicarem a mesma devoção e cuidado, pois a presença de um caráter viril ou de ideias de um adulto não condizentes com a fase infantil poderia gerar estranhamento e dificuldades na relação.

Kardec também aborda o processo de reencarnação, explicando que ao se aproximar da encarnação, o espírito entra em um estado de perturbação e perde temporariamente a consciência de si mesmo, necessário para ter um novo ponto de partida na nova existência.

Esse estado de transição permite que o espírito esqueça aquilo que possa lhe impedir de progredir, mas ainda assim, o passado

influencia em sua nova vida, proporcionando-lhe intuições e experiências adquiridas.

Ele conclui ressaltando que, durante os primeiros anos de vida, o espírito é verdadeiramente criança, com suas ideias ainda adormecidas e instintos amodorrados, o que o torna mais maleável e acessível a impressões que possam modificar sua natureza e fazê-lo progredir.

Assim, a criança temporariamente enverga a túnica da inocência, e Jesus está correto ao tomar a criança como símbolo da pureza e simplicidade, mesmo considerando a anterioridade da alma e suas experiências passadas.

Pecado por pensamentos. Adultério

5. Aprendestes que foi dito aos antigos: "Não cometereis adultério. Eu, porém, vos digo que aquele que houver olhado uma mulher, com mau desejo para com ela, já em seu coração cometeu adultério com ela." (Mateus, 5:27 e 28.)

6. A palavra adultério não deve absolutamente ser entendida aqui no sentido exclusivo da aceção que lhe é própria, porém, num sentido mais geral. Muitas vezes Jesus a empregou por extensão, para designar o mal, o pecado, todo e qualquer pensamento mau, como, por exemplo, nesta passagem: "Porquanto se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, dentre esta raça adúltera e pecadora, o Filho do Homem também se envergonhará dele, quando vier acompanhado dos santos anjos, na glória de seu Pai." (Marcos, 8:38.) A verdadeira pureza não está somente nos atos; está também no pensamento, porquanto aquele que tem puro o coração, nem sequer pensa no mal. Foi o que Jesus quis dizer: Ele condena o pecado, mesmo em pensamento, porque é sinal de impureza.

NOSSO COMENTÁRIO

No item 5, Jesus amplia o conceito de adultério, ensinando que não se trata apenas da ação física, mas também dos pensamentos impuros.

Ele afirma que quem olha para uma mulher com desejo impuro já cometeu adultério em seu coração.

Esse ensinamento ressalta a importância da pureza não apenas nas ações, mas também nos pensamentos.

Allan Kardec, no item 6, comenta essa passagem, explicando que a palavra "adultério" deve ser entendida de forma mais ampla, não se limitando apenas ao ato sexual ilícito, mas englobando qualquer pensamento mau ou pecaminoso.

Ele destaca que Jesus condena não apenas o ato em si, mas também o pensamento impuro, pois a verdadeira pureza reside não apenas nas ações, mas também nos pensamentos.

Aquele que tem um coração puro não alimenta pensamentos impuros. Jesus, dessa forma, ensina a importância da pureza interior e da vigilância sobre nossos pensamentos e desejos.

7. Esse princípio suscita naturalmente a seguinte questão: Sofrem-se as consequências de um pensamento mau, embora nenhum efeito produza?

Cumpra-se aqui uma importante distinção. À medida que avança na vida espiritual, a alma que enveredou pelo mau caminho se esclarece e despoja pouco a pouco de suas imperfeições, conforme a maior ou menor boa vontade que demonstre, em virtude do seu livre-arbítrio. Todo pensamento mau resulta, pois, da imperfeição da alma; mas, de acordo com o desejo que alimenta de depurar-se, mesmo esse mau pensamento se lhe torna uma ocasião de adiantar-se, porque ela o repele com energia. É indício de esforço por apagar uma mancha. Não cederá, se se apresentar oportunidade de satisfazer a um mau desejo. Depois que haja resistido, sentir-se-á mais forte e contente com a sua vitória.

Aquela que, ao contrário, não tomou boas resoluções, procura ocasião de praticar o mau ato e, se não o leva a efeito, não é por virtude da sua vontade, mas por falta de ensejo. É, pois, tão culpada quanto o seria se o cometesse.

Em resumo, naquele que nem sequer concebe a ideia do mal, já há progresso realizado; naquele a quem essa ideia acode, mas que a repele, há progresso em vias de realizar-se; naquele, finalmente, que pensa no mal e nesse

pensamento se compraz, o mal ainda existe na plenitude da sua força. Num, o trabalho está feito; no outro, está por fazer-se. Deus, que é justo, leva em conta todas essas gradações na responsabilidade dos atos e dos pensamentos do homem.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec aborda a questão das conseqüências de um pensamento mau, mesmo que ele não se concretize em ação.

Ele destaca que, à medida que a alma avança na vida espiritual, ela se esclarece e se despoja de suas imperfeições, conforme sua boa vontade e livre-arbítrio.

Kardec explica que todo pensamento mau resulta da imperfeição da alma, mas a forma como a alma reage a esses pensamentos determina seu progresso espiritual.

Se a alma, ao se deparar com um pensamento mau, o repele com energia e não cede à tentação quando surgir a oportunidade de satisfazê-lo, ela está demonstrando esforço para se purificar, o que é um sinal positivo de progresso.

Por outro lado, se a alma não toma boas resoluções e busca oportunidades de praticar o mal, mesmo que não o faça por falta de oportunidade, ela é tão culpada quanto se tivesse cometido o ato.

Em resumo, Kardec destaca que aquele que nem sequer concebe a ideia do mal já realizou progresso; aquele que concebe a ideia, mas a repele, está em vias de progresso; e aquele que pensa no mal e se compraz nesse pensamento ainda não progrediu, pois o mal ainda existe em sua plenitude.

Deus, que é justo, leva em conta todas essas nuances na responsabilidade dos atos e pensamentos do homem, reconhecendo o esforço daqueles que lutam contra seus pensamentos maus e valorizando o progresso espiritual realizado.

Verdadeira pureza. Mãos não lavadas

8. Então os escribas e os fariseus, que tinham vindo de Jerusalém, aproximaram-se de Jesus e lhe disseram: “Por que violam os teus discípulos a tradição dos antigos, uma vez que não lavam as mãos quando fazem suas refeições?” Jesus lhes respondeu: “Por que violais vós outros o mandamento de Deus, para seguir a vossa tradição? Porque Deus pôs este mandamento: Honrai a vosso pai e a vossa mãe; e este outro: Seja punido de morte aquele que disser a seu pai ou a sua mãe palavras ultrajantes; e vós outros, no entanto, dizeis: Aquele que haja dito a seu pai ou a sua mãe: Toda oferenda que faço a Deus vos é proveitosa, satisfaz à lei — ainda que depois não honre, nem assista a seu pai ou a sua mãe. Tornam assim inútil o mandamento de Deus, pela vossa tradição. Hipócritas, bem profetizou de vós Isaías, quando disse: Este povo me honra de lábios, mas conserva longe de mim o coração; é em vão que me honram ensinando máximas e ordenações humanas.” Depois, tendo chamado o povo, disse: “Escutai e compreendi bem isto: Não é o que entra na boca que macula o homem; o que sai da boca do homem é que o macula. O que sai da boca procede do coração e é o que torna impuro o homem; porquanto do coração é que partem os maus pensamentos, os assassínios, os adultérios, as fornicções, os latrocínios, os falsos-testemunhos, as blasfêmias e as maledicências. Essas são as coisas que tornam impuro o homem; o comer sem haver lavado as mãos não é o que o torna impuro.” Então, aproximando-se dele, disseram-lhe seus discípulos: “Sabeis que, ouvindo o que acabais de dizer, os fariseus se escandalizaram?” — Ele, porém, respondeu: “Arrancada será toda planta que meu Pai celestial não plantou. — Deixai-os, são cegos que conduzem cegos; se um cego conduz outro, caem ambos no fosso.” (Mateus, 15:1 a 20.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta narrativa de Mateus, Jesus confronta os escribas e fariseus que criticam seus discípulos por não seguirem a tradição de lavar as mãos antes das refeições.

Ele ressalta que a verdadeira pureza não está na observância externa de rituais, mas sim na pureza do coração e nas intenções.

Jesus mostra que os escribas e fariseus estão mais preocupados em seguir tradições humanas do que em honrar os mandamentos de Deus, como honrar pai e mãe.

Ele os chama de hipócritas, citando uma profecia de Isaías, e explica que o que realmente torna o homem impuro não é o que entra em sua boca, mas o que sai dela, pois isso reflete o estado de seu coração.

Jesus lista uma série de atos e pensamentos malignos que emanam do coração impuro, destacando que são essas coisas que verdadeiramente tornam o homem impuro, não a falta de lavagem das mãos.

Essa passagem enfatiza a importância da verdadeira pureza interior, que vai além de rituais externos. Jesus mostra que a verdadeira pureza está na retidão de caráter, no respeito aos mandamentos divinos e no amor ao próximo, e não em práticas puramente cerimoniais.

9. Enquanto Ele falava, um fariseu lhe pedia que fosse jantar em sua companhia. Jesus foi e sentou-se à mesa. O fariseu entrou então a dizer consigo mesmo: "Por que não lavou Ele as mãos antes de jantar?" — Disse-lhe, porém, o Senhor: "Vós outros, fariseus, ponde grande cuidado em limpar o exterior do copo e do prato; entretanto, o interior dos vossos corações está cheio de rapinas e de iniquidades. Insensatos que sois! aquele que fez o exterior não é o que faz também o interior?" (Lucas, 11:37 a 40.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste trecho do Evangelho de Lucas, Jesus é convidado por um fariseu para jantar, e durante o jantar, o fariseu fica incomodado ao perceber que Jesus não lavou as mãos antes da refeição, como era costume na tradição judaica.

Jesus aproveita a oportunidade para ensinar uma importante lição espiritual.

Ele confronta diretamente o fariseu, apontando que, enquanto os fariseus se preocupam em limpar o exterior, como copos e pratos, eles negligenciam a limpeza interior de seus corações, que estão cheios de ganância e injustiça.

Jesus chama atenção para a hipocrisia da preocupação excessiva com rituais externos em detrimento da verdadeira pureza interior.

Essa passagem ressalta a importância do cultivo da verdadeira pureza de coração e intenções, em oposição a uma religiosidade baseada apenas em práticas externas e aparentes.

Jesus ensina que o que verdadeiramente importa aos olhos de Deus é o estado do coração e a retidão de intenções.

10. Os judeus haviam desprezado os verdadeiros mandamentos de Deus para se aferrarem à prática dos regulamentos que os homens tinham estatuído e da rígida observância desses regulamentos faziam casos de consciência. A substância, muito simples, acabara por desaparecer debaixo da complicação da forma. Como fosse muito mais fácil praticar atos exteriores, do que se reformar moralmente, lavar as mãos do que expurgar o coração, iludiram-se a si próprios os homens, tendo-se como quites para com Deus, por se conformarem com aquelas práticas, conservando-se tais quais eram, visto se lhes ter ensinado que Deus não exigia mais do que isso.

Daí o haver dito o profeta: É em vão que este povo me honra de lábios, ensinando máximas e ordenações humanas.

Verificou-se o mesmo com a doutrina moral do Cristo, que acabou por ser atirada para segundo plano, donde resulta que muitos cristãos, a exemplo dos antigos judeus, consideram mais garantida a salvação por meio das práticas exteriores do que pelas da moral. É a essas adições, feitas pelos homens à Lei de Deus, que Jesus alude, quando diz: Arrancada será toda planta que meu Pai celestial não plantou.

O objetivo da religião é conduzir a Deus o homem. Ora, este não chega a Deus senão quando se torna perfeito. Logo, toda religião que não torna melhor o homem, não alcança o seu objetivo. Toda aquela em que o homem julgue poder apoiar-se para fazer o mal, ou é falsa, ou está falseada em seu princípio. Tal o resultado que dão as em que a forma sobreleva ao fundo. Nula é a crença na eficácia dos sinais exteriores, se não obsta a que se cometam assassinios, adultérios, espoliações, que se levantem calúnias, que se causem danos ao próximo, seja no que for. Semelhantes religiões fazem supersticiosos, hipócritas, fanáticos; não, porém, homens de bem.

Não basta se tenham as aparências da pureza; acima de tudo, é preciso ter a do coração.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec faz uma reflexão sobre a verdadeira pureza e a importância de não se apegar apenas às práticas exteriores, mas sim de promover uma reforma moral interna.

Ele critica a tendência dos judeus, e por extensão de muitos cristãos, de se conformarem com práticas exteriores e regulamentos humanos, em detrimento da verdadeira purificação do coração.

Kardec destaca que o objetivo da religião é conduzir o homem a Deus, e isso só é possível quando o homem se torna moralmente perfeito.

Assim, qualquer religião que não promova a melhora do homem em termos morais não está cumprindo seu propósito.

Ele ressalta que é vão honrar a Deus com práticas exteriores se, ao mesmo tempo, se cometem atos contrários à moral, como assassinios, adultérios, calúnias, entre outros.

Essa reflexão de Kardec enfatiza a importância da verdadeira pureza, que não se limita às aparências externas, mas está fundamentada na pureza do coração e das intenções.

Ele alerta contra a superficialidade de uma religiosidade baseada apenas em rituais e práticas exteriores, que não promove a verdadeira transformação interior e moral do indivíduo.

Escândalos. Se a vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a

11. Se algum escandalizar a um destes pequenos que creem em mim, melhor fora que lhe atassem ao pescoço uma dessas mós que um asno faz girar e que o lançassem no fundo do mar.

Ai do mundo por causa dos escândalos; 11 pois é necessário que venham escândalos; mas ai do homem por quem o escândalo venha. Tende muito cuidado em não desprezar um destes pequenos. Declaro-vos que seus anjos no céu veem incessantemente a face de meu Pai que está nos céus, porquanto o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido.

Se a vossa mão ou o vosso pé vos é objeto de escândalo, cortai-os e lançai-os longe de vós; melhor será para vós que entreis na vida tendo um só pé ou uma só mão, do que terdes dois e serdes lançados no fogo eterno. Se o vosso olho vos é objeto de escândalo, arrancai-o e lançai-o longe de vós; melhor para vós será que entreis na vida tendo um só olho, do que terdes dois e serdes precipitados no fogo do inferno. (Mateus, 5:29 e 30; 18:6 a 11.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta passagem, Jesus adverte sobre os escândalos, alertando que é inevitável que venham, mas terrível para aquele por quem o escândalo vem.

Ele enfatiza a importância de não desprezar os pequenos, que representam aqueles que creem nele.

Jesus destaca a gravidade de causar escândalo a esses pequenos, comparando a punição à imagem de ser amarrado a uma pedra de moinho e lançado ao mar.

Ele continua falando sobre a severidade de lidar com aquilo que nos leva ao pecado, usando a metáfora de cortar a mão, o pé ou arrancar o olho se eles forem motivo de escândalo.

Jesus enfatiza que é melhor entrar na vida eterna com uma deficiência física do que ser lançado no fogo das expiações dolorosas por causa do pecado.

Essa passagem ressalta a importância de não ser um motivo de tropeço para os outros, especialmente para aqueles que são mais vulneráveis na fé.

Jesus ensina a necessidade de tomar medidas drásticas para evitar o pecado, mesmo que isso signifique renunciar a algo que nos é querido.

Ele nos lembra da seriedade de nossas ações e das consequências de nossos atos, destacando a importância de uma vida íntegra e sem escândalos.

12. No sentido vulgar, escândalo se diz de toda ação que de modo ostensivo vá de encontro à moral ou ao decoro. O escândalo não está na ação em si mesma, mas na repercussão que possa ter. A palavra escândalo implica sempre a ideia de um certo arruído. Muitas pessoas se contentam com evitar o escândalo, porque este lhes faria sofrer o orgulho, lhes acarretaria perda de consideração da parte dos homens. Desde que as suas torpezas fiquem ignoradas, é quanto basta para que se lhes conserve em repouso a consciência. São, no dizer de Jesus: "sepulcros branqueados por fora, mas cheios, por dentro, de podridão; vasos limpos no exterior e sujos no interior".

No sentido evangélico, a aceção da palavra escândalo, tão amiúde empregada, é muito mais geral, pelo que, em certos casos, não se lhe apreende o significado. Já não é somente o que afeta a consciência de outrem, é tudo o que resulta dos vícios e das imperfeições humanas, toda reação má de um indivíduo para outro, com ou sem repercussão. O escândalo, neste caso, é o resultado efetivo do mal moral.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec discute o conceito de escândalo, tanto no sentido vulgar quanto no sentido evangélico.

Ele explica que, vulgarmente, o escândalo é visto como uma ação que vai contra a moral ou o decoro e que causa um alvoroço ou polêmica.

Muitas pessoas evitam o escândalo apenas para não sofrerem consequências sociais ou perda de status, sem se importarem verdadeiramente com a moralidade de suas ações.

São como "sepulcros branqueados", aparentemente limpos por fora, mas podres por dentro.

No sentido evangélico, o escândalo é entendido de forma mais ampla, não se limitando apenas à ação que afeta a consciência de outrem, mas incluindo todas as consequências dos vícios e imperfeições humanas, todas as más reações de um indivíduo para com outro, com ou sem repercussão.

O escândalo, nesse sentido, é o resultado do mal moral efetivo, que pode ser tanto uma ação visível como uma atitude interna.

Kardec destaca a importância de entender o escândalo não apenas como uma ação externa, mas também como um estado de espírito ou uma atitude moral que pode prejudicar a si mesmo e aos outros.

13. É preciso que haja escândalo no mundo, disse Jesus, porque, imperfeitos como são na Terra, os homens se mostram propensos a praticar o mal, e porque, árvores más, só maus frutos dão. Deve-se, pois, entender por essas palavras que o mal é uma consequência da imperfeição dos homens, e não que haja, para estes, a obrigação de praticá-lo.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec comenta a frase de Jesus: "É preciso que haja escândalo no mundo", explicando que isso se deve à imperfeição dos seres humanos na Terra, que são propensos a praticar o mal.

Ele destaca que essa propensão ao mal é resultado da imperfeição humana e não uma obrigação de praticá-lo.

Essa interpretação ressalta a ideia de que, devido à sua natureza imperfeita e ainda em evolução, os seres humanos podem cometer erros e praticar o mal.

No entanto, isso não significa que devam seguir esse caminho, mas sim que devem buscar a evolução moral e espiritual para superar essas tendências negativas.

É uma chamada à reflexão sobre a importância de cultivar valores positivos e buscar sempre o progresso moral e espiritual, mesmo diante das dificuldades e imperfeições humanas.

14. É necessário que o escândalo venha, porque, estando em expiação na Terra, os homens se punem a si mesmos pelo contato de seus vícios, cujas primeiras vítimas são eles próprios e cujos inconvenientes acabam por

compreender. Quando estiverem cansados de sofrer devido ao mal, procurarão remédio no bem. A reação desses vícios serve, pois, ao mesmo tempo, de castigo para uns e de provas para outros. É assim que do mal tira Deus o bem e que os próprios homens utilizam as coisas más ou as escórias.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec discute a necessidade do escândalo como parte do processo de expiação na Terra.

Ele explica que os homens, ao estarem em expiação, se punem a si mesmos pelo contato de seus próprios vícios.

Os primeiros a sofrer as consequências desses vícios são eles próprios, e com o tempo acabam compreendendo os inconvenientes de suas ações.

Kardec sugere que, quando os indivíduos estiverem cansados de sofrer devido ao mal, buscarão o remédio no bem.

Assim, a reação aos vícios serve tanto como castigo para alguns quanto como provação para outros.

Ele destaca que, desse modo, Deus é capaz de extrair o bem do mal e os próprios homens podem utilizar as coisas más ou as escórias para evoluírem espiritualmente.

Essa reflexão de Kardec destaca a ideia de que o sofrimento causado pelos vícios e pelos escândalos pode servir como um processo de aprendizado e evolução espiritual.

O mal e o sofrimento podem ser transformados em oportunidades para o crescimento moral e para a busca de um caminho mais virtuoso, tanto para aqueles que erraram quanto para aqueles que são afetados por suas ações.

15. Sendo assim, dirão, o mal é necessário e durará sempre, porquanto, se desaparecesse, Deus se veria privado de um poderoso meio de corrigir os culpados. Logo, é inútil cuidar de melhorar os homens. Deixando, porém, de haver culpados, também desnecessário se tornariam quaisquer castigos.

Suponhamos que a Humanidade se transforme e passe a ser constituída de homens de bem: nenhum pensará em fazer mal ao seu próximo e todos serão ditosos por serem bons. Tal a condição dos mundos elevados, donde já o mal foi banido; tal virá a ser a da Terra, quando houver progredido bastante. No entanto, ao mesmo tempo que alguns mundos se adiantam, outros se formam, povoados de Espíritos primitivos e que, além disso, servem de habitação, de exílio e de estância expiatória a Espíritos imperfeitos, rebeldes, obstinados no mal, expulsos de mundos que se tornaram felizes.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec aborda a questão do mal e sua necessidade como meio de correção para os culpados.

Ele responde à possível objeção de que, se o mal desaparecesse, Deus se veria privado de um meio poderoso de corrigir os culpados.

Kardec argumenta que, na verdade, se não houvesse mais culpados, não seriam mais necessários quaisquer castigos.

Ele então faz uma analogia com a condição dos mundos elevados, onde o mal já foi banido e todos são felizes por serem bons.

Kardec sugere que, à medida que a Humanidade progride e se transforma em uma sociedade composta por pessoas virtuosas, a Terra se tornará um lugar semelhante aos mundos elevados, onde o mal não existe mais.

No entanto, ele observa que, ao mesmo tempo em que alguns mundos se adiantam, outros se formam e são habitados por Espíritos primitivos ou imperfeitos, que servem como locais de expiação para os Espíritos rebeldes e obstinados no mal, expulsos de mundos felizes.

Essa visão sugere um ciclo de evolução espiritual, onde os Espíritos têm a oportunidade de progredir e se purificar através das experiências vividas em diferentes estágios e condições planetárias.

16. Mas ai daquele por quem venha o escândalo. Quer dizer que o mal sendo sempre o mal, aquele que a seu mau grado servir de instrumento à Justiça divina, aquele cujos maus instintos foram utilizados, nem por isso deixou de praticar o mal e de merecer punição. Assim é, por exemplo, que um filho ingrato é uma punição ou uma prova para o pai que sofre com isso, porque esse pai talvez tenha sido também um mau filho que fez sofresse seu pai. Passa ele pela pena de talião, mas essa circunstância não pode servir de escusa ao filho que, a seu turno, terá de ser castigado em seus próprios filhos, ou de outra maneira.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec discute a responsabilidade daquele que causa escândalo, destacando que o mal sempre será considerado como tal, independentemente das circunstâncias.

Ele menciona que aquele que, mesmo contra a sua vontade, serve de instrumento para a Justiça divina, ou seja, cujos maus instintos são utilizados para um propósito justo, não deixa de praticar o mal e de merecer punição.

Kardec exemplifica essa ideia com o caso de um filho ingrato, que se torna uma punição ou uma prova para o pai que sofre com isso.

Ele sugere que o pai que sofre com a ingratidão do filho pode estar passando por uma espécie de lei de talião, por ter sido, talvez, um mau filho no passado e causado sofrimento a seu próprio pai.

No entanto, essa circunstância não pode servir de desculpa para o filho ingrato, que, por sua vez, terá que enfrentar as consequências de suas ações, seja através de seus próprios filhos ou de outras maneiras.

Essa reflexão de Kardec ressalta a importância da responsabilidade individual e das consequências de nossas ações, mesmo quando somos usados como instrumentos para a justiça divina.

Ela também destaca a ideia de que a lei de causa e efeito, ou lei de ação e reação, se aplica não apenas a esta vida, mas também a vidas passadas e futuras, em um processo contínuo de aprendizado e evolução espiritual.

17. Se vossa mão é causa de escândalo, cortai-a. Figura enérgica esta, que seria absurda se tomada ao pé da letra, e que apenas significa que cada um deve destruir em si toda causa de escândalo, isto é, de mal; arrancar do coração todo sentimento impuro e toda tendência viciosa. Quer dizer também que, para o homem, mais vale ter cortada uma das mãos, antes que servir essa mão de instrumento para uma ação má; ficar privado da vista, antes que lhe servirem os olhos para conceber maus pensamentos. Jesus nada disse de absurdo, para quem quer que apreenda o sentido alegórico e profundo de suas palavras. Muitas coisas, entretanto, não podem ser compreendidas sem a chave que para as decifrar o Espiritismo faculta.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec comenta a passagem evangélica que diz: 'Se tua mão é causa de escândalo, corta-a', uma figura enérgica que, se tomada ao pé da letra, seria absurda.

Ele explica que essa frase significa que cada um deve eliminar em si mesmo toda causa de escândalo, ou seja, todo mal; deve arrancar do coração todo sentimento impuro e toda tendência viciosa.

Kardec interpreta essa passagem como um ensinamento sobre a importância de eliminar as causas do mal em nós mesmos, mesmo que isso seja difícil ou doloroso, comparando a situação a preferir perder uma mão a utilizá-la como instrumento para ações más.

Ele destaca que Jesus não disse nada absurdo, mas sim utilizou uma linguagem simbólica e profunda em suas palavras.

Além disso, Kardec menciona que muitas dessas lições não podem ser compreendidas plenamente sem a chave que o Espiritismo proporciona para decifrá-las.

Isso sugere que o entendimento mais profundo dos ensinamentos de Jesus e de outros aspectos espirituais pode ser facilitado pelo estudo e compreensão dos princípios espíritas.

**Instruções dos Espíritos:
Deixai que venham a mim as criancinhas**

18. Disse o Cristo: “Deixai que venham a mim as criancinhas.” Profundas em sua simplicidade, essas palavras não continham um simples chamamento dirigido às crianças, mas também o das almas que gravitam nas regiões inferiores, onde o infortúnio desconhece a esperança. Jesus chamava a si a infância intelectual da criatura formada: os fracos, os escravizados e os viciosos. Ele nada podia ensinar à infância física, presa à matéria, submetida ao jugo do instinto, ainda não incluída na categoria superior da razão e da vontade que se exercem em torno dela e por ela.

Queria que os homens a Ele fossem com a confiança daqueles entezinhos de passos vacilantes, cujo chamamento conquistava, para o seu, o coração das mulheres, que são todas mães. Submetia assim as almas à sua terna e misteriosa autoridade. Ele foi o facho que ilumina as trevas, a claridade matinal que toca a despertar; foi o iniciador do Espiritismo, que a seu turno atrairá para Ele, não as criancinhas, mas os homens de boa vontade. Está empenhada a ação viril; já não se trata de crer instintivamente, nem de obedecer maquinalmente; é preciso que o homem siga a lei inteligente que se lhe revela na sua universalidade.

Meus bem-amados, são chegados os tempos em que, explicados, os erros se tornarão verdades. Ensinar-vos-emos o sentido exato das parábolas e vos mostraremos a forte correlação que existe entre o que foi e o que é. Digo-vos, em verdade: a manifestação espírita avulta no horizonte, e aqui está o seu enviado, que vai resplandecer como o Sol no cume dos montes. – João Evangelista. (Paris, 1863.) Parte superior do formulário

NOSSO COMENTÁRIO

O Espírito João Evangelista faz uma interpretação profunda das palavras de Jesus: 'Deixai que venham a mim as criancinhas.

Ele amplia o significado dessa frase, sugerindo que não se trata apenas de um convite às crianças físicas, mas também às almas que

estão em estágios inferiores de evolução espiritual, onde a esperança parece ausente.

João Evangelista descreve Jesus como aquele que chamava para si não apenas as crianças físicas, mas também as almas fragilizadas, escravizadas pelo vício e pelo infortúnio.

Ele representa Jesus como uma luz que ilumina as trevas, despertando as almas para a verdade e para a evolução espiritual.

O texto também menciona que Jesus foi o iniciador do Espiritismo, que atrairá para si não mais as crianças, mas os homens de boa vontade, prontos para compreender a lei inteligente que se revela de forma universal.

Essa mensagem sugere que estamos em um momento de transformação, onde os erros serão corrigidos e as verdades serão reveladas.

O Espiritismo é apresentado como uma manifestação que surge para esclarecer e mostrar a conexão entre o passado e o presente.

João Evangelista encerra a mensagem afirmando que a manifestação espírita está se tornando mais evidente e que seu enviado (Kardec) irá brilhar como o Sol no topo das montanhas, indicando a importância e o impacto da divulgação dessa doutrina.

19. Deixai venham a mim as criancinhas, pois tenho o leite que fortalece os fracos. Deixai venham a mim todos os que, tímidos e débeis, necessitam de amparo e consolação. Deixai venham a mim os ignorantes, para que eu os esclareça. Deixai venham a mim todos os que sofrem, a multidão dos aflitos e dos infortunados: Eu lhes ensinarei o grande remédio que suaviza os males da vida e lhes revelarei o segredo da cura de suas feridas! Qual é, meus amigos, esse bálsamo soberano, que possui tão grande virtude, que se aplica a todas as chagas do coração e as cicatriza? É o amor, é a caridade! Se possuídes esse fogo divino, que é o que podereis temer? Direis a todos os instantes de vossa vida: "Meu Pai, que a tua vontade se faça e não a minha; se te apraz experimentar-me pela dor e pelas tribulações, bendito sejas, porquanto é para meu bem, eu o sei, que a tua mão sobre mim se abate. Se é do teu agrado, Senhor, ter

piedade da tua criatura fraca, dar-lhe ao coração as alegrias sãs, bendito sejas ainda. Mas faze que o amor divino não lhe fique amodorrado na alma, que incessantemente faça subir aos teus pés o testemunho do seu reconhecimento!"

Se tendes amor, possuíis tudo o que há de desejável na Terra, possuíis preciosíssima pérola, que nem os acontecimentos, nem as maldades dos que vos odeiem e persigam poderão arrebatá-la. Se tendes amor, tereis colocado o vosso tesouro lá onde os vermes e a ferrugem não o podem atacar e vereis apagar-se da vossa alma tudo o que seja capaz de lhe conspurcar a pureza; sentireis diminuir dia a dia o peso da matéria e, qual pássaro que adeja nos ares e já não se lembra da Terra, subireis continuamente, subireis sempre, até que vossa alma, inebriada, se farte do seu elemento de vida no seio do Senhor. – Um Espírito protetor. (Bordeaux, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta mensagem, um Espírito protetor traz sua palavra de acolhimento e consolo, utilizando a passagem "Deixai vir a mim as crianças" como base.

Ele se apresenta como alguém que tem o leite que fortalece os fracos, convidando os tímidos, débeis, ignorantes e sofredores a se aproximarem para receber esclarecimento, amparo e consolação.

O Espírito destaca o amor e a caridade como remédios para as aflições da vida, afirmando que possuir esse sentimento é possuir tudo o que é desejável na Terra.

Ele incentiva a entrega à vontade divina, mesmo em momentos de dor e tribulação, reconhecendo que tudo o que acontece é para o bem da evolução espiritual.

A mensagem ressalta que o amor é um tesouro inabalável, que nem os acontecimentos adversos nem a maldade alheia podem destruir.

Ele sugere que cultivar o amor é elevar a alma acima das impurezas materiais, permitindo que ela se eleve em direção ao divino até encontrar a plenitude na presença do Senhor.

Bem-aventurados os que têm fechados os olhos⁵

20. Meus bons amigos, para que me chamastes? Terá sido para que eu imponha as mãos sobre a pobre sofredora que está aqui e a cure? Ah! que sofrimento, bom Deus! Ela perdeu a vista e as trevas a envolveram. Pobre filha! Que ore e espere. Não sei fazer milagres, eu, sem que Deus o queira. Todas as curas que tenho podido obter e que vos foram assinaladas não as atribuais senão àquele que é o Pai de todos nós. Nas vossas aflições, volvi sempre para o céu o olhar e dei do fundo do coração: "Meu Pai, cura-me, mas faze que minha alma enferma se cure antes que o meu corpo; que a minha carne seja castigada, se necessário, para que minha alma se eleve ao teu seio, com a brancura que possuía quando a criaste." Após essa prece, meus amigos, que o bom Deus ouvirá sempre, dadas vos serão a força e a coragem e, quiçá, também a cura que apenas timidamente pedistes, em recompensa da vossa abnegação.

Contudo, uma vez que aqui me acho, numa assembleia onde principalmente se trata de estudos, dir-vos-ei que os que são privados da vista deveriam considerar-se os bem-aventurados da expiação. Lembrai-vos de que o Cristo disse convir que arrancásseis o vosso olho se fosse mau, e que mais valeria lançá-lo ao fogo, do que deixar se tornasse causa da vossa condenação. Ah! quantos há no mundo que um dia, nas trevas, maldirão o terem visto a luz! Oh! sim, como são felizes os que, por expiação, vêm a ser atingidos na vista! Os olhos não lhes serão causa de escândalo e de queda; podem viver inteiramente da vida das almas; podem ver mais do que vós que tendes límpida a visão!... Quando Deus me permite descerrar as pálpebras a algum desses pobres sofredores e lhes restituir a luz, digo a mim mesmo: Alma querida, por que não conheces todas as delícias do Espírito que vive de contemplação e de amor? Não pedirias, então, que se te concedesse ver imagens menos puras e menos suaves do que as que te é dado entrever na tua cegueira!

Oh! bem-aventurado o cego que quer viver com Deus. Mais ditoso do que vós que aqui estais, ele sente a felicidade, toca-a, vê as almas e pode alçar-

⁵ Nota de Allan Kardec: Esta comunicação foi dada com relação a uma pessoa cega, a cujo favor se evocara o Espírito J.-B. Vianney, cura d'Ars.

se com elas às esferas espirituais que nem mesmo os predestinados da Terra logram divisar. Abertos, os olhos estão sempre prontos a causar a falência da alma; fechados, estão prontos sempre, ao contrário, a fazê-la subir para Deus. Crede-me, bons e caros amigos, a cegueira dos olhos é, muitas vezes, a verdadeira luz do coração, ao passo que a vista é, com frequência, o anjo tenebroso que conduz à morte.

Agora, algumas palavras dirigidas a ti, minha pobre sofredora. Espera e tem ânimo! Se eu te dissesse: Minha filha, teus olhos vão abrir-se, quão jubilosa te sentirias! Mas quem sabe se esse júbilo não ocasionaria a tua perda! Confia no bom Deus, que fez a ventura e permite a tristeza. Farei tudo o que me for consentido a teu favor; mas, a teu turno, ora e, ainda mais, pensa em tudo quanto acabo de te dizer.

Antes que me vá, recebei todos vós, que aqui vos achais reunidos, a minha bênção. – Vianney, cura d'Ars. (Paris, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta mensagem, o Espírito Vianney, conhecido como cura d'Ars, aborda a questão da cegueira física e espiritual.

Ele começa falando sobre a impossibilidade de realizar milagres sem a vontade de Deus e incentiva a confiança na Divindade em momentos de aflição, pedindo para que se ore e se espere com paciência.

O Espírito destaca que os cegos podem ser considerados bem-aventurados da expiação, pois a cegueira física pode evitar que os olhos se tornem causa de escândalo e queda espiritual.

Ele ressalta a importância de viver inteiramente da vida das almas, enxergando com os olhos da alma, que podem ver mais do que os olhos físicos.

Vianney enfatiza que a cegueira dos olhos pode ser a verdadeira luz do coração, enquanto a visão física pode levar à falência da alma.

Ele encoraja a pobre sofredora a ter ânimo e confiança em Deus, lembrando que a verdadeira felicidade está na contemplação espiritual, que pode ser alcançada mesmo na ausência da visão física.

A mensagem termina com Vianney abençoando a todos os presentes e pedindo que a sofredora confie em Deus e pense sobre as palavras de conforto e sabedoria compartilhadas.

21. Nota. Quando uma aflição não é consequência dos atos da vida presente, deve-se-lhe buscar a causa numa vida anterior. Tudo aquilo a que se dá o nome de caprichos da sorte mais não é do que efeito da Justiça de Deus, que não inflige punições arbitrárias, pois quer que a pena esteja sempre em correlação com a falta. Se, por sua bondade, lançou um véu sobre os nossos atos passados, por outro lado nos aponta o caminho, dizendo: "Quem matou à espada, pela espada perecerá", palavras que se podem traduzir assim: "A criatura é sempre punida por aquilo em que pecou." Se, portanto, alguém sofre o tormento da perda da vista, é que esta lhe foi causa de queda. Talvez tenha sido também causa de que outro perdesse a vista; de que alguém haja perdido a vista em consequência do excesso de trabalho que aquele lhe impôs, ou de maus-tratos, de falta de cuidados etc. Nesse caso, passa ele pela pena de talião. É possível que ele próprio, tomado de arrependimento, haja escolhido essa expiação, aplicando a si estas palavras de Jesus: "Se o teu olho for motivo de escândalo, arranca-o."

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta nota, Kardec encerra o capítulo abordando a questão das aflições que não são resultado direto dos atos da vida presente, mas sim de vidas anteriores, segundo a doutrina espírita.

Ele destaca que aquilo que é atribuído à sorte na verdade é resultado da Justiça Divina, que não inflige punições arbitrárias, mas busca sempre manter uma correlação entre a falta cometida e a pena imposta.

Kardec explica que as aflições, como a perda da visão, podem ser consequência de atos praticados no passado, seguindo o princípio de que "a criatura é sempre punida por aquilo em que pecou".

Assim, alguém que sofre a perda da visão pode ter sido a causa dessa mesma perda em outra pessoa, seja diretamente ou por meio de ações que levaram a essa consequência.

Ele menciona também a possibilidade de a pessoa, em um momento de arrependimento, escolher essa expiação como forma de reparação pelos seus atos, citando as palavras de Jesus sobre arrancar o olho que é motivo de escândalo.

Dessa forma, Kardec ressalta a importância da lei de causa e efeito, que opera não apenas nesta vida, mas também em vidas passadas, e como as aflições podem ser uma forma de resgatar erros cometidos no passado.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

CAPÍTULO IX - Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos

• Injúrias e violências • Instruções dos Espíritos: A afabilidade e a doçura;
A paciência – Obediência e resignação – A cólera

Injúrias e violências

1. Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra. (Mateus, 5:5.)

2. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. (Mateus, 5:9.)

3. Sabeis que foi dito aos antigos: "Não matareis e quem quer que mate merecerá condenação pelo juízo." Eu, porém, vos digo que quem quer que se puser em cólera contra seu irmão merecerá condenado no juízo; que aquele que disser a seu irmão: "Raca", merecerá condenado pelo conselho; e que aquele que lhe disser: "És louco", merecerá condenado ao fogo do inferno. (Mateus, 5:21 e 22.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essas passagens destacam a importância da mansidão, da pacificação e da não violência nas relações humanas.

"Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra."

Essa passagem ressalta a virtude da brandura, da suavidade no trato com o próximo, indicando que os que assim agem serão recompensados com a posse da Terra, que pode ser entendida não apenas como a vida terrena, mas também como um estado de paz interior.

"Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus."

Aqui, a pacificação é exaltada como uma característica dos verdadeiros filhos de Deus, aqueles que buscam a harmonia e a concórdia em suas atitudes e relações.

A terceira passagem vai além, abordando a questão da raiva e da injúria.

Jesus amplia o conceito de homicídio para além do ato físico, incluindo também as palavras e os pensamentos que geram sentimentos de raiva e desrespeito.

Ele mostra que as palavras podem ser tão destrutivas quanto a ação física, sendo importante cultivar a benevolência e o respeito mútuo.

Esses ensinamentos ressaltam a importância do controle emocional, da gentileza e do respeito mútuo nas relações interpessoais, fundamentais para a construção de uma convivência harmoniosa e pacífica.

4. Por estas máximas, Jesus faz da brandura, da moderação, da mansuetude, da afabilidade e da paciência, uma lei. Condena, por conseguinte, a violência, a cólera e até toda expressão descortês de que alguém possa usar para com seus semelhantes. Raca, entre os hebreus, era um termo desdenhoso que significava — homem que não vale nada, e se pronunciava cuspidando e virando para o lado a cabeça. Vai mesmo mais longe, pois que ameaça com o fogo do inferno aquele que disser a seu irmão: És louco. Evidente se torna que aqui, como em todas as circunstâncias, a intenção agrava ou atenua a falta; mas em que pode uma simples palavra revestir-se de tanta gravidade que mereça tão severa reprovação? É que toda palavra ofensiva exprime um sentimento contrário à lei de amor e da caridade que deve presidir às relações entre os homens e manter entre eles a concórdia e a união; é que constitui um golpe desferido na benevolência recíproca e na fraternidade; é que entretém o ódio e a animosidade; é, enfim, que, depois da humildade para com Deus, a caridade para com o próximo é a lei primeira de todo cristão

NOSSO COMENTÁRIO

Nesse comentário, Allan Kardec destaca a importância das máximas de Jesus sobre a brandura, moderação, mansuetude, afabilidade e paciência, as quais ele considera como uma lei.

Kardec ressalta que Jesus condena a violência, a cólera e qualquer expressão descortês em relação aos semelhantes.

Ele explica o significado do termo "Raca" entre os hebreus, como uma expressão desdenhosa que significava alguém sem valor, e como Jesus vai além ao ameaçar com o fogo do inferno aquele que chama seu irmão de "louco".

Kardec questiona como uma simples palavra pode ser tão grave a ponto de merecer tal reprovação, e ressalta que toda palavra ofensiva expressa um sentimento contrário à lei do amor e da caridade, que devem guiar as relações entre os homens para manter a concórdia e a união.

Ele conclui afirmando que, após a humildade para com Deus, a caridade para com o próximo é a principal lei de todo cristão, ressaltando assim a importância do respeito mútuo e da benevolência nas relações interpessoais, como fundamentais para a vivência do verdadeiro espírito cristão.

5. Que queria Jesus dizer por estas palavras: "Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra", tendo recomendado aos homens que renunciassem aos bens deste mundo e havendo-lhes prometido os do céu?

Enquanto aguarda os bens do céu, tem o homem necessidade dos da Terra para viver. Apenas, o que Ele lhe recomenda é que não ligue a estes últimos mais importância do que aos primeiros.

Por aquelas palavras quis dizer que até agora os bens da Terra são açambarcados pelos violentos, em prejuízo dos que são brandos e pacíficos; que a estes falta muitas vezes o necessário, ao passo que outros têm o supérfluo. Promete que justiça lhes será feita, assim na Terra como no céu, porque serão chamados filhos de Deus. Quando a Humanidade se submeter à lei de amor e

de caridade, deixará de haver egoísmo; o fraco e o pacífico já não serão explorados, nem esmagados pelo forte e pelo violento. Tal a condição da Terra, quando, de acordo com a lei do progresso e a promessa de Jesus, se houver tornado mundo ditoso, por efeito do afastamento dos maus.

NOSSO COMENTÁRIO

O comentário de Allan Kardec oferece uma análise profunda da bem-aventurança "Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra".

Abordando a aparente contradição entre a renúncia aos bens terrenos e a promessa de herdar a Terra, Kardec esclarece que o homem precisa dos bens da Terra para viver enquanto aguarda os do céu.

Jesus não recomenda negligenciar as necessidades terrenas, mas sim manter um equilíbrio, priorizando os valores espirituais.

Os bens da Terra são frequentemente monopolizados pelos violentos, em detrimento dos mansos e pacíficos, gerando injustiça social, com muitos necessitando do básico enquanto outros desfrutam do supérfluo.

Jesus garante que os mansos herdarão a Terra, simbolizando a justiça futura que se manifestará quando a Humanidade se submeter ao amor e à caridade, erradicando o egoísmo e a exploração.

A lei do progresso e a promessa de Jesus apontam para um futuro em que a Terra se tornará um mundo feliz, com o afastamento dos maus e a predominância da bondade e da paz.

Instruções dos Espíritos: A afabilidade e a doçura

6. A benevolência para com os seus semelhantes, fruto do amor ao próximo, produz a afabilidade e a doçura, que lhe são as formas de manifestar-se. Entretanto, nem sempre há que fiar nas aparências. A educação e a frequência do mundo podem dar ao homem o verniz dessas qualidades. Quantos há

cuja fingida bonomia não passa de máscara para o exterior, de uma roupagem cujo talhe primoroso dissimula as deformidades interiores! O mundo está cheio dessas criaturas que têm nos lábios o sorriso e no coração o veneno; que são brandas, desde que nada as agaste, mas que mordem à menor contrariedade; cuja língua, de ouro quando falam pela frente, se muda em dardo peçonhento, quando estão por detrás.

A essa classe também pertencem esses homens, de exterior benigno, que, tiranos domésticos, fazem que suas famílias e seus subordinados lhes sofram o peso do orgulho e do despotismo, como a quererem desferrar-se do constrangimento que, fora de casa, se impõem a si mesmos. Não se atrevendo a usar de autoridade para com os estranhos, que os chamariam à ordem, acham que pelo menos devem fazer-se temidos daqueles que lhes não podem resistir. Envaidecem-se de poderem dizer: "Aqui mando e sou obedecido", sem lhes ocorrer que poderiam acrescentar: "E sou detestado."

Não basta que dos lábios manem leite e mel. Se o coração de modo algum lhes está associado, só há hipocrisia. Aquele cuja afabilidade e doçura não são fingidas nunca se desmente: é o mesmo, tanto em sociedade, como na intimidade. Esse, ademais, sabe que se, pelas aparências, se consegue enganar os homens, a Deus ninguém engana. – Lázaro. (Paris, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

O Espírito Lázaro nos convida a refletir sobre a afabilidade e a doçura como frutos da benevolência e do amor ao próximo.

Essas qualidades, quando genuínas, transcendem as aparências e se manifestam em nosso comportamento, tanto em público quanto na intimidade.

Afabilidade e doçura não surgem do nada, mas da benevolência, que é a disposição sincera de desejar o bem dos outros.

O amor ao próximo, por sua vez, é a base da benevolência, pois nos impulsiona a tratar os outros com compaixão e gentileza, reconhecendo-os como nossos irmãos em humanidade.

Lázaro nos adverte que nem sempre as aparências condizem com a realidade; a educação e o convívio social podem levar alguns

a ostentar um verniz de afabilidade e doçura que mascara suas verdadeiras intenções.

É importante estarmos atentos a essa hipocrisia, buscando discernir entre a cordialidade genuína e a artificial.

O texto nos apresenta exemplos de pessoas que fingem ser afáveis e doces, mas que escondem em seus corações rancores, venenos e tirania, sendo agradáveis em público, mas tiranos no âmbito familiar ou com seus subordinados.

Essa atitude demonstra a falta de amor ao próximo e de benevolência genuína.

A verdadeira afabilidade e doçura não se limitam a momentos específicos ou a determinados ambientes, emanando de um coração benevolente e manifestando-se em nosso comportamento de forma consistente, tanto em público quanto na intimidade.

Aquele que é verdadeiramente afável e doce não se desmente em nenhuma situação, pois sua benevolência é um estado natural de ser.

É importante lembrar que, embora as aparências possam enganar os homens, a Deus ninguém engana.

A hipocrisia não pode ser sustentada por muito tempo, pois a verdade sempre acaba vindo à tona.

A afabilidade e a doçura, como frutos da benevolência e do amor ao próximo, quando genuínas, se manifestam em nosso comportamento de forma consistente, tornando-nos pessoas mais amáveis, compassivas e agradáveis de se conviver.

Devemos buscar cultivar essas qualidades em nosso interior, reconhecendo que a verdadeira beleza reside na autenticidade de nosso ser.

A paciência

7. A dor é uma bênção que Deus envia a seus eleitos; não vos aflijais, pois, quando sofrerdes; antes, bendizei de Deus onipotente que, pela dor, neste mundo, vos marcou para a glória no céu. Sede pacientes. A paciência também é uma caridade e deveis praticar a lei de caridade ensinada pelo Cristo, enviado de Deus. A caridade que consiste na esmola dada aos pobres é a mais fácil de todas. Outra há, porém, muito mais penosa e, conseqüentemente, muito mais meritória: a de perdoarmos aos que Deus colocou em nosso caminho para serem instrumentos do nosso sofrer e para nos porem à prova a paciência.

A vida é difícil, bem o sei. Compõe-se de mil nada, que são outras tantas picadas de alfinetes, mas que acabam por ferir. Se, porém, atentarmos nos deveres que nos são impostos, nas consolações e compensações que, por outro lado, recebemos, havemos de reconhecer que são as bênçãos muito mais numerosas do que as dores. O fardo parece menos pesado, quando se olha para o alto, do que quando se curva para a terra a frente.

Coragem, amigos! Tendes no Cristo o vosso modelo. Mais sofreu Ele do que qualquer de vós e nada tinha de que se penitenciar, ao passo que vós tendes de expiar o vosso passado e de vos fortalecer para o futuro. Sede, pois, pacientes, sede cristãos. Essa palavra resume tudo. – Um Espírito amigo. (Havre, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem sobre 'A Paciência', de um Espírito amigo, convida à reflexão sobre essa virtude fundamental na jornada evolutiva do ser humano.

Destacando três aspectos importantes, a mensagem apresenta a dor não como algo negativo, mas como uma bênção divina que nos marca para a glória no céu.

Através da dor, somos convidados ao autoconhecimento e ao crescimento espiritual, aprendendo, evoluindo e fortalecendo nossa fé.

A paciência é vista como uma forma de caridade tão importante quanto a esmola dada aos pobres.

Manifesta-se na capacidade de suportar as dificuldades da vida com resignação e amor, sem se revoltar contra Deus ou contra os outros.

Perdoar aqueles que nos causam sofrimento é considerado um ato de caridade ainda mais meritório do que a esmola, pois o perdão liberta o coração do ressentimento e da mágoa, abrindo caminho para a paz interior e a felicidade.

O Espírito amigo reconhece os desafios e dificuldades da vida, comparando-os a 'picadas de alfinete' que podem ferir.

No entanto, convida-nos a olhar também para os 'deveres que nos são impostos' e para as 'consolações e compensações' que recebemos, pois, ao reconhecer as bênçãos em nossas vidas, o fardo se torna mais leve.

A mensagem apresenta Jesus Cristo como modelo de paciência, que suportou sofrimentos inimagináveis sem se revoltar ou perder a fé.

Seguindo seu exemplo, podemos encontrar a força para superar as dificuldades da vida com amor e resignação.

A paciência é uma virtude essencial para nossa jornada evolutiva. Através da dor, do perdão e do amor, podemos fortalecer nossa fé e alcançar a verdadeira paz interior.

A mensagem do Espírito amigo nos convida a seguir o exemplo de Jesus Cristo e a cultivar a paciência em nossos corações.

Obediência e resignação

8. A doutrina de Jesus ensina, em todos os seus pontos, a obediência e a resignação, duas virtudes companheiras da doçura e muito ativas, se bem os homens erradamente as confundam com a negação do sentimento e da vontade. A obediência é o consentimento da razão; a resignação é o consentimento do coração, forças ativas ambas, porquanto carregam o fardo das provações que a revolta insensata deixa cair. O pusilânime não pode ser resignado,

do mesmo modo que o orgulhoso e o egoísta não podem ser obedientes. Jesus foi a encarnação dessas virtudes que a antiguidade material desprezava. Ele veio no momento em que a sociedade romana parecia nos desfalecimentos da corrupção. Veio fazer que, no seio da Humanidade deprimida, brilhassem os triunfos do sacrifício e da renúncia carnal. Cada época é marcada, assim, com o cunho da virtude ou do vício que a tem de salvar ou perder. A virtude da vossa geração é a atividade intelectual; seu vício é a indiferença moral. Digo, apenas, atividade, porque o gênio se eleva de repente e descobre, por si só, horizontes que a multidão somente mais tarde verá, enquanto a atividade é a reunião dos esforços de todos para atingir um fim menos brilhante, mas que prova a elevação intelectual de uma época. Submetei-vos à impulsão que vimos dar aos vossos espíritos; obededei à grande lei do progresso, que é a palavra da vossa geração. Ai do espírito preguiçoso, ai daquele que cerra o seu entendimento! Ai dele! porquanto nós, que somos os guias da Humanidade em marcha, lhe aplicaremos o látigo e lhe submeteremos a vontade rebelde, por meio da dupla ação do freio e da espora. Toda resistência orgulhosa terá de, cedo ou tarde, ser vencida. Bem-aventurados, no entanto, os que são brandos, pois prestarão dócil ouvido aos ensinamentos. – Lázaro. (Paris, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

O Espírito Lázaro nos convida a refletir sobre a importância da obediência e da resignação, duas virtudes frequentemente confundidas com passividade, mas que na verdade são forças ativas que nos auxiliam na jornada evolutiva.

A obediência é o consentimento da razão, reconhecendo a necessidade de ordem e harmonia para o bem comum.

A resignação, por sua vez, é o consentimento do coração, aceitando as provações com amor e confiança em Deus.

Essas virtudes nos capacitam a carregar o fardo das provações com serenidade, evitando a revolta insensata que só agrava a situação.

O pusilânime (fraco de espírito) não pode ser resignado, enquanto o orgulhoso e o egoísta não podem ser obedientes.

Jesus Cristo foi a personificação da obediência e da resignação, demonstrando o poder dessas virtudes para transformar a sociedade.

Cada época é marcada por uma virtude que a salva ou por um vício que a perde.

A virtude da nossa geração é a atividade intelectual, mas o vício é a indiferença moral.

Devemos nos submeter à impulsão do progresso, que é a lei da nossa geração.

A preguiça e a indiferença impedem o progresso individual e coletivo.

Os guias da Humanidade nos auxiliarão na jornada, mas a resistência orgulhosa será vencida.

Aqueles que são brandos e dóceis aos ensinamentos prosperarão na jornada evolutiva.

A obediência e a resignação são virtudes ativas que nos permitem superar as provações da vida com amor, fé e confiança em Deus.

Seguindo o exemplo de Jesus Cristo e buscando o progresso individual e coletivo, podemos construir um futuro melhor para a humanidade.

A cólera

9. O orgulho vos induz a julgar-vos mais do que sois; a não suportardes uma comparação que vos possa rebaixar; a vos considerardes, ao contrário, tão acima dos vossos irmãos, quer em espírito, quer em posição social, quer mesmo em vantagens pessoais, que o menor paralelo vos irrita e aborrece. Que sucede então? Entregai-vos à cólera.

Pesquisai a origem desses acessos de demência passageira que vos assemelham ao bruto, fazendo-vos perder o sangue-frio e a razão; pesquisai e, quase sempre, deparareis com o orgulho ferido. Que é o que vos faz repelir, coléricos, os mais ponderados conselhos, senão o orgulho ferido por uma contradição? Até mesmo as impaciências, que se originam de contrariedades

muitas vezes pueris, decorrem da importância que cada um liga à sua personalidade, diante da qual entende que todos se devem dobrar.

Em seu frenesi, o homem colérico a tudo se atira: à natureza bruta, aos objetos inanimados, quebrando-os porque lhe não obedecem. Ah! se nesses momentos pudesse ele observar-se a sangue-frio, ou teria medo de si próprio, ou bem ridículo se acharia! Imagine ele por aí que impressão produzirá nos outros. Quando não fosse pelo respeito que deve a si mesmo, cumpriria-lhe esforçar-se por vencer um pendor que o torna objeto de piedade.

Se ponderasse que a cólera a nada remedeia, que lhe altera a saúde e compromete até a vida, reconheceria ser ele próprio a sua primeira vítima. Outra consideração, sobretudo, devera contê-lo, a de que torna infelizes todos os que o cercam. Se tem coração, não lhe será motivo de remorso fazer que sofram os entes a quem mais ama? E que pesar mortal se, num acesso de fúria, praticasse um ato que houvesse de deplorar toda a sua vida!

Em suma, a cólera não exclui certas qualidades do coração, mas impede se faça muito bem e pode levar à prática de muito mal. Isto deve bastar para induzir o homem a esforçar-se pela dominar. O espírita, ademais, é concitado a isso por outro motivo: o de que a cólera é contrária à caridade e à humildade cristãs. – Um Espírito protetor. (Bordeaux, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem deste Espírito protetor, intitulada "A Cólera", convida à reflexão sobre os efeitos negativos dessa emoção prejudicial.

O orgulho é apontado como a principal causa da cólera, levando o indivíduo a se julgar superior aos outros e a se irritar com qualquer comparação que o rebaixe.

A cólera é descrita como uma inimiga da paz interior e do bem-estar, manifestando-se na perda de sangue-frio e da razão, na rejeição de conselhos, na impaciência, na irritabilidade, na agressividade contra pessoas e objetos, causando prejuízos à saúde física e mental e sofrimento para os que cercam o indivíduo colérico.

O texto enfatiza que a cólera não resolve problemas, é prejudicial à saúde, causa sofrimento aos outros e é contrária à caridade e à humildade cristãs.

A reflexão proposta busca conscientizar sobre as consequências da cólera e a importância de controlá-la.

O espírita, em particular, é chamado a dominar essa emoção por ser incompatível com os princípios da caridade e da humildade.

A cólera é apresentada como uma emoção negativa que causa danos a si mesmo e aos outros.

Através da autoconsciência e do esforço para controlá-la, podemos alcançar a paz interior e construir relações mais saudáveis.

Dominar a cólera é descrito como um passo importante para o crescimento espiritual e para a construção de uma vida mais feliz e harmoniosa.

10. Segundo a ideia falsíssima de que lhe não é possível reformar a sua própria natureza, o homem se julga dispensado de empregar esforços para se corrigir dos defeitos em que de boa vontade se compraz, ou que exigiriam muita perseverança para serem extirpados. É assim, por exemplo, que o indivíduo, propenso a encolerizar-se, quase sempre se desculpa com o seu temperamento. Em vez de se confessar culpado, lança a culpa ao seu organismo, acusando a Deus, dessa forma, de suas próprias faltas. É ainda uma consequência do orgulho que se encontra de permeio a todas as suas imperfeições.

Indubitavelmente, temperamentos há que se prestam mais que outros a atos violentos, como há músculos mais flexíveis que se prestam melhor aos atos de força. Não acrediteis, porém, que aí resida a causa primordial da cólera e persuadi-vos de que um Espírito pacífico, ainda que num corpo bilioso, será sempre pacífico, e que um Espírito violento, mesmo num corpo linfático, não será brando; somente a violência tomará outro caráter. Não dispondo de um organismo próprio a lhe secundar a violência, a cólera tornar-se-á concentrada, enquanto no outro caso será expansiva.

O corpo não dá cólera àquele que não na tem, do mesmo modo que não dá os outros vícios. Todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao Espírito.

A não ser assim, onde estariam o mérito e a responsabilidade? O homem deformado não pode tornar-se direito, porque o Espírito nisso não pode atuar; mas pode modificar o que é do Espírito, quando o quer com vontade firme. Não vos mostra a experiência, a vós espíritas, até onde é capaz de ir o poder da vontade, pelas transformações verdadeiramente miraculosas que se operam sob as vossas vistas? Compenetrai-vos, pois, de que o homem não se conserva vicioso, senão porque quer permanecer vicioso; de que aquele que queira corrigir-se sempre o pode. De outro modo, não existiria para o homem a lei do progresso. – Hahnemann. (Paris, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

O Espírito Hahnemann, neste texto, convida à reflexão sobre a responsabilidade individual na transformação moral.

Ele critica a ideia de que a natureza humana é imutável e que os vícios são inerentes ao corpo.

A crença na imutabilidade da natureza leva muitos a se eximirem da responsabilidade por seus defeitos, como a cólera.

O temperamento é usado como desculpa para comportamentos inapropriados, culpando Deus pelas próprias falhas.

Essa atitude é fruto do orgulho, que mascara as imperfeições do indivíduo.

O temperamento pode influenciar a propensão a certos atos, mas não é a causa determinante.

Um Espírito pacífico será pacífico mesmo em um corpo com tendências à cólera.

O corpo não "dá" vícios ao Espírito, mas pode facilitar ou dificultar sua manifestação.

O Espírito é responsável por suas virtudes e vícios, e não o corpo.

A vontade firme é capaz de modificar o que é do Espírito, contrariando tendências e hábitos.

A experiência espírita demonstra o poder da vontade na transformação moral.

O homem pode e deve se esforçar para corrigir seus defeitos, pois a lei do progresso exige mudança.

A responsabilidade pela transformação moral reside no Espírito, não no corpo.

A crença na imutabilidade da natureza é uma falsa desculpa para a perpetuação de vícios.

Através da vontade firme e do esforço consciente, o indivíduo pode superar suas tendências negativas e progredir em sua jornada evolutiva.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo X -

Bem-aventurados os que são misericordiosos

• Perdoai, para que Deus vos perdoe • Reconciliação com os adversários
• O sacrifício mais agradável a Deus • O argueiro e a trave no olho • Não julgueis, para não serdes julgados. Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado • Instruções dos Espíritos: Perdão das ofensas – A indulgência – É permitido repreender os outros, notar as imperfeições de outrem, divulgar o mal de outrem?

Perdoai, para que Deus vos perdoe

1. *Bem-aventurados os que são misericordiosos, porque obterão misericórdia. (Mateus, 5:7.)*

2. *Se perdoardes aos homens as faltas que cometerem contra vós, também vosso Pai celestial vos perdoará os pecados; mas, se não perdoardes aos homens quando vos tenham ofendido, vosso Pai celestial também não vos perdoará os pecados. (Mateus, 6:14 e 15.)*

3. *Se contra vós pecou vosso irmão, ide fazer-lhe sentir a falta em particular, a sós com ele; se vos atender, tereis ganho o vosso irmão. Então, aproximando-se dele, disse-lhe Pedro: "Senhor, quantas vezes perdoarei a meu irmão, quando houver pecado contra mim? Até sete vezes?" — Respondeu-lhe Jesus: "Não vos digo que perdoeis até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes." (Mateus, 18:15, 21 e 22.)*

NOSSO COMENTÁRIO

Essas passagens evangélicas ressaltam a importância da misericórdia e do perdão nas relações humanas, refletindo a compaixão e a generosidade que devemos cultivar em nossos corações.

A mensagem central é clara: ao perdoarmos os outros, também somos perdoados por Deus.

É um lembrete poderoso sobre a necessidade de deixarmos de lado ressentimentos e mágoas, buscando sempre a reconciliação e o amor ao próximo.

4. A misericórdia é o complemento da brandura, porquanto aquele que não for misericordioso não poderá ser brando e pacífico. Ela consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. O ódio e o rancor denotam alma sem elevação, nem grandeza. O esquecimento das ofensas é próprio da alma elevada, que paira acima dos golpes que lhe possam desferir. Uma é sempre ansiosa, de sombria suscetibilidade e cheia de fel; a outra é calma, toda mansidão e caridade.

Ai daquele que diz: nunca perdoarei. Esse, se não for condenado pelos homens, sê-lo-á por Deus. Com que direito reclamaria ele o perdão de suas próprias faltas, se não perdoa as dos outros? Jesus nos ensina que a misericórdia não deve ter limites, quando diz que cada um perdoe ao seu irmão, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.

Há, porém, duas maneiras bem diferentes de perdoar: uma, grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem pensamento oculto, que evita, com delicadeza, ferir o amor-próprio e a suscetibilidade do adversário, ainda quando este último nenhuma justificativa possa ter; a segunda é a em que o ofendido, ou aquele que tal se julga, impõe ao outro condições humilhantes e lhe faz sentir o peso de um perdão que irrita, em vez de acalmar; se estende a mão ao ofensor, não o faz com benevolência, mas com ostentação, a fim de poder dizer a toda gente: vede como sou generoso! Nessas circunstâncias, é impossível uma reconciliação sincera de parte a parte. Não, não há aí generosidade; há apenas uma forma de satisfazer ao orgulho. Em toda contenda, aquele que se mostra mais conciliador, que demonstra mais desinteresse, caridade e verdadeira grandeza da alma granjeará sempre a simpatia das pessoas imparciais.

NOSSO COMENTÁRIO

O comentário de Allan Kardec sobre a misericórdia é profundo e instrutivo.

Ele destaca a importância de sermos misericordiosos, pois essa virtude está intrinsecamente ligada à brandura, à pacificação e à elevação espiritual.

Kardec enfatiza que o esquecimento e o perdão das ofensas são características da alma elevada, que não se deixa abater pelos golpes que possam receber.

Ao mencionar a necessidade de perdoar inúmeras vezes, ele resalta que a misericórdia não deve ter limites, conforme o ensinamento de Jesus.

No entanto, ele também faz uma distinção crucial entre o perdão verdadeiramente generoso, que evita ferir o amor-próprio alheio, e o perdão que humilha e irrita o ofensor.

Kardec destaca que a verdadeira generosidade e grandeza de alma estão em ser conciliador, demonstrar desinteresse, caridade e verdadeira grandeza, em vez de buscar apenas satisfazer o próprio orgulho.

Esse ensinamento nos leva a refletir sobre a importância de perdoar não apenas com palavras, mas com atitudes que promovam a paz e a reconciliação genuína.

Reconciliação com os adversários

5. Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto estais com ele a caminho, para que ele não vos entregue ao juiz, o juiz não vos entregue ao ministro da justiça e não sejais metido em prisão. Digo-vos, em verdade, que daí não saireis, enquanto não houverdes pago o último ceitel. (Mateus, 5:25 e 26.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem evangélica enfatiza a importância da reconciliação rápida e pacífica com aqueles com quem temos desavenças.

A metáfora utilizada, comparando o processo de reconciliação com a situação de ser entregue ao juiz e ao ministro da justiça, destaca a gravidade de manter ressentimentos e conflitos sem solução.

Ao mencionar que não sairemos desse estado até que tenhamos pago o último ceitel, Jesus nos lembra da necessidade de resolvermos nossos conflitos e buscarmos a reconciliação enquanto ainda

estamos nesta vida terrena, pois as consequências de não o fazer podem ser duradouras e difíceis de superar.

Essa passagem nos convida a refletir sobre a importância do perdão e da busca pela paz em nossas relações interpessoais.

6. Na prática do perdão, como, em geral, na do bem, não há somente um efeito moral: há também um efeito material. A morte, como sabemos, não nos livra dos nossos inimigos; os Espíritos vingativos perseguem, muitas vezes, com seu ódio, no além-túmulo, aqueles contra os quais guardam rancor; donde decorre a falsidade do provérbio que diz: "Morto o animal, morto o veneno", quando aplicado ao homem. O Espírito mau espera que o outro, a quem ele quer mal, esteja preso ao seu corpo e, assim, menos livre, para mais facilmente o atormentar, ferir nos seus interesses, ou nas suas mais caras afeições. Nesse fato reside a causa da maioria dos casos de obsessão, sobretudo dos que apresentam certa gravidade, quais os de subjugação e possessão. O obsidiado e o possesso são, pois, quase sempre vítimas de uma vingança, cujo motivo se encontra em existência anterior, e à qual o que a sofre deu lugar pelo seu proceder. Deus o permite, para os punir do mal que a seu turno praticaram, ou, se tal não ocorreu, por haverem faltado com a indulgência e a caridade, não perdando. Importa, conseqüentemente, do ponto de vista da tranquilidade futura, que cada um repare, quanto antes, os agravos que haja causado ao seu próximo, que perdoe aos seus inimigos, a fim de que, antes que a morte lhe chegue, esteja apagado qualquer motivo de dissensão, toda causa fundada de ulterior animosidade. Por essa forma, de um inimigo encarniado neste mundo se pode fazer um amigo no outro; pelo menos, o que assim procede põe de seu lado o bom direito e Deus não consente que aquele que perdoou sofra qualquer vingança. Quando Jesus recomenda que nos reconciliemos o mais cedo possível com o nosso adversário, não é somente objetivando apaziguar as discórdias no curso da nossa atual existência; é, principalmente, para que elas se não perpetuem nas existências futuras. Não saireis de lá, da prisão, enquanto não houverdes pago até o último centavo, isto é, enquanto não houverdes satisfeito completamente a Justiça de Deus.

NOSSO COMENTÁRIO

O comentário de Allan Kardec sobre a reconciliação com os adversários vai além do aspecto moral, destacando também as consequências materiais desse ato.

Ele aborda a questão das obsessões e dos casos de subjugação espiritual, explicando que muitas vezes esses problemas são causados por espíritos vingativos que continuam a perseguir seus desfeitos após a morte.

Kardec ressalta a importância de reparar os agravos causados ao próximo e de perdoar os inimigos, não apenas para apaziguar as discórdias nesta vida, mas também para evitar que essas animosidades se perpetuem nas existências futuras.

Ele enfatiza que ao perdoarmos, colocamos o bom direito ao nosso lado e que Deus não permite que aquele que perdoou sofra qualquer vingança.

Essa análise nos leva a refletir sobre a profundidade e a abrangência do perdão, que vai além das relações interpessoais, alcançando também as questões espirituais e cármicas.

O ensinamento de Kardec nos convida a buscar a reconciliação e o perdão como uma forma de promover a paz interior e de evitar conflitos que possam nos acompanhar além desta vida.

O sacrifício mais agradável a Deus

7. Se, portanto, quando fordes depor vossa oferenda no altar, vos lembrades de que o vosso irmão tem qualquer coisa contra vós — deixai a vossa dádiva junto ao altar e ide, antes, reconciliar-vos com o vosso irmão; depois, então, voltai a oferecê-la. (Mateus, 5:23 e 24.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem enfatiza a importância da reconciliação antes de realizar oferendas ou atos de devoção.

Ela destaca que é essencial resolver qualquer conflito ou ressentimento com o próximo antes de buscar a comunhão espiritual.

Isso ressalta a prioridade do perdão e da harmonia nas relações humanas, mostrando que a paz interior e a pureza de intenções são fundamentais para a prática religiosa verdadeira.

A mensagem é um convite à reflexão sobre a sinceridade de nossas intenções e a importância de cultivar relações pacíficas e amorosas com os outros.

8. Quando diz: "Ide reconciliar-vos com o vosso irmão, antes de depordes a vossa oferenda no altar", Jesus ensina que o sacrifício mais agradável ao Senhor é o que o homem faça do seu próprio ressentimento; que, antes de se apresentar para ser por Ele perdoado, precisa o homem haver perdoado e reparado o agravo que tenha feito a algum de seus irmãos. Só então a sua oferenda será bem-aceita, porque virá de um coração expungido de todo e qualquer pensamento mau. Ele materializou o preceito, porque os judeus ofereciam sacrifícios materiais; cumpria-lhe conformar suas palavras aos usos ainda em voga. O cristão não oferece dons materiais, pois que espiritualizou o sacrifício. Com isso, porém, o preceito ainda mais força ganha. Ele oferece sua alma a Deus e essa alma tem de ser purificada. Entrando no templo do Senhor, deve ele deixar fora todo sentimento de ódio e de animosidade, todo mau pensamento contra seu irmão. Só então os anjos levarão sua prece aos pés do Eterno. Eis aí o que ensina Jesus por estas palavras: "Deixai a vossa oferenda junto do altar e ide primeiro reconciliar-vos com o vosso irmão, se quiserdes ser agradáveis ao Senhor."

NOSSO COMENTÁRIO

O comentário de Allan Kardec sobre o sacrifício mais agradável a Deus ressalta a importância do perdão e da reconciliação como elementos essenciais para a pureza de intenções e a aceitação das oferendas espirituais.

Ele destaca que o verdadeiro sacrifício que agrada ao Senhor é aquele em que o homem renuncia ao seu ressentimento, perdoadando

e reparando qualquer agravo feito a seus irmãos antes de buscar o perdão divino.

Kardec enfatiza que Jesus, ao utilizar a metáfora dos sacrifícios materiais praticados pelos judeus, estava adaptando suas palavras à compreensão da época, mas que o verdadeiro sacrifício para o cristão é espiritual.

Nesse sentido, o cristão deve purificar sua alma de todo pensamento mau antes de apresentar sua oferenda a Deus.

Essa análise nos leva a refletir sobre a importância de cultivar um coração livre de ressentimentos e mágoas, buscando sempre a reconciliação e o perdão como forma de expressar nossa devoção e gratidão a Deus.

O ensinamento de Kardec nos convida a agir com amor e compaixão em nossas relações com os outros, pois é dessa forma que nos tornamos verdadeiramente agradáveis ao Senhor.

O arqueiro e a trave no olho

9. Como é que vedes um argueiro no olho do vosso irmão, quando não vedes uma trave no vosso olho? Ou, como é que dizeis ao vosso irmão: — Deixa-me tirar um argueiro do teu olho —, vós que tendes no vosso uma trave? Hipócritas, tirai primeiro a trave do vosso olho e depois, então, vede como podereis tirar o argueiro do olho do vosso irmão. (Mateus, 7:3 a 5.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem evangélica nos convida à reflexão sobre a importância da autocrítica e da humildade.

Jesus utiliza a metáfora do argueiro no olho do irmão e da trave no próprio olho para ilustrar como é fácil notar os defeitos alheios e ignorar os próprios.

Ao chamar a atenção para a hipocrisia de querer corrigir os outros sem antes corrigir a si mesmo, Jesus nos ensina sobre a necessidade de reconhecer nossas próprias falhas e limitações antes de apontar as dos outros.

Isso nos leva a uma postura mais humilde, amorosa e compreensiva em relação aos outros, contribuindo para relações mais harmoniosas e construtivas.

Essa passagem nos convida, portanto, a olhar para dentro de nós mesmos antes de julgar ou tentar corrigir os outros, lembrando-nos da importância da humildade, da compaixão e do amor ao próximo.

10. Uma das insensatezes da Humanidade consiste em vermos o mal de outrem, antes de vermos o mal que está em nós. Para julgar-se a si mesmo, fora preciso que o homem pudesse ver seu interior num espelho, pudesse, de certo modo, transportar-se para fora de si próprio, considerar-se como outra pessoa e perguntar: Que pensaria eu se visse alguém fazer o que faço? Incontestavelmente, é o orgulho que induz o homem a dissimular, para si mesmo, os seus defeitos, tanto morais quanto físicos. Semelhante insensatez é essencialmente contrária à caridade, porquanto a verdadeira caridade é modesta, simples e indulgente. Caridade orgulhosa é um contrassenso, visto que esses dois sentimentos se neutralizam um ao outro. Com efeito, como poderá um homem, bastante presunçoso para acreditar na importância da sua personalidade e na supremacia das suas qualidades, possuir ao mesmo tempo abnegação bastante para fazer ressaltar em outrem o bem que o eclipsaria, em vez do mal que o exalçaria? Por isso mesmo, porque é o pai de muitos vícios, o orgulho é também a negação de muitas virtudes. Ele se encontra na base e como móvel de quase todas as ações humanas. Essa a razão por que Jesus se empenhou tanto em combatê-lo, como principal obstáculo ao progresso.

NOSSO COMENTÁRIO

O comentário de Allan Kardec sobre a passagem do argueiro e da trave no olho destaca a necessidade da autocrítica e da humildade em nossas ações e julgamentos.

Ele ressalta a importância de não nos colocarmos em uma posição superior aos outros, mas sim de reconhecermos nossas próprias falhas e limitações antes de apontar as dos outros.

Kardec destaca que a hipocrisia de querer corrigir os outros sem antes corrigir a si mesmo é um comportamento que devemos evitar, pois nos impede de agir com verdadeira compreensão e amor ao próximo.

Ele enfatiza que essa passagem nos convida a uma postura mais humilde, amorosa e compreensiva em relação aos outros, o que contribui para relações mais harmoniosas e construtivas.

Em resumo, a análise de Kardec sobre essa passagem nos leva a refletir sobre a importância de sermos mais tolerantes, compreensivos e humildes em nossas interações com os outros, buscando sempre corrigir a nós mesmos antes de querer corrigir os demais.

**Não julgueis, para não serdes julgados.
Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado**

11. Não julgueis, a fim de não serdes julgados; porquanto sereis julgados conforme houverdes julgado os outros; empregar-se-á convosco a mesma medida de que vos tendes servido para com os outros. (Mateus, 7:1 e 2.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem evangélica é um convite à reflexão sobre a maneira como julgamos os outros.

Jesus nos adverte para não julgarmos, para que não sejamos julgados da mesma forma.

Ele nos lembra que à medida que utilizamos para julgar os outros será a mesma medida utilizada para nos julgar.

Essa passagem nos ensina sobre a importância da empatia, da compreensão e da tolerância em nossas interações com os outros.

Ela nos convida a refletir sobre nossos próprios julgamentos e a praticar a compaixão e a misericórdia ao invés do julgamento severo e da condenação.

Ao seguir esse ensinamento, podemos construir relações mais harmoniosas e amorosas, baseadas na compreensão mútua e no respeito às diferenças.

12. Então, os escribas e os fariseus lhe trouxeram uma mulher que fora surpreendida em adultério e, pondo-a de pé no meio do povo, disseram a Jesus: "Mestre, esta mulher acaba de ser surpreendida em adultério; ora, Moisés, pela lei, ordena que se lapidem as adúlteras. Qual sobre isso a tua opinião?" — Diziam isto para o tentarem e terem de que o acusar. Jesus, porém, abaixando-se, entrou a escrever na terra com o dedo. Como continuassem a interrogá-lo, Ele se levantou e disse: "Aquele dentre vós que estiver sem pecado, atire a primeira pedra." — Em seguida, abaixando-se de novo, continuou a escrever no chão. Quanto aos que o interrogavam, esses, ouvindo-o falar daquele modo, se retiraram, um após outro, afastando-se primeiro os velhos. Ficou, pois, Jesus a sós com a mulher, colocada no meio da praça.

Então, levantando-se, perguntou-lhe Jesus: "Mulher, onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou?" — Ela respondeu: "Não, Senhor." — Disse-lhe Jesus: "Também Eu não te condenarei. Vai-te e de futuro não tornes a pecar." (João, 8:3 a 11.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem evangélica é uma poderosa lição sobre a misericórdia, o perdão e a compaixão de Jesus.

Os escribas e fariseus tentaram colocar Jesus em uma situação difícil, apresentando-lhe uma mulher surpreendida em adultério e questionando sua opinião sobre o castigo que a lei de Moisés prescrevia para tal caso.

No entanto, Jesus responde de forma sábia e amorosa, desafiando aqueles que estavam prontos para condenar a mulher a refletirem sobre seus próprios pecados.

Sua resposta, "Aquele dentre vós que estiver sem pecado, atire a primeira pedra", mostra a todos ali presentes a necessidade de humildade e autocrítica antes de julgar os outros.

Ao escrever no chão e depois se levantar para falar com a mulher, Jesus demonstra sua compaixão e seu desejo de oferecer uma segunda chance.

Ele não a condena, mas a encoraja a seguir um caminho de retidão. Essa passagem nos ensina sobre a importância do perdão, da compaixão e da capacidade de oferecer uma nova oportunidade às pessoas, mesmo quando elas erram.

13. "Atire-lhe a primeira pedra aquele que estiver isento de pecado", disse Jesus. Essa sentença faz da indulgência um dever para nós outros, porque ninguém há que não necessite, para si próprio, de indulgência. Ela nos ensina que não devemos julgar com mais severidade os outros, do que nos julgamos a nós mesmos, nem condenar em outrem aquilo de que nos absolvemos. Antes de profligarmos a alguém uma falta, vejamos se a mesma censura não nos pode ser feita.

O reproche lançado à conduta de outrem pode obedecer a dois móveis: reprimir o mal, ou desacreditar a pessoa cujos atos se criticam. Não tem escusa nunca este último propósito, porquanto, no caso, então, só há maledicência e maldade. O primeiro pode ser louvável e constitui mesmo, em certas ocasiões, um dever, porque um bem deverá de aí resultar, e porque, a não ser assim, jamais, na sociedade, se reprimiria o mal. Não cumpre, aliás, ao homem auxiliar o progresso do seu semelhante? Importa, pois, não se tome em sentido absoluto este princípio: "Não julgueis se não quiserdes ser julgados", porquanto a letra mata e o espírito vivifica.

Não é possível que Jesus haja proibido se profligue o mal, uma vez que Ele próprio nos deu o exemplo, tendo-o feito, até, em termos enérgicos. O que quis significar é que a autoridade para censurar está na razão direta da autoridade moral daquele que censura. Tornar-se alguém culpado daquilo que condena em outrem é abdicar dessa autoridade, é privar-se do direito de repressão. A consciência íntima, ademais, nega respeito e submissão voluntária àquele que, investido de um poder qualquer, viola as leis e os princípios de cuja aplicação lhe cabe o encargo. Aos olhos de Deus, uma única autoridade legítima existe: a que se apoia no exemplo que dá do bem. É o que, igualmente, ressalta das palavras de Jesus.

NOSSO COMENTARIO

O comentário de Allan Kardec sobre a passagem "Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado" destaca a importância da indulgência e da autocrítica em nossas avaliações sobre os outros.

Ele nos lembra que todos nós precisamos de indulgência e que não devemos julgar os outros com mais severidade do que nos julgamos a nós mesmos.

Kardec também distingue entre dois propósitos ao reprovar a conduta de alguém: reprimir o mal ou desacreditar a pessoa.

Ele enfatiza que o segundo propósito nunca é justificável, pois constitui maledicência e maldade.

No entanto, ele reconhece que, em certas ocasiões, é necessário reprimir o mal para auxiliar o progresso do próximo.

O comentário ressalta que Jesus não proibiu a reprovação do mal, mas sim alertou sobre a necessidade de autoridade moral para censurar.

Ele ensinou que a autoridade para censurar está ligada à autoridade moral daquele que censura, e que é preciso dar exemplo de conduta correta para ter legitimidade nesse papel.

Assim, o verdadeiro poder de influência e correção está no exemplo de vida que damos aos outros.

Instruções dos Espíritos: Perdão das ofensas

14. Quantas vezes perdoarei a meu irmão? Perdoar-lhe-eis, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes. Aí tendes um dos ensinamentos de Jesus que mais vos devem percutir a inteligência e mais alto falar ao coração. Confrontai essas palavras de misericórdia com a oração tão simples, tão resumida e tão grande em suas aspirações, que ensinou a seus discípulos, e o mesmo pensamento se vos deparará sempre. Ele, o justo por excelência, responde a Pedro: perdoarás, mas ilimitadamente; perdoarás cada ofensa tantas vezes quantas ela te for feita; ensinarás a teus irmãos esse esquecimento de si mesmo, que torna uma criatura invulnerável ao ataque, aos maus procedimentos e às injúrias; serás brando e humilde de coração, sem medir a tua mansuetude; farás, enfim, o que desejas que o Pai celestial por ti faça. Não está Ele a te perdoar frequentemente? Conta porventura as vezes que o seu perdão desce a te apagar as faltas?

Prestai, pois, ouvidos a essa resposta de Jesus e, como Pedro, aplicai-a a vós mesmos. Perdoai, usai de indulgência, sede caridosos, generosos, pródigos até do vosso amor. Dai, que o Senhor vos restituirá; perdoai, que o Senhor vos perdoará; abaixai-vos, que o Senhor vos elevará; humilhai-vos, que o Senhor fará vos assenteis à sua direita.

Ide, meus bem-amados, estudai e comentai estas palavras que vos dirijo da parte daquele que, do alto dos esplendores celestes, vos tem sempre sob as suas vistas e prossegue com amor na tarefa ingrata a que deu começo faz dezoito séculos. Perdoai aos vossos irmãos, como precisais que eles vos perdoem. Se seus atos pessoalmente vos prejudicaram, mais um motivo aí tendes para serdes indulgentes, porquanto o mérito do perdão é proporcionado à gravidade do mal. Nenhum merecimento teríeis em relevar os agravos dos vossos irmãos, desde que não passassem de simples arranhões.

Espíritas, jamais vos esqueçais de que, tanto por palavras como por atos, o perdão das injúrias não deve ser um termo vão. Pois que vos dizeis espíritas, sede-o. Olvidai o mal que vos hajam feito e não penseis senão numa coisa: no bem que podeis fazer. Aquele que enveredou por esse caminho não tem que se afastar daí, ainda que por pensamento, uma vez que sois responsáveis pelos vossos pensamentos, os quais todos Deus conhece. Cuidai, portanto, de os expungir de todo sentimento de rancor. Deus sabe o que demora no fundo do coração de cada um de seus filhos. Feliz, pois, daquele que pode todas as noites adormecer, dizendo: Nada tenho contra o meu próximo. – Simeão. (Bordeaux, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esta mensagem do Espírito Simeão, no item 14 do Evangelho Segundo o Espiritismo, enfatiza a importância do perdão ilimitado, conforme ensinado por Jesus.

Ele destaca que o perdão é uma atitude fundamental para o progresso espiritual, que nos torna invulneráveis ao ataque, aos maus procedimentos e às injúrias.

Ao perdoar repetidamente, seguindo o que preceitua a Lei de Amor exemplificada por Jesus, que nos perdoa constantemente, demonstramos nossa humildade e caridade.

Simeão também ressalta que o mérito do perdão está relacionado à gravidade do mal cometido contra nós.

Ele nos lembra que, como espíritas, devemos praticar o perdão não apenas em palavras, mas também em nossas ações, esquecendo o mal que nos fizeram e focando no bem que podemos fazer aos outros.

A mensagem nos convida a refletir sobre a importância do perdão genuíno e do esquecimento das injúrias, não apenas como uma prática moral, mas como um meio de crescimento espiritual.

Ao cultivarmos a capacidade de perdoar e de nos libertar do rancor, estamos mais próximos de alcançar a paz interior e a harmonia com o próximo.

15. Perdoar aos inimigos é pedir perdão para si próprio; perdoar aos amigos é dar-lhes uma prova de amizade; perdoar as ofensas é mostrar-se melhor do que era. Perdoai, pois, meus amigos, a fim de que Deus vos perdoe, porquanto, se fordes duros, exigentes, inflexíveis, se usardes de rigor até por uma ofensa leve, como querereis que Deus esqueça de que cada dia maior necessidade tendes de indulgência? Oh! ai daquele que diz: "Nunca perdoarei", pois pronuncia a sua própria condenação. Quem sabe, aliás, se, descendo ao fundo de vós mesmos, não reconhecereis que fostes o agressor? Quem sabe se, nessa luta que começa por uma alfinetada e acaba por uma ruptura, não fostes quem atirou o primeiro golpe, se vos não escapou alguma palavra injuriosa, se não procedestes com toda a moderação necessária? Sem dúvida, o vosso adversário andou mal em se mostrar excessivamente suscetível; razão de mais para serdes indulgentes e para não vos tornardes merecedores da invectiva que lhe lançastes. Admitamos que, em dada circunstância, fostes realmente ofendido: quem dirá que não envenenastes as coisas por meio de represálias e que não fizestes degenerasse em querela grave o que houvera podido cair facilmente no olvido? Se de vós dependia impedir as consequências do fato e não as impedistes, sois culpados. Admitamos, finalmente, que de nenhuma censura vos reconheceis merecedores: mostrai-vos clementes e com isso só fareis que o vosso mérito cresça.

Há, porém, duas maneiras bem diferentes de perdoar: há o perdão dos lábios e o perdão do coração. Muitas pessoas dizem, com referência ao seu adversário: “Eu lhe perdoo”, mas, interiormente, alegram-se com o mal que lhe advém, comentando que ele tem o que merece. Quantos não dizem: “Perdoo” e acrescentam: “mas não me reconciliarei nunca; não quero tornar a vê-lo em toda a minha vida.” Será esse o perdão, segundo o Evangelho? Não; o perdão verdadeiro, o perdão cristão é aquele que lança um véu sobre o passado; esse o único que vos será levado em conta, visto que Deus não se satisfaz com as aparências. Ele sonda o recesso do coração e os mais secretos pensamentos. Ninguém se lhe impõe por meio de vãs palavras e de simulacros. O esquecimento completo e absoluto das ofensas é peculiar às grandes almas; o rancor é sempre sinal de baixeza e de inferioridade. Não olvideis que o verdadeiro perdão se reconhece muito mais pelos atos do que pelas palavras. – Paulo, apóstolo. (Lyon, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem do Espírito Paulo, apóstolo, sobre o perdão das ofensas traz ensinamentos profundos sobre essa virtude.

Ele destaca que perdoar os inimigos é um ato que beneficia a si mesmo, pois pedir perdão para si próprio é uma forma de aliviar o peso das mágoas e ressentimentos.

Perdoar os amigos é demonstrar verdadeira amizade, enquanto perdoar as ofensas é mostrar-se superior àquele que cometeu o erro.

Paulo ressalta a importância de não sermos duros, exigentes ou inflexíveis em nossos julgamentos, pois isso nos torna indignos da indulgência divina.

Adverte também contra a condenação daqueles que afirmam nunca perdoar, pois estão, na verdade, condenando a si mesmos.

O apóstolo destaca a diferença entre o perdão superficial, dos lábios, e o perdão genuíno, do coração.

Ele enfatiza que o verdadeiro perdão não se limita a palavras, mas se manifesta em atitudes concretas de reconciliação e esquecimento do passado.

O perdão verdadeiro é aquele que lança um véu sobre o que aconteceu, sem guardar ressentimentos ou desejos de vingança.

Essa mensagem nos convida a refletir sobre a importância do perdão verdadeiro em nossas vidas, como uma forma de crescer espiritualmente e cultivar a paz interior.

Ao praticarmos o perdão sincero, seguimos os ensinamentos de Jesus e nos tornamos dignos da misericórdia divina.

A indulgência

16. Espíritas, queremos falar-vos hoje da indulgência, sentimento doce e fraternal que todo homem deve alimentar para com seus irmãos, mas do qual bem poucos fazem uso.

A indulgência não vê os defeitos de outrem, ou, se os vê, evita falar deles, divulgá-los. Ao contrário, oculta-os, a fim de que se não tornem conhecidos senão dela unicamente, e, se a malevolência os descobre, tem sempre pronta uma escusa para eles, escusa plausível, séria, não das que, com aparência de atenuar a falta, mais a evidenciam com pérfida intenção.

A indulgência jamais se ocupa com os maus atos de outrem, a menos que seja para prestar um serviço; mas, mesmo neste caso, tem o cuidado de os atenuar tanto quanto possível. Não faz observações chocantes, não tem nos lábios censuras; apenas conselhos e, as mais das vezes, velados. Quando criticais, que consequência se há de tirar das vossas palavras? A de que não tereis feito o que reprovais, visto que estais a censurar; que valeis mais do que o culpado. Ó homens! quando será que julgareis os vossos próprios corações, os vossos próprios pensamentos, os vossos próprios atos, sem vos ocupardes com o que fazem vossos irmãos? Quando só tereis olhares severos sobre vós mesmos?

Sede, pois, severos para convosco, indulgentes para com os outros. Lembrai-vos daquele que julga em última instância, que vê os pensamentos íntimos de cada coração e que, por conseguinte, desculpa muitas vezes as faltas que

censurais, ou condena o que relevais, porque conhece o móvel de todos os atos. Lembrai-vos de que vós, que clamaís em altas vozes: anátema! tereis, quiçá, cometido faltas mais graves.

Sede indulgentes, meus amigos, porquanto a indulgência atrai, acalma, ergue, ao passo que o rigor desanima, afasta e irrita. – José, Espírito protetor. (Bordeaux, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

Aqui, o Espírito protetor José dirige-se especialmente aos espíritas, trazendo um profundo ensinamento sobre a indulgência, destacando-a como um sentimento doce e fraternal que todos devem cultivar.

Ele ressalta que a indulgência não enxerga os defeitos alheios, ou, se os vê, procura ocultá-los e desculpá-los, evitando falar deles ou divulgá-los.

A indulgência, segundo o Espírito, nunca se ocupa com os maus atos dos outros, a menos que seja para prestar um serviço, e mesmo nesse caso, procura atenuá-los.

Não faz observações chocantes, nem censuras, mas oferece conselhos de forma velada e respeitosa.

O Espírito José faz um apelo para que as pessoas sejam mais severas consigo mesmas e mais indulgentes com os outros.

Ele lembra que cada indivíduo será julgado pelos seus próprios atos, e que é importante lembrar do julgamento divino, que leva em conta os pensamentos íntimos de cada coração.

A mensagem destaca que a indulgência atrai, acalma e eleva, enquanto o rigor desanima, afasta e irrita.

Assim, ser indulgente com os outros é uma forma de agir em conformidade com os princípios do amor e da compreensão, contribuindo para um ambiente mais harmonioso e fraterno entre os seres humanos.

17. Sede indulgentes com as faltas alheias, quaisquer que elas sejam; não julgueis com severidade senão as vossas próprias ações e o Senhor usará de indulgência para convosco, como de indulgência houverdes usado para com os outros.

Sustentai os fortes: animai-os à perseverança. Fortalecei os fracos, mostrando-lhes a bondade de Deus, que leva em conta o menor arrependimento; mostrai a todos o anjo da penitência estendendo suas brancas asas sobre as faltas dos humanos e velando-as assim aos olhares daquele que não pode tolerar o que é impuro. Compreendei todos a misericórdia infinita de vosso Pai e não esqueçais nunca de lhe dizer, pelos pensamentos, mas, sobretudo, pelos atos: "Perdoai as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos hão ofendido." Compreendei bem o valor destas sublimes palavras, nas quais não somente a letra é admirável, mas principalmente o ensino que ela veste.

Que é o que pedis ao Senhor, quando implorais para vós o seu perdão? Será unicamente o olvido das vossas ofensas? Olvido que vos deixaria no nada, porquanto, se Deus se limitasse a esquecer as vossas faltas, Ele não puniria, é exato, mas tampouco recompensaria. A recompensa não pode constituir prêmio do bem que não foi feito, nem, ainda menos, do mal que se haja praticado, embora esse mal fosse esquecido. Pedindo-lhe que perdoe os vossos desvios, o que lhe pedis é o favor de suas graças, para não reincirdes neles, é a força de que necessitais para enveredar por outras sendas, as da submissão e do amor, nas quais podereis juntar ao arrependimento a reparação.

Quando perdoardes aos vossos irmãos, não vos contenteis com o estender o véu do esquecimento sobre suas faltas, porquanto, as mais das vezes, muito transparente é esse véu para os olhares vossos. Levai-lhes, simultaneamente, com o perdão, o amor; fazei por eles o que pediríeis fizesse o vosso Pai celestial por vós. Substituí a cólera que conspurca, pelo amor que purifica. Pregai, exemplificando, essa caridade ativa, infatigável, que Jesus vos ensinou; pregai-a, como Ele o fez durante todo o tempo em que esteve na Terra, visível aos olhos corporais e como ainda a prega incessantemente, desde que se tornou visível tão somente aos olhos do Espírito. Segui esse modelo divino; caminhai em suas pegadas; elas vos conduzirão ao refúgio onde encontrareis o repouso após a luta. Como Ele, carregai todos vós as vossas cruces e subi penosamente, mas com coragem, o vosso calvário, em cujo cimo está a glorificação. – João, bispo de Bordeaux. (1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

Já o Espírito João, bispo de Bordeaux, enfatiza a importância da indulgência para com as faltas alheias, ressaltando que cada indivíduo deve julgar com severidade apenas suas próprias ações.

Ele exorta os leitores a serem indulgentes e compassivos, tanto com os fortes, encorajando-os à perseverança, quanto com os fracos, fortalecendo-os e mostrando-lhes a bondade de Deus, que leva em conta o menor arrependimento.

O Espírito João destaca a misericórdia infinita de Deus e a importância de perdoar aos que nos ofenderam, seguindo o exemplo da oração ensinada por Jesus.

Ele enfatiza que o verdadeiro perdão vai além do esquecimento das ofensas, sendo um pedido por graças divinas para não reincidir nos erros, e a força necessária para trilhar novos caminhos, de submissão e amor.

Ao perdoar os outros, não basta apenas esquecer as faltas, mas é necessário também oferecer amor e compaixão.

O Espírito exorta a substituir a cólera pelo amor que purifica, pregando e exemplificando a caridade ativa ensinada por Jesus.

Ele convida a seguir o exemplo divino, carregando cada um suas cruzes e subindo corajosamente o calvário pessoal, que levará à glorificação espiritual.

18. Caros amigos, sede severos convosco, indulgentes para as fraquezas dos outros. É esta uma prática da santa caridade, que bem poucas pessoas observam. Todos vós tendes maus pendores a vencer, defeitos a corrigir, hábitos a modificar; todos tendes um fardo mais ou menos pesado a alijar, para poderdes galgar o cume da montanha do progresso. Por que, então, haveis de mostrar-vos tão clarividentes com relação ao próximo e tão cegos com relação a vós mesmos? Quando deixareis de perceber, nos olhos de vossos irmãos, o pequenino argueiro que os incomoda, sem atentardes na trave que, nos vossos olhos, vos cega, fazendo-vos ir de queda em queda? Crede nos vossos irmãos,

os Espíritos. Todo homem, bastante orgulhoso para se julgar superior, em virtude e mérito, aos seus irmãos encarnados, é insensato e culpado: Deus o castigará no dia da sua justiça. O verdadeiro caráter da caridade é a modéstia e a humildade, que consistem em ver cada um apenas superficialmente os defeitos de outrem e esforçar-se por fazer que prevaleça o que há nele de bom e virtuoso, porquanto, embora o coração humano seja um abismo de corrupção, sempre há, nalgumas de suas dobras mais ocultas, o gérmen de bons sentimentos, centelha vivaz da essência espiritual.

Espiritismo! Doutrina consoladora e bendita! felizes dos que te conhecem e tiram proveito dos salutarens ensinamentos dos Espíritos do Senhor! Para esses, iluminado está o caminho, ao longo do qual podem ler estas palavras que lhes indicam o meio de chegarem ao termo da jornada: caridade prática, caridade do coração, caridade para com o próximo, como para si mesmo; numa palavra: caridade para com todos e amor a Deus acima de todas as coisas, porque o amor a Deus resume todos os deveres e porque impossível é amar realmente a Deus, sem praticar a caridade, da qual fez Ele uma lei para todas as criaturas. – Dufêtre, bispo de Nevers. (Bordeaux.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta comunicação, o Espírito Dufêtre, bispo de Nevers, destaca a importância da autocrítica e da humildade no processo de evolução espiritual.

Ele ressalta que, assim como é fácil identificar os defeitos alheios, é fundamental olhar para dentro de si mesmo e reconhecer os próprios erros e fragilidades.

O Espírito enfatiza que todos têm seus próprios desafios a superar e que a verdadeira caridade consiste em ser indulgente com as fraquezas dos outros, ao mesmo tempo em que se esforça para melhorar a si mesmo.

A mensagem também destaca a importância da modéstia e da humildade ao lidar com as imperfeições alheias, procurando enxergar o que há de bom e virtuoso em cada pessoa.

O Espírito reconhece o Espiritismo como uma doutrina consoladora que oferece ensinamentos salutareos para aqueles que a praticam, destacando a caridade como princípio fundamental, tanto para com o próximo quanto para consigo mesmo, e o amor a Deus como a síntese de todos os deveres.

É permitido repreender os outros, notar as imperfeições de outrem, divulgar o mal de outrem?

19. Ninguém sendo perfeito, seguir-se-á que ninguém tem o direito de repreender o seu próximo? Certamente que não é essa a conclusão a tirar-se, porquanto cada um de vós deve trabalhar pelo progresso de todos e, sobretudo, daqueles cuja tutela vos foi confiada. Por isso mesmo, deveis fazê-lo com moderação, para um fim útil, e não, como as mais das vezes, pelo prazer de denegrir. Neste último caso, a repreensão é uma maldade; no primeiro, é um dever que a caridade manda seja cumprido com todo o cuidado possível. Ademais, a censura que alguém faça a outrem deve ao mesmo tempo dirigi-la a si próprio, procurando saber se não a terá merecido. – São Luís. (Paris, 1860.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem do Espírito São Luiz destaca a importância da repreensão moderada e útil como um dever que a caridade impõe aos indivíduos, especialmente quando se trata do progresso espiritual dos outros.

Ele ressalta que, embora ninguém seja perfeito, cada um deve trabalhar pelo progresso de todos, exercendo a repreensão com cuidado e moderação, evitando denegrir ou agir por prazer pessoal.

A repreensão, quando feita com o intuito de ajudar o próximo a progredir, é vista como um dever caridoso, mas deve ser acompanhada de uma reflexão pessoal para garantir que aquele que a faz também não mereça a mesma censura.

Essa mensagem ressalta a importância da caridade e da autoavaliação no processo de repreender construtivamente os outros, sem cair na hipocrisia ou na maldade.

20. Será repreensível notarem-se as imperfeições dos outros, quando daí nenhum proveito possa resultar para eles, uma vez que não sejam divulgadas?

Tudo depende da intenção. Decerto, a ninguém é defeso ver o mal, quando ele existe. Fora mesmo inconveniente ver em toda a parte só o bem. Semelhante ilusão prejudicaria o progresso. O erro está no fazer-se que a observação redunde em detrimento do próximo, desacreditando-o, sem necessidade, na opinião geral. Igualmente repreensível seria fazê-lo alguém apenas para dar expansão a um sentimento de malevolência e à satisfação de apanhar os outros em falta. Dá-se inteiramente o contrário quando, estendendo sobre o mal um véu, para que o público não o veja, aquele que note os defeitos do próximo o faça em seu proveito pessoal, isto é, para se exercitar em evitar o que reprova nos outros. Essa observação, em suma, não é proveitosa ao moralista? Como pintaria ele os defeitos humanos, se não estudasse os modelos? – São Luís (Paris, 1860.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste outro comunicado do Espírito São Luiz, aproveitado por Kardec no "Evangelho Segundo o Espiritismo", o mentor espiritual aborda a questão da observação das imperfeições alheias, destacando que não é errado perceber o mal quando ele existe, pois isso faz parte do processo de aprendizado e evolução espiritual.

No entanto, a intenção por trás dessa observação é crucial.

São Luiz ressalta que é repreensível notar as imperfeições dos outros apenas para desacreditá-los perante os outros ou por malevolência.

Por outro lado, quando a observação é feita com o propósito de aprendizado pessoal e autoaperfeiçoamento, ela se torna proveitosa.

Assim, a mensagem destaca a importância da intenção por trás das nossas ações e da forma como percebemos e lidamos com as imperfeições alheias.

Observar os defeitos dos outros com o objetivo de aprender e evoluir é salutar, mas fazê-lo para denegrir ou satisfazer sentimentos negativos é prejudicial.

21. Haverá casos em que convenha se desvende o mal de outrem?

É muito delicada esta questão e, para resolvê-la, necessário se torna apelar para a caridade bem compreendida. Se as imperfeições de uma pessoa só a ela prejudicam, nenhuma utilidade haverá nunca em divulgá-la. Se, porém, podem acarretar prejuízo a terceiros, deve-se atender de preferência ao interesse do maior número. Segundo as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode constituir um dever, pois mais vale caia um homem, do que virem muitos a ser suas vítimas. Em tal caso, deve-se pesar a soma das vantagens e dos inconvenientes. – São Luís (Paris, 1860.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta comunicação, São Luiz aborda a delicada questão de se devemos revelar as imperfeições de alguém.

Ele destaca que, se as imperfeições de uma pessoa só a prejudicam a si mesma e não afetam terceiros, não há utilidade em divulgá-las.

No entanto, se essas imperfeições podem causar prejuízo a outras pessoas, deve-se considerar o interesse do maior número.

São Luiz enfatiza que, em algumas circunstâncias, revelar a hipocrisia e a mentira pode ser um dever, pois é melhor que um homem caia do que muitos se tornem suas vítimas.

Nesses casos, é essencial pesar cuidadosamente as vantagens e os inconvenientes antes de decidir divulgar o mal de outrem.

Essa abordagem ressalta a importância da caridade bem compreendida e da análise criteriosa das consequências de nossas ações.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XI -

Amar o próximo como a si mesmo

• O mandamento maior. Fazermos aos outros o que queiramos que os outros nos façam. Parábola dos Credores e dos Devedores • Dai a César o que é de César • Instruções dos Espíritos: A lei de amor – O egoísmo – A fé e a caridade – Caridade para com os criminosos – Deve-se expor a vida por um malfeitor?

O mandamento maior. Fazermos aos outros o que queiramos que os outros nos façam.

Parábola dos Credores e dos Devedores

1. Os fariseus, tendo sabido que Ele tapara a boca aos saduceus, reuniram-se; e um deles, que era doutor da lei, para o tentar, propôs-lhe esta questão: "Mestre, qual o mandamento maior da lei?" — Jesus respondeu: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este o maior e o primeiro mandamento. E aqui tendes o segundo, semelhante a esse: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos." (Mateus, 22:34 a 40.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem evangélica ressalta a importância do amor a Deus e ao próximo como fundamentais na vida espiritual.

Jesus Cristo ensina que o maior e o primeiro mandamento é amar a Deus de todo o coração, alma e espírito.

Em seguida, destaca o segundo mandamento, igualmente essencial, que é amar o próximo como a si mesmo.

Ele enfatiza que toda a lei e os profetas estão contidos nesses dois mandamentos, mostrando que o amor é a base de todas as virtudes e deveres morais.

Esse ensinamento ressalta a importância da prática do amor como um guia fundamental para a conduta humana, demonstrando a importância de cultivar sentimentos de bondade, compaixão e fraternidade em relação a Deus e ao próximo.

2. Fazei aos homens tudo o que queirais que eles vos façam, pois é nisto que consistem a lei e os profetas. (Mateus, 7:12.) Tratai todos os homens como quereríeis que eles vos tratassem. (Lucas, 6:31.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem evangélica destaca a importância da empatia e da reciprocidade nas relações humanas.

Jesus Cristo ensina que devemos tratar os outros da mesma maneira que gostaríamos de ser tratados, sintetizando assim a essência da lei e dos profetas.

Esse ensinamento, conhecido como 'a regra de ouro', nos lembra da importância de considerar os sentimentos e necessidades dos outros, agindo com bondade, respeito e compaixão, como gostaríamos que fizessem conosco.

Ele nos convida a refletir sobre nossas ações e a cultivar uma postura de amor e compreensão em nossas interações diárias, buscando sempre promover o bem-estar e a harmonia em nossas relações com o próximo.

3. O Reino dos Céus é comparável a um rei que quis tomar contas aos seus servidores. Tendo começado a fazê-lo, apresentaram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Mas como não tinha meios de os pagar, mandou seu senhor que o vendessem a ele, sua mulher, seus filhos e tudo o que lhe pertencesse, para pagamento da dívida. O servidor, lançando-se lhe aos pés, o conjurava, dizendo: "Senhor, tem um pouco de paciência e eu te pagarei tudo." — Então, o senhor, tocado de compaixão, deixou-o ir e lhe perdoou a dívida. Esse servidor, porém, ao sair, encontrando um de seus companheiros, que lhe devia cem dinheiros, o segurou pela goela e, quase a estrangulá-lo, dizia: "Paga o que me deves." — O companheiro, lançando-se lhe aos pés, o conjurava, dizendo: "Tem um pouco de paciência e eu te pagarei tudo": — Mas o outro não quis escutá-lo; foi-se e o mandou prender, para tê-lo preso até pagar o que lhe devia.

Os outros servidores, seus companheiros, vendo o que se passava, foram extremamente aflitos, e informaram o senhor de tudo o que acontecera. Então o senhor, tendo mandado vir à sua presença aquele servidor, lhe disse: "Mau servo, eu te havia perdoado tudo o que me devias, porque mo pediste. Não estavas desde então no dever de também ter piedade do teu companheiro, como eu tivera de ti?" — E o senhor, tomado de cólera, o entregou aos verdugos, para que o tivessem, até que ele pagasse tudo o que devia.

É assim que meu Pai, que está no céu, vos tratará, se não perdoardes, do fundo do coração, as faltas que vossos irmãos houverem cometido contra cada um de vós. (Mateus, 18:23 a 35.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem apresenta uma parábola contada por Jesus para ilustrar a importância do perdão e da compaixão.

O rei representa Deus, e os servidores representam os seres humanos.

O primeiro servo, que devia uma grande quantia ao rei, implora por misericórdia e tem sua dívida perdoada.

No entanto, esse mesmo servo não demonstra compaixão quando encontra um companheiro que lhe devia uma quantia muito menor, mostrando-se cruel e implacável ao exigir o pagamento imediato.

Ao descobrir o comportamento do primeiro servo, o rei se indigna e o castiga, mostrando que aqueles que não perdoam os outros não receberão o perdão de Deus.

Essa parábola nos ensina sobre a importância de perdoar as dívidas e ofensas dos outros, assim como recebemos o perdão divino.

Ela nos lembra que devemos agir com bondade e compaixão, tratando os outros como gostaríamos de ser tratados.

O perdão não apenas liberta o ofensor, mas também liberta o coração daquele que perdoa, permitindo que a paz e a harmonia reinem em suas vidas.

4. "Amar o próximo como a si mesmo: fazer pelos outros o que quereríamos que os outros fizessem por nós", é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo. Não podemos encontrar guia mais seguro, a tal respeito, que tomar para padrão, do que devemos fazer aos outros, aquilo que para nós desejamos. Com que direito exigiríamos dos nossos semelhantes melhores proceder, mais indulgência, mais benevolência e devotamento para conosco, do que os temos para com eles? A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo. Quando as adotarem para regra de conduta e para base de suas instituições, os homens compreenderão a verdadeira fraternidade e farão que entre eles reinem a paz e a justiça. Não mais haverá ódios, nem dissensões, mas tão somente união, concórdia e benevolência mútua.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa citação de Allan Kardec destaca a importância da máxima "amar o próximo como a si mesmo" e "fazer pelos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem".

Kardec a considera a expressão mais completa da caridade, pois resume todos os deveres do homem para com o próximo.

Ele argumenta que não podemos exigir dos outros um comportamento melhor do que o que temos para com eles, o que implica em combater o egoísmo e promover a fraternidade.

Segundo Kardec, a prática dessas máximas levaria à destruição do egoísmo e promoveria a paz e a justiça entre os homens.

Ao adotarem essas regras de conduta, as pessoas compreenderiam melhor a verdadeira fraternidade, eliminando ódios e dissensões, e promovendo união, concórdia e benevolência mútua.

Kardec, assim, destaca a importância de agir com base no amor e na reciprocidade, buscando sempre fazer o bem ao próximo como forma de promover um mundo mais justo e harmonioso.

Dai a César o que é de César

5. Os fariseus, tendo-se retirado, entenderam-se entre si para enredá-lo com as suas próprias palavras. Mandaram então seus discípulos, em companhia dos herodianos, dizer-lhe: "Mestre, sabemos que és veraz e que ensinas o caminho de Deus pela verdade, sem lebares em conta a quem quer que seja, porque, nos homens, não consideras as pessoas." — Dize-nos, pois, qual a tua opinião sobre isto: É-nos permitido pagar ou deixar de pagar a César o tributo? Jesus, porém, que lhes conhecia a malícia, respondeu: "Hipócritas, por que me tentais? Apresentai-me uma das moedas que se dão em pagamento do tributo." — E, tendo-lhe o apresentado um denário, perguntou Jesus: "De quem são esta imagem e esta inscrição?" "De César" — responderam eles. Então, observou-lhes Jesus: "Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus."

Ouvindo-o falar dessa maneira, admiraram-se eles da sua resposta e, deixando-o, se retiraram. (Mateus, 22:15 a 22; Marcos, 12:13 a 17.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste relato evangélico, os fariseus e os herodianos tentam enredar Jesus com uma pergunta sobre o pagamento do tributo a César.

Eles elogiam Jesus pela sua verdade, mas, na verdade, estão tentando colocá-lo em uma situação delicada, onde ele teria que escolher entre desafiar a autoridade de César ou desagradar aos judeus que eram contrários ao pagamento do tributo.

Jesus, por sua vez, percebendo a malícia por trás da pergunta, responde de forma sábia e perspicaz.

Ele pede que lhe mostrem uma moeda utilizada no pagamento do tributo e, ao identificar a imagem e a inscrição de César na moeda, responde: "Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus."

Com essa resposta, Jesus não só evita a armadilha dos fariseus, mas também ensina uma lição profunda sobre a importância de respeitar as autoridades terrenas, desde que isso não conflite com os deveres para com Deus.

Ele mostra que é possível cumprir com as obrigações civis sem comprometer a fidelidade espiritual.

A resposta de Jesus impressiona os que o ouvem, demonstrando sua sabedoria e discernimento.

6. A questão proposta a Jesus era motivada pela circunstância de que os judeus, abominando o tributo que os romanos lhes impunham, haviam feito do pagamento desse tributo uma questão religiosa. Numeroso partido se fundara contra o imposto. O pagamento deste constituía, pois, entre eles, uma irritante questão de atualidade, sem o que nenhum senso teria a pergunta feita a Jesus: “É-nos lícito pagar ou deixar de pagar a César o tributo?”

Havia nessa pergunta uma armadilha. Contavam os que a formularam poder, conforme a resposta, excitar contra Ele a autoridade romana, ou os judeus dissidentes; mas “Jesus, que lhes conhecia a malícia”, contornou a dificuldade, dando-lhes uma lição de justiça, com o dizer que a cada um seja dado o que lhe é devido. (Veja-se, na Introdução, o artigo: Publicanos.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste comentário, Allan Kardec destaca o contexto político e religioso da época em que a pergunta sobre o tributo a César foi feita a Jesus.

Ele explica que os judeus consideravam o pagamento do tributo aos romanos como uma questão religiosa e política delicada, pois muitos deles viam o imposto como uma forma de subjugação e opressão.

Kardec observa que a pergunta dos fariseus e herodianos era uma armadilha, na qual esperavam que Jesus tomasse uma posição que pudesse ser usada contra ele, seja incitando a autoridade romana contra ele, seja provocando dissidência entre os próprios judeus.

No entanto, Jesus, percebendo a malícia por trás da pergunta, responde de forma sábia e evasiva, destacando a importância de cumprir com as obrigações civis sem comprometer os deveres espirituais.

Assim, Kardec interpreta a resposta de Jesus como uma lição de justiça, ensinando que cada um deve dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus, sugerindo que é possível conciliar os deveres terrenos e espirituais sem entrar em conflito.

7. Esta sentença: "Dai a César o que é de César", não deve, entretanto, ser entendida de modo restritivo e absoluto. Como em todos os ensinamentos de Jesus, há nela um princípio geral, resumido sob forma prática e usual e deduzido de uma circunstância particular. Esse princípio é consequente daquele, segundo o qual devemos proceder para com os outros como queiramos que os outros procedam para conosco. Ele condena todo prejuízo material e moral que se possa causar a outrem, toda postergação de seus interesses. Prescreve o respeito aos direitos de cada um, como cada um deseja que se respeitem os seus. Estende-se mesmo aos deveres contraídos para com a família, a sociedade, a autoridade, tanto quanto para com os indivíduos em geral.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec destaca que a frase "Dai a César o que é de César" não deve ser interpretada de forma restritiva e absoluta, mas sim como um princípio geral que Jesus ensinava.

Ele explica que essa frase, assim como outros ensinamentos de Jesus, contém um princípio fundamental que deve guiar nossas ações em relação aos outros: "Fazer aos outros o que queremos que eles nos façam."

Kardec argumenta que esse princípio condena qualquer forma de prejuízo material ou moral que possamos causar aos outros, bem como qualquer desrespeito aos seus direitos e interesses.

Ele destaca que esse princípio não se limita apenas às relações individuais, mas também se aplica aos deveres que temos para com a família, a sociedade e a autoridade.

Em suma, Kardec interpreta essa frase como um chamado ao respeito mútuo, à justiça e à consideração pelos direitos e interesses alheios.

Instruções dos Espíritos: A lei de amor

8. O amor resume a doutrina de Jesus inteira, visto que esse é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. Em sua origem, o homem só tem instintos; quando mais avançado e corrompido, só tem sensações; quando instruído e depurado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar do termo, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; extingue as misérias sociais. Ditoso aquele que, ultrapassando a sua humanidade, ama com amplo amor os seus irmãos em sofrimento! Ditoso aquele que ama, pois não conhece a miséria da alma, nem a do corpo. Tem ligeiros os pés e vive como que transportado, fora de si mesmo. Quando Jesus pronunciou a divina palavra — amor —, os povos sobressaltaram-se e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo.

O Espiritismo a seu turno vem pronunciar uma segunda palavra do alfabeto divino. Estai atentos, pois que essa palavra ergue a lápide dos túmulos vazios, e a reencarnação, triunfando da morte, revela às criaturas deslumbradas o seu patrimônio intelectual. Já não é ao suplício que ela conduz o homem: condu-lo à conquista do seu ser, elevado e transfigurado. O sangue resgatou o Espírito e o Espírito tem hoje que resgatar da matéria o homem.

Disse eu que em seus começos o homem só instintos possuía. Mais próximo, portanto, ainda se acha do ponto de partida do que da meta, aquele em que predominam os instintos. A fim de avançar para a meta, tem a criatura que vencer os instintos, em proveito dos sentimentos, isto é, que aperfeiçoar estes últimos, sufocando os germens latentes da matéria. Os instintos são a germinação e os embriões do sentimento; trazem consigo o progresso, como a glândula encerra em si o carvalho, e os seres menos adiantados são os que, emergindo pouco a pouco de suas crisálidas, se conservam escravizados aos instintos. O Espírito precisa ser cultivado, como um campo. Toda a riqueza futura depende do labor atual, que vos granjeará muito mais do que bens terrenos: a elevação gloriosa. É então que, compreendendo a lei de amor que liga todos os seres, buscareis nela os gozos suavíssimos da alma, prelúdios das alegrias celestes. — Lázaro. (Paris, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem do Espírito Lázaro enfatiza o amor como o sentimento que resume toda a doutrina de Jesus.

Ele explica que, à medida que o homem progride, seus instintos se elevam a sensações e, posteriormente, a sentimentos.

O ápice desse desenvolvimento é o amor, não no sentido comum, mas como um sentimento sublime que une e transcende as aspirações terrenas.

Lázaro descreve o amor como uma lei que substitui a individualidade pela união de todos os seres, eliminando as misérias sociais.

Ele sugere que, ao vivermos de acordo com a lei do amor, passamos a enxergar a humanidade como uma grande família, onde cada indivíduo é nosso irmão, e, portanto, merecedor de nosso amor, respeito e cuidado.

Essa visão transcende as fronteiras da individualidade e do egoísmo, levando-nos a considerar o bem-estar coletivo em detrimento do nosso interesse pessoal.

Ao adotarmos essa perspectiva, as desigualdades e injustiças sociais perdem espaço, pois passamos a agir em prol do benefício comum, buscando a felicidade e o progresso de todos.

Lázaro exalta a felicidade daquele que ama verdadeiramente, pois esse indivíduo não conhece a miséria da alma nem do corpo, vivendo em comunhão com seus irmãos em sofrimento.

Ao falar em substituir a individualidade, Lázaro refere-se à ideia de que o amor verdadeiro nos leva a enxergar a humanidade como um todo interligado, onde cada indivíduo é parte de um todo maior.

Isso implica em reconhecer que as ações de cada um têm impacto não apenas em si mesmas, mas em toda a sociedade.

Nesse contexto, as misérias sociais, que surgem muitas vezes da falta de compreensão e solidariedade entre as pessoas, seriam eliminadas ou reduzidas significativamente.

Essa visão do amor como uma força que transcende o indivíduo e promove a união e a solidariedade entre todos os seres humanos é fundamental não apenas para a espiritualidade, mas também para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Ao praticar o amor verdadeiro, cada pessoa contribui para a construção de um mundo melhor, onde as diferenças são respeitadas, a compaixão é cultivada e a solidariedade é a norma.

A mensagem destaca que o Espiritismo traz uma segunda palavra do alfabeto divino, complementando a mensagem de amor de Jesus.

Ele ressalta a importância da reencarnação como um meio de evolução espiritual, conduzindo o homem à conquista de seu ser elevado e transfigurado.

Em síntese, a mensagem de Lázaro ressalta a importância do amor como princípio fundamental para a evolução espiritual, levando os indivíduos a uma vida de comunhão, compaixão e transcendência.

Ele sugere que, quando o amor é verdadeiramente compreendido e praticado, ele tem o poder de transformar a sociedade como um todo.

9. O amor é de essência divina e todos vós, do primeiro ao último, tendes, no fundo do coração, a centelha desse fogo sagrado. É fato, que já haveis podido comprovar muitas vezes, este: o homem, por mais abjeto, vil e criminoso que seja, vota a um ente ou a um objeto qualquer viva e ardente afeição à prova de tudo quanto tendesse a diminuí-la e que alcança, não raro, sublimes proporções.

A um ente ou um objeto qualquer, disse eu, porque há entre vós indivíduos que, com o coração a transbordar de amor, despendem tesouros desse sentimento com animais, plantas e, até, com coisas materiais: espécies de

misanthropos que, a se queixarem da Humanidade em geral e a resistirem ao pendor natural de suas almas, que buscam em torno de si a afeição e a simpatia, rebaixam a lei de amor à condição de instinto. Entretanto, por mais que façam, não logram sufocar o gérmen vivaz que Deus lhes depositou nos corações ao criá-los. Esse gérmen se desenvolve e cresce com a moralidade e a inteligência e, embora comprimido amiúde pelo egoísmo, torna-se a fonte das santas e doces virtudes que geram as afeições sinceras e duráveis e ajudam a criatura a transpor o caminho escarpado e árido da existência humana.

Há pessoas a quem repugna a reencarnação, com a ideia de que outros venham a partilhar das afetuosas simpatias de que são ciosas. Pobres irmãos! o vosso afeto vos torna egoístas; o vosso amor se restringe a um círculo íntimo de parentes e de amigos, sendo-vos indiferentes os demais.

Pois bem! para praticardes a lei de amor, tal como Deus o entende, preciso se faz chegueis passo a passo a amar a todos os vossos irmãos indistintamente. A tarefa é longa e difícil, mas cumprir-se-á:

Deus o quer e a lei de amor constitui o primeiro e o mais importante preceito da vossa nova doutrina, porque é ela que um dia matará o egoísmo, qualquer que seja a forma sob que se apresente, dado que, além do egoísmo pessoal, há também o egoísmo de família, de casta, de nacionalidade. Disse Jesus: "Amai o vosso próximo como a vós mesmos." Ora, qual o limite com relação ao próximo?

Será a família, a seita, a nação? Não; é a Humanidade inteira. Nos mundos superiores, o amor recíproco é que harmoniza e dirige os Espíritos adiantados que os habitam, e o vosso planeta, destinado a realizar em breve sensível progresso, verá seus habitantes, em virtude da transformação social por que passará, a praticar essa lei sublime, reflexo da Divindade.

Os efeitos da lei de amor são o melhoramento moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrestre. Os mais rebeldes e os mais viciosos se reformarão, quando observarem os benefícios resultantes da prática deste preceito: Não façais aos outros o que não quizerdes que vos façam; fazei-lhes, ao contrário, todo o bem que vos esteja ao alcance fazer-lhes.

Não acrediteis na esterilidade e no endurecimento do coração humano; ao amor verdadeiro, ele, a seu mau grado, cede. É um ímã a que não lhe é

possível resistir. O contato desse amor vivifica e fecunda os germens que dele existem, em estado latente, nos vossos corações. A Terra, orbe de provação e de exílio, será então purificada por esse fogo sagrado e verá praticados na sua superfície a caridade, a humildade, a paciência, o devotamento, a abnegação, a resignação e o sacrifício, virtudes todas filhas do amor. Não vos canseis, pois, de escutar as palavras de João, o Evangelista. Como sabeis, quando a enfermidade e a velhice o obrigaram a suspender o curso de suas prédicas, limitava-se a repetir estas suavíssimas palavras: “Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros.”

Amados irmãos, aproveitai dessas lições; é difícil o praticá-las, porém, a alma colhe delas imenso bem. Crede-me, fazei o sublime esforço que vos peço: “Amai-vos” e vereis a Terra em breve transformada num Paraíso onde as almas dos justos virão repousar. – Fénelon. (Bordeaux, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

O Espírito Fénelon aborda a Lei do Amor, complementando a mensagem anterior de Lázaro.

Fénelon destaca que a prática do amor ao próximo é o grande instrumento de reforma moral, que nos conduz à evolução espiritual.

Ele ressalta a importância de amar não apenas os amigos e familiares, mas também os inimigos, seguindo o exemplo de Jesus.

Ao mencionar que devemos amar os inimigos, Fénelon nos lembra da necessidade de transcender nossas limitações humanas e cultivar a compaixão e a tolerância para com aqueles que nos causam mal.

Essa prática não apenas contribui para a paz interior, mas também promove a harmonia nas relações sociais e a evolução espiritual individual e coletiva.

Assim, Fénelon nos convida a refletir sobre a amplitude do amor e sua capacidade transformadora, incentivando-nos a praticá-lo em todas as situações da vida, como forma de alcançar a verdadeira

felicidade e contribuir para a construção de um mundo mais justo e fraterno.

10. Meus caros condiscípulos, os Espíritos aqui presentes vos dizem, por meu intermédio: "Amai muito, a fim de serdes amados." É tão justo esse pensamento, que nele encontrareis tudo o que consola e abranda as penas de cada dia; ou melhor: pondo em prática esse sábio conselho, elevar-vos-eis de tal modo acima da matéria que vos espiritualizareis antes de deixardes o invólucro terrestre. Havendo os estudos espíritas desenvolvido em vós a compreensão do futuro, uma certeza tendes: a de caminhardes para Deus, vendo realizadas todas as promessas que correspondem às aspirações de vossa alma. Por isso, deveis elevar-vos bem alto para julgardes sem as constrições da matéria, e não condenardes o vosso próximo sem terdes dirigido a Deus o pensamento.

Amar, no sentido profundo do termo, é o homem ser leal, probo, consciencioso, para fazer aos outros o que queira que estes lhe façam; é procurar em torno de si o sentido íntimo de todas as dores que acabrunham seus irmãos, para suavizá-las; é considerar como sua a grande família humana, porque essa família todos a encontrareis, dentro de certo período, em mundos mais adiantados; e os Espíritos que a compõem são, como vós, filhos de Deus, destinados a se elevarem ao infinito. Assim, não podeis recusar aos vossos irmãos o que Deus liberalmente vos outorgou, porquanto, de vosso lado, muito vos alegraria que vossos irmãos vos dessem aquilo de que necessitais. Para todos os sofrimentos, tende, pois, sempre uma palavra de esperança e de conforto, a fim de que sejais inteiramente amor e justiça.

Crede que esta sábia exortação: "Amai bastante, para serdes amados", abrirá caminho; revolucionária, ela segue sua rota, que é determinada, invariável. Mas já ganhastes muito, vós que me ouvis, pois que já sois infinitamente melhores do que éreis há cem anos. Mudastes tanto, em proveito vosso, que aceitais de boa mente, sobre a liberdade e a fraternidade, uma imensidade de ideias novas, que outrora rejeitaríeis. Ora, daqui a cem anos, sem dúvida aceitareis com a mesma facilidade as que ainda vos não puderam entrar no cérebro.

Hoje, quando o movimento espírita há dado tão grande passo, vede com que rapidez as ideias de justiça e de renovação, constantes nos ditados espíritas, são aceitas pela parte mediana do mundo inteligente. É que essas ideias correspondem a tudo o que há de divino em vós. É que estais preparados por

uma sementeira fecunda: a do século passado, que implantou no seio da sociedade terrena as grandes ideias de progresso. E, como tudo se encadeia sob a direção do Altíssimo, todas as lições recebidas e aceitas virão a encerrar-se na permuta universal do amor ao próximo. Por aí, os Espíritos encarnados, melhor apreciando e sentindo, se estenderão as mãos, de todos os confins do vosso planeta. Uns e outros reunir-se-ão, para se entenderem e amarem, para destruírem todas as injustiças, todas as causas de desinteligências entre os povos.

Grande conceito de renovação pelo Espiritismo, tão bem exposto em O livro dos espíritos; tu produzirás o portentoso milagre do século vindouro, o da harmonização de todos os interesses materiais e espirituais dos homens, pela aplicação deste preceito bem compreendido: "Amai bastante, para serdes amados." – Sanson, ex-membro da Sociedade Espírita de Paris. (1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

O Espírito Sanson, ex-membro da Sociedade Espírita de Paris, destaca a importância do amor como princípio fundamental para a evolução espiritual.

Ele ressalta que amar ao próximo é não apenas um ato de benevolência, mas também uma forma de elevação espiritual.

Sanson enfatiza que o verdadeiro amor implica em ser leal, probo e consciencioso, buscando fazer aos outros o que desejamos que eles nos façam.

Além disso, Sanson aponta que o estudo do Espiritismo desenvolve em nós a compreensão do futuro, trazendo a certeza de que estamos caminhando em direção a Deus.

Ele destaca a necessidade de considerarmos toda a humanidade como nossa grande família, composta por filhos de Deus destinados a se elevarem ao infinito.

Ao concluir, Sanson enfatiza que o amor é o caminho para a harmonização de todos os interesses materiais e espirituais dos homens.

Ele acredita que a aplicação do preceito "Amai bastante, para serdes amados" é essencial para a construção de um mundo mais justo e fraterno, onde todos os seres possam se entender, amar e eliminar todas as causas de desinteligências entre os povos.

O egoísmo

11. O egoísmo, chaga da Humanidade, tem que desaparecer da Terra, a cujo progresso moral obsta. Ao Espiritismo está reservada a tarefa de fazê-la ascender na hierarquia dos mundos. O egoísmo é, pois, o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem apontar suas armas, dirigir suas forças, sua coragem. Digo: coragem, porque dela muito mais necessita cada um para vencer-se a si mesmo, do que para vencer os outros. Que cada um, portanto, empregue todos os esforços a combatê-lo em si, certo de que esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho é o causador de todas as misérias do mundo terreno. É a negação da caridade e, por conseguinte, o maior obstáculo à felicidade dos homens.

Jesus vos deu o exemplo da caridade e Pôncio Pilatos o do egoísmo, pois, quando o primeiro, o Justo, vai percorrer as santas estações do seu martírio, o outro lava as mãos, dizendo: "Que me importa!" Animou-se a dizer aos judeus: "Este homem é justo, por que o quereis crucificar?" Entretanto, deixa que o conduzam ao suplício.

É a esse antagonismo entre a caridade e o egoísmo, à invasão do coração humano por essa chaga moral que se deve atribuir o fato de não haver ainda o Cristianismo desempenhado por completo a sua missão. Cabem a vós, novos apóstolos da fé, que os Espíritos superiores esclarecem, o encargo e o dever de extirpar esse mal, a fim de dar ao Cristianismo toda a sua força e desobstruir o caminho dos pedrouços que lhe embaraçam a marcha. Expulsai da Terra o egoísmo para que ela possa subir na escala dos mundos, porquanto já é tempo de a Humanidade envergar sua veste viril, para o que cumpre que primeiramente o expilais dos vossos corações. – Emmanuel. (Paris, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem do Espírito Emmanuel aborda o tema do egoísmo como uma chaga da humanidade que precisa ser eliminada para que o progresso moral da Terra seja possível.

O egoísmo é visto como o principal obstáculo ao desenvolvimento espiritual e à felicidade dos seres humanos, sendo descrito como a negação da caridade.

O texto enfatiza que cada indivíduo deve empenhar seus esforços em combater o egoísmo em si mesmo, pois é mais difícil vencer as próprias tendências egoístas do que vencer os outros.

Emmanuel destaca que o egoísmo é responsável por todas as misérias do mundo terreno e representa o maior obstáculo à realização da missão do Cristianismo.

Ao citar o exemplo de Jesus, que demonstrou a mais alta forma de caridade ao se sacrificar pela humanidade, contrastando com Pôncio Pilatos, que lavou as mãos diante da injustiça, Emmanuel ressalta o antagonismo entre a caridade e o egoísmo.

A mensagem conclui chamando os seguidores do Espiritismo, considerados os 'novos apóstolos da fé', a combaterem o egoísmo em seus corações e a expulsá-lo da Terra, a fim de permitir que a humanidade alcance sua maturidade espiritual e avance na escala dos mundos.

12. Se os homens se amassem com mútuo amor, mais bem praticada seria a caridade; mas, para isso, mister fora vos esforçásseis por largar essa couraça que vos cobre os corações, a fim de se tornarem eles mais sensíveis aos sofrimentos alheios. A rigidez mata os bons sentimentos; o Cristo jamais se escusava; não repelia aquele que o buscava, fosse quem fosse: socorria a mulher adúltera, como o criminoso; nunca temeu que a sua reputação sofresse por isso. Quando o tomareis por modelo de todas as vossas ações? Se na Terra a caridade reinasse, o mau não imperaria nela; fugiria envergonhado; ocultar-se-ia, visto que em toda parte se acharia deslocado. O mal então desapareceria, ficai bem certos.

Começai vós por dar o exemplo; sede caridosos para com todos indistintamente; esforçai-vos por não atentar nos que vos olham com desdém e deixai a Deus o encargo de fazer toda a justiça, a Deus que todos os dias separa, no seu Reino, o joio do trigo.

O egoísmo é a negação da caridade. Ora, sem a caridade não haverá descanso para a sociedade humana. Digo mais: não haverá segurança. Com o egoísmo e o orgulho, que andam de mãos dadas, a vida será sempre uma carreira em que vencerá o mais esperto, uma luta de interesses, em que se calcarão aos pés as mais santas afeições, em que nem sequer os sagrados laços da família merecerão respeito. – Pascal. (Sens, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esta mensagem do Espírito Pascal ressalta a importância do amor mútuo entre os homens para a prática da caridade.

Ele destaca a necessidade de os indivíduos se esforçarem para abandonar a rigidez que cobre seus corações, tornando-os mais sensíveis aos sofrimentos alheios.

Pascal enfatiza que a caridade não pode ser praticada de forma plena se os corações estiverem cobertos por essa "couraça" do egoísmo.

Ele faz um apelo para que as pessoas se inspirem no exemplo de Jesus Cristo, que nunca se recusava a ajudar quem o buscava, independentemente de sua condição.

Pascal destaca que se a caridade reinasse na Terra, o mal não teria espaço, pois se sentiria envergonhado e deslocado.

O mal desapareceria, segundo ele, se a caridade fosse praticada de forma generalizada.

O Espírito Pascal conclui exortando as pessoas a darem o exemplo, sendo caridosas com todos, sem preconceitos, e deixando a Deus a tarefa de fazer justiça.

Ele adverte que o egoísmo é a negação da caridade e que, sem esta última, não haverá descanso nem segurança na sociedade humana, pois a vida se tornará uma luta de interesses, em que as afeições mais nobres serão pisoteadas e até mesmo os laços familiares sagrados perderão seu respeito.

A fé e a caridade

13. Disse-vos, não há muito, meus caros filhos, que a caridade, sem a fé, não basta para manter entre os homens uma ordem social capaz de os tornar felizes. Pudera ter dito que a caridade é impossível sem a fé. Na verdade, impulsos generosos se vos depararão, mesmo entre os que nenhuma religião tem; porém, essa caridade austera, que só com abnegação se pratica, com um constante sacrifício de todo interesse egoístico, somente a fé pode inspirá-la, porquanto só ela dá se possa carregar com coragem e perseverança a cruz da vida terrena.

Sim, meus filhos, é inútil que o homem ávido de gozos procure iludir-se sobre o seu destino nesse mundo, pretendendo ser-lhe lícito ocupar-se unicamente com a sua felicidade. Sem dúvida, Deus nos criou para sermos felizes na eternidade; entretanto, a vida terrestre tem que servir exclusivamente ao aperfeiçoamento moral, que mais facilmente se adquire com o auxílio dos órgãos físicos e do mundo material. Sem levar em conta as vicissitudes ordinárias da vida, a diversidade dos gostos, dos pendores e das necessidades, é esse também um meio de vos aperfeiçoardes, exercitando-vos na caridade. Com efeito, só a poder de concessões e sacrifícios mútuos podeis conservar a harmonia entre elementos tão diversos.

Tereis, contudo, razão, se afirmardes que a felicidade se acha destinada ao homem nesse mundo, desde que ele a procure, não nos gozos materiais, sim no bem. A história da cristandade fala de mártires que se encaminhavam alegres para o suplício. Hoje, na vossa sociedade, para serdes cristãos, não se vos faz mister nem o holocausto do martírio, nem o sacrifício da vida, mas única e exclusivamente o sacrifício do vosso egoísmo, do vosso orgulho e da vossa vaidade. Triunfareis, se a caridade vos inspirar e vos sustentar a fé. – Espírito protetor. (Cracóvia, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem do Espírito protetor destaca a interligação entre a fé e a caridade.

Ele afirma que a caridade, sem a fé, não é suficiente para manter uma ordem social capaz de tornar os homens felizes.

A fé é vista como a inspiração para uma caridade austera, praticada com abnegação e sacrifício do interesse egoísta.

Somente a fé, segundo o Espírito, pode dar a coragem e a perseverança necessárias para carregar com firmeza a cruz da vida terrena.

O Espírito protetor ressalta que a vida terrena tem como objetivo principal o aperfeiçoamento moral, alcançado com o auxílio dos órgãos físicos e do mundo material.

Ele destaca que, apesar das vicissitudes da vida e das diferentes necessidades individuais, é necessário praticar a caridade para manter a harmonia entre os seres humanos.

O Espírito também enfatiza que a verdadeira felicidade neste mundo está em buscar o bem, não nos prazeres materiais.

Ele menciona os mártires cristãos como exemplos de pessoas que encontraram felicidade mesmo diante do sofrimento, e destaca que hoje, para ser cristão, não é necessário o martírio físico, mas sim o sacrifício do egoísmo, do orgulho e da vaidade.

A mensagem termina com a ideia de que, com a fé como inspiração e apoio, é possível triunfar no caminho da caridade e do aperfeiçoamento moral.

Caridade para com os criminosos

14. A verdadeira caridade constitui um dos mais sublimes ensinamentos que Deus deu ao mundo. Completa fraternidade deve existir entre os verdadeiros seguidores da sua doutrina. Deveis amar os desgraçados, os criminosos, como criaturas, que são, de Deus, às quais o perdão e a misericórdia serão concedidos, se se arrependerem, como também a vós, pelas faltas que cometeis contra sua Lei. Considerai que sois mais repreensíveis, mais culpados do que aqueles a quem negardes perdão e comiseração, pois, as mais das vezes, eles não conhecem Deus como o conheceis, e muito menos lhes será pedido do que a vós.

Não julgueis, oh! não julgueis absolutamente, meus caros amigos, porquanto o juízo que proferirdes ainda mais severamente vos será aplicado e precisais de indulgência para os pecados em que sem cessar incorreis. Ignorais que há muitas ações que são crimes aos olhos do Deus de pureza e que o mundo nem sequer como faltas leves considera?

A verdadeira caridade não consiste apenas na esmola que dais, nem, mesmo, nas palavras de consolação que lhe aditeis. Não, não é apenas isso o que Deus exige de vós. A caridade sublime, que Jesus ensinou, também consiste na benevolência de que useis sempre e em todas as coisas para com o vosso próximo. Podeis ainda exercitar essa virtude sublime com relação a seres para os quais nenhuma utilidade terão as vossas esmolas, mas que algumas palavras de consolo, de encorajamento, de amor, conduzirão ao Senhor supremo.

Estão próximos os tempos, repito-o, em que nesse planeta reinará a grande fraternidade, em que os homens obedecerão à lei do Cristo, lei que será freio e esperança e conduzirá as almas às moradas ditosas. Amai-vos, pois, como filhos do mesmo Pai; não estabeleçais diferenças entre os outros infelizes, porquanto quer Deus que todos sejam iguais; a ninguém desprezeis. Permite Deus que entre vós se achem grandes criminosos, para que vos sirvam de ensinamento. Em breve, quando os homens se encontrarem submetidos às verdadeiras Leis de Deus, já não haverá necessidade desses ensinamentos: todos os Espíritos impuros e revoltados serão relegados para mundos inferiores, de acordo com as suas inclinações.

Deveis, àqueles de quem falo, o socorro das vossas preces: é a verdadeira caridade. Não vos cabe dizer de um criminoso: "É um miserável; deve-se expurgar da sua presença a Terra; muito branda é, para um ser de tal espécie, a morte que lhe infligem." Não, não é assim que vos compete falar. Observai o vosso modelo: Jesus. Que diria Ele, se visse junto de si um desses desgraçados? Lamentá-lo-ia; considerá-lo-ia um doente bem digno de piedade; estender-lhe-ia a mão. Em realidade, não podeis fazer o mesmo; mas, pelo menos, podeis orar por ele, assistir-lhe o Espírito durante o tempo que ainda haja de passar na Terra. Pode ele ser tocado de arrependimento, se orardes com fé. É tanto vosso próximo, como o melhor dos homens; sua alma, transviada e revoltada, foi criada, como a vossa, para se aperfeiçoar; ajudai-o, pois, a sair do lameiro e orai por ele. – Isabel de França. (Havre, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem do Espírito Isabel de França ressalta a importância da verdadeira caridade, que vai além da simples esmola ou palavras de consolação.

Ela enfatiza que a caridade sublime, ensinada por Jesus, também inclui a benevolência em todas as situações com o próximo, mesmo para aqueles que não podem ser ajudados materialmente, mas que podem ser confortados e encorajados com palavras de amor e compaixão.

O Espírito alerta para o perigo do julgamento, destacando que aqueles que julgam severamente serão julgados da mesma forma e que todos precisam de indulgência pelos pecados que cometem.

Ele ressalta que muitas ações consideradas leves pelo mundo são crimes aos olhos de Deus.

Isabel de França também aponta para um futuro de fraternidade e obediência à lei de Cristo, em que os homens viverão em harmonia e seguirão as Leis de Deus.

Ela incentiva a amar o próximo como filhos do mesmo Pai, sem fazer diferenças entre os desafortunados, pois todos são iguais aos olhos de Deus.

A mensagem conclui com um apelo à oração pelos criminosos e desafortunados, em vez de desprezá-los.

Ela destaca que Jesus, nosso modelo, teria compaixão e estenderia a mão a eles.

Assim, mesmo que não possamos fazer o mesmo, podemos orar por eles e ajudar seus Espíritos a se arrependem e se aperfeiçoarem.

Deve-se expor a vida por um malfeitor?

15. Acha-se em perigo de morte um homem; para o salvar tem um outro que expor a vida. Sabe-se, porém, que aquele é um malfeitor e que, se escapar, poderá cometer novos crimes. Deve, não obstante, o segundo arriscar-se para o salvar?

Questão muito grave é esta e que naturalmente se pode apresentar ao espírito. Responderei, na conformidade do meu adiantamento moral, pois o de que se trata é de saber se se deve expor a vida, mesmo por um malfeitor. O devotamento é cego; socorre-se um inimigo; deve-se, portanto, socorrer o inimigo da sociedade, a um malfeitor, em suma. Julgais que será somente à morte que, em tal caso, se corre a arrancar o desgraçado? É, talvez, a toda a sua vida passada. Imaginai, com efeito, que, nos rápidos instantes que lhe arrebatam os derradeiros alentos de vida, o homem perdido volve ao seu passado, ou que, antes, este se ergue diante dele. A morte, quiçá, lhe chega cedo demais; a reencarnação poderá vir a ser-lhe terrível. Lançai-vos, então, ó homens; lançai-vos todos vós a quem a ciência espírita esclareceu; lançai-vos, arrancai-o à sua condenação e, talvez, esse homem, que teria morrido a blasfemar, se atirárá nos vossos braços. Todavia, não tendes que indagar se o fará, ou não; socorrei-o, porquanto, salvando-o, obedeceis a essa voz do coração, que vos diz: "Podes salvá-lo, salva-o!" – Lamennais. (Paris, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

O Espírito Lamennais aborda uma questão moral complexa: a de expor a própria vida para salvar um malfeitor.

Ele destaca o devotamento cego, que não faz distinção entre amigos e inimigos, sugerindo que se deve socorrer até mesmo o inimigo da sociedade, o malfeitor.

Lamennais argumenta que ao salvar o malfeitor, não se está apenas salvando-o da morte iminente, mas também de sua vida passada e das consequências que isso pode ter em sua próxima reencarnação.

Ele incentiva a agir com base no esclarecimento da ciência espírita, que traz a compreensão dos processos espirituais, e a seguir a

voz do coração que diz para salvar, sem se preocupar com a possível reação do malfeitor.

Essa mensagem ressalta a importância do amor e do perdão, mesmo em situações difíceis, e a ideia de que, ao ajudar alguém, estamos contribuindo para a sua evolução espiritual, além de promover a harmonia e a fraternidade entre os seres.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XII - Amai os vossos inimigos

• Retribuir o mal com o bem • Os inimigos desencarnados • Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra • Instruções dos Espíritos: A vingança – O ódio – O duelo

Retribuir o mal com o bem

1. Aprendestes que foi dito: "Amareis o vosso próximo e odiareis os vossos inimigos." Eu, porém, vos digo: "Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam, a fim de serdes filhos do vosso Pai que está nos céus e que faz se levante o Sol para os bons e para os maus e que chova sobre os justos e os injustos. Porque, se só amardes os que vos amam, qual será a vossa recompensa?

Não procedem assim também os publicanos? Se apenas os vossos irmãos saudardes, que é o que com isso fazeis mais do que os outros? Não fazem outro tanto os pagãos?" (Mateus, 5:43 a 47.) "Digo-vos que, se a vossa justiça não for mais abundante que a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus." (Mateus, 5:20.)

NOSSO COMENTÁRIO

O Evangelho Segundo o Espiritismo nos convida a refletir sobre a importância de retribuir o mal com o bem, indo além do amor aos próximos e alcançando até mesmo aqueles que nos prejudicam.

Essa passagem evangélica destaca a superioridade da lei de amor sobre a lei de justiça, demonstrando que amar os inimigos é uma forma de progresso moral.

Amar os inimigos não significa concordar com suas ações ou se submeter a elas, mas sim manter um sentimento de benevolência e compreensão, desejando-lhes o bem e agindo de forma a contribuir para seu desenvolvimento espiritual.

Orar pelos que nos perseguem e caluniam é uma maneira de elevar nossos sentimentos, demonstrando a verdadeira grandeza de alma.

Essa atitude vai além do comportamento comum, pois é fácil amar aqueles que nos amam.

A verdadeira recompensa vem quando somos capazes de amar e fazer o bem àqueles que nos tratam com hostilidade.

Isso nos coloca em sintonia com a lei divina, que busca a evolução e a felicidade de todos os seres, independentemente de suas ações passadas.

Assim, ao seguir esse ensinamento, buscamos nos tornar verdadeiros filhos de Deus, refletindo sua bondade e amor incondicional para com todos os seres.

2. "Se somente amardes os que vos amam, que mérito se vos reconhecerá, uma vez que as pessoas de má vida também amam os que as amam? Se o bem somente o fizerdes aos que vo-lo fazem, que mérito se vos reconhecerá, dado que o mesmo faz a gente de má vida? Se só emprestardes àqueles de quem possais esperar o mesmo favor, que mérito se vos reconhecerá, quando as pessoas de má vida se entreajudam dessa maneira, para auferir a mesma vantagem? Pelo que vos toca, amai os vossos inimigos, fazei bem a todos e auxiliai sem esperar coisa alguma. Então, muito grande será a vossa recompensa e sereis filhos do Altíssimo, que é bom para os ingratos e até para os maus. Sede, pois, cheios de misericórdia, como cheio de misericórdia é o vosso Deus." (Lucas, 6:32 a 36.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nessa passagem, Jesus nos convida a transcender a lógica comum da reciprocidade no amor e na benevolência.

Ele nos ensina que amar apenas aqueles que nos amam não tem grande mérito, pois até mesmo pessoas de má conduta podem agir assim.

Da mesma forma, fazer o bem apenas àqueles que nos tratam bem não nos destaca, pois até mesmo pessoas de má índole podem se comportar dessa maneira por interesse.

A verdadeira grandeza está em amar os nossos inimigos e em fazer o bem a todos, sem esperar nada em troca.

Esse é o caminho para sermos reconhecidos como verdadeiros filhos do Altíssimo, que é bom até mesmo para os ingratos e maus.

Ao agirmos assim, demonstramos misericórdia, seguindo o exemplo do nosso Deus, que é cheio de misericórdia.

Essa passagem nos convida a elevar nossos padrões morais, buscando não apenas a reciprocidade nas relações, mas sim o amor e a bondade incondicionais, independentemente do comportamento dos outros.

É um convite a praticar a verdadeira caridade, que não espera recompensa e que é capaz de transformar não apenas a nossa vida, mas também a daqueles que nos cercam.

3. Se o amor do próximo constitui o princípio da caridade, amar os inimigos é a mais sublime aplicação desse princípio, porquanto a posse de tal virtude representa uma das maiores vitórias alcançadas contra o egoísmo e o orgulho.

Entretanto, há geralmente equívoco no tocante ao sentido da palavra amar, neste passo. Não pretendeu Jesus, assim falando, que cada um de nós tenha para com o seu inimigo a ternura que dispensa a um irmão ou amigo. A ternura pressupõe confiança; ora, ninguém pode depositar confiança numa pessoa, sabendo que esta lhe quer mal; ninguém pode ter para com ela expansões de amizade, sabendo-a capaz de abusar dessa atitude. Entre pessoas que desconfiam umas das outras, não pode haver essas manifestações de simpatia que existem entre as que comungam nas mesmas ideias. Enfim, ninguém pode sentir, em estar com um inimigo, prazer igual ao que sente na companhia de um amigo.

A diversidade na maneira de sentir, nessas duas circunstâncias diferentes, resulta mesmo de uma lei física: a da assimilação e da repulsão dos fluidos. O pensamento malévolos determina uma corrente fluídica que impressiona penosamente. O pensamento benévolo nos envolve num agradável eflúvio. Daí a diferença das sensações que se experimenta à aproximação de um amigo ou de um inimigo. Amar os inimigos não pode, pois, significar que não se deva

estabelecer diferença alguma entre eles e os amigos. Se este preceito parece de difícil prática, impossível mesmo, é apenas por entender-se falsamente que ele manda se dê no coração, assim ao amigo, como ao inimigo, o mesmo lugar. Uma vez que a pobreza da linguagem humana obriga a que nos sirvamos do mesmo termo para exprimir matizes diversos de um sentimento, à razão cabe estabelecer as diferenças, conforme os casos.

Amar os inimigos não é, portanto, ter-lhes uma afeição que não está na natureza, visto que o contato de um inimigo nos faz bater o coração de modo muito diverso do seu bater, ao contato de um amigo. Amar os inimigos é não lhes guardar ódio, nem rancor, nem desejos de vingança; é perdoar-lhes, sem pensamento oculto e sem condições, o mal que nos causem; é não opor nenhum obstáculo à reconciliação com eles; é desejar-lhes o bem, e não o mal; é experimentar júbilo, em vez de pesar, com o bem que lhes advenha; é socorrê-los, apresentando-se ocasião; é abster-se, quer por palavras, quer por atos, de tudo o que os possa prejudicar; é, finalmente, retribuir-lhes sempre o mal com o bem, sem a intenção de os humilhar. Quem assim procede preenche as condições do mandamento: Amai os vossos inimigos.

NOSSO COMENTÁRIO

Comentando as passagens evangélicas sobre o amor aos inimigos com o subtítulo “retribuir o mal com o bem”, Allan Kardec esclarece o verdadeiro significado de amar os inimigos, destacando que não se trata de sentir para com eles a mesma ternura e confiança que dedicamos aos amigos.

A ternura pressupõe confiança mútua, algo impossível de se estabelecer com alguém que nos quer mal.

Amar os inimigos, portanto, não significa colocá-los no mesmo patamar afetivo que os amigos, mas sim não guardar ódio, rancor ou desejo de vingança contra eles.

É perdoar sem condições, não colocar obstáculos à reconciliação, desejar-lhes o bem genuinamente e ficar contente com o bem que lhes acontece.

É ajudá-los quando possível, abster-se de prejudicá-los com palavras ou ações, e sempre retribuir o mal com o bem, sem intenção de humilhá-los.

Dessa forma, amar os inimigos representa uma vitória sobre o egoísmo e o orgulho, sendo uma das mais sublimes aplicações do princípio do amor ao próximo.

É um convite à prática da verdadeira caridade, que vai além das aparências e se manifesta nas ações concretas de compreensão, perdão e auxílio mútuo.

4. Amar os inimigos é, para o incrédulo, um contrassenso, aquele para quem a vida presente é tudo, vê no seu inimigo um ser nocivo, que lhe perturba o repouso e do qual unicamente a morte, pensa ele, o pode livrar. Daí, o desejo de vingar-se. Nenhum interesse tem em perdoar, senão para satisfazer o seu orgulho perante o mundo. Em certos casos, perdoar-lhe parece mesmo uma fraqueza indigna de si. Se não se vingar, nem por isso deixará de conservar rancor e um secreto desejo de mal para o outro.

Para o crente e, sobretudo, para o espírita, muito diversa é a maneira de ver, porque suas vistas se lançam sobre o passado e sobre o futuro, entre os quais a vida atual não passa de um simples ponto. Sabe ele que, pela mesma destinação da Terra, deve esperar topar aí com homens maus e perversos; que as maldades com que se defronta fazem parte das provas que lhe cumpre suportar e o elevado ponto de vista em que se coloca lhe torna menos amargas as vicissitudes, quer advenham dos homens, quer das coisas. Se não se queixa das provas, tampouco deve queixar-se dos que lhe servem de instrumento. Se, em vez de se queixar, agradece a Deus o experimentá-lo, deve também agradecer a mão que lhe dá ensejo de demonstrar a sua paciência e a sua resignação. Esta ideia o dispõe naturalmente ao perdão. Sente, além disso, que quanto mais generoso for, tanto mais se engrandece aos seus próprios olhos e se põe fora do alcance dos dardos do seu inimigo.

O homem que no mundo ocupa elevada posição não se julga ofendido com os insultos daquele a quem considera seu inferior. O mesmo se dá com o que, no mundo moral, se eleva acima da humanidade material. Este compreende que o ódio e o rancor o aviltariam e rebaixariam. Ora, para ser superior

ao seu adversário, preciso é que tenha a alma maior, mais nobre, mais generosa do que a desse último.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec aborda a perspectiva do incrédulo e do crente, especialmente do espírita, em relação ao perdão e ao amor aos inimigos.

Para o incrédulo, amar os inimigos é um contrassenso, pois ele vê na vida presente o seu único horizonte e considera o inimigo como alguém nocivo que perturba sua paz e que só a morte pode livrá-lo.

Assim, o desejo de vingança surge como uma forma de satisfazer o orgulho perante os outros.

Mesmo que o incrédulo perdoe, pode fazê-lo por motivos egoístas ou como uma fraqueza indigna.

Por outro lado, para o crente, especialmente para o espírita, a visão é diferente, pois ele compreende que a vida atual é apenas uma parte de sua existência, que se estende para o passado e o futuro.

Ele entende que as dificuldades e as maldades que encontra são provas a serem enfrentadas e que fazem parte de sua evolução espiritual.

Assim, ele não se queixa das provas, nem dos que lhe causam dificuldades, mas agradece a oportunidade de demonstrar sua paciência e resignação, sabendo que isso o engrandece aos olhos de Deus e a si mesmo.

Para o espírita, ser generoso e perdoar é uma forma de elevar-se acima das pequenas questões materiais e demonstrar sua superioridade moral.

Assim como uma pessoa de alta posição não se sente ofendida pelos insultos de alguém que considera inferior, o espírita que busca

elevar-se moralmente compreende que o ódio e o rancor o rebaixariam.

Portanto, para ser verdadeiramente superior ao seu adversário, é necessário ter uma alma maior, mais nobre e mais generosa.

Os inimigos desencarnados

5. Ainda outros motivos tem o espírita para ser indulgente com os seus inimigos. Sabe ele, primeiramente, que a maldade não é um estado permanente dos homens; que ela decorre de uma imperfeição temporária e que, assim como a criança se corrige dos seus defeitos, o homem mau reconhecerá um dia os seus erros e se tornará bom.

Sabe também que a morte apenas o livra da presença material do seu inimigo, pois que este o pode perseguir com o seu ódio, mesmo depois de haver deixado a Terra; que, assim, a vingança, que tome, falha ao seu objetivo, visto que, ao contrário, tem por efeito produzir maior irritação, capaz de passar de uma existência a outra. Cabia ao Espiritismo demonstrar, por meio da experiência e da lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, que a expressão: extinguir o ódio com o sangue é radicalmente falsa, que a verdade é que o sangue alimenta o ódio, mesmo no além-túmulo. Cabia-lhe, portanto, apresentar uma razão de ser positiva e uma utilidade prática ao perdão e ao preceito do Cristo:

Amai os vossos inimigos. Não há coração tão perverso que, mesmo a seu mau grado, não se mostre sensível ao bom proceder. Mediante o bom procedimento, tira-se, pelo menos, todo pretexto às represálias, podendo-se até fazer de um inimigo um amigo, antes e depois de sua morte. Com um mau proceder, o homem irrita o seu inimigo, que então se constitui instrumento de que a Justiça de Deus se serve para punir aquele que não perdoou.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec discute a importância do perdão e da indulgência para com os inimigos, especialmente considerando a possibilidade de que esses inimigos, após a morte, possam continuar a influenciar negativamente aqueles que lhes desejaram mal.

Ele destaca que a maldade não é um estado permanente dos seres humanos, mas sim uma imperfeição temporária que pode ser corrigida ao longo do tempo, assim como uma criança corrige seus defeitos à medida que cresce.

O espírita compreende que a morte apenas livra da presença física do inimigo, mas não do sentimento de ódio que pode persistir no mundo espiritual.

Portanto, a vingança não alcança seu objetivo, pois pode gerar ainda mais ódio e irritação, que podem se prolongar para além da vida terrena.

O perdão, por outro lado, apresenta uma razão de ser positiva e uma utilidade prática, pois ao agir com bondade e perdão, elimina-se qualquer pretexto para represálias, e até mesmo pode-se transformar um inimigo em amigo, tanto nesta vida quanto na próxima.

Kardec ressalta que mesmo os corações mais perversos podem se sensibilizar diante de um bom procedimento, e que através dele, é possível evitar ser instrumento da Justiça Divina ao perpetuar um ciclo de ódio e vingança.

Assim, o perdão e o amor aos inimigos não apenas contribuem para a evolução espiritual individual, mas também para a transformação do mundo, ao substituir a violência e o ódio pela compreensão e pela paz.

6. Pode-se, portanto, contar inimigos assim entre os encarnados, como entre os desencarnados. Os inimigos do mundo invisível manifestam sua maledivolência pelas obsessões e subjugações com que tanta gente se vê a braços e que representam um gênero de provações, as quais, como as outras, concorrem para o adiantamento do ser, que, por isso, as deve receber com resignação e como consequência da natureza inferior do globo terrestre. Se não houvesse homens maus na Terra, não haveria Espíritos maus ao seu derredor. Se, consequentemente, se deve usar de benevolência com os inimigos encarnados, do mesmo modo se deve proceder com relação aos que se acham desencarnados.

Outrora, sacrificavam-se vítimas sangrentas para aplacar os deuses infernais, que não eram senão os maus Espíritos. Aos deuses infernais sucederam os demônios, que são a mesma coisa. O Espiritismo demonstra que esses demônios mais não são do que as almas dos homens perversos, que ainda se não despojaram dos instintos materiais; que ninguém logra aplacá-los, senão mediante o sacrifício do ódio existente, isto é, pela caridade; que esta não tem por efeito, unicamente, impedi-los de praticar o mal, e sim também o de os reconduzir ao caminho do bem e de contribuir para a salvação deles. É assim que o mandamento: Amai os vossos inimigos não se circunscreve ao âmbito aca-nhado da Terra e da vida presente; antes, faz parte da grande lei da solidariedade e da fraternidade universais.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec destaca a importância de considerar os inimigos tanto entre os encarnados quanto entre os desencarnados.

Ele menciona que os inimigos do mundo invisível manifestam sua malevolência através de obsessões e subjugações, que são pro-vações que contribuem para o progresso espiritual das pessoas.

Portanto, é necessário receber essas provações com resignação, entendendo que fazem parte da natureza inferior da Terra.

Kardec ressalta que, se não houvesse homens maus na Terra, não haveria Espíritos maus ao redor dela.

Assim, da mesma forma como se deve ser benevolente com os inimigos encarnados, também se deve agir com benevolência em relação aos desencarnados.

Ele faz uma analogia interessante, mencionando que antigamente as pessoas sacrificavam vítimas sangrentas para aplacar os deuses infernais, que na verdade eram os maus Espíritos.

Com o tempo, esses deuses infernais foram substituídos pela ideia de demônios, que são essencialmente as almas dos homens perversos que ainda não se despojaram dos instintos materiais.

O Espiritismo, segundo Kardec, demonstra que os demônios podem ser aplacados apenas através do sacrifício do ódio, ou seja, através da prática da caridade.

A caridade não apenas impede que eles causem o mal, mas também os reconduz ao caminho do bem e contribui para a salvação deles.

Assim, o mandamento de amar os inimigos vai além da vida terrena e se insere na lei da solidariedade e fraternidade universais, mostrando a importância de se estender o amor e a benevolência a todos os seres, estejam eles encarnados ou desencarnados.

**Se alguém vos bater na face direita,
apresentai-lhe também a outra**

7. Aprendestes que foi dito: Olho por olho e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal que vos queiram fazer; que se alguém vos bater na face direita, lhe apresenteis também a outra; e que se alguém quiser pleitear contra vós, para vos tomar a túnica, também lhe entregueis o manto; e que se alguém vos obrigar a caminhar mil passos com ele, caminheis mais dois mil. Dai àquele que vos pedir e não repilais aquele que vos queira tomar emprestado. (Mateus, 5:38 a 42.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta passagem, Jesus apresenta um ensinamento revolucionário sobre a resposta ao mal e à injustiça.

Ele contrasta o antigo ensinamento de "olho por olho, dente por dente", que era uma forma de justiça retributiva, com um novo ensinamento de não resistir ao mal com mais mal.

Ao invés de retribuir o mal com a mesma moeda, Jesus ensina a responder ao mal com o bem e à agressão com a não resistência.

Ele sugere que, se alguém nos bater em uma face, devemos oferecer a outra, mostrando uma atitude de não violência e de transcendência da vingança.

Ele também ensina a não reter a túnica quando alguém quiser nos tomar, a caminhar além do exigido e a dar generosamente a quem pedir.

Esses ensinamentos de Jesus apontam para uma ética da não violência, da generosidade e do amor ao próximo, mesmo diante de situações injustas.

Ele nos convida a quebrar o ciclo de violência e retaliação, e a responder ao mal com a prática do bem, buscando assim a transformação das relações humanas e a construção de um mundo mais justo e compassivo.

8. Os preconceitos do mundo sobre o que se convencionou chamar "ponto de honra" produzem essa suscetibilidade sombria, nascida do orgulho e da exaltação da personalidade, que leva o homem a retribuir uma injúria com outra injúria, uma ofensa com outra, o que é tido como justiça por aquele cujo senso moral não se acha acima do nível das paixões terrenas. Por isso é que a lei mosaica prescrevia: olho por olho, dente por dente, de harmonia com a época em que Moisés vivia. Veio o Cristo e disse: "Retribuí o mal com o bem." E disse ainda: "Não resistais ao mal que vos queiram fazer; se alguém vos bater numa face, apresentai-lhe a outra." Ao orgulhoso este ensino parecerá uma covardia, porquanto ele não compreende que haja mais coragem em suportar um insulto do que em tomar uma vingança, e não compreende, porque sua visão não pode ultrapassar o presente.

Dever-se-á, entretanto, tomar ao pé da letra aquele preceito? Tampouco quanto o outro que manda se arranque o olho, quando for causa de escândalo. Levado o ensino às suas últimas consequências, importaria ele em condenar toda repressão, mesmo legal, e deixar livre o campo aos maus, isentando-os de todo e qualquer motivo de temor. Se se lhes não pusesse um freio às agressões, bem depressa todos os bons seriam suas vítimas. O próprio instinto de conservação, que é uma Lei da Natureza, obsta a que alguém estenda o pescoço ao assassino. Enunciando, pois, aquela máxima, não pretendeu Jesus interdizer toda defesa, mas condenar a vingança.

Dizendo que apresentemos a outra face àquele que nos haja batido numa, disse, sob outra forma, que não se deve pagar o mal com o mal; que o homem deve aceitar com humildade tudo o que seja de molde a lhe abater o

orgulho; que maior glória lhe advém de ser ofendido do que de ofender, de suportar pacientemente uma injustiça do que de praticar alguma; que mais vale ser enganado do que enganador, arruinado do que arruinar os outros. É, ao mesmo tempo, a condenação do duelo, que não passa de uma manifestação de orgulho. Somente a fé na vida futura e na Justiça de Deus, que jamais deixa impune o mal, pode dar ao homem forças para suportar com paciência os golpes que lhe sejam desferidos nos interesses e no amor-próprio. Daí vem o repetirmos incessantemente: Lançai para diante o olhar; quanto mais vos elevardes pelo pensamento, acima da vida material, tanto menos vos *magoarão as coisas da Terra*.

NOSSO COMENTÁRIO

Aqui, Allan Kardec aborda os preconceitos relacionados ao chamado "ponto de honra", que levam as pessoas a retribuírem uma injúria com outra, uma ofensa com outra, sob a justificativa de que estão agindo com justiça, mas na realidade estão agindo impulsionadas pelo orgulho e pela exaltação da personalidade.

Ele menciona que essa mentalidade está ligada à lei mosaica do "olho por olho, dente por dente", que refletia o senso de justiça da época de Moisés.

Kardec contrasta essa mentalidade com o ensinamento de Jesus, que propõe retribuir o mal com o bem e não resistir ao mal que nos queiram fazer.

Ele argumenta que, para os orgulhosos, esses ensinamentos podem parecer covardes, pois não compreendem que há mais coragem em suportar um insulto do que em buscar vingança.

No entanto, Kardec ressalta que não se deve interpretar esses ensinamentos de forma literal, como se fosse proibido toda forma de defesa ou repressão legal contra o mal.

Jesus não pretendia abolir toda forma de defesa, mas condenar a vingança. Ele ensinava a aceitar com humildade tudo o que

abatesse o orgulho, a suportar pacientemente as injustiças e a não responder ao mal com mais mal.

Esses ensinamentos também condenam o duelo, visto como uma manifestação de orgulho, e ressaltam a importância da fé na vida futura e na justiça de Deus para encontrar forças para suportar as adversidades terrenas.

Kardec enfatiza que quanto mais elevamos nossos pensamentos acima da vida material, menos nos magoamos com as coisas da Terra.

Instruções dos Espíritos: A vingança

9. A vingança é um dos últimos remanescentes dos costumes bárbaros que tendem a desaparecer dentre os homens. É, como o duelo, um dos derradeiros vestígios dos hábitos selvagens sob cujos guantes se debatia a Humanidade, no começo da Era Cristã, razão por que a vingança constitui indício certo do estado de atraso dos homens que a ela se dão e dos Espíritos que ainda as inspirem. Portanto, meus amigos, nunca esse sentimento deve fazer vibrar o coração de quem quer que se diga e proclame espírita. Vingarse é, bem o sabeis, tão contrário àquela prescrição do Cristo: "Perdoai aos vossos inimigos", que aquele que se nega a perdoar não somente não é espírita como também não é cristão. A vingança é uma inspiração tanto mais funesta, quanto tem por companheiras assíduas a falsidade e a baixeza. Com efeito, aquele que se entrega a essa fatal e cega paixão quase nunca se vinga a céu aberto. Quando é ele o mais forte, cai qual fera sobre o outro a quem chama seu inimigo, desde que a presença deste último lhe inflame a paixão, a cólera, o ódio. Porém, as mais das vezes assume aparências hipócritas, ocultando nas profundezas do coração os maus sentimentos que o animam. Toma caminhos escusos, segue na sombra o inimigo, que de nada desconfia, e espera o momento azado para sem perigo feri-lo. Esconde-se do outro, espreitando-o de contínuo, prepara-lhe odiosas armadilhas e, sendo propícia a ocasião, derrama-lhe no copo o veneno. Quando seu ódio não chega a tais extremos, ataca-o então na honra e nas afeições; não recua diante da calúnia, e suas pérfidas insinuações, habilmente espalhadas a todos os ventos, se vão avolumando pelo caminho. Em consequência, quando o perseguido se apresenta nos lugares por onde passou o sopro do perseguidor, espanta-se de dar com semblantes frios,

em vez de fisionomias amigas e benevolentes que outrora o acolhiam. Fica estupefato quando mãos que se lhe estendiam, agora se recusam a apertar as suas. Enfim, sente-se aniquilado, ao verificar que os seus mais caros amigos e parentes se afastam e o evitam. Ah! o covarde que se vinga assim é cem vezes mais culpado do que o que enfrenta o seu inimigo e o insulta em plena face.

Fora, pois, com esses costumes selvagens! Fora com esses processos de outros tempos! Todo espírita que ainda hoje pretendesse ter o direito de vingar-se seria indigno de figurar por mais tempo na falange que tem como divisa: Sem caridade não há salvação! Mas não, não posso deter-me a pensar que um membro da grande família espírita ouse jamais, de futuro, ceder ao impulso da vingança, senão para perdoar. – Júlio Olivier. (Paris, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, o Espírito Júlio Olivier aborda a vingança como um resquício dos costumes bárbaros que ainda persistem entre os homens.

Ele a compara ao duelo, como um vestígio dos hábitos selvagens do início da Era Cristã, indicando um estado de atraso tanto dos homens quanto dos Espíritos que a inspiram.

Olivier destaca que a vingança é contrária à prescrição de Jesus de perdoar aos inimigos, sendo, portanto, um comportamento incompatível com o espiritismo e com o cristianismo.

Ele ressalta que a vingança muitas vezes se disfarça de falsidade e baixeza, levando a ações dissimuladas e cruéis.

O Espírito também descreve como a vingança pode se manifestar de maneira hipócrita e covarde, envolvendo ações como calúnia, armadilhas e envenenamento, além de ataques à honra e às afeições.

Ele enfatiza que aquele que se vinga de forma dissimulada é ainda mais culpado do que aquele que enfrenta seu inimigo diretamente.

Olivier conclama os espíritas a abandonarem esses costumes selvagens, destacando que o verdadeiro espírita deve ser aquele que perdoa, não aquele que busca vingança.

Ele ressalta a importância da caridade e do perdão como valores fundamentais para a salvação, e adverte contra a tentação de ceder ao impulso da vingança.

O ódio

10. Amai-vos uns aos outros e sereis felizes. Tomai sobretudo a peito amar os que vos inspiram indiferença, ódio ou desprezo. O Cristo, que deveis considerar modelo, deu-vos o exemplo desse devotamento. Missionário do amor, Ele amou até dar o sangue e a vida por amor. Penoso vos é o sacrifício de amardes os que vos ultrajam e perseguem; mas, precisamente, esse sacrifício é que vos torna superiores a eles. Se os odiásseis, como vos odeiam, não valeríeis mais do que eles. Amá-los é a hóstia imácua que oferecis a Deus na ara dos vossos corações, hóstia de agradável aroma e cujo perfume lhe sobe até o seio. Se bem a lei de amor mande que cada um ame indistintamente a todos os seus irmãos, ela não couraça o coração contra os maus procederem; esta é, ao contrário, a prova mais angustiosa, e eu o sei bem, porquanto, durante a minha última existência terrena, experimentei essa tortura; mas Deus lá está e pune nesta vida e na outra os que violam a lei de amor. Não esqueçais, meus queridos filhos, que o amor aproxima de Deus a criatura e o ódio a distancia dele. – Fénelon. (Bordeaux, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste trecho, o Espírito Fénelon enfatiza a importância de amar não apenas aqueles que nos são queridos, mas também aqueles que nos despertam indiferença, ódio ou desprezo.

Ele destaca que amar os que nos prejudicam e perseguem é um sacrifício, mas é esse sacrifício que nos eleva acima deles.

Fénelon ressalta o exemplo de Jesus, que amou até dar sua vida por amor.

Ele afirma que amar os que nos odeiam nos torna superiores a eles e que esse amor é uma oferta pura e agradável a Deus, cujo perfume chega até Ele.

O Espírito reconhece que amar os que nos tratam mal é uma prova angustiante, mas lembra que Deus está presente e pune aqueles que violam a lei do amor, seja nesta vida ou na próxima.

Ele encerra sua mensagem alertando que o amor aproxima a criatura de Deus, enquanto o ódio a afasta Dele.

Fénelon nos lembra, portanto, da importância de praticar o amor mesmo diante das dificuldades e dos desafios, pois é através do amor que nos aproximamos de Deus e alcançamos a verdadeira felicidade.

O duelo

11. Só é verdadeiramente grande aquele que, considerando a vida uma viagem que o há de conduzir a determinado ponto, pouco caso faz das asperezas da jornada e não deixa que seus passos se desviem do caminho reto. Com o olhar constantemente dirigido para o termo a alcançar, nada lhe importa que as urzes e os espinhos ameacem produzir-lhe arranhaduras; umas e outros lhe roçam a epiderme, sem o ferirem, nem impedirem de prosseguir na caminhada. Expor seus dias para se vingar de uma injúria é recuar diante das provações da vida, é sempre um crime aos olhos de Deus; e, se não fôsseis, como sois iludidos pelos vossos prejuízos, tal coisa seria ridícula e uma suprema loucura aos olhos dos homens.

Há crime no homicídio em duelo; a vossa própria legislação o reconhece. Ninguém tem o direito, em caso algum, de atentar contra a vida de seu semelhante: é um crime aos olhos de Deus, que vos traçou a linha de conduta que tendes de seguir. Nisso, mais do que em qualquer outra circunstância, sois juízes em causa própria. Lembrai-vos de que somente vos será perdoado, conforme perdoardes; pelo perdão vos acercais da Divindade, pois a clemência é irmã do poder. Enquanto na Terra correr uma gota de sangue humano, vertida pela mão dos homens, o verdadeiro Reino de Deus ainda se não terá implantado aí, reino de paz e de amor, que há de banir para sempre do vosso planeta a animosidade, a discórdia, a guerra. Então, a palavra duelo somente existirá na

vossa linguagem como longínqua e vaga recordação de um passado que se foi. Nenhum outro antagonismo existirá entre os homens, afora a nobre rivalidade do bem. – Adolfo, bispo de Argel. (Marmande, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste ensinamento, o Espírito Adolfo, bispo de Argel, condena veementemente o duelo, considerando-o um ato de covardia e uma transgressão grave da lei divina.

Ele destaca que aquele que é verdadeiramente grande é aquele que, mesmo diante das dificuldades e provocações da vida, mantém-se firme em seu propósito, sem se deixar desviar pelo desejo de vingança.

Adolfo ressalta que o duelo é um crime aos olhos de Deus e da legislação humana, pois ninguém tem o direito de atentar contra a vida de seu semelhante.

Ele enfatiza que a clemência e o perdão são virtudes que aproximam o homem da Divindade e que a verdadeira paz e amor só serão alcançados quando o homem abolir a animosidade e a violência de suas relações.

O Espírito conclui sua mensagem destacando que, no Reino de Deus, a palavra duelo será apenas uma vaga lembrança do passado, e que a única rivalidade existente entre os homens será a busca pelo bem e pela virtude.

12. Em certos casos, sem dúvida, pode o duelo constituir uma prova de coragem física, de desprezo pela vida, mas também é, incontestavelmente, uma prova de covardia moral, como o suicídio. O suicida não tem coragem de enfrentar as vicissitudes da vida; o duelista não tem a de suportar as ofensas.

Não vos disse o Cristo que há mais honra e valor em apresentar a face esquerda àquele que bateu na direita, do que em vingar uma injúria? Não disse Ele a Pedro, no Jardim das Oliveiras: “Mete a tua espada na bainha, porquanto aquele que matar com a espada perecerá pela espada?” Assim falando, não condenou, para sempre, o duelo? Efetivamente, meus filhos, que é essa

coragem oriunda de um gênio violento, de um temperamento sanguíneo e cólerico, que ruge à primeira ofensa?

Onde a grandeza da alma daquele que, à menor injúria, entende que só com sangue a poderá lavar? Ah! que ele trema! No fundo da sua consciência, uma voz lhe bradará sempre: Caim! Caim! que fizeste de teu irmão? Foi-me necessário derramar sangue para salvar a minha honra, responderá ele a essa voz. Ela, porém, retrucará: Procuraste salvá-la perante os homens, por alguns instantes que te restavam de vida na Terra, e não pensaste em salvá-la perante Deus! Pobre louco! Quanto sangue exigiria de vós o Cristo, por todos os ultrajes que recebeu! Não só o feristes com os espinhos e a lança, não só o pregastes num madeiro infamante, como também o fizestes ouvir, em meio de sua agonia atroz, as zombarias que lhe prodigalizastes. Que reparação a tantos insultos vos pediu Ele? O último brado do cordeiro foi uma súplica em favor dos seus algozes! Oh! como Ele, perdoai e orai pelos que vos ofendem.

Amigos, lembrai-vos deste preceito: "Amai-vos uns aos outros" e, então, a um golpe desferido pelo ódio respondereis com um sorriso, e ao ultraje com o perdão. O mundo, sem dúvida, se levantará furioso e vos tratará de covardes; erguei bem alto a fronte e mostrai que também ela se não temeria de cingir-se de espinhos, a exemplo do Cristo, mas, que a vossa mão não quer ser cúmplice de um assassinio autorizado por falsos ares de honra, que, entretanto, não passa de orgulho e amor-próprio.

Dar-se-á que, ao criar-vos, Deus vos outorgou o direito de vida e de morte, uns sobre os outros? Não, só à Natureza conferiu Ele esse direito, para se reformar e reconstruir; quanto a vós, não permite, sequer, que disponhais de vós mesmos. Como o suicida, o duelista se achará marcado com sangue, quando comparecer perante Deus, e a um e outro o Soberano Juiz reserva rudes e longos castigos. Se Ele ameaçou com a sua justiça aquele que disser raca a seu irmão, quão mais severa não será a pena que comine ao que chegar à sua presença com as mãos tintas do sangue de seu irmão! – Santo Agostinho. (Paris, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta instrução, o Espírito Santo Agostinho condena veementemente o duelo, comparando-o ao suicídio como uma prova de covardia moral.

Ele destaca que o verdadeiro valor está em suportar as ofensas e apresentar a outra face, como ensinou Jesus, ao invés de buscar vingança através do duelo.

Agostinho ressalta que a coragem baseada em um temperamento violento e colérico não é verdadeira coragem, mas sim uma fraqueza moral.

Ele faz um apelo aos duelistas para que reconsiderem suas ações, lembrando-os do exemplo de Jesus, que perdoou até mesmo aqueles que o crucificaram.

O Espírito enfatiza que a verdadeira honra não está em buscar vingança, mas em perdoar e orar pelos que nos ofendem.

Ele lembra que Cristo, mesmo diante das piores injúrias, não retaliou, mas pediu perdão para seus algozes.

Agostinho finaliza sua mensagem destacando que nenhum ser humano tem o direito de dispor da vida de outro, e que o duelista, assim como o suicida, terá que prestar contas perante Deus por suas ações.

Ele exorta os fiéis a praticarem o amor ao próximo, respondendo ao ódio com o perdão e mostrando que a verdadeira grandeza está em seguir os ensinamentos de Cristo.

13. O duelo, como o que outrora se denominava o juízo de Deus, é uma das instituições bárbaras que ainda regem a sociedade. Que diríeis, no entanto, se vísseis dois adversários mergulhados em água fervente ou submetidos ao contato de um ferro em brasa, para ser dirimida a contenda entre eles, reconhecendo-se estar a razão com aquele que melhor sofresse a prova? Qualificaríeis de insensatos esses costumes, não é exato? Pois o duelo é coisa pior do que tudo isso. Para o duelista destro, é um assassinio praticado a sangue-frio, com toda a premeditação que possa haver, uma vez que ele está certo da eficácia do golpe que desfechará. Para o adversário, quase certo de sucumbir em virtude de sua fraqueza e inabilidade, é um suicídio cometido com a mais fria reflexão. Sei que muitas vezes se procura evitar essa alternativa igualmente criminosa, confiando ao acaso a questão: mas não é isso voltar, sob outra forma,

ao juízo de Deus, da Idade Média? E nessa época infinitamente menor era a culpa. A própria denominação de juízo de Deus indica a fé, ingênua, é verdade, porém, afinal, fé na Justiça de Deus, que não podia consentir sucumbisse um inocente, ao passo que, no duelo, tudo se confia à força bruta, de tal sorte que não raro é o ofendido que sucumbe.

Ó estúpido amor-próprio, tola vaidade e louco orgulho, quando sereis substituídos pela caridade cristã, pelo amor do próximo e pela humildade que o Cristo exemplificou e preceituou? Só quando isso se der desaparecerão esses preceitos monstruosos que ainda governam os homens, e que as leis são impotentes para reprimir, porque não basta interditar o mal e prescrever o bem; é preciso que o princípio do bem e o horror ao mal morem no coração do homem. – Um Espírito protetor. (Bordeaux, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta mensagem, o Espírito protetor condena veementemente o duelo, comparando-o a práticas bárbaras como o juízo de Deus da Idade Média.

Ele argumenta que o duelo é ainda pior do que essas práticas, pois é um ato de assassinato premeditado para os duelistas habilitados e um ato de suicídio para os menos capazes de vencer.

O Espírito critica o orgulho, a vaidade e o amor-próprio que levam as pessoas a se envolverem em duelos e faz um apelo para que sejam substituídos pela caridade cristã, pelo amor ao próximo e pela humildade ensinada por Cristo.

Destaca que, enquanto esses sentimentos negativos persistirem, as leis serão impotentes para reprimir tais práticas, pois é necessário que o princípio do bem e o repúdio ao mal estejam enraizados no coração humano.

Essa mensagem reforça a ideia de que a verdadeira grandeza está em perdoar e amar o próximo, e não em buscar vingança através da violência.

O Espírito protetor aponta para a necessidade de uma mudança profunda nos valores e nas atitudes das pessoas para que o duelo e outras práticas semelhantes sejam erradicadas da sociedade.

14. Que juízo farão de mim, costumais dizer, se eu recusar a reparação que se me exige, ou se não a reclamar de quem me ofendeu? Os loucos, como vós, os homens atrasados vos censurarão; mas os que se acham esclarecidos pelo facho do progresso intelectual e moral dirão que procedeis de acordo com a verdadeira sabedoria. Refleti um pouco. Por motivo de uma palavra dita às vezes impensadamente, ou inofensiva, vinda de um dos vossos irmãos, o vosso orgulho se sente ferido, respondeis de modo acre e daí uma provocação. Antes que chegue o momento decisivo, inquiris de vós mesmos se procedeis como cristãos? Que contas ficareis devendo à sociedade, por a privardes de um de seus membros? Pensastes no remorso que vos assaltará, por haverdes roubado a uma mulher o marido, a uma mãe o filho, ao filho o pai que lhe servia de amparo? Certamente, o autor da ofensa deve uma reparação; porém, não lhe será mais honroso dá-la espontaneamente, reconhecendo suas faltas, do que expor a vida daquele que tem o direito de se queixar? Quanto ao ofendido, convenho em que, algumas vezes, por ele achar-se gravemente ferido, ou em sua pessoa, ou nas dos que lhe são mais caros, não está em jogo somente o amor-próprio: o coração se acha magoado, sofre. Mas, além de ser estúpido arriscar a vida, lançando-se contra um miserável capaz de praticar infâmias, dar-se-á que, morto este, a afronta, qualquer que seja, deixa de existir? Não é exato que o sangue derramado imprime retumbância maior a um fato que, se falso, cairia por si mesmo, e que, se verdadeiro, deve ficar sepultado no silêncio? Nada mais restará, pois, senão a satisfação da sede de vingança. Ah! triste satisfação que quase sempre dá lugar, já nesta vida, a causticantes remorsos. Se é o ofendido que sucumbe, onde a reparação? Quando a caridade regular a conduta dos homens, eles conformarão seus atos e palavras a esta máxima: "Não façais aos outros o que não quizerdes que vos façam." Verificando-se isso, desaparecerão todas as causas de dissensões e, com elas, as dos duelos e das guerras, que são os duelos de povo a povo. – Francisco Xavier. 13 (Bordeaux, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste comunicado, o Espírito Francisco Xavier aborda a questão do orgulho ferido que leva à busca de reparação através do duelo.

Ele questiona se a atitude de buscar vingança é realmente sábia e cristã, destacando as graves consequências que o duelo pode ter, não apenas para os envolvidos diretamente, mas também para suas famílias e para a sociedade como um todo.

O Espírito enfatiza a importância da reflexão antes de agir impulsivamente, sugerindo que a verdadeira sabedoria está em perdoar e buscar a reconciliação de forma pacífica.

Destaca, também, que, mesmo que haja uma ofensa a ser reparada, é mais honroso e sábio fazê-lo de maneira consciente e voluntária, reconhecendo os próprios erros, do que recorrer à violência e ao duelo.

A mensagem de Francisco Xavier aponta para a necessidade de uma mudança de mentalidade, onde a caridade e o respeito mútuo guiem as ações dos indivíduos, evitando assim conflitos desnecessários e prejudiciais.

Ele conclui ressaltando que, quando a caridade regular a conduta dos homens, todas as causas de dissensões desaparecerão, incluindo os duelos e as guerras.

15. O homem do mundo, o homem venturoso, que por uma palavra chocante, uma coisa ligeira, joga a vida que lhe veio de Deus, joga a vida do seu semelhante, que só a Deus pertence, esse é cem vezes mais culpado do que o miserável que, impelido pela cupidez, algumas vezes pela necessidade, se introduz numa habitação para roubar e matar os que se lhe opõem aos desígnios.

Trata-se quase sempre de uma criatura sem educação, com imperfeitas noções do bem e do mal, ao passo que o duelista pertence, em regra, à classe mais culta. Um mata brutalmente, enquanto o outro o faz com método e polidez, pelo que a sociedade o desculpa. Acrescentarei mesmo que o duelista é

infinitamente mais culpado do que o desgraçado que, cedendo a um sentimento de vingança, mata num momento de exasperação.

O duelista não tem por escusa o arrebatamento da paixão, pois que, entre o insulto e a reparação, dispõe ele sempre de tempo para refletir. Age, portanto, friamente e com premeditado desígnio; estuda e calcula tudo, para com mais segurança matar o seu adversário. É certo que também expõe a vida e é isso o que reabilita o duelo aos olhos do mundo, que nele então só vê um ato de coragem e pouco caso da vida. Mas haverá coragem da parte daquele que está seguro de si?

O duelo, remanescente dos tempos de barbárie, em os quais o direito do mais forte constituía a lei, desaparecerá por efeito de uma melhor apreciação do verdadeiro ponto de honra e à medida que o homem for depositando fé mais viva na vida futura. – Agostinho. (Bordeaux, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

O Espírito Agostinho critica severamente a prática do duelo, comparando-a a um ato de covardia moral.

Ele argumenta que o duelista, ao buscar vingança de forma planejada e premeditada, é mais culpado do que alguém que comete um crime por impulso emocional.

Agostinho destaca que o duelista, geralmente pertencente a uma classe mais educada, tem tempo para refletir sobre suas ações e escolhe friamente expor a própria vida e a do adversário.

O Espírito ressalta a hipocrisia da sociedade, que muitas vezes desculpa o duelo como um ato de coragem, quando na verdade é um ato de egoísmo e desrespeito pela vida.

Ele aponta o duelo como um resquício dos tempos bárbaros, onde a lei do mais forte prevalecia, e destaca que sua erradicação virá com uma melhor compreensão do verdadeiro sentido da honra e com uma fé mais sólida na vida futura.

Agostinho enfatiza que a verdadeira coragem está em perdoar e em resolver os conflitos de forma pacífica, e não em buscar a vingança através da violência.

Ele conclui que o duelo desaparecerá à medida que a humanidade evoluir espiritualmente e compreender que a vida é um dom sagrado que não deve ser desperdiçado em disputas fúteis.

16. Nota. Os duelos se vão tornando cada vez mais raros e, se de tempos a tempos alguns de tão dolorosos exemplos se dão, o número deles não se pode comparar com o dos que ocorriam outrora. Antigamente, um homem não saía de casa sem prever um encontro, pelo que tomava sempre as necessárias precauções. Um sinal característico dos costumes do tempo e dos povos se nos depara no porte habitual, ostensivo ou oculto, de armas ofensivas ou defensivas.

A abolição de semelhante uso demonstra o abrandamento dos costumes e é curioso acompanhar-lhes a gradação, desde a época em que os cavaleiros só cavalgavam bardados de ferro e armados de lança, até a em que uma simples espada à cinta constituía mais um adorno e um acessório do brasão do que uma arma de agressão.

Outro indício da modificação dos costumes está em que, outrora, os combates singulares se empenhavam em plena rua, diante da turba, que se afastava para deixar livre o campo aos combatentes, ao passo que estes hoje se ocultam. Presentemente, a morte de um homem é acontecimento que causa emoção, enquanto noutros tempos ninguém dava atenção a isso. O Espiritismo apagará esses últimos vestígios da barbárie, incutindo nos homens o espírito de caridade e de fraternidade.

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta nota, Allan Kardec observa a diminuição dos duelos ao longo do tempo, destacando que, embora ainda ocorram ocasionalmente, não são tão comuns como antigamente.

Ele aponta a mudança nos costumes, exemplificada pela redução do porte de armas e pela diminuição dos duelos públicos, que eram comuns em épocas passadas.

Kardec vê nesse progresso uma demonstração do abrandamento dos costumes e da evolução da sociedade.

Ele destaca que, atualmente, a morte de alguém é vista com mais emoção do que no passado, quando era tratada com maior indiferença.

O codificador da doutrina espírita acredita que o Espiritismo continuará a influenciar positivamente a sociedade, apagando os últimos vestígios de barbárie ao incutir nos indivíduos o espírito de caridade e fraternidade.

Essa visão está alinhada com a ideia central do Espiritismo, que busca promover a evolução moral e espiritual da humanidade.

Comentário adicional ao capítulo 12 do Evangelho Segundo o Espiritismo e a nota explicativa de Allan Kardec, no final do capítulo "Amai os vossos inimigos"

Nos dias de hoje, os duelos assumem formas mais sutis, mas não menos destrutivas, do que os confrontos físicos do passado.

Embora não envolvam mais pistolas ou espadas, os duelos modernos ocorrem com intensidade em diversas áreas da vida, como nas redes sociais, nos relacionamentos interpessoais, no ambiente de trabalho e até mesmo dentro de nós mesmos.

Os duelos de palavras são frequentes, onde as pessoas se confrontam verbalmente de forma agressiva, sem se importar com o impacto de suas palavras no outro.

Os duelos de sentimentos ocorrem quando alimentamos ressentimentos, mágoas e ódios, prejudicando não apenas o outro, mas também a nós mesmos.

Os duelos de pensamentos surgem quando nos fechamos em nossas próprias convicções, recusando-nos a considerar pontos de vista diferentes.

Os duelos de emoções acontecem quando permitimos que nossas emoções negativas, como raiva e inveja, controlem nossas ações.

Esses duelos, embora não deixem marcas físicas visíveis, causam danos profundos em nossa sociedade.

Eles alimentam a divisão, a intolerância e o ódio, afastando-nos da verdadeira essência do cristianismo, que prega o amor, a compaixão e a fraternidade.

Para nos tornarmos verdadeiros cristãos, precisamos abolir esses duelos de nossa sociedade e de nossas vidas.

Devemos substituir as palavras ásperas pela compreensão e pelo diálogo construtivo.

Precisamos cultivar sentimentos de perdão e compaixão, buscando sempre o entendimento mútuo.

É necessário abrir nossa mente para novas ideias e aceitar a diversidade de pensamentos.

E, acima de tudo, devemos aprender a controlar nossas emoções, cultivando a paz interior e a harmonia com o próximo.

Ao abolirmos os duelos modernos, nos tornamos verdadeiros seguidores dos ensinamentos de Cristo, independentemente de nossa raça, religião, posição social ou filiação política.

Assim, poderemos construir uma sociedade mais justa, solidária e fraterna, onde o amor e a compaixão sejam os pilares de nossa convivência.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XIII -

Não sabia a vossa mão esquerda o que dê a vossa mão direita

• Fazer o bem sem ostentação • Os infortúnios ocultos • O óbolo da viúva
• Convidar os pobres e os estropiados. Dar sem esperar retribuição • Instruções dos Espíritos: A caridade material e a caridade moral – A beneficência – A piedade – Os órfãos – Benefícios pagos com a ingratidão – Beneficência exclusiva

Fazer o bem sem ostentação

1. Tende cuidado em não praticar as boas obras diante dos homens, para serem vistas, pois, do contrário, não recebereis recompensa de vosso Pai que está nos céus. Assim, quando derdes esmola, não façais tocar a trombeta diante de vós, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem louvados pelos homens. Digo-vos, em verdade, que eles já receberam sua recompensa. Quando derdes esmola, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a vossa mão direita; a fim de que a esmola fique em segredo, e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará. (Mateus, 6:1 a 4.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem do Evangelho segundo Mateus enfatiza a importância da sinceridade e da humildade nas boas obras.

Jesus adverte sobre a necessidade de não buscar reconhecimento ou elogios públicos ao praticar a caridade, pois a verdadeira recompensa vem de Deus e não da aprovação dos homens.

Ele instrui a fazer o bem discretamente, sem ostentação, para que a ação seja pura e desinteressada. Essa passagem nos lembra que as intenções por trás de nossas ações são tão importantes quanto as próprias ações, e que a verdadeira virtude está em fazer o bem pelo bem, sem buscar glória pessoal.

2. Tendo Jesus descido do monte, grande multidão o seguiu. Ao mesmo tempo, um leproso veio ao seu encontro e o adorou, dizendo: "Senhor, se quiseres, poderás curar-me." — Jesus, estendendo a mão, o tocou e disse: "Quero-o, fica curado" — no mesmo instante

desapareceu a lepra. Disse-lhe então Jesus: "Abstém-te de falar disto a quem quer que seja; mas vai mostrar-te aos sacerdotes e oferece o dom prescrito por Moisés, a fim de que lhes sirva de prova." (Mateus, 8:1 a 4.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nessa passagem, Jesus demonstra sua compaixão e poder de cura ao atender o leproso que se aproximou dele com fé.

O gesto de adoração do leproso mostra sua confiança na capacidade de Jesus de curá-lo, e a resposta de Jesus revela sua vontade e poder de realizar a cura.

Ao ordenar que o leproso se apresente aos sacerdotes e ofereça o dom prescrito por Moisés, Jesus está cumprindo a lei judaica, que exigia que os leprosos fossem examinados pelos sacerdotes após a cura para serem readmitidos na sociedade.

Essa passagem ilustra a bondade de Jesus e sua autoridade sobre as doenças, além de enfatizar a importância da fé e da obediência às leis divinas.

3. Em fazer o bem sem ostentação há grande mérito; ainda mais meritório é ocultar a mão que dá; constitui marca incontestável de grande superioridade moral, porquanto, para encarar as coisas de mais alto do que o faz o vulgo, mister se torna abstrair da vida presente e identificar-se com a vida futura; numa palavra, colocar-se acima da Humanidade, para renunciar à satisfação que advém do testemunho dos homens e esperar a aprovação de Deus. Aquele que prefere ao de Deus o sufrágio dos homens prova que mais fé deposita nestes do que na Divindade e que mais valor dá à vida presente do que à futura. Se diz o contrário, procede como se não cresse no que diz.

Quantos há que só dão na esperança de que o que recebe irá bradar por toda a parte o benefício recebido! Quantos os que, de público, dão grandes somas e que, entretanto, às ocultas, não dariam uma só moeda! Foi por isso que Jesus declarou: "Os que fazem o bem ostentadamente já receberam sua recompensa." Com efeito, aquele que procura a sua própria glorificação na Terra, pelo bem que pratica, já pagou a si mesmo; Deus nada mais lhe deve; só lhe resta receber a punição do seu orgulho.

Não saber a mão esquerda o que dá a mão direita é uma imagem que caracteriza admiravelmente a beneficência modesta. Mas, se há a modéstia real, também há a falsa modéstia, o simulacro da modéstia. Há pessoas que ocultam a mão que dá, tendo, porém, o cuidado de deixar aparecer um pedacinho, olhando em volta para verificar se alguém não o terá visto ocultá-la. Indigna paródia das máximas do Cristo! Se os benfeitores orgulhosos são depreciados entre os homens, que não será perante Deus? Também esses já receberam na Terra sua recompensa. Foram vistos; estão satisfeitos por terem sido vistos. É tudo o que terão.

E qual poderá ser a recompensa do que faz pesar os seus benefícios sobre aquele que os recebe, que lhe impõe, de certo modo, testemunhos de reconhecimento, que lhe faz sentir a sua posição, exaltando o preço dos sacrifícios a que se vota para beneficiá-lo? Oh! para esse, nem mesmo a recompensa terrestre existe, porquanto ele se vê privado da grata satisfação de ouvir bendizer-lhe o nome e é esse o primeiro castigo do seu orgulho. As lágrimas que seca por vaidade, em vez de subirem ao Céu, recaíram sobre o coração do aflito e o ulceraram. Do bem que praticou nenhum proveito lhe resulta, pois que ele o deplora, e todo benefício deplorado é moeda falsa e sem valor.

A beneficência praticada sem ostentação tem duplo mérito. Além de ser caridade material, é caridade moral, visto que resguarda a suscetibilidade do beneficiado, faz-lhe aceitar o benefício, sem que seu amor-próprio se ressinta e salvaguardando-lhe a dignidade de homem, porquanto aceitar um serviço é coisa bem diversa de receber uma esmola. Ora, converter em esmola o serviço, pela maneira de prestá-lo, é humilhar o que o recebe, e, em humilhar a outrem, há sempre orgulho e maldade. A verdadeira caridade, ao contrário, é delicada e engenhosa no dissimular o benefício, no evitar até as simples aparências capazes de melindrar, dado que todo atrito moral aumenta o sofrimento que se origina da necessidade. Ela sabe encontrar palavras brandas e afáveis que coloquem o beneficiado à vontade em presença do benfeitor, ao passo que a caridade orgulhosa o esmaga.

A verdadeira generosidade adquire toda a sublimidade, quando o benfeitor, invertendo os papéis, acha meios de figurar como beneficiado diante daquele a quem presta serviço. Eis o que significam estas palavras: "Não saiba a mão esquerda o que dá a direita."

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem do Evangelho Segundo o Espiritismo ressalta a importância da caridade e da generosidade feitas de forma discreta e desinteressada.

O comentário de Allan Kardec destaca que a verdadeira virtude está em praticar o bem sem buscar reconhecimento ou recompensa dos homens, mas sim a aprovação divina.

Destaca-se também a diferença entre a caridade sincera e a ostentação, enfatizando que o verdadeiro benfeitor não busca ser visto como tal, mas age de forma a preservar a dignidade e a susceptibilidade daquele que recebe a ajuda.

A passagem nos convida a refletir sobre a humildade e a sinceridade em nossas ações, lembrando-nos de que a verdadeira caridade vai além do gesto material, é também moral, buscando sempre o bem-estar do próximo sem qualquer interesse pessoal.

Os infortúnios ocultos

4. Nas grandes calamidades, a caridade se emociona e observam-se impulsos generosos, no sentido de reparar os desastres. No entanto, a par desses desastres gerais, há milhares de desastres particulares, que passam despercebidos: os dos que jazem sobre um grabato sem se queixarem. Esses infortúnios discretos e ocultos são os que a verdadeira generosidade sabe descobrir, sem esperar que peçam assistência.

Quem é esta mulher de ar distinto, de traje tão simples, embora bem cuidado, e que traz em sua companhia uma mocinha tão modestamente vestida? Entra numa casa de sórdida aparência, onde sem dúvida é conhecida, pois que à entrada a saúdam respeitosamente. Aonde vai ela? Sobe até a mansarda, onde jaz uma mãe de família cercada de crianças. À sua chegada, refulge a alegria naqueles rostos emagrecidos. É que ela vai acalmar ali todas as dores. Traz o de que necessitam, condimentado de meigas e consoladoras palavras, que fazem que os seus protegidos, que não são profissionais da mendicância, aceitem o benefício, sem corar. O pai está no hospital e, enquanto lá permanece, a mãe não consegue com o seu trabalho prover as necessidades da família. Graças à boa senhora, aquelas pobres crianças não mais sentirão frio,

nem fome; irão à escola agasalhadas e, para as menorzinhas, o leite não secará no seio que as amamenta. Se entre elas alguma adoecer, não lhe repugnarão a ela, à boa dama, os cuidados materiais de que essa necessite. Dali vai ao hospital levar ao pai algum reconforto e tranquilizá-lo sobre a sorte da família. No canto da rua, uma carruagem a espera, verdadeiro armazém de tudo o que destina aos seus protegidos, que lhe recebem sucessivamente a visita. Não lhes pergunta qual a crença que professam, nem quais suas opiniões, pois considera como seus irmãos e filhos de Deus todos os homens. Terminado o seu giro, diz de si para consigo: Comecei bem o meu dia. Qual o seu nome? Onde mora? Ninguém o sabe. Para os infelizes, é um nome que nada indica; mas é o anjo da consolação. À noite, um concerto de bênçãos se eleva em seu favor ao Pai celestial: católicos, judeus, protestantes, todos a bendizem.

Por que tão singelo traje? Para não insultar a miséria com o seu luxo. Por que se faz acompanhar da filha? Para que aprenda como se deve praticar a beneficência. A mocinha também quer fazer a caridade. A mãe, porém, lhe diz: "Que podes dar, minha filha, quando nada tens de teu? Se eu te passar às mãos alguma coisa para que dêes a outrem, qual será o teu mérito? Nesse caso, em realidade, serei eu quem faz a caridade; que merecimento terias nisso? Não é justo. Quando visitamos os doentes, tu me ajudas a tratá-los. Ora, dispensar cuidados é dar alguma coisa. Não te parece bastante isso? Nada mais simples. Aprende a fazer obras úteis e confeccionarás roupas para essas criancinhas. Desse modo, darás alguma coisa que vem de ti." É assim que aquela mãe verdadeiramente cristã prepara a filha para a prática das virtudes que o Cristo ensinou. É espírita ela? Que importa!

Em casa, é a mulher do mundo, porque a sua posição o exige. Ignoram, porém, o que faz, porque ela não deseja outra aprovação, além da de Deus e da sua consciência. Certo dia, no entanto, imprevista circunstância leva-lhe à casa uma de suas protegidas, que andava a vender trabalhos executados por suas mãos. Esta última, ao vê-la, reconheceu nela a sua benfeitora. "Silêncio!" — ordena-lhe a senhora — "não o digas a ninguém." — Falava assim Jesus.

NOSSO COMENTÁRIO

Este texto nos traz uma bela reflexão sobre a caridade discreta e desinteressada, aquela que se manifesta nos pequenos gestos de solidariedade e amor ao próximo.

Ele destaca que, enquanto as grandes calamidades despertam a generosidade e a compaixão, muitos infortúnios particulares passam despercebidos.

A verdadeira generosidade está em descobrir esses infortúnios ocultos e ajudar sem esperar ser solicitado.

O exemplo da mulher descrito no texto ilustra essa ideia: ela visita uma família necessitada, sem alarde, levando o que é necessário e oferecendo conforto e apoio moral.

Sua caridade é discreta e sincera, feita sem ostentação e com amor genuíno ao próximo.

Ao agir assim, ela demonstra a verdadeira virtude da generosidade, que vai além das aparências e busca apenas aliviar o sofrimento alheio.

Essa história nos convida a refletir sobre a importância de agir-mos com bondade e compaixão, mesmo nas situações mais simples e cotidianas, pois é nesses gestos que se manifesta o verdadeiro espírito cristão.

O óbolo da viúva

5. Estando Jesus sentado defronte do gazofilácio, a observar de que modo o povo lançava ali o dinheiro, viu que muitas pessoas ricas o deitavam em abundância. Nisso, veio também uma pobre viúva que apenas deitou duas pequenas moedas do valor de dez centavos cada uma. Chamando então seus discípulos, disse-lhes: "Em verdade vos digo que esta pobre viúva deu muito mais do que todos os que antes puseram suas dádivas no gazofilácio, pois que todos os outros deram do que lhes abunda, ao passo que ela deu do que lhe faz falta, deu mesmo tudo o que tinha para seu sustento." (Marcos, 12:41 a 44; Lucas, 21:1 a 4.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem nos ensina sobre a importância da sinceridade e do sacrifício em nossas ofertas e doações.

Enquanto muitos ricos davam grandes quantias, o destaque foi para a viúva pobre que deu apenas duas pequenas moedas, tudo o que tinha para seu sustento.

Jesus ressalta que a grandeza da doação não está no valor absoluto, mas no sacrifício que representa para quem dá.

A viúva deu de coração, mesmo tendo pouco, enquanto os outros deram apenas do que lhes sobrava.

Isso nos convida a refletir sobre a sinceridade e a generosidade de nossas doações e ofertas, mostrando que o valor não está na quantidade, mas na intenção e no amor com que damos.

6. Muita gente deplora não poder fazer todo o bem que desejara, por falta de recursos suficientes, e, se desejam possuir riquezas, é, dizem, para lhes dar boa aplicação. É sem dúvida louvável a intenção e pode até nalguns ser sincera. Dar-se-á, contudo, seja completamente desinteressada em todos? Não haverá quem, desejando fazer bem aos outros, muito estimaria poder começar por fazê-lo a si próprio, por proporcionar a si mesmo alguns gozos mais, por usufruir de um pouco do supérfluo que lhe falta, pronto a dar aos pobres o resto? Esta segunda intenção, que esses tais porventura dissimulam aos seus próprios olhos, mas que se lhes depararia no fundo dos seus corações, se eles os perscrutassem, anula o mérito do intento, visto que, com a verdadeira caridade, o homem pensa nos outros antes de pensar em si. O ponto sublimado da caridade, nesse caso, estaria em procurar ele no seu trabalho, pelo emprego de suas forças, de sua inteligência, de seus talentos, os recursos de que carece para realizar seus generosos propósitos. Haveria nisso o sacrifício que mais agrada ao Senhor. Infelizmente, a maioria vive a sonhar com os meios de mais facilmente se enriquecer de súbito e sem esforço, correndo atrás de quimeras, quais a descoberta de tesouros, de uma favorável ensanchar aleatória, do recebimento de inesperadas heranças etc. Que dizer dos que esperam encontrar nos Espíritos auxiliares que os secundem na consecução de tais objetivos? Certamente não conhecem, nem compreendem a sagrada finalidade do Espiritismo e, ainda menos, a missão dos Espíritos a quem Deus permite se comuniquem com os homens. Daí vem o serem punidos pelas decepções. (O livro dos médiuns, 2a Parte, itens 294 e 295.)

Aqueles cuja intenção está isenta de qualquer ideia pessoal, devem consolar-se da impossibilidade em que se veem de fazer todo o bem que desejariam, lembrando-se de que o óbolo do pobre, do que dá privando-se do necessário, pesa mais na balança de Deus do que o ouro do rico que dá sem se

privar de coisa alguma. Grande seria realmente a satisfação do primeiro, se pudesse socorrer, em larga escala, a indigência; mas, se essa satisfação lhe é negada, submeta-se e se limite a fazer o que possa. Aliás, será só com o dinheiro que se podem secar lágrimas e dever-se-á ficar inativo, desde que se não tenha dinheiro? Todo aquele que sinceramente deseja ser útil a seus irmãos mil ocasiões encontrará de realizar o seu desejo. Procure-as e elas se lhe depa-
rarão; se não for de um modo, será de outro, porque ninguém há que, no pleno gozo de suas faculdades, não possa prestar um serviço qualquer, prodigalizar um consolo, minorar um sofrimento físico ou moral, fazer um esforço útil. Não dispõem todos, à falta de dinheiro, do seu trabalho, do seu tempo, do seu repouso, para de tudo isso dar uma parte ao próximo? Também aí está a dádiva do pobre, o óbolo da viúva.

NOSSO COMENTÁRIO

Este trecho do Evangelho Segundo o Espiritismo nos recorda da importância da verdadeira caridade e do desprendimento material.

Muitos desejam praticar o bem, mas lamentam não ter recursos suficientes.

Contudo, a intenção de acumular riquezas para realizar boas ações pode ocultar um desejo egoísta de satisfazer a si mesmo antes de pensar nos outros.

A verdadeira caridade consiste em colocar o próximo antes de si mesmo, em buscar nos próprios esforços os meios para concretizar os nobres propósitos.

É fácil fantasiar sobre maneiras de enriquecer sem esforço, mas a verdadeira generosidade reside em utilizar as próprias habilidades, inteligência e talentos para auxiliar o próximo.

Aqueles cuja intenção é genuinamente altruísta, mesmo que não possam realizar todo o bem que desejariam, podem se consolar ao saber que o pouco que oferecem, mesmo que represente um sacrifício para eles, possui maior valor aos olhos de Deus do que grandes doações feitas sem renúncia.

Assim, todos podem encontrar maneiras de ser úteis aos seus semelhantes, mesmo que não possuam grandes recursos financeiros, pois cada um tem algo a contribuir, seja através do seu trabalho, tempo, descanso ou qualquer outra forma de auxílio.

Esta é a verdadeira oferta do pobre, o óbolo da viúva, que é mais valoroso perante Deus do que grandes fortunas doadas sem abnegação.

Convidar os pobres e os estropiados. Dar sem esperar retribuição

7. Disse também àquele que o convidara: "Quando derdes um jantar ou uma ceia, não convideis nem os vossos amigos, nem os vossos irmãos, nem os vossos parentes, nem os vossos vizinhos que forem ricos, para que em seguida não vos convidem a seu turno e assim retribuam o que de vós receberam. Quando derdes um festim, convidai para ele os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos. E sereis ditosos por não terem eles meios de vo-lo retribuir, pois isso será retribuído na ressurreição dos justos."

Um dos que se achavam à mesa, ouvindo essas palavras, disse-lhe: "Feliz do que comer do pão no Reino de Deus!" (Lucas, 14:12 a 15.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem nos ensina sobre a verdadeira generosidade e desprendimento material.

Jesus ensina que, ao fazer um jantar ou uma ceia, não devemos convidar apenas amigos, irmãos, parentes ou vizinhos ricos, que poderiam nos retribuir o convite.

Em vez disso, devemos convidar os pobres, estropiados, coxos e cegos, que não têm meios de retribuir.

Ao agir assim, estaremos praticando a verdadeira caridade, sem esperar nada em troca.

Seremos abençoados, não pelo que recebemos em troca, mas pela própria ação de dar sem esperar recompensa.

A retribuição virá na ressurreição dos justos, indicando que nossas boas ações serão recompensadas no plano espiritual, não necessariamente de forma material.

Essa passagem nos convida a refletir sobre a importância de praticar a caridade de forma desinteressada, sem esperar reconhecimento ou recompensa terrena.

8. "Quando derdes um festim", disse Jesus, "não convideis para ele os vossos amigos, mas os pobres e os estropiados." Estas palavras, absurdas se tomadas ao pé da letra, são sublimes, se lhes buscarmos o espírito. Não é possível que Jesus haja pretendido que, em vez de seus amigos, alguém reúna à sua mesa os mendigos da rua. Sua linguagem era quase sempre figurada e, para os homens incapazes de apanhar os delicados matizes do pensamento, precisava servir-se de imagens fortes, que produzissem o efeito de um colorido vivo. O âmago do seu pensamento se revela nesta proposição: "E sereis ditos por não terem eles meios de vo-lo retribuir." Quer dizer que não se deve fazer o bem tendo em vista uma retribuição, mas tão só pelo prazer de o praticar.

Usando de uma comparação vibrante, disse: Convidai para os vossos festins os pobres, pois sabeis que eles nada vos podem retribuir. Por festins deveis entender, não os repastos propriamente ditos, mas a participação na abundância de que desfrutais.

Todavia, aquela advertência também pode ser aplicada em sentido mais literal. Quantos não convidam para suas mesas apenas os que podem, como eles dizem, fazer-lhes honra ou, a seu turno, convidá-los! Outros, ao contrário, encontram satisfação em receber os parentes e amigos menos felizes. Ora, quem não os conta entre os seus? Dessa forma, grande serviço, às vezes, se lhes presta, sem que o pareça. Aqueles, sem irem recrutar os cegos e os estropiados, praticam a máxima de Jesus, se o fazem por benevolência, sem ostentação, e sabem dissimular o benefício, por meio de uma sincera cordialidade.

NOSSO COMENTÁRIO

Esse trecho nos convida a compreender a profundidade do ensinamento de Jesus sobre a verdadeira caridade e a generosidade desinteressada.

Quando Ele diz para não convidarmos nossos amigos para um festim, mas os pobres e os estropiados, está nos alertando sobre a natureza da verdadeira benevolência.

Não se trata literalmente de convidar pessoas desconhecidas ou mendigos para nossas mesas, mas sim de agir com generosidade sem esperar retribuição.

A mensagem é clara: devemos praticar o bem não por interesse em receber algo em troca, mas pela simples alegria de ajudar o próximo.

É um convite a agir com bondade genuína, sem buscar reconhecimento ou vantagem pessoal.

A verdadeira caridade está em oferecer nosso auxílio de forma discreta e sincera, sem a necessidade de alardear nossas boas ações.

Ao agirmos assim, estamos seguindo o exemplo de Jesus, que ensinou o amor incondicional e a compaixão pelos menos favorecidos.

Instruções dos Espíritos: A caridade material e a caridade moral

9. "Amemo-nos uns aos outros e façamos aos outros o que quereríamos nos fizessem eles." Toda a religião, toda a moral se acham encerradas nestes dois preceitos. Se fossem observados nesse mundo, todos seríeis felizes: não mais aí ódios, nem ressentimentos. Direi ainda: não mais pobreza, porquanto, do supérfluo da mesa de cada rico, muitos pobres se alimentariam e não mais veríeis, nos quarteirões sombrios onde habitei durante a minha última encarnação, pobres mulheres arrastando consigo miseráveis crianças a quem tudo faltava.

Ricos! pensai nisto um pouco. Auxiliai os infelizes o melhor que puderdes. Dai, para que Deus, um dia, vos retribua o bem que houverdes feito, para que tenhais, ao sairdes do vosso invólucro terreno, um cortejo de Espíritos agradecidos, a receber-vos no limiar de um mundo mais ditoso.

Se pudésseis saber da alegria que experimentei ao encontrar no Além aqueles a quem, na minha última existência, me fora dado servir!...

Amai, portanto, o vosso próximo; amai-o como a vós mesmos, pois já sabeis, agora, que, repelindo um desgraçado, estareis, quiçá, afastando de vós um irmão, um pai, um amigo vosso de outrora. Se assim for, de que desespero não vos sentireis presa, ao reconhecê-lo no mundo dos Espíritos!

Desejo compreendais bem o que seja a caridade moral, que todos podem praticar, que nada custa, materialmente falando, porém, que é a mais difícil de exercer-se.

A caridade moral consiste em se suportarem umas às outras as criaturas e é o que menos fazeis nesse mundo inferior, onde vos achais, por agora, encarnados. Grande mérito há, crede-me, em um homem saber calar-se, deixando fale outro mais tolo do que ele. É um gênero de caridade isso. Saber ser surdo quando uma palavra zombeteira se escapa de uma boca habituada a escarnecer; não ver o sorriso de desdém com que vos recebem pessoas que, muitas vezes erradamente, se supõem acima de vós, quando na vida espírita, a única real, estão, não raro, muito abaixo, constitui merecimento, não do ponto de vista da humildade, mas do da caridade, porquanto não dar atenção ao mau proceder de outrem é caridade moral.

Essa caridade, no entanto, não deve obstar à outra. Tende, porém, cuidado, principalmente em não tratar com desprezo o vosso semelhante. Lembrai-vos de tudo o que já vos tenho dito: Tende presente sempre que, repelindo um pobre, talvez repilais um Espírito que vos foi caro e que, no momento, se encontra em posição inferior à vossa. Encontrei aqui um dos pobres da Terra, a quem, por felicidade, eu pudera auxiliar algumas vezes, e ao qual, a meu turno, tenho agora de implorar auxílio.

Lembrai-vos de que Jesus disse que todos somos irmãos e pensai sempre nisso, antes de repelirdes o leproso ou o mendigo. Adeus: pensai nos que sofrem e orai. – Irmã Rosália. (Paris, 1860.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem da irmã Rosália destaca a importância da caridade material e moral, fundamentais para a evolução espiritual e para a construção de um mundo mais justo e fraterno.

Ela ressalta que o amor ao próximo e a prática do bem são os pilares de toda religião e moralidade, capazes de eliminar ódios e ressentimentos.

Ao mencionar a caridade material, ela faz um apelo aos ricos para que auxiliem os mais necessitados, compartilhando o supérfluo e garantindo uma vida digna para todos.

A generosidade não deve ser apenas uma ação superficial, mas uma expressão sincera de solidariedade, pois o que se faz ao próximo ecoará na espiritualidade futura.

Já a caridade moral é descrita como a capacidade de suportar as imperfeições alheias, de calar diante da tolice alheia e de não retribuir com desprezo as atitudes negativas.

É um desafio maior, pois requer controle sobre as próprias reações e a capacidade de compreender as fraquezas dos outros.

A irmã Rosália destaca que a verdadeira caridade não se resume a ações materiais, mas também à compreensão e ao respeito ao próximo em sua integralidade.

Ela nos lembra que todos somos irmãos e que, ao ajudarmos os que sofrem, estamos exercendo a verdadeira essência do ensinamento de Jesus.

10. Meus amigos, a muitos dentre vós tenho ouvido dizer: Como hei de fazer caridade, se amiúde nem mesmo do necessário disponho?

Amigos, de mil maneiras se faz a caridade. Podeis fazê-la por pensamentos, por palavras e por ações. Por pensamentos, orando pelos pobres abandonados, que morreram sem se acharem sequer em condições de ver a luz. Uma prece feita de coração os alivia. Por palavras, dando aos vossos companheiros de todos os dias alguns bons conselhos, dizendo aos que o desespero, as privações azedaram o ânimo e levaram a blasfemar do nome do Altíssimo: "Eu era como sois; sofria, sentia-me desgraçado, mas acreditei no Espiritismo e, vede, agora sou feliz." Aos velhos que vos disserem: "É inútil; estou no fim da minha jornada; morrerei como vivi", dizei: "Deus usa de justiça igual para com todos

nós; lembrai-vos dos obreiros da última hora.” Às crianças já viciadas pelas companhias de que se cercaram e que vão pelo mundo, prestes a sucumbir às más tentações, dissei: “Deus vos vê, meus caros pequenos”, e não vos canseis de lhes repetir essas brandas palavras. Elas acabarão por lhes germinar nas inteligências infantis e, em vez de vagabundos, fareis deles homens. Também isso é caridade.

Dizem, outros dentre vós: “Ora! somos tão numerosos na Terra, que Deus não nos pode ver a todos.” Escutai bem isto, meus amigos: Quando estais no cume da montanha, não abrangeis com o olhar os bilhões de grãos de areia que a cobrem? Pois bem: do mesmo modo vos vê Deus. Ele vos deixa usar do vosso livre-arbítrio, como vós deixais que esses grãos de areia se movam ao sabor do vento que os dispersa. Apenas, Deus, em sua misericórdia infinita, vos pôs no fundo do coração uma sentinela vigilante, que se chama consciência. Escutai-a, que somente bons conselhos ela vos dará. Às vezes, conseguis entorpecê-la, opondo-lhe o espírito do mal. Ela, então, se cala. Ficai certos, porém, de que a pobre escorraçada se fará ouvir, logo que lhe deixardes aperceber-se da sombra do remorso. Ouvi-a, interrogai-a e com frequência vos achareis consolados com o conselho que dela houverdes recebido.

Meus amigos, a cada regimento novo o general entrega um estandarte. Eu vos dou por divisa esta máxima do Cristo: “Amai-vos uns aos outros.” Observai esse preceito, reuni-vos todos sob essa bandeira e tereis ventura e consolação. – Um Espírito protetor. (Lyon, 1860.)

NOSSO COMENTÁRIO

A instrução do Espírito protetor enfatiza a diversidade de formas de praticar a caridade, que vai além das ações materiais.

Ele destaca que a caridade pode ser feita por pensamentos, palavras e ações, mostrando que todos têm a capacidade de ajudar, independentemente de sua situação material.

Por meio de pensamentos, podemos enviar preces e boas energias para aqueles que sofrem, aliviando seu sofrimento espiritual.

Por meio das palavras, podemos oferecer conselhos e palavras de conforto, levando esperança aos desanimados e direcionando os que se perderam no caminho.

O Espírito protetor também aborda a importância da consciência, nossa sentinela interna, que nos guia para o bem.

Ele nos lembra que, mesmo diante das adversidades, sempre podemos escolher agir com bondade e amor ao próximo, seguindo o exemplo de Cristo.

Ao final, ele destaca o mandamento máximo de amar ao próximo como a si mesmo, ressaltando que essa é a chave para a felicidade e a consolação.

É um convite para que todos se unam sob essa bandeira de amor e fraternidade, buscando sempre fazer o bem, mesmo nas pequenas ações do dia a dia.

A beneficência

11. A beneficência, meus amigos, dar-vos-á nesse mundo os mais puros e suaves deleites, as alegrias do coração, que nem o remorso, nem a indiferença perturbam. Oh! Pudésseis compreender tudo o que de grande e de agradável encerra a generosidade das almas belas, sentimento que faz olhe a criatura as outras como olha a si mesma, e se dispa, jubilosa, para vestir o seu irmão! Pudésseis, meus amigos, ter por única ocupação tornar felizes os outros! Quais as festas mundanas que podereis comparar às que celebrais quando, como representantes da Divindade, levais a alegria a essas famílias que da vida apenas conhecem as vicissitudes e as amarguras, quando vedes nelas os semblantes macerados refulgirem subitamente de esperança, porque, faltos de pão, os desgraçados ouviam seus filhinhos, ignorantes de que viver é sofrer, gritando repetidamente, a chorar, estas palavras, que, como agudo punhal, se lhes enterravam nos corações maternos: "Estou com fome!..." Oh! compreendi quão deliciosas são as impressões que recebe aquele que vê renascer a alegria onde, um momento antes, só havia desespero! Compreendi as obrigações que tendes para com os vossos irmãos! Ide, ide ao encontro do infortúnio; ide em socorro, sobretudo, das misérias ocultas, por serem as mais dolorosas! Ide, meus bem-amados, e tende em mente estas palavras do Salvador: "Quando vestirdes a um destes pequeninos, lembrai-vos de que é a mim que o fazeis!"

Caridade! Sublime palavra que sintetiza todas as virtudes, és tu que hás de conduzir os povos à felicidade. Praticando-te, criarão eles para si infinitos

gozos no futuro e, quando se acharem exilados na Terra, tu lhes serás a consolação, o prelibar das alegrias de que fruirão mais tarde, quando se encontrarem reunidos no seio do Deus de amor. Foste tu, virtude divina, que me proporcionaste os únicos momentos de satisfação de que gozei na Terra. Que os meus irmãos encarnados creiam na palavra do amigo que lhes fala, dizendo-lhes: “É na caridade que deveis procurar a paz do coração, o contentamento da alma, o remédio para as aflições da vida.” Oh! quando estiverdes a ponto de acusar a Deus, lançai um olhar para baixo de vós; vede que de misérias a aliviar, que de pobres crianças sem família, que de velhos sem qualquer mão amiga que os ampare e lhes feche os olhos quando a morte os reclame! Quanto bem a fazer! Oh! não vos queixeis; ao contrário, agradecei a Deus e prodigalizai a mancheias a vossa simpatia, o vosso amor, o vosso dinheiro por todos os que, deserdados dos bens desse mundo, enlanguescem na dor e no insulamento! Colhereis nesse mundo bem doces alegrias e, mais tarde... só Deus o sabe!... – Adolfo, bispo de Argel. (Bordeaux, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

A instrução do Espírito Adolfo, bispo de Argel, ressalta a importância e os benefícios da prática da beneficência.

Ele destaca que a generosidade e a caridade trazem uma satisfação profunda e duradoura, livres de remorso e indiferença, proporcionando alegrias genuínas e puras.

O Espírito Adolfo faz um apelo emocionado para que as pessoas compreendam a grandiosidade e a gratificação de ajudar os outros, especialmente os mais necessitados.

Ele descreve vividamente a cena de levar alegria a famílias que sofrem privações, mostrando como o ato de dar pode transformar vidas e encher os corações de esperança.

A mensagem enfatiza a responsabilidade que cada um tem em relação ao próximo, lembrando que ajudar os necessitados é como servir a Deus diretamente.

Ele cita as palavras de Jesus sobre vestir os pequeninos como se estivesse fazendo a Ele mesmo, destacando a importância de

reconhecer a divindade em cada ser humano e agir com compaixão e amor.

O Espírito Adolfo exalta a caridade como a virtude suprema que pode conduzir os povos à felicidade, tanto no presente quanto no futuro.

Ele testemunha que a caridade foi a fonte de seus únicos momentos de felicidade na Terra, mostrando a profundidade do impacto positivo que a prática da caridade pode ter em nossas vidas.

A mensagem termina com um apelo para que as pessoas se dediquem à caridade, oferecendo simpatia, amor e recursos para aliviar o sofrimento dos desamparados.

Ele encoraja a ver a caridade como um remédio para as aflições da vida, e não como motivo de queixa, pois através dela encontraremos paz e contentamento interior.

12. Sede bons e caridosos: essa a chave dos céus, chave que tendes em vossas mãos. Toda a eterna felicidade se contém neste preceito: "Amai-vos uns aos outros." Não pode a alma elevar-se às altas regiões espirituais, senão pelo devotamento ao próximo; somente nos arroubos da caridade encontra ela ventura e consolação. Sede bons, amparai os vossos irmãos, deixai de lado a horrenda chaga do egoísmo. Cumprido esse dever, abrir-se-vos-á o caminho da felicidade eterna. Ademais, qual dentre vós ainda não sentiu o coração pulsar de júbilo, de íntima alegria, à narrativa de um ato de bela dedicação, de uma obra verdadeiramente caridosa? Se unicamente buscásseis a volúpia que uma ação boa proporciona, conservar-vos-íeis sempre na senda do progresso espiritual. Não vos faltam os exemplos; rara é apenas a boa vontade. Notai que a vossa história guarda piedosa lembrança de uma multidão de homens de bem.

Não vos disse Jesus tudo o que concerne às virtudes da caridade e do amor? Por que desprezar os seus ensinamentos divinos? Por que fechar o ouvido às suas divinas palavras, o coração a todos os seus bondosos preceitos? Quisera eu que dispensassem mais interesse, mais fé às leituras evangélicas. Desprezam, porém, esse livro, consideram-no repositório de palavras ocas, uma carta fechada; deixam no esquecimento esse código admirável. Vossos

males provêm todos do abandono voluntário a que votais esse resumo das Leis divinas. Lede-lhe as páginas cintilantes do devotamento de Jesus, e meditai-as.

Homens fortes, armai-vos; homens fracos, fazei da vossa brandura, da vossa fé, as vossas armas. Sede mais persuasivos, mais constantes na propagação da vossa nova doutrina. Apenas encorajamento é o que vos vimos dar; apenas para vos estimularmos o zelo e as virtudes é que Deus permite nos manifestemos a vós outros. Mas, se cada um o quisesse, bastaria a sua própria vontade e a ajuda de Deus; as manifestações espíritas unicamente se produzem para os de olhos fechados e corações indóceis.

A caridade é a virtude fundamental sobre que há de repousar todo o edifício das virtudes terrenas. Sem ela não existem as outras. Sem a caridade não há esperar melhor sorte, não há interesse moral que nos guie; sem a caridade não há fé, pois, a fé não é mais do que pura luminosidade que torna brilhante uma alma caridosa.

A caridade é, em todos os mundos, a eterna âncora de salvação; é a mais pura emanção do próprio Criador; é a sua própria virtude, dada por Ele à criatura. Como desprezar essa bondade suprema? Qual o coração, disso ciente, bastante perverso para recalcar em si e expulsar esse sentimento todo divino? Qual o filho bastante mau para se rebelar contra essa doce carícia: a caridade?

Não ousou falar do que fiz, porque também os Espíritos têm o pudor de suas obras; considero, porém, a que iniciei como uma das que mais hão de contribuir para o alívio dos vossos semelhantes. Vejo com frequência os Espíritos a pedirem lhes seja dado, por missão, continuar a minha tarefa. Vejo-os, minhas bondosas e queridas irmãs, no piedoso e divino ministério; vejo-os praticando a virtude que vos recomendo, com todo o júbilo que deriva de uma existência de dedicação e sacrifícios. Imensa dita é a minha, por ver quanto lhes honra o caráter, quão estimada e protegida é a missão que desempenham. Homens de bem, de boa e firme vontade, uni-vos para continuar amplamente a obra de propagação da caridade; no exercício mesmo dessa virtude, encontrareis a vossa recompensa; não há alegria espiritual que ela não proporcione já na vida presente. Sede unidos, amai-vos uns aos outros, segundo os preceitos do Cristo. Assim seja. – São Vicente de Paulo. (Paris, 1858.)

NOSSO COMENTÁRIO

A instrução do Espírito São Vicente de Paulo destaca a importância fundamental da caridade e do amor ao próximo como chave para a felicidade eterna.

Ele ressalta que a alma só pode elevar-se espiritualmente através do devotamento ao próximo, encontrando nesse sentimento a verdadeira ventura e consolação.

O Espírito São Vicente de Paulo faz um apelo para que as pessoas sejam boas e caridosas, deixando de lado o egoísmo e abraçando a generosidade.

Ele destaca que a prática da caridade não só traz alegria e satisfação, mas também é a base de todas as virtudes terrenas, essenciais para a evolução espiritual.

São Vicente de Paulo lamenta o abandono das pessoas em relação aos ensinamentos evangélicos, que consideram como palavras vazias e sem importância.

Ele enfatiza a necessidade de ler e meditar sobre as palavras de Jesus, que são um guia para uma vida virtuosa e cheia de significado.

A mensagem termina com um apelo à união e à propagação da caridade, ressaltando que esta virtude é a âncora de salvação em todos os mundos.

São Vicente de Paulo exorta as pessoas a se unirem para continuar a obra de caridade, garantindo que no exercício dessa virtude encontrarão sua recompensa e alegria espiritual na vida presente e futura.

13. Chamo-me Caridade; sigo o caminho principal que conduz a Deus. Acompanhai-me, pois conheço a meta a que deveis todos visar. Dei esta manhã o meu giro habitual e, com o coração amargurado, venho dizer-vos: "Ó meus amigos, que de misérias, que de lágrimas, quanto tendes de fazer para secá-las todas!" Em vão, procurei consolar algumas pobres mães, dizendo-lhes ao

ouvido: “Coragem! há corações bons que velam por vós; não sereis abandonadas; paciência! Deus lá está; sois dele amadas, sois suas eleitas.” Elas pareciam ouvir-me e volviam para o meu lado os olhos arregalados de espanto; eu lhes lia no semblante que seus corpos, tiranos do Espírito, tinham fome e que, se é certo que minhas palavras lhes serenavam um pouco os corações, não lhes reconfortavam os estômagos. Repetia-lhes: “Coragem! Coragem!” Então, uma pobre mãe, ainda muito moça, que amamentava uma criancinha, tomou-a nos braços e a estendeu no espaço vazio, como a pedir-me que protegesse aquele entezinho que só encontrava, num seio estéril, insuficiente alimentação. Alhures vi, meus amigos, pobres velhos sem trabalho e, em consequência, sem abrigo, presas de todos os sofrimentos da penúria e, envergonhados de sua miséria, sem ousarem, eles que nunca mendigaram, implorar a piedade dos transeuntes. Com o coração tímido de compaixão, eu, que nada tenho, me fiz mendiga para eles e vou, por toda parte, estimular a beneficência, inspirar bons pensamentos aos corações generosos e compassivos. Por isso é que aqui venho, meus amigos, e vos digo: “Há por aí desgraçados, em cujas choupanas falta o pão, os fogões se acham sem lume e os leitos sem cobertas. Não vos digo o que deveis fazer; deixo aos vossos bons corações a iniciativa. Se eu vos ditasse o proceder, nenhum mérito vos traria a vossa boa ação. Digo-vos apenas: “Sou a caridade e vos estendo as mãos pelos vossos irmãos que sofrem.” Mas, se peço, também dou e dou muito. Convido-vos para um grande banquete e forneço a árvore onde todos vos saciareis! Vede quanto é bela, como está carregada de flores e de frutos! Ide, ide, colhei, apanhai todos os frutos dessa magnificente árvore que se chama a beneficência. No lugar dos ramos que lhe tirardes, atarei todas as boas ações que praticardes e levarei a árvore a Deus, que a carregará de novo, porquanto a beneficência é inexaurível. Acompanhai-me, pois, meus amigos, a fim de que eu vos conte entre os que se arrolam sob a minha bandeira. Nada temais; eu vos conduzirei pelo caminho da salvação, porque sou — a Caridade. — Cárita, martirizada em Roma. (Lyon, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem do Espírito Cárita, que foi martirizada em Roma, ressalta a importância da caridade e da compaixão para com os mais necessitados.

Ela relata suas experiências ao tentar consolar mães pobres e velhos desamparados, que sofrem com a falta de alimentos e abrigo.

Mesmo sem posses, Cárita se fez mendiga para ajudar aqueles em necessidade e incentiva os corações generosos a agirem.

Cárita convida a todos para um grande banquete de beneficência, simbolizado por uma árvore carregada de flores e frutos.

Ela representa a beneficência como uma árvore inexaurível, sempre pronta para fornecer frutos de bondade e ajuda aos que necessitam.

Cárita pede que todos se juntem a ela sob sua bandeira, garantindo que os conduzirá pelo caminho da salvação.

A mensagem de Cárita ressalta a importância de agir com compaixão e generosidade para com os menos afortunados, lembrando que a caridade é uma virtude que traz consolação e satisfação espiritual.

14. Várias maneiras há de fazer-se a caridade, que muitos dentre vós confundem com a esmola. Diferença grande vai, no entanto, de uma para outra. A esmola, meus amigos, é algumas vezes útil, porque dá alívio aos pobres; mas é quase sempre humilhante, tanto para o que a dá, como para o que a recebe. A caridade, ao contrário, liga o benfeitor ao beneficiado e se disfarça de tantos modos! Pode-se ser caridoso, mesmo com os parentes e com os amigos, sendo uns indulgentes para com os outros, perdoando-se mutuamente as fraquezas, cuidando não ferir o amor-próprio de ninguém. Vós, espíritas, podeis sê-lo na vossa maneira de proceder para com os que não pensam como vós, induzindo os menos esclarecidos a crer, mas sem os chocar, sem investir contra as suas convicções e sim atraindo-os amavelmente às nossas reuniões, onde poderão ouvir-nos e onde saberemos descobrir nos seus corações a brecha para neles penetrarmos. Eis aí um dos aspectos da caridade.

Escutai agora o que é a caridade para com os pobres, os deserdados deste mundo, mas recompensados de Deus, se aceitam sem queixumes as suas misérias, o que de vós depende. Far-me-ei compreender por um exemplo.

Vejo, várias vezes, cada semana, uma reunião de senhoras, havendo-as de todas as idades. Para nós, como sabeis, são todas irmãs. Que fazem? Trabalham depressa, muito depressa; têm ágeis os dedos. Vede como trazem alegres os semblantes e como lhes batem em unísono os corações. Mas com que fim trabalham? É que veem aproximar-se o inverno que será rude para os lares pobres. As formigas não puderam juntar durante o estio as provisões necessárias e a maior parte de suas utilidades estão empenhadas. As pobres mães se inquietam e choram, pensando nos filhinhos que, durante a estação invernos, sentirão frio e fome! Tende paciência, infortunadas mulheres. Deus inspirou a outras mais aquinhoadas do que vós; elas se reuniram e estão confeccionando roupinhas; depois, um destes dias, quando a Terra se achar coberta de neve e vós vos lamentardes, dizendo: "Deus não é justo", que é o que vos sai dos lábios sempre que sofreis, vereis surgir um dos filhos dessas boas trabalhadoras que se constituíram obreiras dos pobres, pois que é para vós que elas trabalham assim, e os vossos lamentos se mudarão em bênçãos, dado que no coração dos infelizes o amor acompanha de bem perto o ódio.

Como essas trabalhadoras precisam de encorajamento, vejo chegarem-lhes de todos os lados as comunicações dos bons Espíritos. Os homens que fazem parte dessa sociedade lhes trazem também seu concurso, fazendo-lhes uma dessas leituras que agradam tanto. E nós, para recompensarmos o zelo de todos e de cada um em particular, prometemos às laboriosas obreiras boa clientela, que lhes pagará à vista, em bênçãos, única moeda que tem curso no Céu, garantindo-lhes, além disso, sem receio de errar, que essa moeda não lhes faltará. – Cárita. (Lyon, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

A instrução do Espírito Cárita destaca a diferença entre a esmola e a caridade, enfatizando que esta última vai além de simplesmente dar dinheiro ou ajuda material.

A verdadeira caridade está em ligar o benfeitor ao beneficiado, em estender a mão com amor e compaixão, sem humilhar quem recebe.

Cárita menciona que a caridade pode se manifestar de várias maneiras, inclusive no perdão e na compreensão com parentes, amigos e mesmo com aqueles que possuem opiniões diferentes.

Para os espíritas, ela destaca a importância de agir com amor e tolerância, atraindo os menos esclarecidos para a doutrina de forma amável e respeitosa.

Um exemplo dado por Cárita ilustra a caridade em ação, mostrando um grupo de mulheres que se reúne para confeccionar roupas para os pobres antes da chegada do inverno rigoroso.

Essas mulheres trabalham com alegria e dedicação, sabendo que estão ajudando aqueles que não têm como se proteger do frio.

O exemplo mostra como a caridade pode ser prática, envolvendo esforço e trabalho para beneficiar o próximo.

Cárita também menciona que essas trabalhadoras recebem encorajamento dos bons Espíritos e daqueles que as apoiam, garantindo-lhes que sua generosidade será recompensada com bênçãos.

Essa mensagem ressalta a ideia de que a caridade é uma virtude valiosa, que traz consigo não apenas o alívio das necessidades materiais, mas também a gratidão e a bênção daqueles que são beneficiados por ela.

15. Meus caros amigos, todos os dias ouço entre vós dizerem: "Sou pobre, não posso fazer a caridade", e todos os dias vejo que faltais com a indulgência aos vossos semelhantes. Nada lhes perdoais e vos arvorais em juízes muitas vezes severos, sem quererdes saber se ficaríeis satisfeitos que do mesmo modo procedessem convosco. Não é também caridade a indulgência? Vós, que apenas podeis fazer a caridade praticando a indulgência, fazei-a assim, mas fazei-a largamente. Pelo que toca à caridade material, vou contar-vos uma história do outro mundo.

Dois homens acabavam de morrer. Dissera Deus: "Enquanto esses dois homens viverem, deitar-se-ão em sacos diferentes as boas ações de cada um deles, para que por ocasião de sua morte sejam pesados." Quando ambos

chegaram aos últimos momentos, mandou Deus que lhe trouxessem os dois sacos. Um estava cheio, volumoso, atochado, e nele ressoava o metal que o enchia; o outro era pequenino e tão vazio que se podiam contar as moedas que continha. "Este o meu", disse um, "reconheço-o; fui rico e dei muito." "Este o meu", disse o outro, "sempre fui pobre, oh! quase nada tinha para repartir." Mas, oh! surpresa! postos na balança os dois sacos, o mais volumoso se revelou leve, mostrando-se pesado o outro, tanto que fez se elevasse muito o primeiro no prato da balança. Deus, então, disse ao rico: "Deste muito, é certo, mas deste por ostentação e para que o teu nome figurasse em todos os templos do orgulho e, ademais, dando, de nada te privaste. Vai para a esquerda e fica satisfeito com o te serem as tuas esmolas contadas por qualquer coisa." Depois, disse ao pobre: "Tu deste pouco, meu amigo; mas cada uma das moedas que estão nesta balança representa uma privação que te impuseste; não deste esmolas, entretanto, praticaste a caridade, e, o que vale muito mais, fizeste a caridade naturalmente, sem cogitar de que te fosse levada em conta; foste indulgente; não te constituíste juiz do teu semelhante; ao contrário, todas as suas ações lhe relevaste: passa à direita e vai receber a tua recompensa. – Um Espírito protetor. (Lyon, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

A instrução do Espírito protetor destaca a importância da indulgência como uma forma de caridade.

Muitas vezes, as pessoas se consideram incapazes de praticar a caridade material por serem pobres, mas esquecem que a indulgência, ou seja, o perdão e a compreensão para com o próximo, também é uma forma valiosa de caridade.

O exemplo dado sobre os dois homens que morreram ilustra essa ideia.

Um homem rico pensava que sua generosidade ostensiva o colocaria em boa posição diante de Deus, mas suas boas ações eram feitas mais por vaidade do que por verdadeira compaixão.

Por outro lado, um homem pobre, mesmo tendo pouco, praticava a caridade de forma discreta, sem buscar reconhecimento.

Ao serem pesados os méritos de ambos, o homem pobre foi mais valorizado aos olhos de Deus, pois sua caridade era genuína, feita com amor e sem alarde.

Essa história nos ensina que a verdadeira caridade não está ligada à quantidade de recursos materiais que temos, mas sim à qualidade de nossas intenções e ao amor com que ajudamos o próximo.

A indulgência e a compaixão são formas poderosas de caridade que todos podemos praticar, independentemente de nossa condição financeira.

16. A mulher rica, venturosa, que não precisa empregar o tempo nos trabalhos de sua casa, não poderá consagrar algumas horas a trabalhos úteis aos seus semelhantes? Compre, com o que lhe sobe dos prazeres, agasalhos para o desgraçado que tiritica de frio; confeccione, com suas mãos delicadas, roupas grosseiras, mas quentes; auxilie uma mãe a cobrir o filho que vai nascer. Se por isso seu filho ficar com algumas rendas de menos, o do pobre terá mais com que se aqueça. Trabalhar para os pobres é trabalhar na vinha do Senhor.

E tu, pobre operária, que não tens supérfluo, mas que, cheia de amor aos teus irmãos, também queres dar do pouco com que contas, dá algumas horas do teu dia, do teu tempo, único tesouro que possuis; faze alguns desses trabalhos elegantes que tentam os felizes; vende o produto dos teus serões e poderás igualmente oferecer aos teus irmãos a tua parte de auxílios. Terás, talvez, algumas fitas de menos; darás, porém, calçado a um que anda descalço.

E vós, mulheres que vos votastes a Deus, trabalhai também na sua obra; mas que os vossos trabalhos não sejam unicamente para adornar as vossas capelas, para chamar a atenção sobre a vossa habilidade e paciência. Trabalhai, minhas filhas, e que o produto de vossas obras se destine a socorrer os vossos irmãos em Deus. Os pobres são seus filhos bem-amados; trabalhar para eles é glorificá-lo. Sede-lhes a providência que diz: "Aos pássaros do céu dá Deus o alimento." Mudem-se o ouro e a prata que se tecem nas vossas mãos em roupas e alimentos para os que não os têm. Fazei isto e abençoado será o vosso trabalho.

Todos vós, que podeis produzir, dai; dai o vosso gênio, dai as vossas inspirações, dai o vosso coração, que Deus vos abençoará. Poetas, literatos, que

só pela gente mundana sois lidos!... satisfazei-lhe aos lazeres, mas consagrai o produto de algumas de vossas obras a socorros aos desgraçados. Pintores, escultores, artistas de todos os gêneros!... venha também a vossa inteligência em auxílio dos vossos irmãos; não será por isso menor a vossa glória e alguns sofrimentos haverá de menos.

Todos vós podeis dar. Qualquer que seja a classe a que pertenceis, de alguma coisa dispodes que podeis dividir. Seja o que for que Deus vos haja outorgado, uma parte do que Ele vos deu deveis àquele que carece do necessário, porquanto, em seu lugar, muito gostaríeis que outro dividisse convosco. Os vossos tesouros da Terra serão um pouco menores; contudo, os vossos tesouros do céu ficarão acrescidos. Lá colhereis pelo cêntuplo o que houverdes semeado em benefícios neste mundo. – João. (Bordeaux, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

A instrução mediúnica do Espírito João ressalta a importância da caridade e do trabalho em prol dos necessitados, independentemente da condição social.

Ele destaca que a caridade não está restrita à doação de dinheiro, mas também ao tempo e aos talentos que podemos oferecer para ajudar o próximo.

Para a mulher rica, é um apelo para que ela dedique parte de seu tempo e recursos para confeccionar agasalhos e auxiliar os necessitados, mesmo que isso signifique abrir mão de algum conforto pessoal.

Já para a pobre operária, a mensagem é de que mesmo sem recursos materiais sobrando, ela pode contribuir com seu trabalho, vendendo o que produz para ajudar os mais necessitados.

As mulheres dedicadas a Deus são incentivadas a trabalhar em prol dos pobres, utilizando suas habilidades para confeccionar roupas e alimentos, em vez de apenas adornar capelas.

A ideia é que o trabalho seja uma forma de glorificar a Deus, ajudando aqueles que são seus filhos bem-amados.

O Espírito João amplia a mensagem para todos os talentos e habilidades, instando poetas, literatos, pintores, escultores e artistas de todos os gêneros a dedicarem parte de seu trabalho para socorrer os desgraçados.

Ele destaca que qualquer pessoa, independente da classe social, tem algo para dividir e que a caridade traz benefícios não apenas para quem recebe, mas também para quem doa, aumentando os tesouros espirituais no céu.

Em resumo, a mensagem enfatiza que a caridade vai além da esmola material e inclui o compartilhamento do tempo, dos talentos e das habilidades para ajudar aqueles que necessitam, trazendo benefícios espirituais tanto para quem doa quanto para quem recebe.

A piedade

17. A piedade é a virtude que mais vos aproxima dos anjos; é a irmã da caridade, que vos conduz a Deus. Ah! deixai que o vosso coração se enteneça ante o espetáculo das misérias e dos sofrimentos dos vossos semelhantes. Vossas lágrimas são um bálsamo que lhes derramais nas feridas e, quando, por bondosa simpatia, chegais a lhes proporcionar a esperança e a resignação, que encanto não experimentais! Tem um certo amargor, é certo, esse encanto, porque nasce ao lado da desgraça; mas não tendo o sabor acre dos gozos mundanos, também não traz as pungentes decepções do vazio que estes últimos deixam após si. Envolve-o penetrante suavidade que enche de júbilo a alma. A piedade, a piedade bem sentidas é amor; amor é devotamento; devotamento é o olvido de si mesmo e esse olvido, essa abnegação em favor dos desgraçados, é a virtude por excelência, a que em toda a sua vida praticou o divino Messias e ensinou na sua doutrina tão santa e tão sublime. Quando esta doutrina for restabelecida na sua pureza primitiva, quando todos os povos se lhe submeterem, ela tornará feliz a Terra, fazendo que reinem aí a concórdia, a paz e o amor.

O sentimento mais apropriado a fazer que progridais, domando em vós o egoísmo e o orgulho, aquele que dispõe vossa alma à humildade, à beneficência e ao amor do próximo, é a piedade! piedade que vos comove até as entranhas à vista dos sofrimentos de vossos irmãos, que vos impele a lhes

estender a mão para socorrê-los e vos arranca lágrimas de simpatia. Nunca, portanto, abafeis nos vossos corações essas emoções celestes; não procedais como esses egoístas endurecidos que se afastam dos aflitos, porque o espetáculo de suas misérias lhes perturbaria por instantes a existência álaure. Temei conservar-vos indiferentes, quando puderdes ser úteis. A tranquilidade comprada à custa de uma indiferença culposa é a tranquilidade do Mar Morto, no fundo de cujas águas se escondem a vasa fétida e a corrupção. Quão longe, no entanto, se acha a piedade de causar o distúrbio e o aborrecimento de que se arreceia o egoísta! Sem dúvida, ao contato da desgraça de outrem, a alma, voltando-se para si mesma, experimenta um confrangimento natural e profundo, que põe em vibração todo o ser e o abala penosamente. Grande, porém, é a compensação, quando chegais a dar coragem e esperança a um irmão infeliz que se entenece ao aperto de uma mão amiga e cujo olhar, úmido, por vezes, de emoção e de reconhecimento, para vós se dirige docemente, antes de se fixar no Céu em agradecimento por lhe ter enviado um consolador, um amparo. A piedade é o melancólico, mas celeste precursor da caridade, primeira das virtudes que a tem por irmã e cujos benefícios ela prepara e enobrece. – Miguel. (Bordeaux, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

A instrução do Espírito Miguel ressalta a importância da piedade como uma virtude que nos aproxima dos anjos e nos conduz a Deus.

Ele destaca que a piedade não é apenas sentir compaixão pelas misérias alheias, mas também agir para aliviar essas misérias, proporcionando esperança e resignação aos que sofrem.

Miguel destaca que a piedade é um sentimento que nos faz esquecer de nós mesmos em favor dos desafortunados, sendo uma virtude por excelência.

Ele compara o sentimento de piedade ao amor, ao devotamento e ao olvido de si mesmo, ressaltando que é uma das virtudes mais importantes praticadas pelo Cristo e ensinadas em sua doutrina.

O Espírito Miguel alerta contra a indiferença diante dos sofrimentos alheios, comparando-a à tranquilidade do Mar Morto, que esconde a corrupção em suas profundezas.

Ele enfatiza que a piedade não causa o distúrbio e o aborrecimento que alguns temem, mas sim traz uma profunda compensação ao proporcionar coragem e esperança aos que sofrem.

Em resumo, a instrução de Miguel nos lembra que a piedade é uma virtude que nos torna mais humanos, nos aproximando de Deus e preparando o terreno para a prática da caridade, que é a mais sublime das virtudes.

Os órfãos

18. Meus irmãos, amai os órfãos. Se soubésseis quanto é triste ser só e abandonado, sobretudo na infância! Deus permite que haja órfãos, para exortar-nos a servir-lhes de pais. Que divina caridade amparar uma pobre criaturinha abandonada, evitar que sofra fome e frio, dirigir-lhe a alma, a fim de que não desgarre para o vício! Agrada a Deus quem estende a mão a uma criança abandonada, porque compreende e pratica a sua lei. Ponderai também que muitas vezes a criança que socorreis vos foi cara noutra encarnação, caso em que, se pudésseis lembrar-vos, já não estaríeis praticando a caridade, mas cumprindo um dever. Assim, pois, meus amigos, todo sofredor é vosso irmão e tem direito à vossa caridade;

não, porém, a essa caridade que magoa o coração, não a essa esmola que queima a mão em que cai, pois frequentemente bem amargos são os vossos óbolos! Quantas vezes seriam eles recusados, se na choupana a enfermidade e a miséria não os estivessem esperando! Dai delicadamente, juntai ao benefício que fizerdes o mais precioso de todos os benefícios: o de uma boa palavra, de uma carícia, de um sorriso amistoso. Evitai esse ar de proteção, que equivale a revolver a lâmina no coração que sangra e considerai que, fazendo o bem, trabalhais por vós mesmos e pelos vossos. – Um Espírito familiar. (Paris, 1860.)

NOSSO COMENTÁRIO

A instrução deste Espírito familiar ressalta a importância de amar e cuidar dos órfãos, destacando a tristeza de ser abandonado, especialmente na infância.

O espírito enfatiza que Deus permite a existência de órfãos para nos exortar a ser seus pais, praticando assim uma divina caridade.

O texto destaca que ajudar uma criança abandonada é agradável a Deus, pois quem estende a mão a ela compreende e pratica a sua lei.

Além disso, sugere que em muitos casos, a criança que socorremos pode ter sido querida por nós em outra encarnação, o que torna nosso auxílio não apenas um ato de caridade, mas também de cumprimento de um dever.

O espírito familiar ressalta a importância de oferecer ajuda de forma delicada, evitando magoar o coração do necessitado.

Ele enfatiza que devemos dar não apenas esmolas materiais, mas também palavras de conforto, carinho e sorrisos amistosos.

O texto destaca que ao praticar o bem, estamos trabalhando não apenas pelos outros, mas também por nós mesmos.

Em resumo, a instrução nos lembra da importância de sermos compassivos e generosos com os órfãos e todos os necessitados, oferecendo não apenas ajuda material, mas também apoio emocional e amoroso.

Benefícios pagos com a ingratidão

19. Que se deve pensar dos que, recebendo a ingratidão em paga de benefícios que fizeram, deixam de praticar o bem para não topar com os ingratos?

Nesses, há mais egoísmo do que caridade, visto que fazer o bem, apenas para receber demonstrações de reconhecimento, é não o fazer com desinteresse, e o bem, feito desinteressadamente, é o único agradável a Deus. Há

também orgulho, porquanto os que assim procedem se comprazem na humildade com que o beneficiado lhes vem depor aos pés o testemunho do seu reconhecimento. Aquele que procura, na Terra, recompensa ao bem que pratica não a receberá no céu. Deus, entretanto, terá em apreço aquele que não a busca no mundo.

Deveis sempre ajudar os fracos, embora saibais de antemão que os a quem fizerdes o bem não vo-lo agradecerão. Ficai certos de que, se aquele a quem prestais um serviço o esquece, Deus o levará mais em conta do que se com a sua gratidão o beneficiado vo-lo houvesse pago. Se Deus permite por vezes sejais pagos com a ingratidão, é para experimentar a vossa perseverança em praticar o bem.

E sabeis, porventura, se o benefício momentaneamente esquecido não produzirá mais tarde bons frutos? Tende a certeza de que, ao contrário, é uma semente que com o tempo germinará. Infelizmente, nunca vedes senão o presente; trabalhais para vós e não pelos outros. Os benefícios acabam por abrandar os mais empedernidos corações; podem ser olvidados neste mundo, mas, quando se desembaraçar do seu envoltório carnal, o Espírito que os recebeu se lembrará deles e essa lembrança será o seu castigo. Deplorará a sua ingratidão; desejará reparar a falta, pagar a dívida noutra existência, não raro buscando uma vida de dedicação ao seu benfeitor. Assim, sem o suspeitardes, tereis contribuído para o seu adiantamento moral e vireis a reconhecer a exatidão desta máxima: um benefício jamais se perde. Além disso, também por vós mesmos tereis trabalhado, porquanto granjeareis o mérito de haver feito o bem desinteressadamente e sem que as decepções vos desanimassem.

Ah! meus amigos, se conhecêsseis todos os laços que prendem a vossa vida atual às vossas existências anteriores; se pudésseis apanhar num golpe de vista a imensidade das relações que ligam uns aos outros os seres, para o efeito de um progresso mútuo, admiraríeis muito mais a sabedoria e a bondade do Criador, que vos concede reviver para chegardes a Ele. – Guia protetor. (Sens, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

A instrução do Espírito guia protetor aborda a questão dos benefícios pagos com a ingratidão, destacando que aqueles que deixam

de praticar o bem por medo da ingratidão demonstram mais egoísmo do que caridade.

Ele enfatiza que fazer o bem apenas para receber reconhecimento não é agir com desinteresse, e que o verdadeiro bem feito desinteressadamente é o único agradável a Deus.

O texto também ressalta que buscar recompensa terrena pelo bem praticado não resultará em recompensa no céu.

Aqueles que praticam o bem desinteressadamente, mesmo que não sejam reconhecidos, são valorizados por Deus.

O Espírito guia protetor enfatiza a importância de ajudar os fracos, mesmo sabendo que podem não receber reconhecimento, pois Deus valoriza mais o bem feito sem esperar recompensa terrena.

Ele explica que a ingratidão pode ser uma forma de Deus testar a perseverança das pessoas em praticar o bem, e que os benefícios, mesmo esquecidos no presente, podem gerar bons frutos no futuro.

O texto destaca que os benefícios nunca se perdem, pois podem influenciar o adiantamento moral do beneficiado em futuras existências, levando-o a reparar a falta e buscar uma vida de dedicação ao benfeitor.

Em suma, a instrução nos lembra da importância de praticar o bem desinteressadamente, sem esperar reconhecimento, pois mesmo que não seja valorizado neste mundo, o benefício pode ter um impacto positivo duradouro no progresso moral e espiritual das pessoas.

Beneficência exclusiva

20. É acertada a beneficência, quando praticada exclusivamente entre pessoas da mesma opinião, da mesma crença, ou do mesmo partido?

Não, porquanto precisamente o espírito de seita e de partido é que precisa ser abolido, visto que são irmãos todos os homens. O verdadeiro cristão vê somente irmãos em seus semelhantes e não procura saber, antes de socorrer

o necessitado, qual a sua crença, ou a sua opinião, seja sobre o que for. Obedeceria o cristão, porventura, ao preceito de Jesus Cristo, segundo o qual devemos amar os nossos inimigos, se repelisse o desgraçado, por professar uma crença diferente da sua? Socorra-o, portanto, sem lhe pedir contas à consciência, pois, se for um inimigo da religião, esse será o meio de conseguir que ele a ame; repelindo-o, faria que a odiasse. – São Luís. (Paris, 1860.)

NOSSO COMENTÁRIO

A instrução do Espírito São Luiz ressalta a importância de a beneficência ser praticada de forma universal, sem distinção de crenças, opiniões ou partidos.

Ele destaca que o verdadeiro espírito cristão reconhece todos os homens como irmãos e não faz discriminações ao socorrer o necessitado.

A mensagem nos lembra do ensinamento de Jesus Cristo sobre amar os inimigos, indicando que, ao socorrer alguém com uma crença diferente da nossa, podemos influenciar positivamente essa pessoa a amar a religião em vez de odiá-la.

A prática da beneficência sem distinção fortalece a ideia de fraternidade e união entre os seres humanos, contribuindo para a construção de um mundo mais solidário e justo.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XIV - Honrai a vosso pai e a vossa mãe

• Piedade filial • Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? • A parentela corporal e a parentela espiritual • Instruções dos Espíritos: A ingratidão dos filhos e os laços de família

1. Sabeis os mandamentos: não cometereis adultério; não matareis; não roubareis; não prestareis falso testemunho; não fareis agravo a ninguém; honrai a vosso pai e a vossa mãe. (Marcos, 10:19; Lucas, 18:20; Mateus, 19:18 e 19.)

2. Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará. (Decálogo: Êxodo, 20:12.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essas passagens do Novo e do Velho Testamento, nos itens 1 e 2 do capítulo XIV do Evangelho Segundo o Espiritismo, "Honrai a vosso pai e a vossa mãe", destacam a importância da piedade filial e do respeito aos pais.

No Novo Testamento, Jesus reforça os mandamentos relacionados ao comportamento moral e ético, incluindo o mandamento de honrar pai e mãe, que é uma das bases da relação familiar.

Esses ensinamentos ressaltam a importância da família e dos laços familiares, tanto os de sangue quanto os espirituais.

A ideia de honrar pai e mãe vai além do simples respeito, abrangendo também o cuidado e a gratidão para com aqueles que nos deram a vida e nos criaram.

A instrução dos Espíritos sobre a ingratidão dos filhos e os laços de família nos lembra que o afeto e a gratidão devem estar presentes

nas relações familiares, pois os laços de família são importantes para o desenvolvimento espiritual de cada indivíduo.

A família, portanto, é vista como uma instituição divina que deve ser valorizada e respeitada.

Piedade filial

3. O mandamento: "Honrai a vosso pai e a vossa mãe" é um corolário da lei geral de caridade e de amor ao próximo, visto que não pode amar o seu próximo aquele que não ama a seu pai e a sua mãe; mas o termo honrai encerra um dever a mais para com eles: o da piedade filial. Quis Deus mostrar por essa forma que ao amor se devem juntar o respeito, as atenções, a submissão e a condescendência, o que envolve a obrigação de cumprir-se para com eles, de modo ainda mais rigoroso, tudo o que a caridade ordena relativamente ao próximo em geral. Esse dever se estende naturalmente às pessoas que fazem as vezes de pai e de mãe, as quais tanto maior mérito têm, quanto menos obrigatório é para elas o devotamento. Deus pune sempre com rigor toda violação desse mandamento.

Honrar a seu pai e a sua mãe não consiste apenas em respeitá-los; é também assisti-los na necessidade; é proporcionar-lhes repouso na velhice; é cercá-los de cuidados como eles fizeram conosco na infância.

Sobretudo para com os pais sem recursos é que se demonstra a verdadeira piedade filial. Obedecem a esse mandamento os que julgam fazer grande coisa porque dão a seus pais o estritamente necessário para não morrerem de fome, enquanto eles de nada se privam, atirando-os para os cômodos mais ínfimos da casa, apenas por não os deixar na rua, reservando para si o que há de melhor, de mais confortável? Ainda bem quando não o fazem de má vontade e não os obrigam a comprar caro o que lhes resta a viver, descarregando sobre eles o peso do governo da casa! Será então aos pais velhos e fracos que cabe servir a filhos jovens e fortes? Ter-lhes-á a mãe vendido o leite quando os amamentava? Contou porventura suas vigílias, quando eles estavam doentes, os passos que deram para lhes obter o de que necessitavam? Não, os filhos não devem a seus pais pobres só o estritamente necessário, devem-lhes também, na medida do que puderem,

os pequenos nada supérfluos, as solitudes, os cuidados amáveis, que são apenas o juro do que receberam, o pagamento de uma dívida sagrada. Unicamente essa é a piedade filial grata a Deus.

Ai, pois, daquele que olvida o que deve aos que o ampararam em sua fraqueza, que com a vida material lhe deram a vida moral, que muitas vezes se impuseram duras privações para lhe garantir o bem-estar. Ai do ingrato: será punido com a ingratidão e o abandono; será ferido nas suas mais caras afeições, algumas vezes já na existência atual, mas com certeza noutra, em que sofrerá o que houver feito aos outros.

Alguns pais, é certo, descumram de seus deveres e não são para os filhos o que deviam ser; mas a Deus é que compete puni-los e não a seus filhos. Não compete a estes censurá-los, porque talvez haja merecido que aqueles fossem quais se mostram. Se a lei da caridade manda se pague o mal com o bem, se seja indulgente para as imperfeições de outrem, se não diga mal do próximo, se lhe esqueçam e perdoem os agravos, se ame até os inimigos, quão maiores não hão de ser essas obrigações, tratando-se de filhos para com os pais! Devem, pois, os filhos tomar como regra de conduta para com seus pais todos os preceitos de Jesus concernentes ao próximo e ter presente que todo procedimento censurável, com relação aos estranhos, ainda mais censurável se torna relativamente aos pais; e que o que talvez não passe de simples falta, no primeiro caso, pode ser considerado um crime, no segundo, porque, aqui, à falta de caridade se junta a ingratidão.

NOSSO COMENTÁRIO

A passagem destaca a importância da piedade filial como um dever que vai além do respeito aos pais, incluindo também a assistência e os cuidados para com eles, especialmente na velhice e na necessidade.

Allan Kardec ressalta que honrar pai e mãe significa não apenas prover o mínimo necessário para sua sobrevivência, mas também garantir-lhes conforto, assistência e cuidados, como forma de retribuir o amor e os sacrifícios que dedicaram aos filhos durante a infância.

O texto também aborda a questão da ingratidão filial, alertando que aqueles que desconsideram seus pais na velhice, relegando-os a

condições de vida inferiores, ou não lhes proporcionando os cuidados devidos, estão agindo de forma contrária à lei divina.

A piedade filial, segundo Kardec, deve ser demonstrada não apenas com o mínimo necessário, mas também com gestos de carinho, atenção e cuidado, como forma de retribuir os sacrifícios e as privações que os pais enfrentaram para criar os filhos.

Assim, a mensagem enfatiza a importância de um relacionamento respeitoso e amoroso entre pais e filhos, baseado na gratidão, na solidariedade e no cuidado mútuo, como parte essencial do desenvolvimento espiritual e moral de cada indivíduo.

4. Deus disse: "Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará." Por que promete Ele como recompensa a vida na Terra e não a vida celeste? A explicação se encontra nestas palavras: "que Deus vos dará", as quais, suprimidas na moderna fórmula do Decálogo, lhe alteram o sentido. Para compreendermos aqueles dizeres, temos de nos reportar à situação e às ideias dos hebreus naquela época. Eles ainda nada sabiam da vida futura, não lhes indo a visão além da vida corpórea. Tinham, pois, de ser impressionados mais pelo que viam, do que pelo que não viam. Fala-lhes Deus então numa linguagem que lhes estava mais ao alcance e, como se se dirigisse a crianças, põe-lhes em perspectiva o que os pode satisfazer. Achavam-se eles ainda no deserto; a terra que Deus lhes dará é a Terra da Promissão, objetivo das suas aspirações. Nada mais desejavam do que isso; Deus lhes diz que viverão nela longo tempo, isto é, que a possuirão por longo tempo, se observarem seus mandamentos.

No entanto, ao verificar-se o advento de Jesus, eles já tinham mais desenvolvidas suas ideias. Chegada a ocasião de receberem alimentação menos grosseira, o mesmo Jesus os inicia na vida espiritual, dizendo: "Meu reino não é deste mundo; lá, e não na Terra, é que recebereis a recompensa das vossas boas obras." A estas palavras, a Terra Prometida deixa de ser material, transformando-se numa pátria celeste. Por isso, quando os chama à observância daquele mandamento: "Honrai a vosso pai e a vossa mãe", já não é a Terra que lhes promete, e sim o céu. (Caps. II e III.)

NOSSO COMENTÁRIO

O comentário feito por Allan Kardec neste item destaca a evolução das concepções espirituais ao longo da história, especialmente entre os hebreus.

No tempo em que foi dado o mandamento "Honrai a vosso pai e a vossa mãe", os hebreus ainda não possuíam uma compreensão clara da vida futura.

Sua visão estava limitada à vida corpórea, e por isso Deus utilizou uma linguagem que lhes era mais compreensível e motivadora: a promessa de uma vida longa na Terra Prometida, que era o objetivo máximo de suas aspirações naquela época.

Com o advento de Jesus, que trouxe ensinamentos mais avançados sobre a vida espiritual e o Reino dos Céus, a compreensão dos hebreus foi ampliada.

Jesus ensinou que o Reino de Deus não é deste mundo, mudando a perspectiva da recompensa das boas obras para uma vida além desta Terra, no plano espiritual.

Assim, a promessa de viver longo tempo na Terra passou a representar a promessa de uma vida eterna no céu, onde as recompensas espirituais são recebidas.

Essa evolução de entendimento mostra como a mensagem espiritual se adapta ao entendimento e à evolução moral das pessoas, sendo apresentada de forma que seja compreensível e motivadora para cada época e cultura.

O importante é perceber que, independentemente da forma como a mensagem é apresentada, o cerne do mandamento permanece válido: a importância de honrar e respeitar os pais, pois isso está intrinsecamente ligado à nossa evolução espiritual e moral.

Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?

5. E, tendo vindo para casa, reuniu-se aí tão grande multidão, que eles nem sequer podiam fazer sua refeição. Sabendo disso, vieram seus parentes para se apoderarem dele, pois diziam que perdera o espírito. Entretanto, tendo vindo sua mãe e seus irmãos e conservando-se do lado de fora, mandaram chamá-lo. Ora, o povo se assentara em torno dele e lhe disseram: "Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e te chamam." — Ele lhes respondeu: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?" — E, perpassando o olhar pelos que estavam assentados ao seu redor, disse: "Eis aqui minha mãe e meus irmãos; pois, todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe." (Marcos, 3:20, 21, 31 a 35; Mateus, 12:46 a 50.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem mostra um momento em que Jesus está ensinando e uma grande multidão se reúne ao seu redor, ao ponto de ele não conseguir nem mesmo fazer sua refeição.

Seus parentes, preocupados com sua saúde mental, pois acreditavam que ele havia perdido o juízo, decidem procurá-lo.

Quando sua mãe e seus irmãos chegam, eles pedem para falar com ele, mas Jesus, ao ser informado disso, responde de forma surpreendente.

Ao invés de priorizar seus laços familiares biológicos, Jesus usa essa oportunidade para ensinar uma lição espiritual mais profunda.

Ele olha para a multidão ao seu redor e diz que aqueles que fazem a vontade de Deus são seus verdadeiros irmãos, irmãs e mãe.

Com isso, Jesus mostra que os laços de família espiritual, baseados na união de propósito e na obediência à vontade divina, são mais importantes do que os laços de sangue.

Essa passagem destaca a importância da família espiritual, formada por aqueles que compartilham dos mesmos ideais e valores espirituais, independentemente de sua relação de parentesco biológico.

É um convite para ampliarmos nossa visão de família e entendermos que todos os seres humanos são nossos irmãos e irmãs, parte de uma grande família espiritual unida pela busca da vontade divina e do amor ao próximo.

6. Singulares parecem algumas palavras de Jesus, por contrastarem com a sua bondade e a sua inalterável benevolência para com todos. Os incrédulos não deixaram de tirar daí uma arma, pretendendo que Ele se contradizia. Fato, porém, irrecusável é que sua doutrina tem por base principal, por pedra angular, a lei de amor e de caridade. Ora, não é possível que Ele destruísse de um lado o que do outro estabelecia, donde esta consequência rigorosa: se certas proposições suas se acham em contradição com aquele princípio básico, é que as palavras que se lhe atribuem foram ou mal reproduzidas, ou mal compreendidas, ou não são suas.

NOSSO COMENTÁRIO

Esse trecho destaca a aparente contradição entre algumas palavras atribuídas a Jesus e sua mensagem de amor e caridade, que são a base principal de sua doutrina.

Os incrédulos usaram essas aparentes contradições para questionar a veracidade e a coerência de seus ensinamentos.

No entanto, a análise cuidadosa dos ensinamentos de Jesus mostra que tais contradições são mais provavelmente resultado de má interpretação ou transmissão inadequada das palavras de Jesus.

Essa passagem ressalta a importância de compreendermos o contexto e a essência dos ensinamentos de Jesus, em vez de nos determos em possíveis contradições superficiais.

A base de sua mensagem é o amor incondicional e a caridade, e é nesse contexto que devemos interpretar suas palavras, buscando sempre a coerência e a harmonia com seus princípios fundamentais.

7. Causa admiração, e com fundamento, que, neste passo, mostrasse Jesus tanta indiferença para com seus parentes e, de certo modo, renegasse sua mãe.

Pelo que concerne a seus irmãos, sabe-se que não o estimavam. Espíritos pouco adiantados, não lhe compreendiam a missão: tinham por excêntrico o seu proceder e seus ensinamentos não os tocavam, tanto que nenhum deles o seguiu como discípulo. Dir-se-ia mesmo que partilhavam, até certo ponto, das prevenções de seus inimigos. O que é fato, em suma, é que o acolhiam mais como um estranho do que como um irmão, quando aparecia à família. João diz, positivamente (7:5), "que eles não lhe davam crédito".

Quanto à sua mãe, ninguém ousaria contestar a ternura que lhe dedicava. Deve-se, entretanto, convir igualmente em que também ela não fazia ideia muito exata da missão do filho, pois não se vê que lhe tenha seguido os ensinamentos, nem dado testemunho dele, como fez João Batista. O que nela predominava era a solicitude maternal. Supor que Ele haja renegado sua mãe fora desconhecer-lhe o caráter. Semelhante ideia não poderia encontrar guarida naquele que disse: Honrai a vosso pai e a vossa mãe. Necessário, pois, se faz procurar outro sentido para suas palavras, quase sempre envoltas no véu da forma alegórica.

Ele nenhuma ocasião desprezava de dar um ensino; aproveitou, portanto, a que se lhe deparou, com a chegada de sua família, para precisar a diferença que existe entre a parentela corporal e a parentela espiritual.

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta passagem, é destacada a aparente indiferença de Jesus em relação aos seus parentes, especialmente seus irmãos, que não o compreendiam e não o estimavam.

Eles não acompanhavam seus ensinamentos e pareciam ter preconceitos em relação a ele, tratando-o mais como um estranho do que como um irmão.

Quanto à sua mãe, é ressaltado que, apesar da ternura dedicada por ela, também não compreendia totalmente a missão de Jesus, pois não o seguia como discípula nem testemunhava sobre ele, como fez João Batista.

Sua preocupação principal era a materna, e não parece que ela tivesse uma compreensão clara da natureza espiritual da missão de Jesus.

Diante disso, a ideia de que Jesus tenha renegado sua mãe não parece coerente com seu caráter, especialmente considerando seu ensinamento de honrar pai e mãe.

Assim, é sugerido que suas palavras devem ser entendidas em um sentido mais profundo e alegórico, como uma oportunidade de ensinamento sobre a diferença entre a parentela corporal e a parentela espiritual, enfatizando a importância dos laços espirituais sobre os laços de sangue.

A parentela corporal e a parentela espiritual

8. Os laços do sangue não criam forçosamente os liames entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porquanto o Espírito já existia antes da formação do corpo. Não é o pai quem cria o Espírito de seu filho; ele mais não faz do que lhe fornecer o invólucro corpóreo, cumprindo-lhe, no entanto, auxiliar o desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo progredir.

Os que encarnam numa família, sobretudo como parentes próximos, são, as mais das vezes, Espíritos simpáticos, ligados por anteriores relações, que se expressam por uma afeição recíproca na vida terrena. Mas também pode acontecer sejam completamente estranhos uns aos outros esses Espíritos, afastados entre si por antipatias igualmente anteriores, que se traduzem na Terra por um mútuo antagonismo, que aí lhes serve de provação. Não são os da consanguinidade os verdadeiros laços de família, e sim os da simpatia e da comunhão de ideias, os quais prendem os Espíritos antes, durante e depois de suas encarnações. Segue-se que dois seres nascidos de pais diferentes podem ser mais irmãos pelo Espírito, do que se o fossem pelo sangue. Podem então atrair-se, buscar-se, sentir prazer quando juntos, ao passo que dois irmãos consanguíneos podem repelir-se, conforme se observa todos os dias: problema moral que só o Espiritismo podia resolver pela pluralidade das existências. (Cap. IV, item 13.)

Há, pois, duas espécies de famílias: as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corporais. Duráveis, as primeiras se fortalecem pela purificação e se perpetuam no mundo dos Espíritos, através das várias migrações da alma; as segundas, frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo e muitas vezes se dissolvem moralmente, já na existência atual. Foi o que Jesus quis tornar compreensível, dizendo de seus discípulos: Aqui estão minha mãe e meus irmãos, isto é, minha família pelos laços do Espírito, pois todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

A hostilidade que lhe moviam seus irmãos se acha claramente expressa em a narração de Marcos, que diz terem eles o propósito de se apoderarem do Mestre, sob o pretexto de que este perdera o espírito. Informado da chegada deles, conhecendo os sentimentos que nutriam a seu respeito, era natural que Jesus dissesse, referindo-se a seus discípulos, do ponto de vista espiritual: "Eis aqui meus verdadeiros irmãos." Embora na companhia daqueles estivesse sua mãe, Ele generaliza o ensino que de maneira alguma implica haja pretendido declarar que sua mãe segundo o corpo nada lhe era como Espírito, que só indiferença lhe merecia. Provou suficientemente o contrário em várias outras circunstâncias.

NOSSO COMENTÁRIO

Este trecho aborda a diferença entre os laços de parentesco corporais e os laços de parentesco espirituais.

Ele destaca que os laços do sangue não são necessariamente os que unem os Espíritos, pois o Espírito já existe antes da formação do corpo.

O papel dos pais é fornecer o invólucro corpóreo ao Espírito, auxiliando também seu desenvolvimento intelectual e moral.

Os Espíritos que encarnam em uma mesma família, especialmente como parentes próximos, geralmente são Espíritos simpáticos, ligados por relações anteriores.

No entanto, também pode ocorrer de serem completamente estranhos uns aos outros, com antipatias anteriores que se manifestam na Terra como antagonismo, servindo como provação.

Assim, os verdadeiros laços de família são os da simpatia e da comunhão de ideias, que unem os Espíritos antes, durante e depois das encarnações.

Dois seres nascidos de pais diferentes podem ser mais irmãos pelo Espírito do que dois irmãos consanguíneos, pois os laços espirituais são mais duráveis e se fortalecem pela purificação, perpetuando-se no mundo dos Espíritos.

Jesus, ao dizer que seus verdadeiros irmãos são aqueles que fazem a vontade de Deus, estava exemplificando a importância dos laços espirituais sobre os corporais.

Sua declaração não implicava em indiferença para com sua mãe segundo o corpo, mas sim em destacar a importância dos laços espirituais sobre os laços materiais.

Instruções dos Espíritos: A ingratidão dos filhos e os laços de família

9. A ingratidão é um dos frutos mais diretos do egoísmo. Revolta sempre os corações honestos, mas a dos filhos para com os pais apresenta caráter ainda mais odioso. É, em particular, desse ponto de vista que a vamos considerar, para lhe analisar as causas e os efeitos. Também nesse caso, como em todos os outros, o Espiritismo projeta luz sobre um dos grandes problemas do coração humano.

Quando deixa a Terra, o Espírito leva consigo as paixões ou as virtudes inerentes à sua natureza e se aperfeiçoa no Espaço, ou permanece estacionário, até que deseje receber a luz. Muitos, portanto, se vão cheios de ódios violentos e de insaciados desejos de vingança; a alguns dentre eles, porém, mais adiantados do que os outros, é dado entrevejam uma partícula da verdade; apreciam então as funestas consequências de suas paixões e são induzidos a tomar resoluções boas. Compreendem que, para chegarem a Deus, uma só é a senha: caridade. Ora, não há caridade sem esquecimento dos ultrajes e das injúrias; não há caridade sem perdão, nem com o coração tomado de ódio.

Então, mediante inaudito esforço, conseguem tais Espíritos observar os a quem eles odiaram na Terra. Ao vê-los, porém, a animosidade se lhes desperta

no íntimo; revoltam-se à ideia de perdoar, e, ainda mais, à de abdicarem de si mesmos, sobretudo à de amarem os que lhes destruíram, quiçá, os haveres, a honra, a família. Entretanto, abalado fica o coração desses infelizes. Eles hesitam, vacilam, agitados por sentimentos contrários. Se predomina a boa resolução, oram a Deus, imploram aos bons Espíritos que lhes deem forças, no momento mais decisivo da prova.

Por fim, após anos de meditações e preces, o Espírito se aproveita de um corpo em preparo na família daquele a quem detestou, e pede aos Espíritos incumbidos de transmitir as ordens superiores permissão para ir preencher na Terra os destinos daquele corpo que acaba de formar-se. Qual será o seu procedimento na família escolhida? Dependerá da sua maior ou menor persistência nas boas resoluções que tomou. O incessante contato com seres a quem odiou constitui prova terrível, sob a qual não raro sucumbe, se não tem ainda bastante forte a vontade. Assim, conforme prevaleça ou não a resolução boa, ele será o amigo ou inimigo daqueles entre os quais foi chamado a viver. É como se explicam esses ódios, essas repulsões instintivas que se notam da parte de certas crianças e que parecem injustificáveis. Nada, com efeito, naquela existência há podido provocar semelhante antipatia; para se lhe apreender a causa, necessário se torna volver o olhar ao passado.

Ó espíritas! Compreendei agora o grande papel da Humanidade; compreendei que, quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do Espaço para progredir; inteirai-vos dos vossos deveres e ponde todo o vosso amor em aproximar de Deus essa alma; tal a missão que vos está confiada e cuja recompensa recebereis, se fielmente a cumprirdes. Os vossos cuidados e a educação que lhe dareis auxiliarão o seu aperfeiçoamento e o seu bem-estar futuro. Lembrai-vos de que a cada pai e a cada mãe perguntará Deus: Que fizestes do filho confiado à vossa guarda? Se por culpa vossa ele se conservou atrasado, tereis como castigo vê-lo entre os Espíritos sofredores, quando de vós dependia que fosse ditoso. Então, vós mesmos, assediados de remorsos, pedireis vos seja concedido reparar a vossa falta; solicitareis, para vós e para ele, outra encarnação em que o cerqueis de melhores cuidados e em que ele, cheio de reconhecimento, vos retribuirá com o seu amor.

Não escorraceis, pois, a criancinha que repele sua mãe, nem a que vos paga com a ingratidão; não foi o acaso que a fez assim e que vo-la deu. Imperfeita intuição do passado se revela, do qual podeis deduzir que um ou outro já odiou muito, ou foi muito ofendido; que um ou outro veio para perdoar ou

para expiar. Mães! Abraçai o filho que vos dá desgostos e dizei com vós mesmas: Um de nós dois é culpado. Fazei-vos merecedoras dos gozos divinos que Deus conjugou à maternidade, ensinando aos vossos filhos que eles estão na Terra para se aperfeiçoar, amar e bendizer. Mas, oh! muitas dentre vós, em vez de eliminar por meio da educação os maus princípios inatos de existências anteriores, entretêm e desenvolvem esses princípios, por uma culposa fraqueza, ou por descuido, e, mais tarde, o vosso coração, ulcerado pela ingratidão dos vossos filhos, será para vós, já nesta vida, um começo de expiação.

A tarefa não é tão difícil quanto vos possa parecer. Não exige o saber do mundo. Podem desempenhá-la assim o ignorante como o sábio, e o Espiritismo lhe facilita o desempenho, dando a conhecer a causa das imperfeições da alma humana.

Desde pequenina, a criança manifesta os instintos bons ou maus que traz da sua existência anterior. A estudá-los devem os pais aplicar-se. Todos os males se originam do egoísmo e do orgulho. Espreitem, pois, os pais os menores indícios reveladores do gérmen de tais vícios e cuidem de combatê-los, sem esperar que lancem raízes profundas. Façam como o bom jardineiro, que corta os rebentos defeituosos à medida que os vê apontar na árvore. Se deixar se desenvolvam o egoísmo e o orgulho, não se espantem de serem mais tarde pagos com a ingratidão. Quando os pais hão feito tudo o que devem pelo adiantamento moral de seus filhos, se não alcançam êxito, não têm de que se inculpar a si mesmos e podem conservar tranquila a consciência. À amargura muito natural que então lhes advém da improdutividade de seus esforços, Deus reserva grande e imensa consolação, na certeza de que se trata apenas de um retardamento, que concedido lhes será concluir noutra existência a obra agora começada e que um dia o filho ingrato os recompensará com seu amor. (Cap. XIII, item 19.)

Deus não dá prova superior às forças daquele que a pede; só permite as que podem ser cumpridas. Se tal não sucede, não é que falte possibilidade: falta a vontade. Com efeito, quantos há que, em vez de resistirem aos maus pendores, se comprazem neles. A esses ficam reservados o pranto e os gemidos em existências posteriores. Admirai, no entanto, a bondade de Deus, que nunca fecha a porta ao arrependimento. Vem um dia em que ao culpado, cansado de sofrer, com o orgulho afinal abatido, Deus abre os braços para receber o filho pródigo que se lhe lança aos pés. As provas rudes, ouvi-me bem, são quase sempre indício de um fim de sofrimento e de um aperfeiçoamento do

Espírito, quando aceitas com o pensamento em Deus. É um momento supremo, no qual, sobretudo, cumpre ao Espírito não falir murmurando, se não quiser perder o fruto de tais provas e ter de recomeçar. Em vez de vos queixardes, agradecei a Deus o ensejo que vos proporciona de vencerdes, a fim de vos deferir o prêmio da vitória. Então, saindo do turbilhão do mundo terrestre, quando entrardes no mundo dos Espíritos, sereis aí aclamados como o soldado que sai triunfante da refrega. De todas as provas, as mais duras são as que afetam o coração. Um, que suporta com coragem a miséria e as privações materiais, sucumbe ao peso das amarguras domésticas, pungido da ingratidão dos seus. Oh! que pungente angústia essa! Mas, em tais circunstâncias, que mais pode, eficazmente, restabelecer a coragem moral do que o conhecimento das causas do mal e a certeza de que, se bem haja prolongados despedaçamentos da alma, não há desesperos eternos, porque não é possível seja da vontade de Deus que a sua criatura sofra indefinidamente? Que de mais reconfortante, de mais animador do que a ideia que de cada um dos seus esforços é que depende abreviar o sofrimento, mediante a destruição, em si, das causas do mal? Para isso, porém, preciso se faz que o homem não retenha na Terra o olhar e só veja uma existência; que se eleve, a pairar no infinito do passado e do futuro. Então, a Justiça infinita de Deus se vos patenteia, e esperais com paciência, porque explicável se vos torna o que na Terra vos parecia verdadeiras monstruosidades. As feridas que aí se vos abrem, passais a considerá-las simples arranhaduras. Nesse golpe de vista lançado sobre o conjunto, os laços de família se vos apresentam sob seu aspecto real. Já não vedes, a ligar-lhes os membros, apenas os frágeis laços da matéria; vedes, sim, os laços duradouros do Espírito, que se perpetuam e consolidam com o depurarem-se, em vez de se quebrarem por efeito da reencarnação.

Formam famílias os Espíritos que a analogia dos gostos, a identidade do progresso moral e a afeição induzem a reunir-se. Esses mesmos Espíritos, em suas migrações terrenas, se buscam, para se gruparem, como o fazem no Espaço, originando-se daí as famílias unidas e homogêneas. Se, nas suas peregrinações, acontece ficarem temporariamente separados, mais tarde tornam a encontrar-se, venturosos pelos novos progressos que realizaram. Mas como não lhes cumpre trabalhar apenas para si, permite Deus que Espíritos menos adiantados encarnem entre eles, a fim de receberem conselhos e bons exemplos, a bem de seu progresso. Esses Espíritos se tornam, por vezes, causa de

perturbação no meio daqueles outros, o que constitui para estes a prova e a tarefa a desempenhar.

Acolhei-os, portanto, como irmãos; auxiliai-os, e depois, no mundo dos Espíritos, a família se felicitará por haver salvo alguns náufragos que, a seu turno, poderão salvar outros. – Santo Agostinho. (Paris, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta mensagem, Santo Agostinho discorre sobre a ingratidão dos filhos para com os pais, destacando-a como um dos frutos mais diretos do egoísmo.

Ele explica que, ao deixar a Terra, o Espírito leva consigo suas paixões e virtudes, continuando sua jornada de evolução no Espaço.

Alguns Espíritos partem cheios de ódios e desejos de vingança, mas à medida que evoluem, compreendem que a caridade é a senha para se aproximarem de Deus.

Santo Agostinho descreve o processo pelo qual Espíritos, após reconhecerem a necessidade de perdoar e amar, podem renascer em famílias ligadas por laços espirituais, para que possam trabalhar suas imperfeições.

Ele enfatiza a importância dos pais na educação dos filhos, pois essa tarefa auxilia no aperfeiçoamento moral da alma infantil.

Alerta também para a responsabilidade dos pais em orientar os filhos desde cedo, combatendo os maus princípios inatos que podem surgir.

O texto aborda ainda a importância de se compreender a causa das imperfeições da alma humana e a certeza de que Deus não fecha a porta ao arrependimento.

Santo Agostinho destaca que as provas mais duras são aquelas que afetam o coração, mas que devem ser aceitas com pensamento em Deus, pois são momentos de grande aprendizado e progresso espiritual.

Por fim, ele enfatiza a ideia de que os laços de família se estendem além da vida terrena, unindo Espíritos afins em busca de progresso e aperfeiçoamento mútuos.

O texto encerra com um apelo para que os Espíritas compreendam o papel fundamental da Humanidade na evolução espiritual, cuidando e educando os filhos para que se tornem melhores seres humanos.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XV -

Fora da caridade não há salvação

- O de que precisa o Espírito para se salvar. Parábola do Bom Samaritano
- O mandamento maior • Necessidade da caridade, segundo Paulo • Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação • Instruções dos Espíritos: Fora da caridade não há salvação

O de que precisa o Espírito para ser salvo.

Parábola do Bom Samaritano

1. Ora, quando o Filho do Homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, sentar-se-á no trono de sua glória; reunidas diante dele todas as nações, separará uns dos outros, como o pastor separa dos bodes as ovelhas e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda.

Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: "Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos foi preparado desde o princípio do mundo; porquanto, tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; careci de teto e me hospedastes; estive nu e me vestistes; achei-me doente e me visitastes; estive preso e me fostes ver." Então, responder-lhe-ão os justos: "Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos sem teto e te hospedamos; ou despido e te vestimos? E quando foi que te soubemos doente ou preso e fomos visitar-te?" — O Rei lhes responderá: "Em verdade vos digo, todas as vezes que isso fizestes a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizestes."

Dirá em seguida aos que estiverem à sua esquerda: "Afastai-vos de mim, malditos; ide para o fogo eterno, que foi preparado para o diabo e seus anjos; porquanto, tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber; precisei de teto e não me agasalhastes; estive sem roupa e não me vestistes; estive doente e no cárcere e não me visitastes."

Também eles replicarão: "Senhor, quando foi que te vimos com fome e não te demos de comer, com sede e não te demos de beber, sem teto ou sem roupa, doente ou preso e não te assistimos?" — Ele então lhes responderá: "Em verdade vos digo: todas as vezes que faltastes com a assistência a um destes mais pequenos, deixastes de tê-la para comigo mesmo."

E esses irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna." (Mateus, 25:31 a 46.)

NOSSO COMENTÁRIO

A passagem apresenta uma das mais emblemáticas parábolas de Jesus, a do Bom Samaritano, e é complementada pela explicação sobre o que é necessário para o Espírito alcançar a salvação.

No relato, Jesus descreve a chegada do Filho do Homem em sua majestade, acompanhado pelos anjos, para separar as pessoas, como um pastor que separa ovelhas de bodes.

À direita, as ovelhas, representando os justos, são elogiadas pelo auxílio prestado ao próximo, reconhecendo a presença de Cristo nos necessitados.

À esquerda, os bodes, representando os que falharam em ajudar o próximo, são reprovados. Essa parábola ressalta a importância da prática do amor e da caridade como requisitos fundamentais para a salvação espiritual.

Aqueles que se dedicam ao auxílio aos necessitados, independentemente de sua origem ou condição, estão, na verdade, servindo a Cristo.

É um convite à reflexão sobre a importância do amor ao próximo e da prática do bem como caminho para a evolução espiritual e a verdadeira felicidade.

2. Então, levantando-se, disse-lhe um doutor da lei, para o tentar: "Mestre, que preciso fazer para possuir a vida eterna?" — Respondeu-lhe Jesus: "Que é o que está escrito na lei? Que é o que lês nela?" — Ele respondeu: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e de todo o teu espírito, e a teu próximo como a ti mesmo." — Disse-lhe Jesus: "Respondeste muito bem; faze isso e viverás." Mas o homem, querendo parecer que era um justo, diz a Jesus: "Quem é o meu próximo?" — Jesus, tomando a palavra, lhe diz: "Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu em poder de ladrões, que o despojaram, cobriram de ferimentos e se foram deixando-o semimorto. Aconteceu em seguida que um sacerdote, descendo pelo mesmo caminho, o viu e passou adiante. Um levita, que também veio àquele lugar, tendo-o observado, passou igualmente adiante. Mas um samaritano que viajava, chegando ao lugar onde jazia aquele homem e tendo-o visto, foi tocado de compaixão. Aproximou-se dele, deitou-lhe óleo e vinho nas feridas e as pensou; depois, pondo-o no seu cavalo, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, tirou dois

denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: 'Trata muito bem deste homem e tudo o que despenderes a mais, eu te pagarei quando regressar.'"

Qual desses três te parece ter sido o próximo daquele que caíra em poder dos ladrões?" — o doutor respondeu: "Aquele que usou de misericórdia para com ele." "Então, vai", diz Jesus, "e faz o mesmo." (Lucas, 10:25 a 37.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esse relato evangélico contém uma das passagens mais emblemáticas sobre a prática do amor ao próximo e a compaixão.

Um doutor da lei questiona Jesus sobre como alcançar a vida eterna, e Jesus responde citando o mandamento de amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

O homem, buscando justificar-se, pergunta quem seria seu próximo, e é então que Jesus conta a parábola do Bom Samaritano.

Nessa parábola, Jesus destaca a atitude compassiva e amorosa do samaritano em contraste com a indiferença dos religiosos, o sacerdote e o levita.

O samaritano, apesar das diferenças culturais e religiosas, cuida do homem ferido, mostrando que ser próximo não se limita à proximidade física ou religiosa, mas à disposição de ajudar quem necessita, independentemente de sua condição.

Assim, a lição transmitida por Jesus é a importância de agir com compaixão e amor ao próximo, mostrando que o verdadeiro cumprimento da lei não está apenas na observância formal, mas na prática do bem e na solidariedade para com todos, sem distinção.

3. Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, Ele aponta essas duas virtudes como as que conduzem à eterna felicidade: "Bem-aventurados", disse, "os pobres de espírito", isto é, "os humildes, porque deles é o Reino dos Céus; bem-aventurados os que têm puro o coração; bem-aventurados os que são brandos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; amai o vosso próximo como a vós mesmos; fazei aos outros o

que quereríeis vos fizessem; amai os vossos inimigos; perdoai as ofensas, se quiserdes ser perdoados; praticai o bem sem ostentação; julgai-vos a vós mesmos, antes de julgardes os outros.” Humildade e caridade, eis o que não cessa de recomendar e o de que dá, Ele próprio, o exemplo. Orgulho e egoísmo, eis o que não se cansa de combater. E não se limita a recomendar a caridade; põe-na claramente e em termos explícitos como condição absoluta da felicidade futura.

No quadro que traçou do juízo final, deve-se, como em muitas outras coisas, separar o que é apenas figura, alegoria. A homens como os a quem falava, ainda incapazes de compreender as questões puramente espirituais, tinha Ele de apresentar imagens materiais chocantes e próprias a impressionar. Para melhor apreenderem o que dizia, tinha mesmo de não se afastar muito das ideias correntes, quanto à forma, reservando sempre ao porvir a verdadeira interpretação de suas palavras e dos pontos sobre os quais não podia explicar-se claramente. Ao lado da parte acessória ou figurada do quadro, há uma ideia dominante: a da felicidade reservada ao justo e da infelicidade que espera o mau.

Naquele julgamento supremo, quais os considerandos da sentença? Sobre que se baseia o libelo? Pergunta, porventura, o juiz se o inquirido preencheu tal ou qual formalidade, se observou mais ou menos tal ou qual prática exterior? Não; inquire tão somente de uma coisa: se a caridade foi praticada, e se pronuncia assim: Passai à direita, vós que assististes os vossos irmãos; passai à esquerda, vós que fostes duros para com eles. Informa-se, por acaso, da ortodoxia da fé? Faz qualquer distinção entre o que crê de um modo e o que crê de outro? Não, pois Jesus coloca o samaritano, considerado herético, mas que pratica o amor do próximo, acima do ortodoxo que falta com a caridade. Não considera, portanto, a caridade apenas como uma das condições para a salvação, mas como a condição única. Se outras houvesse a serem preenchidas, Ele as teria declinado. Desde que coloca a caridade em primeiro lugar, é que ela implicitamente abrange todas as outras: a humildade, a brandura, a benevolência, a indulgência, a justiça etc., e porque é a negação absoluta do orgulho e do egoísmo.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec resume a moral de Jesus em duas virtudes fundamentais: a caridade e a humildade.

Ele destaca que todas as recomendações de Jesus apontam para essas virtudes como essenciais para a felicidade eterna.

Jesus ensinou a importância de ser humilde, puro de coração, pacífico, misericordioso e a amar o próximo como a si mesmo.

Kardec ressalta que Jesus não apenas recomendava a caridade, mas a colocava como condição absoluta para a felicidade futura.

Ele explica que, ao descrever o juízo final em termos figurados, Jesus usava imagens chocantes para impressionar seus ouvintes, que naquela época não estavam prontos para compreender questões puramente espirituais.

No julgamento final, a questão central da sentença não é se alguém seguiu certas formalidades ou práticas externas, mas se praticou a caridade.

Jesus coloca a prática da caridade como mais importante do que questões de ortodoxia religiosa, destacando que até mesmo aqueles considerados hereges, mas que praticaram o amor ao próximo, são colocados acima dos ortodoxos que falharam nesse aspecto.

Assim, a caridade é vista não apenas como uma condição para a salvação, mas como a condição única, pois, ao abraçá-la, implicitamente abraçamos também outras virtudes como a humildade, a brandura, a benevolência, a indulgência e a justiça, ao mesmo tempo em que negamos o orgulho e o egoísmo

O mandamento maior

4. Mas os fariseus, tendo sabido que Ele tapara a boca aos saduceus, se reuniram; e um deles, que era doutor da lei, foi propor-lhe esta questão, para o tentar: "Mestre, qual o grande mandamento da lei?" — Jesus lhe respondeu: "Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito." — Esse o maior e o primeiro mandamento. E aqui está o segundo, que é semelhante ao primeiro: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos. (Mateus, 22:34 a 40.)

NOSSO COMETÁRIO

Neste relato, os fariseus, ao perceberem que Jesus havia respondido bem a uma questão dos saduceus, decidem testá-lo com uma pergunta sobre qual seria o maior mandamento da lei.

Jesus responde citando o amor a Deus como o maior e o primeiro mandamento, e o amor ao próximo como o segundo, equiparando-os.

Ele destaca que toda a lei e os profetas se resumem nesses dois mandamentos.

Essa resposta de Jesus enfatiza a centralidade do amor em sua mensagem. Ele mostra que amar a Deus e ao próximo não são apenas dois mandamentos separados, mas dois aspectos inseparáveis de um único princípio.

Ao colocar o amor como a base de toda a lei e dos ensinamentos dos profetas, Jesus enfatiza a importância de vivermos em amor e harmonia com Deus e com o próximo, como um caminho para a verdadeira realização espiritual.

5. Caridade e humildade, tal a senda única da salvação. Egoísmo e orgulho, tal a da perdição. Este princípio se acha formulado nos seguintes precisos termos: "Amarás a Deus de toda a tua alma e a teu próximo como a ti mesmo; toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos." E, para que não haja equívoco sobre a interpretação do amor de Deus e do próximo, acrescenta: "E aqui está o segundo mandamento que é semelhante ao primeiro", isto é, que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar o próximo, nem amar o próximo sem amar a Deus. Logo, tudo o que se faça contra o próximo o mesmo é que fazê-lo contra Deus. Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: Fora da caridade não há salvação.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec reforça a ideia de que a caridade e a humildade são a única senda para a salvação espiritual, enquanto o egoísmo e o orgulho levam à perdição.

Ele cita os mandamentos de amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a si mesmo como a base de toda a lei e dos ensinamentos dos profetas.

Kardec destaca a interdependência entre o amor a Deus e ao próximo, explicando que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar o próximo, e vice-versa.

Ele enfatiza que tudo o que é feito contra o próximo é como se fosse feito contra Deus, pois a prática da caridade para com o próximo é essencial para amar a Deus verdadeiramente.

Assim, Kardec resume todos os deveres do homem na máxima: "Fora da caridade não há salvação", reforçando a importância da prática do amor ao próximo como o caminho fundamental para a salvação espiritual.

Necessidade da caridade, segundo Paulo

6. Ainda quando eu falasse todas as línguas dos homens e a língua dos próprios anjos, se eu não tiver caridade, serei como o bronze que soa e um címbalo que retine; ainda quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios, e tivesse perfeita ciência de todas as coisas; ainda quando tivesse toda a fé possível, até o ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. E, quando houvesse distribuído os meus bens para alimentar os pobres e houvesse entregado meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso de nada me serviria.

A caridade é paciente; é branda e benfazeja; a caridade não é injubilosa; não é temerária, nem precipitada; não se enche de orgulho; não é desdenhosa; não cuida de seus interesses; não se agasta, nem se azeda com coisa alguma; não suspeita mal; não se rejubila com a injustiça, mas se rejubila com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

Agora, estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade permanecem; mas, dentre elas, a mais excelente é a caridade. (Paulo, 1ª Epístola aos Coríntios, 13:1 a 7 e 13.)

NOSSO COMENTÁRIO

Paulo, em sua primeira Epístola aos Coríntios, ressalta a supremacia da caridade sobre todas as outras virtudes.

Ele enfatiza que mesmo que alguém tenha habilidades excepcionais, como falar várias línguas, compreender mistérios, ter uma fé extraordinária e fazer grandes obras de caridade, se não tiver amor, tudo isso será vazio.

Descreve a natureza da caridade, destacando que ela é paciente, bondosa, não invejosa, não orgulhosa, não egoísta, não irritável, não guarda rancor, não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade.

A caridade tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

Paulo conclui afirmando que, das três virtudes - fé, esperança e caridade - a maior é a caridade, pois esta é a essência do amor, que transcende as outras virtudes e é a base de uma vida verdadeiramente virtuosa e significativa.

7. De tal modo compreendeu Paulo essa grande verdade, que disse: Quando mesmo eu tivesse a linguagem dos anjos; quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios; quando tivesse toda a fé possível, até o ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. Dentre estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, a mais excelente é a caridade. Coloca assim, sem equívoco, a caridade acima até da fé. É que a caridade está ao alcance de toda gente: do ignorante, como do sábio, do rico, como do pobre, e independe de qualquer crença particular.

Faz mais: define a verdadeira caridade, mostra-a não só na beneficência, como também no conjunto de todas as qualidades do coração, na bondade e na benevolência para com o próximo.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec destaca a importância que Paulo atribui à caridade, colocando-a como a virtude mais excelente, acima da fé e da esperança.

Ele cita a passagem em que Paulo enfatiza que mesmo que alguém possua dons extraordinários, como falar a língua dos anjos, ter o dom da profecia e uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver caridade, nada será.

Kardec ressalta que a caridade é uma virtude acessível a todos, independentemente de sua condição social ou crença religiosa.

Ele destaca que a verdadeira caridade não se limita à beneficência material, mas se manifesta no conjunto de todas as qualidades do coração, como a bondade e a benevolência para com o próximo.

Assim, Kardec reforça a ideia de que a caridade é a base de uma vida moralmente elevada, sendo uma virtude que transcende as diferenças individuais e religiosas, e que deve ser praticada por todos como um princípio fundamental de conduta.

**Fora da Igreja não há salvação.
Fora da verdade não há salvação**

8. Enquanto a máxima — Fora da caridade não há salvação — assenta num princípio universal e abre a todos os filhos de Deus acesso à suprema felicidade, o dogma — Fora da Igreja não há salvação — se estriba, não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, porém, numa fé especial, em dogmas particulares; é exclusivo e absoluto. Longe de unir os filhos de Deus, separa-os; em vez de incitá-los ao amor de seus irmãos, alimenta e sanciona a irritação entre sectários dos diferentes cultos que reciprocamente se consideram malditos na eternidade, embora sejam parentes e amigos esses sectários. Desprezando a grande lei de igualdade perante o túmulo, ele os afasta uns dos outros, até no campo do repouso. A máxima

— Fora da caridade não há salvação — consagra o princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência. Tendo-a por norma, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja a maneira por que adorem o Criador, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros. Com o dogma — Fora da Igreja não há salvação, anatematizam-se e se perseguem reciprocamente, vivem como inimigos; o pai não pede pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, desde que mutuamente se consideram condenados sem remissão. É, pois, um dogma essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec contrasta a máxima 'Fora da caridade não há salvação' com o dogma 'Fora da Igreja não há salvação'.

Ele destaca que a primeira é baseada em um princípio universal que abre a todos os filhos de Deus o acesso à felicidade suprema, enquanto o segundo se baseia em uma fé especial em dogmas particulares, sendo exclusivo e absoluto.

Kardec critica o dogma da exclusividade da salvação pela pertença a uma determinada igreja, pois ele não une os filhos de Deus, mas os separa.

Em vez de incentivar o amor entre irmãos, ele alimenta a divisão e a hostilidade entre os adeptos de diferentes religiões, que se consideram mutuamente condenados.

Ele argumenta que a máxima da caridade consagra o princípio da igualdade perante Deus e a liberdade de consciência, fazendo com que todos os homens sejam considerados irmãos, independentemente de sua forma de adoração.

Por outro lado, o dogma da exclusividade da salvação leva à anatematização e perseguição mútua, levando as pessoas a viverem como inimigos e a se afastarem até mesmo no campo do repouso, separando-os até mesmo na morte.

Assim, Kardec conclui que o dogma 'Fora da Igreja não há salvação' é essencialmente contrário aos ensinamentos de Cristo e à lei evangélica, pois vai contra o princípio fundamental do amor ao próximo e da igualdade perante Deus.

9. Fora da verdade não há salvação equivaleria ao Fora da Igreja não há salvação e seria igualmente exclusivo, porquanto nenhuma seita existe que não pretenda ter o privilégio da verdade. Que homem se pode vangloriar de a possuir integral, quando o âmbito dos conhecimentos incessantemente se alarga e todos os dias se retificam as ideias? A verdade absoluta é patrimônio unicamente de Espíritos da categoria mais elevada e a humanidade terrena não poderia pretender possuí-la, porque não lhe é dado saber tudo. Ela somente pode aspirar a uma verdade relativa e proporcionada ao seu adiantamento. Se Deus houvera feito da posse da verdade absoluta condição expressa da felicidade futura, teria proferido uma sentença de proscrição geral, ao passo que a

caridade, mesmo na sua mais ampla acepção, pode todos praticá-la. O Espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo a salvação para todos, independentemente de qualquer crença, contanto que a Lei de Deus seja observada, não diz: Fora do Espiritismo não há salvação; e, como não pretende ensinar ainda toda a verdade, também não diz: Fora da verdade não há salvação, pois que esta máxima separaria em lugar de unir e perpetuaria os antagonismos.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec aborda a máxima 'Fora da verdade não há salvação' e a compara com o dogma 'Fora da Igreja não há salvação'.

Ele argumenta que ambas são igualmente exclusivas, pois nenhuma seita religiosa existe sem pretender possuir a verdade absoluta.

Kardec questiona a ideia de alguém poder possuir integralmente a verdade, já que o conhecimento humano está em constante evolução e correção.

Ele afirma que a verdade absoluta é acessível apenas a Espíritos muito elevados e que a humanidade terrena só pode aspirar a uma verdade relativa, de acordo com seu grau de evolução.

O autor destaca que se Deus tivesse feito da posse da verdade absoluta uma condição para a felicidade futura, teria excluído a maioria das pessoas, enquanto a caridade pode ser praticada por todos.

Ele compara essa ideia com a abordagem do Espiritismo, que, seguindo os ensinamentos do Evangelho, admite a salvação para todos, independentemente de sua crença, desde que observem a Lei de Deus.

Assim, o Espiritismo não diz 'Fora do Espiritismo não há salvação' nem 'Fora da verdade não há salvação', pois isso separaria em vez de unir e perpetuaria os antagonismos.

Kardec enfatiza a importância de buscar uma verdade relativa e proporcionada ao nosso adiantamento espiritual, e de praticar a

caridade como caminho para a verdadeira felicidade e evolução espiritual.

**Instruções dos Espíritos:
Fora da caridade não há salvação**

10. Meus filhos, na máxima: Fora da caridade não há salvação estão encerrados os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida, encaminhando-o para a Terra da Promissão. Ela brilha no céu, como auréola santa, na frente dos eleitos, e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: "Passai à direita, benditos de meu Pai." Reconhecê-los-eis pelo perfume de caridade que espalham em torno de si. Nada exprime com mais exatidão o pensamento de Jesus, nada resume tão bem os deveres do homem, como essa máxima de ordem divina. Não poderia o Espiritismo provar melhor a sua origem, do que apresentando-a como regra, por isso que é um reflexo do mais puro Cristianismo. Levando-a por guia, nunca o homem se transviará. Dedicai-vos, assim, meus amigos, a perscrutar-lhe o sentido profundo e as consequências, a descobrir-lhe, por vós mesmos, todas as aplicações. Submetei todas as vossas ações ao governo da caridade e a consciência vos responderá. Não só ela evitará que pratiqueis o mal, como também fará que pratiqueis o bem, porquanto uma virtude negativa não basta: é necessária uma virtude ativa. Para fazer-se o bem, mister sempre se torna a ação da vontade; para se não praticar o mal, basta as mais das vezes a inércia e a despreocupação.

Meus amigos, agradecei a Deus o haver permitido que pudésseis gozar a luz do Espiritismo. Não é que somente os que a possuem hajam de ser salvos; é que, ajudando-vos a compreender os ensinamentos do Cristo, ela vos faz melhores cristãos. Esforçai-vos, pois, para que os vossos irmãos, observando-vos, sejam induzidos a reconhecer que verdadeiro espírita e verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, dado que todos quantos praticam a caridade são discípulos de Jesus, sem embargo da seita a que pertençam. – Paulo, o apóstolo. (Paris, 1860.)

NOSSO COMENTÁRIO

No final do capítulo 15 do 'Evangelho Segundo o Espiritismo', Paulo, o apóstolo, disserta sobre a máxima 'Fora da caridade não há salvação'.

Ele afirma que nessa máxima estão encerrados os destinos dos homens, tanto na Terra quanto no céu.

Na Terra, ela representa a paz e a harmonia, enquanto no céu, aqueles que praticaram a caridade encontrarão graças diante do Senhor.

Paulo descreve a caridade como um facho celeste, uma luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida, encaminhando-o para a Terra da Promissão.

Destaca que essa máxima é o pensamento de Jesus resumido, e que o Espiritismo prova sua origem ao apresentá-la como regra, por ser um reflexo do puro Cristianismo.

O apóstolo incentiva os leitores a perscrutar o sentido profundo da caridade e a submeter todas as ações ao seu governo.

Destaca que a caridade não apenas evita que pratiquemos o mal, mas também nos impulsiona a praticar o bem, pois a virtude ativa é necessária para fazer o bem, enquanto a inércia e a despreocupação muitas vezes são suficientes para evitar o mal.

Paulo finaliza a dissertação agradecendo a Deus por permitir que as pessoas desfrutem da luz do Espiritismo, pois essa doutrina ajuda a compreender os ensinamentos de Cristo e a se tornarem melhores cristãos.

Exorta os leitores a se esforçarem para que, ao observá-los, os outros reconheçam que ser verdadeiro espírita é ser verdadeiro cristão, já que todos aqueles que praticam a caridade são discípulos de Jesus, independentemente da seita a que pertençam.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XVI -

Não se pode servir a Deus e a Mamom

• Salvação dos ricos • Preservar-se da avareza • Jesus em casa de Zaqueu
• Parábola do Mau Rico • Parábola dos Talentos • Utilidade providencial da riqueza. Provas da riqueza e da miséria • Desigualdade das riquezas • Instruções dos Espíritos: A verdadeira propriedade – Emprego da riqueza – Desprendimento dos bens terrenos – Transmissão da riqueza

Salvação dos ricos

1. *Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará a outro, ou se prenderá a um e desprezará o outro. Não podeis servir simultaneamente a Deus e a Mamom. (Lucas, 16:13.)*

2. *Então, aproximou-se dele um mancebo e disse: "Bom Mestre, que bem devo fazer para adquirir a vida eterna?" — Respondeu-lhe Jesus: "Por que me chamas bom? Bom, só Deus o é. Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos." "Que mandamentos?" — retrucou o mancebo. Disse Jesus: "Não matarás; não cometerás adultério; não furtarás; não darás testemunho falso. Honra a teu pai e a tua mãe e ama a teu próximo como a ti mesmo."*

O moço lhe replicou: "Tenho guardado todos esses mandamentos desde que cheguei à mocidade. Que é o que ainda me falta?" — Disse Jesus: "Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me."

Ouvindo essas palavras, o moço se foi todo tristonho, porque possuía grandes haveres. Jesus disse então a seus discípulos: "Digo-vos em verdade que bem difícil é que um rico entre no Reino dos Céus. Ainda uma vez vos digo: É mais fácil que um camelo passe pelo buraco de uma agulha, do que entrar um rico no Reino dos Céus."⁶ (Mateus, 19:16 a 24; Lucas, 18:18 a 25; Marcos, 10:17 a 25.)

⁶ Nota de Allan Kardec: Esta arrojada figura pode parecer um pouco forçada, pois que não se percebe que relação possa existir entre um camelo e uma agulha. Acontece, no entanto, que, em hebreu, a mesma palavra serve para designar um camelo e um cabo. Na tradução, deram-lhe o primeiro desses significados; mas é provável que Jesus a tenha empregado com a outra significação. É, pelo menos, mais natural.

NOSSO COMENTÁRIO

Esses relatos do Evangelho abordam a questão da riqueza e da salvação.

No primeiro trecho, Jesus adverte sobre a impossibilidade de servir a dois senhores, destacando a incompatibilidade entre servir a Deus e servir à riqueza (representada por Mamon).

Ele enfatiza que é preciso fazer uma escolha, pois é impossível dividir a devoção entre Deus e os bens materiais.

No segundo trecho, um jovem rico questiona Jesus sobre o que fazer para obter a vida eterna.

Jesus responde inicialmente indicando a observância dos mandamentos.

O jovem afirma que já cumpre esses mandamentos, mas Jesus lhe propõe um desafio maior: vender tudo o que tem, dar aos pobres e segui-lo.

O jovem, entristecido com essa resposta, pois tinha muitos bens, não consegue atender ao pedido de Jesus.

A mensagem desses relatos é que a riqueza material pode representar um obstáculo para a salvação espiritual, pois pode levar à avareza, ao apego excessivo aos bens materiais e à falta de compaixão pelos necessitados.

Jesus destaca a importância de priorizar a busca pelo Reino dos Céus e de estar disposto a abrir mão dos confortos materiais em favor da caridade e do serviço ao próximo.

Preservar-se da avareza

3. Então, no meio da turba, um homem lhe disse: "Mestre, dize a meu irmão que divida comigo a herança que nos tocou." — Jesus lhe disse: "Ó homem! quem me designou para vos julgar ou para fazer as vossas partilhas?" — E acrescentou: "Tende o cuidado de preservar-vos de toda a avareza, porquanto, seja qual for a abundância em que o homem se encontre, sua vida não depende dos bens que ele possui."

Disse-lhes a seguir esta parábola: "Havia um rico homem cujas terras tinham produzido extraordinariamente e que se entretinha a pensar consigo mesmo, assim: 'Que hei de fazer, pois já não tenho lugar onde possa encerrar tudo o que vou colher? Aqui está', disse, 'o que farei: Demolirei os meus celeiros e construirei outros maiores, onde porei toda a minha colheita e todos os meus bens. E direi a minha alma: Minha alma, tens de reserva muitos bens para longos anos; repousa, come, bebe, goza.' — Mas Deus, ao mesmo tempo, disse ao homem: 'Que insensato és! Esta noite mesmo tomar-te-ão a alma; para que servirá o que acumulaste?'" É o que acontece àquele que acumula tesouros para si próprio e que não é rico diante de Deus. (Lucas, 12:13 a 21.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste relato do Evangelho, Jesus é abordado por um homem que pede sua intervenção em uma questão de partilha de herança com seu irmão.

Jesus, porém, recusa-se a intervir diretamente nesse assunto material, destacando que sua missão não é julgar questões terrenas, mas sim trazer ensinamentos espirituais.

Ele aproveita a oportunidade para advertir sobre a avareza, destacando que a vida de uma pessoa não é definida pelos bens materiais que ela possui.

Em seguida, Jesus conta a parábola do rico insensato, que, tendo acumulado muitos bens, planeja construir celeiros maiores para armazenar sua colheita e desfrutar de seus bens por muitos anos.

No entanto, ele é advertido por Deus de sua insensatez, pois naquela mesma noite ele perderá a vida e não poderá desfrutar de seus tesouros.

Jesus conclui dizendo que aquele que acumula tesouros para si mesmo, mas não é rico diante de Deus, é insensato.

Essa parábola ensina sobre a importância de não se deixar levar pela avareza e pelo apego aos bens materiais, pois a verdadeira riqueza está em acumular tesouros no céu, ou seja, em praticar a caridade e viver de acordo com os ensinamentos de Deus.

Jesus em casa de Zaqueu

4. Tendo Jesus entrado em Jericó, passava pela cidade e havia ali um homem chamado Zaqueu, chefe dos publicanos e muito rico, o qual, desejoso de ver a Jesus, para conhecê-lo, não o conseguia devido à multidão, por ser ele de estatura muito baixa. Por isso, correu à frente da turba e subiu a um sicômoro, para o ver, porquanto Ele tinha de passar por ali. Chegando a esse lugar, Jesus dirigiu para o alto o olhar e, vendo-o, disse-lhe: "Zaqueu, dá-te pressa em descer, porquanto preciso que me hospedes hoje em tua casa."

— Zaqueu desceu imediatamente e o recebeu jubiloso. Vendo isso, todos murmuravam, a dizer: "Ele foi hospedar-se em casa de um homem de má vida." (Veja-se: Introdução, artigo Publicanos.) Entretanto, Zaqueu, pondo-se diante do Senhor, disse-lhe: "Senhor, dou a metade dos meus bens aos pobres e, se causei dano a alguém, seja no que for, indenizo-o com quatro tantos." — Ao que Jesus lhe disse: "Esta casa recebeu hoje a salvação, porque também este é filho de Abraão; visto que o Filho do Homem veio para procurar e salvar o que estava perdido." (Lucas, 19:1 a 10.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste relato, Jesus demonstra sua compaixão e sua disposição em se aproximar das pessoas, mesmo daquelas consideradas pecadoras ou marginalizadas pela sociedade.

Ao encontrar Zaqueu, um chefe dos publicanos (cobradores de impostos considerados injustos pelos judeus) e muito rico, Jesus não apenas aceita o convite para hospedar-se em sua casa, mas também reconhece a mudança de coração de Zaqueu.

Ao ver o arrependimento e a disposição de Zaqueu em reparar seus erros, Jesus declara que a salvação chegou àquela casa, pois Zaqueu também é um filho de Abraão.

Isso demonstra o ensinamento de Jesus sobre a importância do arrependimento, da generosidade e da justiça nas relações humanas.

Esse episódio mostra que, para Jesus, não importa a posição social ou o passado de uma pessoa; o que importa é a disposição de mudar, de fazer o bem e de seguir os ensinamentos de amor e compaixão.

Parábola do Mau Rico

5. *Havia um homem rico, que vestia púrpura e linho e se tratava magnificamente todos os dias. Havia também um pobre, chamado Lázaro, deitado à sua porta, todo coberto de úlceras, que muito estimaria poder mitigar a fome com as migalhas que caíam da mesa do rico; mas ninguém lhas dava e os cães lhe vinham lambe-las. Ora, aconteceu que esse pobre morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão. O rico também morreu e teve por sepulcro o inferno. Quando se achava nos tormentos, levantou os olhos e viu de longe Abraão e Lázaro em seu seio, e, exclamando, disse estas palavras: "Pai Abraão, tem piedade de mim e manda-me Lázaro, a fim de que molhe a ponta do dedo na água para me refrescar a língua, pois sofro horrível tormento nestas chamas." Mas Abraão lhe respondeu: "Meu filho, lembra-te de que recebeste em vida teus bens e de que Lázaro só teve males; por isso, ele agora está na consolação e tu nos tormentos."*

Ademais, existe para sempre um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que queiram passar daqui para aí não o podem, como também ninguém pode passar do lugar onde estás para aqui. Disse o rico: "Eu então te suplico, pai Abraão, que o mandes à casa de meu pai, onde tenho cinco irmãos, a dar-lhes testemunho destas coisas, a fim de que não venham também eles para este lugar de tormento." — Abraão lhe retrucou: "Eles têm Moisés e os profetas; que os escutem." "Não, meu pai Abraão," — disse o rico: "Se algum dos mortos for ter com eles, farão penitência." — Respondeu-lhe Abraão: "Se eles não ouvem a Moisés, nem aos profetas, também não acreditarão, ainda mesmo que algum dos mortos ressuscite." (Lucas, 16:19 a 31.)

NOSSO COMENTÁRIO

A Parábola do Mau Rico é uma poderosa lição sobre as consequências das escolhas e a importância da compaixão e da caridade.

O rico, que desfrutava de luxo e riqueza, ignorava o sofrimento do pobre Lázaro, que jazia à sua porta, coberto de chagas e desejoso apenas das migalhas que caíam de sua mesa.

Após a morte, a situação se inverte: Lázaro é levado ao seio de Abraão, enquanto o rico é enviado ao inferno, onde sofre tormentos.

A parábola destaca a justiça divina, que recompensa a virtude e pune a indiferença e a crueldade.

Ao implorar a Abraão por um alívio mínimo para seus tormentos, o rico demonstra arrependimento, mas é tarde demais.

Abraão explica que suas ações egoístas na vida terrena o levaram ao seu destino, e que um abismo intransponível separa os dois mundos.

Na visão espírita, essa barreira intransponível mencionada na parábola do mau rico pode ser entendida como uma representação simbólica das consequências das escolhas e ações tomadas pelo espírito durante sua vida terrena.

Essas consequências são vistas como resultantes das leis naturais e justas estabelecidas por Deus, que regem o destino espiritual de cada um, de acordo com suas obras.

No caso do rico, dessa parábola, ele por suas atitudes egoístas e indiferentes em relação ao sofrimento do próximo, encontrou-se em um estado de sofrimento espiritual após a morte, enquanto Lázaro, mesmo em sua condição de pobreza e sofrimento terreno, foi recebido no seio de Abraão, representando a paz espiritual e a felicidade.

Doutrina Espírita ensina que a salvação está ao alcance de todos os espíritos, independentemente de suas falhas ou imperfeições, através da progressão espiritual pela reencarnação e da lei de causa e efeito (ou lei de ação e reação), em que o Espírito faltoso sofre as consequências de suas más ações.

Os espíritos têm a oportunidade de se redimir, aprender e evoluir ao longo de múltiplas existências terrenas, buscando o seu aprimoramento moral e espiritual.

Assim, mesmo aqueles que tenham cometido erros ou falhado em cumprir sua missão como deviam, não estão perdidos de forma definitiva.

Eles têm a oportunidade de se corrigir e progredir espiritualmente, através do arrependimento sincero, do esforço em reparar o

mal causado e do aprendizado com as experiências vividas, buscando sempre a prática do bem e a evolução moral.

A parábola conclui com uma advertência sobre a importância de ouvir os ensinamentos dos profetas e de praticar a caridade em vida, pois, sem isso, não seria possível mudar os corações endurecidos.

É um lembrete poderoso sobre os valores espirituais que devemos cultivar em nossa jornada terrena.

Parábola dos Talentos

6. O Senhor age como um homem que, tendo de fazer longa viagem fora do seu país, chamou seus servidores e lhes entregou seus bens. Depois de dar cinco talentos a um, dois a outro e um a outro, a cada um segundo a sua capacidade, partiu imediatamente. Então, o que recebeu cinco talentos foi-se, negociou com aquele dinheiro e ganhou cinco outros. O que recebera dois ganhou, do mesmo modo, outros tantos. Mas o que apenas recebera um, cavou um buraco na terra e aí escondeu o dinheiro de seu amo. Passado longo tempo, o amo daqueles servidores voltou e os chamou a contas. Veio o que recebera cinco talentos e lhe apresentou outros cinco, dizendo: "Senhor, entregue-me cinco talentos; aqui estão, além desses, mais cinco que ganhei." — Respondeu-lhe o amo: "Servidor bom e fiel; pois que foste fiel em pouca coisa, confiar-te-ei muitas outras; compartilha da alegria do teu senhor."

— O que recebera dois talentos apresentou-se a seu turno e lhe disse: "Senhor, entregue-me dois talentos; aqui estão, além desses, dois outros que ganhei." — O amo lhe respondeu: "Bom e fiel servidor; pois que foste fiel em pouca coisa, confiar-te-ei muitas outras; compartilha da alegria do teu senhor." — Veio em seguida o que recebeu apenas um talento e disse: "Senhor, sei que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e colhes de onde nada puseste; por isso, como te temia, escondi o teu talento na terra; aqui o tens: restituo o que te pertence."

— O homem, porém, lhe respondeu: "Servidor mau e preguiçoso; se sabias que ceifo onde não semeei e que colho onde nada pus, devias pôr o meu dinheiro nas mãos dos banqueiros, a fim de que, regressando, eu retirasse com juros o que me pertence." "Tirem-lhe, pois, o talento que está com ele e deem-no ao que tem dez talentos; porquanto, dar-se-á a todos os que já têm e esses ficarão cumulados de bens; quanto àquele que nada tem, tirar-se-lhe-á mesmo o que pareça ter; e seja esse servidor inútil lançado nas trevas exteriores, onde haverá prantos e ranger de dentes." (Mateus, 25:14 a 30.)

NOSSO COMENTÁRIO

A Parábola dos Talentos ensina sobre a responsabilidade que cada um tem em utilizar os dons e habilidades que recebeu de acordo com sua capacidade.

Os talentos representam não apenas recursos financeiros, mas também habilidades, oportunidades e tempo.

O servo que recebeu cinco talentos e os multiplicou recebeu elogios de seu senhor, mostrando que aqueles que fazem bom uso do que receberam serão recompensados.

O mesmo aconteceu com o servo que recebeu dois talentos.

Ambos foram considerados fiéis e receberam uma recompensa maior.

Por outro lado, o servo que recebeu um talento e o escondeu, por medo ou preguiça, foi repreendido por não ter feito bom uso do que recebeu.

Isso reflete a ideia de que devemos ser diligentes e responsáveis na administração dos recursos e habilidades que possuímos, buscando sempre multiplicá-los em benefício próprio e dos outros.

A parábola também destaca a importância de agir com confiança e não deixar o medo paralisar nossas ações.

Aquele que teme e esconde o que recebeu acaba perdendo a oportunidade de crescimento e de contribuir positivamente para o mundo ao seu redor.

Portanto, a mensagem central da Parábola dos Talentos é a importância de sermos responsáveis, diligentes e criativos na utilização dos recursos e habilidades que recebemos, buscando sempre contribuir para o bem e o progresso, tanto pessoal quanto coletivo.

Utilidade providencial da riqueza. Provas da riqueza e da miséria

7. Se a riqueza houvesse de constituir obstáculo absoluto à salvação dos que a possuem, conforme se poderia inferir de certas palavras de Jesus, interpretadas segundo a letra e não segundo o espírito, Deus, que a concede, teria posto nas mãos de alguns um instrumento de perdição, sem apelação nenhuma, ideia que repugna à razão. Sem dúvida, pelos arrastamentos a que dá causa, pelas tentações que gera e pela fascinação que exerce, a riqueza constitui uma prova muito arriscada, mais perigosa do que a miséria. É o supremo excitante do orgulho, do egoísmo e da vida sensual. É o laço mais forte que prende o homem à Terra e lhe desvia do céu os pensamentos. Produz tal vertigem que, muitas vezes, aquele que passa da miséria à riqueza esquece de pronto a sua primeira condição, os que com ele a partilharam, os que o ajudaram, e faz-se insensível, egoísta e vão. Ao fato, porém, de a riqueza tornar difícil a jornada, não se segue que a torne impossível e não possa vir a ser um meio de salvação para o que dela sabe servir-se, como certos venenos podem restituir a saúde, se empregados a propósito e com discernimento.

Quando Jesus disse ao moço que o inquiria sobre os meios de ganhar a vida eterna: "Desfaze-te de todos os teus bens e segue-me", não pretendeu, decerto, estabelecer como princípio absoluto que cada um deva despojar-se do que possui e que a salvação só a esse preço se obtém; mas apenas mostrar que o apego aos bens terrenos é um obstáculo à salvação. Aquele moço, com efeito, se julgava quite porque observara certos mandamentos e, no entanto, recusava-se à ideia de abandonar os bens de que era dono. Seu desejo de obter a vida eterna não ia até o extremo de adquiri-la com sacrifício.

O que Jesus lhe propunha era uma prova decisiva, destinada a pôr a nu o fundo do seu pensamento. Ele podia, sem dúvida, ser um homem perfeitamente honesto na opinião do mundo, não causar dano a ninguém, não maldizer do próximo, não ser vão, nem orgulhoso, honrar a seu pai e a sua mãe, mas não tinha a verdadeira caridade; sua virtude não chegava até a abnegação. Isso o que Jesus quis demonstrar. Fazia uma aplicação do princípio: "Fora da caridade não há salvação."

A consequência dessas palavras, em sua acepção rigorosa, seria a abolição da riqueza por prejudicial à felicidade futura e como causa de uma imensidade de males na Terra; seria, ademais, a condenação do trabalho que a pode

granjear; consequência absurda, que reconduziria o homem à vida selvagem e que, por isso mesmo, estaria em contradição com a lei do progresso, que é Lei de Deus.

Se a riqueza é causa de muitos males, se exacerba tanto as más paixões, se provoca mesmo tantos crimes, não é a ela que devemos inculpar, mas ao homem, que dela abusa, como de todos os dons de Deus. Pelo abuso, ele torna pernicioso o que lhe poderia ser de maior utilidade. É a consequência do estado de inferioridade do mundo terrestre. Se a riqueza somente males houvesse de produzir, Deus não a teria posto na Terra. Compete ao homem fazê-la produzir o bem. Se não é um elemento direto de progresso moral, é, sem contestação, poderoso elemento de progresso intelectual.

Com efeito, o homem tem por missão trabalhar pela melhoria material do planeta. Cabe-lhe desobstruí-lo, saneá-lo, dispô-lo para receber um dia toda a população que a sua extensão comporta. Para alimentar essa população que cresce incessantemente, preciso se faz aumentar a produção. Se a produção de um país é insuficiente, será necessário buscá-la fora. Por isso mesmo, as relações entre os povos constituem uma necessidade. A fim de mais as facilitar, cumpre sejam destruídos os obstáculos materiais que os separam e tornadas mais rápidas as comunicações. Para trabalhos que são obra dos séculos, teve o homem de extrair os materiais até das entranhas da Terra; procurou na Ciência os meios de os executar com maior segurança e rapidez. Mas para os levar a efeito, precisa de recursos: a necessidade fê-lo criar a riqueza, como o fez descobrir a Ciência. A atividade que esses mesmos trabalhos impõem lhe amplia e desenvolve a inteligência, e essa inteligência que ele concentra, primeiro, na satisfação das necessidades materiais, o ajudará mais tarde a compreender as grandes verdades morais. Sendo a riqueza o meio primordial de execução, sem ela não mais grandes trabalhos, nem atividade, nem estimulante, nem pesquisas. Com razão, pois, é a riqueza considerada elemento de progresso.

NOSSO COMENTÁRIO

A dissertação de Allan Kardec sobre a utilidade providencial da riqueza aborda a questão da riqueza como um instrumento que pode ser utilizado de forma benéfica ou prejudicial, dependendo da maneira como é empregada.

Ele destaca que, embora a riqueza possa representar um desafio e uma tentação, ela também pode ser um meio de progresso, tanto intelectual quanto material, se utilizada corretamente.

Kardec ressalta que a riqueza não deve ser vista como um obstáculo absoluto à salvação, mas sim como uma prova que pode ser superada com o uso correto dos recursos.

Ele cita o exemplo do moço que questionou Jesus sobre como obter a vida eterna e foi desafiado a desfazer-se de seus bens.

Nesse caso, Jesus não estava estabelecendo um princípio absoluto de que todos devem abandonar suas posses, mas sim mostrando que o apego aos bens materiais pode ser um obstáculo à caridade e à verdadeira virtude.

Kardec também enfatiza que a riqueza, quando bem utilizada, pode ser um poderoso meio de progresso material, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade e facilitando a realização de grandes obras e projetos.

Ele destaca que é responsabilidade do homem fazer com que a riqueza produza o bem, e não o mal, e que a verdadeira culpa está no abuso que o homem faz dos dons de Deus, e não na riqueza em si.

Assim, a visão espírita sobre a riqueza é de que ela pode ser uma ferramenta valiosa para o progresso, desde que seja utilizada com sabedoria e responsabilidade, visando sempre o bem comum e a elevação espiritual.

Desigualdade das riquezas

8. A desigualdade das riquezas é um dos problemas que inutilmente se procurará resolver, desde que se considere apenas a vida atual. A primeira questão que se apresenta é esta: Por que não são igualmente ricos todos os homens? Não o são por uma razão muito simples: por não serem igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem sóbrios e previdentes para

conservar. É, aliás, ponto matematicamente demonstrado que a riqueza, repartida com igualdade, a cada um daria uma parcela mínima e insuficiente; que, supondo efetuada essa repartição, o equilíbrio em pouco tempo estaria desfeito, pela diversidade dos caracteres e das aptidões; que, supondo-a possível e durável, tendo cada um somente com que viver, o resultado seria o aniquilamento de todos os grandes trabalhos que concorrem para o progresso e para o bem-estar da Humanidade; que, admitido desse ela a cada um o necessário, já não haveria o aguilhão que impele os homens às grandes descobertas e aos empreendimentos úteis. Se Deus a concentra em certos pontos, é para que daí se expanda em quantidade suficiente, de acordo com as necessidades.

Admitido isso, pergunta-se por que Deus a concede a pessoas incapazes de fazê-la frutificar para o bem de todos. Ainda aí está uma prova da sabedoria e da bondade de Deus. Dando-lhe o livre-arbítrio, quis Ele que o homem chegasse, por experiência própria, a distinguir o bem do mal e que a prática do primeiro resultasse de seus esforços e da sua vontade. Não deve o homem ser conduzido fatalmente ao bem, nem ao mal, sem o que não mais fora senão instrumento passivo e irresponsável como os animais. A riqueza é um meio de experimentar moralmente, mas como, ao mesmo tempo, é poderoso meio de ação para o progresso, não quer Deus que ela permaneça longo tempo improdutiva, pelo que incessantemente a desloca. Cada um tem de possuí-la para se exercitar em utilizá-la e demonstrar que uso sabe fazer dela. Sendo, no entanto, materialmente impossível que todos a possuam ao mesmo tempo, e acontecendo, além disso, que, se todos a possuíssem, ninguém trabalharia, com o que o melhoramento do planeta ficaria comprometido, cada um a possui por sua vez. Assim, um que não na tem hoje, já a teve ou terá noutra existência; outro, que agora a tem, talvez não na tenha amanhã. Há ricos e pobres, porque sendo Deus justo, como é, a cada um prescreve trabalhar a seu turno. A pobreza é, para os que a sofrem, a prova da paciência e da resignação; a riqueza é, para os outros, a prova da caridade e da abnegação.

Deploram-se, com razão, o péssimo uso que alguns fazem das suas riquezas, as ignóbeis paixões que a cobiça provoca, e pergunta-se: Deus será justo, dando-as a tais criaturas? É exato que, se o homem só tivesse uma única existência, nada justificaria semelhante repartição dos bens da Terra; se, entretanto, não tivermos em vista apenas a vida atual e, ao contrário, considerarmos o conjunto das existências, veremos que tudo se equilibra com justiça. Carece, pois, o pobre de motivo assim para acusar a Providência, como para invejar os

ricos e estes para se glorificarem do que possuem. Se abusam, não será com decretos ou leis suntuárias que se remediará o mal. As leis podem, de momento, mudar o exterior, mas não logram mudar o coração; daí vem serem elas de duração efêmera e quase sempre seguidas de uma reação mais desenfreada. A origem do mal reside no egoísmo e no orgulho: os abusos de toda espécie cessarão quando os homens se regerem pela lei da caridade.

NOSSO COMENTÁRIO

A dissertação de Allan Kardec sobre a desigualdade das riquezas aborda a questão da distribuição dos bens materiais e sua relação com a justiça divina.

Kardec argumenta que a desigualdade das riquezas não é um acaso, mas sim resultado da diversidade de capacidades, inteligências e esforços individuais.

Ele destaca que, matematicamente, a distribuição igualitária das riquezas seria insuficiente e que a diversidade de caracteres e aptidões humanas tornaria o equilíbrio difícil de ser mantido.

Para Kardec, a concentração de riqueza em alguns pontos é um meio de expandi-la em quantidade suficiente de acordo com as necessidades.

Ele defende que a posse de riqueza é uma prova para o homem, que deve aprender a fazer uso dela de forma benéfica para todos.

A riqueza, segundo Kardec, é um meio de experimentação moral, que permite ao homem distinguir o bem do mal e praticar o primeiro por sua própria vontade e esforço.

A pobreza, para Kardec, é uma prova de paciência e resignação, enquanto a riqueza é uma prova de caridade e abnegação.

Ele argumenta que a alternância entre a posse e a falta de riqueza ao longo das existências é parte do plano divino, que busca a evolução moral e espiritual do homem.

Kardec também critica o mau uso que alguns fazem de suas riquezas, causando sofrimento e gerando paixões negativas.

Ele destaca que as leis e decretos não são suficientes para remediar os abusos, pois a origem do mal está no egoísmo e no orgulho.

Para Kardec, o verdadeiro remédio está na prática da caridade e na mudança interior dos indivíduos.

Instruções dos Espíritos: A verdadeira propriedade

9. O homem só possui em plena propriedade aquilo que lhe é dado levar deste mundo. Do que encontra ao chegar e deixa ao partir goza ele enquanto aqui permanece. Forçado, porém, que é a abandonar tudo isso, não tem das suas riquezas a posse real, mas, simplesmente, o usufruto. Que é então o que ele possui? Nada do que é de uso do corpo; tudo o que é de uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais. Isso o que ele traz e leva consigo, o que ninguém lhe pode arrebatá-lo, o que lhe será de muito mais utilidade no outro mundo do que neste. Depende dele ser mais rico ao partir do que ao chegar, visto como, do que tiver adquirido em bem, resultará a sua posição futura. Quando alguém vai a um país distante, constitui a sua bagagem de objetos utilizáveis nesse país; não se preocupa com os que ali lhe seriam inúteis. Procedei do mesmo modo com relação à vida futura; aprovisionai-vos de tudo o de que lá vos possais servir.

Ao viajante que chega a um albergue, bom alojamento é dado, se o pode pagar. A outro, de poucos recursos, toca um menos agradável. Quanto ao que nada tenha de seu, vai dormir numa enxerga. O mesmo sucede ao homem à sua chegada no mundo dos Espíritos: depende dos seus haveres o lugar para onde vá. Não será, todavia, com o seu ouro que ele o pagará. Ninguém lhe perguntará: Quanto tinhas na Terra? Que posição ocupavas? Eras príncipe ou operário? Perguntar-lhe-ão: Que trazes contigo? Não se lhe avaliarão os bens, nem os títulos, mas a soma das virtudes que possua. Ora, sob esse aspecto, pode o operário ser mais rico do que o príncipe. Em vão alegará que antes de partir da Terra pagou a peso de ouro a sua entrada no outro mundo. Responder-lhe-ão: Os lugares aqui não se compram: conquistam-se por meio da prática do bem. Com a moeda terrestre, hás podido comprar campos, casas,

palácios; aqui, tudo se paga com as qualidades da alma. És rico dessas qualidades? Sê bem-vindo e vai para um dos lugares da primeira categoria, onde te esperam todas as venturas. És pobre delas? Vai para um dos da última, onde serás tratado de acordo com os teus haveres. – Pascal. (Genebra, 1860.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem do Espírito Pascal destaca a verdadeira propriedade do homem, que não está nos bens materiais, mas sim nas qualidades morais e espirituais que ele desenvolve ao longo da vida.

O texto compara a vida terrena a uma viagem, na qual o homem só pode levar consigo aquilo que adquiriu em termos de conhecimento, virtudes e experiências espirituais.

Pascal enfatiza que, ao deixar este mundo, o homem não leva consigo suas posses materiais, mas sim o que ele acumulou em termos de crescimento espiritual.

Ele compara a bagagem que levamos para um país distante, que deve ser adequada às necessidades desse lugar, sugerindo que devemos nos preparar para a vida futura acumulando virtudes e qualidades espirituais.

No mundo espiritual, segundo Pascal, não importa a posição social ou a riqueza material que alguém possuía na Terra, mas sim as qualidades da alma.

Ele destaca que as virtudes são o verdadeiro pagamento no mundo espiritual, e que é com elas que conquistamos nosso lugar após a morte.

Assim, a mensagem ressalta a importância de cultivar as virtudes e qualidades morais, que são as verdadeiras riquezas do homem e determinam sua posição na vida após a morte.

10. Os bens da Terra pertencem a Deus, que os distribui a seu grado, não sendo o homem senão o usufrutuário, o administrador mais ou menos íntegro e inteligente desses bens. Tanto eles não constituem propriedade individual do

homem, que Deus frequentemente anula todas as previsões e a riqueza foge àquele que se julga com os melhores títulos para possuí-la. Direis, porventura, que isso se compreende no tocante aos bens hereditários, porém, não relativamente aos que são adquiridos pelo trabalho. Sem dúvida alguma, se há riquezas legítimas, são estas últimas, quando honestamente conseguidas, porquanto uma propriedade só é legitimamente adquirida quando, da sua aquisição, não resulta dano para ninguém. Contas serão pedidas até mesmo de um único ceitil mal ganho, isto é, com prejuízo de outrem. O fato, porém, de um homem dever a si próprio a riqueza que possuía, seguir-se-á que, ao morrer, alguma vantagem lhe advenha desse fato? Não são amiúde inúteis as precauções que ele toma para transmiti-la a seus descendentes? Decerto, porquanto, se Deus não quiser que ela lhes vá ter às mãos, nada prevalecerá contra a sua vontade. Poderá o homem usar e abusar de seus haveres durante a vida, sem ter de prestar contas? Não. Permitindo-lhe que a adquirisse, é possível haja Deus tido em vista recompensar-lhe, no curso da existência atual, os esforços, a coragem, a perseverança. Se, porém, ele somente os utilizou na satisfação dos seus sentidos ou do seu orgulho; se tais haveres se lhe tornaram causa de falência, melhor fora não os ter possuído, visto que perde de um lado o que ganhou do outro, anulando o mérito de seu trabalho. Quando deixar a Terra, Deus lhe dirá que já recebeu a sua recompensa. – M., Espírito protetor. (Bruxelas, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem desse Espírito protetor destaca a visão espírita sobre a posse e a utilização dos bens materiais.

Segundo o Espiritismo, os bens terrenos não são propriedade individual do homem, mas sim distribuídos por Deus, sendo o homem apenas o usufrutuário e administrador desses bens.

A riqueza, portanto, não é um direito absoluto do homem, mas sim uma responsabilidade que ele deve exercer com integridade e inteligência.

O texto ressalta que mesmo os bens adquiridos pelo trabalho honesto não são propriedade definitiva do homem, pois Deus pode

alterar as circunstâncias de forma que a riqueza fuja daquele que a possuía.

Isso demonstra que a posse dos bens materiais é temporária e sujeita à vontade divina.

Além disso, o Espírito protetor alerta que o homem deve prestar contas de como utilizou seus bens durante a vida.

Se os utilizou de maneira egoísta ou prejudicial, sem contribuir para o bem comum, a riqueza não terá sido uma benção, mas sim um fardo.

Assim, a mensagem destaca a importância de usar os bens materiais de forma responsável e consciente, visando não apenas o benefício pessoal, mas também o bem-estar coletivo e espiritual.

Emprego da riqueza

11. Não podeis servir a Deus e a Mamon. Guardai bem isso em lembrança, vós, a quem o amor do ouro domina; vós, que venderíeis a alma para possuir tesouros, porque eles permitem vos eleveis acima dos outros homens e vos proporcionam os gozos das paixões. Não; não podeis servir a Deus e a Mamon! Se, pois, sentis vossa alma dominada pelas cobiças da carne, dai-vos pressa em alijar o jugo que vos oprime, porquanto Deus, justo e severo, vos dirá: "Que fizeste, ecônomo infiel, dos bens que te confiei? Esse poderoso móvel de boas obras exclusivamente o empregaste na tua satisfação pessoal."

Qual, então, o melhor emprego que se pode dar à riqueza? Procurai nestas palavras: "Amai-vos uns aos outros", a solução do problema. Elas guardam o segredo do bom emprego das riquezas. Aquele que se acha animado do amor do próximo tem aí toda traçada a sua linha de proceder. Na caridade está, para as riquezas, o emprego que mais apraz a Deus. Não nos referimos, é claro, a essa caridade fria e egoísta, que consiste em a criatura espalhar ao seu redor o supérfluo de uma existência dourada. Referimo-nos à caridade plena de amor, que procura a desgraça e a ergue, sem a humilhar. Rico!... dá do que te sobra; faz mais: dá um pouco do que te é necessário, porquanto o de que necessitas ainda é supérfluo; mas dá com sabedoria. Não repilas o que se queixa, com receio de que te engane; vai às origens do mal. Alivia, primeiro;

em seguida, informa-te, e vê se o trabalho, os conselhos, mesmo a afeição não serão mais eficazes do que a tua esmola. Difunde em torno de ti, como os socorros materiais, o amor de Deus, o amor do trabalho, o amor do próximo. Coloca tuas riquezas sobre uma base que nunca lhes faltará e que te trará grandes lucros: a das boas obras. A riqueza da inteligência debes utilizá-la como a do ouro. Derrama em torno de ti os tesouros da instrução; derrama sobre teus irmãos os tesouros do teu amor e eles frutificarão. – Cheverus. (Bordeaux, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem de Cheverus ressalta a incompatibilidade entre o serviço a Deus e a busca desenfreada por riquezas materiais.

Aqueles que colocam o amor ao dinheiro acima de tudo acabam por negligenciar valores espirituais mais elevados.

O alerta é para compreender que a busca desenfreada por riquezas materiais pode levar à perda de valores morais e espirituais.

O texto destaca que o verdadeiro emprego correto da riqueza está no amor ao próximo, na prática da caridade e na busca pela elevação espiritual.

A caridade não deve ser apenas um ato de distribuição de bens materiais, mas sim uma expressão de amor e compaixão, que busca verdadeiramente ajudar e elevar aqueles em necessidade.

Além disso, a mensagem enfatiza a importância de usar a riqueza intelectual, representada pela inteligência, para beneficiar a sociedade.

Através da disseminação do conhecimento e do amor ao próximo, é possível utilizar os recursos intelectuais para promover o bem-estar coletivo e espiritual.

Em resumo, a mensagem de Cheverus é um apelo à consciência sobre a verdadeira essência da riqueza, que não está apenas na posse

de bens materiais, mas sim na capacidade de usar esses recursos em prol do bem comum e da elevação espiritual.

12. Quando considero a brevidade da vida, dolorosamente me impressiona a incessante preocupação de que é para vós objeto o bem-estar material, ao passo que tão pouca importância dais ao vosso aperfeiçoamento moral, a que pouco ou nenhum tempo consagrais e que, no entanto, é o que importa para a eternidade. Dir-se-ia, diante da atividade que desenvolvéis, tratar-se de uma questão do mais alto interesse para a Humanidade, quando não se trata, na maioria dos casos, senão de vos pordes em condições de satisfazer a necessidades exageradas, à vaidade, ou de vos entregardes a excessos. Que de penas, de amofinações, de tormentos cada um se impõe; que de noites de insônia, para aumentar haveres muitas vezes mais que suficientes! Por cúmulo de cegueira, frequentemente se encontram pessoas escravizadas a penosos trabalhos, pelo amor imoderado da riqueza e dos gozos que ela proporciona, a se vangloriarem de viver uma existência dita de sacrifício e de mérito — como se trabalhassem para os outros, e não para si mesmas! Insensatos! Credes, então, realmente, que vos serão levados em conta os cuidados e os esforços que despendeis movidos pelo egoísmo, pela cupidez ou pelo orgulho, enquanto negligenciais do vosso futuro, bem como dos deveres que a solidariedade fraterna impõe a todos os que gozam das vantagens da vida social? Unicamente no vosso corpo haveis pensado; seu bem-estar, seus prazeres foram o objeto exclusivo da vossa solicitude egoística. Por ele, que morre, desprezastes o vosso Espírito, que viverá sempre. Por isso mesmo, esse senhor tão animado e acariciado se tornou o vosso tirano; ele manda sobre o vosso Espírito, que se lhe constituiu escravo. Seria essa a finalidade da existência que Deus vos outorgou? — Um Espírito protetor. (Cracóvia, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta instrução, o Espírito protetor destaca a brevidade da vida e a preocupação excessiva com o bem-estar material em detrimento do aperfeiçoamento moral.

Ele lamenta que muitas pessoas dediquem a maior parte de seu tempo e esforço para acumular riquezas e satisfazer necessidades exageradas, enquanto negligenciam seu crescimento espiritual, que é o que verdadeiramente importa para a eternidade.

O Espírito questiona a lógica por trás da busca incessante por riquezas materiais, que muitas vezes leva a sacrifícios pessoais, noites sem dormir e uma vida de trabalho árduo, tudo em nome do aumento do patrimônio, da vaidade ou do prazer.

Ele critica a ideia equivocada de que uma vida assim é vista como um sacrifício e um mérito, quando na verdade é movida pelo egoísmo, pela ganância e pelo orgulho.

O alerta do Espírito é para que as pessoas não se deixem escravizar pelo corpo e pelos prazeres materiais, em detrimento do crescimento espiritual.

Ele questiona se esse é o verdadeiro propósito da existência, sugerindo que é importante refletir sobre os deveres para com o futuro e para com os outros, em vez de se concentrar apenas nas necessidades físicas e nos prazeres passageiros.

A mensagem ressalta a importância de equilibrar a busca por conforto material com o desenvolvimento moral e espiritual, lembrando que o verdadeiro valor da vida está na evolução do Espírito, que é eterno, em contraste com a efemeridade dos bens materiais.

13. Sendo o homem o depositário, o administrador dos bens que Deus lhe pôs nas mãos, contas severas lhe serão pedidas do emprego que lhes haja Ele dado, em virtude do seu livre-arbítrio. O mau uso consiste em os aplicar exclusivamente na sua satisfação pessoal; bom é o uso, ao contrário, todas as vezes que deles resulta um bem qualquer para outrem. O merecimento de cada um está na proporção do sacrifício que se impõe a si mesmo. A beneficência é apenas um modo de empregar-se a riqueza; ela dá alívio à miséria presente; aplaca a fome, preserva do frio e proporciona abrigo ao que não o tem. Dever, porém, igualmente imperioso e meritório é o de prevenir a miséria. Tal, sobretudo, a missão das grandes fortunas, missão a ser cumprida mediante os trabalhos de todo gênero que com elas se podem executar. Nem, pelo fato de tirarem desses trabalhos legítimo proveito os que assim as empregam, deixaria de existir o bem resultante delas, porquanto o trabalho desenvolve a inteligência e exalça a dignidade do homem, facultando-lhe dizer, altivo, que ganha o pão que come, enquanto a esmola humilha e degrada. A riqueza concentrada

em uma mão deve ser qual fonte de água viva que espalha a fecundidade e o bem-estar ao seu redor. Ó vós, ricos, que a empregardes segundo as vistas do Senhor! O vosso coração será o primeiro a dessedentar-se nessa fonte benfazeja; já nesta existência fruireis os inefáveis gozos da alma, em vez dos gozos materiais do egoísta, que produzem no coração o vazio. Vossos nomes serão benditos na Terra e, quando a deixardes, o soberano Senhor vos dirá, como na Parábola dos Talentos: “Bom e fiel servo, entra na alegria do teu Senhor.” Nessa parábola, o servidor que enterrou o dinheiro que lhe fora confiado é a representação dos avaros, em cujas mãos se conserva improdutivo a riqueza. Se, entretanto, Jesus fala principalmente das esmolas, é que naquele tempo e no país em que Ele vivia não se conheciam os trabalhos que as Artes e a Indústria criaram depois e nas quais as riquezas podem ser aplicadas utilmente para o bem geral. A todos os que podem dar, pouco ou muito, direi, pois: dai esmola quando for preciso; mas, tanto quanto possível, convertei-a em salário, a fim de que aquele que a receba não se envergonhe dela. – Fénelon. (Argel, 1860.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta mensagem, o Espírito Fénelon destaca a responsabilidade do homem como administrador dos bens que Deus lhe confiou, ressaltando que será cobrado dele o modo como utilizou esses recursos, conforme seu livre-arbítrio.

O mau uso é descrito como o emprego exclusivo para satisfação pessoal, enquanto o bom uso é aquele que resulta em benefício para os outros.

A beneficência é mencionada como um modo de empregar a riqueza, aliviando a miséria presente.

No entanto, Fénelon destaca a importância ainda maior de prevenir a miséria, especialmente para aqueles com grandes fortunas, que têm a missão de realizar trabalhos que beneficiem a sociedade.

Ele enfatiza que mesmo que aqueles que empregam essas fortunas recebam um proveito legítimo desses trabalhos, o bem resultante deles não é anulado, pois o trabalho desenvolve a inteligência e a dignidade do homem.

A mensagem ressalta que a riqueza concentrada deve ser como uma fonte de água viva que espalha bem-estar ao seu redor.

Aqueles que empregam suas riquezas de acordo com as intenções do Senhor são prometidos alegria e gozos da alma, em contraste com os gozos materiais egoístas que deixam um vazio no coração.

Por fim, Fénelon menciona a Parábola dos Talentos, onde Jesus elogia aqueles que fazem bom uso do que lhes foi confiado, e exorta a dar esmolas quando necessário, mas também a converter essas esmolas em salário sempre que possível, para que aquele que a receba não se envergonhe dela.

Desprendimento dos bens terrenos

14. Venho, meus irmãos, meus amigos, trazer-vos o meu óbolo, a fim de vos ajudar a avançar, desassombradamente, pela senda do aperfeiçoamento em que entrastes. Nós nos devemos uns aos outros; somente pela união sincera e fraternal entre os Espíritos e os encarnados será possível a regeneração.

O amor aos bens terrenos constitui um dos mais fortes óbices ao vosso adiantamento moral e espiritual. Pelo apego à posse de tais bens, destruí as vossas faculdades de amar, com as aplicardes todas às coisas materiais. Sede sinceros: proporciona a riqueza uma felicidade sem mescla? Quando tendes cheios os cofres, não há sempre um vazio no vosso coração? No fundo dessa cesta de flores não há sempre oculto um réptil? Compreendo a satisfação, bem justa, aliás, que experimenta o homem que, por meio de trabalho honrado e assíduo, ganhou uma fortuna; mas dessa satisfação, muito natural e que Deus aprova, a um apego que absorve todos os outros sentimentos e paralisa os impulsos do coração vai grande distância, tão grande quanto a que separa da prodigalidade exagerada a sórdida avareza, dois vícios entre os quais colocou Deus a caridade, santa e salutar virtude que ensina o rico a dar sem ostentação, para que o pobre receba sem baixaza.

Quer a fortuna vos tenha vindo da vossa família, quer a tenhais ganho com o vosso trabalho, há uma coisa que não deveis esquecer nunca: é que tudo promana de Deus, tudo retorna a Deus. Nada vos pertence na Terra, nem sequer o vosso pobre corpo: a morte vos despoja dele, como de todos os bens

materiais. Sois depositários e não proprietários, não vos iludais. Deus vo-los emprestou, tendes de lhos restituir; e Ele empresta sob a condição de que o supérfluo, pelo menos, caiba aos que carecem do necessário.

Um dos vossos amigos vos empresta certa quantia. Por pouco honesto que sejais, fazeis questão de lha restituirdes escrupulosamente e lhe ficais agradecido. Pois bem: essa a posição de todo homem rico. Deus é o amigo celestial, que lhe emprestou a riqueza, não querendo para si mais do que o amor e o reconhecimento do rico. Exige deste, porém, que a seu turno dê aos pobres, que são, tanto quanto ele, seus filhos.

Ardente e desvairada cobiça despertam nos vossos corações os bens que Deus vos confiou. Já pensastes, quando vos deixais apegar imoderadamente a uma riqueza perecível e passageira como vós mesmos, que um dia tereis de prestar contas ao Senhor daquilo que vos veio dele? Olvidais que, pela riqueza, vos revestistes do caráter sagrado de ministros da caridade na Terra, para serdes da aludida riqueza dispensadores inteligentes? Portanto, quando somente em vosso proveito usais do que se vos confiou, que sois, senão depositários infiéis? Que resulta desse esquecimento voluntário dos vossos deveres? A morte, inflexível, inexorável, rasga o véu sob que vos ocultáveis e vos força a prestar contas ao Amigo que vos favorecera e que nesse momento enverga diante de vós a toga de juiz.

Em vão procurais na Terra iludir-vos, colorindo com o nome de virtude o que as mais das vezes não passa de egoísmo. Em vão chamais economia e previdência ao que apenas é cupidez e avareza, ou generosidade ao que não é senão prodigalidade em proveito vosso. Um pai de família, por exemplo, se abstém de praticar a caridade, economizará, amontoará ouro, para, diz ele, deixar aos filhos a maior soma possível de bens e evitar que caiam na miséria. É muito justo e paternal, convenho, e ninguém pode censurar. Mas será sempre esse o único móvel a que ele obedece? Não será muitas vezes um compromisso com a sua consciência, para justificar, aos seus próprios olhos e aos olhos do mundo, seu apego pessoal aos bens terrenos? Admitamos, no entanto, seja o amor paternal o único móvel que o guie. Será isso motivo para que esqueça seus irmãos perante Deus? Quando já ele tem o supérfluo, deixará na miséria os filhos, por lhes ficar um pouco menos desse supérfluo? Não será, antes, dar-lhes uma lição de egoísmo e endurecer-lhes os corações? Não será estiolar neles o amor ao próximo? Pais e mães, laborais em grande erro, se credes que

desse modo granjeais maior afeição dos vossos filhos. Ensinando-lhes a ser egoístas para com os outros, ensinai-lhes a sê-lo para com vós mesmos.

A um homem que muito haja trabalhado, e que com o suor de seu rosto acumulou bens, é comum ouvirdes dizer que, quando o dinheiro é ganho, melhor se lhe conhece o valor. Nada mais exato. Pois bem! Pratique a caridade, dentro das suas possibilidades, esse homem que declara conhecer todo o valor do dinheiro, e maior será o seu merecimento, do que o daquele que, nascido na abundância, ignora as rudes fadigas do trabalho. Mas também se esse homem, que se recorda dos seus penares, dos seus esforços, for egoísta, impiedoso para com os pobres, bem mais culpado se tornará do que o outro, pois, quanto melhor cada um conhece por si mesmo as dores ocultas da miséria, tanto mais propenso deve sentir-se em aliviá-las nos outros.

Infelizmente, sempre há no homem que possui bens de fortuna um sentimento tão forte quanto o apego aos mesmos bens: é o orgulho. Não raro, vê-se o arrivista atordoar, com a narrativa de seus trabalhos e de suas habilidades, o desgraçado que lhe pede assistência, em vez de acudi-lo e acabar dizendo: "Faça o que eu fiz." Segundo o seu modo de ver, a bondade de Deus não entra por coisa alguma na obtenção da riqueza que conseguiu acumular; pertence-lhe a ele, exclusivamente, o mérito de a possuir. O orgulho lhe põe sobre os olhos uma venda e lhe tapa os ouvidos. Apesar de toda a sua inteligência e de toda a sua aptidão, não compreende que, com uma só palavra, Deus o pode lançar por terra.

Esbanjar a riqueza não é demonstrar despreendimento dos bens terrenos: é descaso e indiferença. Depositário desses bens, não tem o homem o direito de os dilapidar, como não tem o de os confiscar em seu proveito. Prodigalidade não é generosidade: é, frequentemente, uma modalidade do egoísmo. Um, que despenda a mancheias o ouro de que disponha, para satisfazer a uma fantasia, talvez não dê um centavo para prestar um serviço. O desapego aos bens terrenos consiste em apreciá-los no seu justo valor, em saber servir-se deles em benefício dos outros e não apenas em benefício próprio, em não sacrificar por eles os interesses da vida futura, em perdê-los sem murmurar, caso apraza a Deus retirá-los. Se, por efeito de imprevistos reveses, vos tornardes qual Jó, dizei, como ele: "Senhor, Tu mos havias dado e mos tiraste. Faça-se a tua vontade." Eis aí o verdadeiro despreendimento. Sede, antes de tudo, submissos; confiai naquele que, tendo-vos dado e tirado, pode novamente restituir-vos o que vos tirou. Resisti animosos ao abatimento, ao desespero, que vos paralisam

as forças. Quando Deus vos desferir um golpe, não esqueçais nunca que, ao lado da mais rude prova, coloca sempre uma consolação. Ponderai, sobretudo, que há bens infinitamente mais preciosos do que os da Terra e essa ideia vos ajudará a desprender-vos destes últimos. O pouco apreço que se ligue a uma coisa faz que menos sensível seja a sua perda. O homem que se aferra aos bens terrenos é como a criança que somente vê o momento que passa. O que deles se desprende é como o adulto que vê as coisas mais importantes, por compreender estas proféticas palavras do Salvador: "O meu reino não é deste mundo."

A ninguém ordena o Senhor que se despoje do que possua, condenando-se a uma voluntária mendicidade, porquanto o que tal fizesse tornar-se-ia em carga para a sociedade. Proceder assim fora compreender mal o desprendimento dos bens terrenos. Fora egoísmo de outro gênero, porque seria o indivíduo eximir-se da responsabilidade que a riqueza faz pesar sobre aquele que a possui. Deus a concede a quem bem lhe parece, a fim de que a administre em proveito de todos. O rico tem, pois, uma missão, que ele pode embelezar e tornar proveitosa a si mesmo. Rejeitar a riqueza, quando Deus a outorga, é renunciar aos benefícios do bem que se pode fazer, gerindo-a com critério. Sabendo prescindir dela quando não a tem, sabendo empregá-la utilmente quando a possui, sabendo sacrificá-la quando necessário, procede a criatura de acordo com os desígnios do Senhor. Diga, pois, aquele a cujas mãos venha o que no mundo se chama uma boa fortuna: Meu Deus, tu me destinaste um novo encargo; dá-me a força de desempenhá-lo segundo a tua santa vontade.

Aí tendes, meus amigos, o que eu vos queria ensinar acerca do desprendimento dos bens terrenos. Resumirei o que expus, dizendo: Sabei contentar-vos com pouco. Se sois pobres, não invejeis os ricos, porquanto a riqueza não é necessária à felicidade. Se sois ricos, não esqueçais que os bens de que dispodes apenas vos estão confiados e que tendes de justificar o emprego que lhes derdes, como se prestásseis contas de uma tutela. Não sejais depositário infiel, utilizando-os unicamente em satisfação do vosso orgulho e da vossa sensualidade. Não vos julgueis com o direito de dispor em vosso exclusivo proveito daquilo que recebestes, não por doação, mas simplesmente como empréstimo. Se não sabeis restituir, não tendes o direito de pedir, e lembrai-vos de que aquele que dá aos pobres, salda a dívida que contraiu com Deus. – Lacordaire. (Constantina, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta longa dissertação, o Espírito Lacordaire aborda o tema do desprendimento dos bens terrenos.

Ele começa enfatizando a importância da união sincera entre os Espíritos e os encarnados para a regeneração.

Em seguida, critica o apego excessivo aos bens materiais, que prejudica a capacidade de amar e desvia o foco do verdadeiro valor da vida espiritual.

Lacordaire lembra que tudo na Terra pertence a Deus e que somos apenas depositários temporários dos bens materiais.

Destaca a importância de usar esses bens em benefício dos outros, especialmente dos mais necessitados, e não apenas para satisfazer o egoísmo pessoal.

O desapego, segundo ele, não significa esbanjar a riqueza, mas sim utilizá-la com sabedoria e generosidade, reconhecendo que ela pode ser retirada a qualquer momento por vontade divina.

Também critica o orgulho e a vaidade que muitas vezes acompanham a posse de riquezas, levando as pessoas a se considerarem donas exclusivas de seus bens.

Ressalta a importância de reconhecer que a riqueza é um empréstimo de Deus e que devemos prestar contas do seu uso.

Conclui sua mensagem incentivando a contentar-se com pouco, seja rico ou pobre, e a utilizar os bens materiais de forma responsável e generosa. Destaca que aqueles que dão aos pobres estão cumprindo um dever divino e saldando uma dívida com Deus.

Transmissão da riqueza

15. O princípio, segundo o qual ele é apenas depositário da fortuna de que Deus lhe permite gozar durante a vida, tira ao homem o direito de transmiti-la aos seus descendentes?

O homem pode perfeitamente transmitir, por sua morte, aquilo de que gozou durante a vida, porque o efeito desse direito está subordinado sempre à vontade de Deus, que pode, quando quiser, impedir que aqueles descendentes gozem do que lhes foi transmitido. Não é outra a razão por que desmoronam fortunas que parecem solidamente constituídas. É, pois, impotente a vontade do homem para conservar nas mãos da sua descendência a fortuna que possua. Isso, entretanto, não o priva do direito de transmitir o empréstimo que recebeu de Deus, uma vez que Deus pode retirá-lo, quando o julgue oportuno. – São Luís. (Paris, 1860.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nessa mensagem, São Luís aborda o tema da transmissão da riqueza aos descendentes.

Ele esclarece que, embora o homem seja apenas o depositário dos bens que Deus lhe permite gozar durante a vida, ele tem o direito de transmiti-los aos seus descendentes por meio de herança.

No entanto, São Luís ressalta que esse direito de transmissão está sempre subordinado à vontade de Deus, que pode, a qualquer momento, impedir que os descendentes desfrutem da riqueza transmitida.

Ele exemplifica que algumas fortunas, aparentemente sólidas, desmoronam, mostrando a fragilidade do controle humano sobre a riqueza.

Assim, São Luís enfatiza que, embora o homem possa transmitir a riqueza aos seus descendentes, ele deve estar ciente de que essa transmissão está sujeita à vontade divina, que pode retirar esse empréstimo quando julgar oportuno.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XVII - Sede Perfeitos

• Caracteres da perfeição • O homem de bem • Os bons espíritas • Parábola do Semeador • Instruções dos Espíritos: O dever – A virtude – Os superiores e os inferiores – O homem no mundo – Cuidar do corpo e do espírito

Caracteres da perfeição

1. Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam. Porque, se somente amardes os que vos amam, que recompensa tereis disso? Não fazem assim também os publicanos? Se unicamente saudardes os vossos irmãos, que fazeis com isso mais do que outros? Não fazem o mesmo os pagãos? Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial. (Mateus, 5:44, 46 a 48.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem do Evangelho segundo Mateus, capítulo 5, versículos 44, 46 a 48, destaca alguns dos ensinamentos de Jesus sobre a perfeição e a maneira como devemos agir em relação aos outros, especialmente aos nossos inimigos.

Ele nos exorta a amar nossos inimigos, fazer o bem aos que nos odeiam, orar pelos que nos perseguem e caluniam.

Jesus aponta que se amarmos apenas aqueles que nos amam, não estaremos fazendo nada além do que os publicanos fazem, referindo-se a uma classe social vista como pecadora na época.

Ele nos chama a ir além do comum, pois até os pagãos (ou gentios) saúdam seus irmãos.

Portanto, a perfeição, segundo Jesus, está em agir com amor e benevolência para com todos, independentemente de como somos tratados, seguindo o exemplo do Pai celestial, que é perfeito em amor e bondade.

2. Pois que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, esta proposição: "Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial", tomada ao pé da letra, pressuporia a possibilidade de atingir-se a perfeição absoluta. Se à criatura fosse dado ser tão perfeita quanto o Criador, tornar-se-ia ela igual a este, o que é inadmissível. Os homens a quem Jesus falava não compreenderiam essa nuance, pelo que Ele se limitou a lhes apresentar um modelo e a dizer-lhes que se esforçassem pelo alcançar.

Aquelas palavras, portanto, devem entender-se no sentido da perfeição relativa, a de que a Humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: "Em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem." Mostra Ele desse modo que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla aceção, porque implica a prática de todas as outras virtudes.

Com efeito, se se observam os resultados de todos os vícios e, mesmo, dos simples defeitos, reconhecer-se-á nenhum haver que não altere mais ou menos o sentimento da caridade, porque todos têm seu princípio no egoísmo e no orgulho, que lhes são a negação; e isso porque tudo o que sobre-excita o sentimento da personalidade destrói, ou, pelo menos, enfraquece os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. Não podendo o amor do próximo, levado até o amor dos inimigos, aliar-se a nenhum defeito contrário à caridade, aquele amor é sempre, portanto, indício de maior ou menor superioridade moral, donde decorre que o grau da perfeição está na razão direta da sua extensão. Foi por isso que Jesus, depois de haver dado a seus discípulos as regras da caridade, no que tem de mais sublime, lhes disse: "Sede perfeitos, como perfeito é vosso Pai celestial."

NOSSO COMENTÁRIO

No item 2 do capítulo 17 do "Evangelho Segundo o Espiritismo", Allan Kardec explora o significado da passagem "Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial" (Mateus 5:48), analisando-a à luz da perfeição divina e da capacidade humana de alcançar a perfeição relativa.

Ele destaca que a perfeição absoluta, equiparando a criatura ao Criador, é inadmissível, pois implicaria igualdade entre ambos.

Assim, a perfeição mencionada por Jesus deve ser compreendida como relativa, aproximando a humanidade da Divindade.

Kardec enfatiza que a essência da perfeição está na prática da caridade em seu sentido mais amplo, incluindo amar os inimigos, fazer o bem aos que nos odeiam e orar pelos que nos perseguem, como ensinou Jesus.

Ele argumenta que todos os vícios e defeitos têm sua origem no egoísmo e no orgulho, que são contrários à caridade.

Portanto, a perfeição moral está diretamente ligada à extensão do amor ao próximo, incluindo os inimigos, e à ausência de defeitos contrários à caridade.

Assim, ser perfeito, como o Pai celestial, significa desenvolver a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento, elementos essenciais da verdadeira caridade.

O grau de perfeição moral de uma pessoa está relacionado à extensão do amor ao próximo e à ausência de defeitos contrários à caridade.

O homem de bem

3. O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem que podia, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que desejara lhe fizessem.

Deposita fé em Deus, na sua bondade, na sua justiça e na sua sabedoria. Sabe que sem a sua permissão nada acontece e se lhe submete à vontade em todas as coisas.

Tem fé no futuro, razão por que coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.

Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações e as aceita sem murmurar.

Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma; retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte e sacrifica sempre seus interesses à justiça.

Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, no fazer ditosos os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. Seu primeiro impulso é para pensar nos outros, antes de pensar em si, é para cuidar dos interesses dos outros antes do seu próprio interesse. O egoísta, ao contrário, calcula os proventos e as perdas decorrentes de toda ação generosa.

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que como ele não pensam.

Em todas as circunstâncias, toma por guia a caridade, tendo como certo que aquele que prejudica a outrem com palavras malévolas, que fere com o seu orgulho e o seu desprezo a suscetibilidade de alguém, que não recua à ideia de causar um sofrimento, uma contrariedade, ainda que ligeira, quando a pode evitar, falta ao dever de amar o próximo e não merece a clemência do Senhor.

Não alimenta ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas e só dos benefícios se lembra, por saber que perdoado lhe será conforme houver perdoado.

É indulgente para as fraquezas alheias, porque sabe que também necessita de indulgência e tem presente esta sentença do Cristo: "Atire-lhe a primeira pedra aquele que se achar sem pecado."

Nunca se compraz em rebuscar os defeitos alheios, nem, ainda, em evidenciá-los. Se a isso se vê obrigado, procura sempre o bem que possa atenuar o mal.

Estuda suas próprias imperfeições e trabalha incessantemente em combatê-las. Todos os esforços emprega para poder dizer, no dia seguinte, que alguma coisa traz em si de melhor do que na véspera.

Não procura dar valor ao seu espírito, nem aos seus talentos, a expensas de outrem; aproveita, ao revés, todas as ocasiões para fazer ressaltar o que seja proveitoso aos outros.

Não se envaidece da sua riqueza, nem de suas vantagens pessoais, por saber que tudo o que lhe foi dado pode ser-lhe tirado.

Usa, mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, sabe que é um depósito de que terá de prestar contas e que o mais prejudicial emprego que lhe pode dar é o de aplicá-lo à satisfação de suas paixões.

Se a ordem social colocou sob o seu mando outros homens, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus; usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho. Evita tudo quanto lhes possa tornar mais penosa a posição subalterna em que se encontram.

O subordinado, de sua parte, compreende os deveres da posição que ocupa e se empenha em cumpri-los conscienciosamente. (Cap. XVII, item 9.)

Finalmente, o homem de bem respeita todos os direitos que aos seus semelhantes dão as Leis da Natureza, como quer que sejam respeitados os seus.

Não ficam assim enumeradas todas as qualidades que distinguem o homem de bem; mas aquele que se esforça por possuir as que acabamos de mencionar, no caminho se acha que a todas as demais conduz.

NOSSO COMENTÁRIO

O "Evangelho Segundo o Espiritismo" descreve detalhadamente as características do verdadeiro homem de bem, aquele que cumpre a lei de justiça, amor e caridade de forma pura. Ele é alguém que:

Questiona sua própria consciência sobre seus atos, avaliando se violou a lei, se praticou o mal, se fez todo o bem possível, se aproveitou todas as oportunidades de ser útil e se tratou os outros como gostaria de ser tratado.

Deposita fé em Deus, confiando em Sua bondade, justiça e sabedoria, e submetendo-se à Sua vontade.

Tem fé no futuro, valorizando mais os bens espirituais do que os temporais.

Aceita as vicissitudes da vida como provas ou expiações, sem reclamar.

Pratica a caridade e o amor ao próximo sem esperar recompensa, retribuindo o mal com o bem e defendendo o fraco contra o forte.

Encontra satisfação em beneficiar os outros, consolando os aflitos e cuidando dos interesses dos outros antes do seu próprio interesse.

Respeita todas as convicções sinceras e não julga aqueles que pensam diferente.

Guia-se pela caridade em todas as circunstâncias, evitando prejudicar os outros com palavras malévolas ou atitudes orgulhosas.

Perdoa as ofensas e esquece os ressentimentos, lembrando que será perdoado conforme perdoar.

É indulgente com as fraquezas alheias, lembrando-se de que também precisa de indulgência.

Estuda suas próprias imperfeições e trabalha para melhorar a cada dia.

Não busca destacar-se às custas dos outros, mas valoriza o que é proveitoso para todos.

Não se envaidece de sua riqueza ou vantagens pessoais, pois sabe que tudo pode ser-lhe tirado.

Usa, mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, sabendo que terá de prestar contas.

Trata com bondade e benevolência aqueles que estão sob sua autoridade, elevando o moral deles e não os oprimindo com orgulho.

Respeita os direitos dos outros, assim como quer que seus direitos sejam respeitados.

Embora essas não sejam todas as qualidades que distinguem o homem de bem, aquele que se esforça por possuir essas características está no caminho que leva a todas as outras virtudes.

Os bons espíritas

4. Bem compreendido, mas sobretudo bem sentido, o Espiritismo leva aos resultados acima expostos, que caracterizam o verdadeiro espírita, como o cristão verdadeiro, pois que um o mesmo é que outro. O Espiritismo não institui nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da do Cristo, facultando fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam.

Muitos, entretanto, dos que acreditam nos fatos das manifestações não lhes apreendem as consequências, nem o alcance moral, ou, se os apreendem, não os aplicam a si mesmos. A que atribuir isso? A alguma falta de clareza da Doutrina? Não, pois que ela não contém alegorias nem figuras que possam dar lugar a falsas interpretações. A clareza é da sua essência mesma e é donde lhe vem toda a força, porque a faz ir direito à inteligência. Nada tem de misteriosa e seus iniciados não se acham de posse de qualquer segredo, oculto ao vulgo.

Será então necessária, para compreendê-la, uma inteligência fora do comum? Não, tanto que há homens de notória capacidade que não a compreendem, ao passo que inteligências vulgares, moços mesmo, apenas saídos da adolescência, lhe apreendem, com admirável precisão, os mais delicados matices. Provém isso de que a parte por assim dizer material da ciência somente requer olhos que observam, enquanto a parte essencial exige um certo grau de sensibilidade, a que se pode chamar maturidade do senso moral, maturidade que independe da idade e do grau de instrução, porque é peculiar ao desenvolvimento, em sentido especial, do Espírito encarnado.

Nalguns ainda muito tenazes são os laços da matéria para permitirem que o Espírito se desprenda das coisas da Terra; a névoa que os envolve tira-lhes a visão do infinito, donde resulta não romperem facilmente com os seus pendores, nem com seus hábitos, não percebendo haja qualquer coisa melhor

do que aquilo de que são dotados. Têm a crença nos Espíritos como um simples fato, mas que nada ou bem pouco lhes modifica as tendências instintivas. Numa palavra: não divisam mais do que um raio de luz, insuficiente a guiá-los e a lhes facultar uma vigorosa aspiração, capaz de lhes sobrepujar as inclinações. Atêm-se mais aos fenômenos do que à moral, que se lhes afigura cediça e monótona. Pedem aos Espíritos que incessantemente os iniciem em novos mistérios, sem procurar saber se já se tornaram dignos de penetrar os arcanos do Criador. Esses são os espíritas imperfeitos, alguns dos quais ficam a meio caminho ou se afastam de seus irmãos em crença, porque recuam ante a obrigação de se reformarem, ou então guardam as suas simpatias para os que lhes compartilham das fraquezas ou das prevenções. Contudo, a aceitação do princípio da doutrina é um primeiro passo que lhes tornará mais fácil o segundo, noutra existência.

Aquele que pode ser, com razão, qualificado de espírita verdadeiro e sincero, se acha em grau superior de adiantamento moral. O Espírito, que nele domina de modo mais completo a matéria, dá-lhe uma percepção mais clara do futuro; os princípios da Doutrina lhe fazem vibrar fibras que nos outros se conservam inertes. Em suma: é tocado no coração, pelo que inabalável se lhe torna a fé. Um é qual músico que alguns acordes bastam para comover, ao passo que outro apenas ouve sons. Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más. Enquanto um se contenta com o seu horizonte limitado, outro, que apreende alguma coisa de melhor, se esforça por desligar-se dele e sempre o consegue, se tem firme à vontade.

NOSSO COMENTÁRIO

O "Evangelho Segundo o Espiritismo" aborda a relação entre o Espiritismo e a moral cristã, enfatizando que o Espiritismo não institui uma nova moral, mas facilita a compreensão e a prática dos ensinamentos de Jesus, proporcionando uma fé sólida e esclarecida para aqueles que duvidam ou vacilam.

Muitas pessoas que acreditam nos fatos das manifestações espíritas não compreendem suas consequências morais, ou, se as compreendem, não as aplicam em suas vidas.

Isso não se deve à falta de clareza da doutrina, pois ela é clara em sua essência e vai diretamente à inteligência.

Também não é necessário ter uma inteligência fora do comum para compreendê-la, pois há pessoas com capacidade notória que não a compreendem, enquanto outras, mesmo jovens, a entendem com precisão.

A compreensão do Espiritismo requer não apenas a observação dos fatos, mas também uma certa sensibilidade moral, que independe da idade e do nível de instrução.

Algumas pessoas são tão ligadas à matéria que não conseguem se libertar das coisas terrenas, o que as impede de enxergar o infinito e as torna mais propensas a não romperem com seus hábitos e tendências egoístas.

Existem espíritas imperfeitos que se apegam mais aos fenômenos do que à moral, pedindo aos Espíritos novos mistérios sem se preocuparem em se tornarem dignos de compreendê-los.

Esses espíritas estão mais interessados nos aspectos superficiais da doutrina e muitas vezes se afastam dos verdadeiros princípios éticos e morais que ela ensina.

Por outro lado, o verdadeiro espírita é aquele que está em um nível mais elevado de adiantamento moral.

Ele possui uma percepção mais clara do futuro, é tocado no coração pelos princípios da Doutrina e se esforça para dominar suas más inclinações.

Reconhece-se o verdadeiro espírita pela transformação moral que ocorre em sua vida e pelos esforços que faz para melhorar como pessoa.

Parábola do Semeador

5. Naquele mesmo dia, tendo saído de casa, Jesus sentou-se à borda do mar; em torno dele logo reuniu-se grande multidão; pelo que entrou numa barca, onde sentou-se,
Capítulo 17 Sede Perfeitos

permanecendo na margem todo o povo. Disse então muitas coisas por parábolas, falando-lhes assim: "Aquele que semeia saiu a semear; e, semeando, uma parte da semente caiu ao longo do caminho e os pássaros do céu vieram e a comeram. Outra parte caiu em lugares pedregosos onde não havia muita terra; as sementes logo brotaram, porque carecia de profundidade a terra onde haviam caído. Mas, levantando-se, o Sol as queimou e, como não tinham raízes, secaram. Outra parte caiu entre espinheiros e estes, crescendo, as abafaram. Outra, finalmente, caiu em terra boa e produziu frutos, dando algumas sementes cem por um, outras sessenta e outras trinta. Ouça quem tem ouvidos de ouvir." (Mateus, 13:1 a 9.)

"Escutai, pois, vós outros a parábola do semeador. Quem quer que escuta a palavra do Reino e não lhe dá atenção, vem o espírito maligno e tira o que lhe fora semeado no coração. Esse é o que recebeu a semente ao longo do caminho. Aquele que recebe a semente em meio das pedras é o que escuta a palavra e que a recebe com alegria no primeiro momento. Mas não tendo nele raízes, dura apenas algum tempo. Sobrevindo reveses e perseguições por causa da palavra, tira ele daí motivo de escândalo e de queda. Aquele que recebe a semente entre espinheiros é o que ouve a palavra; mas em quem, logo, os cuidados deste século e a ilusão das riquezas abafam aquela palavra e a tornam infrutífera. Aquele, porém, que recebe a semente em boa terra é o que escuta a palavra, que lhe presta atenção e em quem ela produz frutos, dando cem ou sessenta, ou trinta por um." (Mateus, 13:18 a 23.)

NOSSO COMENTÁRIO

A Parábola do Semeador, narrada por Jesus, apresenta uma analogia entre a semeadura de sementes e a recepção da palavra de Deus pelos indivíduos.

Jesus compara a palavra do Reino a sementes lançadas em diferentes tipos de solo, representando as diferentes maneiras como as pessoas recebem e reagem à mensagem divina.

A semente que cai ao longo do caminho representa aqueles que ouvem a palavra, mas não a compreendem, e o maligno vem e tira o que foi semeado em seus corações.

A semente que cai em lugares pedregosos representa aqueles que ouvem a palavra e a recebem com alegria no início, mas como não têm raízes, desistem quando enfrentam dificuldades.

A semente que cai entre espinheiros representa aqueles que ouvem a palavra, mas as preocupações deste mundo e a ilusão das riquezas a sufocam, tornando-a infrutífera.

Por fim, a semente que cai em terra boa representa aqueles que ouvem a palavra, a compreendem, prestam atenção e a colocam em prática. Essas pessoas produzem frutos em abundância.

Essa parábola destaca a importância de ouvir a palavra de Deus com entendimento e praticar seus ensinamentos para que ela possa frutificar em nossas vidas.

Também nos alerta sobre os obstáculos que podem surgir para sufocar a palavra em nós, como as preocupações do mundo e a busca pelas riquezas materiais.

6. A Parábola do Semeador exprime perfeitamente os matizes existentes na maneira de serem utilizados os ensinamentos do Evangelho. Quantas pessoas há, com efeito, para as quais não passa ele de letra morta e que, como a semente caída sobre pedregulhos, nenhum fruto dá! Não menos justa aplicação encontra ela nas diferentes categorias de espíritas. Não se acham simbolizados nela os que apenas atentam nos fenômenos materiais e nenhuma consequência tiram deles, porque neles mais não veem do que fatos curiosos? Os que apenas se preocupam com o lado brilhante das comunicações dos Espíritos, pelas quais só se interessam quando lhes satisfazem à imaginação, e que, depois de as terem ouvido, se conservam tão frios e indiferentes quanto eram? Os que reconhecem muito bons os conselhos e os admiram, mas para serem aplicados aos outros e não a si próprios? Aqueles, finalmente, para os quais essas instruções são como a semente que cai em terra boa e dá frutos?

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item 6 do capítulo 17, Allan Kardec faz uma analogia entre a Parábola do Semeador e a maneira como as pessoas utilizam os ensinamentos do Evangelho e os princípios espíritas.

Assim como na parábola, há diferentes maneiras de receber e aplicar esses ensinamentos: Há pessoas para as quais o Evangelho é apenas uma letra morta, sem produzir frutos, assim como a semente que cai sobre pedregulhos.

Há aqueles que se interessam apenas pelos fenômenos materiais do Espiritismo, sem tirar consequências morais deles, assemelhando-se à semente que cai entre espinhos.

Há os que se encantam com as comunicações dos Espíritos, mas não aplicam os conselhos recebidos em suas vidas, semelhantes àqueles que recebem a semente em terra pedregosa.

E, por fim, existem aqueles que aplicam os ensinamentos do Evangelho e do Espiritismo em suas vidas, produzindo frutos, como a semente que cai em terra boa.

Essa analogia destaca a importância de não apenas ouvir ou admirar os ensinamentos, mas também de colocá-los em prática, para que possam frutificar em benefício próprio e dos outros.

Instruções dos Espíritos: O dever

7. O dever é a obrigação moral da criatura para consigo mesma, primeiro, e, em seguida, para com os outros. O dever é a lei da vida. Com ele deparamos nas mais ínfimas particularidades, como nos atos mais elevados. Quero aqui falar apenas do dever moral, e não do dever que as profissões impõem.

Na ordem dos sentimentos, o dever é muito difícil de cumprir-se, por se achar em antagonismo com as atrações do interesse e do coração. Não têm testemunhas as suas vitórias e não estão sujeitas à repressão suas derrotas. O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre-arbítrio. O aguilhão da consciência, guardião da probidade interior, o adverte e sustenta; mas, muitas vezes, mostra-se impotente diante dos sofismas da paixão. Fielmente observado, o dever do coração eleva o homem; como determiná-lo, porém, com exatidão? Onde começa ele? onde termina? O dever principia, para cada um de vós, exatamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranquilidade do vosso próximo; acaba no limite que não desejais ninguém transponha com relação a vós.

Deus criou todos os homens iguais para a dor. Pequenos ou grandes, ignorantes ou instruídos, sofrem todos pelas mesmas causas, a fim de que cada um julgue em sua consciência o mal que pode fazer. Com relação ao bem,

infinitamente vário nas suas expressões, não é o mesmo o critério. A igualdade em face da dor é uma sublime providência de Deus, que quer que todos os seus filhos, instruídos pela experiência comum, não pratiquem o mal, alegando ignorância de seus efeitos.

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que enfrenta as angústias da luta; é austero e brando; pronto a dobrar-se às mais diversas complicações, conserva-se inflexível diante das suas tentações. O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais do que as criaturas e ama as criaturas mais do que a si mesmo. É a um tempo juiz e escravo em causa própria.

O dever é o mais belo laurel da razão; descende desta como de sua mãe o filho. O homem tem de amar o dever, não porque preserve de males a vida, males aos quais a Humanidade não pode subtrair-se, mas porque confere à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento.

O dever cresce e irradia sob mais elevada forma, em cada um dos estágios superiores da Humanidade. Jamais cessa a obrigação moral da criatura para com Deus. Tem esta de refletir as virtudes do Eterno, que não aceita esboços imperfeitos, porque quer que a beleza da sua obra resplandeça a seus próprios olhos. – Lázaro. (Paris, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, o Espírito Lázaro discorre sobre o dever como uma obrigação moral da criatura consigo mesma e com os outros.

Ele destaca que o dever é a lei da vida, presente em todos os aspectos, desde os mais simples até os mais elevados.

Lázaro ressalta que está se referindo ao dever moral, não aquele imposto pelas profissões.

O dever moral, segundo ele, é difícil de ser cumprido, pois muitas vezes entra em conflito com os interesses e as emoções humanas.

Não há testemunhas das vitórias sobre o dever, nem repressão para as derrotas.

É uma questão íntima, entregue ao livre-arbítrio de cada um.

A consciência, como guardiã da probidade interior, adverte e sustenta, mas pode ser vencida pelos sofismas da paixão.

Lázaro define o dever do coração como começando no ponto em que ameaçamos a felicidade ou a tranquilidade do próximo e terminando no limite que não desejamos que outros ultrapassem conosco.

Ele destaca a igualdade dos homens diante da dor como uma providência divina para que todos possam julgar o mal que podem causar, evitando a alegação de ignorância.

O dever, segundo Lázaro, é o resumo prático de todas as especulações morais.

É uma bravura da alma que enfrenta as angústias da luta, é austero e brando ao mesmo tempo, inflexível diante das tentações.

Aquele que cumpre o dever ama a Deus mais do que as criaturas e as criaturas mais do que a si mesmo.

O dever é o mais belo laurel da razão, conferindo à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento.

Ele conclui dizendo que o dever cresce e se irradia em cada estágio superior da humanidade, e que a obrigação moral da criatura para com Deus reflete as virtudes do Eterno, que não aceita esboços imperfeitos, mas quer que a beleza de sua obra resplandeça aos seus olhos.

A virtude

8. A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caritativo, laborioso, sóbrio, modesto, são qualidades do homem virtuoso. Infelizmente, quase sempre as acompanham pequenas enfermidades morais que as desornam e atenuam. Não é virtuoso aquele que faz ostentação da sua virtude, pois que lhe falta a qualidade principal: a modéstia, e tem o vício que mais se lhe opõe: o orgulho. A virtude, verdadeiramente digna desse nome, não gosta de estadear-se.

Adivinham-na; ela, porém, se oculta na obscuridade e foge à admiração das massas. São Vicente de Paulo era virtuoso; eram virtuosos o digno cura d'Ars e muitos outros quase desconhecidos do mundo, mas conhecidos de Deus. Todos esses homens de bem ignoravam que fossem virtuosos; deixavam-se ir ao sabor de suas santas inspirações e praticavam o bem com desinteresse, completo e inteiro esquecimento de si mesmos.

À virtude assim compreendida e praticada é que vos convido, meus filhos; a essa virtude verdadeiramente cristã e verdadeiramente espírita é que vos concito a consagrar-vos. Afastai, porém, de vossos corações tudo o que seja orgulho, vaidade, amor-próprio, que sempre desadornam as mais belas qualidades. Não imiteis o homem que se apresenta como modelo e trombetaia, ele próprio, suas qualidades a todos os ouvidos complacentes. A virtude que assim se ostenta esconde muitas vezes uma imensidade de pequenas torpezas e de odiosas covardias.

Em princípio, o homem que se exalça, que ergue uma estátua à sua própria virtude, anula, por esse simples fato, todo mérito real que possa ter.

Entretanto, que direi daquele cujo único valor consiste em parecer o que não é? Admito de boa mente que o homem que pratica o bem experimenta uma satisfação íntima em seu coração; mas, desde que tal satisfação se exteriorize, para colher elogios, degenera em amor-próprio.

Ó vós todos a quem a fé espírita aqueceu com seus raios, e que sabeis quão longe da perfeição está o homem, jamais esbarreis em semelhante escolha. A virtude é uma graça que desejo a todos os espíritas sinceros. Contudo, dir-lhes-ei: Mais vale pouca virtude com modéstia do que muita com orgulho. Pelo orgulho é que as humanidades sucessivamente se hão perdido; pela humildade é que um dia elas se hão de redimir. – François-Nicolas-Madeleine. (Paris, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

O Espírito François-Nicolas-Madeleine discorre sobre a virtude no mais alto grau, definindo-a como o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem.

Ser bom, caritativo, laborioso, sóbrio e modesto são algumas das qualidades do homem virtuoso.

Ele destaca que a verdadeira virtude não busca ostentação, mas se manifesta de forma discreta, fugindo à admiração das massas.

Exemplifica com São Vicente de Paulo e o Cura d'Ars, homens virtuosos que não buscavam reconhecimento público, mas que eram conhecidos por Deus.

François-Nicolas-Madeleine adverte sobre o perigo do orgulho e da vaidade, que podem desvirtuar as mais belas qualidades.

Ele convida os espíritas a se dedicarem a uma virtude verdadeiramente cristã e espírita, afastando de seus corações o orgulho, a vaidade e o amor-próprio.

Destaca que a virtude não deve ser ostentada, pois isso pode esconder pequenas torpezas e covardias.

A verdadeira virtude se manifesta com modéstia, e enfatiza que é melhor ter pouca virtude com modéstia do que muita com orgulho.

O orgulho, segundo ele, tem sido a causa da perda das humanidades, enquanto a humildade um dia as redimirá.

Assim, François-Nicolas-Madeleine exorta os espíritas a cultivarem a virtude com modéstia, evitando o orgulho e a vaidade, pois a verdadeira virtude reside na humildade e na prática desinteressada do bem.

Os superiores e os inferiores

9. A autoridade, tanto quanto a riqueza, é uma delegação de que terá de prestar contas aquele que se ache dela investido. Não julgueis que lhe seja ela conferida para lhe proporcionar o vão prazer de mandar; nem, conforme o supõe a maioria dos potentados da Terra, como um direito, uma propriedade. Deus, aliás, lhes prova constantemente que não é nem uma nem outra coisa, pois que deles a retira quando lhe apraz. Se fosse um privilégio inerente às suas personalidades, seria inalienável. A ninguém cabe dizer que uma coisa lhe pertence, quando lhe pode ser tirada sem seu consentimento. Deus confere a autoridade a título de missão, ou de prova, quando o entende, e a retira quando julga conveniente.

Quem quer que seja depositário de autoridade, seja qual for a sua extensão, desde a do senhor sobre o seu servo, até a do soberano sobre o seu povo, não deve olvidar que tem almas a seu cargo; que responderá pela boa ou má diretriz que dê aos seus subordinados e que sobre ele recairão as faltas que estes cometam, os vícios a que sejam arrastados em consequência dessa diretriz ou dos maus exemplos, do mesmo modo que colherá os frutos da solícitude que empregar para os conduzir ao bem. Todo homem tem na Terra uma missão, grande ou pequena; qualquer que ela seja, sempre lhe é dada para o bem; falseá-la em seu princípio é, pois, falir ao seu desempenho.

Assim como pergunta ao rico: "Que fizeste da riqueza que nas tuas mãos devera ser um manancial a espalhar a fecundidade ao teu derredor", também Deus inquirirá daquele que disponha de alguma autoridade: "Que uso fizeste dessa autoridade? Que males evitaste? Que progresso facultaste? Se te dei subordinados, não foi para que os fizesses escravos da tua vontade, nem instrumentos dóceis aos teus caprichos ou à tua cupidez; fiz-te forte e confiei-te os que eram fracos, para que os amparasses e ajudasses a subir ao meu seio."

O superior, que se ache compenetrado das palavras do Cristo, a nenhum despreza dos que lhe estejam submetidos, porque sabe que as distinções sociais não prevalecem às vistas de Deus. Ensina-lhe o Espiritismo que, se eles hoje lhe obedecem, talvez já lhe tenham dado ordens, ou poderão dar-lhes mais tarde, e que ele então será tratado conforme os haja tratado, quando sobre eles exercia autoridade.

Se o superior tem deveres a cumprir, o inferior, de seu lado, também os tem e não menos sagrados. Se for espírita, sua consciência ainda mais imperiosamente lhe dirá que não pode considerar-se dispensado de cumpri-los, nem mesmo quando o seu chefe deixe de dar cumprimento aos que lhe correm, porquanto sabe muito bem não ser lícito retribuir o mal com o mal e que as faltas de uns não justificam as de outrem. Se a sua posição lhe acarreta sofrimentos, reconhecerá que sem dúvida os mereceu, porque, provavelmente, abusou outrora da autoridade que tinha, cabendo-lhe, portanto, experimentar a seu turno o que fizera sofressem os outros. Se se vê forçado a suportar essa posição, por não encontrar outra melhor, o Espiritismo lhe ensina a resignar-se, como constituindo isso uma prova para a sua humildade, necessária ao seu adiantamento. Sua crença lhe orienta a conduta e o induz a proceder como quereria que seus subordinados procedessem para com ele, caso fosse o chefe. Por isso mesmo, mais escrupuloso se mostra no cumprimento de suas

obrigações, pois compreende que toda negligência no trabalho que lhe está determinado redundará em prejuízo para aquele que o remunera e a quem deve ele o seu tempo e os seus esforços. Numa palavra: solicita-o o sentimento do dever, oriundo da sua fé, e a certeza de que todo afastamento do caminho reto implica uma dívida que, cedo ou tarde, terá de pagar. – François-Nicolas-Madeleine, cardeal Morlot. (Paris, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem de François-Nicolas-Madeleine, cardeal Morlot, recebida em Paris, em 1863, ressalta a responsabilidade e a missão daqueles que exercem autoridade, em qualquer esfera que seja, desde o senhor sobre seu servo até o soberano sobre seu povo.

A autoridade não deve ser vista como um privilégio ou um direito absoluto, mas sim como uma delegação que exige prestação de contas.

Quem exerce autoridade tem almas sob sua responsabilidade e responderá pela direção que der aos seus subordinados.

Deus confere autoridade como missão ou prova, e a retira quando julga conveniente.

O superior deve cuidar para não desprezar aqueles que lhe estão submetidos, pois as distinções sociais não prevalecem perante Deus.

Ensina-se que o superior poderá um dia ser subordinado daqueles que hoje lhe obedecem, sendo tratado conforme os tenha tratado.

Por outro lado, o inferior também tem deveres sagrados a cumprir, mesmo quando o superior falha em cumprir os seus.

O Espiritismo orienta o inferior a não retribuir o mal com o mal e a ser escrupuloso no cumprimento de suas obrigações, pois todo afastamento do caminho reto implica em uma dívida que será cobrada no futuro.

A mensagem enfatiza a importância da humildade, da modéstia e do cumprimento do dever, tanto para o superior quanto para o inferior, como bases fundamentais para o progresso espiritual.

O homem no mundo

10. Um sentimento de piedade deve sempre animar o coração dos que se reúnem sob as vistas do Senhor e imploram a assistência dos bons Espíritos. Purificai, pois, os vossos corações; não consentais que neles demore qualquer pensamento mundano ou fútil. Elevai o vosso espírito àqueles por quem chamais, a fim de que, encontrando em vós as necessárias disposições, possam lançar em profusão a semente que é preciso germine em vossas almas e dê frutos de caridade e justiça.

Não julgueis, todavia, que, exortando-vos incessantemente à prece e à evocação mental, pretendamos vivais uma vida mística, que vos conserve fora das leis da sociedade onde estais condenados a viver. Não; vivei com os homens da vossa época, como devem viver os homens. Sacrificai às necessidades, mesmo às frivolidades do dia, mas sacrificai com um sentimento de pureza que as possa santificar.

Sois chamados a estar em contato com espíritos de naturezas diferentes, de caracteres opostos: não choqueis a nenhum daqueles com quem estiverdes. Sede joviais, sede ditosos, mas seja a vossa jovialidade a que provém de uma consciência limpa, seja a vossa ventura a do herdeiro do Céu que conta os dias que faltam para entrar na posse da sua herança.

Não consiste a virtude em assumirdes severo e lúgubre aspecto, em repelirdes os prazeres que as vossas condições humanas vos permitem. Basta reporteis todos os atos da vossa vida ao Criador que vo-la deu; basta que, quando começardes ou acabardes uma obra, eleveis o pensamento a esse Criador e lhe peçais, num arroubo de alma, ou a sua proteção para que obtenhais êxito, ou a sua bênção para ela, se a concluístes. Em tudo o que fizerdes, remontai à Fonte de todas as coisas, para que nenhuma de vossas ações deixe de ser purificada e santificada pela lembrança de Deus.

A perfeição está toda, como disse o Cristo, na prática da caridade absoluta; os deveres da caridade alcançam todas as posições sociais, desde o menor até o maior. Nenhuma caridade teria a praticar o homem que vivesse insulado. Unicamente no contato com os seus semelhantes, nas lutas mais árduas é que

ele encontra ensejo de praticá-la. Aquele, pois, que se isola priva-se voluntariamente do mais poderoso meio de aperfeiçoar-se; não tendo de pensar senão em si, sua vida é a de um egoísta. (Cap. V, item 26.)

Não imagineis, portanto, que, para viverdes em comunicação constante conosco, para viverdes sob as vistas do Senhor, seja preciso vos cilicieis e cubrais de cinzas. Não, não, ainda uma vez vos dizemos. Ditosos sedes, segundo as necessidades da Humanidade; mas que jamais na vossa felicidade entre um pensamento ou um ato que o possa ofender, ou fazer se vele o semblante dos que vos amam e dirigem. Deus é amor, e aqueles que amam santamente Ele os abençoa. – Um Espírito protetor. (Bordeaux, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

A mensagem desse Espírito protetor destaca a importância da piedade e da pureza de coração ao buscar a assistência dos bons Espíritos.

Enfatiza que, mesmo vivendo no mundo e lidando com suas necessidades e frivolidades, é possível manter a santidade por meio da pureza de intenções em todas as atividades diárias.

A virtude não requer um aspecto severo e lúgubre, nem a rejeição dos prazeres permitidos pela condição humana.

Pelo contrário, sugere-se que a alegria e a felicidade sejam vividas com consciência limpa e em sintonia com os ensinamentos divinos.

A prática da caridade é apontada como essencial para a perfeição espiritual, e essa caridade deve ser exercida em todas as posições sociais, no contato com os semelhantes e nas dificuldades da vida cotidiana.

O texto também ressalta a importância de se manter em comunicação constante com os bons Espíritos e sob as vistas de Deus, sem a necessidade de se submeter a sofrimentos ou penitências extremas.

Ser feliz e virtuoso, de acordo com esse ensinamento, significa agir sempre com bondade e amor, evitando ofender a Deus ou entristecer aqueles que nos amam e nos orientam espiritualmente.

Cuidar do corpo e do espírito

11. Consistirá na maceração do corpo a perfeição moral? Para resolver essa questão, apoiar-me-ei em princípios elementares e começarei por demonstrar a necessidade de cuidar-se do corpo que, segundo as alternativas de saúde e de enfermidade, influi de maneira muito importante sobre a alma, que cumpre se considere cativa da carne. Para que essa prisioneira viva, se expanda e chegue mesmo a conceber as ilusões da liberdade, tem o corpo de estar são, disposto, forte. Façamos uma comparação: Eis se acham ambos em perfeito estado; que devem fazer para manter o equilíbrio entre as suas aptidões e as suas necessidades tão diferentes? Inevitável parece a luta entre os dois e difícil achar-se o segredo de como chegarem a equilíbrio.

Dois sistemas se defrontam: o dos ascetas, que tem por base o aniquilamento do corpo, e o dos materialistas, que se baseia no rebaixamento da alma. Duas violências quase tão insensatas uma quanto a outra. Ao lado desses dois grandes partidos, formiga a numerosa tribo dos indiferentes que, sem convicção e sem paixão, são mornos no amar e econômicos no gozar. Onde, então, a sabedoria? Onde, então, a ciência de viver? Em parte alguma; e o grande problema ficaria sem solução, se o Espiritismo não viesse em auxílio dos pesquisadores, demonstrando-lhes as relações que existem entre o corpo e a alma e dizendo-lhes que, por se acharem em dependência mútua, importa cuidar de ambos. Amai, pois, a vossa alma, porém, cuidai igualmente do vosso corpo, instrumento daquela. Desatender as necessidades que a própria Natureza indica, é desatender a Lei de Deus. Não castigueis o corpo pelas faltas que o vosso livre-arbítrio o induziu a cometer e pelas quais é ele tão responsável quanto o cavalo mal dirigido, pelos acidentes que causa. Sereis, porventura, mais perfeitos se, martirizando o corpo, não vos tornardes menos egoístas, nem menos orgulhosos e mais caritativos para com o vosso próximo? Não, a perfeição não está nisso: está toda nas reformas por que fizerdes passar o vosso Espírito. Dobrai-o, submetei-o, humilhai-o, mortificai-o: esse o meio de o tornardes dócil à vontade de Deus e o único de alcançardes a perfeição. – Georges, Espírito protetor. (Paris, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, o Espírito Georges aborda a importância de cuidar tanto do corpo quanto do espírito, rejeitando os extremos da maceiração física ou do materialismo, que desconsideram a importância da alma ou do corpo, respectivamente.

Ele argumenta que o corpo saudável é fundamental para que a alma possa se desenvolver plenamente, pois a alma, enquanto aprisionada à carne, depende do corpo para manifestar suas capacidades e alcançar seu potencial.

Desta forma, cuidar do corpo é um dever, já que sua saúde influencia diretamente a saúde e o desenvolvimento espiritual da alma.

O texto critica a ideia de martirizar o corpo como forma de alcançar a perfeição espiritual, afirmando que a verdadeira perfeição está na reforma íntima do espírito, tornando-o dócil à vontade de Deus e mais caridoso para com o próximo.

A busca pela perfeição, segundo Georges, deve passar pela submissão do espírito à vontade divina, não pela mortificação física.

Assim, o equilíbrio entre cuidar do corpo e do espírito é essencial para o progresso espiritual, sendo que a saúde física e a espiritual estão interligadas e devem ser consideradas em conjunto.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XVIII - Muitos os chamados, poucos os escolhidos

• Parábola do Festim das Bodas • A porta estreita • Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! entrarão no Reino dos Céus • Muito se pedirá àquele que muito recebeu • Instruções dos Espíritos: Dar-se-á àquele que tem – Pelas suas obras é que se reconhece o cristão

Parábola do Festim das Bodas

1. Falando ainda por parábolas, disse-lhes Jesus: "O Reino dos Céus se assemelha a um rei que, querendo festejar as bodas de seu filho, despachou seus servos a chamar para as bodas os que tinham sido convidados; estes, porém, recusaram-se a ir. O rei despachou outros servos com ordem de dizer da sua parte aos convidados: 'Preparei o meu jantar; mandei matar os meus bois e todos os meus cevados; tudo está pronto; vinde às bodas.' — Eles, porém, sem se incomodarem com isso, lá se foram, um para a sua casa de campo, outro para o seu negócio. Os outros pegaram dos servos e os mataram, depois de lhes haverem feito muitos ultrajes. Sabendo disso, o rei se tomou de cólera e, mandando contra eles seus exércitos, exterminou os assassinos e lhes queimou a cidade.

Então, disse a seus servos: 'O festim das bodas está inteiramente preparado; mas os que para ele foram chamados não eram dignos dele. Ide, pois, às encruzilhadas e chamai para as bodas todos quantos encontrardes.' — Os servos então saíram pelas ruas e trouxeram todos os que iam encontrando, bons e maus; a sala das bodas se encheu de pessoas que se puseram à mesa.

Entrou, em seguida, o rei para ver os que estavam à mesa, e, dando com um homem que não vestia a túnica nupcial disse-lhe: 'Meu amigo, como entraste aqui sem a túnica nupcial?' O homem guardou silêncio. Então, disse o rei à sua gente: 'Atai-lhe as mãos e os pés e lançai-o nas trevas exteriores: aí é que haverá prantos e ranger de dentes, porquanto, muitos há chamados, mas poucos escolhidos.'" (Mateus, 22:1 a 14.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa parábola traz ensinamentos profundos sobre a preparação espiritual e a receptividade ao convite divino.

O rei que prepara um grande banquete para seu filho simboliza Deus oferecendo a oportunidade da vida terrena para o desenvolvimento espiritual.

Os convidados originais que recusam o convite representam aqueles que, por diferentes motivos, não aproveitam essa oportunidade.

A reação violenta do rei aos que matam seus servos pode ser entendida como as consequências negativas das más escolhas na vida.

Ao abrir o convite a todos, bons e maus, a parábola ensina que a graça divina está disponível para todos, independentemente do passado, mas destaca a importância da preparação espiritual, simbolizada pela túnica nupcial.

Não basta aceitar o convite, é necessário estar espiritualmente preparado e comprometido com a transformação interior.

A exclusão do convidado sem a veste nupcial sugere que a entrada no reino dos céus requer mais do que uma aceitação superficial da mensagem divina; requer uma transformação interna e uma adesão sincera aos valores espirituais.

A mensagem final, 'muitos são chamados, mas poucos são escolhidos', ressalta a ideia de que a salvação não é automática, mas exige um compromisso verdadeiro e uma resposta ativa ao convite divino.

2. O incrédulo sorri a esta parábola, que lhe parece de pueril ingenuidade, por não compreender que se possa opor tanta dificuldade para assistir a um festim e, ainda menos, que convidados levem a resistência a ponto de massacrarem os enviados do dono da casa. "As parábolas", diz ele, o incrédulo, "são, sem dúvida, imagens; mas, ainda assim, mister se torna que não ultrapassem os limites do verossímil."

Outro tanto pode ser dito de todas as alegorias, das mais engenhosas fábulas, se não lhes forem tirados os respectivos envoltórios, para ser achado

o sentido oculto. Jesus compunha as suas com os hábitos mais vulgares da vida e as adaptava aos costumes e ao caráter do povo a quem falava. A maioria delas tinha por objeto fazer penetrar nas massas populares a ideia da vida espiritual, parecendo muitas ininteligíveis, quanto ao sentido, apenas por não se colocarem neste ponto de vista os que as interpretam.

Na de que tratamos, Jesus compara o Reino dos Céus, onde tudo é alegria e ventura, a um festim. Falando dos primeiros convidados, alude aos hebreus, que foram os primeiros chamados por Deus ao conhecimento da sua Lei. Os enviados do rei são os profetas que os vinham exortar a seguir a trilha da verdadeira felicidade; suas palavras, porém, quase não eram escutadas; suas advertências eram desprezadas; muitos foram mesmo massacrados, como os servos da parábola. Os convidados que se escusam, pretextando terem de ir cuidar de seus campos e de seus negócios, simbolizam as pessoas mundanas que, absorvidas pelas coisas terrenas, se conservam indiferentes às coisas celestes.

Era crença comum aos judeus de então que a nação deles tinha de alcançar supremacia sobre todas as outras. Deus, com efeito, não prometera a Abraão que a sua posteridade cobriria toda a Terra? Como sempre, porém, atendo-se à forma, sem atentarem ao fundo, eles acreditavam tratar-se de uma dominação efetiva e material.

Antes da vinda do Cristo, com exceção dos hebreus, todos os povos eram idólatras e politeístas. Se alguns homens superiores ao vulgo conceberam a ideia da unidade de Deus, essa ideia permaneceu no estado de sistema pessoal, em parte nenhuma foi aceita como verdade fundamental, a não ser por alguns iniciados que ocultavam seus conhecimentos sob um véu de mistério, impenetrável para as massas populares. Os hebreus foram os primeiros a praticar publicamente o monoteísmo; é a eles que Deus transmite a sua lei, primeiramente por via de Moisés, depois por intermédio de Jesus. Foi daquele pequenino foco que partiu a luz destinada a espargir-se pelo mundo inteiro, a triunfar do paganismo e a dar a Abraão uma posteridade espiritual "tão numerosa quanto as estrelas do firmamento". Entretanto, abandonando de todo a idolatria, os judeus desprezaram a lei moral, para se aferrarem ao mais fácil: à prática do culto exterior. O mal chegara ao cúmulo; a nação, além de escravizada, era esfacelada pelas facções e dividida pelas seitas; a incredulidade atingira mesmo o santuário. Foi então que apareceu Jesus, enviado para os chamar à observância da Lei e para lhes rasgar os horizontes novos da vida futura. Dos primeiros a ser convidados para o grande banquete da fé universal, eles repeliram a palavra do

Messias celeste e o imolaram. Perderam assim o fruto que teriam colhido da iniciativa que lhes coubera.

Fora, contudo, injusto acusar-se o povo inteiro de tal estado de coisas. A responsabilidade tocava principalmente aos fariseus e saduceus, que sacrificaram a nação por efeito do orgulho e do fanatismo de uns e pela incredulidade dos outros. São, pois, eles, sobretudo, que Jesus identifica nos convidados que recusam comparecer ao festim das bodas. Depois, acrescenta: "Vendo isso, o Senhor mandou convidar a todos os que fossem encontrados nas encruzilhadas, bons e maus." Queria dizer desse modo que a palavra ia ser pregada a todos os outros povos, pagãos e idólatras, e estes, acolhendo-a, seriam admitidos ao festim, em lugar dos primeiros convidados.

No entanto, não basta a ninguém ser convidado; não basta dizer-se cristão, nem se sentar à mesa para tomar parte no banquete celestial. É preciso, antes de tudo e sob condição expressa, estar revestido da túnica nupcial, isto é, ter puro o coração e cumprir a lei segundo o espírito. Ora, a lei toda se contém nestas palavras: Fora da caridade não há salvação. Entre todos, porém, que ouvem a palavra divina, quão poucos são os que a guardam e a aplicam proveitosamente! Quão poucos se tornam dignos de entrar no Reino dos Céus! Eis por que disse Jesus: "Chamados haverá muitos; poucos, no entanto, serão os escolhidos."

NOSSO COMENTÁRIO

No item 2 deste capítulo, Allan Kardec explora a parábola do festim das bodas, apresentando uma análise mais profunda e espiritualizada dos elementos simbólicos contidos na narrativa.

Ele destaca a incompreensão dos incrédulos em relação à parábola, que, por não conseguirem enxergar além do aspecto literal, consideram-na ingênua.

Kardec ressalta a importância de interpretar as parábolas e alegorias à luz do sentido oculto, que muitas vezes se refere à vida espiritual e ao desenvolvimento moral.

Ele interpreta os primeiros convidados como os hebreus, que receberam a Lei de Deus, mas muitos dos quais não a seguiram

verdadeiramente, sendo simbolizados pela recusa em participar do banquete.

Os enviados do rei representam os profetas, que foram enviados para exortar o povo à verdadeira felicidade espiritual, mas muitos dos quais foram ignorados ou até mesmo maltratados, simbolizando a resistência à mensagem divina.

Os que se escusam, ocupados com seus campos e negócios, são comparados às pessoas mundanas que se mantêm indiferentes às coisas espirituais.

A parábola, então, mostra como os judeus, apesar de terem sido os primeiros a praticar o monoteísmo, acabaram se afastando da lei moral e se dividindo por facções e seitas.

Jesus, enviado para chamá-los de volta à observância da Lei e à vida futura, foi rejeitado e crucificado, perdendo assim a oportunidade de colher os frutos de sua missão.

A mensagem final da parábola, segundo Kardec, é que não basta ser convidado para o banquete espiritual; é preciso estar revestido da túnica nupcial, ou seja, ter um coração puro e praticar a lei segundo o espírito, que se resume na máxima: "Fora da caridade não há salvação".

Poucos são os que verdadeiramente guardam e aplicam a palavra divina, tornando-se dignos de entrar no Reino dos Céus.

A porta estreita

3. Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta da perdição e espaçoso o caminho que a ela conduz, e muitos são os que por ela entram. Quão pequena é a porta da vida! quão apertado o caminho que a ela conduz! e quão poucos a encontram! (Mateus, 7:13 e 14.)

4. Tendo-lhe alguém feito esta pergunta: "Senhor, serão poucos os que se salvam?" — Respondeu-lhes Ele: "Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois vos asseguro que muitos procurarão transpô-la e não o poderão." — E quando o pai de família houver entrado e fechado a porta, e vós, de fora, começardes a bater, dizendo: "Senhor, abre-nos." — Ele vos responderá: "Não sei donde sois." — Pôr-vos-eis a dizer: "Comemos e bebemos na tua presença e nos instruíste nas nossas praças públicas." — Ele vos responderá: "Não sei donde sois; afastai-

vos de mim, todos vós que praticais a iniquidade." Então, haverá prantos e ranger de dentes, quando virdes que Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas estão no Reino de Deus e que vós outros sois dele expelidos. Virão muitos do Oriente e do Ocidente, do Setentrião e do Meio-Dia, que participarão do festim no Reino de Deus. Então, os que forem últimos serão os primeiros e os que forem primeiros serão os últimos. (Lucas, 13:23 a 30.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esses relatos destacam a importância da escolha do caminho correto na vida espiritual.

A porta estreita simboliza o caminho difícil, exigente em termos de renúncia às paixões e aos vícios, mas que conduz à vida espiritual elevada.

Por outro lado, a porta larga representa o caminho fácil, que leva à perdição por ser o caminho da materialidade e das paixões desregradadas.

Jesus enfatiza que muitos optarão pelo caminho fácil, mas que este não conduz à verdadeira felicidade espiritual.

Ele adverte que é preciso esforço e determinação para seguir o caminho estreito, pois nem todos que desejarem entrar conseguirão, especialmente aqueles que não se esforçaram em vida para isso.

A parábola da porta estreita também destaca a importância da coerência entre a fé professada e a vida praticada.

Aqueles que acreditam que apenas ter frequentado os ensinamentos do Senhor será suficiente para garantir seu lugar no Reino de Deus estão enganados.

A verdadeira conversão exige uma mudança interior, uma vida em conformidade com os ensinamentos do Evangelho, baseada na prática da caridade e da justiça.

Ao mencionar que 'os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros', Jesus indica que não importa a posição social ou

religiosa que alguém ocupe, o que importa é a sinceridade de coração e a prática do bem.

Aqueles que se consideram primeiros, por sua posição na sociedade ou em sua religião, podem acabar sendo os últimos, enquanto os que são considerados últimos podem ser os primeiros no Reino de Deus, devido à sua humildade e retidão de espírito.

5. Larga é a porta da perdição, porque são numerosas as paixões más e porque o maior número envereda pelo caminho do mal. É estreita a da salvação, porque a grandes esforços sobre si mesmo é obrigado o homem que a queira transpor, para vencer suas más tendências, coisa a que poucos se resignam. É o complemento da máxima: "Muitos são os chamados e poucos os escolhidos."

Tal o estado da humanidade terrena, porque, sendo a Terra mundo de expiação, nela predomina o mal. Quando se achar transformada, a estrada do bem será a mais frequentada. Aquelas palavras devem, pois, entender-se em sentido relativo, e não em sentido absoluto. Se houvesse de ser esse o estado normal da Humanidade, teria Deus condenado à perdição a imensa maioria das suas criaturas, suposição inadmissível, desde que se reconheça que Deus é todo justiça e bondade.

Todavia, de que delitos esta Humanidade se houvera feito culpada para merecer tão triste sorte, no presente e no futuro, se toda ela se achasse degradada na Terra e se a alma não tivesse tido outras existências? Por que tantos entraves postos diante de seus passos? Por que essa porta tão estreita que só a muito poucos é dado transpor, se a sorte da alma é determinada para sempre, logo após a morte? Assim é que, com a unicidade da existência, o homem está sempre em contradição consigo mesmo e com a Justiça de Deus. Com a anterioridade da alma e a pluralidade dos mundos, o horizonte se alarga; faz-se luz sobre os pontos mais obscuros da fé; o presente e o futuro tornam-se solidários com o passado, e só então se pode compreender toda a profundidade, toda a verdade e toda a sabedoria das máximas do Cristo.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Kardec esclarece que a porta larga da perdição e a porta estreita da salvação devem ser compreendidas em um sentido relativo, não absoluto.

Ele explica que, sendo a Terra um mundo de expiação, onde predominam as más tendências e o mal, é natural que a maioria das pessoas siga pelo caminho mais fácil, das paixões desregradas.

No entanto, ele ressalta que seria inadmissível pensar que Deus teria condenado à perdição a imensa maioria de suas criaturas, considerando sua natureza justa e bondosa.

Kardec questiona o motivo pelo qual a humanidade terrena enfrenta tantas dificuldades e tem que vencer tantas más tendências, se a alma estivesse condenada para sempre após a morte.

Ele argumenta que, ao considerar a pluralidade das existências e a anterioridade da alma, o horizonte se amplia, e a compreensão das máximas de Cristo se torna mais profunda e verdadeira.

Essa visão espírita ressalta a importância do esforço individual na busca pela evolução espiritual, reconhecendo que cada um enfrenta desafios e tentações diferentes ao longo de suas diversas existências.

A compreensão da pluralidade das existências e da lei de causa e efeito (ou lei de ação e reação) ajuda a entender a justiça divina, que não condena arbitrariamente, mas permite a cada um colher os frutos de suas ações, incentivando o progresso moral e espiritual de todos.

Nem todos os que dizem: “Senhor! Senhor!” — entrarão no Reino dos Céus

6. Nem todos os que me dizem: “Senhor! Senhor!” — entrarão no Reino dos Céus; apenas entrará aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, nesse dia, me dirão: “Senhor! Senhor! não profetizamos em teu nome? Não expulsamos em teu nome o

demônio? Não fizemos muitos milagres em teu nome?” — Eu então lhes direi em altas vozes: “Afastai-vos de mim, vós que fazeis obras de iniquidade.” (Mateus, 7:21 a 23.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem enfatiza a importância da prática coerente com os ensinamentos de Jesus.

Não basta apenas professar fé ou realizar feitos considerados extraordinários em nome de Jesus.

O verdadeiro discípulo é aquele que vive de acordo com a vontade divina, demonstrando amor ao próximo, bondade, caridade e justiça em suas ações diárias.

Jesus adverte que muitos que se dizem seus seguidores serão rejeitados se suas obras forem marcadas pela iniquidade.

Isso destaca a importância da sinceridade de coração e da verdadeira transformação interior, que se refletem em ações positivas e construtivas para com o próximo e para consigo mesmo.

Essa passagem também nos lembra que a fé deve ser acompanhada pela prática do bem, não apenas por palavras ou atos externos.

Aqueles que fazem obras de iniquidade estão distantes do verdadeiro sentido da espiritualidade e não serão reconhecidos como seguidores de Jesus, independentemente de quão impressionantes possam parecer suas realizações externas.

7. Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente que construiu sobre a rocha a sua casa. Quando caiu a chuva, os rios transbordaram, sopraram os ventos sobre a casa; ela não ruiu, por estar edificada na rocha. Mas aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica, se assemelha a um homem insensato que construiu sua casa na areia. Quando a chuva caiu, os rios transbordaram, os ventos sopraram e a vieram açoitarem, ela foi derribada; grande foi a sua ruína. (Mateus, 7:24 a 27; Lucas, 6:46 a 49.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem destaca a importância da prática dos ensinamentos de Jesus na vida diária.

A metáfora da construção da casa sobre a rocha representa a base sólida que é construir uma vida fundamentada nos princípios espirituais e morais ensinados por Cristo.

Assim como a casa resistiu às intempéries, aquele que vive de acordo com esses ensinamentos enfrentará os desafios da vida de forma mais firme e resiliente.

Por outro lado, a construção da casa sobre a areia simboliza uma vida baseada em valores superficiais ou temporários, que não têm a solidez necessária para resistir às dificuldades e provações.

Assim como a casa na areia foi arruinada pela tempestade, aquele que não pratica os ensinamentos de Jesus está sujeito à ruína espiritual e moral quando enfrenta as adversidades da vida.

Essa passagem ressalta a importância da prática da fé e da moralidade no cotidiano, mostrando que não basta apenas ouvir os ensinamentos, mas é necessário vivê-los verdadeiramente.

A prática dos ensinamentos de Jesus não apenas fortalece o indivíduo diante das dificuldades, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa, amorosa e solidária.

8. Aquele que violar um destes menores mandamentos e que ensinar os homens a violá-los, será considerado como último no Reino dos Céus; mas será grande no Reino dos Céus aquele que os cumprir e ensinar. (Mateus, 5:19.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem enfatiza a importância da observância e do ensinamento dos mandamentos de forma integral.

Jesus destaca que aqueles que desconsideram ou ensinam a desconsiderar até mesmo os menores mandamentos serão considerados os últimos no Reino dos Céus.

Por outro lado, aqueles que os cumprem e ensinam serão considerados grandes.

Isso ressalta a importância da integridade na prática da fé, não apenas seguindo os mandamentos mais óbvios, mas também os menos evidentes.

Ensinar os outros a observar os mandamentos também é valorizado, pois contribui para a disseminação de valores espirituais e éticos fundamentais.

Essa passagem encoraja a uma vida em conformidade com os ensinamentos de Jesus em todos os aspectos, não apenas nos mais visíveis, e destaca a importância do exemplo e do ensino na propagação da verdade espiritual.

9. Todos os que reconhecem a missão de Jesus dizem: "Senhor! Senhor!" — De que serve, porém, Ihe chamarem Mestre ou Senhor, se não Ihe seguem os preceitos? Serão cristãos os que o honram com exteriores atos de devoção e, ao mesmo tempo, sacrificam ao orgulho, ao egoísmo, à cupidez e a todas as suas paixões? Serão seus discípulos os que passam os dias em oração e não se mostram nem melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes para com seus semelhantes? Não, porquanto, do mesmo modo que os fariseus, eles têm a prece nos lábios, e não no coração. Pela forma poderão impor-se aos homens; não, porém, a Deus. Em vão dirão eles a Jesus: "Senhor! não profetizamos, isto é, não ensinamos em teu nome; não expulsamos em teu nome os demônios; não comemos e bebemos contigo?" Ele lhes responderá: "Não sei quem sois; afastai-vos de mim, vós que cometeis iniquidades, vós que desmentis com os atos o que dizeis com os lábios, que caluniais o vosso próximo, que espoliais as viúvas e cometeis adultério. Afastai-vos de mim, vós, cujo coração destila ódio e fel, que derramais o sangue dos vossos irmãos em meu nome, que fazeis corram lágrimas, em vez de secá-las. Para vós, haverá prantos e ranger de dentes, porquanto o Reino de Deus é para os que são brandos, humildes e caridosos. Não espereis dobrar a Justiça do Senhor pela multiplicidade das vossas

palavras e das vossas genuflexões. O caminho único que vos está aberto, para achardes graça perante Ele, é o da prática sincera da lei de amor e de caridade.”

São eternas as palavras de Jesus, porque são a verdade. Constituem não só a salvaguarda da vida celeste, mas também o penhor da paz, da tranquilidade e da estabilidade nas coisas da vida terrestre. Eis por que todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas, que se apoiarem nessas palavras, serão estáveis como a casa construída sobre a rocha. Os homens as conservarão, porque se sentirão felizes nelas. As que, porém, forem uma violação daquelas palavras, serão como a casa edificada na areia: o vento das renovações e o rio do progresso as arrastarão.

NOSSO COMENTÁRIO

O item 9 deste capítulo enfatiza a importância da prática sincera dos ensinamentos de Jesus em detrimento do mero reconhecimento verbal ou formal.

Destaca-se que é incoerente e vão chamar Jesus de Mestre ou Senhor se não se seguirem seus preceitos na vida diária.

A passagem critica aqueles que parecem devotos externamente, mas que não refletem esses valores em suas ações e atitudes cotidianas.

A verdadeira devoção a Jesus envolve seguir seus ensinamentos de amor, caridade, humildade e perdão, não apenas em palavras, mas também em ações concretas.

Essa abordagem espiritual enfatiza que a verdadeira prática religiosa vai além das formalidades externas e requer uma transformação interna.

Jesus valoriza mais a prática da lei do amor e da caridade do que as meras palavras ou gestos exteriores de devoção.

As instituições humanas, sejam políticas, sociais ou religiosas, que se baseiam nos ensinamentos de Jesus são consideradas estáveis

e duradouras, enquanto aquelas que os violam são vistas como instáveis e sujeitas a mudanças.

Isso ressalta a importância da ética e dos valores espirituais na construção de uma sociedade justa, harmoniosa e duradoura.

Muito se pedirá àquele que muito recebeu

10. *"O servo que souber da vontade do seu amo e que, entretanto, não estiver pronto e não fizer o que dele queira o amo, será rudemente castigado. Mas aquele que não tenha sabido da sua vontade e fizer coisas dignas de castigo menos punido será. Muito se pedirá àquele a quem muito se houver dado e maiores contas serão tomadas àquele a quem mais coisas se haja confiado."* (Lucas, 12:47 e 48.)

11. *"Vim a este mundo para exercer um juízo, a fim de que os que não veem vejam e os que veem se tornem cegos."* — *Alguns fariseus, que estavam com Ele, ouvindo essas palavras, lhe perguntaram: "Também nós, então, somos cegos?"*

— *Respondeu-lhes Jesus: "Se fôsseis cegos, não teríeis pecados; mas, agora, dizeis que vedes e é por isso que em vós permanece o vosso pecado."* (João, 9:39 a 41.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esses relatos enfatizam a responsabilidade e a justiça divina.

O primeiro destaca que aqueles que conhecem a vontade de Deus e não a cumprem serão mais severamente punidos do que aqueles que não a conhecem.

Isso mostra que a responsabilidade está ligada ao conhecimento, e que aqueles que têm mais conhecimento espiritual têm uma responsabilidade maior em viver de acordo com esse conhecimento.

O segundo relato refere-se ao juízo de Jesus sobre aqueles que têm a capacidade de compreender a verdade espiritual, mas escolhem permanecer na ignorância espiritual.

Jesus veio ao mundo para trazer luz e conhecimento espiritual, e aqueles que o rejeitam, mesmo tendo a capacidade de ver espiritualmente, são culpados por sua escolha.

Esses relatos destacam a importância da busca pela verdade espiritual e da responsabilidade pessoal diante dela.

12. Principalmente ao ensino dos Espíritos é que estas máximas se aplicam. Quem quer que conheça os preceitos do Cristo e não os pratique, é certamente culpado; contudo, além de o Evangelho, que os contém, achar-se espalhado somente no seio das seitas cristãs, mesmo dentro destas quantos há que não o leem, e, entre os que o leem, quantos os que o não compreendem! Resulta daí que as próprias palavras de Jesus são perdidas para a maioria dos homens.

O ensino dos Espíritos, reproduzindo essas máximas sob diferentes formas, desenvolvendo-as e comentando-as, para pô-las ao alcance de todos, tem isto de particular: não é circunscrito; todos, letrados ou iletrados, crentes ou incrédulos, cristãos ou não, o podem receber, pois que os Espíritos se comunicam por toda parte. Nenhum dos que o recebam, diretamente ou por intermédio de outrem, pode pretextar ignorância; não se pode desculpar nem com a falta de instrução, nem com a obscuridade do sentido alegórico. Aquele, portanto, que não aproveita essas máximas para melhorar-se, que as admira como coisas interessantes e curiosas, sem que lhe toquem o coração, que não se torna nem menos vão, nem menos orgulhoso, nem menos egoísta, nem menos apegado aos bens materiais, nem melhor para seu próximo, mais culpado é, porque mais meios tem de conhecer a verdade.

Os médiuns que obtêm boas comunicações ainda mais censuráveis são, se persistem no mal, porque muitas vezes escrevem sua própria condenação e porque, se não os cegasse o orgulho, reconheceriam que a eles é que se dirigem os Espíritos. Todavia, em vez de tomarem para si as lições que escrevem, ou que leem escritas por outros, têm por única preocupação aplicá-las aos demais, confirmando assim estas palavras de Jesus: "Vedes um argueiro no olho do vosso próximo e não vedes a trave que está no vosso." (Cap. X, item 9.)

Por esta sentença: "Se fôsseis cegos, não teríeis pecados", quis Jesus significar que a culpabilidade está na razão das luzes que a criatura possua. Ora, os fariseus, que tinham a pretensão de ser, e eram, com efeito, os mais esclarecidos da sua nação, mais culposos se mostravam aos olhos de Deus do que o povo ignorante. O mesmo se dá hoje.

Aos espíritas, pois, muito será pedido, porque muito hão recebido; mas também aos que houverem aproveitado, muito será dado.

O primeiro cuidado de todo espírita sincero deve ser o de procurar saber se, nos conselhos que os Espíritos dão, alguma coisa não há que lhe diga respeito.

O Espiritismo vem multiplicar o número dos chamados. Pela fé que faculty, multiplicará também o número dos escolhidos.

NOSSO COMENTÁRIO

Esse item do capítulo 18 do Evangelho Segundo o Espiritismo destaca a responsabilidade daqueles que têm acesso ao conhecimento espiritual, seja através do Evangelho ou das comunicações dos Espíritos.

Aqueles que têm acesso a esses ensinamentos têm uma maior responsabilidade em aplicá-los em suas vidas.

O texto ressalta que as comunicações dos Espíritos são uma forma acessível a todos, independentemente de sua instrução ou crenças, e que ninguém pode alegar ignorância diante desses ensinamentos.

Aqueles que recebem esses ensinamentos e não os aplicam em suas vidas são mais culpados, pois têm mais meios de conhecer a verdade.

Os médiuns também são mencionados, sendo mais censuráveis se persistirem no mal, pois muitas vezes transmitem mensagens que se aplicam a eles mesmos, mas que preferem aplicar aos outros.

Isso é comparado à hipocrisia denunciada por Jesus, que falava sobre a trave no olho de alguém enquanto ignorava o argueiro no próprio olho.

O texto enfatiza que o Espiritismo aumenta a responsabilidade daqueles que o conhecem, mas também aumenta as oportunidades de progresso espiritual.

Aqueles que sinceramente buscam a verdade e aplicam esses ensinamentos em suas vidas serão beneficiados espiritualmente.

Essa passagem ressalta a importância da sinceridade, da humildade e do autodesenvolvimento espiritual na prática do Espiritismo e na vida em geral.

Instruções dos Espíritos: Dar-se-á àquele que tem

13. Aproximando-se dele, seus discípulos lhe disseram: “Por que lhes falas por parábolas?” — Respondendo, disse-lhes Ele: “É porque, a vós outros, vos foi dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus, ao passo que a eles isso não foi dado. Porque, àquele que já tem, mais se lhe dará e ele ficará na abundância; àquele, entretanto, que não tem, mesmo o que tem se lhe tirará. Por isso é que lhes falo por parábolas: porque, vendo, nada veem e, ouvindo, nada entendem, nem compreendem.” Neles [nos mistérios do Reino dos Céus] se cumpre a profecia de Isaías, quando diz: “Ovireis com os vossos ouvidos e nada entenderéis; olhareis com os vossos olhos e nada vereis.” (Mateus, 13:10 a 14.)

14. Tende muito cuidado com o que ouvis, porquanto usarão para convosco da mesma medida de que vos houverdes servido para medir os outros, e ainda se vos acrescentará; pois, ao que já tem, dar-se-á, e, ao que não tem, até o que tem se lhe tirará. (Marcos, 4:24 e 25.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esses relatos destacam a importância da compreensão espiritual e da responsabilidade que vem com ela.

Jesus explica aos discípulos que fala em parábolas para transmitir os mistérios do Reino dos Céus de forma que eles possam compreender, enquanto para outros isso não é dado.

Isso sugere que a compreensão espiritual é um dom que precisa ser cultivado e que aqueles que têm esse entendimento receberão mais conhecimento espiritual.

Além disso, Jesus adverte sobre a importância de ouvir com cuidado, pois a medida com que julgamos os outros também será usada para nós mesmos.

Aqueles que têm entendimento espiritual receberão mais, enquanto os que não têm terão até mesmo o pouco que têm tirado.

Isso ressalta a importância da humildade, da compaixão e do autodesenvolvimento espiritual na jornada espiritual.

15. "Dá-se ao que já tem e tira-se ao que não tem." Meditai esses grandes ensinamentos que se vos hão por vezes afigurado paradoxais. Aquele que recebeu é o que possui o sentido da palavra divina; recebeu unicamente porque tentou tornar-se digno dela e porque o Senhor, em seu amor misericordioso, anima os esforços que tendem para o bem. Aturados, perseverantes, esses esforços atraem as graças do Senhor; são um ímã que chama a si o que é progressivamente melhor, as graças copiosas que vos fazem fortes para galgar a montanha santa, em cujo cume está o repouso após o labor.

"Tira-se ao que não tem ou tem pouco." Tomai isso como uma antítese figurada. Deus não retira das suas criaturas o bem que se haja dignado de fazer-lhes. Homens cegos e surdos, abri as vossas inteligências e os vossos corações; vede pelo vosso espírito; ouvi pela vossa alma e não interpreteis de modo tão grosseiramente injusto as palavras daquele que fez resplandecesse aos vossos olhos a Justiça do Senhor. Não é Deus quem retira daquele que pouco recebera: é o próprio Espírito que, por pródigo e descuidado, não sabe conservar o que tem e aumentar, fecundando-o, o óbolo que lhe caiu no coração.

Aquele que não cultiva o campo que o trabalho de seu pai lhe granjeou, e que lhe coube em herança, o vê cobrir-se de ervas parasitas. É seu pai quem lhe tira as colheitas que ele não quis preparar? Se, à falta de cuidado, deixou fenecessem as sementes destinadas a produzir nesse campo, é a seu pai que lhe cabe acusar por nada produzirem elas? Não e não. Em vez de acusar aquele que tudo lhe preparara [Deus], de criticar as suas doações, queixe-se do verdadeiro autor de suas misérias [si mesmo] e, arrependido e operoso, meta, corajoso, mãos à obra; arroteie o solo ingrato com o esforço de sua vontade; lavre-o fundo com auxílio do arrependimento e da esperança; lance nele, confiante, a semente que haja separado, por boa, dentre as más; regue-o com o seu amor e a sua caridade, e Deus, o Deus de amor e de caridade, dará àquele que já recebera. Verá ele, então, coroado de êxito os seus esforços e um grão produzir cem e outro mil. Ânimo, trabalhadores! Tomai dos vossos arados e das vossas charruas; lavrai os vossos corações; arrancai deles a cizânia; semeai a boa semente que o Senhor vos confia e o orvalho do amor lhe fará produzir frutos de caridade. – Um Espírito amigo. (Bordeaux, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

O texto traz uma instrução mediúnica de um Espírito amigo, que destaca a importância do esforço individual na jornada espiritual.

O Espírito enfatiza que aqueles que recebem entendimento espiritual e progridem o fazem porque tentaram se tornar dignos dele.

Deus, em Sua misericórdia, apoia os esforços que visam ao bem, e esses esforços atraem as graças divinas, fortalecendo o indivíduo em sua jornada espiritual.

O texto também aborda a ideia de que "tira-se ao que não tem ou tem pouco" não significa que Deus retira o bem daqueles que têm pouco, mas sim que o Espírito, por descuido ou falta de esforço, não sabe manter e aumentar o bem que recebeu.

Assim como um campo que não é cultivado se enche de ervas daninhas, é responsabilidade do indivíduo cuidar e fazer frutificar os dons espirituais que recebeu.

O Espírito conclui com um chamado à ação, incentivando os trabalhadores espirituais a ararem seus corações, removerem as ervas daninhas da alma, semear boas sementes de amor e caridade, e confiarem que Deus fará essas sementes frutificarem.

A mensagem é de esperança e incentivo para que cada um faça sua parte na busca pela evolução espiritual.

Pelas suas obras é que se reconhece o cristão

16. "Nem todos os que me dizem: 'Senhor! Senhor!' entrarão no Reino dos Céus, mas somente aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus."

Escutai essa palavra do Mestre, todos vós que repelis a Doutrina Espírita como obra do demônio. Abri os ouvidos, que é chegado o momento de ouvir.

Será bastante trazer a libré do Senhor, para ser-se fiel servidor seu? Bastará dizer: "Sou cristão", para que alguém seja um seguidor do Cristo? Procurai os verdadeiros cristãos e os reconhecereis pelas suas obras. "Uma árvore boa não pode dar maus frutos, nem uma árvore má pode dar frutos bons." "Toda árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo."

São do Mestre essas palavras. Discípulos do Cristo, compreendei-as bem! Que frutos deve dar a árvore do Cristianismo, árvore possante, cujos ramos

frondosos cobrem com sua sombra uma parte do mundo, mas que ainda não abrigam todos os que se hão de agrupar em torno dela? Os da árvore da vida são frutos de vida, de esperança e de fé. O Cristianismo, qual o fizeram há muitos séculos, continua a pregar essas virtudes divinas; esforça-se por espalhar seus frutos, mas quão poucos os colhem! A árvore é boa sempre, porém maus são os jardineiros. Entenderam de moldá-la pelas suas ideias; de talhá-la de acordo com as suas necessidades; cortaram-na, diminuíram-na, mutilaram-na; tornados estéreis, seus ramos não dão maus frutos, porque nenhuns mais produzem. O viajor sedento, que se detém sob seus galhos à procura do fruto da esperança, capaz de lhe restabelecer a força e a coragem, somente vê uma ramaria árida, prenunciando tempestade. Em vão pede ele o fruto de vida à árvore da vida; caem-lhe secas as folhas; tanto as remexeu a mão do homem, que as crestou.

Abri, pois, os ouvidos e os corações, meus bem-amados! Cultivai essa árvore da vida, cujos frutos dão a vida eterna. Aquele que a plantou vos concita a tratá-la com amor, que ainda a vereis dar com abundância seus frutos divinos. Conservai-a tal como o Cristo vo-la entregou: não a mutileis; ela quer estender a sua sombra imensa sobre o Universo: não lhe corteis os galhos. Seus frutos benfazejos caem abundantes para alimentar o viajor faminto que deseja chegar ao termo da jornada; não amontoeis esses frutos, para os armazenar e deixar apodrecer, a fim de que a ninguém sirvam. "Muitos são os chamados e poucos os escolhidos." É que há açambarcadores do pão da vida, como os há do pão material. Não sejais do número deles; a árvore que dá bons frutos tem que os dar para todos. Ide, pois, procurar os que estão famintos; levai-os para debaixo da fronde da árvore e partilhai com eles do abrigo que ela oferece. "Não se colhem uvas nos espinheiros." Meus irmãos, afastai-vos dos que vos chamam para vos apresentar as sarças do caminho, segui os que vos conduzem à sombra da árvore da vida.

O divino Salvador, o justo por excelência, disse, e suas palavras não passarão: "Nem todos os que dizem: 'Senhor! Senhor!' entrarão no Reino dos Céus; entrarão somente os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus."

Que o Senhor de bênçãos vos abençoe; que o Deus de luz vos ilumine; que a árvore da vida vos ofereça abundantemente seus frutos! Crede e orai. – Simeão. (Bordeaux, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa instrução mediúnica do Espírito Simeão destaca a importância das obras como expressão da verdadeira fé cristã.

O texto cita as palavras de Jesus sobre a árvore boa que dá bons frutos e a árvore má que dá maus frutos, enfatizando que os verdadeiros cristãos são reconhecidos pelas suas obras, não apenas pelas palavras.

O Espírito alerta para a necessidade de não apenas se proclamar cristão, mas de agir de acordo com os ensinamentos de Cristo, praticando a bondade, a caridade e a fé.

Ele critica aqueles que, ao longo dos séculos, distorceram os ensinamentos cristãos e tornaram a árvore do Cristianismo estéril, incapaz de produzir frutos de vida e esperança para os necessitados.

A mensagem conclui com um apelo para que as pessoas cultivem a árvore da vida, preservando-a de mutilações e mantendo-a como Cristo a entregou, para que seus frutos possam alimentar todos os que buscam o caminho da verdade e da vida eterna.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XIX - A fé transporta montanhas

• Poder da fé • A fé religiosa. Condição da fé inabalável • Parábola da Figueira que Secou • Instruções dos Espíritos: A fé: mãe da esperança e da caridade – A fé humana e a divina

Poder da fé

1. Quando Ele veio ao encontro do povo, um homem se lhe aproximou e, lançando-se de joelhos a seus pés, disse: "Senhor, tem piedade do meu filho, que é lunático e sofre muito, pois cai muitas vezes no fogo e muitas vezes na água. Apresentei-o aos teus discípulos, mas eles não o puderam curar." — Jesus respondeu, dizendo: "Ó raça incrédula e depravada, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui esse menino." — E tendo Jesus ameaçado o demônio, este saiu do menino, que no mesmo instante ficou são. Os discípulos vieram então ter com Jesus em particular e lhe perguntaram: "Por que não pudemos nós outros expulsar esse demônio?" — Respondeu-lhes Jesus: "Por causa da vossa incredulidade. Pois em verdade vos digo, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: 'Transporta-te daí para ali e ela se transportaria, e nada vos seria impossível.'" (Mateus, 17:14 a 20.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esse relato destaca o poder da fé como um elemento essencial para a realização de curas, superação de dificuldades e conquistas espirituais.

Jesus repreende a incredulidade daqueles que não conseguiram expulsar o demônio, enfatizando que mesmo uma fé pequena, como a de um grão de mostarda, pode mover montanhas.

Isso ilustra a importância da confiança absoluta em Deus e na capacidade de realizar o que parece impossível.

2. No sentido próprio, é certo que a confiança nas suas próprias forças torna o homem capaz de executar coisas materiais, que não consegue fazer quem duvida de si. Aqui, porém, unicamente no sentido moral se devem

entender essas palavras. As montanhas que a fé desloca são as dificuldades, as resistências, a má vontade, em suma, com que se depara da parte dos homens, ainda quando se trate das melhores coisas. Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho a quem trabalha pelo progresso da Humanidade. A fé robusta dá a perseverança, a energia e os recursos que fazem se vençarem os obstáculos, assim nas pequenas coisas, que nas grandes. Da fé vacilante resultam a incerteza e a hesitação de que se aproveitam os adversários que se têm de combater; essa fé não procura os meios de vencer, porque não acredita que possa vencer.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec esclarece sobre a importância da confiança nas próprias capacidades no sentido moral, pois ela permite ao homem superar dificuldades e resistências encontradas no caminho, como preconceitos, interesses materiais, egoísmo e fanatismo.

Uma fé robusta proporciona perseverança, energia e recursos para vencer os obstáculos, enquanto uma fé vacilante gera incerteza e hesitação, facilitando a ação dos adversários.

Podemos acrescentar que a fé robusta, além de proporcionar perseverança e energia, também inspira a busca por meios de vencer os obstáculos, pois acredita na possibilidade de alcançar o sucesso.

Por outro lado, a fé vacilante tende a minar a própria confiança, levando à falta de iniciativa e à aceitação passiva das dificuldades.

Assim, a mensagem é que a confiança firme e inabalável nas próprias capacidades morais é fundamental para superar os desafios e contribuir para o progresso da humanidade.

3. Noutra acepção, entende-se como fé a confiança que se tem na realização de uma coisa, a certeza de atingir determinado fim. Ela dá uma espécie de lucidez que permite se veja, em pensamento, a meta que se quer alcançar e os meios de chegar lá, de sorte que aquele que a possui caminha, por assim dizer, com absoluta segurança. Num como noutro caso, pode ela dar lugar a que se executem grandes coisas.

A fé sincera e verdadeira é sempre calma; faculta a paciência que sabe esperar, porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das

coisas, tem a certeza de chegar ao objetivo visado. A fé vacilante sente a sua própria fraqueza; quando a estimula o interesse, torna-se furibunda e julga suprir, com a violência, a força que lhe falece.

A calma na luta é sempre um sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, denota fraqueza e dúvida de si mesmo.

NOSSO COMENTÁRIO

O codificador da Doutrina Espírita destaca a importância da fé como uma convicção profunda na realização de um objetivo, que traz consigo clareza mental para visualizar a meta e os meios para alcançá-la.

A verdadeira fé é serena e paciente, pois se fundamenta na compreensão das coisas e na confiança de que se alcançará o objetivo desejado.

Por outro lado, a fé vacilante revela insegurança e, quando motivada pelo interesse pessoal, pode tornar-se agressiva, tentando compensar sua falta de convicção com violência.

Assim, a calma na busca de nossos objetivos é um sinal de confiança e força interior, enquanto a agressividade denota fraqueza e dúvida em si mesmo.

4. Cumpre não confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se conjuga à humildade; aquele que a possui deposita mais confiança em Deus do que em si próprio, por saber que, simples instrumento da vontade divina, nada pode sem Deus. Por essa razão é que os bons Espíritos lhe vêm em auxílio. A presunção é menos fé do que orgulho, e o orgulho é sempre castigado, cedo ou tarde, pela decepção e pelos malogros que lhe são infligidos.

NOSSO COMNETÁRIO

Allan Kardec ressalta a diferença entre fé e presunção.

A verdadeira fé está associada à humildade; aquele que a possui confia mais em Deus do que em si mesmo, reconhecendo-se como simples instrumento da vontade divina.

Por isso, os bons Espíritos vêm em seu auxílio. Já a presunção, menos fé e mais orgulho, é sempre punida pela decepção e pelos fracassos que inevitavelmente enfrenta.

5. O poder da fé se demonstra, de modo direto e especial, na ação magnética; por seu intermédio, o homem atua sobre o fluido, agente universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá uma impulsão por assim dizer irresistível. Daí decorre que aquele que a um grande poder fluídico normal junta ardente fé, pode, só pela força da sua vontade dirigida para o bem, operar esses singulares fenômenos de cura e outros, tidos antigamente por prodígios, mas que não passam de efeito de uma lei natural. Tal o motivo por que Jesus disse a seus apóstolos: se não o curastes, foi porque não tínheis fé.

NOSSO COMENTÁRIO

Este item destaca o poder da fé na ação magnética, na qual o homem, por meio dela, atua sobre o fluido universal, modificando suas qualidades e dando-lhe uma impulsão quase irresistível.

Dessa forma, aquele que possui grande poder fluídico normal e acrescenta a ele uma fé ardente pode, apenas pela força de sua vontade dirigida para o bem, realizar fenômenos de cura e outros que antigamente eram considerados prodígios, mas que são apenas efeitos de uma lei natural.

Isso explica por que Jesus disse a seus apóstolos: "Se não o curastes, foi porque não tínheis fé."

A fé religiosa. Condição da fé inabalável

6. Do ponto de vista religioso, a fé consiste na crença em dogmas especiais, que constituem as diferentes religiões. Todas elas têm seus artigos de fé. Sob esse aspecto, pode a fé ser raciocinada ou cega. Nada examinando, a fé cega aceita, sem verificação, assim o verdadeiro como o falso, e a cada passo se choca com a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o fanatismo. Assentando no erro, cedo ou tarde desmorona; somente a fé que se baseia na verdade garante o futuro, porque nada tem a temer do progresso das luzes, dado que o que é verdadeiro na obscuridade, também o é à luz meridiana.

Cada religião pretende ter a posse exclusiva da verdade; preconizar alguém a fé cega sobre um ponto de crença é confessar-se impotente para demonstrar que está com a razão.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, a fé religiosa é abordada como a crença nos dogmas específicos que constituem as diferentes religiões, cada uma com seus próprios artigos de fé.

A fé pode ser raciocinada ou cega nesse contexto. A fé cega, ao aceitar sem verificação, tanto o verdadeiro quanto o falso, muitas vezes entra em conflito com a evidência e a razão, levando ao fanatismo.

Quando baseada no erro, inevitavelmente desmorona com o tempo.

A única fé que garante o futuro é aquela fundamentada na verdade, pois não teme o avanço do conhecimento, já que o que é verdadeiro na obscuridade também o é na luz do dia.

Cada religião afirma possuir a verdade exclusiva, e a defesa da fé cega em qualquer ponto de crença é admitir a incapacidade de demonstrar que se está correto.

7. Diz-se vulgarmente que a fé não se prescreve, donde resulta alegar muita gente que não lhe cabe a culpa de não ter fé. Sem dúvida, a fé não se prescreve, nem, o que ainda é mais certo, se impõe. Não; ela se adquire e ninguém há que esteja impedido de possuí-la, mesmo entre os mais refratários. Falamos das verdades espirituais básicas e não de tal ou qual crença particular. Não é à fé que compete procurá-los; a eles é que cumpre ir-lhe ao encontro e, se a buscarem sinceramente, não deixarão de achá-la. Tende, pois, como certo que os que dizem: "Nada de melhor desejamos do que crer, mas não o podemos", apenas de lábios o dizem e não do íntimo, porquanto, ao dizerem isso, tapam os ouvidos. As provas, no entanto, chovem-lhes ao derredor; por que fogem de observá-las? Da parte de uns, há descaso; da de outros, o temor de serem forçados a mudar de hábitos; da parte da maioria, há o orgulho, negando-se a reconhecer a existência de uma força superior, porque teria de curvar-se diante dela.

Em certas pessoas, a fé parece de algum modo inata; uma centelha basta para desenvolvê-la. Essa facilidade de assimilar as verdades espirituais é sinal evidente de anterior progresso. Em outras pessoas, ao contrário, elas dificilmente penetram, sinal não menos evidente de naturezas retardatárias. As primeiras já creram e compreenderam; trazem, ao renascerem, a intuição do que souberam: estão com a educação feita; as segundas tudo têm de aprender: estão com a educação por fazer. Ela, entretanto, se fará e, se não ficar concluída nesta existência, ficará em outra.

A resistência do incrédulo, devemos convir, muitas vezes provém menos dele do que da maneira por que lhe apresentam as coisas. A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. E, para crer, não basta ver; é preciso, sobretudo, compreender. A fé cega já não é deste século, tanto assim que precisamente o dogma da fé cega é que produz hoje o maior número dos incrédulos, porque ela pretende impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É principalmente contra essa fé que se levanta o incrédulo, e dela é que se pode, com verdade, dizer que não se prescreve. Não admitindo provas, ela deixa no espírito alguma coisa de vago, que dá nascimento à dúvida. A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. Eis por que não se dobra. Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.

A esse resultado conduz o Espiritismo, pelo que triunfa da incredulidade, sempre que não encontra oposição sistemática e interessada.

NOSSO COMENTÁRIO

texto deste item aborda a questão da fé e da incredulidade, destacando que a fé não pode ser imposta, mas sim adquirida por cada indivíduo.

A fé não é algo inato, mas algo que pode ser desenvolvido por meio da busca sincera.

A resistência à fé muitas vezes não vem da natureza do indivíduo, mas da forma como as coisas lhe são apresentadas.

A fé precisa de uma base sólida, que é a compreensão do que se deve crer.

A fé cega, que não aceita provas e exige a abdicação do raciocínio e do livre-arbítrio, é um dos principais motivos da incredulidade atualmente.

A fé verdadeira, baseada na compreensão e no raciocínio, é inabalável e capaz de enfrentar a razão em todas as épocas da Humanidade.

O Espiritismo, ao se basear nos fatos e na lógica, triunfa sobre a incredulidade, desde que não encontre oposição sistemática e interessada.

Parábola da Figueira que secou

8. Quando saíam de Betânia, Ele teve fome; e, vendo ao longe uma figueira, para ela encaminhou-se, a ver se acharia alguma coisa; tendo-se, porém, aproximado, só achou folhas, visto não ser tempo de figos. Então, disse Jesus à figueira: "Que ninguém coma de ti fruto algum." — o que seus discípulos ouviram. No dia seguinte, ao passarem pela figueira, viram que secara até a raiz. Pedro, lembrando-se do que dissera Jesus, disse: "Mestre, olha como secou a figueira que Tu amaldiçoaste." — Jesus, tomando a palavra, lhes disse: "Tende fé em Deus. Digo-vos, em verdade, que aquele que disser a esta montanha: 'Tira-te daí e lança-te ao mar', mas sem hesitar no seu coração, crente, ao contrário, firmemente, de que tudo o que houver dito acontecerá, verá que, com efeito, acontece." (Marcos, 11:12 a 14 e 20 a 23.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa parábola da figueira que secou é uma das passagens mais simbólicas e enigmáticas dos Evangelhos.

Pode ser interpretada de várias formas, mas muitos estudiosos a veem como uma lição sobre a importância da fé e da confiança em Deus.

Jesus, ao amaldiçoar a figueira e ao falar sobre mover montanhas, está ensinando sobre o poder da fé verdadeira e inabalável.

A figueira, ao apresentar apenas folhas e não frutos, simboliza a falsa aparência de frutificação espiritual, representando aqueles que

demonstram exteriormente uma religiosidade ou espiritualidade, mas que na verdade estão vazios por dentro, sem a verdadeira fé e prática espiritual.

Ao secar a figueira, Jesus está mostrando que a superficialidade e a falta de frutos espirituais não são aceitáveis aos olhos de Deus.

Ao mencionar a capacidade de mover montanhas, Jesus está falando sobre a fé como um poder transformador.

Ele está ensinando que, quando temos uma fé verdadeira e inabalável, somos capazes de superar os maiores obstáculos em nossa vida.

É um convite para que confiemos em Deus de forma completa e sem hesitação, sabendo que Ele é capaz de realizar o impossível através de nós.

Essa parábola nos lembra da importância de cultivar uma fé genuína e profunda, que não se baseia em aparências ou rituais externos, mas sim em uma conexão íntima com o divino.

É um lembrete para que busquemos uma fé que seja autêntica, transformadora e capaz de mover montanhas em nossa vida e na vida daqueles ao nosso redor.

9. A figueira que secou é o símbolo dos que apenas aparentam propensão para o bem, mas que, em realidade, nada de bom produzem; dos oradores que mais brilho têm do que solidez, cujas palavras trazem superficial verniz, de sorte que agradam aos ouvidos, sem que, entretanto, revelem, quando perscrutadas, algo de substancial para os corações. É de perguntar-se que proveito tiraram delas os que as escutaram.

Simboliza também todos aqueles que, tendo meios de ser úteis, não o são; todas as utopias, todos os sistemas ociosos, todas as doutrinas carentes de base sólida. O que as mais das vezes falta é a verdadeira fé, a fé produtiva, a fé que abala as fibras do coração, a fé, numa palavra, que transporta montanhas. São árvores cobertas de folhas, porém, baldas de frutos. Por isso é que Jesus as condena à esterilidade, porquanto dia virá em que se acharão secas até a raiz. Quer

dizer que todos os sistemas, todas as doutrinas que nenhum bem para a Humanidade houverem produzido, cairão reduzidas a nada; que todos os homens deliberadamente inúteis, por não terem posto em ação os recursos que traziam consigo, serão tratados como a figueira que secou.

NOSSO COMENTÁRIO

Esse trecho apresenta uma interpretação profunda da parábola da figueira que secou, aplicando-a metaforicamente a diversas situações da vida.

Ele nos alerta sobre a importância de não apenas aparentar virtude ou bondade, mas de produzir frutos reais em nossas ações e palavras.

Assim como a figueira que secou representava a esterilidade espiritual e a falta de verdadeira fé, também simboliza tudo o que é vazio, superficial e incapaz de gerar resultados positivos.

Os oradores mencionados são aqueles que podem encantar com suas palavras, mas que não têm substância para tocar os corações e transformar vidas.

São como árvores cobertas de folhas, mas sem frutos.

Da mesma forma, os sistemas, doutrinas e utopias mencionados são criticados por sua falta de base sólida e por não produzirem benefícios reais para a humanidade.

A mensagem essencial desse item é que a verdadeira fé não é apenas uma questão de aparência ou discurso eloquente, mas sim de ação e resultados concretos.

Devemos buscar uma fé que seja autêntica e produtiva, capaz de mover montanhas em nossas vidas e na sociedade como um todo.

10. Os médiuns são os intérpretes dos Espíritos; suprem, nestes últimos, a falta de órgãos materiais pelos quais transmitam suas instruções. Daí vem o serem dotados de faculdades para esse efeito. Nos tempos atuais, de renovação social, cabe-lhes uma missão especialíssima; são árvores destinadas a

fornecer alimento espiritual a seus irmãos; multiplicam-se em número, para que abunde o alimento; há-os por toda a parte, em todos os países, em todas as classes da sociedade, entre os ricos e os pobres, entre os grandes e os pequenos, a fim de que em nenhum ponto faltem e a fim de ficar demonstrado aos homens que todos são chamados. Se, porém, eles desviam do objetivo providencial a preciosa faculdade que lhes foi concedida, se a empregam em coisas fúteis ou prejudiciais, se a põem a serviço dos interesses mundanos, se em vez de frutos sazonados dão maus frutos, se se recusam a utilizá-la em benefício dos outros, se nenhum proveito tiram dela para si mesmos, melhorando-se, são quais a figueira estéril. Deus lhes retirará um dom que se tornou inútil neles: a semente que não sabem fazer que frutifique, e consentirá que se tornem presas dos Espíritos maus.

NOSSO COMENTÁRIO

Esse item destaca o papel dos médiuns como intermediários entre os Espíritos e os homens, suprimindo a falta de órgãos materiais dos Espíritos para transmitir suas mensagens.

Eles são comparados a árvores que fornecem alimento espiritual, multiplicando-se para que haja abundância desse alimento em todos os lugares e classes sociais.

No entanto, assim como a figueira estéril da parábola, os médiuns que não utilizam suas faculdades de forma proveitosa e benéfica são condenados.

Se desviam sua faculdade para interesses fúteis, prejudiciais ou mundanos, ou se recusam a utilizá-la em benefício dos outros e para o próprio crescimento espiritual, tornam-se como a figueira estéril.

Nesse caso, Deus retirará deles o dom da mediunidade, tornando-os presas dos Espíritos maus.

Essa passagem ressalta a responsabilidade dos médiuns em usar suas faculdades de forma construtiva e moralmente elevada, lembrando que o dom da mediunidade deve ser sempre direcionado

para o bem e para o progresso espiritual, tanto próprio quanto dos outros.

Instruções dos Espíritos:
A fé: mãe da esperança e da caridade

11. Para ser proveitosa, a fé tem de ser ativa; não deve entorpecer-se. Mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus, cumpre-lhe velar atentamente pelo desenvolvimento dos filhos que gerou.

A esperança e a caridade são corolários da fé e formam com esta uma trindade inseparável. Não é a fé que faculta a esperança na realização das promessas do Senhor? Se não tiverdes fé, que esperareis? Não é a fé que dá o amor? Se não tendes fé, qual será o vosso reconhecimento e, portanto, o vosso amor?

Inspiração divina, a fé desperta todos os instintos nobres que encaminham o homem para o bem. É a base da regeneração. Preciso é, pois, que essa base seja forte e durável, porquanto, se a mais ligeira dúvida a abalar, que será do edifício que sobre ela construiredes? Levantai, conseguintemente, esse edifício sobre alicerces inamovíveis. Seja mais forte a vossa fé do que os sofismas e as zombarias dos incrédulos, visto que a fé que não afronta o ridículo dos homens não é fé verdadeira.

A fé sincera é empolgante e contagiosa; comunica-se aos que não a tinham, ou, mesmo, não desejariam tê-la. Encontra palavras persuasivas que vão à alma, ao passo que a fé aparente usa de palavras sonoras que deixam frio e indiferente quem as escuta. Pregai pelo exemplo da vossa fé, para a incutirdes nos homens. Pregai pelo exemplo das vossas obras para lhes demonstrardes o merecimento da fé. Pregai pela vossa esperança firme, para lhes dardes a ver a confiança que fortifica e põe a criatura em condições de enfrentar todas as vicissitudes da vida.

Tende, pois, a fé, com o que ela contém de belo e de bom, com a sua pureza, com a sua racionalidade. Não admitais a fé sem comprovação, cega filha da cegueira. Amai a Deus, mas sabendo porque o amais; crede nas suas promessas, mas sabendo porque acreditais nelas; segui os nossos conselhos, mas compenetrados do fim que vos apontamos e dos meios que vos trazemos para o atingirdes. Crede e esperai sem desfalecimento: os milagres são obras da fé. – José, Espírito protetor. (Bordeaux, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa orientação do Espírito protetor José destaca a importância da fé ativa, que não se entorpece, mas se mantém vigilante no desenvolvimento das virtudes.

A fé, mãe da esperança e da caridade, é descrita como inspiração divina que desperta os instintos nobres, levando o homem ao bem e sendo a base da regeneração.

É ressaltado que a fé sincera é empolgante e contagiosa, comunicando-se aos outros e sendo pregada pelo exemplo das obras e da esperança firme.

A fé verdadeira não teme o ridículo dos incrédulos e é fundamentada em alicerces inamovíveis, sendo necessário compreender as razões da própria fé e seguir os conselhos espirituais com convicção.

Por fim, o Espírito protetor enfatiza a importância de acreditar e esperar sem desfalecimento, pois os milagres são obras da fé.

Essa mensagem ressalta a necessidade de uma fé ativa, racional e vivida no cotidiano, capaz de transformar o indivíduo e influenciar positivamente aqueles ao seu redor.

A fé humana e a divina

12. No homem, a fé é o sentimento inato de seus destinos futuros; é a consciência que ele tem das faculdades imensas depositadas em gérmen no seu íntimo, a princípio em estado latente, e que lhe cumpre fazer que desabrochem e cresçam pela ação da sua vontade.

Até o presente, a fé não foi compreendida senão pelo lado religioso, porque o Cristo a exalçou como poderosa alavanca e porque o tem considerado apenas como chefe de uma religião. Entretanto, o Cristo, que operou milagres materiais, mostrou, por esses milagres mesmos, o que pode o homem, quando tem fé, isto é, a vontade de querer e a certeza de que essa vontade pode obter satisfação. Também os apóstolos não operaram milagres, seguindo-lhe o exemplo? Ora, que eram esses milagres, senão efeitos naturais, cujas causas os homens de então desconheciam, mas que, hoje, em grande parte se explicam

e que pelo estudo do Espiritismo e do Magnetismo se tornarão completamente compreensíveis?

A fé é humana ou divina, conforme o homem aplica suas faculdades à satisfação das necessidades terrenas, ou das suas aspirações celestiais e futuras. O homem de gênio, que se lança à realização de algum grande empreendimento, triunfa, se tem fé, porque sente em si que pode e há de chegar ao fim colimado, certeza que lhe faculta imensa força. O homem de bem que, crente em seu futuro celeste, deseja encher de belas e nobres ações a sua existência, haure na sua fé, na certeza da felicidade que o espera, a força necessária, e ainda aí se operam milagres de caridade, de devotamento e de abnegação. Enfim, com a fé, não há maus pendores que se não chegue a vencer.

O Magnetismo é uma das maiores provas do poder da fé posta em ação. É pela fé que ele cura e produz esses fenômenos singulares, qualificados outrora de milagres.

Repito: a fé é humana e divina. Se todos os encarnados se achassem bem persuadidos da força que em si trazem, e se quisessem pôr a vontade a serviço dessa força, seriam capazes de realizar o a que, até hoje, eles chamaram prodígios e que, no entanto, não passa de um desenvolvimento das faculdades humanas. – Um Espírito protetor. (Paris, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nessa instrução mediúnica, o Espírito protetor destaca a fé como um sentimento inato nos seres humanos, relacionado à consciência das faculdades imensas depositadas em seu íntimo, que precisam ser desenvolvidas pela ação da vontade.

A fé é abordada tanto em seu aspecto humano, relacionado às aspirações terrenas e à realização de grandes empreendimentos, quanto em seu aspecto divino, ligado às aspirações celestiais e futuras.

O texto faz referência aos milagres operados por Jesus e seus apóstolos como demonstração do poder da fé, entendida como a vontade de querer e a certeza de que essa vontade pode obter satisfação.

Esses milagres são descritos como efeitos naturais desconhecidos na época, mas que hoje podem ser compreendidos através do estudo do Espiritismo e do Magnetismo.

A fé é apresentada como uma força capaz de realizar prodígios, tanto no âmbito material quanto no espiritual, e o Magnetismo é citado como uma prova do poder da fé em ação, capaz de curar e produzir fenômenos singulares.

Por fim, o Espírito protetor enfatiza que se todos os seres humanos reconhecessem a força que possuem e a colocassem a serviço de suas vontades, seriam capazes de realizar o que até então chamaram de milagres, revelando assim o potencial das faculdades humanas quando impulsionadas pela fé.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XX - Os trabalhadores da última hora

- Instruções dos Espíritos: Os últimos serão os primeiros – Missão dos espíritos – Os obreiros do Senhor

1. *O Reino dos Céus é semelhante a um pai de família que saiu de madrugada, a fim de assalariar trabalhadores para a sua vinha. Tendo convencido com os trabalhadores que pagaria um denário a cada um por dia, mandou-os para a vinha. Saiu de novo à terceira hora do dia e, vendo outros que se conservavam na praça sem fazer coisa alguma, disse-lhes: "Ide também vós outros para a minha vinha e vos pagarei o que for razoável." Eles foram. Saiu novamente à hora sexta e à hora nona do dia e fez o mesmo. Saindo mais uma vez à hora undécima, encontrou ainda outros que estavam desocupados, aos quais disse: "Por que permaneceis aí o dia inteiro sem trabalhar?" — "É", disseram eles, "que ninguém nos assalariou." — Ele então lhes disse: "Ide vós também para a minha vinha." Ao cair da tarde disse o dono da vinha àquele que cuidava dos seus negócios: "Chama os trabalhadores e paga-lhes, começando pelos últimos e indo até aos primeiros." — Aproximando-se então os que só à undécima hora haviam chegado, receberam um denário cada um. Vindo a seu turno os que tinham sido encontrados em primeiro lugar, julgaram que iam receber mais; porém, receberam apenas um denário cada um. Recebendo-o, queixaram-se ao pai de família, dizendo: "Estes últimos trabalharam apenas uma hora e lhes dás tanto quanto a nós que suportamos o peso do dia e do calor." Mas, respondendo, disse o dono da vinha a um deles: "Meu amigo, não te causo dano algum; não convencionaste comigo receber um denário pelo teu dia? Toma o que te pertence e vai-te; apraz-me a mim dar a este último tanto quanto a ti. Não me é então lícito fazer o que quero? Tens mau olho, porque sou bom?" Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos, porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos. (Mateus, 20:1 a 16. Ver também: "Parábola do Festim das Bodas", cap. XVIII, item 1.)*

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem evangélica ilustra a ideia do Reino dos Céus, comparando-o a um pai de família que contrata trabalhadores para sua vinha ao longo do dia, alguns desde cedo pela manhã, outros apenas na última hora de trabalho.

No final do dia, ao pagar os trabalhadores, o dono da vinha começa pelos últimos contratados, que receberam um denário, e segue até os primeiros, que também recebem um denário cada um, apesar de terem trabalhado mais tempo.

Essa história ensina sobre a generosidade de Deus e como Ele não faz acepção de pessoas.

O denário simboliza a recompensa do Reino dos Céus, que é oferecida a todos, independentemente do tempo de serviço ou das circunstâncias em que foram chamados.

A frase "os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos" reflete a ideia de que as recompensas celestiais não são baseadas em méritos terrenos, mas na vontade e graça divinas.

Essa parábola pode ser entendida como uma reflexão sobre a igualdade de oportunidades e a generosidade divina.

Hoje, podemos interpretá-la considerando a diversidade de caminhos e momentos em que as pessoas são chamadas a contribuir para a sociedade e para o bem comum.

Assim como na parábola, vemos que nem sempre aqueles que chegam primeiro ou que trabalham mais são os únicos a fazer a diferença.

Muitas vezes, pessoas que chegam tarde à vida profissional, por exemplo, ou que só descobrem seu propósito mais tarde, também têm um impacto significativo e merecem igual reconhecimento e valorização.

Essa história nos lembra que, diante de Deus, somos todos iguais em dignidade e potencial, independentemente de nossas circunstâncias ou do tempo em que embarcamos em nossa jornada de vida e serviço.

Todos têm a oportunidade de contribuir para um mundo melhor e receber as recompensas do amor e da graça divina, que não faz

distinção entre os que chegaram primeiro ou por último, mas acolhe a todos com igual generosidade.

Instruções dos Espíritos: Os últimos serão os primeiros

2. O obreiro da última hora tem direito ao salário, mas é preciso que a sua boa vontade o haja conservado à disposição daquele que o tinha de empregar e que o seu retardamento não seja fruto da preguiça ou da má vontade. Tem ele direito ao salário, porque desde a alvorada esperava com impaciência aquele que por fim o chamaria para o trabalho. Laborioso, apenas lhe faltava o labor.

Se, porém, se houvesse negado ao trabalho a qualquer hora do dia; se houvesse dito: "Tenhamos paciência, o repouso me é agradável; quando soar a última hora é que será tempo de pensar no salário do dia; que necessidade tenho de me incomodar por um patrão a quem não conheço e não estimo! quanto mais tarde, melhor"; esse tal, meus amigos, não teria tido o salário do obreiro, mas o da preguiça.

Que dizer, então, daquele que, em vez de apenas se conservar inativo, haja empregado as horas destinadas ao labor do dia em praticar atos culposos; que haja blasfemado de Deus, derramado o sangue de seus irmãos, lançado a perturbação nas famílias, arruinado os que nele confiaram, abusado da inocência, que, enfim, se haja cevado em todas as ignomínias da Humanidade? Que será desse? Bastar-lhe-á dizer à última hora: "Senhor, empreguei mal o meu tempo; toma-me até o fim do dia, para que eu execute um pouco, embora bem pouco, da minha tarefa, e dá-me o salário do trabalhador de boa vontade?" Não, não; o Senhor lhe dirá: "Não tenho presentemente trabalho para te dar; malbarataste o teu tempo; esqueceste o que havias aprendido; já não sabes trabalhar na minha vinha. Recomeça, portanto, a aprender e, quando te achares mais bem-disposto, vem ter comigo e eu te franquearei o meu vasto campo, onde poderás trabalhar a qualquer hora do dia."

Bons espíritas, meus bem-amados, sois todos obreiros da última hora. Bem orgulhoso seria aquele que dissesse: Comecei o trabalho ao alvorecer do dia e só o terminarei ao anoitecer. Todos viestes quando fostes chamados, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, para a encarnação cujos grilhões arrastais; mas há quantos séculos e séculos o Senhor vos chamava para a sua

vinha, sem que quisésseis penetrar nela! Eis-vos no momento de embolsar o salário; empregai bem a hora que vos resta e não esqueçais nunca que a vossa existência, por longa que vos pareça, mais não é do que um instante fugitivo na imensidade dos tempos que formam para vós a eternidade. – Constantino, Espírito protetor. (Bordeaux, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa orientação mediúnica nos leva a refletir sobre a importância da disposição para o trabalho, da boa vontade e do aproveitamento do tempo que temos.

Assim como os trabalhadores da parábola que foram chamados para a vinha em diferentes momentos, nós também somos chamados a realizar nossas tarefas em momentos diversos da vida.

O Espírito Constantino destaca que o essencial é a disposição para o trabalho, não importando se começamos cedo ou tarde, mas sim se estamos prontos e dispostos a contribuir.

Aqueles que desperdiçam o tempo, seja na inatividade ou na prática de ações negativas, não podem esperar receber as mesmas recompensas daqueles que trabalharam diligentemente.

A mensagem nos lembra que a vida é breve e que devemos aproveitar cada momento para realizar o bem e progredir espiritualmente.

Sejamos, então, obreiros da última hora, conscientes de que ainda há tempo de realizar boas obras e receber as bênçãos divinas, desde que estejamos verdadeiramente empenhados no trabalho do bem.

3. Jesus gostava da simplicidade dos símbolos e, na sua linguagem máscula, os obreiros que chegaram na primeira hora são os profetas, Moisés e todos os iniciadores que marcaram as etapas do progresso, as quais continuaram a ser assinaladas através dos séculos pelos apóstolos, pelos mártires, pelos Pais da Igreja, pelos sábios, pelos filósofos e, finalmente, pelos espíritas. Estes, que por último vieram, foram anunciados e preditos desde a aurora do advento do

Messias e receberão a mesma recompensa. Que digo? recompensa maior. Últimos chegados, eles aproveitam dos labores intelectuais dos seus predecesores, porque o homem tem de herdar do homem e porque coletivos são os trabalhos humanos: Deus abençoa a solidariedade. Aliás, muitos dentre aqueles revivem hoje, ou reviverão amanhã, para terminarem a obra que começaram outrora. Mais de um patriarca, mais de um profeta, mais de um discípulo do Cristo, mais de um propagador da fé cristã, se encontram no meio deles, porém, mais esclarecidos, mais adiantados, trabalhando, não já na base, e sim na cumeeira do edifício. Receberão, pois, salário proporcionado ao valor da obra.

O belo dogma da reencarnação eterniza e precisa a filiação espiritual. Chamado a prestar contas do seu mandato terreno, o Espírito se apercebe da continuidade da tarefa interrompida, mas sempre retomada. Ele vê, sente que apanhou, de passagem, o pensamento dos que o precederam. Entra de novo na liça, amadurecido pela experiência, para avançar mais. E todos, trabalhadores da primeira e da última hora, com os olhos bem abertos sobre a profunda Justiça de Deus, não mais murmuram: adoram.

Tal um dos verdadeiros sentidos desta parábola, que encerra, como todas as de que Jesus se utilizou falando ao povo, o germen do futuro e também, sob todas as formas, sob todas as imagens, a revelação da magnífica unidade que harmoniza todas as coisas no Universo, da solidariedade que liga todos os seres presentes ao passado e ao futuro. – Henri Heine. (Paris, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa comunicação do Espírito Henri Heine nos traz uma interpretação profunda e esclarecedora sobre a parábola dos trabalhadores da vinha.

Ele destaca que os obreiros que chegaram na primeira hora representam os grandes iniciadores e líderes espirituais ao longo da história da humanidade, desde os profetas até os espíritas, que foram anunciados e preditos desde o advento do Messias.

Esses trabalhadores pioneiros abriram caminho para o progresso espiritual da humanidade, e os que vieram depois, os "últimos", se beneficiam do trabalho intelectual e espiritual dos seus predecesores.

Henri Heine ressalta a importância da reencarnação nesse processo, pois ela eterniza a filiação espiritual e permite que os Espíritos continuem suas tarefas interrompidas em vidas passadas.

Assim, cada um recebe o salário proporcional ao valor da obra realizada, seja na base, seja na cumeeira do edifício espiritual.

A mensagem também destaca a ideia de solidariedade e continuidade no progresso espiritual, mostrando que todos os trabalhadores, independentemente de quando chegaram, reconhecem a justiça e a sabedoria divina, adorando em vez de murmurar.

Essa interpretação nos convida a refletir sobre a importância de reconhecermos a contribuição daqueles que nos precederam e de nos empenharmos em nossa jornada espiritual, aproveitando as oportunidades que nos são oferecidas para crescer e evoluir.

Missão dos espíritas

4. Não escutais já o ruído da tempestade que há de arrebatrar o velho mundo e abismar no nada o conjunto das iniquidades terrenas? Ah! bendizei o Senhor, vós que haveis posto a vossa fé na sua soberana justiça e que, novos apóstolos da crença revelada pelas proféticas vozes superiores, ides pregar o novo dogma da reencarnação e da elevação dos Espíritos, conforme tenham cumprido, bem ou mal, suas missões e suportado suas provas terrestres.

Não mais vos assusteis! As línguas de fogo estão sobre as vossas cabeças. Ó verdadeiros adeptos do Espiritismo!... sois os escolhidos de Deus! Ide e pregai a palavra divina. É chegada a hora em que deveis sacrificar à sua propagação os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas ocupações fúteis. Ide e pregai. Convosco estão os Espíritos elevados. Certamente falareis a criaturas que não quererão escutar a voz de Deus, porque essa voz as exorta incessantemente à abnegação. Pregareis o desinteresse aos avaros, a abstinência aos dissolutos, a mansidão aos tiranos domésticos, como aos déspotas! Palavras perdidas, eu o sei; mas não importa. Faz-se mister regueis com os vossos suores o terreno onde tendes de semear, porquanto ele não frutificará e não produzirá senão sob os reiterados golpes da enxada e da charrua evangélicas. Ide e pregai!

Ó todos vós, homens de boa-fé, conscientes da vossa inferioridade em face dos mundos disseminados pelo Infinito!... lançai-vos em cruzada contra a injustiça e a iniquidade. Ide e proscreei esse culto do bezerro de ouro, que cada dia mais se alastra. Ide, Deus vos guia! Homens simples e ignorantes, vossas línguas se soltarão e falareis como nenhum orador fala. Ide e pregai, que as populações atentas recolherão ditosas as vossas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz.

Que importam as emboscadas que vos armem pelo caminho! Somente lobos caem em armadilhas para lobos, porquanto o pastor saberá defender suas ovelhas das fogueiras imoladoras. Ide, homens, que, grandes diante de Deus, mais ditosos do que Tomé, credes sem fazerdes questão de ver e aceitais os fatos da mediunidade, mesmo quando não tendes conseguido obtê-los por vós mesmos; ide, o Espírito de Deus vos conduz.

Marcha, pois, avante, falange imponente pela tua fé! Diante de ti os grandes batalhões dos incrédulos se dissiparão, como a bruma da manhã aos primeiros raios do sol nascente.

“A fé é a virtude que desloca montanhas”, disse Jesus. Todavia, mais pesados do que as maiores montanhas, jazem depositados nos corações dos homens a impureza e todos os vícios que derivam da impureza. Parti, então, cheios de coragem, para removerdes essa montanha de iniquidades que as futuras gerações só deverão conhecer como lenda, do mesmo modo que vós, que só muito imperfeitamente conheceis os tempos que antecederam a civilização pagã.

Sim, em todos os pontos do globo vão produzir-se as subversões morais e filosóficas; aproxima-se a hora em que a luz divina se espargirá sobre os dois mundos.

Ide, pois, e levai a palavra divina: aos grandes que a desprezarão, aos eruditos que exigirão provas, aos pequenos e simples que a aceitarão; porque, principalmente entre os mártires do trabalho, desta provação terrena, encontrareis fervor e fé. Ide; estes receberão, com hinos de gratidão e louvores a Deus, a santa consolação que lhes levareis, e baixarão a fronte, rendendo-lhe graças pelas aflições que a Terra lhes destina.

Arme-se a vossa falange de decisão e coragem! Mãos à obra! o arado está pronto; a terra espera; arai!

Ide e agradecei a Deus a gloriosa tarefa que Ele vos confiou; mas atenção! entre os chamados para o Espiritismo muitos se transviaram; reparai, pois, vosso caminho e segui a verdade.

Pergunta. – Se, entre os chamados para o Espiritismo, muitos se transviaram, quais os sinais pelos quais reconheceremos os que se acham no bom caminho?

Resposta. – Reconhecê-los-eis pelos princípios da verdadeira caridade que eles ensinarão e praticarão. Reconhecê-los-eis pelo número de aflitos a que levem consolo; reconhecê-los-eis pelo seu amor ao próximo, pela sua abnegação, pelo seu desinteresse pessoal; reconhecê-los-eis, finalmente, pelo triunfo de seus princípios, porque Deus quer o triunfo de sua lei; os que seguem sua lei, esses são os escolhidos e Ele lhes dará a vitória; mas Ele destruirá aqueles que falseiam o espírito dessa lei e fazem dela degrau para contentar sua vaidade e sua ambição. – Erasto, anjo da guarda do médium. (Paris, 1863.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa dissertação do Espírito Erasto convoca à ação e à disseminação da doutrina espírita, especialmente em um momento de transição e transformação do mundo.

Ele enfatiza a importância da fé na justiça divina e na missão dos espíritas como propagadores da verdade espiritual.

Erasto destaca que os espíritas são os escolhidos de Deus para pregar a palavra divina, mesmo diante da incompreensão e da resistência.

Ele encoraja-os a prosseguirem com coragem, pregando a fraternidade, a esperança e a paz, mesmo diante das adversidades e dos obstáculos que possam surgir.

O Espírito também alerta para a importância de praticar a verdadeira caridade e de seguir os princípios éticos da doutrina espírita.

Ressalta que os verdadeiros seguidores serão reconhecidos pelos frutos de seu trabalho, pelo consolo que levam aos aflitos e pela vitória de seus princípios, que refletem a vontade divina.

Essa mensagem nos lembra da responsabilidade e da importância da missão dos espíritas na transformação moral e espiritual da humanidade, guiados pela luz da verdade e da caridade.

Os obreiros do Senhor

5. Aproxima-se o tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da Humanidade. Ditosos serão os que houverem trabalhado no campo do Senhor, com desinteresse e sem outro móvel, senão a caridade! Seus dias de trabalho serão pagos pelo cêntuplo do que tiverem esperado. Ditosos os que haja dito a seus irmãos: "Trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra", porquanto o Senhor lhes dirá: "Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!" Mas ai daqueles que, por efeito das suas dissensões, houverem retardado a hora da colheita, pois a tempestade virá e eles serão levados no turbilhão! Clamarão: "Graça! graça!" O Senhor, porém, lhes dirá: "Como implorais graças, vós que não tivestes piedade dos vossos irmãos e que vos negastes a estender-lhes as mãos, que esmagastes o fraco, em vez de o amparardes? Como suplicais graças, vós que buscastes a vossa recompensa nos gozos da Terra e na satisfação do vosso orgulho? Já recebestes a vossa recompensa, tal qual a quisestes. Nada mais vos cabe pedir; as recompensas celestes são para os que não tenham buscado as recompensas da Terra."

Deus procede, neste momento, ao censo dos seus servidores fiéis e já marcou com o dedo aqueles cujo devotamento é apenas aparente, a fim de que não usurpem o salário dos servidores animosos, pois aos que não recuarem diante de suas tarefas é que Ele vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração pelo Espiritismo. Cumprir-se-ão estas palavras: "Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no Reino dos Céus." – O Espírito de Verdade. (Paris, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa comunicação do Espírito de Verdade ressalta a importância do trabalho dedicado e desinteressado no campo espiritual.

Ele destaca que aqueles que trabalham com caridade e unem esforços para a realização da obra do Senhor serão recompensados abundantemente.

Por outro lado, alerta para os perigos das dissensões e discórdias, que podem retardar a colheita espiritual e trazer consequências negativas.

O Espírito de Verdade enfatiza que Deus está observando e reconhecendo os verdadeiros servidores, distinguindo entre aqueles que trabalham sinceramente e aqueles que buscam recompensas terrenas e satisfazem seus próprios orgulhos.

A recompensa celestial está reservada para aqueles que dedicam seus esforços à obra divina, sem buscar benefícios pessoais.

Essa mensagem nos lembra da importância de trabalhar com humildade, amor e união, em prol da transformação espiritual e da regeneração da humanidade, confiando na justiça divina e na recompensa reservada aos verdadeiros servidores do Senhor.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XXI - Haverá falsos cristos e falsos profetas

• Conhece-se a árvore pelo fruto • Missão dos profetas • Prodígios dos falsos profetas • Não creais em todos os Espíritos • Instruções dos Espíritos: Os falsos profetas – Caracteres do verdadeiro profeta – Os falsos profetas da erraticidade – Jeremias e os falsos profetas

Conhece-se a árvore pelo fruto

1. *A árvore que produz maus frutos não é boa e a árvore que produz bons frutos não é má; porquanto, cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto. Não se colhem figos nos espinheiros, nem cachos de uvas nas sarças. O homem de bem tira boas coisas do bom tesouro do seu coração e o mau tira as más do mau tesouro do seu coração; porquanto, a boca fala do que está cheio o coração. (Lucas, 6:43 a 45.)*

2. *Guardai-vos dos falsos profetas que vêm ter convosco cobertos de peles de ovelha e que por dentro são lobos rapaces. Conhecê-los-eis pelos seus frutos. Podem colher-se uvas nos espinheiros ou figos nas sarças? Assim, toda árvore boa produz bons frutos e toda árvore má produz maus frutos. Uma árvore boa não pode produzir frutos maus e uma árvore má não pode produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bons frutos será cortada e lançada ao fogo. Conhecê-la-eis, pois, pelos seus frutos. (Mateus, 7:15 a 20.)*

3. *Tende cuidado para que alguém não vos seduza; porque muitos virão em meu nome, dizendo: "Eu sou o Cristo", e seduzirão a muitos.*

Levantar-se-ão muitos falsos profetas que seduzirão a muitas pessoas; e porque abundará a iniquidade, a caridade de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar até o fim se salvará. Então, se alguém vos disser: "O Cristo está aqui, ou está ali", não acrediteis absolutamente; porquanto falsos cristos e falsos profetas se levantarão e farão grandes prodígios e coisas de espantar, ao ponto de seduzirem, se fosse possível, os próprios escolhidos. (Mateus, 24:4, 5, 11 a 13, 23 e 24; Marcos, 13:5, 6, 21 e 22.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esses trechos do Evangelho, itens 1, 2 e 3, abordam a importância de discernir entre o bem e o mal, entre os verdadeiros e falsos profetas.

A analogia das árvores e seus frutos destaca que as ações e palavras de uma pessoa revelam a natureza de seu coração.

Assim como não se pode colher figos de espinheiros, não se pode esperar boas ações de quem tem más intenções.

Jesus adverte sobre os falsos profetas, que se apresentam como seguidores dele, mas cujas ações revelam sua verdadeira natureza.

Ele instrui a observar os frutos de suas ações, pois uma árvore boa produzirá bons frutos, enquanto uma árvore má produzirá frutos ruins.

A consequência dos maus frutos é o corte e a destruição, o que sugere que as más ações terão suas consequências inevitáveis.

A mensagem também alerta para a necessidade de discernimento espiritual, pois haverá aqueles que tentarão enganar, apresentando-se como o Cristo ou como profetas, realizando milagres para seduzir as pessoas.

O ensinamento ressalta a importância de manter a fé e a vigiância, não se deixando enganar por falsas promessas ou manifestações extraordinárias, mas mantendo-se fiel aos ensinamentos e valores do Cristo.

Missão dos profetas

4. Atribui-se comumente aos profetas o dom de adivinhar o futuro, de sorte que as palavras profecia e predição se tornaram sinônimas. No sentido evangélico, o vocábulo profeta tem mais extensa significação. Diz-se de todo enviado de Deus com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas e os mistérios da vida espiritual. Pode, pois, um homem ser profeta, sem fazer predições. Aquela era a ideia dos judeus, ao tempo de Jesus. Daí vem que, quando o levaram à presença do sumo sacerdote Caifás, os escribas e os anciãos, reunidos, lhe cuspiram no rosto, lhe deram socos e bofetadas, dizendo: "Cristo, profetiza para nós e dize quem foi que te bateu." Entretanto, deu-se o caso de haver profetas que tiveram a presciência do futuro, quer por intuição, quer por providencial revelação, a fim de transmitirem avisos aos homens.

Tendo-se realizado os acontecimentos preditos, o dom de predizer o futuro foi considerado como um dos atributos da qualidade de profeta.

NOSSO COMENTÁRIO

Esse item apresenta o significado mais amplo da palavra "profeta" no contexto evangélico.

Enquanto comumente se associa o termo à capacidade de prever o futuro, no Evangelho segundo o Espiritismo, ele se refere a todo enviado de Deus com a missão de instruir os homens e revelar os mistérios da vida espiritual.

Assim, um profeta pode ser alguém que ensina e revela verdades espirituais, sem necessariamente fazer previsões sobre o futuro.

No tempo de Jesus, os judeus associavam os profetas à capacidade de fazer predições.

Isso é evidente no relato em que Jesus é provocado a adivinhar quem o estava agredindo.

No entanto, há casos em que os profetas realmente tiveram visões do futuro, seja por intuição ou por revelação divina, a fim de transmitir mensagens e avisos aos homens.

Quando essas previsões se concretizavam, a capacidade de prever o futuro era vista como um dos atributos da qualidade de profeta.

Prodígios dos falsos profetas

5. "Levantar-se-ão falsos cristos e falsos profetas, que farão grandes prodígios e coisas de espantar, a ponto de seduzirem os próprios escolhidos." Estas palavras dão o verdadeiro sentido do termo prodígio. Na acepção teológica, os prodígios e os milagres são fenômenos excepcionais, fora das Leis da Natureza. Sendo estas, exclusivamente, obra de Deus, pode Ele, sem dúvida, derogá-las, se lhe apraz; o simples bom senso, porém, diz que não é possível haja Ele dado a seres inferiores e perversos um poder igual ao seu, nem, ainda menos, o direito de desfazer o que Ele tenha feito. Semelhante princípio não pode Jesus ter consagrado. Se, portanto, de acordo com o sentido que se

atribui a essas palavras, o Espírito do mal tem o poder de fazer prodígios tais que os próprios escolhidos se deixem enganar, o resultado seria que, podendo fazer o que Deus faz, os prodígios e os milagres não são privilégio exclusivo dos enviados de Deus e nada provam, pois que nada distingue os milagres dos santos dos milagres do demônio. Necessário, então, se torna procurar um sentido mais racional para aquelas palavras.

Para o vulgo ignorante, todo fenômeno cuja causa é desconhecida passa por sobrenatural, maravilhoso e miraculoso; uma vez encontrada a causa, reconhece-se que o fenômeno, por muito extraordinário que pareça, mais não é do que aplicação de uma Lei da Natureza. Assim, o círculo dos fatos sobrenaturais se restringe à medida que o da Ciência se alarga. Em todos os tempos, homens houve que exploraram, em proveito de suas ambições, de seus interesses e do seu anseio de dominação, certos conhecimentos que possuíam, a fim de alcançarem o prestígio de um pseudopoder sobre-humano, ou de uma pretendida missão divina. São esses os falsos cristos e falsos profetas. A difusão das luzes lhes aniquila o crédito, donde resulta que o número deles diminui à proporção que os homens se esclarecem. O fato de operar o que certas pessoas consideram prodígios não constitui, pois, sinal de uma missão divina, visto que pode resultar de conhecimento cuja aquisição está ao alcance de qualquer um, ou de faculdades orgânicas especiais, que o mais indigno não se acha inibido de possuir, tanto quanto o mais digno. O verdadeiro profeta se reconhece por mais sérios caracteres e exclusivamente morais.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, aborda-se a questão dos prodígios realizados pelos falsos profetas e falsos cristos.

Segundo a explicação, os prodígios e milagres são fenômenos que, na visão teológica tradicional, ocorrem fora das leis da natureza e são atribuídos a Deus.

No entanto, o texto questiona se Deus daria a seres inferiores e perversos o poder de realizar milagres semelhantes aos seus, ou o direito de desfazer o que Ele fez.

Isso sugere que os prodígios realizados por falsos profetas não são verdadeiros milagres, mas sim fenômenos que podem ser

explicados dentro das leis naturais, embora sejam desconhecidos para muitas pessoas, que os consideram sobrenaturais.

O texto ressalta que, à medida que a ciência avança e desvenda mais sobre a natureza, o número de fenômenos considerados sobrenaturais diminui.

Muitos falsos profetas exploraram o desconhecimento das pessoas sobre esses fenômenos para alcançar poder e influência, mas a disseminação do conhecimento e da razão tem reduzido a credibilidade desses indivíduos.

Assim, a verdadeira identidade de um profeta não deve ser determinada por sua capacidade de realizar prodígios, mas sim por seus caracteres e qualidades morais.

6. Meus bem-amados, não creais em qualquer Espírito; experimentai se os Espíritos são de Deus, porquanto muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. (João, 1a Epístola, 4:1.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa citação da primeira epístola de João destaca a importância do discernimento espiritual ao lidar com as manifestações mediúnicas.

O conselho para "experimentar se os Espíritos são de Deus" sugere a necessidade de avaliar cuidadosamente as mensagens e os sinais espirituais, a fim de distinguir entre a verdade e a falsidade.

A menção aos "falsos profetas" que têm surgido no mundo alerta para a existência de entidades que podem se apresentar de maneira enganosa, buscando influenciar as pessoas de forma negativa.

Nesse contexto, a orientação é para que sejam feitas avaliações criteriosas, com base em princípios éticos e morais elevados, a fim de identificar a autenticidade dos Espíritos comunicantes.

Essa passagem ressalta a importância da cautela e da sabedoria ao lidar com questões espirituais, sugerindo que a busca pela verdade deve ser acompanhada de um discernimento espiritual aguçado e fundamentado em princípios de amor, verdade e justiça.

7. Os fenômenos espíritas, longe de abonarem os falsos cristos e os falsos profetas, como a algumas pessoas apraz dizer, golpe mortal desferem neles. Não peçais ao Espiritismo prodígios, nem milagres, porquanto ele formalmente declara que os não opera. Do mesmo modo que a Física, a Química, a Astronomia, a Geologia revelaram as leis do mundo material, o Espiritismo revela outras leis desconhecidas, as que regem as relações do mundo corpóreo com o mundo espiritual, leis que, tanto quanto aquelas outras da Ciência, são Leis da Natureza. Facultando a explicação de certa ordem de fenômenos incompreendidos até o presente, ele destrói o que ainda restava do domínio do maravilhoso. Quem, portanto, se sentisse tentado a lhe explorar em proveito próprio os fenômenos, fazendo-se passar por messias de Deus, não conseguiria abusar por muito tempo da credulidade alheia e seria logo desmascarado. Aliás, como já se tem dito, tais fenômenos, por si sós, nada provam: a missão se prova por efeitos morais, o que não é dado a qualquer um produzir. Esse um dos resultados do desenvolvimento da ciência espírita; pesquisando a causa de certos fenômenos, de sobre muitos mistérios levanta ela o véu. Só os que preferem a obscuridade à luz, têm interesse em combatê-la; mas a verdade é como o Sol: dissipa os mais densos nevoeiros.

O Espiritismo revela outra categoria bem mais perigosa de falsos cristos e de falsos profetas, que se encontram, não entre os homens, mas entre os desencarnados: a dos Espíritos enganadores, hipócritas, orgulhosos e pseudosábios, que passaram da Terra para a erraticidade e tomam nomes venerados para, sob a máscara de que se cobrem, facilitarem a aceitação das mais singulares e absurdas ideias. Antes que se conhecessem as relações mediúnicas, eles atuavam de maneira menos ostensiva, pela inspiração, pela mediunidade inconsciente, audiente ou falante. É considerável o número dos que, em diversas épocas, mas, sobretudo, nestes últimos tempos, se têm apresentado como alguns dos antigos profetas, como o Cristo, como Maria, sua mãe, e até como Deus. João adverte contra eles os homens, dizendo: "Meus bem-amados, não acrediteis em todo Espírito; mas experimentai se os Espíritos são de Deus, porquanto muitos falsos profetas se têm levantado no mundo." O Espiritismo nos

faculta os meios de experimentá-los, apontando os caracteres pelos quais se reconhecem os bons Espíritos, caracteres sempre morais, nunca materiais.⁷ É à maneira de se distinguirem dos maus os bons Espíritos que, principalmente, podem aplicar-se estas palavras de Jesus: “Pelo fruto é que se reconhece a qualidade da árvore; uma árvore boa não pode produzir maus frutos, e uma árvore má não os pode produzir bons.” Julgam-se os Espíritos pela qualidade de suas obras, como uma árvore pela qualidade dos seus frutos.

NOSSO COMENTÁRIO

O Evangelho Segundo o Espiritismo destaca a posição da doutrina espírita em relação aos falsos profetas e aos fenômenos espíritas.

Ele ressalta que os fenômenos mediúnicos não devem ser usados para provar a autenticidade de uma missão espiritual, pois o verdadeiro valor está nos efeitos morais que são produzidos.

O texto também destaca que o Espiritismo revela leis até então desconhecidas que regem as relações entre o mundo material e espiritual, e que isso desfaz o que restava do domínio do maravilhoso.

Ele enfatiza que aqueles que tentarem explorar o Espiritismo para se passar por mensageiros divinos serão rapidamente desmascarados, pois a ciência espírita busca explicar os fenômenos mediúnicos de forma racional, sem apelar para o sobrenatural.

Além disso, o texto alerta para a existência de espíritos enganadores, que se passam por personalidades veneradas para disseminar ideias falsas e absurdas.

Esses espíritos podem ser identificados pelos seus efeitos morais, e não pela natureza dos fenômenos que produzem.

Assim, a mensagem central é a importância de avaliar as manifestações mediúnicas à luz da moralidade e dos ensinamentos

⁷ Nota de Allan Kardec: Ver, sobre a maneira de se distinguirem os Espíritos: O livro dos médiuns, 2a Parte, cap. XXIV e seguintes.

cristãos, sem se deixar levar apenas pelos aspectos espetaculares dos fenômenos.

Instruções dos Espíritos: Os falsos profetas

8. Se vos disserem: "O Cristo está aqui", não vades; ao contrário, tendes-vos em guarda, porquanto numerosos serão os falsos profetas. Não vedes que as folhas da figueira começam a branquear; não vedes os seus múltiplos rebentos aguardando a época da floração; e não vos disse o Cristo: "Conhece-se a árvore pelo fruto?" Se, pois, são amargos os frutos, já sabeis que má é a árvore; se, porém, são doces e saudáveis, direis: "Nada que seja puro pode provir de fonte má."

É assim, meus irmãos, que deveis julgar; são as obras que deveis examinar. Se os que se dizem investidos de poder divino revelam sinais de uma missão de natureza elevada, isto é, se possuem no mais alto grau as virtudes cristãs e eternas: a caridade, o amor, a indulgência, a bondade que concilia os corações; se, em apoio das palavras, apresentam os atos, podereis então dizer: Estes são realmente enviados de Deus.

Desconfiai, porém, das palavras melífluas, desconfiai dos escribas e dos fariseus que oram nas praças públicas, vestidos de longas túnicas. Desconfiai dos que pretendem ter o monopólio da verdade!

Não, não, o Cristo não está entre esses, porquanto os que Ele envia para propagar a sua santa doutrina e regenerar o seu povo serão, acima de tudo, seguindo-lhe o exemplo, brandos e humildes de coração; os que hajam, com os exemplos e conselhos que prodigalizem, de salvar a Humanidade, que corre para a perdição e pervaga por caminhos tortuosos, serão essencialmente modestos e humildes. De tudo o que revele um átomo de orgulho, fugi, como de uma moléstia contagiosa, que corrompe tudo em que toca. Lembrai-vos de que cada criatura traz na fronte, mas principalmente nos atos, o cunho da sua grandeza ou da sua inferioridade.

Ide, portanto, meus filhos bem-amados, caminhai sem tergiversações, sem pensamentos ocultos, na rota bendita que tomastes. Ide, ide sempre, sem temor; afastai, cuidadosamente, tudo o que vos possa entrar a marcha para o objetivo eterno. Viajores, só por pouco tempo mais estareis nas trevas e nas dores da provação, se abirdes o vosso coração a essa suave doutrina que vos

vem revelar as leis eternas e satisfazer a todas as aspirações de vossa alma acerca do desconhecido. Já podeis dar corpo a esses silfos ligeiros que vedes passar nos vossos sonhos e que, efêmeros, apenas vos encantavam o espírito, sem coisa alguma dizerem ao vosso coração. Agora, meus amados, a morte desapareceu, dando lugar ao anjo radioso que conheceis, o anjo do novo encontro e da reunião! Agora, vós que bem desempenhado haveis a tarefa que o Criador confia às suas criaturas, nada mais tendes de temer da sua justiça, pois Ele é pai e perdoa sempre aos filhos transviados que clamam por misericórdia. Continuai, portanto, avançai incessantemente. Seja vossa divisa a do progresso, do progresso contínuo em todas as coisas, até que, finalmente, chegueis ao termo feliz da jornada, onde vos esperam todos os que vos precederam. – Luís. (Bordeaux, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

O Espírito Luís nos adverte sobre a presença dos falsos profetas e a forma correta de discernir sua autenticidade.

Ele destaca que os verdadeiros mensageiros de Deus serão reconhecidos não apenas por suas palavras, mas principalmente por suas obras e virtudes cristãs, como a caridade, o amor e a humildade.

Luís também adverte contra aqueles que se apresentam como detentores exclusivos da verdade, lembrando que o orgulho é um sinal de falsidade espiritual.

Ele enfatiza que os verdadeiros enviados de Deus serão modestos e humildes, seguindo o exemplo de Jesus.

O texto encoraja os seguidores a seguirem firmes no caminho da verdade e do progresso espiritual, sem se deixarem desviar por falsas promessas ou aparências enganosas.

Ele lembra que a jornada terrena é passageira e que, seguindo os ensinamentos divinos, todos poderão alcançar a felicidade eterna.

Caracteres do verdadeiro profeta

9. Desconfiai dos falsos profetas. É útil em todos os tempos essa recomendação, mas, sobretudo, nos momentos de transição em que, como no

atual, se elabora uma transformação da Humanidade, porque, então, uma multidão de ambiciosos e intrigantes se arvoram em reformadores e messias. É contra esses impostores que se deve estar em guarda, correndo a todo homem honesto o dever de os desmascarar. Perguntareis, sem dúvida, como reconhecê-los. Aqui tendes o que os assinala:

Somente a um hábil general, capaz de o dirigir, se confia o comando de um exército. Julgais que Deus seja menos prudente do que os homens? Ficai certos de que só confia missões importantes aos que Ele sabe capazes de as cumprir, porquanto as grandes missões são fardos pesados que esmagariam o homem carente de forças para carregá-los. Em todas as coisas, o mestre há de sempre saber mais do que o discípulo; para fazer que a Humanidade avance moralmente e intelectualmente, são precisos homens superiores em inteligência e em moralidade. Por isso, para essas missões são sempre escolhidos Espíritos já adiantados, que fizeram suas provas noutras existências, visto que, se não fossem superiores ao meio em que têm de atuar, nula lhes resultaria a ação.

Isto posto, haveis de concluir que o verdadeiro missionário de Deus tem de justificar, pela sua superioridade, pelas suas virtudes, pela grandeza, pelo resultado e pela influência moralizadora de suas obras, a missão de que se diz portador. Tirai também esta outra consequência: se, pelo seu caráter, pelas suas virtudes, pela sua inteligência, ele se mostra abaixo do papel com que se apresenta, ou da personagem sob cujo nome se coloca, mais não é do que um histrião de baixo estofa, que nem sequer sabe imitar o modelo que escolheu.

Outra consideração: os verdadeiros missionários de Deus ignoram-se a si mesmos, em sua maior parte; desempenham a missão a que foram chamados pela força do gênio que possuem, secundado pelo poder oculto que os inspira e dirige a seu mau grado, mas sem desígnio premeditado. Numa palavra: os verdadeiros profetas se revelam por seus atos, são adivinhados, ao passo que os falsos profetas se dão, eles próprios, como enviados de Deus. O primeiro é humilde e modesto; o segundo, orgulhoso e cheio de si, fala com altivez e, como todos os mendazes, parece sempre temeroso de que não lhe deem crédito.

Alguns desses impostores têm havido, pretendendo passar por apóstolos do Cristo, outros pelo próprio Cristo, e, para vergonha da Humanidade, hão encontrado pessoas assaz crédulas que lhes creem nas torpezas. Entretanto,

uma ponderação bem simples seria bastante a abrir os olhos do mais cego, a de que se o Cristo reencarnasse na Terra, viria com todo o seu poder e todas as suas virtudes, a menos se admitisse, o que fora absurdo, que houvesse degenerado. Ora, do mesmo modo que, se tirardes a Deus um só de seus atributos, já não tereis Deus, se tirardes uma só de suas virtudes ao Cristo, já não mais o tereis. Possuem todas as suas virtudes os que se dão como o Cristo? Essa a questão. Observai-os, perscrutai-lhes as ideias e os atos e reconheceréis que, acima de tudo, lhes faltam as qualidades distintivas do Cristo: a humildade e a caridade, sobejando-lhes as que o Cristo não tinha: a cupidez e o orgulho. Notai, ademais, que neste momento há, em vários países, muitos pretensos Cristos, como há muitos pretensos Elias, muitos João ou Pedro e que não é absolutamente possível sejam verdadeiros todos. Tende como certo que são apenas criaturas que exploram a credulidade dos outros e acham cômodo viver à custa dos que lhes prestam ouvidos.

Desconfiai, pois, dos falsos profetas, máxime numa época de renovação, qual a presente, porque muitos impostores se dirão enviados de Deus. Eles procuram satisfazer na Terra à sua vaidade; mas uma terrível justiça os espera, podeis estar certos. – Erasto. (Paris, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

Erasto oferece uma orientação valiosa sobre como identificar os verdadeiros profetas e discernir sua autenticidade em meio aos impostores.

Destaca-se que os verdadeiros mensageiros de Deus são escolhidos por sua capacidade de cumprir as missões importantes que lhes são confiadas, sendo homens superiores em inteligência e moralidade.

O verdadeiro profeta, segundo Erasto, se revela por suas obras, suas virtudes e sua grandeza moral, justificando assim a missão que alega ter.

Ele enfatiza a humildade e a modéstia como características essenciais dos verdadeiros missionários, ao passo que os impostores se revelam pelo orgulho e pela altivez.

Erasto adverte para que se desconfie dos que se apresentam como enviados de Deus, mas cujas ações e caráter não condizem com a missão que alegam ter.

Destaca-se que os verdadeiros profetas ignoram sua própria grandeza, agindo movidos pela força do gênio que possuem e pelo poder oculto que os inspira.

Por fim, Erasto alerta para a presença de falsos profetas que se apresentam como apóstolos de Cristo ou até mesmo como o próprio Cristo, explorando a credulidade das pessoas.

Ressalta-se que, se Cristo reencarnasse, viria com todo o seu poder e virtudes, o que não se verifica nos impostores que se dizem seus representantes.

Assim, Erasto conclama à vigilância e ao discernimento, especialmente em épocas de transformação como a atual, onde muitos impostores se apresentam como enviados de Deus.

A verdadeira justiça, ele assegura, aguarda aqueles que exploram a credulidade alheia.

Os falsos profetas da erraticidade

10. Os falsos profetas não se encontram unicamente entre os encarnados. Há-os também, e em muito maior número, entre os Espíritos orgulhosos que, aparentando amor e caridade, semeiam a desunião e retardam a obra de emancipação da Humanidade, lançando-lhe de través seus sistemas absurdos, depois de terem feito que seus médiuns os aceitem. E, para melhor fascinarem àqueles a quem desejam iludir, para darem mais peso às suas teorias, se apropriam sem escrúpulo de nomes que só com muito respeito os homens pronunciam.

São eles que espalham o fermento dos antagonismos entre os grupos, que os impelem a isolarem-se uns dos outros e a olharem-se com prevenção. Isso por si só bastaria para os desmascarar, pois, procedendo assim, são os primeiros a dar o mais formal desmentido às suas pretensões. Cegos, portanto, são os homens que se deixam cair em tão grosseiro embuste.

Há, porém, muitos outros meios de serem reconhecidos. Espíritos da categoria em que eles dizem achar-se têm de ser não só muito bons, como também eminentemente racionais. Pois bem: passai-lhes os sistemas pelo crivo da razão e do bom senso e vede o que restará. Convinde, pois, comigo, em que, todas as vezes que um Espírito indica, como remédio aos males da Humanidade ou como meio de conseguir-se a sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, medidas pueris e ridículas; quando formula um sistema que as mais rudimentares noções da Ciência contradizem, não pode ser senão um Espírito ignorante e mentiroso.

Por outro lado, crede que, se nem sempre os indivíduos apreciam a verdade, esta é apreciada sempre pelo bom senso das massas, constituindo isso mais um critério. Se dois princípios se contradizem, achareis a medida do valor intrínseco de ambos, verificando qual dos dois encontra mais ecos e simpatias. Fora, com efeito, ilógico admitir-se que uma doutrina cujo número de adeptos diminua progressivamente seja mais verdadeira do que outra que veja o dos seus em contínuo aumento. Querendo que a verdade chegue a todos, Deus não a confina num círculo acanhado: fá-la surgir em diferentes pontos, a fim de que por toda a parte a luz esteja ao lado das trevas.

Repeli sem condescendência todos esses Espíritos que se apresentam como conselheiros exclusivos, pregando a separação e o insulamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que procuram impor-se a homens fracos e crédulos, prodigalizando-lhes exagerados louvores, a fim de os fascinar e de tê-los dominados. São, geralmente, Espíritos sequiosos de poder e que, déspotas públicos ou nos lares, quando vivos, ainda querem vítimas para tiranizar depois de terem morrido. Em geral, desconfiai das comunicações que trazem um caráter de misticismo e de singularidade, ou que prescrevem cerimônias e atos extravagantes. Há sempre, nesses casos, motivo legítimo de suspeição.

Estai certos, igualmente, de que quando uma verdade tem de ser revelada aos homens, é, por assim dizer, comunicada instantaneamente a todos os grupos sérios, que dispõem de médiuns também sérios, e não a tais ou quais, com exclusão dos outros. Nenhum médium é perfeito, se está obsidiado; e há manifesta obsessão quando um médium só é apto a receber comunicações de determinado Espírito, por mais alto que este procure colocar-se. Consequentemente, todo médium e todo grupo que considerem privilégio seu receber as comunicações que obtêm e que, por outro lado, se submetem a práticas que

tendem para a superstição, indubitavelmente se acham presas de uma obsessão bem caracterizada, sobretudo quando o Espírito dominador se pavoneia com um nome que todos, encarnados e desencarnados, devem honrar e respeitar e não permitir seja declinado a todo propósito.

É incontestável que, submetendo ao crivo da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, fácil se torna rejeitar a absurdidade e o erro. Pode um médium ser fascinado, e iludido um grupo; mas a verificação severa a que procedam os outros grupos, a ciência adquirida, a alta autoridade moral dos diretores de grupos, as comunicações que os principais médiuns recebam, com um cunho de lógica e de autenticidade dos melhores Espíritos, justificarão rapidamente esses ditados mentirosos e astuciosos, emanados de uma turba de Espíritos mistificadores ou maus. – Erasto, discípulo de Paulo. (Paris, 1862.)

(Veja-se, na Introdução, item II: Controle universal do ensino dos Espíritos. O livro dos médiuns, 2a Parte, cap. XXIII, Da obsessão.)

NOSSO COMENTÁRIO

Erasto adverte sobre a presença de falsos profetas não apenas entre os encarnados, mas também entre os Espíritos orgulhosos que, aparentando amor e caridade, semeiam a desunião e retardam a obra de emancipação da Humanidade.

Esses falsos profetas se apropriam de nomes venerados para dar peso às suas teorias, mas seus sistemas são absurdos e contrários à razão.

Para reconhecer os falsos profetas, Erasto sugere submeter seus sistemas ao crivo da razão e do bom senso.

Se as propostas dos Espíritos parecem utópicas, impraticáveis ou contrárias às noções básicas da Ciência, então eles são considerados ignorantes e mentirosos.

Erasto também destaca que a verdade é apreciada pelo bom senso das massas, sendo ilógico admitir que uma doutrina cujo

número de adeptos diminua progressivamente seja mais verdadeira do que outra com aumento contínuo de seguidores.

A verdade, segundo ele, é difundida em diferentes pontos para que a luz esteja ao lado das trevas em toda parte.

Além disso, Erasto alerta para os falsos profetas que pregam o insulamento e a separação, buscando impor-se a homens fracos e crédulos.

Ele desencoraja práticas místicas e extravagantes, indicando que comunicações desse tipo devem ser recebidas com suspeição.

Erasto enfatiza que uma verdade revelada aos homens é comunicada a todos os grupos sérios instantaneamente, não a grupos específicos com exclusão de outros.

Ele destaca a importância de submeter todas as comunicações dos Espíritos ao crivo da razão e da lógica, para que a absurdidade e o erro sejam facilmente rejeitados.

Jeremias e os falsos profetas

11. Eis o que diz o Senhor dos Exércitos: "Não escuteis as palavras dos profetas que vos profetizam e que vos enganam. Eles publicam as visões de seus corações e não o que aprenderam da boca do Senhor." — Dizem aos que de mim blasfemam: "O Senhor o disse, tereis paz; e a todos os que andam na corrupção de seus corações: 'Nenhum mal vos acontecerá.'" — Mas qual dentre eles assistiu ao conselho de Deus? Qual o que o viu e escutou o que Ele disse? Eu não enviava esses profetas; eles corriam por si mesmos; Eu absolutamente não lhes falava; eles profetizavam de suas cabeças. Eu ouvi o que disseram esses profetas que profetizavam a mentira em meu nome, dizendo: "Sonhei, sonhei." — Até quando essa imaginação estará no coração dos que profetizam a mentira e cujas profecias não são senão as seduções do coração deles? Se, pois, este povo, ou um profeta, ou um sacerdote vos interrogar e disser: "Qual o fardo do Senhor?" Dir-lhe-eis: "Vós mesmos sois o fardo e Eu vos lançarei bem longe de mim", diz o Senhor. (Jeremias, 23:16 a 18, 21, 25, 26 e 33.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esse relato do livro de Jeremias adverte sobre os falsos profetas que enganam o povo com visões e palavras que não provêm do Senhor.

Eles pregam mentiras e seduzem o coração das pessoas com falsas promessas de paz e segurança, mesmo quando estão imersos na corrupção.

O Senhor declara que não enviou esses profetas, e suas palavras são apenas fruto da imaginação e do desejo humano, não revelações divinas.

O texto destaca a importância de discernir as mensagens dos profetas, rejeitando aqueles que pregam a mentira em nome de Deus e que não estão verdadeiramente alinhados com Seus desígnios.

11. idem - É dessa passagem do profeta Jeremias que quero tratar convosco, meus amigos. Falando pela sua boca, diz Deus: "É a visão do coração deles que os faz falar." Essas palavras claramente indicam que, já naquela época, os charlatães e os exaltados abusavam do dom de profecia e o exploravam. Abusavam, por conseguinte, da fé simples e quase cega do povo, predizendo, por dinheiro, coisas boas e agradáveis. Muito generalizada se achava essa espécie de fraude na nação judia, e fácil é de compreender-se que o pobre povo, em sua ignorância, nenhuma possibilidade tinha de distinguir os bons dos maus, sendo sempre mais ou menos ludibriado pelos pseudoprofetas, que não passavam de impostores ou fanáticos. Nada há de mais significativo do que estas palavras: "Eu não enviei esses profetas e eles correram por si mesmos; não lhes falei e eles profetizaram." Mais adiante, diz: "Eu ouvi esses profetas que profetizavam a mentira em meu nome, dizendo: "Sonhei, sonhei." Indicava assim um dos meios que eles empregavam para explorar a confiança de que eram objeto. A multidão, sempre crédula, não pensava em lhes contestar a veracidade dos sonhos, ou das visões; achava isso muito natural e constantemente os convidava a falar.

Após as palavras do profeta, escutai os sábios conselhos do apóstolo João, quando diz: "Não acrediteis em todo Espírito; experimentai se os Espíritos são de Deus", porque, entre os invisíveis, também há os que se comprazem em iludir, se se lhes depara ocasião. Os iludidos são, está-se a ver, os médiuns que se não precavam bastante. Aí se encontra, é fora de toda dúvida, um dos maiores escolhos em que muitos funestamente esbarram, mormente se são novatos no Espiritismo. É-lhes isso uma prova de que só com muita prudência podem triunfar. Aprendei, pois, antes de tudo, a distinguir os bons e os maus

Espíritos, para, por vossa vez, não vos tornardes falsos profetas. – Luoz, Espírito protetor. (Carlsruhe, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

O Espírito Luoz comenta sobre a exploração da fé e da ingenuidade do povo pelos falsos profetas, tanto na época de Jeremias quanto nos tempos atuais.

Ele destaca a importância de discernir entre os bons e os maus Espíritos, lembrando as palavras do apóstolo João sobre testar os Espíritos para saber se são de Deus.

Luoz adverte os médiuns para que sejam prudentes e cuidadosos, evitando serem enganados e, conseqüentemente, não se tornarem falsos profetas.

Essa orientação ressalta a necessidade de discernimento e prudência na prática mediúnica.

É importante ressaltar que a mensagem do Espírito Luoz esclarece sobre a responsabilidade dos médiuns e dos praticantes do Espiritismo em buscar o discernimento e a prudência no contato com os Espíritos.

O alerta sobre os falsos profetas não se limita apenas ao passado, mas é uma advertência atual sobre os perigos da credulidade cega e da falta de discernimento espiritual.

Portanto, a mensagem nos convida a refletir sobre a importância de estudar e compreender os ensinamentos espíritas, a fim de evitar sermos enganados por influências espirituais negativas e manter a integridade da doutrina.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XXII

Não separeis o que Deus juntou

- Indissolubilidade do casamento • O divórcio

Indissolubilidade do casamento

1. Também os fariseus vieram ter com Ele para o tentarem e lhe disseram: "Será permitido a um homem despedir sua mulher, por qualquer motivo?" — Ele respondeu: "Não lestes que aquele que criou o homem desde o princípio os criou macho e fêmea e disse: 'Por esta razão, o homem deixará seu pai e sua mãe e se ligará à sua mulher e não farão os dois senão uma só carne?' — Assim, já não serão duas, mas uma só carne. Não separe, pois, o homem o que Deus juntou." "Por que, então", retrucaram eles, "ordenava Moisés que o marido desse à sua mulher um escrito de separação e a despedisse?" — Jesus respondeu: "Foi por causa da dureza do vosso coração que Moisés permitiu despedísseis vossas mulheres; mas, no começo, não foi assim. Por isso Eu vos declaro que aquele que despede sua mulher, a não ser em caso de adultério, e desposa outra, comete adultério; e que aquele que desposa a mulher que outro despediu também comete adultério." (Mateus, 19:3 a 9.)

NOSSO COMENTÁRIO

Jesus aborda a questão do divórcio, respondendo a uma provocação dos fariseus.

Ele reforça a ideia da união matrimonial como um vínculo sagrado e indissolúvel, citando a criação do homem e da mulher como uma só carne.

Jesus destaca que Moisés permitiu o divórcio devido à dureza de coração das pessoas, mas ressalta que essa não era a vontade original de Deus.

Ele enfatiza que aquele que se divorcia, exceto em casos de adultério, e se casa novamente, comete adultério, assim como aquele que se casa com alguém divorciado.

Essas palavras de Jesus têm o propósito de elevar o entendimento sobre a natureza do matrimônio e a importância da fidelidade e do respeito mútuo dentro dessa relação.

Uma explicação racional para os ensinamentos de Jesus sobre o divórcio nos dias atuais pode envolver uma compreensão mais ampla do contexto social e humano.

Respeito e compromisso nas relações: A ideia de que o casamento é uma união sagrada pode ser interpretada como um apelo ao respeito mútuo e ao compromisso nas relações interpessoais, valorizando a estabilidade e a segurança emocional.

Impacto do divórcio na família e na sociedade: Considerando o impacto do divórcio nas famílias e na sociedade, a ênfase de Jesus na importância da fidelidade e da unidade pode ser vista como uma orientação para promover relações mais saudáveis e estáveis.

Valorização do bem-estar emocional e familiar: A proibição do divórcio, exceto em casos de adultério, pode ser interpretada como uma preocupação com o bem-estar emocional e familiar, buscando evitar conflitos e sofrimentos desnecessários.

Compreensão da complexidade das relações humanas: Embora a sociedade contemporânea tenha uma compreensão mais ampla das complexidades das relações humanas, os ensinamentos de Jesus podem ser vistos como uma chamada à reflexão sobre a importância de cultivar relações baseadas no respeito, na compaixão e na busca pela harmonia.

Ética e responsabilidade nas relações: Em última análise, os ensinamentos de Jesus sobre o divórcio podem ser vistos como uma orientação ética para promover relações baseadas na responsabilidade mútua, no cuidado com o outro e na busca pela construção de laços afetivos sólidos e duradouros.

2. Imutável só há o que vem de Deus. Tudo o que é obra dos homens está sujeito a mudança. As Leis da Natureza são as mesmas em todos os tempos e em todos os países. As leis humanas mudam segundo os tempos, os lugares e o progresso da inteligência. No casamento, o que é de ordem divina é a união dos sexos, para que se opere a substituição dos seres que morrem; mas as condições que regulam essa união são de tal modo humanas, que não há, no mundo inteiro, nem mesmo na cristandade, dois países onde elas sejam absolutamente idênticas, e nenhum onde não hajam, com o tempo, sofrido mudanças. Daí resulta que, em face da lei civil, o que é legítimo num país e em dada época, é adultério noutro país e noutra época, isso pela razão de que a lei civil tem por fim regular os interesses das famílias, interesses que variam segundo os costumes e as necessidades locais. Assim é, por exemplo, que, em certos países, o casamento religioso é o único legítimo; noutros é necessário, além desse, o casamento civil; noutros, finalmente, este último casamento basta.

NOSSO COMENTÁRIO

"O Evangelho Segundo o Espiritismo" aborda a questão da indissolubilidade do casamento, destacando a diferença entre as leis divinas e as leis humanas.

Segundo o texto, a união dos sexos para a procriação é uma lei divina imutável, mas as condições que regulam essa união são estabelecidas pelos homens e, portanto, sujeitas a mudanças ao longo do tempo e em diferentes lugares.

O autor ressalta que as leis civis sobre o casamento variam de acordo com os costumes, as necessidades locais e o progresso da inteligência.

Por isso, o que é considerado legítimo em um país ou época pode ser visto como adultério em outro contexto.

Isso ocorre porque as leis civis têm como objetivo regular os interesses das famílias, que são influenciados por diversos fatores culturais e sociais.

O texto sugere, portanto, uma reflexão sobre a relatividade das leis humanas em comparação com as leis divinas, destacando a importância de se considerar os valores universais e a evolução da sociedade ao lidar com questões como o casamento e a família.

3. Mas, na união dos sexos, a par da Lei divina material, comum a todos os seres vivos, há outra Lei divina, imutável como todas as Leis de Deus, exclusivamente moral: a lei de amor. Quis Deus que os seres se unissem não só pelos laços da carne, mas também pelos da alma, a fim de que a afeição mútua dos esposos se lhes transmitisse aos filhos e que fossem dois, e não um somente, a amá-los, a cuidar deles e a fazê-los progredir. Nas condições ordinárias do casamento, a lei de amor é tida em consideração? De modo nenhum. Não se leva em conta a afeição de dois seres que, por sentimentos recíprocos, se atraem um para o outro, visto que, as mais das vezes, essa afeição é rompida. O de que se cogita, não é da satisfação do coração, e sim da do orgulho, da vaidade, da cupidez, numa palavra: de todos os interesses materiais. Quando tudo vai pelo melhor consoante esses interesses, diz-se que o casamento é de conveniência e, quando as bolsas estão bem aquinhoadas, diz-se que os esposos igualmente o são e muito felizes hão de ser.

Nem a lei civil, porém, nem os compromissos que ela faz se contraíam podem suprir a lei do amor, se esta não preside à união, resultando, frequentemente, separarem-se por si mesmos os que à força se uniram; torna-se um perjúrio, se pronunciado como fórmula banal, o juramento feito ao pé do altar. Daí as uniões infelizes, que acabam tornando-se criminosas, dupla desgraça que se evitaria se, ao estabelecerem-se as condições do matrimônio, se não abstraísse da única que o sanciona aos olhos de Deus: a lei de amor. Ao dizer Deus: "Não sereis senão uma só carne", e quando Jesus disse: "Não separeis o que Deus uniu", essas palavras se devem entender com referência à união segundo a lei imutável de Deus, e não segundo a lei mutável dos homens.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec, ao comentar essa passagem evangélica, esclarece que a Lei divina do amor, sendo imutável e exclusivamente moral, complementa a Lei divina material que rege a união dos seres vivos.

Deus deseja que a união entre os seres humanos não seja apenas física, mas também espiritual, para que a afeição mútua dos esposos seja transmitida aos filhos, e ambos possam amá-los, cuidar deles e ajudá-los a progredir.

No entanto, o texto argumenta que, nas condições ordinárias do casamento, a lei do amor muitas vezes não é levada em consideração.

Em vez disso, prevalecem interesses materiais como orgulho, vaidade e cupidez, resultando em casamentos de conveniência.

Quando o casamento é baseado apenas nesses interesses e não na afeição mútua e no amor, as uniões podem se tornar infelizes e até mesmo criminosas.

O texto ressalta a importância de se considerar a lei do amor ao estabelecer as condições do casamento, para evitar uniões infelizes e respeitar a união segundo a lei imutável de Deus.

As palavras de Jesus sobre a união matrimonial devem ser entendidas à luz dessa lei do amor, que é essencial para uma verdadeira e duradoura união entre os seres humanos.

4. Será então supérflua a lei civil e dever-se-á volver aos casamentos segundo a Natureza? Não, decerto. A lei civil tem por fim regular as relações sociais e os interesses das famílias, de acordo com as exigências da civilização; por isso, é útil, necessária, mas variável. Deve ser previdente, porque o homem civilizado não pode viver como selvagem; nada, entretanto, nada absolutamente se opõe a que ela seja um corolário da Lei de Deus. Os obstáculos ao cumprimento da Lei divina promanam dos prejuízos, e não da lei civil. Esses prejuízos, se bem ainda vivazes, já perderam muito do seu predomínio no seio dos povos esclarecidos; desaparecerão com o progresso moral que, por fim, abrirá os olhos aos homens para os males sem conto, as faltas, mesmo os crimes que decorrem das uniões contraídas com vistas unicamente nos interesses materiais. Um dia perguntar-se-á o que é mais humano, mais caridoso, mais moral: se encadear um ao outro dois seres que não podem viver juntos, se

restituir-lhes a liberdade; se a perspectiva de uma cadeia indissolúvel não aumenta o número de uniões irregulares.

NOSSO COMENTÁRIO

Esse texto do Evangelho Segundo o Espiritismo aborda a relação entre a lei civil e a Lei divina no contexto do casamento.

Ele reconhece a importância da lei civil em regular as relações sociais e os interesses das famílias de acordo com as exigências da civilização.

A lei civil é vista como útil e necessária, mas também variável, adaptando-se às mudanças sociais e culturais ao longo do tempo.

No entanto, o texto ressalta que a lei civil não deve ser vista como oposta à Lei divina, mas sim como complementar a ela.

Os obstáculos ao cumprimento da Lei divina não vêm da lei civil em si, mas dos preconceitos e preconceitos arraigados na sociedade.

À medida que a humanidade progride moralmente, esses preconceitos tendem a diminuir, permitindo uma visão mais clara dos males e das falhas que surgem de uniões baseadas apenas em interesses materiais.

O texto levanta a questão ética sobre a indissolubilidade do casamento e questiona se é mais humano, caridoso e moral manter dois seres juntos mesmo quando não podem mais viver juntos, ou se é melhor devolver-lhes a liberdade.

Ele sugere que a perspectiva de uma união indissolúvel pode, na verdade, levar a mais uniões irregulares e infelizes.

Portanto, a lei civil deve ser sensível às necessidades humanas e aos valores morais, buscando promover a felicidade e o bem-estar das famílias, sem ignorar as realidades da vida e da evolução social.

O divórcio

5. O divórcio é lei humana que tem por objeto separar legalmente o que já, de fato, está separado. Não é contrário à Lei de Deus, pois que apenas reforma o que os homens não fizeram e só é aplicável nos casos em que não se levou em conta a Lei divina. Se fosse contrário a essa lei, a própria Igreja seria obrigada a considerar prevaricadores aqueles de seus chefes que, por autoridade própria e em nome da religião, não imposto o divórcio em mais de uma ocasião. E dupla seria aí a prevaricação, porque, nesses casos, o divórcio há objetivado unicamente interesses materiais, e não a satisfação da lei de amor. Nem mesmo Jesus consagrou a indissolubilidade absoluta do casamento. Não disse Ele: "Foi por causa da dureza dos vossos corações que Moisés permitiu despedísseis vossas mulheres"? Isso significa que, já ao tempo de Moisés, não sendo a afeição mútua a única determinante do casamento, a separação podia tornar-se necessária. Acrescenta, porém: "no princípio, não foi assim", isto é, na origem da Humanidade, quando os homens ainda não estavam pervertidos pelo egoísmo e pelo orgulho e viviam segundo a Lei de Deus, as uniões, derivando da simpatia, e não da vaidade ou da ambição, nenhum ensejo davam ao repúdio.

Vai mais longe: especifica o caso em que pode dar-se o repúdio, o de adultério. Ora, não existe adultério onde reina sincera afeição recíproca. É verdade que Ele proíbe ao homem desposar a mulher repudiada; mas cumpre se tenham em vista os costumes e o caráter dos homens daquela época. A lei mosaica, nesse caso, prescrevia a lapidação. Querendo abolir um uso bárbaro, precisou de uma penalidade que o substituísse e a encontrou no opróbrio que adviria da proibição de um segundo casamento. Era, de certo modo, uma lei civil substituída por outra lei civil, mas que, como todas as leis dessa natureza, tinha de passar pela prova do tempo.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, o texto aborda o divórcio como uma lei humana que tem o objetivo de legalizar a separação que já ocorreu na prática.

Ele enfatiza que o divórcio não é contrário à Lei de Deus, pois apenas reforma o que os homens fizeram, sendo aplicável nos casos em que não se levou em conta a Lei divina.

O texto argumenta que se o divórcio fosse contrário à lei divina, a própria Igreja seria obrigada a considerar prevaricadores aqueles que impuseram o divórcio em nome da religião em várias ocasiões.

O texto também destaca que nem mesmo Jesus consagrou a indissolubilidade absoluta do casamento, citando a passagem em que ele menciona a permissão de Moisés para o divórcio devido à dureza dos corações.

Jesus especifica o caso do adultério como motivo para o repúdio, indicando que onde há uma sincera afeição recíproca, não há espaço para o adultério.

A proibição de um homem desposar a mulher repudiada era uma medida que visava abolir um uso bárbaro da época, substituindo-o por uma penalidade que desencorajasse o divórcio sem justa causa.

O texto sugere que a lei do divórcio, assim como outras leis humanas, deve passar pela prova do tempo, sendo adaptada de acordo com a evolução moral e social da humanidade.

Portanto, o divórcio não é considerado contrário à Lei de Deus, desde que seja resultado de uma situação em que não foi respeitada a Lei divina de amor e respeito mútuo.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XXIII - Estranha moral

• Odiar os pais • Abandonar pai, mãe e filhos • Deixar aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos • Não vim trazer a paz, mas a divisão

Odiar os pais

1. *Como nas suas pegadas caminhasse grande massa de povo, Jesus, voltando-se, disse-lhes: "Se alguém vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe, a sua mulher e a seus filhos, a seus irmãos e irmãs, mesmo a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E quem quer que não carregue a sua cruz e me siga, não pode ser meu discípulo. Assim, aquele dentre vós que não renunciar a tudo o que tem não pode ser meu discípulo."* (Lucas, 14:25 a 27 e 33.)

2. *"Aquele que ama a seu pai ou a sua mãe, mais do que a mim, de mim não é digno; aquele que ama a seu filho ou a sua filha, mais do que a mim, de mim não é digno."* (Mateus, 10:37.)

NOSSO COMENTÁRIO

Os itens 1 e 2 deste capítulo abordam a importância da renúncia e do desapego em relação aos laços familiares e materiais para seguir os ensinamentos de Jesus.

No primeiro item, Jesus enfatiza a necessidade de renunciar a tudo, até mesmo à própria vida, para ser seu discípulo.

Isso não significa um ódio literal aos familiares, mas sim uma priorização do compromisso com os ensinamentos espirituais sobre os laços terrenos.

Já no segundo item, Jesus destaca a importância de amá-lo acima de todas as outras pessoas, incluindo familiares próximos, indicando que o amor a ele deve ser o mais elevado em nossa vida.

O Espiritismo, por meio da explicação dada por Espíritos Superiores, esclarece que algumas passagens dos Evangelhos podem ter

sido mal interpretadas ou mal traduzidas ao longo do tempo, devido às circunstâncias históricas e linguísticas da época.

Essas interpretações errôneas não comprometem a grandeza e a sublimidade dos ensinamentos de Jesus, que se mantêm íntegros em sua essência espiritual.

3. Certas palavras, aliás muito raras, atribuídas ao Cristo, fazem tão singular contraste com o seu modo habitual de falar que, instintivamente, se lhes repele o sentido literal, sem que a sublimidade da sua doutrina sofra qualquer dano. Escritas depois de sua morte, pois que nenhum dos Evangelhos foi redigido enquanto Ele viveu, lícito é acreditar-se que, em casos como este, o fundo do seu pensamento não foi bem expresso, ou, o que não é menos provável, o sentido primitivo, passando de uma língua para outra, há de ter experimentado alguma alteração. Basta que um erro se haja cometido uma vez, para que os copiadoreos o tenham repetido, como se dá frequentemente com relação aos fatos históricos.

O termo odiar, nesta frase de Lucas: Se alguém vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe, está compreendido nessa hipótese. A ninguém acudirá atribuí-la a Jesus. Será então supérfluo discuti-la e, ainda menos, tentar justificá-la. Importaria, primeiro, saber se Ele a pronunciou e, em caso afirmativo, se, na língua em que se exprimia, a palavra em questão tinha o mesmo valor que na nossa. Nesta passagem de João: "Aquele que odeia sua vida, neste mundo, a conserva para a vida eterna", é indubitável que ela não exprime a ideia que lhe atribuímos.

A língua hebraica não era rica e continha muitas palavras com várias significações. Tal, por exemplo, a que, no Gênesis, designa as fases da Criação: servia, simultaneamente, para exprimir um período qualquer de tempo e a revolução diurna. Daí, mais tarde, a sua tradução pelo termo dia e a crença de que o mundo foi obra de seis vezes vinte e quatro horas. Tal, também, a palavra com que se designava um camelo e um cabo, uma vez que os cabos eram feitos de pelos de camelo. Daí o haverem-na traduzido pelo termo camelo, na alegoria do buraco de uma agulha. (Ver capítulo XVI, item 2.)⁸

⁸ Nota do Sr. Pezzani: **Non odit**, em latim: **Kai** ou **miseĩ** em grego, não quer dizer **odiar**, porém, **amar menos**. O que o verbo grego **miseĩn** exprime, ainda melhor o expressa o verbo hebreu, de que Jesus se há de ter servido. Esse verbo não significa apenas **odiar**, mas também **amar menos, não amar igualmente, tanto**

Cumpra, ademais, se atenda aos costumes e ao caráter dos povos, pelo muito que influem sobre o gênio particular de seus idiomas. Sem esse conhecimento, escapa amiúde o sentido verdadeiro de certas palavras. De uma língua para outra, o mesmo termo se reveste de maior ou menor energia. Pode, numa envolver injúria ou blasfêmia, e carecer de importância noutra, conforme a ideia que suscite. Na mesma língua, algumas palavras perdem seu valor com o correr dos séculos. Por isso é que uma tradução rigorosamente literal nem sempre exprime perfeitamente o pensamento e que, para manter a exatidão, se tem às vezes de empregar, não termos correspondentes, mas outros equivalentes ou perífrases.

Estas notas encontram aplicação especial na interpretação das Santas Escrituras e, em particular, dos Evangelhos. Se se não tiver em conta o meio em que Jesus vivia, fica-se exposto a equívocos sobre o valor de certas expressões e de certos fatos, em consequência do hábito em que se está de assimilar os outros a si próprio. Em todo caso, cumpre despojar o termo odiar da sua aceção moderna, como contrária ao espírito do ensino de Jesus. (Veja-se também o cap. XIV, itens 5 e seguintes.)

NOSSO COMENTÁRIO

Este item aborda a interpretação das palavras de Jesus, especialmente aquelas que parecem contraditórias com seu ensinamento de amor e fraternidade.

A passagem menciona que algumas palavras atribuídas a Jesus podem ter sido mal interpretadas ao longo do tempo, devido às diferenças linguísticas e culturais, e que é necessário considerar o contexto histórico e cultural em que Jesus viveu para compreender corretamente seu significado.

No caso específico da palavra "odiar" utilizada por Jesus em algumas passagens, como em Lucas 14:25-27, a interpretação literal

quanto a um outro. No dialeto siríaco, do qual, dizem, Jesus usava com mais frequência, ainda melhor acentuada é essa significação. Nesse sentido é que o Gênesis (29:30 e 31) diz: E Jacó amou também mais a Raquel do que a Lia, e Jeová, vendo que Lia era **odiada**... É evidente que o verdadeiro sentido aqui é: **menos amada**. Assim se deve traduzir. Em muitas outras passagens hebraicas e, sobretudo, siríacas, o mesmo verbo é empregado no sentido de **não amar tanto quanto a outro**, de sorte que fora contrassenso traduzi-lo por odiar, que tem outra aceção bem determinada. O texto de Mateus, aliás, afasta toda a dificuldade.

não condiz com o verdadeiro ensinamento de Jesus sobre amor e perdão.

Nesse sentido, é importante interpretar essa palavra de acordo com o contexto da época e com o sentido original do termo, que pode ter sido distorcido ao longo das traduções e interpretações posteriores.

Portanto, a mensagem central desse texto é que, para compreender os ensinamentos de Jesus, é necessário considerar não apenas as palavras em si, mas também o contexto cultural, linguístico e histórico em que foram proferidas, a fim de evitar interpretações equivocadas e compreender a verdadeira essência de seus ensinamentos de amor, compaixão e fraternidade.

Abandonar pai, mãe e filhos

4. Aquele que houver deixado, pelo meu nome, sua casa, os seus irmãos, ou suas irmãs, ou seu pai, ou sua mãe, ou sua mulher, ou seus filhos, ou suas terras, receberá o cêntuplo de tudo isso e terá por herança a vida eterna. (Mateus, 19:29.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta passagem do Evangelho de Mateus, Jesus enfatiza a importância da renúncia aos bens materiais e aos laços familiares em nome de sua doutrina.

Ele promete uma recompensa espiritual abundante para aqueles que abrem mão de seus confortos terrenos em prol da busca espiritual.

A expressão 'receberá o cêntuplo de tudo isso' simboliza a ideia de que, ao renunciar aos bens materiais e aos laços familiares em nome de Jesus, a pessoa receberá uma recompensa espiritual muito maior do que aquilo que deixou para trás.

Essa recompensa é representada pela 'vida eterna', que sugere a continuidade da existência além da vida terrena, em um plano espiritual mais elevado.

5. Então, disse-lhe Pedro: "Quanto a nós, vês que tudo deixamos e te seguimos." — Jesus lhe observou: "Digo-vos, em verdade, que ninguém deixará, pelo Reino de Deus, sua casa, ou seu pai, ou sua mãe, ou seus irmãos, ou sua mulher, ou seus filhos, que não receba, já neste mundo, muito mais, e no século vindouro a vida eterna." (Lucas, 18:28 a 30.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste relato de Lucas, Pedro expressa a ideia de que ele e os outros discípulos deixaram tudo para seguir Jesus.

Jesus responde enfatizando que aqueles que abandonam seus bens materiais e laços familiares em nome do Reino de Deus serão recompensados não apenas na vida eterna, mas também neste mundo, recebendo muito mais do que aquilo que deixaram para trás.

Quando Jesus fala sobre receber "muito mais" por seguir o Reino de Deus, ele está se referindo principalmente a recompensas espirituais, como paz interior, consolação, crescimento espiritual e a presença de Deus em suas vidas.

Essas recompensas são vistas como mais valiosas do que qualquer bem material que possa ser deixado para trás.

Portanto, embora o texto mencione benefícios no "mundo vindouro", esses são entendidos principalmente como benefícios espirituais, não necessariamente materiais.

6. Disse-lhe outro: "Senhor, eu te seguirei; mas permite que, antes, disponha do que tenho em minha casa." — Jesus lhe respondeu: "Quem quer que, tendo posto a mão na charrua, olhar para trás, não está apto para o Reino de Deus." (Lucas, 9:61 e 62.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta passagem, Jesus responde a alguém que expressa o desejo de segui-lo, mas pede permissão para resolver assuntos pessoais primeiro.

A resposta de Jesus, usando a metáfora da pessoa que olha para trás após colocar a mão na charrua, indica que aqueles que desejam seguir o caminho espiritual devem fazê-lo com total dedicação e

comprometimento, sem olhar para trás ou se prender a apegos materiais.

A metáfora da charrua era comum na época e representa um trabalho árduo e contínuo.

Ao dizer que quem olha para trás não está apto para o Reino de Deus, Jesus está enfatizando a importância de manter o foco e a determinação no caminho espiritual, sem se deixar distrair por preocupações mundanas ou apegos materiais.

Essa passagem destaca a ideia de que seguir Jesus requer um compromisso total e uma disposição para deixar para trás tudo o que possa impedir o progresso espiritual.

Item 6 idem - Sem discutir as palavras, deve-se aqui procurar o pensamento, que era, evidentemente, este: "Os interesses da vida futura prevalecem sobre todos os interesses e todas as considerações humanas", porque esse pensamento está de acordo com a substância da doutrina de Jesus, ao passo que a ideia de uma renúncia à família seria a negação dessa doutrina.

Não temos, aliás, sob as vistas a aplicação dessas máximas no sacrifício dos interesses e das afeições de família aos da Pátria? Censura-se, porventura, aquele que deixa seu pai, sua mãe, seus irmãos, sua mulher, seus filhos, para marchar em defesa do seu país? Não se lhe reconhece, ao contrário, grande mérito em arrancar-se às doçuras do lar doméstico, aos liames da amizade, para cumprir um dever? É que, então, há deveres que sobrelevam a outros deveres. Não impõe a lei à filha a obrigação de deixar os pais para acompanhar o esposo? Formigam no mundo os casos em que são necessárias as mais penosas separações. Nem por isso, entretanto, as afeições se rompem. O afastamento não diminui o respeito, nem a solicitude do filho para com os pais, nem a ternura destes para com aquele. Vê-se, portanto, que, mesmo tomadas ao pé da letra, excetuado o termo odiar, aquelas palavras não seriam uma negação do mandamento que prescreve ao homem honrar a seu pai e a sua mãe, nem do afeto paternal; com mais forte razão, não o seriam, se tomadas segundo o espírito. Tinham elas por fim mostrar, mediante uma hipérbole, quão imperioso é para a criatura o dever de ocupar-se com a vida futura. Aliás, pouco chocantes haviam de ser para um povo e numa época em que, como consequência dos costumes, os laços de família eram menos fortes do que no seio de uma

civilização moral mais avançada. Esses laços, mais fracos nos povos primitivos, fortalecem-se com o desenvolvimento da sensibilidade e do senso moral. A própria separação é necessária ao progresso. Assim as famílias como as raças se abastardam, desde que se não entrecruzem, se não enxertem umas nas outras. É essa uma Lei da Natureza, tanto no interesse do progresso moral, quanto no do progresso físico.

Aqui, as coisas são consideradas apenas do ponto de vista terreno. O Espiritismo no-las faz ver de mais alto, mostrando serem os do Espírito, e não os do corpo, os verdadeiros laços de afeição; que aqueles laços não se quebram pela separação, nem mesmo pela morte do corpo; que se robustecem na vida espiritual, pela depuração do Espírito, verdade consoladora da qual grande força haurem as criaturas, para suportarem as vicissitudes da vida. (Cap. IV, item 18; cap. XIV, item 8.)

NOSSO COMENTÁRIO

A interpretação de Allan Kardec sobre as passagens evangélicas que falam sobre abandonar pai, mãe e filhos para seguir Jesus é esclarecedora.

Ele destaca que o verdadeiro pensamento por trás dessas palavras não é o de renunciar à família, mas sim o de priorizar os interesses da vida futura sobre os interesses terrenos.

Kardec compara essa renúncia aos laços familiares com outros sacrifícios que são vistos como nobres e corretos, como o sacrifício em defesa da pátria ou a obrigação da filha de deixar os pais para acompanhar o esposo.

Ele ressalta que, mesmo nessas situações, as afeições não se rompem, e o afastamento não diminui o respeito e a ternura entre os familiares.

Para Kardec, as palavras de Jesus sobre abandonar pai, mãe e filhos devem ser entendidas como uma hipérbole, uma forma exagerada de enfatizar a importância de dedicar-se à vida espiritual.

Ele argumenta que, mesmo levadas ao pé da letra, essas palavras não negam o mandamento de honrar pai e mãe nem o afeto familiar, especialmente quando consideradas segundo o espírito da mensagem de Jesus.

O Espiritismo, segundo Kardec, oferece uma visão mais ampla dessas questões, mostrando que os verdadeiros laços de afeição são espirituais e não se quebram pela separação ou pela morte do corpo.

Essa visão consoladora fortalece as pessoas para enfrentarem as dificuldades da vida, mostrando que, no plano espiritual, os vínculos de amor se tornam ainda mais fortes pela evolução do espírito.

Deixar aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos

7. Disse a outro: "Segue-me"; e o outro respondeu: "Senhor, consente que, primeiro, eu vá enterrar meu pai." — Jesus lhe retrucou: "Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus." (Lucas, 9:59 e 60.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste relato de Lucas, Jesus responde de forma enérgica a alguém que pede permissão para enterrar seu pai antes de segui-lo.

A resposta de Jesus, "Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus", pode parecer dura à primeira vista, mas possui um significado mais profundo.

Jesus está enfatizando a importância da prontidão e do comprometimento na jornada espiritual.

Ele não está desvalorizando o ato de enterrar os mortos, que era uma prática cultural e religiosa importante na época.

Em vez disso, ele está destacando que seguir o Reino de Deus deve ser a prioridade máxima na vida de uma pessoa, até mesmo sobre os ritos funerários mais respeitáveis.

Essa passagem ensina sobre a importância de priorizar os valores espirituais acima das preocupações materiais ou mesmo familiares.

Ela reflete a urgência e a seriedade do chamado de Jesus para seus discípulos e para todos os que desejam segui-lo, mostrando que o compromisso com o Reino de Deus deve vir antes de tudo.

8. Que podem significar estas palavras: "Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos"? As considerações precedentes mostram, em primeiro lugar, que, nas circunstâncias em que foram proferidas, não podiam conter censura àquele que considerava um dever de piedade filial ir sepultar seu pai. Têm, no entanto, um sentido profundo, que só o conhecimento mais completo da vida espiritual podia tornar perceptível.

A vida espiritual é, com efeito, a verdadeira vida, é a vida normal do Espírito, sendo-lhe transitória e passageira a existência terrestre, espécie de morte, se comparada ao esplendor e à atividade da outra. O corpo não passa de simples vestimenta grosseira que temporariamente cobre o Espírito, verdadeiro grilhão que o prende à gleba terrena, do qual se sente ele feliz em libertar-se. O respeito que aos mortos se consagra não é a matéria que o inspira; é, pela lembrança, o Espírito ausente quem o infunde. Ele é análogo àquele que se vota aos objetos que lhe pertenceram, que ele tocou e que as pessoas que lhe são afeiçoadas guardam como relíquias. Era isso o que aquele homem não podia por si mesmo compreender. Jesus lho ensina, dizendo: "Não te preocupes com o corpo, pensa antes no Espírito; vai ensinar o Reino de Deus; vai dizer aos homens que a pátria deles não é a Terra, mas o céu, porquanto somente lá transcorre a verdadeira vida".

NOSSO COMENTÁRIO

A interpretação de Allan Kardec na passagem em que Jesus diz "Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos" esclarece que essas palavras não devem ser entendidas como uma censura ao homem que desejava enterrar seu pai, mas sim como uma reflexão mais profunda sobre a vida espiritual.

Kardec explica que a vida espiritual é a verdadeira vida, sendo a vida terrena apenas passageira e transitória em comparação com a existência espiritual.

O corpo físico é visto como uma vestimenta temporária que cobre o Espírito e o prende à vida terrena, sendo a morte apenas a libertação desse grilhão.

O respeito aos mortos não é inspirado pela matéria, mas sim pela lembrança e pelo Espírito ausente.

Dessa forma, Kardec interpreta as palavras de Jesus como um convite a priorizar o cuidado com o Espírito sobre as preocupações terrenas, ensinando que a verdadeira pátria do ser humano não é a Terra, mas sim o céu espiritual, onde a vida verdadeira se desenrola.

Assim, o ensinamento de Jesus é visto como um convite a refletir sobre a importância da vida espiritual e do Reino de Deus em relação às preocupações materiais e terrenas.

Não vim trazer a paz, mas a divisão

9. Não penseis que Eu tenha vindo trazer paz à Terra; não vim trazer a paz, mas a espada; porquanto vim separar de seu pai o filho, de sua mãe a filha, de sua sogra a nora; e o homem terá por inimigos os de sua própria casa. (Mateus, 10:34 a 36.)

10. Vim para lançar fogo à Terra; e que é o que desejo senão que ele se acenda? Tenho de ser batizado com um batismo e quanto me sinto desejoso de que ele se cumpra! Julgais que Eu tenha vindo trazer paz à Terra? Não, Eu vos afirmo; ao contrário, vim trazer a divisão; pois, doravante, se se acharem numa casa cinco pessoas, estarão elas divididas umas contra as outras: três contra duas e duas contra três. O pai estará em divisão com o filho e o filho com o pai, a mãe com a filha e a filha com a mãe, a sogra com a nora e a nora com a sogra. (Lucas, 12:49 a 53.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esses dois relatos evangélicos, um de Mateus e outro de Lucas, apresentam palavras de Jesus que podem parecer contraditórias com seus ensinamentos de amor e paz.

Jesus fala sobre trazer a espada e a divisão, separando pais de filhos e causando divisões até mesmo dentro das famílias.

Essas passagens são interpretadas de maneira simbólica e espiritual pelos estudiosos.

A "espada" e o "fogo" mencionados por Jesus não devem ser entendidos literalmente como instrumentos de guerra ou destruição, mas sim como símbolos de transformação espiritual e separação entre o bem e o mal.

Ao falar sobre trazer divisão até mesmo dentro das famílias, Jesus está destacando a importância de escolher seguir seus ensinamentos, mesmo que isso cause conflitos com aqueles que não compartilham da mesma fé.

Ele está enfatizando a necessidade de priorizar a relação com Deus e a busca pela verdade espiritual, mesmo que isso signifique se distanciar de laços familiares ou sociais que possam ser contrários a esses princípios.

Esses ensinamentos de Jesus ressaltam a importância da decisão pessoal e da fé individual, mesmo que isso resulte em conflitos ou divisões nas relações familiares ou sociais.

Eles também apontam para a ideia de que seguir o caminho espiritual muitas vezes requer coragem e determinação para enfrentar oposições e desafios externos e internos.

11. Será mesmo possível que Jesus, a personificação da doçura e da bondade, que não cessou de pregar o amor do próximo, haja dito: "Não vim trazer a paz, mas a espada; vim separar do pai o filho, do esposo a esposa; vim lançar fogo à Terra e tenho pressa de que ele se acenda"? Não estarão essas palavras em contradição flagrante com os seus ensinamentos? Não haverá blasfêmia em lhe atribuírem a linguagem de um conquistador sanguinário e devastador? Não, não há blasfêmia, nem contradição nessas palavras, pois foi mesmo Ele quem as pronunciou, e elas dão testemunho da sua alta sabedoria. Apenas, um pouco equívoca, a forma não lhe exprime com exatidão o pensamento, o que deu

lugar a que se enganassem relativamente ao verdadeiro sentido delas. Tomadas à letra, tenderiam a transformar a sua missão, toda de paz, noutra de perturbação e discórdia, consequência absurda, que o bom senso repele, porquanto Jesus não podia desmentir-se. (Cap. XIV, item 6.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec questiona a aparente contradição das palavras atribuídas a Jesus, que falam sobre trazer a espada, separar pais de filhos e lançar fogo à Terra.

Ele pondera se essas palavras condizem com os ensinamentos de amor e paz pregados por Jesus ao longo de sua vida.

Kardec argumenta que não há blasfêmia ou contradição nas palavras atribuídas a Jesus, pois foi ele mesmo quem as pronunciou.

No entanto, ele sugere que a forma como essas palavras foram registradas pode não expressar com precisão o verdadeiro pensamento de Jesus.

Tomadas ao pé da letra, essas palavras poderiam dar a entender que a missão de Jesus era de perturbação e discórdia, o que é absurdo considerando seus ensinamentos de paz e amor.

Portanto, Kardec interpreta essas palavras como uma forma simbólica e metafórica usada por Jesus para transmitir ensinamentos profundos sobre transformação espiritual e separação entre o bem e o mal.

Ele enfatiza que é importante compreender o contexto e a natureza simbólica dessas palavras, para não distorcer o verdadeiro sentido dos ensinamentos de Jesus.

12. Toda ideia nova forçosamente encontra oposição e nenhuma há que se implante sem lutas. Ora, nesses casos, a resistência é sempre proporcional à importância dos resultados previstos, porque, quanto maior ela é, tanto mais numerosos são os interesses que fere. Se for notoriamente falsa, se a julgam isenta de consequências, ninguém se alarma; deixam-na todos passar, certos

de que lhe falta vitalidade. Se, porém, é verdadeira, se assenta em sólida base, se lhe preveem futuro, um secreto pressentimento adverte os seus antagonistas de que constitui um perigo para eles e para a ordem de coisas em cuja manutenção se empenham. Atiram-se, então, contra ela e contra os seus adeptos.

Assim, pois, a medida da importância e dos resultados de uma ideia nova se encontra na emoção que o seu aparecimento causa, na violência da oposição que provoca, bem como no grau e na persistência da ira de seus adversários.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec discute a natureza da oposição que ideias novas enfrentam.

Ele argumenta que toda ideia nova encontra resistência e que essa resistência é proporcional à importância dos resultados previstos.

Quanto mais importante e verdadeira for a ideia, maior será a oposição que enfrentará.

Kardec explica que ideias falsas ou sem consequências não geram alarme, pois são percebidas como carentes de vitalidade.

Por outro lado, ideias verdadeiras e sólidas, com potencial futuro, são vistas como perigosas para os interesses estabelecidos e, portanto, enfrentam uma oposição intensa e persistente.

Assim, Kardec sugere que a medida da importância e dos resultados de uma ideia nova pode ser percebida pela emoção que causa, pela intensidade da oposição que provoca e pela persistência da ira de seus adversários.

Esse entendimento é relevante não apenas para compreender a oposição enfrentada pelas ideias espíritas na época de Kardec, mas também para refletir sobre a resistência que ideias inovadoras enfrentam em qualquer contexto histórico.

13. Jesus vinha proclamar uma doutrina que solaparia pela base os abusos de que viviam os fariseus, os escribas e os sacerdotes do seu tempo. Imolaram-no, portanto, certos de que, matando o homem, matariam a ideia. Esta, porém, sobreviveu, porque era verdadeira; engrandeceu-se, porque correspondia aos desígnios de Deus e, nascida num pequeno e obscuro burgo da Judeia, foi plantar o seu estandarte na capital mesma do mundo pagão, em face dos seus mais encarniçados inimigos, daqueles que mais porfiavam em combatê-la, porque subvertia crenças seculares a que eles se apegavam muito mais por interesse do que por convicção. Lutas das mais terríveis esperavam aí pelos seus apóstolos; foram inumeráveis as vítimas; a ideia, no entanto, avolumou-se sempre e triunfou, porque, como verdade, sobrelevava as que a precederam.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec enaltece a missão de Jesus ao proclamar uma doutrina que confrontava os abusos e as práticas equivocadas dos fariseus, escribas e sacerdotes da época.

Ao desafiarem e crucificarem Jesus na esperança de destruir sua ideia, os líderes religiosos da época não compreenderam que a verdadeira doutrina não pode ser destruída pela morte física de seu proclamador.

A ideia de Jesus, por ser verdadeira e estar em consonância com os desígnios de Deus, sobreviveu e prosperou, espalhando-se até mesmo para a capital do mundo pagão, Roma, enfrentando seus inimigos mais fervorosos e resistindo a lutas terríveis.

Muitos apóstolos foram perseguidos e mortos, mas a ideia triunfou porque sua veracidade superava as crenças antigas e equivocadas que a precederam.

Essa passagem ressalta a força e a resiliência da verdadeira doutrina, que não pode ser destruída pela oposição ou pelas tentativas de silenciá-la.

Ela também destaca a importância de se manter fiel aos ensinamentos de Jesus, mesmo diante das adversidades e das perseguições, pois a verdade sempre prevalecerá.

14. É de notar-se que o Cristianismo surgiu quando o Paganismo já entrara em declínio e se debatia contra as luzes da razão. Ainda era praticado pro forma; a crença, porém, desaparecera; apenas o interesse pessoal o sustentava. Ora, é tenaz o interesse; jamais cede à evidência; irrita-se tanto mais quanto mais peremptórios e demonstrativos de seu erro são os argumentos que se lhe opõem. Sabe ele muito bem que está errado, mas isso não o abala, porquanto a verdadeira fé não lhe está na alma. O que mais teme é a luz, que dá vista aos cegos. É-lhe proveitoso o erro; ele se lhe agarra e o defende.

Sócrates, também, não ensinara uma doutrina até certo ponto análoga à do Cristo? Por que não prevaleceu naquela época a sua doutrina, no seio de um dos povos mais inteligentes da Terra? É que ainda não chegara o tempo. Ele semeou numa terra não lavrada; o Paganismo ainda se não achava gasto. O Cristo recebeu em propício tempo a sua missão. Muito faltava, é certo, para que todos os homens da sua época estivessem à altura das ideias cristãs, mas havia entre eles uma aptidão mais geral para as assimilar, pois que já se começava a sentir o vazio que as crenças vulgares deixavam na alma. Sócrates e Platão haviam aberto o caminho e predisposto os espíritos. (Veja-se, na Introdução, o § IV: Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Kardec discute o surgimento do Cristianismo em um momento em que o Paganismo já estava em declínio, debatendo-se contra as luzes da razão.

Ele observa que, apesar de o Paganismo ainda ser praticado por tradição, a crença verdadeira já havia desaparecido, sendo sustentado apenas por interesses pessoais.

Kardec argumenta que o interesse pessoal é tenaz e não cede à evidência, irritando-se com argumentos que demonstram seu erro.

Ele compara o surgimento do Cristianismo com a doutrina de Sócrates, questionando por que a doutrina deste último não

prevaleceu naquela época, mesmo sendo ensinada a um povo tão inteligente.

Kardec sugere que o momento histórico não era propício para a aceitação plena das ideias de Sócrates, pois o Paganismo ainda era predominante e as mentes ainda não estavam totalmente preparadas para assimilar suas ideias.

Kardec ressalta que o Cristo recebeu sua missão em um momento mais propício, quando as mentes já começavam a sentir o vazio deixado pelas crenças vulgares.

Ele sugere que figuras como Sócrates e Platão prepararam o caminho para o Cristianismo, predispondo os espíritos da época a aceitarem suas ideias.

15. Infelizmente, os adeptos da nova doutrina não se entenderam quanto à interpretação das palavras do Mestre, veladas, as mais das vezes, pela alegoria e pelas figuras da linguagem. Daí o nascerem, sem demora, numerosas seitas, pretendendo todas possuir, exclusivamente, a verdade e o não bastarem dezoito séculos para pô-las de acordo. Olvidando o mais importante dos preceitos divinos, o que Jesus colocou por pedra angular do seu edifício e como condição expressa da salvação: a caridade, a fraternidade e o amor ao próximo, aquelas seitas lançaram anátema umas sobre as outras, e umas contra as outras se atiraram, as mais fortes esmagando as mais fracas, afogando-as em sangue, aniquilando-as nas torturas e nas chamas das fogueiras. Vencedores do Paganismo, os cristãos, de perseguidos que eram, fizeram-se perseguidores. A ferro e fogo foi que se puseram a plantar a cruz do Cordeiro sem mácula nos dois mundos. É fato constante que as guerras de religião foram as mais cruéis, mais vítimas causaram do que as guerras políticas; em nenhuma outras se praticaram tantos atos de atrocidade e de barbárie.

Cabe a culpa à doutrina do Cristo? Não, decerto que ela formalmente condena toda violência. Disse Ele alguma vez a seus discípulos: Ide, matai, massacrai, queimai os que não crerem como vós? Não; o que, ao contrário, lhes disse, foi: Todos os homens são irmãos e Deus é soberanamente misericordioso; amai o vosso próximo; amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos persigam. Disse-lhes, outrossim: "Quem matar com a espada pela espada

perecerá." A responsabilidade, portanto, não pertence à doutrina de Jesus, mas aos que a interpretaram falsamente e a transformaram em instrumento próprio a lhes satisfazer as paixões; pertence aos que desprezaram estas palavras: "Meu reino não é deste mundo."

Em sua profunda sabedoria, Ele tinha a previdência do que aconteceria; mas essas coisas eram inevitáveis, porque inerentes à inferioridade da natureza humana, que não podia transformar-se repentinamente. Cumpria que o Cristianismo passasse por essa longa e cruel prova de dezoito séculos para mostrar toda a sua força, visto que, malgrado todo o mal cometido em seu nome, ele saiu dela puro. Jamais esteve em causa. As invectivas sempre recaíram sobre os que dele abusaram. A cada ato de intolerância, sempre se disse: Se o Cristianismo fosse mais bem compreendido e mais bem praticado, isso não se daria.

NOSSO COMENTÁRIO

Na sua dissertação, Kardec lamenta a falta de entendimento entre os adeptos da nova doutrina cristã em relação às palavras de Jesus, muitas vezes veladas por alegorias e figuras de linguagem.

Isso resultou no surgimento de inúmeras seitas, cada uma alegando possuir a verdade exclusiva e não sendo capazes de entrar em acordo ao longo de dezoito séculos.

Kardec destaca que, ao invés de seguirem o principal ensinamento de Jesus - a caridade, a fraternidade e o amor ao próximo - essas seitas lançaram anátemas umas sobre as outras, resultando em guerras religiosas cruéis, com mais vítimas do que as guerras políticas.

Ele enfatiza que a culpa não é da doutrina de Jesus, que explicitamente condena toda violência.

Jesus nunca instruiu seus discípulos a matar ou massacrar aqueles que não compartilhassem de suas crenças; pelo contrário, ensinou o amor ao próximo e aos inimigos, e alertou sobre as consequências da violência.

A responsabilidade, portanto, recai sobre aqueles que interpretaram falsamente seus ensinamentos, transformando-os em instrumentos para satisfazer suas paixões.

Kardec ressalta que, apesar dos abusos cometidos em nome do Cristianismo, a doutrina saiu pura dessas provações, e as críticas sempre recaíram sobre aqueles que a distorceram.

Ele sugere que, se o Cristianismo fosse mais bem compreendido e praticado, tais abusos não teriam ocorrido.

16. Quando Jesus declara: "Não creais que Eu tenha vindo trazer a paz, mas sim a divisão", seu pensamento era este:

"Não creais que a minha doutrina se estabeleça pacificamente; ela trará lutas sangrentas, tendo por pretexto o meu nome, porque os homens não me terão compreendido, ou não me terão querido compreender. Os irmãos, separados pelas suas respectivas crenças, desembainharão a espada um contra o outro e a divisão reinará no seio de uma mesma família, cujos membros não partilhem da mesma crença. Vim lançar fogo à Terra para expungir-la dos erros e dos preconceitos, do mesmo modo que se põe fogo a um campo para destruir nele as ervas más, e tenho pressa de que o fogo se acenda para que a depuração seja mais rápida, visto que do conflito sairá triunfante a verdade. À guerra sucederá a paz; ao ódio dos partidos, a fraternidade universal; às trevas do fanatismo, a luz da fé esclarecida. Então, quando o campo estiver preparado, Eu vos enviarei o Consolador, o Espírito de Verdade, que virá restabelecer todas as coisas, isto é, que, dando a conhecer o sentido verdadeiro das minhas palavras, que os homens mais esclarecidos poderão enfim compreender, porá termo à luta fratricida que desune os filhos do mesmo Deus. Cansados, afinal, de um combate sem resultado, que consigo traz unicamente a desolação e a perturbação até o seio das famílias, reconhecerão os homens onde estão seus verdadeiros interesses, com relação a este mundo e ao outro. Verão de que lado estão os amigos e os inimigos da tranquilidade deles. Todos então se põem sob a mesma bandeira: a da caridade, e as coisas serão restabelecidas na Terra, de acordo com a verdade e os princípios que vos tenho ensinado."

NOSSO COMENTÁRIO

Aqui, Allan Kardec apresenta uma interpretação do pensamento de Jesus ao declarar que não veio trazer a paz, mas sim a divisão.

Ele explica que Jesus previa que sua doutrina não se estabeleceria pacificamente, mas que traria lutas sangrentas, tendo seu nome como pretexto, devido à incompreensão dos homens.

Segundo Kardec, Jesus previa que os irmãos, separados por suas crenças, entrariam em conflito, e a divisão surgiria mesmo dentro de uma mesma família, cujos membros não compartilhassem da mesma crença.

Jesus comparou sua vinda a lançar fogo à Terra para expurgá-la dos erros e preconceitos, como se queima um campo para destruir as ervas daninhas.

Ele tinha pressa de que esse fogo se acendesse para que a depuração fosse mais rápida, pois a verdade triunfaria após o conflito.

Jesus previa que, após as guerras e divisões, a paz e a fraternidade universal prevaleceriam, substituindo o ódio dos partidos e as trevas do fanatismo pela luz da fé esclarecida.

Ele afirmou que, quando o campo estivesse preparado, enviaria o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabeleceria todas as coisas, revelando o verdadeiro sentido de suas palavras e colocando fim à luta fratricida entre os filhos do mesmo Deus.

Ao final, Kardec destaca que, cansados de um combate sem resultado que traz apenas desolação e perturbação, os homens reconheceriam seus verdadeiros interesses, se uniriam sob a bandeira da caridade, e as coisas seriam restabelecidas na Terra de acordo com os princípios ensinados por Jesus.

17. O Espiritismo vem realizar, na época prevista, as promessas do Cristo. Entretanto, não o pode fazer sem destruir os abusos. Como Jesus, ele topa com o orgulho, o egoísmo, a ambição, a cupidez, o fanatismo cego, os quais, levados

às suas últimas trincheiras, tentam barrar-lhe o caminho e lhe suscitam entraves e perseguições. Também ele, portanto, tem de combater; mas o tempo das lutas e das perseguições sanguinolentas passou; são todas de ordem moral as que terá de sofrer e próximo lhes está o termo. As primeiras duraram séculos; estas durarão apenas alguns anos, porque a luz, em vez de partir de um único foco, irrompe de todos os pontos do globo e abrirá mais de pronto os olhos aos cegos.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec compara a missão do Espiritismo com a de Jesus Cristo, destacando que ambas enfrentam resistência e oposição dos mesmos sentimentos humanos, como o orgulho, o egoísmo, a ambição, a cupidez e o fanatismo cego.

Assim como Jesus teve que enfrentar essas forças para realizar suas promessas, o Espiritismo também encontra esses obstáculos em seu caminho.

No entanto, Kardec observa que as circunstâncias são diferentes. Enquanto Jesus enfrentou lutas e perseguições sanguinolentas que duraram séculos, o Espiritismo enfrenta principalmente lutas de ordem moral, que, segundo ele, estão próximas do fim.

Ele destaca que o tempo das perseguições violentas já passou e que as lutas atuais do Espiritismo serão de curta duração, pois a luz da verdade se espalha por todo o mundo, abrindo os olhos dos que estavam cegos para as verdades espirituais.

18. Essas palavras de Jesus devem, pois, entender-se com referência às cóleras que a sua doutrina provocaria, aos conflitos momentâneos a que ia dar causa, às lutas que teria de sustentar antes de se firmar, como aconteceu aos hebreus antes de entrarem na Terra Prometida, e não como decorrentes de um desígnio premeditado de sua parte de semear a desordem e a confusão. O mal viria dos homens, e não dele, que era como o médico que se apresenta para curar, mas cujos remédios provocam uma crise salutar, atacando os maus humores do doente.

NOSSO COMENTÁRIO

No final do capítulo 23 de 'O Evangelho Segundo o Espiritismo', Allan Kardec esclarece o significado das palavras de Jesus sobre trazer a espada e a divisão.

Ele afirma que essas palavras não devem ser entendidas como um desejo de semear desordem e confusão, mas sim como uma previsão dos conflitos e oposições que sua doutrina iria provocar.

Kardec compara a situação com os hebreus antes de entrarem na Terra Prometida, indicando que os momentos de conflito e luta eram necessários para que a verdade se firmasse, assim como a crise salutar provocada pelos remédios de um médico.

Ele enfatiza que o mal não vinha de Jesus, mas dos homens, que reagiam de forma negativa às mudanças propostas pela nova doutrina.

Jesus seria como o médico que busca curar, mesmo que seus remédios provoquem uma crise temporária para expurgar os males que afligem o paciente.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XXIV - Não ponhais a candeia debaixo do alqueire

• Candeia sob o alqueire. Por que fala Jesus por parábolas • Não vades ter com os gentios • Não são os que gozam saúde que precisam de médico • Coragem da fé • Carregar sua cruz. Quem quiser salvar a vida, perdê-la-á

Candeia sob o alqueire. Por que fala Jesus por parábolas

1. Ninguém acende uma candeia para pô-la debaixo do alqueire; põe-na, ao contrário, sobre o candeeiro, a fim de que ilumine a todos os que estão na casa. (Mateus, 5:15.)

2. Ninguém há que, depois de ter acendido uma candeia, a cubra com um vaso, ou a ponha debaixo da cama; põe-na sobre o candeeiro, a fim de que os que entrem vejam a luz; pois nada há secreto que não haja de ser descoberto, nem nada oculto que não haja de ser conhecido e de aparecer publicamente. (Lucas, 8:16 e 17.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essas passagens são muito significativas e estão em perfeita sintonia com o tema do capítulo 24 do Evangelho Segundo o Espiritismo, que trata da prática dos ensinamentos de Jesus.

Elas destacam a importância de não ocultar a luz interior que possuímos, comparando-a a uma candeia que deve ser colocada em um lugar alto para iluminar a todos.

Isso nos lembra que nossas boas ações e virtudes não devem ser escondidas, mas sim compartilhadas para benefício de todos, como forma de iluminar o caminho daqueles que estão ao nosso redor.

Essas passagens nos convidam a refletir sobre a importância de vivermos de acordo com os ensinamentos de Jesus, agindo com

amor e compaixão, e compartilhando nossa luz interior com o mundo.

3. *Aproximando-se, disseram-lhe os discípulos: "Por que lhes falas por parábolas?" — Respondendo-lhes, disse Ele: "É porque a vós outros foi dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus; mas, a eles, isso não lhes foi dado.²³ Porque àquele que já tem, mais se lhe dará e ele ficará na abundância; àquele, entretanto, que não tem, mesmo o que tem se lhe tirará. Falo-lhes por parábolas, porque, vendo, não veem e, ouvindo, não escutam e não compreendem. E neles se cumprirá a profecia de Isaías, que diz: 'Ouvireis com os vossos ouvidos, e não escutareis; olhareis com os vossos olhos, e não vereis. Porque, o coração deste povo se tornou pesado, e seus ouvidos se tornaram surdos e fecharam os olhos para que seus olhos não vejam e seus ouvidos não ouçam, para que seu coração não compreenda e para que, tendo-se convertido, Eu não os cure.'"* (Mateus, 13:10 a 15.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem, também presente no capítulo 24 do Evangelho Segundo o Espiritismo, nos traz um ensinamento profundo sobre a compreensão dos ensinamentos espirituais.

Jesus explica aos discípulos que utiliza parábolas para ensinar porque eles têm a capacidade de compreender os mistérios do Reino dos Céus, enquanto outros não estão preparados para essa compreensão.

Ele cita uma profecia de Isaías para explicar que, para algumas pessoas, é necessário um despertar espiritual para que possam compreender a mensagem divina.

Essa passagem nos convida a refletir sobre a importância da abertura espiritual e da busca pelo entendimento dos ensinamentos de Jesus, para que possamos crescer espiritualmente e nos aproximar do Reino dos Céus.

4. É de causar admiração diga Jesus que a luz não deve ser colocada debaixo do alqueire, quando Ele próprio constantemente oculta o sentido de suas palavras sob o véu da alegoria, que nem todos podem compreender. Ele se explica, dizendo a seus apóstolos: "Falo-lhes por parábolas, porque não estão em condições de compreender certas coisas. Eles veem, olham, ouvem, mas não entendem. Fora, pois, inútil tudo dizer-lhes, por enquanto. Digo-o, porém,

a vós, porque dado vos foi compreender estes mistérios.” Procedia, portanto, com o povo, como se faz com crianças cujas ideias ainda se não desenvolveram. Desse modo, indica o verdadeiro sentido da sentença: “Não se deve pôr a candeia debaixo do alqueire, mas sobre o candeeiro, a fim de que todos os que entrem a possam ver.” Tal sentença não significa que se deva revelar inconscientemente todas as coisas.

Todo ensinamento deve ser proporcionado à inteligência daquele a quem se queira instruir, porquanto há pessoas a quem uma luz por demais viva deslumbraria, sem as esclarecer.

Dá-se com os homens, em geral, o que se dá em particular com os indivíduos. As gerações têm sua infância, sua juventude e sua maturidade. Cada coisa tem de vir na época própria; a semente lançada à terra, fora da estação, não germina; mas o que a prudência manda calar, momentaneamente, cedo ou tarde será descoberto, porque, chegados a certo grau de desenvolvimento, os homens procuram por si mesmos a luz viva; pesa-lhes a obscuridade. Tendo-lhes Deus outorgado a inteligência para compreenderem e se guiarem por entre as coisas da Terra e do céu, eles tratam de raciocinar sobre sua fé. É então que não se deve pôr a candeia debaixo do alqueire, visto que, sem a luz da razão, desfalece a fé. (Cap. XIX, item 7.)

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec ressalta a importância de adaptar o ensinamento espiritual ao nível de compreensão das pessoas, seguindo o exemplo de Jesus ao utilizar parábolas.

Ele compara esse processo ao modo como se ensina crianças, ajustando o conhecimento à capacidade de compreensão de cada um.

A passagem destaca que nem todos estão prontos para compreender certas verdades espirituais, sendo necessário respeitar o tempo de maturidade de cada indivíduo.

Kardec também enfatiza que, da mesma forma que as gerações têm seu tempo de desenvolvimento, as pessoas passam por fases em que estão mais receptivas a determinados conhecimentos.

Ele destaca que a luz da razão é essencial para a fé, pois sem compreensão, a fé pode se enfraquecer.

Dessa forma, a metáfora de não colocar a candeia debaixo do alqueire significa que não se deve esconder a verdade, mas apresentá-la de acordo com a capacidade de compreensão de cada um, para que a luz espiritual possa iluminar o caminho de todos.

5. Se, pois, em sua previdente sabedoria, a Providência só gradualmente revela as verdades, é claro que as desvenda à proporção que a Humanidade se vai mostrando amadurecida para as receber. Ela [a Providência] as mantém de reserva, e não sob o alqueire. Os homens, porém, que entram a possuí-las, quase sempre as ocultam do vulgo com o intento de o dominarem. São esses os que, verdadeiramente, colocam a luz debaixo do alqueire. É por isso que todas as religiões têm tido seus mistérios, cujo exame proíbem. Todavia, ao passo que essas religiões iam ficando para trás, a Ciência e a inteligência avançaram e romperam o véu misterioso. Havendo-se tornado adulto, o vulgo entendeu de penetrar o fundo das coisas e eliminou de sua fé o que era contrário à observação.

Não podem existir mistérios absolutos e Jesus está com a razão quando diz que nada há secreto que não venha a ser conhecido. Tudo o que se acha oculto será descoberto um dia e o que o homem ainda não pode compreender lhe será sucessivamente desvendado, em mundos mais adiantados, quando se houver purificado. Aqui na Terra, ele ainda se encontra em pleno nevoeiro.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec, neste item, aborda a questão dos mistérios nas religiões e a evolução do conhecimento humano.

Ele sugere que a Providência revele as verdades gradualmente, de acordo com o amadurecimento da humanidade para recebê-las.

Kardec critica a prática de ocultar conhecimentos com o objetivo de dominar o vulgo, afirmando que isso é colocar a luz debaixo do alqueire, ou seja, esconder a verdade.

Ele observa que ao longo da história, as religiões mantiveram seus mistérios e proibiram o exame desses mistérios, mas à medida que a ciência e a inteligência avançaram, o véu dos mistérios foi sendo rompido.

Kardec enfatiza que não podem existir mistérios absolutos e cita Jesus, concordando com sua afirmação de que nada há secreto que não venha a ser conhecido.

Ele também sugere que o homem, ao purificar-se, poderá compreender o que hoje lhe parece oculto, especialmente em mundos mais adiantados.

Aqui na Terra, segundo Kardec, ainda estamos em meio ao nevoeiro da ignorância, mas com o tempo e o progresso espiritual, seremos capazes de compreender mais profundamente as verdades espirituais.

6. Pergunta-se: que proveito podia o povo tirar dessa multidão de parábolas, cujo sentido se lhe conservava impenetrável? É de notar-se que Jesus somente se exprimiu por parábolas sobre as partes de certo modo abstratas da sua doutrina. Tendo feito, porém, da caridade para com o próximo e da humildade condições básicas da salvação, tudo o que disse a esse respeito é inteiramente claro, explícito e sem ambiguidade alguma. Assim devia ser, porque era a regra de conduta, regra que todos tinham de compreender para poderem observá-la. Era o essencial para a multidão ignorante, à qual Ele se limitava a dizer: "Eis o que é preciso se faça para ganhar o Reino dos Céus." Sobre as outras partes, apenas aos discípulos desenvolvia o seu pensamento. Por serem eles mais adiantados, moral e intelectualmente, Jesus pôde iniciá-los no conhecimento de verdades mais abstratas. Daí o haver dito: Aos que já têm, ainda mais se dará. (Cap. XVIII, item 15.)

Entretanto, mesmo com os apóstolos, conservou-se impreciso acerca de muitos pontos, cuja completa inteligência ficava reservada a ulteriores tempos. Foram esses pontos que deram ensejo a tão diversas interpretações, até que a Ciência, de um lado, e o Espiritismo, de outro, revelassem as novas Leis da Natureza, que lhes tornaram perceptível o verdadeiro sentido.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec neste item fala do uso de parábolas por Jesus em sua doutrina.

Ele destaca que Jesus utilizava parábolas para falar sobre questões abstratas, enquanto as questões fundamentais, como a caridade e a humildade, eram transmitidas de forma clara e explícita

A estratégia de ensino de Jesus através das parábolas é um aspecto fascinante de sua missão.

Ao usar histórias simples e acessíveis, ele conseguia transmitir conceitos profundos e universais de forma que as pessoas pudessem compreender e se identificar.

As parábolas funcionavam como metáforas, permitindo que cada ouvinte as interpretasse de acordo com sua própria experiência e compreensão.

Isso era especialmente importante porque Jesus estava lidando com uma variedade de pessoas, algumas das quais talvez não tivessem uma formação educacional formal e outras que poderiam ter uma compreensão mais profunda.

Ao mesmo tempo, Jesus reservava explicações mais detalhadas e profundas para seus discípulos, aqueles que estavam mais próximos a ele e que haviam demonstrado um compromisso mais profundo com seus ensinamentos.

Isso mostra a abordagem individualizada de Jesus no ensino espiritual, adaptando-se às necessidades e capacidades de cada pessoa.

A imprecisão mantida por Jesus em certos pontos de sua doutrina também é interessante.

Isso não significa que ele estava tentando confundir ou ocultar a verdade, mas sim que ele estava consciente da capacidade de compreensão de seus seguidores naquele momento específico.

Ele sabia que a plena compreensão de certos aspectos de sua mensagem exigiria tempo e desenvolvimento espiritual.

7. O Espiritismo, hoje, projeta luz sobre uma imensidade de pontos obscuros; não a lança, porém, inconsideradamente. Com admirável prudência se conduzem os Espíritos, ao darem suas instruções. Só gradual e sucessivamente consideraram as diversas partes já conhecidas da Doutrina, deixando as outras partes para serem reveladas à medida que se for tornando oportuno fazê-las sair da obscuridade. Se a houvessem apresentado completa desde o primeiro momento, somente a reduzido número de pessoas se teria ela mostrado acessível; houvera mesmo assustado as que não se achassem preparadas para recebê-la, do que resultaria ficar prejudicada a sua propagação. Se, pois, os Espíritos ainda não dizem tudo ostensivamente, não é porque haja na Doutrina mistérios em que só alguns privilegiados possam penetrar, nem porque eles coloquem a lâmpada debaixo do alqueire; é porque cada coisa tem de vir no momento oportuno. Eles dão a cada ideia tempo para amadurecer e propagar-se, antes que apresentem outra, e aos acontecimentos o de preparar a aceitação dessa outra.

NOSSO COMENTÁRIO

Aqui, Allan Kardec destaca a atuação dos Espíritos na transmissão dos ensinamentos espíritas, comparando-os ao cuidado de não colocar a luz debaixo do alqueire.

Ele menciona que o Espiritismo lança luz sobre muitos pontos obscuros, mas o faz de forma prudente, gradual e sucessiva.

Os Espíritos, segundo Kardec, instruem de maneira cuidadosa, apresentando as diversas partes da doutrina conforme a preparação e a receptividade das pessoas.

Kardec argumenta que se a doutrina fosse apresentada completa desde o início, apenas um número reduzido de pessoas a

compreenderia, e poderia assustar aqueles que não estivessem preparados para recebê-la, prejudicando assim sua propagação.

Portanto, os Espíritos agem de acordo com a oportunidade, permitindo que cada ideia amadureça e se propague antes de apresentarem outra, e permitindo que os acontecimentos preparem a aceitação dessas ideias.

Essa passagem ressalta a importância da gradualidade no ensino e na divulgação dos princípios espíritas, demonstrando o cuidado e a sabedoria dos Espíritos na transmissão desses ensinamentos.

Não vades ter com os gentios

8. Jesus enviou seus doze apóstolos, depois de lhes haver dado as instruções seguintes: Não procureis os gentios e não entreis nas cidades dos samaritanos. Ide, antes, em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel; e, nos lugares onde fordes, pregai, dizendo que o Reino dos Céus está próximo. (Mateus, 10:5 a 7.)

NOSSO COMENTÁRIO

No relato do Evangelho de Mateus, Jesus envia seus doze apóstolos com instruções específicas.

Ele os orienta a não procurarem os gentios nem entrarem nas cidades dos samaritanos, mas sim a irem em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel.

Jesus pede que eles preguem, anunciando que o Reino dos Céus está próximo.

Essas instruções refletem o contexto da época, em que havia uma divisão entre judeus e gentios, e os samaritanos eram vistos com desconfiança pelos judeus.

Jesus direciona os apóstolos para se concentrarem inicialmente naqueles que faziam parte do povo de Israel, simbolizando a prioridade em atender aos que já tinham algum conhecimento da fé judaica.

Essa passagem também ressalta a urgência e a proximidade do Reino dos Céus, incentivando os apóstolos a pregarem essa mensagem com vigor e dedicação.

9. Em muitas circunstâncias, prova Jesus que suas vistas não se circunscrem ao povo judeu, mas que abrangem a Humanidade toda. Se, portanto, diz a seus apóstolos que não vão ter com os pagãos, não é que desdenhe da conversão deles, o que nada teria de caridoso; é que os judeus, que já acreditavam no Deus uno e esperavam o Messias, estavam preparados, pela lei de Moisés e pelos profetas, a lhes acolherem a palavra. Com os pagãos, onde até mesmo a base faltava, estava tudo por fazer e os apóstolos não se achavam ainda bastante esclarecidos para tão pesada tarefa. Foi por isso que lhes disse: "Ide em busca das ovelhas transviadas de Israel", isto é, ide semear em terreno já arroteado. Sabia que a conversão dos gentios se daria a seu tempo. Mais tarde, com efeito, os apóstolos foram plantar a cruz no centro mesmo do Paganismo.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec explica a razão pela qual Jesus instruiu seus apóstolos a não irem aos gentios, mas sim às ovelhas perdidas da casa de Israel.

Ele argumenta que Jesus não estava desdenhando a conversão dos gentios, mas sim considerando a preparação espiritual das pessoas.

Os judeus, que já acreditavam no Deus único e esperavam o Messias, estavam mais preparados para receber a mensagem dos apóstolos, pois já tinham uma base religiosa estabelecida pela lei de Moisés e pelos profetas.

Por outro lado, os pagãos não tinham essa base e estavam mais distantes espiritualmente, o que tornaria a tarefa dos apóstolos mais difícil e complexa.

Kardec sugere que Jesus instruiu os apóstolos a se concentrarem inicialmente nos judeus porque era um terreno já arroteado, ou seja, preparado para receber a semente da palavra divina.

Ele sabia que a conversão dos gentios ocorreria, mas no momento certo, quando os apóstolos estivessem mais preparados para essa missão.

Mais tarde, de fato, os apóstolos foram pregar entre os gentios, levando a mensagem de Jesus para além das fronteiras do povo judeu.

10. Essas palavras podem também aplicar-se aos adeptos e aos disseminadores do Espiritismo. Os incrédulos sistemáticos, os zombadores obstinados, os adversários interessados são para eles o que eram os gentios para os apóstolos. Que, pois, a exemplo destes, procurem, primeiramente, fazer prosélitos entre os de boa vontade, entre os que desejam luz, nos quais um gérmen fecundo se encontra e cujo número é grande, sem perderem tempo com os que não querem ver, nem ouvir e tanto mais resistem, por orgulho, quanto maior for a importância que se pareça ligar à sua conversão. Mais vale abrir os olhos a cem cegos que desejam ver claro, do que a um só que se compraza na treva, porque, assim procedendo, em maior proporção se aumentará o número dos sustentadores da causa. Deixar tranquilos os outros não é dar mostra de indiferença, mas de boa política. Chegar-lhes-á a vez, quando estiverem dominados pela opinião geral e escutarem a mesma coisa incessantemente repetida ao seu redor. Aí, julgarão que aceitam voluntariamente, por impulso próprio, a ideia, e não por pressão de outrem. Depois, há ideias que são como as sementes: não podem germinar fora da estação apropriada, nem em terreno que não tenha sido de antemão preparado, pelo que melhor é se espere o tempo propício e se cultivem primeiro as que germinem, para não acontecer que abortem as outras, em virtude de um cultivo demasiado intenso.

Na época de Jesus e em consequência das ideias acanhadas e materiais então em curso, tudo se circunscrevia e localizava. A casa de Israel era um pequeno povo; os gentios eram outros pequenos povos circunvizinhos. Hoje, as ideias se universalizam e espiritualizam. A luz nova não constitui privilégio de nenhuma nação; para ela não existem barreiras, tem o seu foco em toda parte e todos os homens são irmãos. Mas também os gentios já não são um povo,

são apenas uma opinião com que se topa em toda parte e da qual a verdade triunfa pouco a pouco, como do Paganismo triunfou o Cristianismo. Já não são combatidos com armas de guerra, mas com a força da ideia.

NOSSO COMENTÁRIO

Em suas explicações, Allan Kardec faz uma analogia entre os adeptos e disseminadores do Espiritismo e os apóstolos de Jesus.

Ele compara os incrédulos sistemáticos, os zombadores obstinados e os adversários interessados do Espiritismo aos gentios, ou seja, aqueles que estão mais distantes espiritualmente e menos receptivos à mensagem.

Kardec aconselha que, assim como os apóstolos, os espíritas devem primeiro buscar fazer prosélitos entre aqueles que têm boa vontade, entre os que desejam a luz da verdade.

Ele enfatiza a importância de não perder tempo com os que não estão dispostos a ver nem ouvir, pois isso só geraria resistência e obstáculos ao progresso da doutrina.

O autor sugere que é mais eficaz concentrar esforços naqueles que estão receptivos, pois ao aumentar o número de adeptos entre os que desejam a luz, a causa espírita será fortalecida e a opinião geral se tornará mais favorável.

Ele compara as ideias espíritas a sementes que só podem germinar na época apropriada e em terreno preparado, destacando a importância de esperar o tempo propício para sua propagação.

Kardec também observa que, diferentemente da época de Jesus, em que as ideias eram circunscritas e localizadas, hoje as ideias se universalizam e espiritualizam.

Ele destaca que a verdade não é um privilégio de nenhuma nação e que todos os homens são irmãos, enfatizando a universalidade e a espiritualidade do Espiritismo.

Não são os que gozam saúde que precisam de médico

11. *Estando Jesus à mesa em casa desse homem (Mateus), vieram aí ter muitos publicanos e gente de má vida, que se puseram à mesa com Jesus e seus discípulos; o que fez que os fariseus, notando-o, dissessem aos discípulos: "Como é que o vosso Mestre come com publicanos e pessoas de má vida?" — Tendo-os ouvido, disse-lhes Jesus: "Não são os que gozam saúde que precisam de médico." (Mateus, 9:10 a 12.)*

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem evangélica é bastante significativa e ilustra um dos aspectos fundamentais do ensinamento de Jesus: a acolhida e o amor incondicional.

Ao se sentar à mesa com publicanos e pessoas de má vida, Jesus demonstra que seu amor e sua mensagem se estendem a todos, independentemente de seu status social ou moral.

A reação dos fariseus, que questionam a atitude de Jesus, reflete a mentalidade da época, que valorizava a separação e a exclusão dos considerados pecadores.

No entanto, Jesus responde com uma frase poderosa: "Não são os que gozam saúde que precisam de médico."

Com essa afirmação, ele destaca sua missão de trazer cura espiritual aos que mais necessitam, aos que estão afastados da luz da verdade.

Essa passagem nos convida a refletir sobre a importância da compaixão, da inclusão e do perdão em nossas vidas, seguindo o exemplo de Jesus ao acolher e amar a todos, sem distinção.

12. *Jesus se acercava, principalmente, dos pobres e dos deserdados, porque são os que mais necessitam de consolações; dos cegos dóceis e de boa-fé, porque pedem se lhes dê a vista, e não dos orgulhosos que julgam possuir toda a luz e de nada precisar. (Veja-se: Introdução, artigo: Publicanos, Portageiros.)*

Essas palavras, como tantas outras, encontram no Espiritismo a aplicação que lhes cabe. Há quem se admire de que, por vezes, a mediunidade seja concedida a pessoas indignas, capazes de a usarem mal. Parece, dizem, que tão preciosa faculdade devesse ser atributo exclusivo dos de maior merecimento.

Digamos, antes de tudo, que a mediunidade é inerente a uma disposição orgânica, de que qualquer homem pode ser dotado, como da de ver, de ouvir, de falar. Ora, nenhuma há de que o homem, por efeito do seu livre-arbítrio, não possa abusar, e se Deus não houvesse concedido, por exemplo, a palavra senão aos incapazes de proferirem coisas más, maior seria o número dos mudos do que o dos que falam. Deus outorgou faculdades ao homem e lhe dá a liberdade de usá-las, mas não deixa de punir o que delas abusa.

Se só aos mais dignos fosse concedida a faculdade de comunicar com os Espíritos, quem ousaria pretendê-la? Onde, ademais, o limite entre a dignidade e a indignidade? A mediunidade é conferida sem distinção, a fim de que os Espíritos possam trazer a luz a todas as camadas, a todas as classes da sociedade, ao pobre como ao rico; aos retos, para os fortificar no bem, aos viciosos para os corrigir. Não são estes últimos os doentes que necessitam de médico? Por que Deus, que não quer a morte do pecador, o privaria do socorro que o pode arrancar ao lameiro? Os bons Espíritos lhe vêm em auxílio e seus conselhos, dados diretamente, são de natureza a impressioná-lo de modo mais vivo, do que se os recebesse indiretamente. Deus, em sua bondade, para lhe poupar o trabalho de ir buscá-la longe, nas mãos lhe coloca a luz. Não será ele bem mais culpado, se não a quiser ver? Poderá desculpar-se com a sua ignorância, quando ele mesmo haja escrito com suas mãos, visto com seus próprios olhos, ouvido com seus próprios ouvidos, e pronunciado com a própria boca a sua condenação? Se não aproveitar, será então punido pela perda ou pela perversão da faculdade que lhe fora outorgada e da qual, nesse caso, se aproveitam os maus Espíritos para o obsidiarem e enganarem, sem prejuízo das aflições reais com que Deus castiga os servidores indignos e os corações que o orgulho e o egoísmo endureceram.

A mediunidade não implica necessariamente relações habituais com os Espíritos superiores. É apenas uma aptidão para servir de instrumento mais ou menos dúctil aos Espíritos, em geral. O bom médium, pois, não é aquele que comunica facilmente, mas aquele que é simpático aos bons Espíritos e somente deles tem assistência. Unicamente neste sentido é que a excelência das qualidades morais se torna onipotente sobre a mediunidade.

NOSSO COMENTÁRIO

Aqui, Allan Kardec continua abordando a questão da mediunidade e sua relação com a dignidade moral.

Ele começa destacando que Jesus se aproximava dos pobres e dos deserdados, bem como dos cegos dóceis e de boa-fé, porque são os que mais necessitam de consolação e de ajuda espiritual.

Kardec faz uma analogia entre a atitude de Jesus e a concessão da mediunidade, afirmando que ela é inerente a uma disposição orgânica e pode ser concedida a qualquer pessoa, independentemente de seu merecimento moral.

Ele argumenta que, se a mediunidade fosse reservada apenas aos mais dignos, poucos poderiam aspirar a ela, pois o limite entre a dignidade e a indignidade é subjetivo e relativo.

O autor ressalta que a mediunidade é conferida sem distinção para que os Espíritos possam levar a luz a todas as camadas da sociedade, aos bons para fortalecê-los no bem e aos viciosos para corrigi-los.

Ele enfatiza que a mediunidade não implica necessariamente em relações habituais com os Espíritos superiores, mas é uma aptidão para servir como instrumento para os Espíritos em geral.

Kardec destaca que o bom médium não é aquele que comunica facilmente, mas sim aquele que é simpático aos bons Espíritos e só recebe assistência deles.

Ele enfatiza que a excelência das qualidades morais é fundamental para que a mediunidade seja utilizada de forma benéfica e construtiva, evitando assim os perigos de obsessão e engano por parte dos maus Espíritos.

Coragem da fé

13. Aquele que me confessar e me reconhecer diante dos homens, Eu também o reconhecerei e confessarei diante de meu Pai que está nos céus; e aquele que me renegar diante

dos homens, também Eu o renegarei diante de meu Pai que está nos céus. (Mateus, 10:32 e 33.)

14. Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, o Filho do Homem também dele se envergonhará, quando vier na sua glória e na de seu Pai e dos santos anjos. (Lucas, 9:26.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essas passagens evangélicas destacam a importância da confissão e do reconhecimento de Jesus diante dos homens.

No item 13, Jesus afirma que aquele que o confessar e o reconhecer diante dos homens, ele também o reconhecerá e confessará diante de seu Pai nos céus.

Por outro lado, aquele que o renegar diante dos homens, também será renegado por Jesus diante de seu Pai.

No item 14, Jesus adverte sobre a vergonha de se envergonhar dele e de suas palavras.

Ele diz que aquele que se envergonhar dele, o Filho do Homem também se envergonhará dele quando vier na sua glória, na glória de seu Pai e dos santos anjos.

Essas passagens ressaltam a importância da fé pública e do testemunho de Jesus diante dos homens.

Elas também alertam sobre as consequências da negação ou vergonha em relação a Jesus e suas palavras, sugerindo que a postura diante da fé pode influenciar a relação com Deus e a própria salvação espiritual.

15. A coragem das opiniões próprias sempre foi tida em grande estima entre os homens, porque há mérito em afrontar os perigos, as perseguições, as contradições e até os simples sarcasmos, aos quais se expõe, quase sempre, aquele que não teme proclamar abertamente ideias que não são as de toda gente. Aqui, como em tudo, o merecimento é proporcionado às circunstâncias e à importância do resultado. Há sempre fraqueza em recuar alguém diante das consequências que lhe acarreta a sua opinião e em renegá-la; mas há casos

em que isso constitui covardia tão grande, quanto fugir no momento do combate.

Jesus profliga essa covardia, do ponto de vista especial da sua doutrina, dizendo que, se alguém se envergonhar de suas palavras, desse também Ele se envergonhará; que renegará aquele que o haja renegado; que reconhecerá, perante o Pai que está nos céus, aquele que o confessar diante dos homens. Por outras palavras: aqueles que se houverem arreçado de se confessarem discípulos da verdade não são dignos de se ver admitidos no Reino da Verdade. Perderão as vantagens da fé que alimentem, porque se trata de uma fé egoísta que eles guardam para si, ocultando-a para que não lhes traga prejuízo neste mundo, ao passo que aqueles que, pondo a verdade acima de seus interesses materiais, a proclamam abertamente, trabalham pelo seu próprio futuro e pelo dos outros.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec discute a coragem de manter opiniões próprias, mesmo diante de perseguições e contradições, destacando que isso sempre foi valorizado entre os homens.

Ele ressalta que há mérito em proclamar abertamente ideias que não são as da maioria, pois isso demonstra coragem e firmeza de princípios.

Kardec relaciona essa coragem com as palavras de Jesus, que condenou a vergonha e o renegamento de suas palavras.

Ele argumenta que aqueles que se envergonham da verdade e a ocultam por medo de prejuízos materiais neste mundo estão agindo com covardia.

Por outro lado, aqueles que colocam a verdade acima de seus interesses materiais e a proclamam abertamente estão trabalhando não apenas pelo seu próprio futuro, mas também pelo dos outros.

Essa reflexão destaca a importância da coragem e da sinceridade na busca pela verdade, mostrando que a fé verdadeira não deve

ser ocultada ou envergonhada, mas sim proclamada com firmeza e convicção, independentemente das consequências.

16. Assim será com os adeptos do Espiritismo. Pois que a doutrina que professam mais não é do que o desenvolvimento e a aplicação da do Evangelho, também a eles se dirigem as palavras do Cristo. Eles semeiam na Terra o que colherão na vida espiritual. Colherão lá os frutos da sua coragem ou da sua fraqueza.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec estabelece um paralelo entre os adeptos do Espiritismo e as palavras de Jesus no Evangelho.

Afirma-se que, tal como os seguidores de Jesus, os adeptos do Espiritismo também serão julgados pelas suas ações e pela coragem ou fraqueza de suas convicções.

Destaca-se que os espíritas estão semeando na Terra aquilo que colherão na vida espiritual; ou seja, suas ações e atitudes terão consequências não apenas no mundo material, mas também no mundo espiritual.

Sugere-se que a coragem de professar e viver os ensinamentos espíritas será recompensada, enquanto a fraqueza em seguir esses princípios terá suas consequências.

Esta reflexão reforça a ideia de que o Espiritismo não é apenas uma doutrina filosófica, mas também uma proposta de transformação moral e espiritual.

Os espíritas são incentivados a viver de acordo com os princípios espíritas, pois isso não apenas contribui para o seu próprio desenvolvimento espiritual, mas também para o progresso da humanidade como um todo.

Carregar sua cruz. Quem quiser salvar a vida, perdê-la-á

17. Bem-ditosos sereis quando os homens vos odiarem e separarem, quando vos tratarem injuriosamente, quando repelirem como mau o vosso nome, por causa do Filho do Homem. Rejubilai nesse dia e ficai em transportes de alegria, porque grande recompensa vos está reservada no céu, visto que era assim que os pais deles tratavam os profetas. (Lucas, 6:22 e 23.)

18. Chamando para perto de si o povo e os discípulos, disse-lhes: "Se alguém quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me; porquanto, aquele que se quiser salvar a si mesmo, perder-se-á; e aquele que se perder por amor de mim e do Evangelho se salvará." — Com efeito, de que serviria a um homem ganhar o mundo todo e perder-se a si mesmo? (Marcos, 8:34 a 36; Lucas, 9:23 a 25; Mateus, 10:38 e 39; João, 12:25 e 26.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esses relatos evangélicos destacam a ideia de que os seguidores de Jesus podem enfrentar adversidades e perseguições por causa de sua fé, mas que devem se alegrar nessas situações, pois serão recompensados no céu.

No item 17, Jesus diz que os discípulos serão bem-aventurados quando forem odiados, separados e injuriados por causa dele, e que devem se alegrar nesses momentos, pois sua recompensa será grande no céu, seguindo o exemplo dos profetas do passado.

No item 18, Jesus chama os discípulos e o povo para perto de si e diz que aquele que quiser segui-lo deve renunciar a si mesmo, tomar a sua cruz e segui-lo.

Ele enfatiza que aquele que quiser salvar a sua vida a perderá, mas aquele que se perder por amor a ele e ao Evangelho se salvará.

Jesus questiona qual seria o benefício de ganhar o mundo inteiro e perder a si mesmo, destacando a importância de priorizar a vida espiritual e o seguimento de seus ensinamentos sobre os interesses materiais.

Esses ensinamentos ressaltam a importância da fidelidade e do compromisso com os princípios do Evangelho, mesmo diante das dificuldades e dos desafios que possam surgir.

Eles também apontam para a ideia de que a verdadeira recompensa está na vida espiritual, e não nos bens materiais deste mundo.

19. "Rejubilai-vos", diz Jesus, "quando os homens vos odiarem e perseguirem por minha causa, visto que sereis recompensados no céu." Podem traduzir-se assim essas verdades: "Considerai-vos ditosos, quando haja homens que, pela sua má vontade para convosco, vos deem ocasião de provar a sinceridade da vossa fé, porquanto o mal que vos façam redundará em proveito vosso. Lamentai-lhes a cegueira, porém, não os maldigais."

Depois, acrescenta: "Tome a sua cruz aquele que me quiser seguir", isto é, suporte corajosamente as tribulações que sua fé lhe acarretar, dado que aquele que quiser salvar a vida e seus bens, renunciando a mim, perderá as vantagens do Reino dos Céus, enquanto os que tudo houverem perdido neste mundo, mesmo a vida, para que a verdade triunfe, receberão, na vida futura, o prêmio da coragem, da perseverança e da abnegação de que deram prova. Mas aos que sacrificam os bens celestes aos gozos terrestres, Deus dirá: "Já recebestes a vossa recompensa."

NOSSO COMENTÁRIO

No item 19 deste capítulo, Allan Kardec menciona as palavras de Jesus em que instrui seus discípulos a se alegrarem ao enfrentar o ódio e a perseguição por causa de seu nome.

Isso, segundo Kardec, demonstra a sinceridade da fé dos discípulos, que será recompensada no céu.

Ele também os encoraja a tomar sua cruz e segui-lo, ou seja, a suportar corajosamente as dificuldades que surgirem devido à sua fé, pois aqueles que sacrificarem os bens terrenos pelos celestiais serão recompensados na vida futura.

Essas palavras de Jesus ressaltam a importância da fidelidade aos princípios espirituais, mesmo diante das adversidades, e mostram

que as recompensas do Reino dos Céus são reservadas para aqueles que perseverarem na fé e na prática do bem.

Ele adverte contra o apego aos prazeres terrenos, pois isso pode impedir o recebimento das recompensas espirituais.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XXV - Buscai e achareis

• Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará • Observai os pássaros do céu • Não vos afadigueis pela posse do ouro

Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará

1. Pedi e se vos dará; buscai e achareis; batei à porta e se vos abrirá; porquanto, quem pede recebe e quem procura acha e, àquele que bata à porta, abrir-se-á. Qual o homem, dentre vós, que dá uma pedra ao filho que lhe pede pão? Ou, se pedir um peixe, dar-lhe-á uma serpente? Ora, se, sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, não é lógico que, com mais forte razão, vosso Pai que está nos céus dê os bens verdadeiros aos que lhos pedirem? (Mateus, 7:7 a 11.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem do Evangelho de Mateus, capítulo 7, versículos 7 a 11, destaca a importância da fé e da confiança em Deus.

Jesus ensina que devemos pedir, buscar e bater, pois Deus está sempre pronto para nos atender.

Ele compara o amor e a generosidade de Deus com a relação entre pais terrenos e seus filhos, sugerindo que se os pais são capazes de dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais Deus, que é perfeito em amor e bondade, dará boas coisas aos que O buscam.

Essa passagem ressalta a importância da oração e da confiança em Deus para obter as bênçãos espirituais e materiais necessárias em nossas vidas.

Ela nos lembra que Deus é nosso Pai Amoroso e que Ele sempre está disposto a nos ouvir e nos abençoar conforme a Sua vontade e sabedoria.

2. Do ponto de vista terreno, a máxima: Buscai e achareis é análoga a esta outra: Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará. É o princípio da lei do trabalho e, por conseguinte, da lei do progresso, porquanto o progresso é filho do trabalho, visto que este põe em ação as forças da inteligência.

Na infância da Humanidade, o homem só aplica a inteligência à cata do alimento, dos meios de se preservar das intempéries e de se defender dos seus inimigos. Deus, porém, lhe deu, a mais do que outorgou ao animal, o desejo incessante do melhor, e é esse desejo que o impele à pesquisa dos meios de melhorar a sua posição, que o leva às descobertas, às invenções, ao aperfeiçoamento da Ciência, porquanto é a Ciência que lhe proporciona o que lhe falta. Pelas suas pesquisas, a inteligência se lhe engrandece, o moral se lhe depura. Às necessidades do corpo sucedem as do espírito: depois do alimento material, precisa ele do alimento espiritual. É assim que o homem passa da selvageria à civilização.

Mas bem pouca coisa é, imperceptível mesmo, em grande número deles, o progresso que cada um realiza individualmente no curso da vida. Como poderia então progredir a Humanidade, sem a preexistência e a reexistência da alma? Se as almas se fossem todos os dias, para não mais voltarem, a Humanidade se renovaria incessantemente com os elementos primitivos, tendo de fazer tudo, de aprender tudo. Não haveria, nesse caso, razão para que o homem se achasse hoje mais adiantado do que nas primeiras idades do mundo, uma vez que a cada nascimento todo o trabalho intelectual teria de recomeçar. Ao contrário, voltando com o progresso que já realizou e adquirindo de cada vez alguma coisa a mais, a alma passa gradualmente da barbárie à civilização material e desta à civilização moral. (Vede: cap. IV, item 17.)

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec, ao comentar a passagem "Buscai e achareis", resalta a importância do trabalho e da inteligência para o progresso humano.

Ele compara essa máxima com a ideia de "Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará", enfatizando que o progresso está diretamente ligado ao esforço humano.

Na visão de Kardec, o homem, dotado de inteligência, tem o desejo constante de melhorar sua condição, o que o leva a buscar meios de aprimorar sua posição social e espiritual.

Ele argumenta que o progresso individual de cada pessoa ao longo da vida, embora pareça pequeno, é fundamental para o progresso da humanidade como um todo.

Kardec também destaca a importância da reencarnação nesse processo evolutivo.

Ele argumenta que, se as almas não reencarnassem e não trouxessem consigo o progresso já alcançado, a humanidade estaria sempre recomeçando do zero.

Ao contrário, a reencarnação permite que a alma progrida gradualmente, passando da barbárie à civilização material e, posteriormente, à civilização moral.

3. Se Deus houvesse isentado do trabalho do corpo o homem, seus membros se teriam atrofiado; se o houvesse isentado do trabalho da inteligência, seu espírito teria permanecido na infância, no estado de instinto animal. Por isso é que lhe fez do trabalho uma necessidade e lhe disse: Procura e acharás; trabalha e produzirás. Dessa maneira serás filho das tuas obras, terás delas o mérito e serás recompensado de acordo com o que hajas feito.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec destaca a importância do trabalho tanto para o desenvolvimento físico quanto para o intelectual do homem.

Ele argumenta que se Deus tivesse isentado o homem do trabalho, seus membros teriam se atrofiado, e seu espírito teria permanecido no estado de instinto animal.

Assim, o trabalho é apresentado como uma necessidade para o homem, não apenas para garantir sua subsistência física, mas também para o desenvolvimento de sua inteligência e moralidade.

Kardec afirma que, através do trabalho, o homem se torna "filho das suas obras", ou seja, é responsável pelos resultados de suas ações.

Essa ideia está em consonância com a visão espírita de que o progresso individual está ligado ao esforço pessoal e que as experiências vivenciadas ao longo das diversas encarnações são fundamentais para o desenvolvimento moral e espiritual do ser humano.

4. Em virtude desse princípio é que os Espíritos não acorrem a poupar o homem ao trabalho das pesquisas, trazendo-lhe, já feitas e prontas a ser utilizadas, descobertas e invenções, de modo a não ter ele mais do que tomar o que lhe ponham nas mãos, sem o incômodo, sequer, de abaixar-se para apanhar, nem mesmo o de pensar. Se assim fosse, o mais preguiçoso poderia enriquecer-se e o mais ignorante tornar-se sábio à custa de nada e ambos se atribuírem o mérito do que não fizeram. Não, os Espíritos não vêm isentar o homem da lei do trabalho: vêm unicamente mostrar-lhe a meta que lhe cumpre atingir e o caminho que a ela conduz, dizendo-lhe: Anda e chegarás. Toparás com pedras; olha e afasta-as tu mesmo. Nós te daremos a força necessária, se a quiseres empregar. (O livro dos médiuns, 2a Parte, cap. XXVI, itens 291 e seguintes.)

NOSSO COMENTÁRIO

No contexto apresentado por Allan Kardec, ele discute a importância do esforço pessoal e do trabalho na busca pelo conhecimento e pelo progresso.

Ele destaca que os Espíritos não estão aqui para poupar o homem do trabalho de pesquisar e descobrir, trazendo-lhe soluções prontas e acabadas.

Se assim fosse, o mérito do progresso seria atribuído erroneamente aos mais preguiçosos e ignorantes.

Os Espíritos, segundo Kardec, estão presentes para orientar e mostrar o caminho a seguir, mas cabe ao homem o esforço e a dedicação para alcançar seus objetivos.

Eles incentivam o trabalho e a superação das dificuldades, oferecendo a força necessária para aqueles que estão dispostos a empregá-la.

Assim, o progresso espiritual e moral do homem está ligado ao seu próprio esforço e mérito, e não à intervenção direta dos Espíritos.

5. Do ponto de vista moral, essas palavras de Jesus significam: Pedi a luz que vos clareie o caminho e ela vos será dada; pedi forças para resistirdes ao mal e as tereis; pedi a assistência dos bons Espíritos e eles virão acompanhar-vos e, como o anjo de Tobias, vos guiarão; pedi bons conselhos e eles não vos serão jamais recusados; batei à nossa porta e ela se vos abrirá; mas pedi sinceramente, com fé, confiança e fervor; apresentai-vos com humildade, e não com arrogância, sem o que sereis abandonados às vossas próprias forças e as quedas que derdes serão o castigo do vosso orgulho. Tal o sentido das palavras: buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec interpreta as palavras de Jesus sobre pedir, buscar e bater como um convite à busca espiritual e ao crescimento moral.

Ele sugere que pedir luz significa buscar orientação espiritual e sabedoria para seguir o caminho correto; solicitar forças para resistir ao mal significa buscar a capacidade de manter-se íntegro diante das adversidades; buscar a assistência dos bons Espíritos significa procurar a ajuda espiritual para guiar nossas ações; e pedir bons conselhos significa buscar orientação moral e espiritual.

No entanto, ele destaca a importância de pedir sinceramente, com fé e humildade, para receber essas bênçãos, advertindo que a arrogância e a falta de sinceridade podem levar à ausência de auxílio espiritual e ao fracasso moral.

Observai os pássaros do céu

6. *Não acumuleis tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os comem e onde os ladrões os desenterram e roubam; acumulai tesouros no céu, onde nem a ferrugem, nem os vermes os comem; porquanto, onde está o vosso tesouro aí está também o vosso coração. Eis por que vos digo: "Não vos inquieteis por saber onde achareis o que comer para sustento da vossa vida, nem de onde tirareis vestes para cobrir o vosso corpo. Não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que as vestes?" Observai os pássaros do céu: não semeiam, não ceifam, nada guardam em celeiros; mas vosso Pai celestial os alimenta. Não sois muito mais do que eles? e qual, dentre vós, o que pode, com todos os seus esforços, aumentar de um côvado a sua estatura? Por que também vos inquietais pelo vestuário? Observai como crescem os lírios dos campos: não trabalham, nem fiam; entretanto, eu vos declaro que nem Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles. Ora, se Deus tem o cuidado de vestir dessa maneira a erva dos campos, que existe hoje e amanhã será lançada na fomalha, quanto maior cuidado não terá em vos vestir, ó homens de pouca fé! Não vos inquieteis, pois, dizendo: Que comeremos? ou: que beberemos? ou: de que nos vestiremos? como fazem os pagãos, que andam à procura de todas essas coisas; porque vosso Pai sabe que tendes necessidade delas. Buscai primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça, que todas essas coisas vos serão dadas de acréscimo.*

Assim, pois, não vos ponhais inquietos pelo dia de amanhã, porquanto o amanhã cuidará de si. A cada dia basta o seu mal. (Mateus, 6:19 a 21 e 25 a 34.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem do Evangelho segundo Mateus enfatiza a importância de não se preocupar excessivamente com as necessidades materiais, como comida, bebida e vestimenta, pois Deus provê a tudo isso.

Jesus compara a preocupação com essas coisas à inquietação dos pagãos, indicando que os verdadeiros seguidores devem buscar primeiro o Reino de Deus e sua justiça, confiando que as demais coisas lhes serão acrescentadas.

A mensagem central é a confiança na providência divina e a priorização das coisas espirituais sobre as preocupações de natureza material.

7. Interpretadas à letra, essas palavras seriam a negação de toda previdência, de todo trabalho e, conseqüentemente, de todo progresso. Com semelhante princípio, o homem limitar-se-ia a esperar passivamente. Suas forças

físicas e intelectuais conservar-se-iam inativas. Se tal fora a sua condição normal na Terra, jamais houvera ele saído do estado primitivo e, se dessa condição fizesse ele a sua lei para a atualidade, só lhe caberia viver sem fazer coisa alguma. Não pode ter sido esse o pensamento de Jesus, pois estaria em contradição com o que disse de outras vezes, com as próprias Leis da Natureza. Deus criou o homem sem vestes e sem abrigo, mas deu-lhe a inteligência para fabricá-los. (Cap. XIV, item 6; cap. XXV, item 2.)

Não se deve, portanto, ver, nessas palavras, mais do que uma poética alegoria da Providência, que nunca deixa ao abandono os que nela confiam, querendo, todavia, que esses, por seu lado, trabalhem. Se ela nem sempre acode com um auxílio material, inspira as ideias com que se encontram os meios de sair da dificuldade. (Cap. XXVII, item 8.)

Deus conhece as nossas necessidades e a elas provê, como for necessário. O homem, porém, insaciável nos seus desejos, nem sempre sabe contentar-se com o que tem: o necessário não lhe basta; reclama o supérfluo. A Providência, então, o deixa entregue a si mesmo. Frequentemente, ele se torna infeliz por culpa sua e por haver desatendido à voz que por intermédio da consciência o advertia. Nesses casos, Deus fá-lo sofrer as consequências, a fim de que lhe sirvam de lição para o futuro. (Cap. V, item 4.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec analisa a fala de Jesus sobre a providência divina, destacando que interpretá-la de forma literal levaria à negação do trabalho, da previdência e do progresso.

Ele argumenta que, se o homem apenas esperasse passivamente, suas forças físicas e intelectuais ficariam inativas, impedindo o progresso humano.

Kardec ressalta que Deus deu ao homem inteligência para criar suas próprias condições de vida, como vestimentas e abrigos, o que indica que a mensagem de Jesus deve ser entendida como uma alegoria da Providência.

A Providência divina, segundo Kardec, nunca abandona aqueles que nela confiam, mas também espera que as pessoas façam a sua parte, trabalhando para superar as dificuldades.

Ele destaca que, mesmo quando a ajuda não vem de forma material, a Providência inspira ideias e soluções para os problemas.

No entanto, o homem muitas vezes não se contenta com o necessário e busca o supérfluo, o que pode levá-lo à infelicidade por não ouvir a voz da consciência e desatender às orientações divinas.

Kardec conclui que Deus conhece as necessidades humanas e provê de acordo com o necessário, mas o homem, por sua insaciabilidade, muitas vezes precisa aprender com as consequências de suas escolhas.

8. A Terra produzirá o suficiente para alimentar a todos os seus habitantes, quando os homens souberem administrar, segundo as leis de justiça, de caridade e de amor ao próximo, os bens que ela dá. Quando a fraternidade reinar entre os povos, como entre as províncias de um mesmo império, o momentâneo supérfluo de um suprirá a momentânea insuficiência do outro; e cada um terá o necessário. O rico, então, considerar-se-á como um que possui grande quantidade de sementes; se as espalhar, elas produzirão pelo cêntuplo para si e para os outros; se, entretanto, comer sozinho as sementes, se as desperdiçar e deixar se perca o excedente do que haja comido, nada produzirão, e não haverá o bastante para todos. Se as amontoar no seu celeiro, os vermes as devorarão. Daí o haver Jesus dito: "Não acumuleis tesouros na Terra, pois que são perecíveis; acumulai-os no céu, onde são eternos." Em outros termos: não ligueis aos bens materiais mais importância do que aos espirituais e sabeis sacrificar os primeiros aos segundos. (Cap. XVI, itens 7 e seguintes.)

A caridade e a fraternidade não se decretam em leis. Se uma e outra não estiverem no coração, o egoísmo aí sempre imperará. Cabe ao Espiritismo fazê-las penetrar nele.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec aborda a questão da produção e distribuição dos recursos na Terra, afirmando que o planeta tem

capacidade para alimentar todos os seus habitantes se houver uma administração justa e solidária dos bens.

Ele destaca a importância da fraternidade entre os povos, comparando-a à relação entre as províncias de um mesmo império, onde o excesso de um lugar pode suprir a escassez de outro, garantindo que todos tenham o necessário.

Kardec utiliza a metáfora das sementes para ilustrar que a riqueza deve ser compartilhada e bem administrada, pois se for acumulada egoisticamente, não trará benefício nem para quem a possui.

Ele interpreta as palavras de Jesus sobre não acumular tesouros na Terra como um ensinamento para priorizar os valores espirituais sobre os materiais e estar disposto a sacrificar o material em prol do espiritual.

O autor enfatiza que a caridade e a fraternidade não podem ser impostas por leis, pois precisam estar presentes no coração das pessoas.

Ele destaca o papel do Espiritismo em promover esses valores, incentivando a transformação interior e a prática do amor ao próximo.

Não vos afadigueis pela posse do ouro

9. Não vos afadigueis por possuir ouro, ou prata, ou qualquer outra moeda em vossos bolsos. Não prepareis saco para a viagem, nem dois fatos, nem calçados, nem cajados, porquanto aquele que trabalha merece sustentado.

10. Ao entrardes em qualquer cidade ou aldeia, procurai saber quem é digno de vos hospedar e ficai na sua casa até que partais de novo. Entrando na casa, saudai-a assim: "Que a paz seja nesta casa." Se a casa for digna disso, a vossa paz virá sobre ela; se não o for, a vossa paz voltará para vós. Quando alguém não vos queira receber, nem escutar, sacudi, ao sairdes dessa casa ou cidade, a poeira dos vossos pés. Digo-vos, em verdade: "No dia do juízo, Sodoma e Gomorra serão tratadas menos rigorosamente do que essa cidade." (Mateus, 10:9 a 15.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esses versículos do Evangelho de Mateus (10:9-15) trazem instruções de Jesus aos seus discípulos sobre como devem se comportar em sua missão de pregar o evangelho.

Ele os orienta a não se preocuparem com riquezas materiais, como ouro, prata ou moedas, indicando que o trabalhador merece ser sustentado pelo seu trabalho.

Além disso, Jesus instrui os discípulos a não se preocuparem em levar muitos pertences em suas viagens, confiando na hospitalidade das pessoas que encontrarem pelo caminho.

Ele ensina que, ao entrarem em uma cidade ou aldeia, devem buscar quem seja digno de os hospedar e, ao serem acolhidos em uma casa, devem desejar paz àquele lugar.

Por outro lado, Jesus alerta que, se uma casa ou cidade não os receber bem, devem sacudir a poeira dos pés ao sair, como um símbolo de rejeição.

Ele compara a rejeição de suas palavras por uma cidade à condenação de Sodoma e Gomorra, cidades do Antigo Testamento conhecidas por sua perversidade e que foram destruídas por Deus.

11. Naquela época, nada tinham de estranhável essas palavras que Jesus dirigiu a seus apóstolos, quando os mandou, pela primeira vez, anunciar a Boa Nova. Estavam de acordo com os costumes patriarcais do Oriente, onde o viajor encontrava sempre acolhida na tenda; mas, então, os viajantes eram raros. Entre os povos modernos, o desenvolvimento da circulação houve de criar costumes novos. Os dos tempos antigos somente se conservam em países longínquos, onde ainda não penetrou o grande movimento. Se Jesus voltasse hoje, já não poderia dizer a seus apóstolos: "Ponde-vos a caminho sem provisões."

A par do sentido próprio, essas palavras guardam um sentido moral muito profundo. Proferindo-as, ensinava Jesus a seus discípulos que confiassem na Providência. Ademais, eles, nada tendo, não despertariam a cobiça nos que os recebessem. Era um meio de distinguirem dos egoístas os caridosos.

Por isso foi que lhes disse: “Procurai saber quem é digno de vos hospedar” ou: quem é bastante humano para agasalhar o viajante que não tem com que pagar, porquanto esses são dignos de escutar as vossas palavras; pela caridade deles é que os reconhecereis.

Quanto aos que não os quisessem receber, nem ouvir, recomendou Ele porventura aos apóstolos que os amaldiçoassem, que se lhes impusessem, que usassem de violência e de constrangimento para os converterem? Não; mandou, pura e simplesmente, que se fossem embora, à procura de pessoas de boa vontade.

O mesmo diz hoje o Espiritismo a seus adeptos: não violenteis nenhuma consciência; a ninguém forceis para que deixe a sua crença, a fim de adotar a vossa; não anatematizeis os que não pensem como vós; acolhei os que venham ter convosco e deixai tranquilos os que vos repelem. Lembrai-vos das palavras do Cristo. Outrora, o céu era tomado com violência; hoje o é pela brandura. (Cap. IV, itens 10 e 11.)

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec comenta a instrução de Jesus aos discípulos para que partissem em missão sem carregar provisões, confiando na Providência.

Ele destaca que, naquela época e na cultura do Oriente antigo, era comum oferecer hospitalidade aos viajantes, mas que essa prática foi se modificando com o desenvolvimento da circulação e dos costumes modernos.

Kardec ressalta que, além do sentido literal da instrução de Jesus, há um profundo significado moral.

Ao enviar os discípulos sem provisões, Jesus estava ensinando a confiar na Providência e a distinguir entre os egoístas e os caridosos.

Ele orientava os discípulos a buscar quem fosse digno de os hospedar, ou seja, quem fosse suficientemente humano para acolher o viajante desprovido de recursos, indicando que essas pessoas seriam dignas de ouvir suas palavras.

Além disso, Kardec destaca a orientação de Jesus para que os discípulos não insistissem com aqueles que não os recebessem bem, mas que seguissem adiante em busca de pessoas de boa vontade.

Ele compara essa atitude à recomendação do Espiritismo aos seus adeptos de não forçarem nenhuma consciência, não anatematizarem aqueles que pensam diferente e acolherem os que buscam sua doutrina, deixando em paz aqueles que a rejeitam.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XXVI - Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes

• Dom de curar • Preces pagas • Mercadores expulsos do templo • Mediunidade gratuita

Dom de curar

1. *Restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido. (Mateus, 10:8.)*

2. "Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido", diz Jesus a seus discípulos. Com essa recomendação, prescreve que ninguém se faça pagar daquilo por que nada pagou. Ora, o que eles haviam recebido gratuitamente era a faculdade de curar os doentes e de expulsar os demônios, isto é, os maus Espíritos. Esse dom Deus lhes dera gratuitamente, para alívio dos que sofrem e como meio de propagação da fé; Jesus, pois, recomendava-lhes que não fizessem dele objeto de comércio, nem de especulação, nem meio de vida.

NOSSO COMENTÁRIO

Este trecho do Evangelho Segundo o Espiritismo apresenta uma passagem na qual Jesus instrui seus discípulos a realizarem curas e a expulsarem demônios sem cobrar nada, pois receberam esses dons gratuitamente de Deus.

Allan Kardec comenta que essa recomendação visa impedir que tais capacidades se tornem objeto de comércio ou meio de vida, devendo ser utilizadas apenas para aliviar o sofrimento e propagar a fé.

Além de destacar a gratuidade dos dons recebidos pelos discípulos, Jesus também enfatiza a importância da caridade desinteressada ao instruí-los a darem livremente o que receberam, sem esperar qualquer retribuição material.

Essa orientação reflete não apenas a generosidade nas ações, mas também a pureza de intenção e o desapego aos bens terrenos, valores essenciais no ensinamento cristão.

Preces pagas

3. Disse em seguida a seus discípulos, diante de todo o povo que o escutava: "Precatai-vos dos escribas que se exibem a passear com longas túnicas, que gostam de ser saudados nas praças públicas e de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos festins; que, a pretexto de extensas preces, devoram as casas das viúvas. Essas pessoas receberão condenação mais rigorosa." (Lucas, 20:45 a 47; Marcos, 12:38 a 40; Mateus, 23:14.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta passagem, Jesus adverte seus discípulos sobre a conduta hipócrita dos escribas e fariseus, destacando sua ostentação e busca por reconhecimento público.

Ele os alerta para não seguirem o exemplo desses líderes religiosos que, apesar de sua aparente devoção e piedade, exploram os mais fracos e desfavorecidos.

A condenação mais rigorosa mencionada indica a gravidade da atitude desses líderes religiosos, que contrariam os princípios de humildade, justiça e verdadeira religiosidade ensinados por Jesus.

4. Disse também Jesus: não façais que vos paguem as vossas preces; não façais como os escribas que, "a pretexto de longas preces, devoram as casas das viúvas", isto é, abocanham as fortunas. A prece é ato de caridade, é um arroubo do coração. Cobrar alguém que se dirija a Deus por outrem é transformar-se em intermediário assalariado. A prece, então, fica sendo uma fórmula, cujo comprimento se proporciona à soma que custe. Ora, uma de duas: Deus ou mede ou não mede as suas graças pelo número das palavras. Se estas forem necessárias em grande número, por que dizê-las poucas, ou quase nenhuma, por aquele que não pode pagar? É falta de caridade. Se uma só basta, é inútil dizê-las em excesso. Por que então cobrá-las? É prevaricação.

Deus não vende os benefícios que concede. Como, pois, um que não é, sequer, o distribuidor deles, que não pode garantir a sua obtenção, cobraria um pedido que talvez nenhum resultado produza? Não é possível que Deus

subordine um ato de clemência, de bondade ou de justiça, que da sua misericórdia se solicite, a uma soma em dinheiro. Do contrário, se a soma não fosse paga, ou fosse insuficiente, a justiça, a bondade e a clemência de Deus ficariam em suspenso. A razão, o bom senso e a lógica dizem ser impossível que Deus, a perfeição absoluta, delegue a criaturas imperfeitas o direito de estabelecer preço para a sua justiça. A Justiça de Deus é como o Sol: existe para todos, para o pobre como para o rico. Pois que se considera imoral traficar com as graças de um soberano da Terra, poder-se-á ter por lícito o comércio com as do soberano do Universo?

Ainda outro inconveniente apresentam as preces pagas: é que aquele que as compra se julga, as mais das vezes, dispensado de orar ele próprio, porquanto se considera quite, desde que deu o seu dinheiro. Sabe-se que os Espíritos se sentem tocados pelo fervor de quem por eles se interessa. Qual pode ser o fervor daquele que comete a terceiro o encargo de por ele orar, mediante paga? Qual o fervor desse terceiro, quando delega o seu mandato a outro, este a outro e assim por diante? Não será isso reduzir a eficácia da prece ao valor de uma moeda em curso?

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec destaca a importância da sinceridade e do desinteresse na prática da prece.

Ele critica a atitude dos escribas que, sob pretexto de longas preces, exploravam as viúvas, sugerindo que buscavam recompensa terrena por suas práticas religiosas.

Kardec ressalta que a prece deve ser um ato de caridade e devoção, não um meio de ganho material.

Ele argumenta que Deus não vende os benefícios que concede e que a eficácia da prece não está relacionada ao número de palavras ou ao valor pago, mas sim à sinceridade e ao fervor do coração daquele que ora.

Além disso, ele alerta para os perigos de delegar a oração a terceiros mediante pagamento, pois isso reduziria a eficácia da prece ao

valor de uma moeda em circulação, em vez de ser um ato verdadeiramente espiritual e sincero.

Mercadores expulsos do templo

5. *Eles vieram em seguida a Jerusalém, e Jesus, entrando no templo, começou por expulsar dali os que vendiam e compravam; derribou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam pombos; e não permitiu que alguém transportasse qualquer utensílio pelo templo. Ao mesmo tempo os instruíu, dizendo: "Não está escrito: 'Minha casa será chamada casa de oração por todas as nações?' Entretanto, fizestes dela um covil de ladrões!" — Os príncipes dos sacerdotes, ouvindo isso, procuravam meio de o perderem, pois o temiam, visto que todo o povo era tomado de admiração pela sua doutrina. (Marcos, 11:15 a 18; Mateus, 21:12 e 13.)*

6. Jesus expulsou do templo os mercadores. Condenou assim o tráfico das coisas santas sob qualquer forma. Deus não vende a sua bênção, nem o seu perdão, nem a entrada no Reino dos Céus. Não tem, pois, o homem, o direito de lhes estipular preço.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec analisa a passagem em que Jesus expulsa os mercadores do templo, condenando o comércio de coisas sagradas.

Ele destaca que Deus não vende suas bênçãos, perdão ou a entrada no Reino dos Céus.

Portanto, o homem não tem o direito de estabelecer preço para essas coisas.

A atitude de Jesus é vista como uma crítica àqueles que buscavam lucrar com práticas religiosas, em vez de cultivar a verdadeira devoção e espiritualidade.

Kardec enfatiza a importância da pureza e do desinteresse nas práticas religiosas, destacando que a busca material não deve se sobrepor à busca espiritual e à verdadeira conexão com o divino.

Mediunidade gratuita

7. Os médiuns atuais — pois que também os apóstolos tinham mediunidade — igualmente receberam de Deus um dom gratuito: o de serem intérpretes dos Espíritos, para instrução dos homens, para lhes mostrar o caminho

do bem e conduzi-los à fé, não para lhes vender palavras que não lhes pertencem, a eles médiuns, visto que não são fruto de suas concepções, nem de suas pesquisas, nem de seus trabalhos pessoais. Deus quer que a luz chegue a todos; não quer que o mais pobre fique dela privado e possa dizer: não tenho fé, porque não a pude pagar; não tive o consolo de receber os encorajamentos e os testemunhos de afeição dos que pranteio, porque sou pobre. Tal a razão por que a mediunidade não constitui privilégio e se encontra por toda parte. Fazê-la paga seria, pois, desviá-la do seu providencial objetivo.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec enfatiza a gratuidade da mediunidade, um dom concedido por Deus para o benefício e instrução de todos, sem distinção de classe social.

Ele ressalta que os médiuns não devem comercializar suas faculdades, vendendo palavras que não são fruto de suas próprias concepções, mas sim mensagens dos Espíritos.

Kardec destaca que Deus deseja que a luz da mediunidade alcance a todos, sem discriminação, para que ninguém fique privado da fé ou do consolo espiritual por falta de recursos financeiros.

Portanto, ele argumenta que cobrar pela mediunidade seria desvirtuar seu propósito divino.

8. Quem conhece as condições em que os bons Espíritos se comunicam, a repulsão que sentem por tudo o que é de interesse egoístico, e sabe quão pouca coisa se faz mister para que eles se afastem, jamais poderá admitir que os Espíritos superiores estejam à disposição do primeiro que apareça e os convoque a tanto por sessão. O simples bom senso repele semelhante ideia. Não seria também uma profanação evocarmos, por dinheiro, os seres que respeitamos, ou que nos são caros? É fora de dúvida que se podem assim obter manifestações; mas quem lhes poderia garantir a sinceridade? Os Espíritos levianos, mentirosos, brincalhões e toda a caterva dos Espíritos inferiores, nada escrupulosos, sempre acorrem, prontos a responder ao que se lhes pergunte, sem se preocuparem com a verdade. Quem, pois, deseje comunicações sérias deve, antes de tudo, pedi-las seriamente e, em seguida, inteirar-se da natureza das simpatias do médium com os seres do mundo espiritual. Ora, a primeira

condição para se granjear a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais absoluto desinteresse moral e material.

NOSSO COMENTÁRIO

É interessante notar o destaque dado por Allan Kardec à importância e à seriedade do desinteresse na prática da mediunidade ou no exercício mediúnico.

Ele argumenta que os Espíritos superiores não estão disponíveis para serem evocados por qualquer pessoa disposta a pagar por uma sessão.

Kardec enfatiza que os bons Espíritos se afastam de qualquer interesse egoísta e repudiam a ideia de serem convocados por dinheiro.

Ele questiona a sinceridade das manifestações obtidas dessa forma, alertando para a presença de Espíritos inferiores, os quais podem se manifestar sem preocupação com a verdade.

Para obter comunicações sérias, Kardec recomenda que o médium seja sério em suas intenções e busque a humildade, o devotamento e o desinteresse moral e material, condições que conquistam a benevolência dos bons Espíritos.

9. A par da questão moral, apresenta-se uma consideração efetiva não menos importante, que entende com a natureza mesma da faculdade. A mediunidade séria não pode ser e não o será nunca uma profissão, não só porque se desacreditaria moralmente, identificada para logo com a dos ledores da boa sorte, como também porque um obstáculo a isso se opõe. É que se trata de uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e mutável, com cuja perenidade, pois, ninguém pode contar. Constituiria, portanto, para o explorador, uma fonte absolutamente incerta de receitas, de natureza a poder faltar-lhe no momento exato em que mais necessária lhe fosse. Coisa diversa é o talento adquirido pelo estudo, pelo trabalho e que, por essa razão mesma, representa uma propriedade da qual naturalmente lícito é, ao seu possuidor, tirar partido. A mediunidade, porém, não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode tornar-se uma profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos; faltando

estes, já não há mediunidade. Pode subsistir a aptidão, mas o seu exercício se anula. Daí vem não haver no mundo um único médium capaz de garantir a obtenção de qualquer fenômeno espírita em dado instante. Explorar alguém a mediunidade é, conseqüentemente, dispor de uma coisa da qual não é realmente dono. Afirmar o contrário é enganar a quem paga. Há mais: não é de si próprio que o explorador dispõe; é do concurso dos Espíritos, das almas dos mortos, que ele põe a preço de moeda. Essa ideia causa instintiva repugnância. Foi esse tráfico, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição que motivou a proibição de Moisés. O moderno Espiritismo, compreendendo o lado sério da questão, pelo descrédito a que lançou essa exploração, elevou a mediunidade à categoria de missão. (Veja-se: O livro dos médiuns, 2a Parte, cap. XXVIII. O céu e o inferno, 1a Parte, cap. XI.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste trecho, Allan Kardec argumenta contra a ideia de transformar a mediunidade em uma profissão lucrativa.

Ele destaca que a mediunidade não pode ser uma profissão, pois é uma faculdade móvel, fugidia e mutável, que pode faltar no momento em que mais necessária for.

Ao contrário de um talento adquirido pelo estudo e trabalho, a mediunidade depende do concurso dos Espíritos, e sem eles, não há mediunidade.

Kardec enfatiza que explorar a mediunidade é dispor de algo que não se é realmente dono, já que se trata do concurso dos Espíritos, e não de si próprio.

Ele também aponta que essa prática foi motivo de proibição por Moisés e que o Espiritismo elevou a mediunidade à categoria de missão, ao descrever a exploração da mediunidade e destacar seu aspecto sério.

10. A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de

seus estudos, feitos, muita vez, à custa de sacrifícios penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, por vezes até a sua saúde. Podem pôr-lhes preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nada cobravam pelas curas que operavam.

Procure, pois, aquele que carece do que viver, recursos em qualquer parte, menos na mediunidade; não lhe consagre, se assim for preciso, senão o tempo de que materialmente possa dispor. Os Espíritos lhe levarão em conta o devotamento e os sacrifícios, ao passo que se afastam dos que esperam fazer deles uma escada por onde subam.

NOSSO COMENTÁRIO

A mediunidade é algo sagrado, que deve ser praticado de forma sagrada, religiosa.

Se há um tipo de mediunidade que exige essa condição de forma ainda mais absoluta, é a mediunidade curadora.

O médico oferece o fruto de seus estudos, muitas vezes feitos à custa de sacrifícios penosos.

O magnetizador oferece seu próprio fluido, às vezes até sua saúde. Eles podem colocar preço em seus serviços.

O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; ele não tem o direito de vendê-lo.

Jesus e os apóstolos, mesmo sendo pobres, não cobravam pelas curas que realizavam.

Portanto, aquele que necessita de meios para viver deve procurar recursos em qualquer lugar, menos na mediunidade; ele deve dedicar a ela, se necessário, apenas o tempo que possa dispor materialmente.

Os Espíritos reconhecerão seu devotamento e sacrifícios, ao passo que se afastarão daqueles que esperam usá-los como escada para alcançar seus próprios objetivos.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XXVII - Pedi e obtereis

• Qualidades da prece • Eficácia da prece • Ação da prece. Transmissão do pensamento • Preces inteligíveis • Da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores • Instruções dos Espíritos: Maneira de orar – Felicidade que a prece proporciona

Qualidades da prece

1. Quando orardes, não vos assemelheis aos hipócritas, que, afetadamente, oram de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas para serem vistos pelos homens. Digo-vos, em verdade, que eles já receberam sua recompensa. Quando quiserdes orar, entrai para o vosso quarto e, fechada a porta, orai a vosso Pai em secreto; e vosso Pai, que vê o que se passa em secreto, vos dará a recompensa. Não cuideis de pedir muito nas vossas preces, como fazem os pagãos, os quais imaginam que pela multiplicidade das palavras é que serão atendidos. Não vos torneis semelhantes a eles, porque vosso Pai sabe do que é que tendes necessidade, antes que lho peçais. (Mateus, 6:5 a 8.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem nos traz um ensinamento profundo sobre a oração e a relação íntima com o Pai.

Jesus nos alerta sobre a importância de não transformarmos a oração em um espetáculo para sermos vistos pelos outros, mas sim de realizá-la de forma sincera e íntima, em comunhão direta com Deus, em nosso próprio quarto, longe das ostentações externas.

Ele nos lembra que Deus conhece nossas necessidades e anseios, mesmo antes de expressá-los em palavras, e que a qualidade da nossa comunicação com Ele não está na quantidade de palavras, mas na sinceridade e pureza de nossos sentimentos.

Assim, a oração verdadeira é aquela que vem do coração, feita com humildade e fé, e não precisa de grandes demonstrações externas para ser eficaz.

2. Quando vos aprestardes para orar, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, a fim de que vosso Pai, que está nos céus, também vos perdoe os vossos pecados. Se não perdoardes, vosso Pai, que está nos céus, também não vos perdoará os pecados. (Marcos, 11:25 e 26.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esse ensinamento de Jesus, registrado no Evangelho de Marcos, reforça a importância do perdão em nossas vidas, especialmente no contexto da oração.

Jesus nos orienta a perdoar aqueles que nos magoaram ou contra os quais guardamos ressentimento, pois esse ato de perdão não apenas libera o outro, mas também nos liberta.

Ele nos lembra que, assim como buscamos o perdão de Deus por nossos próprios pecados, também devemos perdoar aqueles que nos ofenderam.

O perdão é uma atitude essencial para vivermos em paz e harmonia, e para mantermos uma relação íntima com Deus, pois Ele nos perdoa na medida em que perdoamos aos outros.

3. Também disse esta parábola a alguns que punham a sua confiança em si mesmos, como justos, e desprezavam os outros:

Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu, publicano o outro. O fariseu, conservando-se de pé, orava assim, consigo mesmo: "Meu Deus, rendo-vos graças por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como esse publicano. Jejuo duas vezes na semana; dou o dízimo de tudo o que possuo." O publicano, ao contrário, conservando-se afastado, não ousava, sequer, erguer os olhos ao céu; mas batia no peito, dizendo: "Meu Deus, tem piedade de mim, que sou um pecador." Declaro-vos que este voltou para a sua casa justificado, e o outro não; porquanto, aquele que se eleva será rebaixado e aquele que se humilha será elevado. (Lucas, 18:9 a 14.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa parábola de Jesus, registrada no Evangelho de Lucas, ensina-nos sobre a humildade e a verdadeira atitude de oração que devemos ter diante de Deus.

O fariseu, ao se vangloriar de suas boas ações e considerar-se superior aos outros, demonstra uma postura de arrogância e falta de humildade em sua oração.

Por outro lado, o publicano reconhece sua condição de pecador e clama a Deus por misericórdia, demonstrando humildade e contrição.

Jesus nos mostra que é a atitude de humildade e arrependimento que Deus valoriza em nossas orações, e não a ostentação de nossas boas obras ou a comparação com os outros.

Aqueles que se exaltam serão humilhados, enquanto os humildes serão exaltados por Deus.

Essa parábola nos convida a refletir sobre a sinceridade e a humildade de nossas próprias orações, buscando sempre uma relação íntima e verdadeira com o Pai.

4. Jesus definiu claramente as qualidades da prece. Quando orardes, diz Ele, não vos ponhais em evidência; antes, orai em secreto. Não afeteis orar muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que sereis escutados, mas pela sinceridade delas. Antes de orardes, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, visto que a prece não pode ser agradável a Deus, se não parte de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade. Orai, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu. Examinai os vossos defeitos, não as vossas qualidades e, se vos comparardes aos outros, procurai o que há em vós de mau. (Cap. X, itens 7 e 8.)

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec faz uma análise dos ensinamentos de Jesus sobre a oração, destacando as qualidades que devemos cultivar ao nos dirigirmos a Deus.

Ele ressalta a importância da discrição na oração, aconselhando que oremos em segredo, sem buscar chamar a atenção dos outros para nossas práticas espirituais.

Kardec também destaca a importância da sinceridade na oração, enfatizando que não é a quantidade de palavras que importa, mas sim a qualidade e a sinceridade do sentimento que as acompanha.

Além disso, ele ressalta a necessidade do perdão, afirmando que a prece não pode ser aceita por Deus se não procede de um coração purificado de sentimentos contrários à caridade.

Ao citar a parábola do fariseu e do publicano, Kardec reforça a importância da humildade na oração, comparando a postura arrogante do fariseu com a humilde atitude do publicano.

Ele nos lembra de que, ao orarmos, devemos examinar nossos próprios defeitos, em vez de nos compararmos aos outros, buscando sempre a melhoria interior e a purificação do coração.

Eficácia da prece

5. Seja o que for que peçais na prece, crede que o obtereis e concedido vos será o que pedirdes. (Marcos, 11:24.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste versículo do Evangelho de Marcos, Jesus nos ensina sobre a importância da fé na oração.

Ele nos diz que, ao fazermos nossas petições a Deus, devemos acreditar firmemente que receberemos o que pedimos, e então isso nos será concedido.

Esse ensinamento ressalta a confiança e a fé inabalável que devemos ter na resposta de Deus às nossas preces, demonstrando a importância da fé como elemento fundamental na relação entre o homem e o divino.

6. Há quem conteste a eficácia da prece, com fundamento no princípio de que, conhecendo Deus as nossas necessidades, inútil se torna expor-lhas. E acrescentam os que assim pensam que, achando-se tudo no Universo encadeado por leis eternas, não podem as nossas súplicas mudar os decretos de Deus.

Sem dúvida alguma há leis naturais e imutáveis que não podem ser abrogadas ao capricho de cada um; mas daí a crer-se que todas as circunstâncias da vida estão submetidas à fatalidade, vai grande distância.

Se assim fosse, nada mais seria o homem do que instrumento passivo, sem livre-arbítrio e sem iniciativa. Nessa hipótese, só lhe caberia curvar a cabeça ao jugo dos acontecimentos, sem cogitar de evitá-los; não deveria ter procurado desviar o raio. Deus não lhe outorgou a razão e a inteligência, para que ele as deixasse sem serventia; a vontade, para não querer; a atividade, para ficar inativo. Sendo livre o homem de agir num sentido ou noutro, seus atos lhe acarretam, e aos demais, consequências subordinadas ao que ele faz ou não. Há, pois, devidos à sua iniciativa, sucessos que forçosamente escapam à fatalidade e que não quebram a harmonia das leis universais, do mesmo modo que o avanço ou o atraso do ponteiro de um relógio não anula a lei do movimento sobre a qual se funda o mecanismo. Possível é, portanto, que Deus aceda a certos pedidos, sem perturbar a imutabilidade das leis que regem o conjunto, subordinada sempre essa anuência à sua vontade.

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta passagem do "Evangelho Segundo o Espiritismo", Allan Kardec aborda a eficácia da prece diante da ideia de que Deus conhece nossas necessidades e que tudo no Universo está sujeito a leis imutáveis.

Ele ressalta que, embora existam leis naturais e imutáveis, isso não significa que todas as circunstâncias da vida estejam submetidas à fatalidade.

Kardec argumenta que, se assim fosse, o homem seria apenas um instrumento passivo, sem livre-arbítrio ou iniciativa, o que não condiz com a capacidade intelectual e a liberdade de escolha que Deus concedeu ao ser humano.

Ele destaca que o livre-arbítrio permite ao homem agir de forma a influenciar os acontecimentos e que seus atos têm consequências que não estão totalmente determinadas pela fatalidade.

Assim, Kardec sugere que, embora existam leis universais imutáveis, Deus pode, de acordo com Sua vontade, atender aos pedidos do homem sem que isso perturbe a harmonia dessas leis.

Ele compara essa ideia à forma como o avanço ou o atraso do ponteiro de um relógio não anula a lei do movimento sobre a qual se baseia o mecanismo do relógio.

Dessa forma, a prece pode ter eficácia não por mudar as leis universais, mas por estar em conformidade com a vontade divina.

7. Desta máxima: "Concedido vos será o que quer que pedirdes pela prece", fora ilógico deduzir que basta pedir para obter e fora injusto acusar a Providência se não acede a toda súplica que se lhe faça, uma vez que ela sabe, melhor do que nós, o que é para nosso bem. É como procede um pai criterioso que recusa ao filho o que seja contrário aos seus interesses. Em geral, o homem apenas vê o presente; ora, se o sofrimento é de utilidade para a sua felicidade futura, Deus o deixará sofrer, como o cirurgião deixa que o doente sofra as dores de uma operação que lhe trará a cura.

O que Deus lhe concederá sempre, se ele o pedir com confiança, é a coragem, a paciência, a resignação. Também lhe concederá os meios de se tirar por si mesmo das dificuldades, mediante ideias que fará lhe sugiram os bons Espíritos, deixando-lhe dessa forma o mérito da ação. Ele assiste os que ajudam a si mesmos, de conformidade com esta máxima: "Ajuda-te, que o Céu te ajudará"; não assiste, porém, os que tudo esperam de um socorro estranho, sem fazer uso das faculdades que possui. Entretanto, as mais das vezes, o que o homem quer é ser socorrido por milagre, sem despender o mínimo esforço. (Cap. XXV, itens 1 e seguintes.)

NOSSO COMENTÁRIO

A interpretação sugerida por Allan Kardec, no Evangelho Segundo o Espiritismo, é que, ao pedirmos algo em nossas preces, Deus nos concede não necessariamente o que pedimos, mas sim a coragem, a paciência, a resignação e os meios para superarmos nossas dificuldades.

Ele nos ajuda a enxergar além do momento presente, guiando-nos para o que realmente é melhor para nosso crescimento espiritual e felicidade futura.

Allan Kardec discute a interpretação correta da máxima de Jesus: 'Concedido vos será o que quer que pedirdes pela prece'.

Ele argumenta que seria ilógico pensar que basta pedir algo na prece para obtê-lo, e seria injusto culpar a Providência caso a resposta não seja a desejada, pois Deus sabe melhor do que nós o que é para nosso bem.

Kardec compara a atitude de Deus ao conceder ou não um pedido à de um pai criterioso que recusa algo ao filho quando isso vai contra seus verdadeiros interesses.

Ele destaca que, muitas vezes, o homem só enxerga o presente e não compreende as razões por trás das dificuldades que enfrenta.

Assim como um cirurgião permite que um paciente sofra uma operação dolorosa para obter a cura, Deus permite que o homem passe por provações que serão benéficas para sua felicidade futura.

O autor ressalta que, ao pedir com confiança na prece, Deus concede a coragem, a paciência e a resignação necessárias para enfrentar as dificuldades.

Além disso, Ele também concede os meios para que o homem possa resolver seus problemas por si mesmo, através das ideias sugeridas pelos bons Espíritos, deixando-lhe assim o mérito da ação.

Kardec enfatiza que Deus ajuda aqueles que se ajudam, incentivando o esforço humano em busca de soluções, ao invés de esperar um socorro milagroso sem esforço próprio.

8. Tomemos um exemplo. Um homem se acha perdido no deserto. A sede o martiriza horrivelmente. Desfalecido, cai por terra. Pede a Deus que o assista, e espera. Nenhum anjo lhe virá dar de beber. Contudo, um bom Espírito lhe sugere a ideia de levantar-se e tomar um dos caminhos que tem diante de si. Por um movimento maquinal, reunindo todas as forças que lhe restam, ele se ergue, caminha e descobre ao longe um regato. Ao divisá-lo, ganha coragem. Se tem fé, exclamará: "Obrigado, meu Deus, pela ideia que me inspiraste e pela força que me deste." Se lhe falta a fé, exclamará: "Que boa ideia tive! Que sorte a minha de tomar o caminho da direita, em vez do da esquerda; o acaso, às vezes, nos serve admiravelmente! Quanto me felicito pela minha coragem e por não me ter deixado abater!"

Mas dirão, por que o bom Espírito não lhe disse claramente: "Segue este caminho, que encontrarás o de que necessitas"? Por que não se lhe mostrou para o guiar e sustentar no seu desfalecimento? Dessa maneira tê-lo-ia convencido da intervenção da Providência. Primeiramente, para lhe ensinar que cada um deve ajudar a si mesmo e fazer uso das suas forças. Depois, pela incerteza, Deus põe à prova a confiança que nele deposita a criatura e a submissão desta à sua vontade. Aquele homem estava na situação de uma criança que cai e que, dando com alguém, se põe a gritar e fica à espera de que a venham levantar; se não vê pessoa alguma, faz esforços e se ergue sozinha.

Se o anjo que acompanhou Tobias lhe houvera dito: "Sou enviado por Deus para te guiar na tua viagem e te preservar de todo perigo", nenhum mérito teria tido Tobias. Fiando-se no seu companheiro, nem sequer de pensar teria precisado. Essa a razão por que o anjo só se deu a conhecer ao regressarem.

NOSSO COMENTÁRIO

Aqui, Kardec utiliza um exemplo para ilustrar como a ajuda espiritual pode se manifestar em nossas vidas.

Ele descreve um homem perdido no deserto, sofrendo de sede e pedindo a Deus por ajuda.

Nesse momento de desespero, um bom Espírito lhe sugere a ideia de levantar-se e seguir um dos caminhos à sua frente.

O homem, reunindo suas últimas forças, segue a sugestão e encontra um regato, que o salva da sede.

Kardec argumenta que, embora o Espírito não tenha aparecido para guiar diretamente o homem ou lhe dado instruções claras, a sugestão que ele recebeu foi a resposta à sua prece.

Essa ajuda foi dada de forma a estimular a iniciativa e a fé do homem, mostrando-lhe que ele deve ajudar a si mesmo e fazer uso de suas próprias forças.

Além disso, a incerteza da situação testou a confiança e a submissão do homem à vontade divina.

Ao citar o exemplo do anjo que acompanhou Tobias, Kardec ressalta que a ajuda espiritual muitas vezes não é evidente, para que tenhamos mérito em nossa jornada.

Se o anjo tivesse se revelado desde o início, Tobias não teria tido a oportunidade de exercitar sua fé e confiança em Deus.

Dessa forma, a intervenção espiritual muitas vezes se dá de maneira sutil, estimulando-nos a agir com fé, coragem e confiança na orientação divina.

Ação da prece. Transmissão do pensamento

9. A prece é uma invocação, mediante a qual o homem entra, pelo pensamento, em comunicação com o ser a quem se dirige. Pode ter por objeto um pedido, um agradecimento, ou uma glorificação. Podemos orar por nós mesmos ou por outrem, pelos vivos ou pelos mortos. As preces feitas a Deus escutam-nas os Espíritos incumbidos da execução de suas vontades; as que se dirigem aos bons Espíritos são reportadas a Deus. Quando alguém ora a outros seres que não a Deus, fá-lo recorrendo a intermediários, a intercessores, porquanto nada sucede sem a vontade de Deus.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste capítulo, Allan Kardec explora a natureza da prece como uma forma de comunicação do homem com o ser a quem se dirige, seja Deus ou outros seres espirituais.

Ele destaca que a prece pode ter diferentes objetivos, como fazer um pedido, expressar gratidão ou glorificar o ser a quem se ora.

Além disso, a prece pode ser feita tanto para benefício próprio quanto para o benefício de outros, tanto para os vivos quanto para os mortos.

Kardec explica que as preces feitas a Deus são ouvidas pelos Espíritos encarregados de executar Sua vontade, enquanto as preces dirigidas aos bons Espíritos são reportadas a Deus.

Ele ressalta que, ao orar a outros seres que não a Deus, o indivíduo está recorrendo a intermediários ou intercessores, pois nada acontece sem a vontade de Deus.

Essa visão da prece destaca a importância da intenção e do direcionamento correto do pensamento na comunicação com o plano espiritual, mostrando que a prece é uma ferramenta poderosa para estabelecer e fortalecer essa conexão.

10. O Espiritismo torna compreensível a ação da prece, explicando o modo de transmissão do pensamento, quer no caso em que o ser a quem oramos acuda ao nosso apelo, quer no em que apenas lhe chegue o nosso pensamento. Para apreendermos o que ocorre em tal circunstância, precisamos conceber mergulhados no fluido universal, que ocupa o Espaço, todos os seres, encarnados e desencarnados, tal qual nos achamos, neste mundo, dentro da atmosfera. Esse fluido recebe da vontade uma impulsão; ele é o veículo do pensamento, como o ar o é do som, com a diferença de que as vibrações do ar são circunscritas, ao passo que as do fluido universal se estendem ao infinito. Dirigido, pois, o pensamento para um ser qualquer, na Terra ou no Espaço, de encarnado para desencarnado, ou vice-versa, uma corrente fluídica se estabelece entre um e outro, transmitindo de um ao outro o pensamento, como o ar transmite o som.

A energia da corrente guarda proporção com a do pensamento e da vontade. É assim que os Espíritos ouvem a prece que lhes é dirigida, qualquer que seja o lugar onde se encontrem; é assim que os Espíritos se comunicam entre si, que nos transmitem suas inspirações, que relações se estabelecem a distância entre encarnados.

Essa explicação vai, sobretudo, com vistas aos que não compreendem a utilidade da prece puramente mística. Não tem por fim materializar a prece, mas tornar-lhe inteligíveis os efeitos, mostrando que pode exercer ação direta e efetiva. Nem por isso deixa essa ação de estar subordinada à vontade de Deus, Juiz supremo em todas as coisas, único apto a torná-la eficaz.

NOSSO COMENTÁRIO

O Espiritismo torna compreensível a ação da prece, através da explicação do modo de transmissão do pensamento.

Ele compara o fluido universal, que ocupa o espaço onde todos os seres, encarnados e desencarnados, estão imersos, à atmosfera terrestre.

Assim como o ar é o veículo do som, o fluido universal é o veículo do pensamento.

Ao dirigirmos nosso pensamento para um ser, encarnado ou desencarnado, uma corrente fluídica é estabelecida, transmitindo o pensamento de um para o outro.

Essa corrente guarda proporção com a energia do pensamento e da vontade.

Dessa forma, os Espíritos podem ouvir a prece que lhes é dirigida, independentemente do lugar onde se encontram, e podem se comunicar entre si e com os encarnados.

Kardec destaca que essa explicação não tem como objetivo materializar a prece, mas sim tornar seus efeitos inteligíveis, mostrando que ela pode exercer uma ação direta e efetiva.

No entanto, ele ressalta que essa ação está sempre subordinada à vontade de Deus, único apto a torná-la eficaz.

Assim, a prece, mesmo compreendida por meio dessa explicação, continua sendo um ato de fé e submissão à vontade divina.

11. Pela prece, obtém o homem o concurso dos bons Espíritos que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhe ideias sãs. Ele adquire, desse modo, a força moral necessária a vencer as dificuldades e a volver ao caminho reto, se deste se afastou. Por esse meio, pode também desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas. Um homem, por exemplo, vê arruinada a sua saúde, em consequência de excessos a que se entregou, e arrasta, até o termo de seus dias, uma vida de sofrimento: terá ele o direito de queixar-se, se não obtiver a cura que deseja? Não, pois que houvera podido encontrar na prece a força de resistir às tentações.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec destaca, neste item, o papel da prece como meio de obter o auxílio dos bons Espíritos.

Quando o homem ora, ele recebe o suporte espiritual necessário para fortalecer suas boas resoluções e ser inspirado por ideias sãs.

Dessa forma, adquire a força moral para superar as dificuldades e retornar ao caminho correto, caso tenha se afastado dele.

Além disso, a prece também pode ajudar a afastar os males que o homem atrairia por suas próprias faltas.

Kardec exemplifica essa ideia com um caso de alguém que teve sua saúde arruinada por excessos.

Se essa pessoa não obtiver a cura que deseja, ela não terá o direito de se queixar, pois poderia ter encontrado na prece a força para resistir às tentações que levaram aos excessos prejudiciais à saúde.

Essa passagem ressalta a importância da prece como um recurso para fortalecer a vontade e evitar consequências negativas de nossas próprias escolhas.

12. Se em duas partes se dividirem os males da vida, uma constituída dos que o homem não pode evitar e a outra das tribulações de que ele se constituiu a causa primária, pela sua incúria ou por seus excessos (cap. V, item 4), ver-se-á que a segunda, em quantidade, excede de muito à primeira. Faz-se, portanto, evidente que o homem é o autor da maior parte das suas aflições, às quais se pouparia, se sempre obrasse com sabedoria e prudência.

Não menos certo é que todas essas misérias resultam das nossas infrações às Leis de Deus e que, se as observássemos pontualmente, seríamos inteiramente ditosos. Se não ultrapassássemos o limite do necessário, na satisfação das nossas necessidades, não apanharíamos as enfermidades que resultam dos excessos, nem experimentaríamos as vicissitudes que as doenças acarretam. Se puséssemos freio à nossa ambição, não teríamos de temer a ruína; se não quiséssemos subir mais alto do que podemos, não teríamos de recear a queda; se fôssemos humildes, não sofreríamos as decepções do orgulho abatido; se praticássemos a lei de caridade, não seríamos maldizentes, nem invejosos, nem ciosos, e evitaríamos as disputas e dissensões; se mal a ninguém fizéssemos, não houvéríamos de temer as vinganças etc.

Admitamos que o homem nada possa com relação aos outros males; que toda prece lhe seja inútil para livrar-se deles; já não seria muito o ter a possibilidade de ficar isento de todos os que decorrem da sua maneira de proceder? Ora, aqui, facilmente se concebe a ação da prece, visto ter por efeito atrair a salutar inspiração dos Espíritos bons, granjear deles força para resistir aos maus pensamentos, cuja realização nos pode ser funesta. Nesse caso, o que eles fazem não é afastar de nós o mal, porém, sim, desviar-nos do mau pensamento que nos pode causar dano; eles em nada obstam ao cumprimento dos decretos de Deus, nem suspendem o curso das Leis da Natureza; apenas evitam que as infringamos, dirigindo o nosso livre-arbítrio. Agem, contudo, à nossa revelia, de maneira imperceptível, para nos não subjugar a vontade. O homem se acha então na posição de um que solicita bons conselhos e os põe em prática, mas conservando a liberdade de segui-los ou não. Quer Deus que seja assim, para que aquele tenha a responsabilidade dos seus atos e o mérito da escolha entre o bem e o mal. É isso o que o homem pode estar sempre certo de receber, se

o pedir com fervor, sendo, pois, a isso que se podem, sobretudo, aplicar estas palavras: "Pedi e obtereis."

Mesmo com sua eficácia reduzida a essas proporções, já não traria a prece resultados imensos? Ao Espiritismo fora reservado provar-nos a sua ação, com o nos revelar as relações existentes entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual. Os efeitos da prece, porém, não se limitam aos que vimos de apontar.

Recomendam-na todos os Espíritos. Renunciar alguém à prece é negar a bondade de Deus; é recusar, para si, a sua assistência e, para com os outros, abrir mão do bem que lhes pode fazer.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec discute a divisão dos males da vida em duas partes: aqueles que o homem não pode evitar e aqueles que são resultado de suas próprias faltas, seja por descuido ou excessos.

Ele destaca que a segunda parte, causada pelas próprias ações humanas, é muito maior em quantidade do que a primeira.

Kardec argumenta que muitas das aflições que enfrentamos são resultado de nossas infrações às Leis de Deus e que, se as observássemos de forma adequada, seríamos completamente felizes.

O autor ilustra esse ponto com vários exemplos: se não ultrapassássemos o limite do necessário em nossas necessidades, evitaríamos doenças decorrentes de excessos; se não fôssemos ambiciosos, não teríamos que temer a ruína financeira; se fôssemos humildes, evitaríamos decepções decorrentes do orgulho; e assim por diante.

Ele argumenta que, mesmo que o homem não possa evitar todos os males da vida, a prece ainda é extremamente útil, pois pode ajudar a pessoa a se desviar de maus pensamentos que poderiam levá-la a causar danos a si mesma.

Kardec enfatiza que a prece não tem o poder de afastar o mal diretamente, mas pode desviar o homem do mau pensamento que poderia resultar em ações prejudiciais.

Ele destaca que os Espíritos bons agem de maneira imperceptível para não subjugar a vontade humana, permitindo que o homem tenha a responsabilidade de seus atos e o mérito de escolher entre o bem e o mal.

Assim, a prece, mesmo com sua eficácia limitada, pode trazer resultados significativos ao atrair a inspiração dos Espíritos bons e fortalecer a vontade do homem para resistir a maus pensamentos.

13. Acedendo ao pedido que se lhe faz, Deus muitas vezes objetiva recompensar a intenção, o devotamento e a fé daquele que ora. Daí decorre que a prece do homem de bem tem mais merecimento aos olhos de Deus e sempre mais eficácia, porquanto o homem vicioso e mau não pode orar com o fervor e a confiança que somente nascem do sentimento da verdadeira piedade. Do coração do egoísta, do daquele que apenas de lábios ora, unicamente saem palavras, nunca os ímpetos de caridade que dão à prece todo o seu poder. Tão claramente isso se compreende que, por um movimento instintivo, quem se quer recomendar às preces de outrem fá-lo de preferência às daqueles cujo proceder, sente-se, há de ser mais agradável a Deus, pois que são mais prontamente ouvidos.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec aborda a eficácia da prece, relacionando-a com a intenção, o devotamento e a fé daquele que ora.

Ele sugere que Deus, ao atender um pedido, muitas vezes busca recompensar esses aspectos da pessoa que está orando.

Assim, a prece de uma pessoa virtuosa e bondosa tem mais mérito aos olhos de Deus e é mais eficaz do que a de alguém que é vicioso e mau, pois a verdadeira piedade é o que dá poder à prece.

Kardec enfatiza que a prece deve vir do coração e não apenas dos lábios.

Para ele, as palavras vazias de um egoísta ou daquele que ora apenas por obrigação não têm o mesmo poder que as preces sinceras e devotas.

Ele argumenta que é fácil perceber essa diferença, e que, instintivamente, as pessoas preferem recomendar suas preces às pessoas cujo comportamento é mais agradável a Deus, pois acreditam que serão mais prontamente ouvidas.

Essa passagem destaca a importância da sinceridade e da fé na prece, sugerindo que a qualidade da prece está diretamente ligada à qualidade do indivíduo que a faz.

Aqueles que praticam a verdadeira caridade e têm uma vida virtuosa são mais propensos a ter suas preces atendidas, pois sua conexão com o divino é mais profunda e genuína.

14. Por exercer a prece uma como ação magnética, poder-se-ia supor que o seu efeito depende da força fluídica. Assim, entretanto, não o é. Exercendo sobre os homens essa ação, os Espíritos, sendo preciso, suprem a insuficiência daquele que ora, ou agindo diretamente em seu nome, ou dando-lhe momentaneamente uma força excepcional, quando o julgam digno dessa graça, ou que ela lhe pode ser proveitosa.

O homem que não se considere suficientemente bom para exercer salutar influência não deve por isso abster-se de orar a bem de outrem, com a ideia de que não é digno de ser escutado. A consciência da sua inferioridade constitui uma prova de humildade, grata sempre a Deus, que leva em conta a intenção caridosa que o anima. Seu fervor e sua confiança são um primeiro passo para a sua conversão ao bem, conversão que os Espíritos bons se sentem ditosos em incentivar. Repelida só o é a prece do orgulhoso que deposita fé no seu poder e nos seus merecimentos e acredita ser-lhe possível sobrepor-se à vontade do Eterno.

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec esclarece que o efeito da prece não depende apenas da força fluídica, mas também da ação dos Espíritos.

Ele explica que os Espíritos podem suprir a insuficiência daquele que ora, agindo diretamente em seu nome ou concedendo-lhe uma força excepcional, quando julgam digno ou proveitoso para ele.

Isso significa que a eficácia da prece não está necessariamente ligada à capacidade individual da pessoa, mas também à intervenção dos Espíritos, que podem fortalecer e direcionar as intenções da prece.

Kardec enfatiza que mesmo aqueles que se consideram inferiores espiritualmente não devem se abster de orar por outros, pois a humildade diante de Deus é valorizada.

O fervor e a confiança na prece são vistos como um primeiro passo para a conversão ao bem, algo que os Espíritos bons estão felizes em incentivar.

Por outro lado, a prece do orgulhoso, que confia em seu próprio poder e méritos, é rejeitada, pois ele acredita ser capaz de sobrepor-se à vontade divina.

Assim, Kardec destaca a importância da humildade, da confiança e da fé na prece, ressaltando que ela pode ser poderosa não apenas pela força individual, mas também pela intervenção benevolente dos Espíritos.

15. Está no pensamento o poder da prece, que por nada depende nem das palavras, nem do lugar, nem do momento em que seja feita. Pode-se, portanto, orar em toda parte e a qualquer hora, a sós ou em comum. A influência do lugar ou do tempo só se faz sentir nas circunstâncias que favoreçam o recolhimento. A prece em comum tem ação mais poderosa, quando todos os que oram se associam de coração a um mesmo pensamento e colimam o mesmo objetivo, porquanto é como se muitos clamassem juntos e em uníssono. Mas que importa seja grande o número de pessoas reunidas para orar, se cada uma atua isoladamente e por conta própria?! Com pessoas juntas podem orar como egoístas, enquanto duas ou três, ligadas por uma mesma aspiração, oram quais verdadeiros irmãos em Deus, e mais força terá a prece que lhe dirijam do que a das cem outras. (Cap. XXVIII, itens 4 e 5.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta passagem, Kardec enfatiza o poder da prece, destacando que ele está no pensamento e não depende das palavras, do lugar ou do momento em que é feita.

Isso significa que a prece pode ser feita em qualquer lugar e a qualquer momento, tanto individualmente quanto em grupo.

Ele menciona que a prece em grupo pode ser mais poderosa quando todos os participantes se associam de coração a um mesmo pensamento e objetivo, agindo em uníssono.

No entanto, Kardec adverte que a eficácia da prece em grupo não depende apenas do número de pessoas, mas da qualidade de sua união de pensamentos e propósitos.

Ele destaca que cem pessoas podem orar de forma egoísta e menos eficaz do que duas ou três pessoas que estão verdadeiramente unidas em um mesmo objetivo.

Isso sugere que a qualidade da prece é mais importante do que a quantidade de pessoas envolvidas, enfatizando a importância da sinceridade, do amor e da harmonia nos pensamentos e intenções dos que oram juntos.

Preces inteligíveis

16. Se eu não entender o que significam as palavras, serei um bárbaro para aquele a quem falo e aquele que me fala será para mim um bárbaro. Se oro numa língua que não entendo, meu coração ora, mas a minha inteligência não colhe fruto. Se louvais a Deus apenas de coração, como é que um homem do número daqueles que só entendem a sua própria língua responderá além no fim da vossa ação de graças, uma vez que ele não entende o que dizeis? Não é que a vossa ação não seja boa, mas os outros não se edificam com ela. (Paulo, 1a aos Coríntios, 14:11, 14, 16 e 17.)

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec, em sua interpretação, aborda a questão de pedir a Deus que derogue Sua própria lei.

Ele sugere que, ao fazermos esse tipo de pedido, na verdade estamos nos tornando instrumentos da execução de outra lei divina, a de amor e caridade.

Ao permitir que participemos dessa execução, dando-nos a oportunidade de praticar a caridade, Deus nos dá a chance de demonstrar nossa própria caridade.

Essa ideia está alinhada com o conceito espírita de que as leis divinas, em última análise, são todas baseadas no amor e na caridade.

Portanto, ao pedir a Deus que altere Sua lei, na verdade estamos pedindo para sermos instrumentos dessa lei maior, que é a do amor e da caridade.

Kardec provavelmente está sugerindo que, ao praticarmos a caridade e o amor ao próximo, estamos cumprindo uma lei divina superior, mesmo que aparentemente estejamos pedindo algo que parece contrariar outras leis naturais.

17. A prece só tem valor pelo pensamento que lhe está conjugado. Ora, é impossível conjugar um pensamento qualquer ao que se não compreende, porquanto o que não se compreende não pode tocar o coração. Para a imensa maioria das criaturas, as preces feitas numa língua que elas não entendem não passam de amálgamas de palavras que nada dizem ao espírito. Para que a prece toque, preciso se torna que cada palavra desperte uma ideia e, desde que não seja entendida, nenhuma ideia poderá despertar. Será dita como simples fórmula, cuja virtude dependerá do maior ou menor número de vezes que a repitam. Muitos oram por dever; alguns, mesmo, por obediência aos usos, pelo que se julgam quites, desde que tenham dito uma oração determinado número de vezes e em tal ou tal ordem. Deus vê o que se passa no fundo dos corações; lê o pensamento e percebe a sinceridade. Julgá-lo, pois, mais sensível à forma do que ao fundo é rebaixá-lo. (Cap. XXVIII, item 2.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Kardec destaca a importância do pensamento associado à prece.

Ele enfatiza que a prece só tem valor quando acompanhada de um pensamento compreensível, pois é esse pensamento que toca o coração e tem o poder de despertar ideias e sentimentos.

Para a maioria das pessoas, as preces feitas em uma língua que não entendem são apenas palavras vazias, sem significado, porque não conseguem despertar ideias ou sentimentos.

Kardec critica a prática de muitos que apenas repetem orações por obrigação ou por seguir costumes, sem realmente compreender o significado das palavras.

Ele argumenta que Deus conhece os verdadeiros sentimentos e pensamentos de cada um, e que Ele valoriza mais a sinceridade e o significado do que a forma ou a repetição mecânica das palavras.

Essa análise ressalta a importância da compreensão e da sinceridade na prece, destacando que o valor da prece está no pensamento e no sentimento que a acompanham, e não apenas na recitação das palavras.

Da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores

18. Os Espíritos sofredores reclamam preces e estas lhes são proveitosas, porque, verificando que há quem neles pense, menos abandonados se sentem, menos infelizes. Entretanto, a prece tem sobre eles ação mais direta: reanima-os, incute-lhes o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação e, possivelmente, desvia-lhes do mal o pensamento. É nesse sentido que lhes pode não só aliviar, como abreviar os sofrimentos. (Veja-se: O céu e o inferno, 2ª Parte, Exemplos.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Kardec aborda o impacto das preces nos Espíritos sofredores.

Ele explica que esses Espíritos se beneficiam das preces porque, ao perceberem que há pessoas pensando neles, sentem-se menos abandonados e infelizes.

Além disso, a prece tem uma ação mais direta sobre eles, pois os reanima, desperta neles o desejo de se elevarem através do arrependimento e da reparação, e possivelmente desvia seus pensamentos do mal.

Assim, a prece não apenas pode aliviar, mas também abreviar os sofrimentos desses Espíritos.

Essa análise mostra a importância das preces para os Espíritos sofredores, não apenas pelo conforto que proporcionam ao sentirem-se lembrados, mas também pelo impacto positivo que podem ter em sua situação espiritual, incentivando-os a buscar a elevação e a reparação de seus erros.

19. Pessoas há que não admitem a prece pelos mortos, porque, segundo acreditam, a alma só tem duas alternativas: ser salva ou ser condenada às penas eternas, resultando, pois, em ambos os casos, inútil a prece. Sem discutir o valor dessa crença, admitamos, por instantes, a realidade das penas eternas e irremissíveis e que as nossas preces sejam impotentes para lhes pôr termo. Perguntamos se, nessa hipótese, será lógico, será caridoso, será cristão recusar a prece pelos réprobos? Tais preces, por mais impotentes que fossem para os liberar, não lhes seriam uma demonstração de piedade capaz de abrandar-lhes os sofrimentos? Na Terra, quando um homem é condenado a galés perpétuas, quando mesmo não haja a mínima esperança de obter-se para ele perdão, será defeso a uma pessoa caridosa ir carregar-lhe os grilhões, para aliviá-lo do peso destes? Sendo alguém atacado de mal incurável, dever-se-á, por não haver para o doente esperança nenhuma de cura, abandoná-lo, sem lhe proporcionar qualquer alívio? Lembrai-vos de que, entre os réprobos, pode achar-se uma pessoa que vos foi cara, um amigo, talvez um pai, uma mãe, ou um filho, e dizei se, não havendo, segundo credes, possibilidade de ser perdoado esse ente, lhe recusaríeis um copo de água para mitigar-lhe a sede? um bálsamo que lhe seque as chagas? Não faríeis por ele o que faríeis por um galé? Não lhe daríeis uma prova de amor, uma consolação? Não, isso cristão não seria. Uma crença que petrifica o coração é incompatível com a crença em um Deus que põe na primeira categoria dos deveres o amor ao próximo.

A não eternidade das penas não implica a negação de uma penalidade temporária, dado não ser possível que Deus, em sua justiça, confunda o bem e

o mal. Ora, negar, neste caso, a eficácia da prece, fora negar a eficácia da consolação, dos encorajamentos, dos bons conselhos; fora negar a força que haurimos da assistência moral dos que nos querem bem.

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta dissertação, Allan Kardec aborda a questão da prece pelos mortos, questionando aqueles que não acreditam na eficácia da prece para os condenados às penas eternas.

Ele argumenta que mesmo que se acredite na eternidade das penas, a prece ainda seria útil como uma demonstração de piedade capaz de abrandar os sofrimentos dos réprobos.

Kardec compara essa situação à caridade terrena, onde mesmo diante de uma situação sem esperança de cura ou perdão, ainda assim a pessoa caridosa buscaria aliviar o sofrimento do outro.

Ele ressalta a importância da caridade e da compaixão mesmo para com aqueles considerados irremediavelmente perdidos, pois essa atitude é coerente com a crença em um Deus que valoriza o amor ao próximo.

Kardec enfatiza que negar a eficácia da prece nesses casos seria negar também a eficácia da consolação, dos encorajamentos e dos bons conselhos, que são formas de assistência moral que nos fortalecem.

20. Outros se fundam numa razão mais especiosa: a imutabilidade dos decretos divinos. Deus, dizem esses, não pode mudar as suas decisões a pedido das criaturas; a não ser assim, careceria de estabilidade o mundo. O homem, pois, nada tem de pedir a Deus, só lhe cabendo submeter-se e adorá-lo.

Há, nesse modo de raciocinar, uma aplicação falsa do princípio da imutabilidade da Lei divina, ou melhor, ignorância da lei, no que concerne à penalidade futura. Essa lei revelam-na hoje os Espíritos do Senhor, quando o homem se tornou suficientemente maduro para compreender o que, na fé, é conforme ou contrário aos atributos divinos.

Segundo o dogma da eternidade absoluta das penas, não se levam em conta ao culpado os remorsos, nem o arrependimento. É-lhe inútil todo desejo de melhorar-se: está condenado a conservar-se perpetuamente no mal. Se a sua condenação foi por determinado tempo, a pena cessará, uma vez expirado esse tempo. Mas quem poderá afirmar que ele então possua melhores sentimentos? Quem poderá dizer que, a exemplo de muitos condenados da Terra, ao sair da prisão, ele não seja tão mau quanto antes? No primeiro caso, seria manter na dor do castigo um homem que volveu ao bem; no segundo, seria agraciar a um que continua culpado. A Lei de Deus é mais previdente. Sempre justa, equitativa e misericordiosa, não estabelece para a pena, qualquer que esta seja, duração alguma. Ela se resume assim:

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec argumenta que Deus não pode alterar seus decretos a pedido das criaturas, pois isso comprometeria a estabilidade do mundo.

Ele contesta essa visão, explicando que há uma aplicação errônea do princípio da imutabilidade da Lei divina, especialmente no que diz respeito à penalidade futura.

Kardec argumenta que a lei divina, revelada pelos Espíritos do Senhor, não exclui o remorso nem o arrependimento.

Segundo ele, se a condenação de alguém foi por um tempo determinado, a pena cessa após esse período.

No entanto, Kardec questiona se, ao final desse tempo, a pessoa terá realmente melhorado.

Ele destaca a justiça, equidade e misericórdia da Lei de Deus, que não fixa uma duração específica para a pena, mas considera o progresso moral do indivíduo.

Essa reflexão de Kardec destaca a importância do livre-arbítrio e da capacidade de evolução moral, sugerindo que a pena não é eterna e que há sempre a possibilidade de progresso e redenção, mesmo após erros cometidos.

21. "O homem sofre sempre a consequência de suas faltas; não há uma só infração à Lei de Deus que fique sem a correspondente punição.

"A severidade do castigo é proporcionada à gravidade da falta.

"Indeterminada é a duração do castigo, para qualquer falta; fica subordinada ao arrependimento do culpado e ao seu retorno à senda do bem; a pena dura tanto quanto a obstinação no mal; seria perpétua, se perpétua fosse a obstinação; dura pouco, se pronto é o arrependimento.

"Desde que o culpado clame por misericórdia, Deus o ouve e lhe concede a esperança. Mas não basta o simples pesar do mal causado; é necessária a reparação, pelo que o culpado se vê submetido a novas provas em que pode, sempre por sua livre vontade, praticar o bem, reparando o mal que haja feito.

"O homem é, assim, constantemente, o árbitro de sua própria sorte; pertence-lhe abreviar ou prolongar indefinidamente o seu suplício; a sua felicidade ou a sua desgraça dependem da vontade que tenha de praticar o bem."

Tal a lei, lei imutável e em conformidade com a bondade e a Justiça de Deus.

Assim, o Espírito culpado e infeliz pode sempre salvar-se a si mesmo: a Lei de Deus estabelece a condição em que se lhe torna possível fazê-lo. O que as mais das vezes lhe falta é a vontade, a força, a coragem. Se, por nossas preces, lhe inspiramos essa vontade, se o amparamos e animamos; se, pelos nossos conselhos, lhe damos as luzes de que carece, em lugar de pedirmos a Deus que derogue a sua lei, tornamo-nos instrumentos da execução de outra lei, também sua, a de amor e de caridade, execução em que, desse modo, Ele nos permite participar, dando nós mesmos, com isso, uma prova de caridade. (Veja-se O céu e o inferno, 1a Parte, caps. IV, VII, VIII.)

NOSSO COMENTÁRIO

Allan Kardec finaliza seus comentários abordando a Lei de Causa e Efeito, explicando que o homem sempre sofre as consequências de suas faltas, e que não há infração à Lei de Deus que não resulte em punição.

A severidade do castigo é proporcional à gravidade da falta cometida. Kardec destaca que a duração da punição não é fixa, mas

depende do arrependimento do culpado e de seu retorno ao caminho do bem.

O castigo dura tanto quanto a obstinação no mal; pode ser perpétuo se a obstinação for, ou breve se o arrependimento for rápido.

Ele enfatiza que o homem é o árbitro de sua própria sorte, podendo abreviar ou prolongar seu suplício de acordo com sua vontade de praticar o bem.

A lei é imutável e está em conformidade com a bondade e justiça de Deus. Assim, o Espírito culpado e infeliz sempre pode se salvar, desde que tenha a vontade, a força e a coragem para fazê-lo.

Kardec ressalta que, ao inspirarmos essa vontade por meio de nossas preces, ao ampararmos e animarmos o culpado, tornamo-nos instrumentos da execução da lei de amor e caridade, dando uma prova de caridade nós mesmos.

Instruções dos Espíritos: Maneira de orar

22. O dever primordial de toda criatura humana, o primeiro ato que deve assinalar a sua volta à vida ativa de cada dia, é a prece. Quase todos vós orais, mas quão poucos são os que sabem orar! Que importam ao Senhor as frases que maquinalmente articulais umas às outras, fazendo disso um hábito, um dever que cumpris e que vos pesa como qualquer dever?

A prece do cristão, do espírita, seja qual for o culto, deve ele dizê-la logo que o Espírito haja retomado o jugo da carne; deve elevar-se aos pés da majestade divina com humildade, com profundidade, num ímpeto de reconhecimento por todos os benefícios recebidos até aquele dia; pela noite transcorrida e durante a qual lhe foi permitido, ainda que sem consciência disso, ir ter com os seus amigos, com os seus guias, para haurir, no contato com eles, mais força e perseverança. Deve ela subir humilde aos pés do Senhor, para lhe recomendar a vossa fraqueza, para lhe suplicar amparo, indulgência e misericórdia. Deve ser profunda, porquanto é a vossa alma que tem de elevar-se para o Criador, de transfigurar-se, como Jesus no Tabor, a fim de lá chegar nívea e radiosa de esperança e de amor.

A vossa prece deve conter o pedido das graças de que necessitais, mas de que necessitais em realidade. Inútil, portanto, pedir ao Senhor que vos abrevie as provas, que vos dê alegrias e riquezas. Rogai-lhe que vos conceda os bens mais preciosos da paciência, da resignação e da fé. Não digais, como o fazem muitos: "Não vale a pena orar, porquanto Deus não me atende." Que é o que, na maioria dos casos, pedis a Deus? Já vos tendes lembrado de pedir-lhe a vossa melhoria moral? Oh! não; bem poucas vezes o tendes feito. O que preferentemente vos lembrais de pedir é o bom êxito para os vossos empreendimentos terrenos e haveis com frequência exclamado: "Deus não se ocupa conosco; se se ocupasse, não se verificariam tantas injustiças." Insensatos! Ingratos! Se descêsseis ao fundo da vossa consciência, quase sempre depararíeis, em vós mesmos, com o ponto de partida dos males de que vos queixais. Pedi, pois, antes de tudo, que vos possais melhorar e vereis que torrente de graças e de consolações se derramará sobre vós. (Cap. V, item 4.)

Deveis orar incessantemente, sem que, para isso, se faça mister vos recolhais ao vosso oratório, ou vos lanceis de joelhos nas praças públicas. A prece do dia é o cumprimento dos vossos deveres, sem exceção de nenhum, qualquer que seja a natureza deles. Não é ato de amor a Deus assistirdes os vossos irmãos numa necessidade, moral ou física? Não é ato de reconhecimento o elevardes a Ele o vosso pensamento, quando uma felicidade vos advém, quando evitais um acidente, quando mesmo uma simples contrariedade apenas vos roça a alma, desde que vos não esqueçais de exclamar: Sede bendito, meu Pai?! Não é ato de contrição o vos humilhades diante do supremo Juiz, quando sentis que falistes, ainda que somente por um pensamento fugaz, para lhe dizerdes: Perdoai-me, meu Deus, pois pequei (por orgulho, por egoísmo, ou por falta de caridade); dai-me forças para não falir de novo e coragem para a reparação da minha falta?!

Isso independe das preces regulares da manhã, da noite e dos dias consagrados. Como o vedes, a prece pode ser de todos os instantes, sem nenhuma interrupção acarretar aos vossos trabalhos. Dita assim, ela, ao contrário, os santifica. Tende como certo que um só desses pensamentos, se partir do coração, é mais ouvido pelo vosso Pai celestial do que as longas orações ditas por hábito, muitas vezes sem causa determinante e às quais apenas maquinalmente vos chama a hora convencionada

I. – V. Monod. (Bordeaux, 1862.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste capítulo do Evangelho Segundo o Espiritismo, os Espíritos instruem sobre a maneira de orar, destacando que é importante começar buscando a melhora de si mesmo, pois muitas vezes os males de que nos queixamos têm origem dentro de nós mesmos.

Recomendam que a oração seja constante e não restrita a momentos específicos, como no oratório ou em praças públicas.

A oração do dia a dia está no cumprimento dos deveres, em ajudar os irmãos em necessidade, em elevar o pensamento a Deus em momentos de felicidade ou contrariedade, e em humilhar-se diante do supremo Juiz quando se sente que falhou, pedindo perdão e forças para não falhar novamente.

Destacam que a prece pode ser de todos os instantes, sem interrupção nos trabalhos diários, e que um pensamento sincero e verdadeiro é mais ouvido por Deus do que longas orações mecânicas e sem motivação real.

Assim, a oração constante e sincera santifica as atividades do dia a dia, tornando-as mais elevadas e significativas.

Felicidade que a prece proporciona

23. Vinde, vós que desejais crer. Os Espíritos celestes acorrem a vos anunciar grandes coisas. Deus, meus filhos, abre os seus tesouros, para vos outorgar todos os benefícios. Homens incrédulos! Se soubésseis quão grande bem faz a fé ao coração e como induz a alma ao arrependimento e à prece! A prece! ah!... como são tocantes as palavras que saem da boca daquele que ora! A prece é o orvalho divino que aplaca o calor excessivo das paixões. Filha primogênita da fé, ela nos encaminha para a senda que conduz a Deus. No recolhimento e na solidão, estais com Deus. Para vós, já não há mistérios; eles se vos desvendam. Apóstolos do pensamento, é para vós a vida. Vossa alma se desprende da matéria e rola por esses mundos infinitos e etéreos, que os pobres humanos desconhecem.

Avançai, avançai pelas veredas da prece e ouvireis as vozes dos anjos. Que harmonia! Já não são o ruído confuso e os sons estrídulos da Terra; são as líras dos arcanjos; são as vozes brandas e suaves dos serafins, mais delicadas do que as brisas matinais, quando brincam na folhagem dos vossos bosques. Por entre que delícias não caminhareis! A vossa linguagem não poderá exprimir essa ventura, tão rápida entra ela por todos os vossos poros, tão vivo e refrigerante é o manancial em que, orando, se bebe. Dulçorosas vozes, inebriantes perfumes, que a alma ouve e aspira, quando se lança a essas esferas desconhecidas e habitadas pela prece! Sem mescla de desejos carnis, são divinas todas as aspirações. Também vós, orai como o Cristo, levando a sua cruz ao Gólgota, ao Calvário. Carregai a vossa cruz e sentireis as doces emoções que lhe perpassavam na alma, se bem que vergado ao peso de um madeiro infamante. Ele ia morrer, mas para viver a vida celestial na morada de seu Pai. – Santo Agostinho. (Paris, 1861.)

NOSSO COMENTÁRIO

No final deste capítulo, o Espírito Santo Agostinho descreve poeticamente as experiências e sensações da alma durante a prece sincera e profunda.

Ele incentiva a avançar pelas veredas da prece para ouvir as vozes dos anjos, descrevendo a harmonia e a beleza das esferas espirituais.

Agostinho compara as vozes dos anjos às líras dos arcanjos e às vozes suaves dos serafins, descrevendo-as como mais delicadas do que as brisas matinais nos bosques terrenos.

Ressalta-se que a linguagem humana não pode exprimir completamente a ventura e a sensação de êxtase espiritual experimentadas durante a prece profunda.

O texto destaca que, ao orar como Cristo, carregando a própria cruz, a alma pode sentir as mesmas emoções que Ele sentiu ao caminhar para o Calvário.

Essas emoções são descritas como doces, apesar do peso da cruz, pois representam a passagem para a vida celestial na morada do Pai.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Comentado capítulo por capítulo, item a item

Capítulo XXVIII - Coletânea de preces espíritas

Preâmbulo

1.Os Espíritos hão dito sempre: "A forma nada vale, o pensamento é tudo. Ore, pois, cada um segundo suas convicções e da maneira que mais o toque. Um bom pensamento vale mais do que grande número de palavras com as quais nada tenha o coração."

Os Espíritos jamais prescreveram qualquer fórmula absoluta de preces. Quando dão alguma, é apenas para fixar as ideias e, sobretudo, para chamar a atenção sobre certos princípios da Doutrina Espírita. Fazem-no também com o fim de auxiliar os que sentem embaraço para externar suas ideias, pois alguns há que não acreditariam ter orado realmente, desde que não formulassem seus pensamentos.

A coletânea de preces, que este capítulo encerra, representa uma escolha feita entre muitas que os Espíritos ditaram em várias circunstâncias. Eles, sem dúvida, podem ter ditado outras e em termos diversos, apropriadas a certas ideias ou a casos especiais; mas pouco importa a forma, se o pensamento é essencialmente o mesmo. O objetivo da prece consiste em elevar nossa alma a Deus; a diversidade das fórmulas nenhuma diferença deve criar entre os que nele creem, nem, ainda menos, entre os adeptos do Espiritismo, porquanto Deus as aceita todas quando sinceras. Não há, pois, considerar esta coletânea como um formulário absoluto e único, mas apenas uma variedade no conjunto das instruções que os Espíritos ministram. É uma aplicação dos princípios da moral evangélica desenvolvidos neste livro, um complemento aos ditados deles, relativos aos deveres para com Deus e o próximo, complemento em que são lembrados todos os princípios da Doutrina.

O Espiritismo reconhece como boas as preces de todos os cultos, quando ditas de coração, e não de lábios somente. Nenhuma impõe, nem reprova nenhuma. Deus, segundo ele, é sumamente grande para repelir a voz que lhe suplica ou lhe entoa louvores, porque o faz de um modo, e não de outro. Quem

quer que lance anátema às preces que não estejam no seu formulário provará que desconhece a grandeza de Deus. Crer que Deus se atenha a uma fórmula é emprestar-lhe a pequenez e as paixões da Humanidade.

Condição essencial à prece, segundo Paulo (cap. XXVII, item 16), é que seja inteligível, a fim de que nos possa falar ao espírito. Para isso, não basta seja dita numa língua que aquele que ora compreenda. Há preces em língua vulgar que não dizem ao pensamento muito mais do que se fossem proferidas em língua estrangeira, e que, por isso mesmo, não chegam ao coração. As raras ideias que elas contêm ficam, as mais das vezes, abafadas pela superabundância das palavras e pelo misticismo da linguagem.

A qualidade principal da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos, que são meros adornos de lentejoulas. Cada palavra deve ter alcance próprio, despertar uma ideia, pôr em vibração uma fibra da alma. Numa palavra: deve fazer refletir. Somente sob essa condição pode a prece alcançar o seu objetivo; de outro modo, não passa de ruído. Entretanto, notai com que ar distraído e com que volubilidade elas são ditas na maioria dos casos. Veem-se lábios a mover-se; mas, pela expressão da fisionomia, pelo som mesmo da voz, verifica-se que ali apenas há um ato maquinal, puramente exterior, ao qual se conserva indiferente a alma.

Estão divididas em cinco categorias as preces constantes nesta coletânea; 1ª) Preces gerais; 2ª) Preces por aquele mesmo que ora; 3ª) Preces pelos vivos; 4ª) Preces pelos mortos; 5ª) Preces especiais pelos enfermos e pelos obsidiados.

Com o propósito de chamar, de maneira especial, a atenção sobre o objeto de cada prece e de lhe tornar mais compreensível o alcance, vão todas precedidas de uma instrução preliminar, de uma espécie de exposição de motivos, sob o título de prefácio.

NOSSO COMENTÁRIO

Este preâmbulo do capítulo 28, do "Evangelho Segundo o Espiritismo", traz importantes considerações sobre a natureza da prece na visão espírita.

Os Espíritos destacam a primazia do pensamento sobre a forma na oração, enfatizando que o essencial é elevar a alma a Deus, independentemente da maneira como isso é feito.

Reconhecem a diversidade das formas de prece e afirmam que Deus aceita todas as manifestações sinceras, sem impor ou reprovar nenhuma delas.

Além disso, destacam a importância da clareza, simplicidade e concisão na prece, alertando para o perigo da superficialidade e da falta de reflexão que muitas vezes acompanham as orações realizadas de forma mecânica.

As preces apresentadas no capítulo 28 do livro são organizadas em cinco categorias, cada uma com sua instrução preliminar para melhor compreensão e aplicação.

Esses ensinamentos ressaltam a abertura do Espiritismo para as diversas formas de manifestação religiosa, desde que feitas com sinceridade e profundidade de sentimento, e evidenciam a importância da interiorização e da reflexão na prática da prece.

I – Preces gerais

Oração dominical

2. Prefácio. Os Espíritos recomendaram que, encabeçando esta coletânea, puséssemos a Oração dominical, não somente como prece, mas também como símbolo. De todas as preces, é a que eles colocam em primeiro lugar, seja porque procede do próprio Jesus (Mateus, 6:9 a 13), seja porque pode suprir a todas, conforme os pensamentos que se lhe conjuguem; é o mais perfeito modelo de concisão, verdadeira obra-prima de sublimidade na simplicidade. Com efeito, sob a mais singela forma, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo. Encerra uma profissão de fé, um ato de adoração e de submissão; o pedido das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade. Quem a diga, em intenção de alguém, pede para este o que pediria para si.

Contudo, em virtude mesmo da sua brevidade, o sentido profundo que encerram as poucas palavras de que ela se compõe escapa à maioria das

peçoas. Daí vem o dizerem-na, geralmente, sem que os pensamentos se detenham sobre as aplicações de cada uma de suas partes. Dizem-na como uma fórmula cuja eficácia se ache condicionada ao número de vezes que seja repetida. Ora, quase sempre esse é um dos números cabalísticos: três, sete ou nove, tomados à antiga crença supersticiosa na virtude dos números e de uso nas operações da magia.

Para preencher o que de vago a concisão desta prece deixa na mente, a cada uma de suas proposições aditamos, aconselhado pelos Espíritos e com a assistência deles, um comentário que lhes desenvolve o sentido e mostra as aplicações. Conforme, pois, as circunstâncias e o tempo de que disponha, poderá, aquele que ore, dizer a Oração dominical, ou na sua forma simples, ou na desenvolvida.

NOSSO COMENTÁRIO

A Oração dominical, também conhecida como o Pai Nosso, é destacada como uma prece de grande importância pelos Espíritos.

Ela é considerada um símbolo por representar não apenas uma prece, mas também um modelo de conduta e uma síntese dos deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo.

Apesar de sua brevidade, cada palavra da oração encerra um significado profundo que nem sempre é compreendido pelas pessoas que a recitam, muitas vezes de forma mecânica e sem reflexão.

Para auxiliar na compreensão e na aplicação dos ensinamentos contidos na Oração dominical, os Espíritos recomendam a adição de comentários que desenvolvam o sentido de cada uma de suas partes.

Dessa forma, aquele que ora pode escolher entre recitá-la na forma simples ou na forma desenvolvida, conforme sua disponibilidade de tempo e o desejo de compreender mais profundamente os ensinamentos contidos na prece.

3. Prece. – I. Pai nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome! Creemos em ti, Senhor, porque tudo revela o teu poder e a tua bondade. A

harmonia do Universo dá testemunho de uma sabedoria, de uma prudência e de uma providência que ultrapassam todas as faculdades humanas. Em todas as obras da Criação, desde o raminho de erva minúscula e o pequenino inseto, até os astros que se movem no Espaço, o nome se acha inscrito de um ser soberanamente grande e sábio. Por toda parte se nos depara a prova de paternal solicitude. Cego, portanto, é aquele que te não reconhece nas tuas obras, orgulhoso aquele que te não glorifica e ingrato aquele que te não rende graças.

II. Venha o teu reino!

Senhor, deste aos homens leis plenas de sabedoria e que lhes dariam a felicidade, se eles as cumprissem. Com essas leis, fariam reinar entre si a paz e a justiça e mutuamente se auxiliariam, em vez de se maltratarem, como o fazem. O forte sustentaria o fraco, em vez de o esmagar. Evitados seriam os males, que se geram dos excessos e dos abusos. Todas as misérias deste mundo provêm da violação de tuas leis, porquanto nenhuma infração delas deixa de ocasionar fatais consequências.

Deste ao bruto o instinto, que lhe traça o limite do necessário, e ele maquinalmente se conforma; ao homem, no entanto, além desse instinto, deste a inteligência e a razão; também lhe deste a liberdade de cumprir ou infringir aquelas das tuas leis que pessoalmente lhe concernem, isto é, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, a fim de que tenha o mérito e a responsabilidade das suas ações.

Ninguém pode pretextar ignorância das tuas leis, pois, com paternal providência, quiseste que elas se gravassem na consciência de cada um, sem distinção de cultos, nem de nações. Se as violam, é porque as desprezam.

Dia virá em que, segundo a tua promessa, todos as praticarão. Desaparecido terá, então, a incredulidade. Todos te reconhecerão por soberano Senhor de todas as coisas, e o reinado das tuas leis será o teu reino na Terra. Digna-te, Senhor, de apressar-lhe o advento, outorgando aos homens a luz necessária, que os conduza ao caminho da verdade.

III. Faça-se a tua vontade, assim na Terra como no Céu.

Se a submissão é um dever do filho para com o pai, do inferior para com o seu superior, quão maior não deve ser a da criatura para com o seu Criador! Fazer a tua vontade, Senhor, é observar as tuas leis e submeter-se, sem queixumes, aos teus decretos.

O homem a ela se submeterá, quando compreender que és a fonte de toda a sabedoria e que sem ti ele nada pode. Fará, então, a tua vontade na Terra, como os eleitos a fazem no Céu.

IV. Dá-nos o pão de cada dia. Dá-nos o alimento indispensável à sustentação das forças do corpo; mas dá-nos também o alimento espiritual para o desenvolvimento do nosso Espírito.

O bruto encontra a sua pastagem; o homem, porém, deve o sustento à sua própria atividade e aos recursos da sua inteligência, porque o criaste livre.

Tu lhe hás dito: "Tirarás da terra o alimento com o suor da tua frente." Desse modo, fizeste do trabalho, para ele, uma obrigação, a fim de que exercitasse a inteligência na procura dos meios de prover às suas necessidades e ao seu bem-estar, uns mediante o labor manual, outros pelo labor intelectual. Sem o trabalho, ele se conservaria estacionário e não poderia aspirar à felicidade dos Espíritos superiores.

Ajudas o homem de boa vontade que em ti confia, pelo que concerne ao necessário; não, porém, àquele que se compraz na ociosidade e desejara tudo obter sem esforço, nem àquele que busca o supérfluo. (Cap. XXV.)

Quantos e quantos sucumbem por culpa própria, pela sua incúria, pela sua imprevidência, ou pela sua ambição e por não terem querido contentar-se com o que lhes havias concedido! Esses são os artífices do seu infortúnio e carecem do direito de queixar-se, pois que são punidos naquilo em que pecaram. No entanto, nem a esses mesmos abandonas, porque és infinitamente misericordioso. As mãos lhes estendes para socorrê-los, desde que, como o filho pródigo, se voltem sinceramente para ti. (Cap. V, item 4.)

Antes de nos queixarmos da sorte, inquiramos de nós mesmos se ela não é obra nossa. A cada desgraça que nos chegue, cuidemos de saber se não teria estado em nossas mãos evitá-la. Consideremos também que Deus nos outorgou a inteligência para nos tirar do lameiro, e que de nós depende o modo de a utilizarmos.

Pois que à lei do trabalho se acha submetido o homem na Terra, dá-nos coragem e forças para obedecer a essa lei. Dá-nos também a prudência, a previdência e a moderação, a fim de não perdermos o respectivo fruto.

Dá-nos, pois, Senhor, o pão de cada dia, isto é, os meios de adquirirmos, pelo trabalho, as coisas necessárias à vida, porquanto ninguém tem o direito de reclamar o supérfluo.

Se trabalhar nos é impossível, à tua divina Providência nos confiamos.

Se está nos teus desígnios experimentar-nos pelas mais duras provações, malgrado os nossos esforços, aceitamo-las como justa expiação das faltas que tenhamos cometido nesta existência, ou noutra anterior, porquanto és justo. Sabemos que não há penas imerecidas e que jamais castigas sem causa.

Preserva-nos, ó meu Deus, de invejar os que possuem o que não temos, nem mesmo os que dispõem do supérfluo, ao passo que a nós nos falta o necessário. Perdoa-lhes, se esquecem a lei de caridade e de amor do próximo, que lhes ensinaste. (Cap. XVI, item 8.)

Afasta, igualmente, do nosso espírito a ideia de negar a tua justiça, ao notarmos a prosperidade do mau e a desgraça que cai por vezes sobre o homem de bem. Já sabemos, graças às novas luzes que te aprouve conceder-nos, que a tua justiça se cumpre sempre e a ninguém excetua; que a prosperidade material do mau é efêmera, como a sua existência corpórea, e que experimentará terríveis reveses, ao passo que eterno será o júbilo daquele que sofre resignado. (Cap. V, itens 7, 9, 12 e 18.)

V. Perdoa as nossas dívidas, como perdoamos aos que nos devem. Perdoa as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos ofenderam.

Cada uma das nossas infrações às tuas leis, Senhor, é uma ofensa que te fazemos e uma dívida que contraímos e que cedo ou tarde teremos de saldar. Rogamos-te que no-las perdoes pela tua infinita misericórdia, sob a promessa, que te fazemos, de empregarmos os maiores esforços para não contrair outras.

Tu nos impuseste por lei expressa a caridade; mas a caridade não consiste apenas em assistirmos aos nossos semelhantes em suas necessidades; também consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. Com que direito reclamaríamos a tua indulgência, se dela não usássemos para com aqueles que nos dão motivo de queixa?

Concede-nos, ó meu Deus, forças para apagar de nossa alma todo ressentimento, todo ódio e todo rancor. Faze que a morte não nos surpreenda guardando-nos no coração desejos de vingança. Se te aprouver tirar-nos hoje mesmo deste mundo, faze que nos possamos apresentar, diante de ti, puros

de toda animosidade, a exemplo do Cristo, cujos últimos pensamentos foram em prol dos seus algozes. (Cap. X.)

Constituem parte das nossas provas terrenas as perseguições que os maus nos infligem. Devemos, então, recebê-las sem nos queixarmos, como todas as outras provas, e não maldizer dos que, por suas maldades, nos rasgam o caminho da felicidade eterna, visto que nos disseste, por intermédio de Jesus: “Bem-aventurados os que sofrem pela justiça!” Bendigamos, portanto, a mão que nos fere e humilha, uma vez que as mortificações do corpo nos fortificam a alma e que seremos exalçados por efeito da nossa humildade. (Cap. XII, item 4.) Bendito seja teu nome, Senhor, por nos teres ensinado que nossa sorte não está irrevogavelmente fixada depois da morte; que encontraremos, em outras existências, os meios de resgatar e de reparar nossas culpas passadas, de cumprir em nova vida o que não podemos fazer nesta, para nosso progresso. (Cap. IV, e cap. V, item 5.)

Assim se explicam, afinal, todas as anomalias aparentes da vida. É a luz que se projeta sobre o nosso passado e o nosso futuro, sinal evidente da tua justiça soberana e da tua infinita bondade.

VI. Não nos deixes entregues à tentação, mas livra-nos do mal.⁹

Dá-nos, Senhor, a força de resistir às sugestões dos Espíritos maus, que tentem desviar-nos da senda do bem, inspirando-nos maus pensamentos. Somos Espíritos imperfeitos, encarnados na Terra para expiar nossas faltas e melhorar-nos. Em nós mesmos está a causa primária do mal e os maus Espíritos mais não fazem do que aproveitar os nossos pendores viciosos, em que nos entretêm para nos tentarem.

Cada imperfeição é uma porta aberta à influência deles, ao passo que são impotentes e renunciam a toda tentativa contra os seres perfeitos. É inútil tudo o que possamos fazer para afastá-los, se não lhes opusermos decidida e inabalável vontade de permanecer no bem e absoluta renúncia ao mal. Contra nós mesmos, pois, é que precisamos dirigir os nossos esforços e, se o fizermos,

⁹ Nota de Allan Kardec: Algumas traduções dizem: **Não nos induzas à tentação** (et ne nos inducas in tentationem). Essa expressão daria a entender que a tentação promana de Deus; que Ele, voluntariamente, impele os homens ao mal, ideia blasfematória que igualaria Deus a satanás e que, portanto, não poderia estar na mente de Jesus. É, aliás, conforme à doutrina vulgar sobre o papel dos demônios. (Veja-se: O céu e o inferno, 1a Parte, cap. IX, Os demônios.)

os maus Espíritos naturalmente se afastarão, porquanto o mal é que os atrai, ao passo que o bem os repele. (Veja-se adiante: "Preces pelos obsidiados".)

Senhor, ampara-nos em nossa fraqueza; inspira-nos, pelos nossos anjos guardiães e pelos bons Espíritos, a vontade de nos corrigirmos de todas as imperfeições a fim de obtermos aos Espíritos maus o acesso à nossa alma. (Veja-se adiante o item 11.)

O mal não é obra tua, Senhor, porquanto o manancial de todo o bem nada de mau pode gerar. Somos nós mesmos que criamos o mal, infringindo as tuas leis e fazendo mau uso da liberdade que nos outorgaste. Quando os homens as cumprirmos, o mal desaparecerá da Terra, como já desapareceu de mundos mais adiantados que o nosso.

O mal não constitui para ninguém uma necessidade fatal e só parece irresistível aos que nele se comprazem. Desde que temos vontade para o fazer, também podemos ter a de praticar o bem, pelo que, ó meu Deus, pedimos a tua assistência e a dos Espíritos bons, a fim de resistirmos à tentação.

VII. Assim seja.

Praza-te, Senhor, que os nossos desejos se efetivem, mas curvamo-nos perante a tua sabedoria infinita. Que em todas as coisas que nos escapam à compreensão se faça a tua santa vontade e não a nossa, pois somente queres o nosso bem e melhor do que nós sabes o que nos convém.

Dirigimos-te esta prece, ó Deus, por nós mesmos e também por todas as almas sofredoras, encarnadas e desencarnadas, pelos nossos amigos e inimigos, por todos os que solicitem a nossa assistência e, em particular, por N...

Para todos suplicamos a tua misericórdia e a tua bênção.

Nota – Aqui, podem formular-se os agradecimentos que se queiram dirigir a Deus e o que se deseje pedir para si mesmo ou para outrem. (Vejam-se, adiante, as preces dos itens 26 e 27.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esse comentário de Allan Kardec sobre a Oração Dominical é profundamente esclarecedor e inspirador.

Ele desdobra cada parte da oração em um significado mais amplo, mostrando como cada frase pode ser compreendida e aplicada em nossa vida diária.

Na primeira parte, Kardec ressalta a grandiosidade de Deus e a importância de reconhecê-Lo em todas as suas obras, desde as menores até as maiores, como uma expressão de soberania e sabedoria.

Ele destaca a cegueira daqueles que não reconhecem a divindade nas obras criadas e a ingratidão daqueles que não O glorificam.

Na segunda parte, Kardec aborda a questão do reino de Deus, relacionando-o com as leis divinas que, se seguidas, trariam a paz e a justiça entre os homens.

Ele destaca a liberdade concedida ao homem para escolher entre o bem e o mal, e como as infrações às leis divinas têm consequências fatais.

Na terceira parte, Kardec fala sobre a importância de fazer a vontade de Deus na Terra, assim como é feita no céu, destacando a submissão e o respeito às leis divinas como um dever supremo da criatura para com o Criador.

Na quarta parte, Kardec aborda a questão do sustento material e espiritual, enfatizando a necessidade do trabalho como meio de obtenção do necessário para a vida, tanto material quanto espiritual.

Ele destaca a importância da moderação e da prudência na busca dos meios de subsistência.

Na quinta parte, Kardec fala sobre o perdão das dívidas e das ofensas, destacando a importância da caridade e do perdão como elementos essenciais na vida do cristão.

Ele ressalta a necessidade de se livrar de todo ressentimento e de praticar a caridade em todos os aspectos da vida.

Na sexta parte, Kardec aborda a questão da tentação e do mal, destacando a necessidade de resistir às sugestões dos maus espíritos e de buscar a melhoria moral e espiritual como forma de afastar a influência negativa.

Por fim, na sétima parte, Kardec conclui a oração com a expressão 'Assim seja', mostrando a confiança na realização dos desejos expressos na oração, mas também a submissão à vontade divina, que é sempre superior e mais sábia.

Essa análise de Allan Kardec sobre a Oração Dominical é um convite à reflexão profunda sobre os ensinamentos contidos na oração e sua aplicação prática em nossa vida diária.

É um chamado ao compromisso com a busca da verdade, da justiça, do perdão e do amor ao próximo, valores essenciais para uma vida plena e feliz.

Reuniões espíritas

4. Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, Eu com elas estarei. (Mateus, 18:20.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esse trecho do Evangelho segundo Mateus, capítulo 18, versículo 20, enfatiza a presença espiritual de Jesus Cristo entre aqueles que se reúnem em Seu nome, mesmo que sejam apenas duas ou três pessoas.

Essa passagem tem sido interpretada como uma mensagem de encorajamento e consolo para os seguidores de Jesus, ressaltando a importância da união fraterna e da comunhão espiritual.

A ideia central é que, quando as pessoas se reúnem em nome de Jesus, seja para orar, estudar as Escrituras ou compartilhar experiências espirituais, Ele está presente, fortalecendo a fé e a união entre elas.

Isso reforça a importância da comunidade de fé e do apoio mútuo na jornada espiritual.

Essa passagem também pode ser vista como um convite à reflexão sobre a qualidade das nossas interações e reuniões, lembrando-nos de que a presença de Jesus está ligada à sinceridade, ao amor e à busca pela verdade espiritual em nossas relações e atividades em grupo.

5. Prefácio. Estarem reunidas, em nome de Jesus, duas, três ou mais pessoas, não quer dizer que basta se achem materialmente juntas. É preciso que o estejam espiritualmente, em comunhão de intentos e de ideias, para o bem. Jesus, então, ou os Espíritos puros, que o representam, se encontrarão na assembleia. O Espiritismo nos faz compreender como podem os Espíritos achar-se entre nós. Comparecem com seu corpo fluídico ou espiritual e sob a aparência que nos levaria a reconhecê-los, se se tornassem visíveis. Quanto mais elevados são na hierarquia espiritual, tanto maior é neles o poder de irradiação. É assim que possuem o dom da ubiquidade e que podem estar simultaneamente em muitos lugares, bastando para isso que enviem a cada um desses lugares um raio de suas mentes.

Dizendo as palavras acima transcritas, quis Jesus revelar o efeito da união e da fraternidade. O que o atrai não é o maior ou menor número de pessoas que se reúnam, pois, em vez de duas ou três, houvera Ele podido dizer dez ou vinte, mas o sentimento de caridade que reciprocamente as anime. Ora, para isso, basta que elas sejam duas. Contudo, se essas duas pessoas oram cada uma por seu lado, embora dirijam-se ambas a Jesus, não há entre elas comunhão de pensamentos, sobretudo se ali não estão sob o influxo de um sentimento de mútua benevolência. Se se olham com prevenção, com ódio, inveja ou ciúme, as correntes fluídicas de seus pensamentos, longe de se conjugarem por um comum impulso de simpatia, repelem-se. Nesse caso, não estarão reunidas em nome de Jesus, que, então, não passa de pretexto para a reunião, não o tendo esta por verdadeiro motivo. (Cap. XXVII, item 9.)

Isso não significa que Ele se mostre surdo ao que lhe diga uma única pessoa; e se Ele não disse: "Atenderei a todo aquele que me chamar", é que, antes de tudo, exige o amor do próximo; e desse amor mais provas podem dar-se quando são muitos os que exoram, com exclusão de todo sentimento

peçoal, e não um apenas. Segue-se que, se, numa assembleia numerosa, somente duas ou três pessoas se unem de coração, pelo sentimento de verdadeira caridade, enquanto as outras se isolam e se concentram em pensamentos egoísticos ou mundanos, Ele estará com as primeiras, e não com as outras. Não é, pois, a simultaneidade das palavras, dos cânticos ou dos atos exteriores que constitui a reunião em nome de Jesus, mas a comunhão de pensamentos, em concordância com o espírito de caridade que Ele personifica. (Cap. X, itens 7 e 8; cap. XXVII, itens 2 a 4.)

Tal o caráter de que devem revestir-se as reuniões espíritas sérias, aquelas em que sinceramente se deseja o concurso dos bons Espíritos.

NOSSO COMENTÁRIO

Nosso comentário enfatiza a importância da união espiritual e da comunhão de pensamentos e intenções em reuniões realizadas em nome de Jesus.

Destacamos que não basta apenas estarem fisicamente juntas, mas é essencial que as pessoas estejam em sintonia espiritual, com a mente e o coração voltados para o bem, para que a presença espiritual de Jesus ou dos Espíritos puros seja manifestada na assembleia.

O Espiritismo é mencionado como uma doutrina que nos ajuda a compreender como os Espíritos podem estar entre nós, explicando que eles comparecem com seus corpos fluídicos ou espirituais, sob uma aparência que nos seria reconhecível se fossem visíveis, e que possuem o dom da ubiquidade, podendo estar em muitos lugares ao mesmo tempo, enviando a cada lugar um raio de suas mentes.

É ressaltado que o número de pessoas não é o que atrai a presença de Jesus, mas sim o sentimento de caridade que as anima.

Mesmo duas pessoas reunidas em verdadeira comunhão de pensamentos e sentimentos podem atrair a presença espiritual, enquanto uma reunião numerosa pode não ser considerada em nome de Jesus se a maioria dos presentes estiver com pensamentos egoísticos ou mundanos.

Por fim, enfatizamos que as reuniões espíritas sérias devem revestir-se desse caráter de comunhão espiritual e de amor ao próximo, buscando o concurso dos bons Espíritos.

6. Prece. (Para o começo da reunião.) – Ao Senhor Deus onipotente suplicamos que envie, para nos assistirem, Espíritos bons; que afaste os que nos possam induzir em erro e nos conceda a luz necessária para distinguirmos da impostura a verdade.

Afasta, igualmente, Senhor, os Espíritos malfazejos, encarnados e desencarnados, que tentem lançar entre nós a discórdia e desviar-nos da caridade e do amor ao próximo. Se procurarem alguns deles introduzir-se aqui, faze não achem acesso no coração de nenhum de nós.

Bons Espíritos que vos dignais de vir instruir-nos, tornai-nos dóceis aos vossos conselhos; preservai-nos de toda ideia de egoísmo, orgulho, inveja e ciúme; inspirai-nos indulgência e benevolência para com os nossos semelhantes, presentes e ausentes, amigos ou inimigos; fazei, em suma, que, pelos sentimentos de que nos achemos animados, reconheçamos a vossa influência salutar.

Dai aos médiuns que escolherdes para transmissores dos vossos ensinamentos, consciência do mandato que lhes é conferido e da gravidade do ato que vão praticar, a fim de que o façam com o fervor e o recolhimento precisos.

Se, em nossa reunião, estiverem pessoas que tenham vindo impelidas por sentimentos outros que não os do bem, abri-lhes os olhos à luz e perdoai-lhes, como nós lhes perdoamos, se trouxerem malévolas intenções.

Pedimos, especialmente, ao Espírito N..., nosso guia espiritual, que nos assista e por nós vele.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece inicial para o início da reunião é uma solicitação sincera de proteção espiritual e orientação, para que os participantes estejam abertos às influências benéficas dos Espíritos superiores.

Ela pede a presença dos Espíritos bons para auxiliar, afastando os que possam induzir ao erro.

Também solicita proteção aos participantes contra sentimentos negativos como egoísmo, orgulho, inveja e ciúme, e inspiração para terem indulgência e benevolência para com todos, sejam amigos ou inimigos.

Isso demonstra a importância da harmonia e da caridade entre os presentes.

A prece destaca também a importância da consciência e do recolhimento para os médiuns, aqueles que servem de canal para os ensinamentos dos Espíritos.

Eles são solicitados a compreender a seriedade e a responsabilidade desse papel, transmitindo as mensagens com fervor e dignidade.

Além disso, há um pedido para que aqueles que tenham vindo à reunião com intenções malévolas sejam esclarecidos e perdoados.

Isso reflete a crença na possibilidade de redenção e transformação, mesmo para aqueles que inicialmente possam ter motivações negativas.

Por fim, a prece menciona um pedido especial ao guia espiritual do grupo, solicitando sua assistência e proteção durante a reunião, mostrando a crença na orientação espiritual individual e coletiva.

7. (Para o fim da reunião.) – Agradecemos aos bons Espíritos que se dignaram de comunicar-se conosco e lhes rogamos que nos ajudem a pôr em prática as instruções que nos deram e façam que, ao sair daqui, cada um de nós se sinta fortalecido para a prática do bem e do amor ao próximo.

Também desejamos que as suas instruções aproveitem aos Espíritos sofredores, ignorantes ou viciosos, que tenham participado da nossa reunião e para os quais imploramos a misericórdia de Deus.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece para o fim da reunião expressa gratidão aos bons Espíritos que se comunicaram durante o encontro e pede que eles ajudem os participantes a colocar em prática as instruções recebidas.

Isso ressalta a importância não apenas de ouvir os ensinamentos, mas também de aplicá-los na vida diária, fortalecendo assim o compromisso com o bem e o amor ao próximo.

Além disso, a prece demonstra um desejo de que as instruções dos Espíritos benéficos também alcancem os Espíritos sofredores, ignorantes ou viciosos que possam ter estado presentes na reunião.

Isso reflete a compaixão e a preocupação em contribuir para o progresso espiritual de todos, independentemente de sua condição atual.

Ao implorar a misericórdia de Deus para esses Espíritos, a prece revela a crença na bondade divina e na possibilidade de redenção e progresso espiritual para todos os seres, independentemente de sua situação presente.

Para os médiuns

8. Nos últimos tempos, diz o Senhor, difundirei do meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e filhas profetizarão; vossos jovens terão visões e vossos velhos, sonhos. Nesses dias, difundirei do meu Espírito sobre os meus servidores e servidoras, e eles profetizarão. (Atos, 2:17 e 18.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem de Atos, 2:17 e 18, destaca a ideia de que, nos últimos tempos, Deus enviará seu Espírito sobre toda a humanidade, possibilitando que pessoas de diferentes idades e condições tenham experiências espirituais especiais.

Os jovens terão visões e os mais velhos terão sonhos, indicando que a manifestação espiritual não é limitada pela idade.

Além disso, Deus promete espalhar seu Espírito sobre seus servidores e servidoras, permitindo que profetizem, ou seja, que transmitam mensagens inspiradas por Deus.

Essa passagem sugere que a comunicação com o mundo espiritual não é restrita a um grupo seleto de pessoas, mas está disponível para todos, independentemente da idade ou posição na sociedade.

Também indica que a manifestação do Espírito Santo está relacionada à capacidade de receber e transmitir mensagens espirituais, o que pode ser entendido como uma referência à mediunidade e ao papel dos médiuns na transmissão dessas mensagens.

9. Prefácio. Quis o Senhor que a luz se fizesse para todos os homens e que em toda parte penetrasse a voz dos Espíritos, a fim de que cada um pudesse obter a prova da imortalidade. Com esse objetivo é que os Espíritos se manifestam hoje em todos os pontos da Terra e a mediunidade se revela em pessoas de todas as idades e de todas as condições, nos homens como nas mulheres, nas crianças como nos velhos. É um dos sinais de que chegaram os tempos preditos.

Para conhecer as coisas do mundo visível e descobrir os segredos da Natureza material, outorgou Deus ao homem a vista corpórea, os sentidos e instrumentos especiais. Com o telescópio, ele mergulha o olhar nas profundezas do espaço, e, com o microscópio, descobriu o mundo dos infinitamente pequenos. Para penetrar no mundo invisível, deu-lhe a mediunidade.

Os médiuns são os intérpretes incumbidos de transmitir aos homens os ensinamentos dos Espíritos; ou, melhor, são os órgãos materiais de que se servem os Espíritos para se expressarem aos homens por maneira inteligível. Santa é a missão que desempenham, visto ter por fim rasgar os horizontes da vida eterna.

Os Espíritos vêm instruir o homem sobre seus destinos, a fim de o reconduzirem à senda do bem, e não para o pouparem ao trabalho material que lhe cumpre executar neste mundo, tendo por meta o seu adiantamento, nem para lhe favorecerem a ambição e a cupidez. Aí têm os médiuns o de que devem compenetrar-se bem, para não fazer mau uso de suas faculdades. Aquele que, médium, compreende a gravidade do mandato de que se acha investido,

religiosamente o desempenha. Sua consciência lhe profligaria, como ato sacrílego, utilizar por divertimento e distração, para si ou para os outros, faculdades que lhe são concedidas para fins sobremaneira sérios e que o põem em comunicação com os seres de além-túmulo.

Como intérpretes do ensino dos Espíritos, têm os médiuns de desempenhar importante papel na transformação moral que se opera. Os serviços que podem prestar guardam proporção com a boa diretriz que imprimam às suas faculdades, porquanto os que enveredam por mau caminho são mais nocivos do que úteis à causa do Espiritismo. Pela má impressão que produzem, mais de uma conversão retardam. Terão, por isso mesmo, de dar contas do uso que hajam feito de um dom que lhes foi concedido para o bem de seus semelhantes.

O médium que queira gozar sempre da assistência dos bons Espíritos tem de trabalhar por melhorar-se. O que deseja que a sua faculdade se desenvolva e engrandeça tem de se engrandecer moralmente e de se abster de tudo o que possa concorrer para desviá-la do seu fim providencial.

Se, às vezes, os Espíritos bons se servem de médiuns imperfeitos, é para dar bons conselhos, com os quais procuram fazê-los retomar a estrada do bem. Se, porém, topam com corações endurecidos e se suas advertências não são escutadas, afastam-se, ficando livre o campo aos maus. (Cap. XXIV, itens 11 e 12.)

Prova a experiência que, da parte dos que não aproveitam os conselhos que recebem dos bons Espíritos, as comunicações, depois de terem revelado certo brilho durante algum tempo, degeneram pouco a pouco e acabam caindo no erro, na vertigem, ou no ridículo, sinal incontestável do afastamento dos bons Espíritos.

Conseguir a assistência destes, afastar os Espíritos levianos e mentirosos, tal deve ser a meta para qual convirjam os esforços constantes de todos os médiuns sérios. Sem isso, a mediunidade se torna uma faculdade estéril, capaz mesmo de redundar em prejuízo daquele que a possui, pois pode degenerar em perigosa obsessão.

O médium que compreende o seu dever, longe de se orgulhar de uma faculdade que não lhe pertence, visto que lhe pode ser retirada, atribui a Deus as boas coisas que obtém. Se as suas comunicações receberem elogios, não se envaidecerá com isso, porque as sabe independentes do seu mérito pessoal;

agradece a Deus o haver consentido que por seu intermédio bons Espíritos se manifestassem. Se dão lugar à crítica, não se ofende, porque não são obra do seu próprio Espírito. Ao contrário, reconhece no seu íntimo que não foi um instrumento bom e que não dispõe de todas as qualidades necessárias a obstar a imiscuição dos Espíritos maus. Cuida, então, de adquirir essas qualidades e suplica, por meio da prece, as forças que lhe faltam.

NOSSO COMENTÁRIO

Falaremos agora sobre a importância da mediunidade como uma ferramenta para a comunicação entre os mundos material e espiritual, permitindo que os Espíritos transmitam ensinamentos aos seres humanos.

A mediunidade não é um dom exclusivo de algumas pessoas, mas está disponível para todas as idades e condições, homens e mulheres, crianças e idosos, sendo um sinal dos tempos preditos.

Os médiuns são vistos como intérpretes dos ensinamentos dos Espíritos, desempenhando uma missão sagrada ao facilitar a comunicação entre os dois planos da existência.

A mediunidade deve ser exercida com responsabilidade e consciência da sua gravidade, pois se trata de uma habilidade concedida para fins sérios e não para entretenimento pessoal.

Além disso, devemos considerar a importância da melhoria moral do médium para garantir a assistência dos bons Espíritos e evitar a influência dos maus.

A mediunidade, quando bem direcionada, pode contribuir significativamente para a transformação moral da humanidade, mas os médiuns que se desviam do caminho correto podem acabar sendo mais prejudiciais do que úteis à causa do Espiritismo.

Em resumo, o texto ressalta que a mediunidade é uma faculdade valiosa, mas que deve ser exercida com seriedade, humildade e responsabilidade, visando sempre ao bem e à evolução.

10. Prece. – Deus onipotente, permite que os bons Espíritos me assistam na comunicação que solicito. Preserva-me da presunção de me julgar resguardado dos Espíritos maus; do orgulho que me induza em erro sobre o valor do que obtenha; de todo sentimento oposto à caridade para com outros médiuns. Se cair em erro, inspira a alguém a ideia de me advertir disso e a mim a humildade que me faça aceitar reconhecido a crítica e tomar como endereçados a mim mesmo, e não aos outros, os conselhos que os bons Espíritos me queiram ditar.

Se for tentado a cometer abuso, no que quer que seja, ou a me envaidecer da faculdade que te aprouve conceder-me, peço que ma retires, de preferência a consentires seja ela desviada do seu objetivo providencial, que é o bem de todos e o meu próprio avanço moral.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece expressa a humildade e a consciência do médium sobre a responsabilidade e os perigos da mediunidade mal direcionada.

O médium pede a assistência dos bons Espíritos, ao mesmo tempo em que reconhece a possibilidade de erro e de influência dos Espíritos menos evoluídos.

Ao solicitar que seja preservado da presunção, do orgulho e de sentimentos contrários à caridade, o médium demonstra sua preocupação em manter-se no caminho correto e em evitar desvios éticos e morais.

Ele pede também para ser alertado por outros, caso caia em erro, e expressa disposição em aceitar críticas construtivas com humildade.

Ao solicitar a retirada da faculdade mediúnica caso seja tentado a cometer abusos ou a se envaidecer, o médium mostra sua prioridade em manter a integridade e o propósito nobre da mediunidade, que é o bem de todos e o seu próprio avanço moral.

Essa prece reflete a consciência e a seriedade que devem acompanhar a prática mediúnica responsável.

II – Preces por aquele mesmo que ora

Aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores

11. Prefácio. Todos temos ligado a nós, desde o nosso nascimento, um Espírito bom, que nos tomou sob a sua proteção. Desempenha, junto de nós, a missão de um pai para com seu filho: a de nos conduzir pelo caminho do bem e do progresso, através das provações da vida. Sente-se feliz, quando correspondemos à sua solicitude; sofre, quando nos vê sucumbir.

Seu nome pouco importa, pois bem pode dar-se que não tenha nome conhecido na Terra. Invocamo-lo, então, como nosso anjo guardião, nosso bom gênio. Podemos mesmo invocá-lo sob o nome de qualquer Espírito superior, que mais viva e particular simpatia nos inspire.

Além do anjo guardião, que é sempre um Espírito superior, temos Espíritos protetores que, embora menos elevados, não são menos bons e magnânimos. Contamo-los entre amigos ou parentes, ou, até, entre pessoas que não conhecemos na existência atual. Eles nos assistem com seus conselhos e, não raro, intervindo nos atos da nossa vida.

Espíritos simpáticos são os que se nos ligam por uma certa analogia de gostos e pendores. Podem ser bons ou maus, conforme a natureza das inclinações nossas que os atraiam.

Os Espíritos sedutores se esforçam por nos afastar das veredas do bem, sugerindo-nos maus pensamentos. Aproveitam-se de todas as nossas fraquezas, como de outras tantas portas abertas, que lhes facultam acesso à nossa alma. Alguns há que se nos aferram, como a uma presa, mas que se afastam, reconhecendo-se impotentes para lutar contra a nossa vontade.

Deus, em nosso anjo guardião, nos deu um guia principal e superior e, nos Espíritos protetores e familiares, guias secundários. Fora erro, porém, acreditarmos que forçosamente, temos um mau gênio ao nosso lado, para contrabalançar as boas influências que sobre nós se exerçam. Os maus Espíritos acorrem voluntariamente, desde que achem meio de assumir predomínio sobre nós, ou pela nossa fraqueza, ou pela negligência que ponhamos em seguir as inspirações dos bons Espíritos. Somos nós, portanto, que os atraímos. Resulta desse fato que jamais nos encontramos privados da assistência dos bons Espíritos e que de nós depende o afastamento dos maus. Sendo, por suas

imperfeições, a causa primária das misérias que o afligem, o homem é, as mais das vezes, o seu próprio mau gênio. (Cap. V, item 4.)

A prece aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores deve ter por objeto solicitar-lhes a intercessão junto de Deus, pedir-lhes a força de resistir às más sugestões e que nos assistam nas contingências da vida.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa parte do Evangelho Segundo o Espiritismo aborda a importância dos Espíritos protetores e dos anjos guardiães, que são Espíritos superiores designados para nos guiar e proteger ao longo da vida.

Eles nos acompanham desde o nascimento, semelhante a um pai com seu filho, buscando nos conduzir pelo caminho do bem e do progresso, mesmo diante das provações da vida.

É destacada a ideia de que o nome do anjo guardião não é essencial, podendo ser invocado como nosso bom gênio.

Além do anjo guardião, há os Espíritos protetores, que podem ser amigos, parentes ou até mesmo desconhecidos nesta existência, mas que nos assistem com conselhos e intervenções em nossa vida.

Também são mencionados os Espíritos simpáticos, que se ligam a nós por afinidades de gostos e inclinações, e os Espíritos sedutores, que tentam nos afastar do caminho do bem, aproveitando-se de nossas fraquezas.

A prece aos anjos guardiães e Espíritos protetores tem como objetivo solicitar sua intercessão junto a Deus, pedir força para resistir às más influências e assistência nas dificuldades da vida.

Esses Espíritos estão sempre ao nosso lado, cabendo a nós afastar as más influências através de nossas escolhas e ações.

12. Prece. – Espíritos esclarecidos e benevolentes, mensageiros de Deus, que tendes por missão assistir aos homens e conduzi-los pelo bom caminho, sustentai-me nas provas desta vida; dai-me a força de suportá-las sem

queixumes; livrai-me dos maus pensamentos e fazei que eu não dê entrada a nenhum mau Espírito que queira induzir-me ao mal. Esclarecei a minha consciência com relação aos meus defeitos e tirai-me de sobre os olhos o véu do orgulho, capaz de impedir que eu os perceba e os confesse a mim mesmo.

A ti, sobretudo, N..., meu anjo guardião, que mais particularmente velas por mim, e a todos vós, Espíritos protetores, que por mim vos interessais, peço fazerdes que me torne digno da vossa proteção. Conheceis as minhas necessidades; sejam elas atendidas, segundo a vontade de Deus.

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta passagem, o Evangelho Segundo o Espiritismo aborda a prece direcionada aos Espíritos esclarecidos e benevolentes, mensageiros de Deus, que têm a missão de assistir os homens e guiá-los pelo caminho do bem.

Na prece, pede-se a esses Espíritos força para suportar as provas da vida sem queixumes, livramento dos maus pensamentos e proteção contra os maus Espíritos que queiram induzir ao mal.

Também é solicitado que os Espíritos esclarecidos ajudem na conscientização dos próprios defeitos, removendo o véu do orgulho que possa impedir a pessoa de percebê-los e confessá-los a si mesma.

A prece é dirigida especialmente ao anjo guardião e aos Espíritos protetores, pedindo que ajudem a pessoa a se tornar digna de sua proteção, conhecendo suas necessidades e atendendo-as de acordo com a vontade de Deus.

13. (Outra) – Meu Deus, permite que os bons Espíritos que me cercam venham em meu auxílio, quando me achar em sofrimento, e que me sustentem se desfalecer. Faze, Senhor, que eles me incutam fé, esperança e caridade; que sejam para mim um amparo, uma inspiração e um testemunho da tua misericórdia. Faze, enfim, que neles encontre eu a força que me falta nas provas da vida e, para resistir às inspirações do mal, a fé que salva e o amor que consola.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece é um pedido para que os bons Espíritos que nos cercam venham em auxílio nos momentos de sofrimento e nos sustentem quando nos sentimos fracos.

É um pedido por fé, esperança e caridade, para que esses Espíritos sejam um apoio, uma inspiração e um testemunho da misericórdia divina.

A prece busca encontrar na presença desses Espíritos a força necessária para enfrentar as provações da vida e resistir às influências do mal, buscando a fé que salva e o amor que consola.

14. (Outra) – Espíritos bem-amados, anjos guardiães que, com a permissão de Deus, pela sua infinita misericórdia, velais sobre os homens, sede nossos protetores nas provas da vida terrena. Dai-nos força, coragem e resignação; inspirai-nos tudo o que é bom, detende-nos no declive do mal; que a vossa bondosa influência nos penetre a alma; fazei sintamos que um amigo devotado está ao nosso lado, que vê os nossos sofrimentos e partilha das nossas alegrias.

E tu, meu bom anjo, não me abandones. Necessito de toda a tua proteção, para suportar com fé e amor as provas que praza a Deus enviar-me.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece é um pedido para que os Espíritos protetores, considerados como anjos guardiães, nos auxiliem e protejam durante as dificuldades da vida terrena.

É um apelo por força, coragem, e resignação, além de inspiração para o bem e para resistir às tentações do mal.

Busca-se sentir a presença amiga desses Espíritos, percebendo que estão ao nosso lado, compartilhando nossas alegrias e dores.

A prece também é dirigida especificamente ao anjo guardião pessoal, solicitando sua contínua proteção para enfrentar as provações com fé e amor.

Para afastar os maus Espíritos

15. *Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que limpais por fora o copo e o prato e estais, por dentro, cheios de rapinas e impurezas. Fariseus cegos, limpai primeiramente o interior do copo e do prato, a fim de que também o exterior fique limpo. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que vos assemelhais a sepulcros branqueados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas que, por dentro, estão cheios de toda espécie de podridões. Assim, pelo exterior, pareceis justos aos olhos dos homens, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidades. (Mateus, 23:25 a 28.)*

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece é um pedido para que os Espíritos protetores, considerados como anjos guardiães, nos auxiliem e protejam durante as dificuldades da vida terrena.

É um apelo por força, coragem e resignação, além de inspiração para o bem e para resistir às tentações do mal.

Busca-se sentir a presença amiga desses Espíritos, percebendo que estão ao nosso lado, compartilhando nossas alegrias e dores.

A prece também é dirigida especificamente ao anjo guardião pessoal, solicitando sua contínua proteção para enfrentar as provações com fé e amor.

16. Prefácio. Os maus Espíritos somente procuram os lugares onde encontrem possibilidades de dar expansão à sua perversidade. Para os afastar, não basta pedir-lhes, nem mesmo ordenar-lhes que se vão; é preciso que o homem elimine de si o que os atrai. Os Espíritos maus farejam as chagas da alma, como as moscas farejam as chagas do corpo. Assim como se limpa o corpo, para evitar a bicheira, também se deve limpar de suas impurezas a alma, para evitar os maus Espíritos. Vivendo num mundo onde estes pululam, nem sempre as boas qualidades do coração nos põem a salvo de suas tentativas; dão-nos, entretanto, forças para que lhes resistamos.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa reflexão destaca a importância de purificar a alma para afastar a influência dos maus Espíritos.

Assim como as moscas são atraídas por feridas no corpo, os Espíritos malignos são atraídos pelas fraquezas e imperfeições da alma.

Para mantê-los afastados, não basta apenas pedir ou ordenar que se vão; é necessário eliminar aquilo que os atrai em nós.

Mesmo as boas qualidades do coração não garantem imunidade contra suas influências, mas nos fornecem a força necessária para resistir a elas.

Portanto, é fundamental buscar constantemente a purificação interior para evitar o contato com essas influências negativas.

17. Prece. – Em nome de Deus Todo-Poderoso, afastem-se de mim os maus Espíritos, servindo-me os bons de antemural contra eles. Espíritos malfazejos, que inspirais maus pensamentos aos homens; Espíritos velhacos e mentirosos, que os enganais; Espíritos zombeteiros, que vos divertis com a credulidade deles, eu vos repilo com todas as forças de minha alma e fecho os ouvidos às vossas sugestões; mas imploro para vós a misericórdia de Deus. Bons Espíritos que vos dignais de assistir-me, dai-me a força de resistir à influência dos Espíritos maus e as luzes de que necessito para não ser vítima de suas tramas. Preservai-me do orgulho e da presunção; isentai o meu coração do ciúme, do ódio, da malevolência, de todo sentimento contrário à caridade, que são outras tantas portas abertas ao Espírito do mal.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece reflete a determinação em afastar os maus Espíritos e buscar a proteção dos bons.

O praticante reconhece a influência negativa dos Espíritos malignos, que podem inspirar maus pensamentos, enganar e zombar da credulidade humana.

Ao repeli-los, ele fecha os ouvidos às suas sugestões e busca a misericórdia de Deus para eles.

Ao mesmo tempo, ele pede aos bons Espíritos que o fortaleçam para resistir às influências negativas e o guiem com a luz necessária para não cair nas armadilhas dos Espíritos malévolos.

Além disso, ele suplica para ser preservado de sentimentos como orgulho, ciúme e ódio, que podem abrir portas para a influência do mal.

Essa prece expressa uma firme determinação em buscar proteção espiritual e cultivar virtudes que fortaleçam a alma contra influências negativas.

Para pedir a corrigenda de um defeito

18. Prefácio. Os nossos maus instintos resultam da imperfeição do nosso próprio Espírito, e não da nossa organização física; a não ser assim, o homem se acharia isento de toda espécie de responsabilidade. De nós depende a nossa melhoria, pois todo aquele que se acha no gozo de suas faculdades tem, com relação a todas as coisas, a liberdade de fazer ou de não fazer. Para praticar o bem, de nada mais precisa senão do querer. (Cap. XV, item 10; cap. XIX, item 12.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esse prefácio destaca a responsabilidade individual na melhoria moral.

Os maus instintos não são atribuídos à nossa organização física, mas à imperfeição do nosso próprio Espírito.

Isso significa que somos responsáveis por nossas ações e pela melhoria de nosso caráter.

A liberdade de escolha é enfatizada, indicando que, mesmo enfrentando desafios, cada indivíduo tem a capacidade de decidir entre o bem e o mal.

Para praticar o bem, é necessário apenas o desejo sincero de fazê-lo.

Essa ideia ressalta a importância do livre-arbítrio e da busca constante pela evolução moral.

19. Prece. – Deste-me, ó meu Deus, a inteligência necessária a distinguir o que é bem do que é mal. Ora, do momento em que reconheço que uma coisa é do mal, torno-me culpado, se não me esforçar por lhe resistir.

Preserva-me do orgulho que me poderia impedir de perceber os meus defeitos e dos maus Espíritos que me possam incitar a perseverar neles.

Entre as minhas imperfeições, reconheço que sou particularmente propenso a...; e, se não resisto a esse pendor, é porque contraí o hábito de a ele ceder.

Não me criaste culpado, pois que és justo, mas com igual aptidão para o bem e para o mal; se tomei o mau caminho, foi por efeito do meu livre-arbítrio. Todavia, pela mesma razão que tive a liberdade de fazer o mal, tenho a de fazer o bem e, conseqüentemente, a de mudar de caminho.

Meus atuais defeitos são restos das imperfeições que conservei das minhas precedentes existências; são o meu pecado original, de que me posso libertar pela ação da minha vontade e com a ajuda dos Espíritos bons.

Bons Espíritos que me protegeis, e sobretudo tu, meu anjo da guarda, dai-me forças para resistir às más sugestões e para sair vitorioso da luta. Os defeitos são barreiras que nos separam de Deus e cada um que eu suprima será um passo dado na senda do progresso que dele me há de aproximar.

O Senhor, em sua infinita misericórdia, houve por bem conceder-me a existência atual, para que servisse ao meu adiantamento. Bons Espíritos, ajudai-me a aproveitá-la, para que me não fique perdida e para que, quando ao Senhor aprouver ma retirar, eu dela saia melhor do que entrei. (Cap. V, item 5; cap. XVII, item 3.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece reflete a busca pela melhoria moral e o reconhecimento da responsabilidade individual no processo de evolução espiritual.

O indivíduo reconhece seus defeitos e pede ajuda para superá-los, consciente de que é responsável por suas ações.

Destaca-se a importância do livre-arbítrio na escolha entre o bem e o mal, e a necessidade de esforço pessoal para resistir às más influências.

Há também uma referência à ideia de reencarnação, sugerindo que os defeitos atuais são remanescentes de experiências passadas e podem ser superados com esforço e orientação espiritual.

A prece expressa a confiança na misericórdia divina e na possibilidade de crescimento espiritual ao longo da existência terrena.

Para pedir a força de resistir a uma tentação

20. Prefácio. Duas origens podem ter qualquer pensamento mau: a própria imperfeição de nossa alma, ou uma funesta influência que sobre ela se exerça. Neste último caso, há sempre indício de uma fraqueza que nos sujeita a receber essa influência; há, por conseguinte, indício de uma alma imperfeita. De sorte que aquele que venha a falir não poderá invocar por escusa a influência de um Espírito estranho, visto que esse Espírito não o teria arrastado ao mal, se o considerasse inacessível à sedução.

Quando surge em nós um mau pensamento, podemos, pois, imaginar um Espírito maléfico a nos atrair para o mal, mas a cuja atração podemos ceder ou resistir, como se se tratara das solicitações de uma pessoa viva. Devemos, ao mesmo tempo, imaginar que, por seu lado, o nosso anjo guardião, ou Espírito protetor, combate em nós a má influência e espera com ansiedade a decisão que tomemos.

A nossa hesitação em praticar o mal é a voz do Espírito bom, a se fazer ouvir pela nossa consciência.

Reconhece-se que um pensamento é mau, quando se afasta da caridade, que constitui a base da verdadeira moral, quando tem por princípio o orgulho, a vaidade, ou o egoísmo; quando a sua realização pode causar qualquer prejuízo a outrem; quando, enfim, nos induz a fazer aos outros o que não quereíamos que nos fizessem. (Cap. XXVIII, item 15; cap. XV, item 10.)

NOSSO COMENTÁRIO

O prefácio de Allan Kardec neste item destaca a importância da resistência às tentações e maus pensamentos, explicando que tais

pensamentos podem ter origem na própria imperfeição da alma ou em influências externas negativas.

É ressaltada a responsabilidade individual em resistir ao mal, mesmo quando influenciado por Espíritos maléficos, pois a decisão final cabe sempre ao próprio indivíduo.

A presença do anjo guardião ou Espírito protetor é mencionada como uma força que combate essas más influências, enquanto a hesitação em praticar o mal é interpretada como a voz desses Espíritos bons, que atuam através da consciência.

O texto define um pensamento como mau quando contraria os princípios da caridade, base da verdadeira moral, quando é motivado pelo orgulho, vaidade ou egoísmo, quando pode prejudicar outros ou quando nos leva a fazer aos outros o que não desejaríamos para nós mesmos.

21. Prece. – Deus Todo-Poderoso, não me deixes sucumbir à tentação que me impele a falir. Espíritos benfazejos, que me protegeis, afastai de mim este mau pensamento e dai-me a força de resistir à sugestão do mal. Se eu sucumbir, merecerei expiar a minha falta nesta vida e na outra, porque tenho a liberdade de escolher.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece expressa a vontade de resistir à tentação e ao pensamento que levariam ao erro moral.

Ela invoca a proteção de Deus e dos Espíritos benfazejos para afastar esses maus pensamentos e conceder a força necessária para resistir à influência negativa.

Há também a consciência da responsabilidade individual, pois se reconhece que, ao sucumbir à tentação, haverá consequências a serem expiadas, tanto nesta vida quanto na próxima, devido à liberdade de escolha que cada um possui.

Ação de graças pela vitória alcançada sobre uma tentação

22. Prefácio. Aquele que resistiu a uma tentação deve-o à assistência dos bons Espíritos, a cuja voz atendeu. Cumpre-lhe agradecê-lo a Deus e ao seu anjo de guarda.

NOSSO COMENTÁRIO

Esse prefácio destaca a importância da assistência dos bons Espíritos na resistência às tentações.

A pessoa que consegue resistir a uma tentação deve atribuir isso à influência positiva desses Espíritos e, por isso, é aconselhável expressar gratidão a Deus e ao seu anjo da guarda.

Essa gratidão reconhece a ajuda espiritual recebida e reforça a ideia de que a resistência ao mal é fruto de uma escolha consciente e da orientação espiritual favorável.

23. Prece. – Meu Deus, agradeço-te o haveres permitido eu saísse vitorioso da luta que acabo de sustentar contra o mal. Faze que essa vitória me dê a força de resistir a novas tentações.

E a ti, meu anjo guardião, agradeço a assistência com que me valesste. Possa a minha submissão aos teus conselhos granjear-me de novo a tua proteção!

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece expressa gratidão a Deus pela vitória sobre o mal e pede forças para resistir a futuras tentações.

Agradece também ao anjo guardião pela assistência prestada e expressa o desejo de continuar a receber sua proteção por meio da submissão aos seus conselhos.

Essa submissão é vista como um meio de garantir a continuidade da proteção espiritual.

Para pedir um conselho

24. Prefácio. Quando estamos indecisos sobre o fazer ou não fazer uma coisa, devemos antes de tudo propor a nós mesmos as questões seguintes:

1a – Aquilo que eu hesito em fazer pode acarretar qualquer prejuízo a outrem?

2a – Pode ser proveitoso a alguém?

3a – Se agissem assim comigo, ficaria eu satisfeito?

Se o que pensamos fazer, somente a nós interessa, lícito nos é pesar as vantagens e os inconvenientes pessoais que nos possam advir. Se interessa a outrem e se, resultando em bem para um, redundará em mal para outro, cumpre, igualmente, pesemos a soma de bem ou de mal que se produzirá, para nos decidirmos a agir, ou a abster-nos. Enfim, mesmo se tratando das melhores coisas, importa ainda consideremos a oportunidade e as circunstâncias concomitantes, porquanto uma coisa boa, em si mesma, pode dar maus resultados em mãos inábeis, se não for conduzida com prudência e circunspeção. Antes de empreendê-la, convém consultemos as nossas forças e meios de execução. Em todos os casos, sempre podemos solicitar a assistência dos nossos Espíritos protetores, lembrados desta sábia advertência: Na dúvida, abstém-te. (Cap. XXVIII, item 38.)

NOSSO COMENTÁRIO

Este prefácio aborda a importância de refletir antes de agir, especialmente quando se está indeciso sobre fazer ou não algo.

São propostas três questões a serem consideradas: se a ação pode prejudicar alguém, se pode ser benéfica para alguém e se nos sentiríamos satisfeitos se a ação fosse feita conosco.

Essas reflexões visam orientar a decisão de agir ou se abster, levando em conta não apenas o benefício pessoal, mas também as consequências para os outros.

Mesmo quando se trata de algo bom, é importante considerar a oportunidade e as circunstâncias, pois uma boa ação mal conduzida pode resultar em consequências negativas.

Por fim, destaca-se a importância de consultar os recursos e meios disponíveis antes de agir.

Sempre se pode pedir a assistência dos Espíritos protetores, lembrando-se da máxima "Na dúvida, abstém-te".

Na prece, pede-se aos bons Espíritos que inspirem a melhor resolução diante da incerteza e que afastem a influência daqueles que possam tentar desviar do caminho do bem.

25. Prece. – Em nome de Deus Todo-Poderoso, inspirai-me, bons Espíritos que me protegeis, a melhor resolução a ser tomada na incerteza em que me encontro. Encaminhai meu pensamento para o bem e livrai-me da influência dos que tentarem transviar-me.

NOSSO COMENTÁRIO

Nessa prece, a pessoa pede aos bons Espíritos que a protejam e a inspirem a tomar a melhor decisão diante de uma situação de incerteza.

Ela busca orientação espiritual para que seu pensamento seja direcionado para o bem e para que seja protegida da influência daqueles que possam tentar desviá-la do caminho correto.

É um pedido de auxílio espiritual para agir de acordo com os princípios morais e éticos, buscando sempre o que é justo e correto.

Nas aflições da vida

26. Prefácio. Podemos pedir a Deus favores terrenos e Ele no-los pode conceder, quando tenham um fim útil e sério. Mas como a utilidade das coisas sempre a julgamos do nosso ponto de vista e como as nossas vistas se circunscrevem ao presente, nem sempre vemos o lado mau do que desejamos. Deus, que vê muito melhor do que nós e que só o nosso bem quer, pode recusar o que peçamos, como um pai nega ao filho o que lhe seja prejudicial. Se não nos é concedido o que pedimos, não devemos por isso entregar-nos ao desânimo; devemos pensar, ao contrário, que a privação do que desejamos nos é imposta como prova, ou como expiação, e que a nossa recompensa será proporcionada

à resignação com que a houvermos suportado. (Cap. XXVII, item 6; cap. II, itens 5 a 7.)

NOSSO COMENTÁRIO

Neste prefácio, destaca-se a ideia de que podemos pedir a Deus favores terrenos, mas Ele os concede apenas quando têm um propósito útil e sério.

A perspectiva humana, no entanto, muitas vezes limitada ao presente, não permite visualizar os possíveis aspectos negativos do que desejamos.

Deus, que possui uma visão mais ampla e busca apenas o nosso bem, pode negar nossos pedidos assim como um pai nega algo que seja prejudicial ao filho.

Se nossos pedidos não são atendidos, não devemos nos entregar ao desânimo, mas sim compreender que a privação pode ser uma prova ou uma expiação, e que seremos recompensados de acordo com a resignação com que aceitamos essa privação.

Essa reflexão sugere uma postura de aceitação e confiança na vontade divina, mesmo diante das dificuldades e das negativas que possamos encontrar na vida.

27. Prece. – Deus Onipotente, que vês as nossas misérias, digna-te de escutar, benevolente, a súplica que neste momento te dirijo. Se é desarrazoado o meu pedido, perdoa-me; se é justo e conveniente segundo as tuas vistas, que os bons Espíritos, executores das tuas vontades, venham em meu auxílio para que ele seja satisfeito.

Como quer que seja, meu Deus, faça-se a tua vontade. Se os meus desejos não forem atendidos, é que está nos teus desígnios experimentar-me e eu me submeto sem me queixar. Faze que por isso nenhum desânimo me assalte e que nem a minha fé nem a minha resignação sofram qualquer abalo. (Formular o pedido.)

NOSSO COMENTÁRIO

Nesta prece, o indivíduo se dirige a Deus com humildade, reconhecendo que seus pedidos podem ser desarrazoados e pedindo perdão por isso.

Ele solicita que, se seus pedidos estiverem de acordo com a vontade divina, os bons Espíritos possam auxiliá-lo para que sejam atendidos.

No entanto, ele enfatiza a importância de aceitar a vontade de Deus, mesmo que seus desejos não sejam atendidos, e pede força para manter sua fé e resignação.

Essa prece reflete a confiança na sabedoria divina e a disposição para aceitar os desígnios superiores, independentemente do resultado de seus pedidos.

Ação de graças por um favor obtido

28. Prefácio. Não se devem considerar como sucessos ditosos apenas o que seja de grande importância. Muitas vezes, coisas aparentemente insignificantes são as que mais influem em nosso destino. O homem facilmente esquece o bem, para, de preferência, lembrar-se do que o aflige. Se registrássemos, dia a dia, os benefícios de que somos objeto, sem os havermos pedido, ficaríamos, com frequência, espantados de termos recebido tantos e tantos que se nos varreram da memória, e nos sentiríamos humilhados com a nossa ingratidão.

Todas as noites, ao elevarmos a Deus a nossa alma, devemos recordar em nosso íntimo os favores que Ele nos fez durante o dia e agradecer-lhes. Sobre tudo no momento mesmo em que experimentamos o efeito da sua bondade e da sua proteção, é que nos cumpre, por um movimento espontâneo, testemunhar-lhe a nossa gratidão. Basta, para isso, que lhe dirijamos um pensamento, atribuindo-lhe o benefício, sem que se faça mister interrompamos o nosso trabalho.

Não consistem os benefícios de Deus unicamente em coisas materiais. Devemos também agradecer-lhe as boas ideias, as felizes inspirações que recebemos. Ao passo que o egoísta atribui tudo isso aos seus méritos pessoais e

o incrédulo ao acaso, aquele que tem fé rende graças a Deus e aos bons Espíritos. São desnecessárias, para esse efeito, longas frases. "Obrigado, meu Deus, pelo bom pensamento que me foi inspirado", diz mais do que muitas palavras. O impulso espontâneo, que nos faz atribuir a Deus o que de bom nos sucede, dá testemunho de um ato de reconhecimento e de humildade, que nos granjeia a simpatia dos bons Espíritos. (Cap. XXVII, itens 7 e 8.)

NOSSO COMENTÁRIO

O item 28 deste capítulo aborda a importância de reconhecermos e agradecermos os favores que recebemos, mesmo os aparentemente insignificantes.

Muitas vezes, nos esquecemos do bem que nos é feito e nos focamos apenas nas adversidades.

Se pudéssemos registrar diariamente os benefícios que recebemos, mesmo os que não pedimos, ficaríamos surpresos com a quantidade e sentiríamos humildade diante de nossa ingratidão.

É recomendado que, todas as noites, ao elevarmos nossa alma a Deus, recordemos os favores que Ele nos fez durante o dia e agradeçamos por eles.

Mesmo no momento em que percebemos o efeito de sua bondade e proteção, podemos, de forma espontânea, expressar nossa gratidão a Ele, sem necessidade de interromper nossas atividades.

Além dos benefícios materiais, também devemos agradecer a Deus pelas boas ideias e inspirações que recebemos.

Enquanto o egoísta atribui tudo ao seu próprio mérito e o incrédulo ao acaso, aquele que tem fé reconhece a ação de Deus e dos bons Espíritos em sua vida.

Não é preciso usar muitas palavras; um simples "obrigado, meu Deus, pelo bom pensamento que me foi inspirado" já é suficiente.

Esse ato de reconhecimento e humildade nos aproxima dos bons Espíritos e nos torna mais receptivos às suas influências benéficas.

29. Prece. – Deus infinitamente bom, que o teu nome seja bendito pelos benefícios que me hás concedido. Indigno eu seria, se os atribuísse ao acaso dos acontecimentos ou ao meu próprio mérito. Bons Espíritos, que fostes os executores das vontades de Deus, agradeço-vos e especialmente a ti, meu anjo guardião. Afastai de mim a ideia de orgulhar-me do que recebi e de não o aproveitar somente para o bem. Agradeço-vos, em particular, ...

NOSSO COMENTÁRIO

A prece deste item expressa profunda gratidão a Deus pelos benefícios recebidos, reconhecendo que não se deve atribuir esses benefícios ao acaso ou ao mérito próprio, mas sim à vontade divina.

Agradece também aos bons Espíritos, vistos como os executores das vontades de Deus, e ao anjo guardião, aquele que nos protege e guia espiritualmente.

Ao pedir para afastar a ideia de orgulho e para que os benefícios recebidos sejam utilizados para o bem, a prece demonstra humildade e a consciência da responsabilidade em fazer bom uso das dádivas concedidas.

É um pedido de perdão por possíveis ingratidões e um pedido de força para resistir às tentações e permanecer no caminho do bem.

Por fim, a prece pede que Deus abençoe aqueles que fizeram o bem e que a pessoa seja digna das bênçãos divinas, encerrando com um "amém", expressão de concordância e fé naquilo que foi dito.

Ato de submissão e de resignação

30. Prefácio. Quando um motivo de aflição nos advém, se lhe procurarmos a causa, amiúde reconhecemos estar numa imprudência ou imprevidência nossa, ou, quando não, em um ato anterior. Em qualquer desses casos, só de nós mesmos nos devemos queixar. Se a causa de um infortúnio independe

completamente de qualquer ação nossa, é ou uma prova para a existência atual, ou expiação de falta de uma existência anterior, caso, este último, em que, pela natureza da expiação, poderemos conhecer a natureza da falta, visto que somos sempre punidos por aquilo em que pecamos. (Cap. V, itens 4, 6 e seguintes.)

No que nos aflige, só vemos, em geral, o presente, e não as ulteriores consequências favoráveis que possa ter a nossa aflição. Muitas vezes, o bem é a consequência de um mal passageiro, como a cura de uma enfermidade é o resultado dos meios dolorosos que se empregaram para combatê-la. Em todos os casos devemos submeter-nos à vontade de Deus, suportar com coragem as tribulações da vida, se queremos que elas nos sejam levadas em conta e que se nos possam aplicar estas palavras do Cristo: "Bem-aventurados os que sofrem." (Cap. V, item 18.)

NOSSO COMENTÁRIO

O item 30 deste capítulo aborda a questão da aflição e da resignação diante dos infortúnios.

Ele nos lembra que, muitas vezes, as aflições que enfrentamos são resultado de nossas próprias imprudências, imprevidências ou de atos anteriores.

Nesses casos, não devemos nos queixar, pois somos responsáveis por nossas ações e consequências.

Por outro lado, quando o infortúnio é independente de nossas ações, pode ser uma prova para nossa existência atual ou uma expiação de faltas de uma existência anterior, conforme a lei de causa e efeito.

Nesses momentos, é importante lembrar que somos sempre punidos por aquilo em que pecamos, e a aflição pode ser uma forma de purificação e aprendizado para nossa evolução espiritual.

É ressaltado também que, ao enfrentarmos aflições, muitas vezes só conseguimos enxergar o presente e não as consequências futuras favoráveis que podem advir.

Assim, é necessário submeter-se à vontade de Deus e suportar com coragem as tribulações da vida, para que possamos ser dignos das bênçãos divinas e alcançar a bem-aventurança prometida por Cristo aos que sofrem.

31. Prece. – Meu Deus, és soberanamente justo; todo sofrimento, neste mundo, há, pois, de ter a sua causa e a sua utilidade. Aceito a aflição que acabo de experimentar, como expiação de minhas faltas passadas e como prova para o futuro. Bons Espíritos que me protegeis, dai-me forças para suportá-la sem lamentos. Fazei que ela me seja um aviso salutar; que me acresça a experiência; que abata em mim o orgulho, a ambição, a tola vaidade e o egoísmo, e que contribua assim para o meu adiantamento.

NOSSO COMENTÁRIO

O item 31 do capítulo traz uma prece que expressa resignação e aceitação diante do sofrimento.

Nela, a pessoa reconhece a justiça divina e aceita a aflição como expiação de suas faltas passadas e prova para o futuro.

A prece pede aos bons Espíritos que a protegem que lhe concedam forças para suportar a aflição sem lamentos, e que ela seja um aviso salutar, acrescentando-lhe experiência e contribuindo para seu adiantamento espiritual.

Além disso, a prece pede que a aflição ajude a diminuir o orgulho, a ambição, a vaidade tola e o egoísmo, mostrando a importância de aprender com as dificuldades e usá-las como oportunidades de crescimento espiritual e moral.

32. (Outra) – Sinto, ó meu Deus, necessidade de te pedir me dê forças para suportar as provações que te aprouve destinar-me. Permite que a luz se faça bastante viva em meu espírito, para que eu aprecie toda a extensão de um amor que me aflige porque me quer salvar. Submeto-me resignado, ó meu Deus; mas a criatura é tão fraca, que temo sucumbir, se me não amparares. Não me abandones, Senhor, que sem ti nada posso.

NOSSO COMENTÁRIO

A prece deste item reflete a humildade e a confiança em Deus diante das provações.

Nela, a pessoa pede forças para suportar as dificuldades que lhe foram destinadas, reconhecendo a necessidade da luz espiritual para compreender o amor divino que, mesmo sendo aflitivo, tem o propósito de salvá-la.

O pedido de submissão resignada é acompanhado pela consciência da própria fragilidade, expressa na preocupação de sucumbir sem o amparo divino.

A prece revela a dependência do ser humano em relação a Deus e a confiança na Sua ajuda para superar os desafios.

É uma prece que evidencia a busca por fortalecimento espiritual e a consciência da importância da fé e da conexão com o divino para enfrentar as adversidades da vida.

33. (Outra) – A ti dirigi o meu olhar, ó Eterno, e me senti fortalecido. És a minha força, não me abandones. Ó meu Deus, sinto-me esmagado sob o peso das minhas iniquidades. Ajuda-me. Conheces a fraqueza da minha carne, não desvies de mim o teu olhar! Ardente sede me devora; faze brotar a fonte da água viva onde eu me dessedente. Que a minha boca só se abra para te entoar louvores, e não para soltar queixas nas aflições da minha vida. Sou fraco, Senhor, mas o teu amor me sustentará. Ó Eterno, só Tu és grande, só Tu és o fim e o objetivo da minha vida! Bendito seja o teu nome, se me fazes sofrer, porquanto és o Senhor e eu o servo infiel. Curvarei a fronte sem me queixar, porquanto só Tu és grande, só Tu és a meta.

NOSSO COMENTÁRIO

Esta prece expressa um profundo apelo a Deus por fortalecimento e ajuda diante das dificuldades.

Nela, a pessoa reconhece sua fraqueza e o peso de suas faltas, pedindo a Deus que não a abandone e que a ajude a superar suas iniquidades.

O pedido para que Deus não desvie Seu olhar da pessoa revela a consciência da necessidade de estar sempre sob a proteção divina.

O desejo de saciar a sede espiritual na fonte da água viva representa a busca pela renovação espiritual e pelo alívio nas aflições da vida.

A prece também expressa a determinação de utilizar a voz para entoar louvores a Deus, em vez de reclamar ou lamentar durante as dificuldades.

Há uma aceitação da própria fraqueza, mas também uma confiança no amor de Deus para sustentá-la.

No final, a pessoa se coloca como um servo infiel diante do Senhor, pronto para curvar-se sem se queixar, reconhecendo que Deus é a grandeza e a meta de sua vida.

É uma prece de humildade, entrega e confiança no amor e na grandeza de Deus.

Num perigo iminente

34. Prefácio. Pelos perigos que corremos, Deus nos adverte da nossa fraqueza e da fragilidade da nossa existência. Mostra-nos que entre suas mãos está a nossa vida e que ela se acha presa por um fio que se pode romper no momento em que menos o esperamos. Sob esse aspecto, não há privilégio para ninguém, pois que às mesmas alternativas se encontram sujeitos assim o grande como o pequeno.

Se examinarmos a natureza e as consequências do perigo, veremos que estas, as mais das vezes, se se verificassem, teriam sido a punição de uma falta cometida, ou da falta do cumprimento de um dever.

NOSSO COMENTÁRIO

O prefácio de Allan Kardec neste item aborda a reflexão sobre os perigos que enfrentamos na vida.

Ele nos lembra de nossa fragilidade e da imprevisibilidade da existência, mostrando que nossa vida está nas mãos de Deus e pode ser interrompida a qualquer momento, sem aviso prévio.

Nesse sentido, o texto destaca que não há privilégios em relação aos perigos, pois tanto os grandes como os pequenos estão sujeitos às mesmas contingências da vida.

Ao examinarmos a natureza e as consequências dos perigos que enfrentamos, muitas vezes podemos perceber que eles seriam a punição por uma falta cometida ou por não cumprir com um dever.

Essa reflexão nos convida a avaliar nossas ações e comportamentos, reconhecendo que os perigos que enfrentamos podem ser consequências de nossos próprios atos.

É um convite à responsabilidade e à consciência de que cada escolha que fazemos pode ter impactos significativos em nossa vida e na vida daqueles ao nosso redor.

35. Prece. – Deus Todo-Poderoso, e tu, meu anjo guardião, socorrei-me! Se tenho de sucumbir, que a vontade de Deus se cumpra. Se devo ser salvo, que o restante da minha vida repare o mal que eu haja feito e do qual me arrependo.

NOSSO COMENTÁRIO

Esta prece é um pedido de socorro a Deus e ao anjo guardião em um momento de perigo iminente.

Expressa resignação à vontade divina, seja para sucumbir ou para ser salvo, reconhecendo que a vontade de Deus deve prevalecer.

Ao mesmo tempo, revela o desejo de reparar os erros cometidos e de se arrepender das faltas passadas, caso seja salvo.

Essa disposição para reparação e arrependimento demonstra amadurecimento espiritual e a vontade de seguir um caminho de retificação moral.

Reflete humildade diante da vontade divina, confiança na proteção espiritual e disposição para aprender com as experiências da vida, seja qual for o desfecho da situação em questão.

Ação de graças por haver escapado a um perigo

36. Prefácio. Pelo perigo que tenhamos corrido, mostra-nos Deus que, de um momento para outro, podemos ser chamados a prestar contas do modo por que utilizamos a vida. Avisa-nos, assim, que devemos tomar tento e emendar-nos.

NOSSO COMENTÁRIO

O prefácio deste item destaca que os perigos que enfrentamos na vida servem como um alerta de que a qualquer momento podemos ser chamados a prestar contas de como utilizamos nossa existência.

Esses perigos são um lembrete para que estejamos atentos e nos corrijamos em nossos caminhos.

Essa reflexão nos convida a avaliar nossas ações e escolhas, reconhecendo que a vida é frágil e que devemos estar preparados para prestar contas de nossos atos.

É um convite à reflexão sobre a forma como vivemos, incentivando-nos a buscar a melhoria constante em nossas atitudes e comportamentos.

37. Prece. – Meu Deus, meu anjo de guarda, agradeço-vos o socorro que me proporcionastes no perigo de que estive ameaçado. Seja para mim um aviso esse perigo e me esclareça sobre as faltas que me hajam colocado sob a sua ameaça. Compreendo, Senhor, que nas tuas mãos está a minha vida e que ma podes tirar, quando te apraza. Inspira-me, por intermédio dos bons Espíritos que me assistem, o propósito de empregar utilmente o tempo que ainda me concederes de vida neste mundo.

Meu anjo guardião, firma-me na resolução que tomo de reparar os meus erros e de fazer todo o bem que esteja ao meu alcance, a fim de chegar menos

onerado de imperfeições ao mundo dos Espíritos, quando Deus determine o meu regresso para lá. À hora de dormir

NOSSO COMENTÁRIO

A prece é um agradecimento a Deus e ao anjo guardião pelo socorro providenciado em um momento de perigo.

Reconhece-se o perigo como um aviso e um esclarecimento sobre as faltas cometidas, demonstrando a importância de aprender com as experiências vividas.

Ao compreender que a vida está nas mãos de Deus e que Ele pode retirá-la a qualquer momento, a prece pede inspiração para utilizar sabiamente o tempo que ainda resta nesta vida, buscando reparar os erros e fazer o bem ao alcance.

Mostra-se a importância de se preparar espiritualmente para o retorno ao mundo dos Espíritos, procurando chegar "menos onerado de imperfeições".

Reflete-se a consciência da responsabilidade individual na jornada espiritual e a disposição para aprimorar-se moralmente, com a orientação e o auxílio dos bons Espíritos.

À hora de dormir

38. Prefácio. O sono tem por fim dar repouso ao corpo; o Espírito, porém, não precisa de repousar. Enquanto os sentidos físicos se acham entorpecidos, a alma se desprende, em parte, da matéria e entra no gozo das faculdades do Espírito. O sono foi dado ao homem para reparação das forças orgânicas e também para a das forças morais. Enquanto o corpo recupera os elementos que perdeu por efeito da atividade da vigília, o Espírito vai retemperar-se entre os outros Espíritos. Haure, no que vê, no que ouve e nos conselhos que lhe dão, ideias que, ao despertar, lhe surgem em estado de intuição. É a volta temporária do exilado à sua verdadeira pátria. É o prisioneiro restituído por momentos à liberdade.

Como se dá com o presidiário perverso, acontece que nem sempre o Espírito aproveita dessa hora de liberdade para seu adiantamento. Se conserva

instintos maus, em vez de procurar a companhia de Espíritos bons, busca a de seus iguais e vai visitar os lugares onde possa dar livre curso aos seus pendores.

Eleve, pois, aquele que se ache compenetrado desta verdade, o seu pensamento a Deus, quando sinta aproximar-se o sono, e peça o conselho dos bons Espíritos e de todos cuja memória lhe seja cara, a fim de que venham juntar-se-lhe, nos curtos instantes de liberdade que lhe são concedidos, e, ao despertar, sentir-se-á mais forte contra o mal, mais corajoso diante da adversidade.

NOSSO COMENTÁRIO

O item 38 deste capítulo aborda o sono como um estado em que o corpo descansa enquanto o espírito se liberta parcialmente da matéria, permitindo-lhe desfrutar das faculdades espirituais.

O sono é visto como um período de reparação não apenas para o corpo, mas também para as forças morais.

Durante o sono, o espírito se retempera entre outros espíritos, absorvendo ideias e conselhos que surgem como intuições ao despertar.

É comparado a um exilado temporariamente retornando à sua verdadeira pátria ou a um prisioneiro brevemente recuperando a liberdade.

No entanto, assim como um prisioneiro perverso pode não aproveitar sua liberdade temporária para melhorar, um espírito que ainda mantém instintos negativos pode buscar a companhia de espíritos semelhantes durante o sono, prejudicando seu próprio adiantamento espiritual.

Por isso, a recomendação é elevar o pensamento a Deus ao sentir-se aproximando o sono, pedindo o conselho dos bons espíritos e daqueles que são queridos, para que possam unir-se a ele nos momentos de liberdade espiritual durante o sono.

Dessa forma, ao despertar, a pessoa se sentirá mais fortalecida contra o mal e mais corajosa diante das adversidades.

39. Prece. – Minha alma vai estar por alguns instantes com os outros Espíritos. Venham os bons ajudar-me com seus conselhos. Faze, meu anjo guardião, que, ao despertar, eu conserve durável e salutar impressão desse convívio.

NOSSO COMENTÁRIO

A prece do item 39 é um pedido para que os bons espíritos ajudem e aconselhem o espírito durante o sono, enquanto ele está temporariamente livre da ligação com o corpo físico.

O pedido é feito ao anjo guardião, para que, ao despertar, a pessoa conserve uma duradoura e benéfica impressão desse convívio espiritual.

Essa prece demonstra a consciência da importância do contato espiritual durante o sono e a busca por orientação e auxílio dos bons espíritos nesse estado de liberdade espiritual temporária.

A pessoa reconhece a influência positiva que esse convívio pode ter em sua vida, buscando manter essa influência mesmo após o despertar, fortalecendo sua espiritualidade e sua capacidade de enfrentar os desafios da vida com sabedoria e discernimento.

Preveno próxima a morte

40. Prefácio. A fé no futuro, a orientação do pensamento, durante a vida, para os destinos vindouros, favorece e acelera o desligamento do Espírito, por enfraquecerem os laços que o prendem ao corpo, tanto que, frequentemente, a vida corpórea ainda se não extinguiu de todo, e a alma, impaciente, já alçou o voo para a imensidade. Ao contrário, no homem que concentra nas coisas materiais todos os seus cuidados, aqueles laços são mais tenazes, penosa e dolorosa é a separação e cheio de perturbação e ansiedade o despertar no além-túmulo.

NOSSO COMENTÁRIO

Neste item, Allan Kardec fala sobre a importância da fé no futuro e da orientação do pensamento para os destinos vindouros durante a vida.

Essa atitude favorece e acelera o desligamento do espírito do corpo, enfraquecendo os laços que o prendem à matéria.

É mencionado que, muitas vezes, o corpo físico ainda não está completamente extinto, mas a alma, impaciente, já se libertou e alçou voo para a imensidade espiritual.

Isso sugere que a preparação espiritual e a fé no futuro podem facilitar o processo de desligamento do espírito, tornando-o menos penoso e mais tranquilo.

Por outro lado, quando alguém concentra todos os seus cuidados e pensamentos nas coisas materiais, os laços que o prendem ao corpo são mais fortes, tornando a separação mais dolorosa e o despertar no além-túmulo mais perturbador e cheio de ansiedade.

Essa reflexão destaca a importância de cultivar uma visão espiritual da vida, orientando os pensamentos para valores e destinos mais elevados, o que pode tornar a transição da vida terrena para a espiritualidade mais suave e tranquila.

41. Prece. – Meu Deus, creio em ti e na tua bondade infinita e, por isso mesmo, não posso crer hajas dado ao homem a inteligência, que lhe faculta conhecer-te, e a aspiração pelo futuro, para o mergulhares no nada.

Creio que o meu corpo é apenas o envoltório perecível de minha alma e que, quando eu tenha deixado de viver, acordarei no mundo dos Espíritos.

Deus Todo-Poderoso, sinto se rompem os laços que me prendem a alma ao corpo e que dentro em pouco irei prestar contas do uso que fiz da vida que me foge.

Vou experimentar as consequências do bem e do mal que pratiquei. Lá não haverá ilusões, nem subterfúgios possíveis. Diante de mim vai desenrolar-se todo o meu passado e serei julgado segundo as minhas obras.

Nada levarei dos bens da Terra. Honras, riquezas, satisfações da vaidade e do orgulho, tudo, enfim, que é peculiar ao corpo permanecerá neste mundo. Nem a mais mínima parcela de todas essas coisas me acompanhará, nem me será de utilidade alguma no mundo dos Espíritos. Apenas levarei comigo o que pertence à alma, isto é, as boas e as más qualidades, para serem pesadas na balança da mais rigorosa justiça. E tanto maior severidade haverá no meu julgamento, quanto maior número de ocasiões para fazer o bem, que não fiz, me tenha proporcionado a posição que ocupei na Terra. (Cap. XVI, item 9.) Deus de misericórdia, que o meu arrependimento te chegue aos pés! Digna-te de lançar sobre mim o manto da tua indulgência.

Se te aprover prolongar a minha existência, seja esse prolongamento empregado em reparar, tanto quanto em mim esteja, o mal que eu tenha praticado. Se soou, sem dilação possível, a minha hora, levo comigo o consolador pensamento de que me será permitido redimir-me, por meio de novas provas, a fim de merecer um dia a felicidade dos eleitos.

Se não me for dado gozar imediatamente dessa felicidade sem mescla, partilha tão só do justo por excelência, sei que me não é defesa para sempre a esperança e que, pelo trabalho, alcançarei o fim, mais tarde ou mais cedo, conforme os meus esforços.

Sei que próximos de mim, para me receberem, estão Espíritos bons e o meu anjo de guarda, aos quais dentro em pouco verei, como eles me veem. Sei que, se o tiver merecido, encontrarei de novo aqueles a quem amei na Terra e que aqueles que aqui deixo irão juntar-se a mim, que um dia estaremos todos reunidos para sempre e que, enquanto esse dia não chegar, poderei vir visitá-los.

Sei também que vou encontrar aqueles a quem ofendi. Possam eles perdoar-me o que tenham a reprochar-me: o meu orgulho, a minha dureza, minhas injustiças, a fim de que a presença deles não me acabrunhe de vergonha!

Perdoo aos que me tenham feito ou querido fazer mal; nenhum rancor contra eles alimento e peço-te, meu Deus, que lhes perdoes.

Senhor, dá-me forças para deixar sem pena os prazeres grosseiros deste mundo, que nada são em confronto com as alegrias sãs e puras do mundo em que vou penetrar e onde, para o justo, não há mais tormentos, nem sofrimentos, nem misérias, onde somente o culpado sofre, mas tendo a confortá-lo a esperança.

A vós, bons Espíritos, e a ti, meu anjo guardião, suplico que me não deixeis falir neste momento supremo. Fazei que a Luz divina brilhe aos meus olhos, a fim de que a minha fé se reanime, se vier a abalar-se.

Nota – Veja-se, adiante, o parágrafo V: “Preces pelos doentes e obsidiados.”

NOSSO COMENTÁRIO

Esta prece é uma expressão profunda de fé, arrependimento e esperança na vida após a morte.

Nela, a pessoa manifesta sua crença na bondade de Deus e na continuidade da vida espiritual após a morte do corpo físico.

A prece reflete também a consciência da responsabilidade individual perante a vida e a preparação para prestar contas dos atos praticados.

Há um reconhecimento da importância das boas ações e do arrependimento pelos erros cometidos, assim como a busca pela indulgência divina.

O texto mostra uma visão desapegada dos bens materiais e das honrarias terrenas, destacando a importância das qualidades da alma, que serão pesadas na balança da justiça divina.

A pessoa pede perdão pelos seus pecados e deseja redimir-se através de novas provas, caso seja necessário.

Além disso, a prece revela a esperança na reunião com entes queridos no plano espiritual, bem como a disposição para perdoar aqueles que a tenham ofendido.

É uma prece de humildade, resignação e confiança na misericórdia divina e na guia dos bons espíritos e do anjo guardião.

III – Preces por outrem

Por alguém que esteja em aflição

42. Prefácio. Se é do interesse do aflito que a sua prova prossiga, ela não será abreviada a nosso pedido; mas fora ato de impiedade desanimarmos por

não ter sido satisfeita a nossa súplica. Aliás, em falta de cessação da prova, podemos esperar alguma outra consolação que lhe mitigue o amargor. O que de mais necessário há para aquele que se acha aflito, são a resignação e a coragem, sem as quais não lhe será possível sofrê-la com proveito para si, porque terá de recomeçá-la. É, pois, para esse objetivo que nos cumpre, sobretudo, orientar os nossos esforços, quer pedindo lhe venham em auxílio os bons Espíritos, quer levantando-lhe o moral por meio de conselhos e encorajamentos, quer, enfim, assistindo-o materialmente, se for possível. A prece, neste caso, pode também ter efeito direto, dirigindo, sobre a pessoa por quem é feita, uma corrente fluídica com o intento de lhe fortalecer o moral. (Cap. V, itens 5 e 27; cap. XXVII, itens 6 e 10.)

NOSSO COMENTÁRIO

Este item aborda as preces por outrem, especialmente por aqueles que estão passando por provas e aflições.

Destaca-se que, se for do interesse da pessoa aflita que sua prova prossiga, ela não será abreviada apenas por pedido, pois seria um ato de impiedade desanimar por não ter sido atendida a súplica.

No entanto, mesmo que a prova não cesse, podemos esperar alguma consolação que mitigue o amargor do sofrimento.

O mais importante para quem está sofrendo é a resignação e a coragem, pois sem elas não será possível suportar a prova de maneira proveitosa, sendo necessário recomeçá-la.

Nesse sentido, devemos direcionar nossos esforços para auxiliar aqueles que estão sofrendo, seja pedindo ajuda aos bons espíritos, elevando o ânimo da pessoa com conselhos e encorajamentos, ou até mesmo oferecendo assistência material, se possível.

A prece pode ter um efeito direto, enviando uma corrente fluídica para fortalecer o moral da pessoa por quem é feita.

Essa reflexão ressalta a importância da solidariedade, do apoio mútuo e da compaixão, mostrando que nossas preces e ações podem

ser instrumentos de auxílio e conforto para aqueles que enfrentam momentos difíceis em suas vidas.

43. Prece. – Deus de infinita bondade, digna-te de suavizar o amargor da posição em que se encontra N..., se assim for a tua vontade.

Bons Espíritos, em nome de Deus Todo-Poderoso, eu vos suplico que o assistais nas suas aflições. Se, no seu interesse, elas lhe não puderem ser poupadas, fazei [que N...] compreenda que são necessárias ao seu progresso. Dai-lhe confiança em Deus e no futuro que lhas tornará menos acerbos. Dai-lhe também forças para não sucumbir ao desespero, que lhe faria perder o fruto de seus sofrimentos e lhe tornaria ainda mais penosa no futuro a situação. Encaminhai para ele o meu pensamento, a fim de que o ajude a manter-se corajoso.

NOSSO COMENTÁRIO

Esta prece é um pedido a Deus e aos bons espíritos para suavizar o amargor da situação de uma pessoa, identificada como N..., desde que seja conforme a vontade divina.

Expressa compaixão e solidariedade para com aquele que enfrenta aflições, pedindo aos bons espíritos que o assistam e que, se as provas não puderem ser poupadas, que a pessoa compreenda que são necessárias para seu progresso espiritual.

Além disso, a prece pede que a pessoa tenha confiança em Deus e no futuro, para enfrentar suas dificuldades com coragem e não sucumbir ao desespero, o que poderia anular o benefício de seus sofrimentos e tornar sua situação futura ainda mais penosa.

É um pedido para que o pensamento da pessoa que faz a prece seja direcionado para ajudar o aflito a manter-se corajoso diante das adversidades, mostrando a importância do apoio espiritual e da empatia na superação dos desafios da vida.

Ação de graças por um benefício concedido a outrem

44. Prefácio. Quem não se acha dominado pelo egoísmo rejubila-se com o bem que acontece ao seu próximo, ainda mesmo que o não haja solicitado por meio da prece

NOSSO COMENTÁRIO

O item aborda a questão da alegria sincera diante do bem que acontece ao próximo, mesmo que esse bem não tenha sido solicitado por meio da prece.

Ele sugere que uma pessoa que não está dominada pelo egoísmo se alegra com as bênçãos que chegam aos outros, demonstrando um sentimento de compaixão, empatia e solidariedade genuínas.

Essa atitude reflete um estado de espírito elevado, em que a felicidade alheia é motivo de contentamento, independentemente de interesses pessoais.

Essa reflexão nos lembra da importância de cultivar a bondade e a generosidade para com o próximo, valorizando e celebrando as conquistas e a felicidade das outras pessoas, mesmo que não tenhamos sido diretamente envolvidos ou tenhamos feito preces específicas nesse sentido.

É um convite a nos alegrarmos com o bem alheio e a praticarmos a solidariedade e o amor ao próximo de forma desinteressada e altruísta.

45. Prece. – Meu Deus, sê bendito pela felicidade que adveio a N... Bons Espíritos, fazei que nisso ele veja um efeito da bondade de Deus. Se o bem que lhe aconteceu é uma prova, inspirai-lhe a lembrança de fazer bom uso dele e de se não envaidecer, a fim de que esse bem não redunde, de futuro, em prejuízo seu.

A ti, bom gênio que me proteges e desejas a minha felicidade, peço afastes do meu coração todo sentimento de inveja ou de ciúme.

NOSSO COMENTÁRIO

Esta prece expressa gratidão a Deus pela felicidade que alguém, identificado como N..., alcançou, e pede aos bons espíritos que ajudem essa pessoa a compreender esse bem como um efeito da bondade divina.

Ela também solicita que, se essa felicidade for uma prova para N..., ele seja inspirado a fazer bom uso dela e a não se envaidecer, para que esse bem não se transforme em prejuízo futuro.

Além disso, a prece pede ao bom gênio que protege a pessoa que faz a prece que afaste dela todo sentimento de inveja ou ciúme, demonstrando a importância de cultivar sentimentos nobres e positivos em relação ao sucesso e à felicidade alheia.

É uma prece que ressalta a importância da gratidão, do desapego material e do amor ao próximo, bem como da superação de sentimentos negativos que possam prejudicar a harmonia e a evolução espiritual.

Pelos nossos inimigos e pelos que nos querem mal

46. Prefácio. Disse Jesus: Amai os vossos inimigos. Esta máxima é o sublime da caridade cristã; mas, enunciando-a, não pretendeu Jesus preceituar que devamos ter para com os nossos inimigos o carinho que dispensamos aos amigos. Por aquelas palavras, Ele nos recomenda que lhes esqueçamos as ofensas, que lhes perdoemos o mal que nos façam, que lhes paguemos com o bem esse mal. Além do merecimento que, aos olhos de Deus, resulta de semelhante proceder, Ele equivale a mostrar aos homens o em que consiste a verdadeira superioridade. (Cap. XII, itens 3 e 4.)

NOSSO COMENTÁRIO

O prefácio que antecede a frase "Pelos nossos inimigos e pelos que nos querem mal" enfatiza o ensinamento de Jesus sobre amar os inimigos como parte da caridade cristã.

Esclarece-se que esse ensinamento não implica em ter para com os nossos inimigos o mesmo carinho que temos para com os amigos, mas sim em esquecer as ofensas, perdoar o mal que nos façam e responder ao mal com o bem.

Essa atitude não apenas tem mérito aos olhos de Deus, mas também demonstra aos homens o que verdadeiramente significa ser superior.

É um convite à prática do perdão e da compaixão, mesmo diante da adversidade, mostrando que a verdadeira grandeza está em superar as diferenças e responder ao ódio com amor e benevolência.

47. Prece. – Meu Deus, perdoo a N... o mal que me fez e o que me quis fazer, como desejo me perdoes e também ele me perdoe as faltas que eu haja cometido. Se o colocaste no meu caminho, como prova para mim, faça-se a tua vontade.

Livra-me, ó meu Deus, da ideia de o maldizer e de todo desejo malévolos contra ele. Faze que jamais me alegre com as desgraças que lhe cheguem, nem me desgoste com os bens que lhe poderão ser concedidos, a fim de não macular minha alma por pensamentos indignos de um cristão.

Possa a tua bondade, Senhor, estendendo-se sobre ele, induzi-lo a alimentar melhores sentimentos para comigo!

Bons Espíritos, inspirai-me o esquecimento do mal e a lembrança do bem. Que nem o ódio, nem o rancor, nem o desejo de lhe retribuir o mal com outro mal me entrem no coração, porquanto o ódio e a vingança só são próprios dos Espíritos maus, encarnados e desencarnados! Pronto esteja eu, ao contrário, a lhe estender mão fraterna, a lhe pagar com o bem o mal e a auxiliá-lo, se estiver ao meu alcance.

Desejo, para experimentar a sinceridade do que digo, que ocasião se me apresente de lhe ser útil; mas, sobretudo, ó meu Deus, preserva-me de fazê-lo por orgulho ou ostentação, abatendo-o com uma generosidade humilhante, o que me acarretaria a perda do fruto da minha ação, pois, nesse caso, eu mereceria me fossem aplicadas estas palavras do Cristo: Já recebeste a tua recompensa. (Cap. XIII, itens 1 e seguintes.)

NOSSO COMENTÁRIO

A prece é uma expressão profunda de perdão e desejo sincero de evolução espiritual.

Nela, a pessoa pede a Deus que perdoe o mal que lhe fizeram e o que quiseram fazer, da mesma forma que ela deseja ser perdoada.

Também pede para ser livrada da ideia de maldizer alguém e de todo desejo malévolos contra essa pessoa, buscando purificar sua alma de pensamentos indignos.

A prece pede ainda que a bondade divina possa induzir o próximo a alimentar melhores sentimentos para com a pessoa que ora, mostrando a disposição de estender uma mão fraterna e pagar o mal com o bem.

É uma prece que ressalta a importância do perdão, da compaixão e da generosidade desinteressada, destacando que o ódio e a vingança são próprios dos espíritos maus.

Expressa o desejo genuíno de ser útil ao próximo, de forma sincera e humilde, sem buscar reconhecimento ou recompensa terrena.

Ação de graças pelo bem concedido aos nossos inimigos

48. Prefácio. Não desejar mal aos seus inimigos é ser apenas meio caridoso. A verdadeira caridade quer que lhes almejemos o bem e que nos sintamos felizes com o bem que lhes advenha. (Cap. XII, itens 7 e 8.)

NOSSO COMENTÁRIO

O prefácio que antecede a frase "Não desejar mal aos seus inimigos é ser apenas meio caridoso."

A verdadeira caridade quer que lhes almejemos o bem e que nos sintamos felizes com o bem que lhes advenha" destaca um aspecto fundamental da verdadeira caridade.

Ele ressalta que não basta apenas não desejar mal aos nossos inimigos; a verdadeira caridade vai além, desejando-lhes o bem e alegrando-se com o bem que lhes acontece.

Isso significa que a caridade autêntica não se limita à ausência de sentimentos negativos, como o ódio ou a vingança, mas inclui também a capacidade de nutrir sentimentos positivos, como o desejo sincero de felicidade e progresso para aqueles que consideramos adversários.

Essa visão ampla da caridade reflete um estado de espírito elevado, que busca não apenas a própria evolução espiritual, mas também o bem-estar e a evolução dos outros, mesmo daqueles que nos causam adversidades.

49. Prece. – Meu Deus, entendeste em tua justiça encher de júbilo o coração de N... Agradeço-te por ele, sem embargo do mal que me fez ou que tem procurado fazer-me. Se desse bem ele se aproveitasse para me humilhar, eu receberia isso como uma prova para a minha caridade.

Bons Espíritos que me protegeis, não permitais que me sinta pesaroso por isso. Isentai-me da inveja e do ciúme que rebaixam. Inspirai-me, ao contrário, a generosidade que eleva. A humilhação está no mal, e não no bem; e sabemos que, cedo ou tarde, justiça será feita a cada um, segundo suas obras.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece expressa um sentimento elevado de gratidão e generosidade, mesmo diante das dificuldades causadas por alguém.

A pessoa que ora reconhece a justiça divina ao ver o coração de outra pessoa, apesar do mal que esta possa ter causado.

Ela agradece a Deus pela felicidade do outro, mesmo que isso possa ser usado para provocá-la.

Ao pedir aos bons Espíritos que a protejam da inveja e do ciúme, ela demonstra um desejo sincero de manter-se elevada espiritualmente, mesmo diante das provações.

A prece enfatiza a ideia de que a humilhação está no mal praticado, não no bem recebido, e que a justiça divina se encarregará de cada um receber conforme suas obras.

Pelos inimigos do Espiritismo

50. Bem-aventurados os famintos de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Ditosos sereis, quando os homens vos carregarem de maldições, vos perseguirem e falsamente disserem contra vós toda espécie de mal, por minha causa. Rejubilai-vos, então, porque grande recompensa vos está reservada nos céus, pois assim perseguiram eles os profetas enviados antes de vós. (Mateus, 5:6 e 10 a 12.) Não temais os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode perder alma e corpo no inferno. (Mateus, 10:28.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa passagem evangélica faz referência às palavras de Jesus sobre a perseguição daqueles que buscam a justiça e a verdade.

Ele encoraja aqueles que são perseguidos por defenderem seus princípios éticos e espirituais, lembrando-lhes que serão recompensados nos céus.

Jesus também alerta para que não se tema aqueles que podem causar danos físicos, mas sim aquele que pode prejudicar a alma.

No contexto do Espiritismo, essa passagem é frequentemente aplicada aos que enfrentam oposição ou críticas por causa de suas crenças e práticas espiritualistas, lembrando-os de manterem-se firmes em seus princípios e de confiarem na justiça divina.

51. Prefácio. De todas as liberdades, a mais inviolável é a de pensar, que abrange a de consciência. Lançar alguém anátema sobre os que não pensam como ele é reclamar para si essa liberdade e negá-la aos outros, é violar o primeiro mandamento de Jesus: a caridade e o amor ao próximo. Perseguir os outros, por motivos de suas crenças, é atentar contra o mais sagrado direito que tem todo homem, o de crer no que lhe convém e de adorar a Deus como o entenda. Constrangê-los a atos exteriores semelhantes aos nossos é mostrarmos que damos mais valor à forma do que ao fundo, mais às aparências do que à convicção. Nunca a abjuração forçada deu a quem quer que fosse a fé;

apenas pode fazer hipócritas. É um abuso da força material, que não prova a verdade. A verdade é senhora de si: convence e não persegue, porque não precisa perseguir.

O Espiritismo é uma opinião, uma crença; fosse até uma religião, por que se não teria a liberdade de se dizer espírita, como se tem a de se dizer católico, protestante, ou judeu, adepto de tal ou qual doutrina filosófica, de tal ou qual sistema econômico? Essa crença é falsa ou é verdadeira. Se é falsa, cairá por si mesma, visto que o erro não pode prevalecer contra a verdade, quando se faz luz nas inteligências. Se é verdadeira, não haverá perseguição que a torne falsa.

A perseguição é o batismo de toda ideia nova, grande e justa e cresce com a magnitude e a importância da ideia. O furor e o desabrimento dos seus inimigos são proporcionais ao temor que ela lhes inspira. Tal a razão por que o Cristianismo foi perseguido outrora e por que o Espiritismo o é hoje, com a diferença, todavia, de que aquele o foi pelos pagãos, enquanto o segundo o foi por cristãos. Passou o tempo das perseguições sangrentas, é exato; contudo, se já não matam o corpo, torturam a alma, atacam-na até nos seus mais íntimos sentimentos, nas suas mais caras afeições. Lança-se a desunião nas famílias, excita-se a mãe contra a filha, a mulher contra o marido; investe-se mesmo contra o corpo, agravando-se lhe as necessidades materiais, tirando-se lhe o ganha-pão, para reduzir pela fome o crente. (Cap. XXIII, itens 9 e seguintes.)

Espíritas, não vos aflijais com os golpes que vos desfiram, pois eles provam que estais com a verdade. Se assim não fosse, deixar-vos-iam tranquilos e não vos procurariam ferir. Constitui uma prova para a vossa fé, porquanto é pela vossa coragem, pela vossa resignação e pela vossa paciência que Deus vos reconhecerá entre os seus servidores fiéis, a cuja contagem Ele hoje procede, para dar a cada um a parte que lhe toca, segundo suas obras.

A exemplo dos primeiros cristãos, carregai com altivez a vossa cruz. Crede na palavra do Cristo, que disse: "Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, que deles é o Reino dos Céus. Não temais os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma." Ele também disse: "Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos fazem mal e orai pelos que vos perseguem." Mostrai que sois seus verdadeiros discípulos e que a vossa doutrina é boa, fazendo o que Ele disse e fez.

A perseguição pouco durará. Aguardai com paciência o romper da aurora, pois que já rutila no horizonte a estrela-d'alva. (Cap. XXIV, itens 13 e seguintes.)

NOSSO COMENTÁRIO

O prefácio ressalta a importância da liberdade de pensamento e crença, enfatizando que cada indivíduo tem o direito de crer no que lhe convém e de adorar a Deus à sua maneira.

A perseguição às crenças alheias é considerada uma violação desse direito fundamental, evidenciando uma preferência pela forma exterior em detrimento da convicção interna.

O autor destaca que a verdade não necessita ser imposta pela força, pois ela se sustenta por si mesma e convence pelas evidências apresentadas.

A perseguição é vista como um fenômeno comum às grandes ideias e causa maior furor quando os opositores se sentem ameaçados por sua magnitude e importância.

O texto compara a perseguição sofrida pelo Cristianismo no passado com a que o Espiritismo enfrenta na época em que foi escrito, ressaltando que, embora as perseguições físicas tenham diminuído, ainda há um combate às ideias e aos sentimentos íntimos dos adeptos.

No entanto, é enfatizado que a perseguição é uma prova para a fé dos espíritas e que a coragem, a resignação e a paciência diante dela são reconhecidas por Deus.

52. Prece. – Senhor, Tu nos disseste pela boca de Jesus, o teu Messias: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça; perdoai aos vossos inimigos; orai pelos que vos persigam.” E Ele próprio nos deu o exemplo, orando pelos seus algozes.

Seguindo esse exemplo, meu Deus, imploramos a tua misericórdia para os que desprezam os teus sacratíssimos preceitos, únicos capazes de facultar a

paz neste mundo e no outro. Como o Cristo, também nós te dizemos: "Perdoai-Ihes, Pai, que eles não sabem o que fazem."

Dá-nos forças para suportar com paciência e resignação, como provas para a nossa fé e a nossa humildade, seus escárnios, injúrias, calúnias e perseguições; isenta-nos de toda ideia de represálias, visto que para todos soará a hora da tua justiça, hora que esperamos submissos à tua vontade santa.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece é um pedido de misericórdia e forças para suportar a perseguição com paciência e resignação, seguindo o exemplo de Jesus, que orou pelos seus algozes.

Ela expressa o desejo de perdoar aqueles que desprezam os ensinamentos divinos, reconhecendo que a verdadeira paz vem da observância desses preceitos.

O pedido para ser isento de pensamentos de vingança ressalta a confiança na justiça divina, que será aplicada a todos no momento oportuno.

A prece reflete a ideia de que a fé e a humildade são provadas e fortalecidas pelas adversidades, e que é possível seguir o exemplo de amor e perdão ensinado por Jesus.

Por uma criança que acaba de nascer

53. Prefácio. Somente depois de terem passado pelas provas da vida corpórea, chegam à perfeição os Espíritos. Os que se encontram na erraticidade aguardam que Deus Ihes permita volver a uma existência que Ihes proporcione meios de progredir, quer pela expiação de suas faltas passadas, mediante as vicissitudes a que fiquem sujeitos, quer desempenhando uma missão proveitosa para a Humanidade. O seu adiantamento e a sua felicidade futura serão proporcionados à maneira por que empreguem o tempo que hajam de estar na Terra. O encargo de Ihes guiar os primeiros passos e de os encaminhar para o bem cabe a seus pais, que responderão perante Deus pelo desempenho que derem a esse mandato. Para Ihos facilitar, foi que Deus fez do amor paterno e do amor filial uma Lei da Natureza, lei que jamais se transgride impunemente.

NOSSO COMENTÁRIO

Esse prefácio de Allan Kardec ressalta a importância da jornada terrena para o progresso espiritual dos indivíduos.

Afirma que é somente após passarem pelas provas da vida terrena que os espíritos alcançam a perfeição.

Os espíritos que estão em estado de erraticidade aguardam a oportunidade de reencarnar para progredir, seja expiando faltas passadas por meio das vicissitudes terrenas, seja desempenhando uma missão útil para a humanidade.

O texto destaca que os pais têm o dever perante Deus de guiar os primeiros passos desses espíritos recém-nascidos, o que reflete a responsabilidade dos pais na educação e formação moral de seus filhos.

O amor entre pais e filhos é mencionado como uma lei natural que facilita essa missão, ressaltando que é uma lei que não deve ser transgredida sem consequências.

54. Prece. (Para ser dita pelos pais.) – Espírito que encarnaste no corpo do nosso filho, sê bem-vindo. Sê bendito, ó Deus Onipotente, que no-lo mandaste.

É um depósito que nos foi confiado e do qual teremos um dia de prestar contas. Se ele pertence à nova geração de Espíritos bons que hão de povoar a Terra, obrigado, ó meu Deus, por essa graça! Se é uma alma imperfeita, corremos o dever de ajudá-lo a progredir na senda do bem, pelos nossos conselhos e bons exemplos. Se cair no mal, por culpa nossa, responderemos por isso, visto que, então, teremos falido em nossa missão junto dele.

Senhor, ampara-nos em nossa tarefa e dá-nos a força e a vontade de cumpri-la. Se este filho nos vem como provação para os nossos Espíritos, faça-se a tua vontade!

Bons Espíritos que presidistes ao seu nascimento e que tendes de acompanhá-lo no curso de sua existência, não o abandonéis. Afastai dele os maus Espíritos que tentem orientá-lo para o mal. Dai-lhe forças para lhes resistir às

sugestões e coragem para sofrer com paciência e resignação as provas que o esperam na Terra. (Cap. XIV, item 9.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece expressa a responsabilidade dos pais em relação à educação e orientação de seus filhos, seja para o progresso na senda do bem, seja para corrigir possíveis falhas ou imperfeições.

Os pais são vistos como responsáveis perante Deus pelo cuidado e educação dos filhos que lhes foram confiados, devendo prestar contas por seu desempenho nessa missão.

A prece também invoca a proteção divina e dos bons espíritos para auxiliar os pais nessa jornada e afastar influências negativas que possam desviar o filho do caminho correto.

O texto reflete a importância do amor, da orientação e do exemplo dos pais na formação moral e espiritual dos filhos.

55. (Outra) – Meu Deus, confiaste-me a sorte de um dos teus Espíritos; faze, Senhor, que eu seja digno do encargo que me impuseste. Concede-me a tua proteção. Ilumina a minha inteligência, a fim de que eu possa perceber desde cedo as tendências daquele que me compete preparar para ascender à tua paz.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece expressa a humildade e a responsabilidade do indivíduo que assume a missão de cuidar e orientar um Espírito que acaba de reencarnar.

Ela reflete a consciência da importância desse papel e o desejo de estar à altura da tarefa confiada por Deus.

O pedido por proteção e iluminação revela a necessidade de sabedoria para compreender e guiar o novo ser desde cedo, percebendo suas tendências e auxiliando-o em seu desenvolvimento espiritual.

Essa prece ressalta a seriedade e o comprometimento requeridos na educação e formação moral de uma criança.

56. (Outra) – Deus de bondade, pois que te aprouve permitir que o Espírito desta criança viesse de novo sofrer as provas terrenas, destinadas a fazê-lo progredir, dá-lhe luz, a fim de que aprenda a conhecer-te, amar-te e adorar-te. Faze, pela tua onipotência, que esta alma se regenere na fonte das tuas sábias instruções; que, sob a égide do seu anjo guardião, a sua inteligência se desenvolva e amplie e o leve a ter por aspiração aproximar-se cada vez mais de ti; que a ciência do Espiritismo seja a luz brilhante que o ilumine através dos escolhos da vida; que ele, enfim, saiba apreciar toda a extensão do teu amor, que nos põe em prova, para purificar-nos.

Senhor, lança paterno olhar sobre a família a que confiaste esta alma, para que ela compreenda a importância da sua missão e faça que germinem nesta criança as boas sementes, até o dia em que ela possa, por suas próprias aspirações, elevar-se sozinha para ti.

Digna-te, ó meu Deus, de atender a esta humilde prece, em nome e pelos merecimentos daquele que disse: “Deixai venham a mim as criancinhas, porquanto o Reino dos Céus é para os que se lhes assemelham.”

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece é um pedido fervoroso por orientação divina e proteção para a criança que acaba de nascer.

Expressa o desejo de que essa alma seja guiada desde cedo para compreender, amar e adorar a Deus, buscando sempre a regeneração espiritual.

O pedido para que a inteligência da criança se desenvolva sob a proteção do seu anjo guardião e que o Espiritismo seja a luz que a ilumina mostra a importância da educação espiritual desde os primeiros momentos de vida.

A prece também invoca a compreensão e a consciência da missão dos pais e da família, para que possam semear boas influências na criança, preparando-a para um dia elevar-se espiritualmente.

O pedido final, em nome dos méritos de Jesus, ressalta a confiança na misericórdia divina e na importância da educação espiritual desde a infância, de acordo com os ensinamentos cristãos.

Por um agonizante

57. Prefácio. A agonia é o prelúdio da separação da alma e do corpo. Pode dizer-se que, nesse momento, o homem tem um pé neste mundo e um no outro. É penosa às vezes essa passagem, para os que muito apegados se acham à matéria e viveram mais para os bens deste mundo do que para os do outro, ou cuja consciência se encontra agitada pelos pesares e remorsos. Para aqueles cujos pensamentos, ao contrário, buscaram o Infinito e se desprenderam da matéria, menos difíceis de romper-se são os laços que os prendem à Terra e nada têm de dolorosos os seus últimos momentos. Apenas um fio liga, então, a alma ao corpo, enquanto no outro caso profundas raízes a conservam presa ao corpo. Em todos os casos, a prece exerce ação poderosa sobre o trabalho de separação. (Ver, adiante, "Preces pelos doentes"; também O céu e o inferno, 2a Parte, cap. I – O Passamento.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esse item discorre sobre a agonia, o momento que antecede a separação da alma e do corpo.

Ele destaca como essa transição pode ser penosa para aqueles que estão fortemente ligados à matéria e viveram mais para os bens terrenos do que para os espirituais, ou para aqueles que carregam consigo remorsos e pesares.

Por outro lado, para aqueles cujos pensamentos se voltaram para o infinito e se desligaram da matéria, a passagem é menos difícil e os últimos momentos não são dolorosos.

O texto compara os laços que prendem a alma ao corpo: enquanto em alguns são como raízes profundas, em outros são apenas um fio.

Em todos os casos, destaca-se o poder da prece, que exerce uma influência significativa nesse processo de separação.

58. Prece. – Deus onipotente e misericordioso, aqui está uma alma prestes a deixar o seu envoltório terreno para volver ao mundo dos Espíritos, sua verdadeira pátria. Dado-lhe seja fazê-lo em paz e que sobre ela se estenda a tua misericórdia.

Bons Espíritos que a acompanhastes na Terra, não a abandoneis neste momento supremo. Dai-lhe forças para suportar os últimos sofrimentos por que lhe cumpre passar neste mundo, a bem do seu progresso futuro. Inspirai-a, para que consagre ao arrependimento de suas faltas os últimos clarões de inteligência que lhe restem, ou que momentaneamente lhe advenham.

Dirigi o meu pensamento, a fim de que atue de modo a tornar menos penoso para ela o trabalho da separação e a fim de que leve consigo, ao abandonar a Terra, as consolações da esperança.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece é dirigida a Deus, pedindo que Ele conceda paz à alma que está prestes a deixar o corpo e retornar ao mundo espiritual.

É um pedido para que a misericórdia divina se estenda sobre essa alma nesse momento de transição.

Também é um apelo aos bons Espíritos que acompanharam essa alma durante sua vida terrena, pedindo que não a abandonem nesse momento crucial.

A prece solicita forças para a alma suportar os últimos sofrimentos e se arrepender de eventuais faltas cometidas.

Por fim, pede-se que o pensamento do orador seja direcionado de forma a tornar menos dolorosa essa passagem e a proporcionar à alma as consolações da esperança ao deixar a Terra.

IV – Preces pelos que já não são da Terra

Por alguém que acaba de morrer

59. Prefácio. As preces pelos Espíritos que acabam de deixar a Terra não objetivam, unicamente, dar-lhes um testemunho de simpatia: também têm por

efeito auxiliar-lhes o desprendimento e, desse modo, abreviar-lhes a perturbação que sempre se segue à separação, tornando-lhes mais calmo o despertar. Ainda aí, porém, como em qualquer outra circunstância, a eficácia está na sinceridade do pensamento, e não na quantidade das palavras que se profiram mais ou menos pomposamente e em que, amiúde, nenhuma parte toma o coração.

As preces que deste se elevam ressoam em torno do Espírito, cujas ideias ainda estão confusas, como as vozes amigas que nos fazem despertar do sono. (Cap. XXVII, item 10.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esse prefácio ressalta a importância das preces pelos Espíritos recém-desencarnados não apenas como um gesto de simpatia, mas também como uma forma de auxiliar no processo de desprendimento deles do corpo físico e abreviar a perturbação que geralmente ocorre após a separação.

Destaca-se que o verdadeiro poder da prece está na sinceridade do pensamento, não na quantidade ou na pompa das palavras utilizadas, pois o que realmente importa é o sentimento verdadeiro que acompanha a prece.

As preces são comparadas a vozes amigas que ajudam o Espírito confuso a despertar para sua nova realidade espiritual, proporcionando-lhe um despertar mais calmo e tranquilo.

60. Prece. – Onipotente Deus, que a tua misericórdia se derrame sobre a alma de N..., a quem acabaste de chamar da Terra. Possam ser-lhe contadas as provas que aqui sofreu, bem como ter suavizadas e encurtadas as penas que ainda haja de suportar na Espiritualidade!

Bons Espíritos que o viestes receber e tu, particularmente, seu anjo guardião, ajudai-o a despojar-se da matéria; dai-lhe luz e a consciência de si mesmo, a fim de que saia presto da perturbação inerente à passagem da vida corpórea para a vida espiritual. Inspirai-lhe o arrependimento das faltas que haja cometido e o desejo de obter permissão para as reparar, a fim de acelerar o seu avanço rumo à vida eterna bem-aventurada.

N..., acabas de entrar no mundo dos Espíritos e, no entanto, presente aqui te achas entre nós; tu nos vês e ouves, por isso que de menos do que havia, entre ti e nós, só há o corpo perecível que vens de abandonar e que em breve estará reduzido a pó.

Despistes o envoltório grosseiro, sujeito a vicissitudes e à morte, e conservaste apenas o envoltório etéreo, imperecível e inacessível aos sofrimentos. Já não vives pelo corpo; vives da vida dos Espíritos, vida essa isenta das misérias que afligem a Humanidade.

Já não tens diante de ti o véu que às nossas vistas oculta os esplendores da vida no Além. Podes, doravante, contemplar novas maravilhas, ao passo que nós ainda continuamos mergulhados em trevas.

Vais, em plena liberdade, percorrer o espaço e visitar os mundos, enquanto nós rastejamos penosamente na Terra, à qual se conserva preso o nosso corpo material, semelhante, para nós, a pesado fardo.

Diante de ti, vai desenrolar-se o panorama do Infinito e, em face de tanta grandeza, compreenderás a vacuidade dos nossos desejos terrestres, das nossas ambições mundanas e dos gozos fúteis com que os homens tanto se delectam.

A morte, para os homens, mais não é do que uma separação material de alguns instantes. Do exílio onde ainda nos retém a vontade de Deus, bem assim os deveres que nos correm neste mundo, acompanhar-te-emos pelo pensamento, até que nos seja permitido juntar-nos a ti, como tu te reuniste aos que te precederam.

Não podemos ir onde te achas, mas tu podes vir ter conosco. Vem, pois, aos que te amam e que tu amaste; ampara-os nas provas da vida; vela pelos que te são caros; protege-os, como puderes; suaviza-lhes os pesares, fazendo-lhes perceber, pelo pensamento, que és mais ditoso agora e dando-lhes a consoladora certeza de que um dia estareis todos reunidos num mundo melhor.

Nesse, onde te encontras, devem extinguir-se todos os ressentimentos. Que a eles, daqui em diante, sejas inacessível, a bem da tua felicidade futura! Perdoa, portanto, aos que hajam incorrido em falta para contigo, como eles te perdoam as que tenhas cometido para com eles.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece representa uma bela reflexão sobre a passagem da alma para a vida espiritual, ressaltando a libertação do corpo físico e a transição para um estado imperecível, livre de sofrimentos materiais.

Expressa a esperança de que a alma recém-libertada encontre paz e perdão, sendo capaz de se arrepender de suas faltas e buscar reparação, acelerando assim seu progresso espiritual.

Também menciona a visão ampliada que a alma passa a ter do universo e a compreensão da transitoriedade das preocupações terrenas.

É uma mensagem de consolo e esperança para aqueles que ficam na Terra, lembrando que a morte não é o fim, mas sim uma transformação para uma existência mais plena e luminosa.

Nota – Podem acrescentar-se a esta prece, que se aplica a todos, algumas palavras especiais, conforme as circunstâncias particulares de família ou de relações, bem como a posição social que ocupava o defunto. Se se trata de uma criança, ensina-nos o Espiritismo que não está ali um Espírito de criação recente, mas um que já viveu e que pode, mesmo, já ser muito adiantado. Se foi curta a sua última existência, é que não devia passar de uma completação de prova, ou constituir uma prova para os pais. (Cap. V, item 21.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa nota de esclarecimento de Allan Kardec destaca a possibilidade de adaptar a prece de acordo com as circunstâncias específicas, como a posição social do falecido e as relações familiares.

Ele também menciona que, segundo o Espiritismo, uma criança que desencarna não é um Espírito novo, mas alguém que já viveu e pode ser muito adiantado espiritualmente.

Se a sua vida foi curta, isso pode significar que era uma prova a ser completada ou uma prova para os pais.

Essas considerações ampliam a compreensão sobre a reencarnação e o propósito das experiências vividas na Terra.

61. (Outra)¹⁰ – Senhor onipotente, que a tua misericórdia se estenda sobre os nossos irmãos que acabam de deixar a Terra! Que a tua luz brilhe para eles! Tira-os das trevas; abre-lhes os olhos e os ouvidos! Que os bons Espíritos os cerquem e lhes façam ouvir palavras de paz e de esperança!

Senhor, ainda que muito indignos, ousamos implorar a tua misericordiosa indulgência para este irmão nosso que acaba de ser chamado do exílio. Faze que o seu regresso seja o do filho pródigo. Esquece, ó meu Deus, as faltas que haja cometido, para te lembrares somente do bem que haja praticado. Imutável é a tua justiça, nós o sabemos; mas imenso é o teu amor. Suplicamos-te que abrandes aquela, na fonte de bondade que emana do teu seio.

Brilhe a luz para os teus olhos, irmão que vens de deixar a Terra! Que os bons Espíritos de ti se aproximem, te cerquem e ajudem a romper as cadeias terrenas! Compreende e vê a grandeza do nosso Senhor: submete-te, sem queixumes, à sua justiça, porém, não desesperes nunca da sua misericórdia. Irmão! que um sério retrospecto do teu passado te abra as portas do futuro, fazendo-te perceber as faltas que deixas para trás e o trabalho cuja execução te incumbe para as reparares! Que Deus te perdoe e que os bons Espíritos te amparem e animem. Por ti orarão os teus irmãos da Terra e pedem que por eles ores.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece é um belo exemplo de súplica por misericórdia e luz para os espíritos que acabaram de deixar a Terra.

Ela invoca a compaixão divina e a ajuda dos bons espíritos para que o recém-transitado encontre paz e esperança no mundo espiritual.

O pedido é para que as faltas cometidas sejam esquecidas em favor do bem praticado, refletindo a crença na justiça e no amor infinitos de Deus.

¹⁰ Nota de Allan Kardec: Esta prece foi ditada a um médium de Bordeaux, na ocasião em que passava pela sua casa o féretro de um desconhecido.

A prece também enfatiza a importância do arrependimento e do trabalho de reparação para o progresso espiritual do irmão desencarnado.

É um apelo por compreensão, perdão e auxílio espiritual, demonstrando a crença na intercessão dos espíritos e na comunhão entre os mundos material e espiritual.

Pelas pessoas a quem tivemos afeição

62. Prefácio. Que horrenda é a ideia do nada! Quão de lastimar são os que acreditam que no vácuo se perde, sem encontrar eco que lhe responda, a voz do amigo que chora o seu amigo! Jamais conheceram as puras e santas afeições os que pensam que tudo morre com o corpo; que o gênio, que com a sua vasta inteligência iluminou o mundo, é uma combinação de matéria, que, qual sopro, se extingue para sempre; que do mais querido ente, de um pai, de uma mãe, ou de um filho adorado não restará senão um pouco de pó que o vento irremediavelmente dispersará.

Como pode um homem de coração conservar-se frio a essa ideia? Como não o gela de terror a ideia de um aniquilamento absoluto e não lhe faz, ao menos, desejar que não seja assim? Se até hoje não lhe foi suficiente a razão para afastar de seu espírito quaisquer dúvidas, aí está o Espiritismo a dissipar toda incerteza com relação ao futuro, por meio das provas materiais que dá da sobrevivência da alma e da existência dos seres de além-túmulo. Tanto assim é que por toda parte essas provas são acolhidas com júbilo; a confiança renasce, pois que o homem doravante sabe que a vida terrestre é apenas uma breve passagem conducente a melhor vida; que seus trabalhos neste mundo não lhe ficam perdidos e que as mais santas afeições não se despedaçam sem mais esperanças. (Cap. IV, item 18; cap. V, item 21.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esse prefácio ressalta a angústia e o vazio que a ideia do nada pode gerar na mente daqueles que acreditam que a morte é o fim de tudo.

Ele contrasta essa visão com a compreensão espírita da sobrevivência da alma e da continuidade da vida após a morte.

O texto enfatiza que o Espiritismo oferece provas materiais dessa sobrevivência, trazendo conforto e esperança para aqueles que antes temiam o aniquilamento total.

Ao compreender que a vida terrestre é apenas uma etapa passageira em direção a uma vida melhor e que as nossas ações e afetos não são em vão, as pessoas podem encontrar consolo e sentido na existência.

63. Prece. – Digna-te, ó meu Deus, de acolher, benévolo, a prece que te dirijo pelo Espírito N... Faze-lhe entrever as claridades divinas e torna-lhe fácil o caminho da felicidade eterna. Permite que os bons Espíritos lhe levem as minhas palavras e o meu pensamento.

Tu, que tão caro me eras neste mundo, escuta a minha voz, que te chama para te oferecer novo penhor da minha afeição. Permitiu Deus que te libertasses antes de mim e eu disso me não poderia queixar sem egoísmo, porquanto fora querer-te sujeito ainda às penas e sofrimentos da vida. Espero, pois, resignado, o momento de nos reunirmos de novo no mundo mais venturoso no qual me precedeste.

Sei que é apenas temporária a nossa separação e que, por mais longa que me possa parecer, a sua duração nada é em face da ditosa eternidade que Deus promete aos seus escolhidos. Que a sua bondade me preserve de fazer o que quer que retarde esse desejado instante e me poupe assim à dor de te não encontrar, ao sair do meu cativeiro terreno.

Oh! quão doce e consoladora é a certeza de que não há entre nós mais do que um véu material que te oculta às minhas vistas! de que podes estar aqui, ao meu lado, a me ver e ouvir como outrora, senão ainda melhor do que outrora; de que não me esqueces, do mesmo modo que eu te não esqueço; de que os nossos pensamentos constantemente se entrecruzam e que o teu sempre me acompanha e ampara.

Que a paz do Senhor seja contigo.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece expressa um profundo sentimento de saudade e amor pelo Espírito que partiu antes.

O autor da prece demonstra resignação diante da separação temporária, reconhecendo que a vida terrena é passageira e que a eternidade prometida por Deus reunirá novamente aqueles que se amam.

Há também a consciência de que a morte não é o fim, apenas um véu que separa os entes queridos temporariamente.

A prece é um pedido para que o Espírito que partiu seja acolhido por Deus, encontre a paz e a felicidade eterna, e permaneça próximo e presente na vida daqueles que ficaram.

Pelas almas sofredoras que pedem preces

64. Prefácio. Para se compreender o alívio que a prece pode proporcionar aos Espíritos sofredores, faz-se preciso saber de que maneira ela atua, conforme atrás ficou explicado. (Cap. XXVII, itens 9, 18 e seguintes.) Aquele que se ache compenetrado dessa verdade ora com mais fervor, pela certeza que tem de não orar em vão.

NOSSO COMENTÁRIO

Esse prefácio destaca a importância e o poder da prece para os Espíritos sofredores.

Ao compreender como a prece atua, a pessoa se torna mais fervorosa em suas orações, pois tem a certeza de que não está orando em vão.

O texto sugere que a compreensão do papel da prece no alívio do sofrimento espiritual aumenta a fé e a intensidade das preces, tornando-as mais eficazes para aqueles que estão em estado de sofrimento.

65. Prece. – Deus clemente e misericordioso, que a tua bondade se estenda por sobre todos os Espíritos que se recomendam às nossas preces e particularmente sobre a alma de N...

Bons Espíritos, que tendes por única ocupação fazer o bem, intercedei comigo pelo alívio deles. Fazei que lhes brilhe diante dos olhos um raio de

esperança e que a Luz divina os esclareça acerca das imperfeições que os conservam distantes da morada dos bem-aventurados. Abri-lhes o coração ao arrependimento e ao desejo de se depurarem, para que se lhes acelere o adiantamento. Fazei-lhes compreender que, por seus esforços, podem eles encurtar a duração de suas provas.

Que Deus, em sua bondade, lhes dê força de perseverarem nas boas resoluções!

Possam essas palavras repassadas de benevolência suavizar-lhes as penas, mostrando-lhes que há na Terra seres que deles se compadecem e lhes desejam toda a felicidade.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece invoca a misericórdia divina para todos os Espíritos que estão sendo lembrados nas preces, especialmente para a alma de uma pessoa específica, N.

Também solicita a intercessão dos bons Espíritos para aliviar o sofrimento desses Espíritos e iluminá-los sobre suas imperfeições, incentivando-os ao arrependimento e à busca pela purificação espiritual.

Deseja-se que essas palavras de benevolência tragam conforto aos Espíritos, mostrando-lhes que há seres na Terra que se compadecem deles e desejam sua felicidade.

66. (Outra) – Nós te pedimos, Senhor, que espalhes as graças do teu amor e da tua misericórdia por todos os que sofrem, quer no Espaço como Espíritos errantes, quer entre nós como encarnados. Tem piedade das nossas fraquezas. Falíeis nos fizeste, mas dando-nos capacidade para resistir ao mal e vencê-lo. Que a tua misericórdia se estenda sobre todos os que não têm podido resistir aos seus maus pendores e que ainda se deixam arrastar por maus caminhos. Que os bons Espíritos os cerquem; que a tua luz lhes brilhe aos olhos e que, atraídos pelo calor vivificante dessa luz, eles venham prosternar-se a teus pés, humildes, arrependidos e submissos.

Pedimos-te, igualmente, Pai de misericórdia, por aqueles dos nossos irmãos que não tiveram forças para suportar suas provas terrenas. Tu, Senhor,

nos deste um fardo a carregar e só aos teus pés temos de o depor. Grande, porém, é a nossa fraqueza e a coragem nos falta algumas vezes no curso da jornada. Compadece-te desses servos indolentes que abandonaram antes da hora o trabalho. Que a tua justiça os poupe, e consente que os bons Espíritos lhes levem alívio, consolações e esperanças no futuro. A perspectiva do perdão fortalece a alma; mostra-a, Senhor, aos culpados que desesperam e, sustentados por essa esperança, eles haurirão forças na grandeza mesma de suas faltas e de seus sofrimentos, a fim de resgatarem o passado e se prepararem a conquistar o futuro.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece é um pedido de misericórdia divina para todos os que sofrem, tanto os Espíritos errantes no espaço quanto os encarnados na Terra.

Ela roga pela compaixão de Deus para com as fraquezas humanas, reconhecendo que os seres humanos são falíveis, mas têm a capacidade de resistir ao mal e vencê-lo.

A prece pede que a misericórdia de Deus alcance aqueles que sucumbiram às tentações e estão em maus caminhos, para que sejam guiados pelos bons Espíritos e encontrem a luz divina que os leve ao arrependimento e à submissão aos desígnios divinos.

Também é feito um pedido especial por aqueles que não conseguiram suportar suas provações terrenas, reconhecendo a fraqueza humana diante dos desafios da vida.

A prece solicita que a justiça divina os poupe e que os bons Espíritos os consolem, trazendo-lhes alívio, consolação e esperança no futuro.

A perspectiva do perdão é apresentada como um meio de fortalecer a alma daqueles que estão desesperados, mostrando-lhes que, mesmo diante de suas faltas e sofrimentos, ainda há a possibilidade de redenção e preparação para um futuro melhor.

Por um inimigo que morreu

67. Prefácio. A caridade para com os nossos inimigos deve acompanhá-los ao além-túmulo. Precisamos ponderar que o mal que eles nos fizeram foi para nós uma prova, que há de ter sido propícia ao nosso adiantamento, se a soubermos aproveitar. Pode ter-nos sido, mesmo, de maior proveito do que as aflições puramente materiais, pelo fato de nos haver facultado juntar, à coragem e à resignação, a caridade e o esquecimento das ofensas. (Cap. X, item 6; cap. XII, itens 5 e 6.)

NOSSO COMENTÁRIO

O prefácio enfatiza a importância da caridade para com os nossos inimigos, mesmo após a morte deles.

Ele nos lembra que os males que nossos inimigos nos causaram foram, na verdade, provações que podem ter sido benéficas para nosso próprio progresso espiritual, se soubermos aproveitá-las.

Essas provações podem ter sido até mais proveitosas do que as aflições puramente materiais, pois nos possibilitaram exercitar a coragem, a resignação, a caridade e o esquecimento das ofensas.

Assim, a prece e a caridade devem ser estendidas aos nossos inimigos mesmo após sua passagem para o mundo espiritual, pois eles podem ainda estar em processo de evolução e precisarem de auxílio espiritual.

Além disso, manter a caridade e o perdão em relação aos nossos inimigos é uma forma de evolução espiritual para nós mesmos, permitindo-nos superar sentimentos negativos e alcançar uma maior paz interior.

68. Prece. – Senhor, foi do teu agrado chamar, antes da minha, a alma de N... Perdoo-lhe o mal que me fez e as más intenções que nutriu com referência a mim. Possa ele ter pesar disso, agora que já não alimenta as ilusões deste mundo.

Que a tua misericórdia, meu Deus, desça sobre ele e afaste de mim a ideia de me alegrar com a sua morte. Se incorri em faltas para com ele, que mas perdoe, como eu esqueço as que cometeu para comigo.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece expressa um sentimento profundo de perdão e reconciliação com aqueles que nos fizeram mal.

Demonstra a disposição de perdoar e de desejar o bem mesmo àqueles que nos prejudicaram, reconhecendo que todos somos passíveis de erros e de ter sentimentos negativos, mas que é possível superar essas emoções através do perdão e da misericórdia.

Ao pedir a Deus que conceda misericórdia à alma daquele que já partiu, a prece também mostra a compreensão da natureza transitória da vida terrena e a importância de mantermos o coração livre de ressentimentos, buscando a paz interior e a harmonia com o próximo.

Por um criminoso

69. Prefácio. Se a eficácia das preces fosse proporcional à extensão delas, as mais longas deveriam ficar reservadas para os mais culpados, porque mais lhes são elas necessárias do que àqueles que santamente viveram. Recusá-las aos criminosos é faltar com a caridade e desconhecer a misericórdia de Deus; julgá-las inúteis, quando um homem haja praticado tal ou tal erro, fora prejudicar a Justiça do Altíssimo. (Cap. XI, item 14.)

NOSSO COMENTÁRIO

No prefácio, Allan Kardec enfatiza a importância da misericórdia e da caridade, mesmo para com aqueles que tenham cometido erros graves.

Ele destaca que a eficácia das preces não deve ser medida pela extensão das palavras ou pelos pecados cometidos, mas sim pela sinceridade do coração e pela disposição de buscar o perdão e a reconciliação.

Ao afirmar que recusar preces aos criminosos é falta de caridade e desconhecimento da misericórdia divina, a mensagem é de que todos, independentemente de suas ações passadas, podem se beneficiar do perdão e da compaixão.

A prece é vista como uma ferramenta poderosa para a transformação e o arrependimento, independentemente da gravidade dos erros cometidos.

70. Prece. – Senhor, Deus de misericórdia, não repilas esse criminoso que acaba de deixar a Terra. A justiça dos homens o castigou, mas não o isentou da tua, se o remorso não lhe penetrou o coração.

Tira-lhe dos olhos a venda que lhe oculta a gravidade de suas faltas. Possa o seu arrependimento merecer de ti acolhimento benévolo e abrandar os sofrimentos de sua alma! Possam também as nossas preces e a intercessão dos bons Espíritos levar-lhe esperança e consolação; inspirar-lhe o desejo de reparar suas ações más numa nova existência e dar-lhe forças para não sucumbir nas novas lutas em que se empenhar!

Senhor, tem piedade dele! Por um suicida

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece é uma súplica por misericórdia e redenção para um criminoso que, ao deixar a Terra, carrega o peso de seus atos.

O pedido é para que Deus, em Sua infinita compaixão, ilumine esse Espírito, tirando-lhe a venda dos olhos que o impede de ver a gravidade de seus erros.

O objetivo é que esse arrependimento sincero possa suavizar seus sofrimentos espirituais e abrir caminho para sua evolução.

Ao mencionar a intercessão dos bons Espíritos, a prece ressalta a crença no auxílio espiritual que pode ser dado aos que estão em sofrimento e em erro.

Há também a esperança de que esse Espírito encontre forças para superar suas provações futuras e reparar seus erros em uma nova existência.

A prece finaliza com um apelo à misericórdia divina, pedindo a Deus que tenha piedade desse Espírito, mesmo diante de suas ações extremas, como o suicídio.

É uma expressão de compaixão e desejo sincero de que todos os seres possam encontrar o caminho da redenção e do amor.

71. Prefácio. Jamais tem o homem o direito de dispor da sua vida, porquanto só a Deus cabe retirá-lo do cativeiro da Terra, quando o julgue oportuno. Todavia, a Justiça divina pode abrandar-lhe os rigores, de acordo com as circunstâncias, reservando, porém, toda a severidade para com aquele que se quis subtrair às provas da vida. O suicida é qual prisioneiro que se evade da prisão, antes de cumprida a pena; quando preso de novo, é mais severamente tratado. O mesmo se dá com o suicida que julga escapar às misérias do presente e mergulha em desgraças maiores. (Cap. V, itens 14 e seguintes.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esse prefácio aborda o tema delicado do suicídio sob a ótica espírita. Ele enfatiza que o ser humano não tem o direito de tirar a própria vida, pois somente a Deus cabe decidir sobre o momento de sua partida da Terra.

No entanto, a Justiça divina é vista como misericordiosa, podendo atenuar as consequências dos atos humanos de acordo com as circunstâncias.

A analogia com o prisioneiro que foge da prisão antes de cumprir sua pena é utilizada para ilustrar a situação do suicida.

O suicida é um clandestino da vida espiritual, isto é, um indivíduo que se encontra onde não deveria estar.

Assim como o fugitivo que é recapturado é tratado com mais severidade, o suicida, ao tentar escapar das dificuldades da vida

terrena, pode se encontrar em situações ainda mais difíceis após a morte.

Essa reflexão destaca a importância do livre-arbítrio e da responsabilidade nas escolhas que fazemos, mostrando que a vida é um dom precioso que deve ser respeitado e valorizado, mesmo diante das adversidades.

72. Prece. – Sabemos, ó meu Deus, qual a sorte que espera os que violam a tua lei, abreviando voluntariamente seus dias; mas também sabemos que infinita é a tua misericórdia. Digna-te, pois, de estendê-la sobre a alma de N... Possam as nossas preces e a tua comiseração abrandar a acerbidade dos sofrimentos que ele está experimentando, por não haver tido a coragem de aguardar o fim de suas provas.

Bons Espíritos, que tendes por missão assistir os desgraçados, tomai-o sob a vossa proteção; inspirai-lhe o pesar da falta que cometeu. Que a vossa assistência lhe dê forças para suportar com mais resignação as novas provas por que haja de passar, a fim de repará-la. Afastai dele os maus Espíritos, capazes de o impelirem novamente para o mal e prolongar-lhe os sofrimentos, fazendo-o perder o fruto de suas futuras provas.

A ti, cuja desgraça motiva as nossas preces, nos dirigimos também, para te exprimir o desejo de que a nossa comiseração te diminua o amargor e te faça nascer no íntimo a esperança de melhor porvir! Nas tuas mãos está ele; confia na bondade de Deus, cujo seio se abre a todos os arrependimentos e só se conserva fechado aos corações endurecidos.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece é um apelo à misericórdia divina em favor de um suicida. Ela reconhece a gravidade do ato cometido, mas também invoca a infinita misericórdia de Deus para abrandar os sofrimentos da alma que se precipitou no suicídio.

A prece pede que os bons Espíritos auxiliem o suicida arrependido a suportar as consequências de seus atos com resignação e a afastar os maus Espíritos que possam influenciá-lo negativamente.

É uma mensagem de compaixão e esperança, que busca confortar aquele que, mesmo após a morte, ainda tem a oportunidade de se arrepender e evoluir espiritualmente.

Pelos Espíritos penitentes

73. Prefácio. Fora injusto incluir na categoria dos Espíritos maus os sofredores e penitentes que pedem preces. Podem eles ter sido maus, porém, já não o são, desde que reconhecem suas faltas e as deploram; são apenas infelizes. Já alguns começam mesmo a gozar de relativa felicidade.

NOSSO COMENTÁRIO

O prefácio deste item destaca uma distinção importante no entendimento espírita sobre os espíritos sofredores e penitentes.

A obra enfatiza que não é justo considerar esses espíritos como maus, pois, apesar de terem cometido erros no passado, estão agora arrependidos e em busca de redenção.

Eles são vistos como infelizes, não como malévolos. Além disso, alguns desses espíritos já começam a experimentar alguma felicidade relativa, o que indica que estão progredindo espiritualmente.

Essa perspectiva ressalta a crença na capacidade de transformação e evolução constante do espírito, mesmo após a morte.

74. Prece. – Deus de misericórdia, que aceitas o arrependimento sincero do pecador, encarnado ou desencarnado, aqui está um Espírito que se há comprazido no mal, porém, que reconhece seus erros e entra no bom caminho. Digna-te, ó meu Deus, de recebê-lo como filho pródigo e de lhe perdoar.

Bons Espíritos, doravante ele deseja ouvir a vossa voz, que até hoje desatendeu; permiti-lhe que entreveja a felicidade dos eleitos do Senhor, a fim de que persista no desejo de purificar-se para alcançá-la. Amparai-o em suas boas resoluções e dai-lhe forças para resistir aos seus maus instintos.

Espírito N... nós te felicitamos pela mudança que em ti se operou e agradecemos aos bons Espíritos que te ajudaram.

Se te comprazias outrora em fazer o mal, é que não compreendias quão doce é o gozo de fazer o bem; também te sentias por demais baixo para esperar consegui-lo. Do momento, porém, em que puseste o pé no bom caminho, uma luz nova brilhou aos teus olhos; começaste a gozar de uma felicidade que desconhecias e a esperança te entrou no coração. É que Deus ouve sempre a prece do pecador que se arrepende; não repele a nenhum dos que o buscam.

Para entrares de novo e completamente na sua graça, esforça-te daqui por diante não só para não mais praticares o mal, senão que para fazeres o bem e, sobretudo, reparares o mal que fizeste. Terás então satisfeito à Justiça de Deus; cada uma das boas ações que praticares apagará uma das tuas faltas passadas.

Já está dado o primeiro passo; agora, quanto mais avançares no caminho, tanto mais fácil e agradável ele te parecerá. Persevera, pois, e um dia terás a glória de ser contado entre os Espíritos bons e os bem-aventurados.

NOSSO COMENTÁRIO

Esta prece expressa um profundo sentimento de arrependimento e busca por redenção.

O indivíduo reconhece seus erros passados e deseja sinceramente mudar de rumo, buscando seguir o caminho do bem.

Os bons Espíritos são invocados para auxiliá-lo nessa jornada, concedendo-lhe forças para resistir às tentações e inspirando-o a buscar a felicidade pela prática do bem.

A prece ressalta a importância da transformação interior e do esforço constante para reparar os erros cometidos, mostrando que, mesmo aqueles que se desviaram do caminho correto, podem encontrar o perdão divino e alcançar a felicidade espiritual.

Pelos Espíritos endurecidos

75. Prefácio. Os maus Espíritos são aqueles que ainda não foram tocados de arrependimento; que se deleitam no mal e nenhum pesar por isso sentem; que são insensíveis às reprimendas, repelem a prece e muitas vezes blasfemam do nome de Deus. São essas almas endurecidas que, após a morte, se vingam

nos homens dos sofrimentos que suportam, e perseguem com o seu ódio aqueles a quem odiaram durante a vida, quer obsidiando-os, quer exercendo sobre eles qualquer influência funesta. (Cap. X, item 6; cap. XII, itens 5 e 6.)

Duas categorias há bem distintas de Espíritos perversos: a dos que são francamente maus e a dos hipócritas. Infinitamente mais fácil é reconduzir ao bem os primeiros do que os segundos. Aqueles, as mais das vezes, são naturezas brutas e grosseiras, como se nota entre os homens; praticam o mal mais por instinto do que por cálculo e não procuram passar por melhores do que são. Há neles, entretanto, um gérmen latente que é preciso fazer desabrochar, o que se consegue quase sempre por meio da perseverança, da firmeza aliada à benevolência, dos conselhos, do raciocínio e da prece. Por meio da mediunidade, a dificuldade que eles encontram para escrever o nome de Deus é sinal de um temor instintivo, de uma voz íntima da consciência que lhes diz serem indignos de fazê-lo. Nesse ponto estão a pique de converter-se e tudo se pode esperar deles: basta se lhes encontre o ponto vulnerável do coração.

Os Espíritos hipócritas quase sempre são muito inteligentes, mas nenhuma fibra sensível possuem no coração; nada os toca; simulam todos os bons sentimentos para captar a confiança, e felizes se sentem quando encontram tolos que os aceitam como santos Espíritos, pois que possível se lhes torna governá-los à vontade. O nome de Deus, longe de lhes inspirar o menor temor, serve-lhes de máscara para encobrirem suas torpezas. No mundo invisível, como no mundo visível, os hipócritas são os seres mais perigosos, porque atuam na sombra, sem que ninguém disso desconfie; têm apenas as aparências da fé, mas fé sincera, jamais.

NOSSO COMENTÁRIO

Este trecho destaca a diferenciação entre os Espíritos maus e os hipócritas, explicando que os primeiros são mais suscetíveis de serem reconduzidos ao bem do que os últimos.

Os maus Espíritos são descritos como aqueles que se deleitam no mal, são insensíveis ao arrependimento, repelem a prece e blasfemam contra Deus.

Eles podem perseguir os vivos com seu ódio após a morte. Por outro lado, os Espíritos hipócritas são descritos como inteligentes,

mas carentes de sensibilidade e capazes de simular bons sentimentos para ganhar confiança.

Eles representam um perigo maior, pois agem na sombra sem levantar suspeitas, usando a fé como máscara para encobrir suas más intenções.

76. Prece. – Senhor, digna-te de lançar um olhar de bondade sobre os Espíritos imperfeitos, que ainda se encontram na treva da ignorância e te desconhecem, particularmente sobre N...

Bons Espíritos, ajudai-nos a fazer-lhe compreender que, induzindo os homens ao mal, obsidiando-os e atormentando-os, ele prolonga os seus próprios sofrimentos; fazei que o exemplo da felicidade de que gozais lhe seja um encorajamento.

Espírito que ainda te comprazes no mal, vem ouvir a prece que por ti fazemos; ela te há de provar que desejamos o teu bem, conquanto faças o mal.

És desgraçado, pois não se pode ser feliz fazendo o mal. Por que então te conservarás no sofrimento quando de ti depende evitá-lo? Olha os bons Espíritos que te cercam; vê quão ditosos são e se te não seria mais agradável fruir da mesma felicidade.

Dirás que te é impossível; porém, nada é impossível àquele que quer, porquanto Deus te deu, como a todas as suas criaturas, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, isto é, entre a felicidade e a desgraça, e ninguém se acha condenado a praticar o mal. Assim como tens vontade de fazê-lo, também podes ter a de fazer o bem e de ser feliz.

Volve para Deus o teu olhar; dirige-lhe por um instante o teu pensamento e um raio da divina luz virá iluminar-te. Dize conosco estas simples palavras: Meu Deus, eu me arrependo, perdoa-me. Tenta arrepender-te e fazer o bem, em vez de fazer o mal, e verás que logo a sua misericórdia descerá sobre ti, que um bem-estar indizível substituirá as angústias que experimentas.

Desde que hajas dado um passo no bom caminho, o resto deste te parecerá fácil de percorrer. Compreenderás então quanto tempo perdeste de felicidade por culpa tua; mas um futuro radioso e pleno de esperança se abrirá diante de ti e te fará esquecer o teu miserável passado, prenehe de perturbação e de torturas morais, que seriam para ti o inferno, se houvessem de durar

eternamente. Dia virá em que essas torturas serão tais que a qualquer preço quererás fazê-las cessar; porém, quanto mais te demorares, tanto mais difícil será isso.

Não creias que permanecerás sempre no estado em que te achas; não, que isso é impossível. Duas perspectivas tens diante de ti: a de sofreres muitíssimo mais do que tens sofrido até agora e a de seres ditoso como os bons Espíritos que te rodeiam. A primeira será inevitável, se persistires na tua obstinação, quando um simples esforço da tua vontade bastará para te tirar da má situação em que te encontras. Apressa-te, pois, visto que cada dia de demora é um dia perdido para a tua felicidade.

Bons Espíritos, fazei que estas palavras ecoem nessa alma ainda atrasada, a fim de que a ajudem a aproximar-se de Deus. Nós vo-lo pedimos em nome de Jesus Cristo, que tão grande poder tinha sobre os maus Espíritos.

NOSSOS COMENTÁRIO

Esta prece implora a misericórdia divina para os Espíritos imperfeitos, especialmente por aquele chamado N..., que ainda está na ignorância espiritual.

Os bons Espíritos são invocados para ajudar a mostrar a esse Espírito que suas ações malignas apenas prolongam seu sofrimento e que a felicidade está ao alcance ao escolher o caminho do bem.

É enfatizado que, apesar de suas ações passadas, ele tem a liberdade de escolher o caminho da felicidade e do arrependimento, sendo encorajado a voltar-se para Deus em busca de perdão e orientação.

A prece conclui com um pedido aos bons Espíritos para que ajudem essa alma atrasada a se aproximar de Deus, em nome de Jesus Cristo, que tinha grande poder sobre os maus Espíritos.

V – Preces pelos doentes e pelos obsidiados

Pelos doentes

77. Prefácio. As doenças fazem parte das provas e das vicissitudes da vida terrena; são inerentes à grosseria da nossa natureza material e à inferioridade

do mundo que habitamos. As paixões e os excessos de toda ordem semeiam em nós germens malsãos, às vezes hereditários. Nos mundos mais adiantados, física ou moralmente, o organismo humano, mais depurado e menos material, não está sujeito às mesmas enfermidades e o corpo não é minado surdamente pelo corrosivo das paixões. (Cap. III, item 9.) Temos, assim, de nos resignar às consequências do meio onde nos coloca a nossa inferioridade, até que mereçamos passar a outro. Isso, no entanto, não é de molde a impedir que, esperando tal se dê, façamos o que de nós depende para melhorar as nossas condições atuais. Se, porém, malgrado os nossos esforços, não o conseguirmos, o Espiritismo nos ensina a suportar com resignação os nossos passageiros males.

Se Deus não houvesse querido que os sofrimentos corporais se dissipassem ou abrandassem em certos casos, não houvera posto ao nosso alcance meios de cura. A esse respeito, a sua solicitude, em conformidade com o instinto de conservação, indica que é dever nosso procurar esses meios e aplicá-los.

A par da medicação ordinária, elaborada pela Ciência, o magnetismo nos dá a conhecer o poder da ação fluídica e o Espiritismo nos revela outra força poderosa na mediunidade curadora e a influência da prece. (Ver, no cap. XXVI, a notícia sobre a mediunidade curadora.)

NOSSO COMENTÁRIO

Este item aborda as doenças como parte das provas e vicissitudes da vida terrena, resultantes da grosseria de nossa natureza material e da inferioridade do mundo em que vivemos.

Nas esferas mais evoluídas, o organismo humano, menos material, não está sujeito às mesmas enfermidades, pois as paixões e excessos são menos intensos.

No entanto, enquanto estamos aqui, devemos resignar-nos às consequências do meio em que nossa inferioridade nos coloca, até que mereçamos passar para um mundo melhor.

Isso não nos impede de fazer esforços para melhorar nossa condição atual, mas se não conseguirmos, o Espiritismo nos ensina a suportar com resignação nossos males temporários.

Deus permite que os sofrimentos corporais sejam dissipados ou aliviados em certos casos, indicando que é nosso dever buscar e aplicar meios de cura.

Além da medicação ordinária, o texto menciona o magnetismo como um meio de ação fluídica, a mediunidade curadora e a influência da prece, conforme detalhado no capítulo XXVI.

78. Prece. (Para ser dita pelo doente.) – Senhor, pois que és todo justiça, a enfermidade que te aprouve mandar-me necessariamente eu a merecia, visto que nunca impões sofrimento algum sem causa. Confio-me, para minha cura, à tua infinita misericórdia. Se for do teu agrado restituir-me a saúde, bendito seja o teu santo nome. Se, ao contrário, me cumpre sofrer mais, bendito seja ele do mesmo modo. Submeto-me, sem queixas, aos teus sábios desígnios, porquanto o que fazes só pode ter por fim o bem das tuas criaturas.

Dá, ó meu Deus, que esta enfermidade seja para mim um aviso salutar e me leve a refletir sobre a minha conduta. Aceito-a como uma expiação do passado e como uma prova para a minha fé e a minha submissão à tua santa vontade. (Veja-se a prece do item 40.)

NOSSO COMENTÁRIO

Esta prece demonstra resignação e confiança na justiça divina, onde o doente reconhece a enfermidade como algo merecido, confiando na misericórdia de Deus para sua cura.

Ele aceita a doença como um aviso para refletir sobre sua conduta, uma expiação do passado e uma prova de sua fé e submissão à vontade divina.

Essa prece reflete a ideia de que tudo o que acontece é para o bem das criaturas, mesmo que não compreendamos completamente os motivos por trás das provações que enfrentamos.

79. Prece. (Pelo doente.) – Meu Deus, são impenetráveis os teus desígnios e na tua sabedoria entendeste de afligir a N... pela enfermidade. Lança, eu te suplico, um olhar de compaixão sobre os seus sofrimentos e digna-te de pô-lhes termo.

Bons Espíritos, ministros do Onipotente, secundai, eu vos peço, o meu desejo de aliviá-lo; encaminhai o meu pensamento, a fim de que vá derramar um bálsamo salutar em seu corpo e a consolação em sua alma. Inspirai-lhe a paciência e a submissão à vontade de Deus; dai-lhe a força de suportar suas dores com resignação cristã, a fim de que não perca o fruto desta prova. (Veja-se a prece do item 57.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece demonstra compaixão e súplica pela saúde do doente, reconhecendo a vontade de Deus por trás da enfermidade.

O orador pede a intervenção dos bons Espíritos para aliviar o sofrimento físico e emocional do enfermo, além de fortalecer sua paciência e submissão à vontade divina.

A prece expressa a esperança de que o doente possa suportar suas dores com resignação cristã, de modo a não perder os ensinamentos e o crescimento espiritual proporcionados por essa provação.

80.Prece. (Para ser dita pelo médium curador.)

– Meu Deus, se te dignas servir-te de mim, indigno como sou, poderei curar esta enfermidade, se assim o quiseres, porque em ti deposito fé. Mas, sem ti, nada posso. Permite que os bons Espíritos me cumulem de seus fluidos benéficos, a fim de que eu os transmita a esse doente, e livra-me de toda ideia de orgulho e de egoísmo que lhes pudesse alterar a pureza.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece reflete a humildade do médium curador, reconhecendo sua própria insignificância diante de Deus e a dependência completa da vontade divina para realizar a cura.

O médium pede para ser usado como instrumento nas mãos de Deus, confiando na assistência dos bons Espíritos para transmitir fluidos benéficos ao doente.

Além disso, ele suplica para ser guardado contra o orgulho e o egoísmo, que poderiam prejudicar a pureza de sua intenção e sua capacidade de servir como intermediário na cura.

Pelos obsidiados

81. Prefácio. A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Oblitera todas as faculdades mediúnicas; traduz-se, na mediunidade escrevente, pela obstinação de um Espírito em se manifestar, com exclusão de todos os outros.

Os Espíritos maus pululam em torno da Terra, em virtude da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfazeja que eles desenvolvem faz parte dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão, como as enfermidades e todas as tribulações da vida, deve ser considerada prova ou expiação e como tal aceita.

Do mesmo modo que as doenças resultam das imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral, que dá acesso a um Espírito mau. A causas físicas se opõem forças físicas; a uma causa moral, tem-se de opor uma força moral. Para preservá-lo das enfermidades, fortifica-se o corpo; para isentá-lo da obsessão, é preciso fortificar a alma, pelo que necessário se torna que o obsidiado trabalhe pela sua própria melhoria, o que as mais das vezes basta para o livrar do obsessor, sem recorrer a terceiros. O auxílio destes se faz indispensável, quando a obsessão degenera em subjugação e em posseção, porque aí não raro o paciente perde a vontade e o livre-arbítrio.

Quase sempre, a obsessão exprime a vingança que um Espírito tira e que com frequência se radica nas relações que o obsidiado manteve com ele em precedente existência. (Veja-se: cap. X, item 6; cap. XII, itens 5 e 6.)

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado se acha como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutaros e os repele. É desse fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro fluido mau. Mediante ação idêntica à do médium curador nos casos de enfermidade, cumpre se elimine o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor, que produz, de certo modo, o efeito de um

reativo. Esta a ação mecânica, mas que não basta; necessário, sobretudo, é que se atue sobre o ser inteligente, ao qual importa se possa falar com autoridade, que só existe onde há superioridade moral. Quanto maior for esta, tanto maior será igualmente a autoridade.

E não é tudo: para garantir-se a libertação, cumpre induzir o Espírito perverso a renunciar aos seus maus desígnios; fazer que nele desponham o arrependimento e o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particulares, objetivando a sua educação moral. Pode-se então lograr a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se apresenta mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, presta o concurso da sua vontade e da sua prece. O mesmo não se dá, quando, seduzido pelo Espírito embusteiro, ele se ilude no tocante às qualidades daquele que o domina e se compraz no erro em que este último o lança, visto que, então, longe de secundar, repele toda assistência. É o caso da fascinação, infinitamente mais rebelde do que a mais violenta subjugação. (O livro dos médiuns, 2a Parte, cap. XXIII.)

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar de quem haja de atuar sobre o Espírito obsessor.

NOSSO COMENTÁRIO

Este prefácio aborda a obsessão espiritual, que consiste na ação persistente de um Espírito malévolos sobre um indivíduo, podendo variar desde influências morais sutis até perturbações graves no corpo e na mente.

Os Espíritos malignos estão presentes ao redor da Terra devido à sua inferioridade moral, e a obsessão faz parte das provas e expiações da vida terrena.

Assim como as doenças físicas resultam de imperfeições físicas, a obsessão resulta de imperfeições morais, permitindo a influência de um Espírito malévolos.

Para se livrar da obsessão, é necessário fortalecer a alma, trabalhando pela própria melhoria moral. Nos casos graves, em que a

obsessão se torna subjugação ou possessão, o auxílio de terceiros é necessário.

A obsessão muitas vezes é uma forma de vingança de um Espírito com quem o obsidiado teve relações em uma vida passada.

Nos casos graves, o obsidiado fica impregnado de um fluido pernicioso, que precisa ser eliminado.

Para libertar o obsidiado, é preciso usar um fluido melhor para neutralizar o fluido mau, além de falar com autoridade ao Espírito obsessivo, buscando induzi-lo ao arrependimento e ao desejo do bem.

A prece é fundamental em todos os casos de obsessão, sendo o mais poderoso auxiliar para quem atua sobre o Espírito obsessivo.

82. Prece. (Para ser dita pelo obsidiado.) – Meu Deus, permite que os bons Espíritos me livrem do Espírito malfazejo que se ligou a mim. Se é uma vingança que toma dos agravos que eu lhe haja feito outrora, Tu a consentes, meu Deus, para minha punição e eu sofro a consequência da minha falta. Que o meu arrependimento me granjeie o teu perdão e a minha liberdade! Mas, seja qual for o motivo, imploro para o meu perseguidor a tua misericórdia. Digna-te de lhe mostrar o caminho do progresso, que o desviará do pensamento de praticar o mal. Possa eu, de meu lado, retribuindo-lhe com o bem o mal, induzi-lo a melhores sentimentos.

Mas também sei, ó meu Deus, que são as minhas imperfeições que me tornam passível das influências dos Espíritos imperfeitos. Dá-me a luz de que necessito para as reconhecer; combate, sobretudo, em mim o orgulho que me cega com relação aos meus defeitos.

Qual não será a minha indignidade, pois que um ser malfazejo me pode subjugar! Faze, ó meu Deus, que me sirva de lição para o futuro este golpe desferido na minha vaidade; que ele fortifique a resolução que tomo de me depurar pela prática do bem, da caridade e da humildade, a fim de opor, daqui por diante, uma barreira às más influências.

Senhor, dá-me forças para suportar com paciência e resignação esta prova. Compreendo que, como todas as outras, há de ela concorrer para o meu

adiantamento, se eu não lhe estragar o fruto com os meus queixumes, pois me proporciona ensejo de mostrar a minha submissão e de exercitar minha caridade para com um irmão infeliz, perdoando-lhe o mal que me fez. (Cap. XII, itens 5 e 6; cap. XXVIII, itens 15 e seguintes, 46 e 47.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece do obsidiado reflete a compreensão da sua situação e a busca por libertação e melhoria espiritual.

O obsidiado reconhece suas imperfeições como causa da influência dos Espíritos imperfeitos e pede a Deus que lhe conceda a luz necessária para reconhecê-las.

Ele também reconhece a lição que está recebendo e se compromete a se purificar pela prática do bem, da caridade e da humildade.

É um pedido por perdão e libertação não apenas para si mesmo, mas também para o Espírito obsessivo, mostrando a disposição de retribuir o mal com o bem e de induzi-lo a melhores sentimentos.

A prece expressa ainda a compreensão de que essa prova contribuirá para o seu adiantamento espiritual, se for enfrentada com paciência, resignação e caridade.

Essa prece demonstra um profundo entendimento da relação entre as imperfeições morais e as influências espirituais, bem como a disposição para a mudança e o crescimento espiritual, mesmo diante das dificuldades impostas pela obsessão.

83. Prece. (Pelo obsidiado.) – Deus Onipotente, digna-te de me dar o poder de libertar N... da influência do Espírito que o obsidia. Se está nos teus desígnios pôr termo a essa prova, concede-me a graça de falar com autoridade a esse Espírito.

Bons Espíritos que me assistis e tu, seu anjo guardião, dai-me o vosso concurso; ajudai-me a livrá-lo do fluido impuro em que se acha envolvido. Em nome de Deus Onipotente, adjuro o Espírito malfazejo que o atormenta a que se retire.

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece reflete a busca do obsidiado pela libertação do Espírito obsessor, demonstrando confiança na ajuda divina e nos bons Espíritos.

Ele pede a Deus o poder de falar com autoridade ao Espírito obsessor, evidenciando determinação em se livrar da influência maligna.

Ao adjuar o Espírito malfazejo em nome de Deus Onipotente, o obsidiado mostra sua fé na superioridade moral e espiritual, capaz de afastar influências negativas.

É uma prece de súplica e autoridade, buscando proteção divina e a intervenção dos bons Espíritos para livrar-se do obsessor.

84. Prece. (Pelo Espírito obsessor.) – Deus infinitamente bom, a tua misericórdia imploro para o Espírito que obsidia N... Faze-lhe entrever as divinas claridades, a fim de que reconheça falso o caminho por onde enveredou. Bons Espíritos, ajudai-me a fazer-lhe compreender que ele tudo tem a perder, praticando o mal, e tudo a ganhar, fazendo o bem.

Espírito que te comprazes em atormentar N..., escuta-me, pois que te falo em nome de Deus.

Se quiseres refletir, compreenderás que o mal nunca sobrepujará o bem e que não podes ser mais forte do que Deus e os bons Espíritos. Possível lhes fora preservar N... dos teus ataques; se não o fizeram, foi porque ele (ou ela) tinha de passar por uma prova. Todavia, quando essa prova chegar a seu termo, toda ação sobre tua vítima te será vedada. O mal que lhe houveres feito, em vez de prejudicá-la, terá contribuído para o seu adiantamento e para torná-la por isso mais feliz. Assim, a tua maldade tê-la-ás empregado em pura perda e se voltará contra ti.

Deus, que é Todo-Poderoso, e os Espíritos superiores, seus delegados, mais poderosos do que tu, serão capazes de pôr fim a essa obsessão e a tua tenacidade se quebrará de encontro a essa autoridade suprema; mas por ser Deus bom, quer Ele deixar-te o mérito de fazeres que ela cesse pela tua própria vontade. É uma mora que te concede; se não a aproveitares, sofrer-lhe-ás as

deploráveis consequências. Grandes castigos e cruéis sofrimentos te esperarão. Serás forçado a suplicar a piedade e as preces da tua vítima, que já te perdoa e ora por ti, o que constitui grande merecimento aos olhos de Deus e apressará a libertação dela.

Reflete, pois, enquanto ainda é tempo, visto que a Justiça de Deus cairá sobre ti, como sobre todos os Espíritos rebeldes. Pondera que o mal que neste momento praticas terá forçosamente um limite, ao passo que, se persistires na tua obstinação, aumentarão de contínuo os teus sofrimentos.

Quando estavas na Terra, não terias considerado estúpido sacrificar um grande bem por uma pequena satisfação de momento? O mesmo acontece agora, quando és Espírito. Que ganhas com o que fazes? O triste prazer de atormentar alguém, o que não obsta a que sejas desgraçado, digas o que quiseres, e que te tornes ainda mais desgraçado.

A par disso, vê o que perdes; observa os bons Espíritos que te cercam e dize se não é preferível à tua a sorte deles. Da felicidade de que gozam, também tu partilharás, quando o quiseres. Que é preciso para isso? Implorar a Deus e fazer, em vez do mal, o bem. Sei que não te podes transformar repentinamente; mas Deus não exige o impossível; quer apenas a boa vontade. Experimenta e nós te ajudaremos. Faze que em breve possamos dizer em teu favor a prece pelos Espíritos penitentes (item 73) e não mais considerar-te entre os maus Espíritos, enquanto te não contes entre os bons.

(Veja-se também, o item 75: "Preces pelos Espíritos endurecidos.")

NOSSO COMENTÁRIO

Essa prece, feita pelo Espírito obsessivo, revela uma busca por redenção e compreensão por parte do obsessivo.

Ele pede a misericórdia de Deus para si mesmo e para o Espírito obsidiado, buscando guiá-lo para a luz divina.

O obsessivo reconhece a superioridade moral e a autoridade dos bons Espíritos e de Deus, tentando persuadir o obsidiado a abandonar o caminho do mal.

Enfatiza que a ação maléfica contra o obsidiado será em vão, pois a provação pela qual o obsidiado passa o ajudará a evoluir espiritualmente.

Ao mesmo tempo, o Espírito obsessor alerta para as consequências de sua persistência no mal, destacando que a Justiça Divina cairá sobre ele e aumentará seus próprios sofrimentos.

Convida o obsidiado a refletir sobre suas ações e a perceber que a felicidade dos bons Espíritos é preferível à sua atual condição.

A prece mostra um apelo à mudança e ao arrependimento, indicando que mesmo os Espíritos que praticaram o mal têm a oportunidade de se redimir e evoluir espiritualmente.

Observação – A cura das obsessões graves requer muita paciência, perseverança e devotamento. Exige também tato e habilidade, a fim de encaminhar para o bem.

Espíritos muitas vezes perversos, endurecidos e astuciosos, porquanto há os rebeldes ao extremo. Na maioria dos casos, temos de nos guiar pelas circunstâncias. Qualquer que seja, porém, o caráter do Espírito, nada se obtém, é isto um fato incontestável, pelo constrangimento ou pela ameaça. Toda influência reside no ascendente moral.

Outra verdade igualmente comprovada pela experiência tanto quanto pela lógica, é a completa ineficácia dos exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores, ou quaisquer sinais materiais.

A obsessão muito prolongada pode ocasionar desordens patológicas e reclama, por vezes, tratamento simultâneo ou consecutivo, quer magnético, quer médico, para restabelecer a saúde do organismo. Destruída a causa, resta combater os efeitos. (Veja-se: O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, cap. XXIII – Da obsessão. Revue Spirite, fevereiro e março de 1864; abril de 1865: exemplos de curas de obsessões.)

NOSSO COMENTÁRIO

Essa observação de Allan Kardec ressalta a complexidade e a delicadeza envolvidas no processo de cura das obsessões graves.

Ele destaca a necessidade de paciência, perseverança e devotamento por parte dos que auxiliam na cura, bem como a importância do tato e da habilidade para conduzir o obsidiado para o bem.

Kardec também enfatiza que, independentemente do caráter do Espírito obsessivo, a influência moral é fundamental, mostrando que constrangimento ou ameaças são ineficazes.

A verdadeira influência está na elevação moral e no exemplo de conduta.

Além disso, Kardec destaca a ineficácia de práticas exteriores, como exorcismos, fórmulas ou amuletos, para curar obsessões.

Ele ressalta a importância de tratamentos magnéticos ou médicos em casos em que a obsessão causou distúrbios patológicos no corpo físico.

Essa observação evidencia a abordagem racional e humanitária do Espiritismo para lidar com questões espirituais e psicológicas, buscando sempre o entendimento profundo das causas e ações benéficas para a cura.

Ave Cristo!

Esta obra é para uso de todos. Dela podem todos haurir os meios de conformar com a moral do Cristo o respectivo proceder. Aos espíritas oferece aplicações que lhes concernem de modo especial. Graças às relações estabelecidas, doravante e permanentemente, entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, que os próprios Espíritos ensinaram a todas as nações, já não será letra morta, porque cada um a compreenderá e se verá incessantemente compelido a pô-la em prática, a conselho de seus guias espirituais. As instruções que promanam dos Espíritos são verdadeiramente as vozes do céu que vêm esclarecer os homens e convidá-los à prática do Evangelho.

Allan Kardec